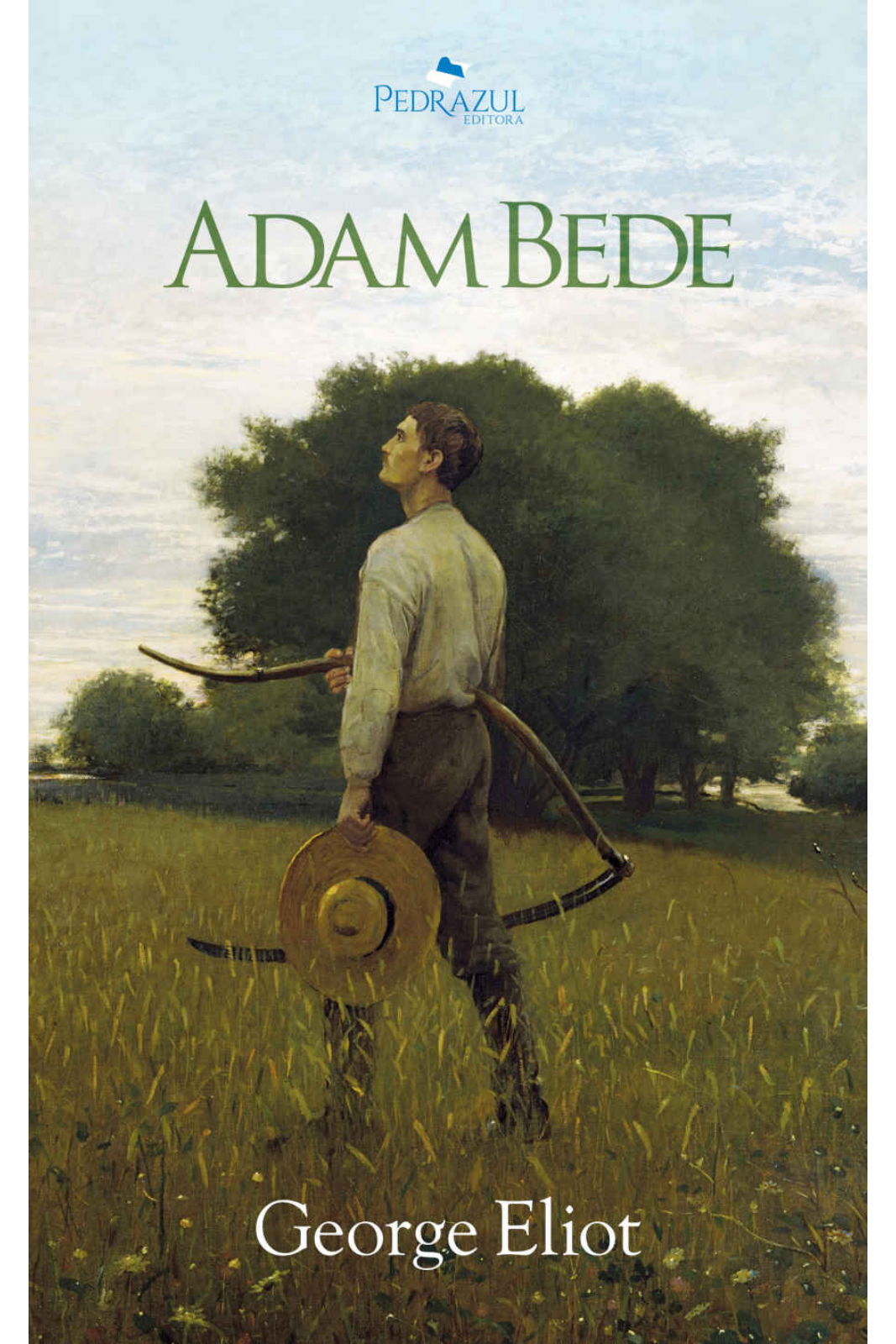


PEDRAZUL
EDITORIA

ADAM BEDE

A painting of a man in a field, likely Adam Bede, holding a scythe and a hat, looking up at the sky. The man is standing in a field of tall grass and wildflowers, looking up at the sky. He is holding a scythe in his right hand and a hat in his left hand. The background shows a large tree and a body of water in the distance.

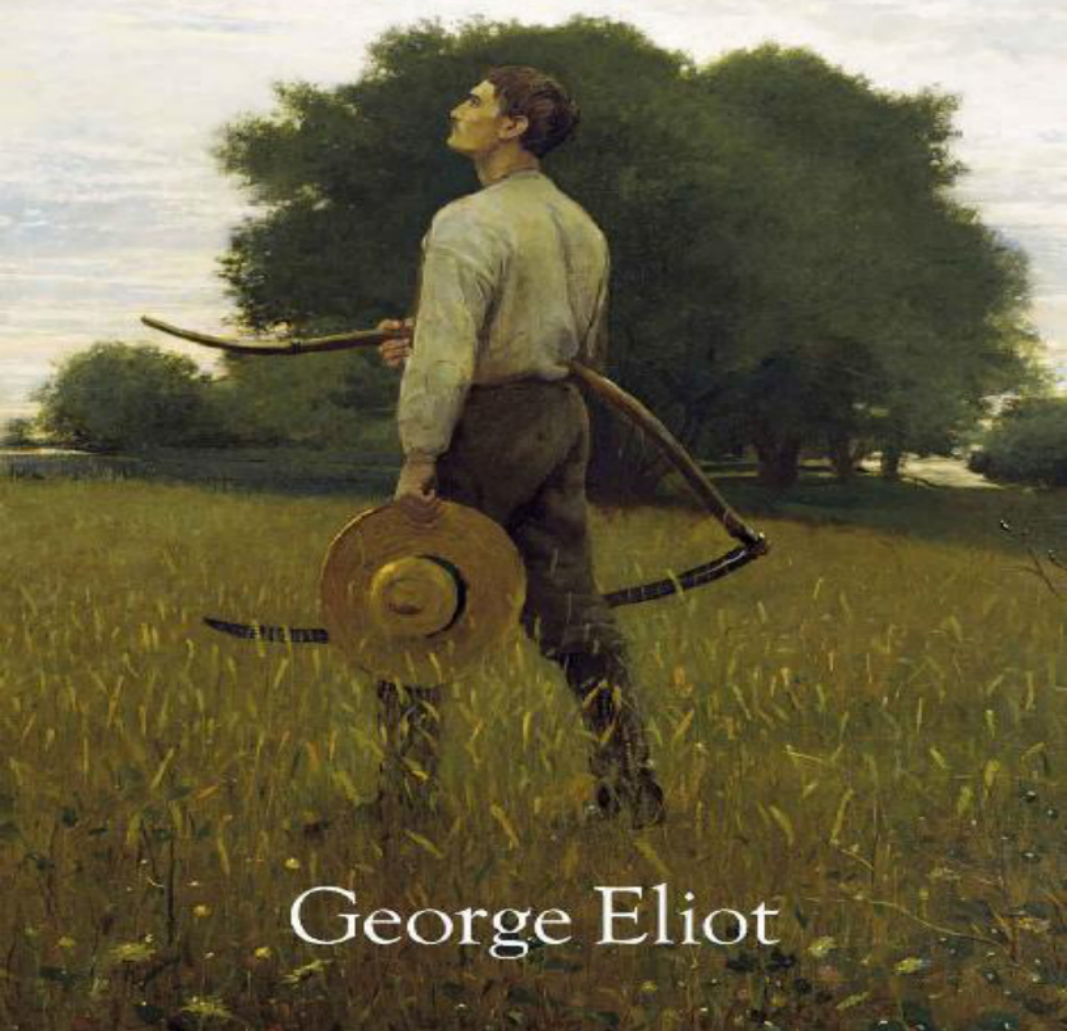
George Eliot

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PEDRAZUL
LIT. LOCA

ADAM BEDE



George Eliot

ADAM BEDE



George
Eliot

Tradução de Diva Corrêa Gomes
e colaboração de Érico Reale Galindo

INTRODUÇÃO

LIVRO I

CAPÍTULO 1

A Oficina

Capítulo II

A Pregação

Capítulo III

Após a Pregação

Capítulo IV

O Lar e Seus Pesares

Capítulo V

O Reitor

Capítulo VI

A Fazenda Hall

Capítulo VII

A Leiteria

Capítulo VIII

Uma Vocação

Capítulo IX

O Mundo de Hetty

Capítulo X

Dinah Visita Lisbeth

Capítulo XI

Na Casa de Campo

Capítulo XII

Na Floresta

Capítulo XIII

Anoitecer na Floresta

Capítulo XIV

O Retorno ao Lar

Capítulo XV

Os Dois Quartos

Capítulo XVI

Elos

LIVRO II

Capítulo XVII

Quando a História faz uma Pausa

Capítulo XVIII

A Igreja
Capítulo XIX
Adam em um Dia de Trabalho
Capítulo XX
Adam Visita a Fazenda Hall
Capítulo XXI
A Escola Noturna e o Mestre-Escola
LIVRO III
Capítulo XXII
A Festa de Aniversário
Capítulo XXIII
Hora do Banquete
Capítulo XXIV
O Brinde
Capítulo XXV
Os Jogos
Capítulo XXVI
O Baile
LIVRO IV
Capítulo XXVII
Uma Crise
Capítulo XXVIII
Um Dilema
Capítulo XXIX
A Manhã Seguinte
Capítulo XXX
A Entrega da Carta
Capítulo XXXI
No Quarto de Hetty
Capítulo XXXII
Mrs. Poyser “Dá sua Opinião”
Capítulo XXXIII
Mais Elos
Capítulo XXXIV
O Noivado
Capítulo XXXV
O Pavor Oculto
LIVRO V

Capítulo XXXVI
A Jornada da Esperança
Capítulo XXXVII
A Jornada do Desespero
Capítulo XXXVIII
À Procura de Hetty
Capítulo XXXIX
As Notícias
Capítulo XL
A Propagação das Águas Amargas
Capítulo XLI
A Véspera do Julgamento
Capítulo XLII
A Manhã do Julgamento
Capítulo XLIII
O Veredicto
Capítulo XLIV
O Retorno de Arthur
Capítulo XLV
Na Prisão
Capítulo XLVI
As Horas de Suspense
Capítulo XLVII
O Último Momento
Capítulo XLVIII
Outro Encontro na Floresta
LIVRO VI
Capítulo XLIX
Na Fazenda Hall
Capítulo L
Na Casa de Campo
Capítulo LI
Domingo de Manhã
Capítulo LII
Adam e Dinah
Capítulo LIV
O Encontro na Colina
Capítulo LV

Sinos de Casamento

Epílogo

Apoiadores de *ADAM BEDE* - GEORGE ELIOT

Ficha Catalográfica

INTRODUÇÃO

Adam Bede foi o primeiro romance longo de Mary Ann Evans (1819-1880), uma das mais conceituadas escritoras vitorianas, que adotou o pseudônimo de George Eliot. Em *Adam Bede*, assim como em seus primeiros escritos menores: *As tristes fortunas do reverendo Amos Barton*, que foi um sucesso instantâneo, e *A história de amor de Mr. Gilfil* e *Arrependimento de Janet*, lançados juntos posteriormente como *Cenas de uma vida clerical*, todos esses primeiros escritos – assim como muitos outros –, foram inspirados em eventos de sua infância e adolescência. *Adam Bede*, publicado em 1859, que Mary Ann o descreveu como “uma história do interior cheia de hálito de vacas e cheiro de feno”, foi inspirado tanto na época em que ela mesma frequentou a igreja metodista quanto nas histórias contadas por sua tia Elizabeth Evans, também metodista. Em *Adam Bede* há uma personagem chamada Dinah que foi inspirada em Elizabeth Evans, que contou à sobrinha a história que se tornou o germe de *Adam Bede*, a história real de uma jovem chamada Mary Voce, que foi à forca pelo assassinato de seu bebê.

A TRISTE HISTÓRIA DE MARY VOCE

Mary Voce era uma jovem cujo marido estava no exército quando ela engravidou de outro homem. O medo de seu retorno a levou a matar seu filho ilegítimo. Quatro meses após a sua condenação, em 17 de março de 1802, Mary Voce foi enforcada. Uma mulher metodista, chamada Elizabeth Evans, visitou Mary Voce um dia antes de sua execução. Evans orou com Mary Voce durante a noite, testemunhou sua confissão e acompanhou-a à forca no dia seguinte. Anos depois, Elizabeth Evans contaria a história desta vigília à sua sobrinha, Mary Ann Evans – que mais tarde se tornou a romancista George Eliot. Vinte anos depois de ouvir a história, Eliot a usou como inspiração para seu primeiro romance, *Adam Bede*. Em 30 de novembro de 1858, ela escreveu em seu diário que, “o germe de *Adam Bede* foi uma história que minha tia metodista me contou [...] como ela visitou uma criminosa condenada, uma garota muito ignorante que havia

assassinado seu filho e se recusado a confessar – como ela ficou com ela orando durante a noite e como a pobre criatura finalmente começou a chorar e confessou o seu crime [...] A história, contada pela minha tia com grande sentimento, tocou-me profundamente”.

Em *Adam Bede*, Eliot traz muitos elementos reais da história contada pela tia, como exemplo, uma jovem pregadora metodista, infanticídio e uma prisão.

REALISMO

Segundo a Dra. Rohan Maitzen, professora da Dalhousie University, especialista em literatura vitoriana, em *Adam Bede*, Eliot expõe o seu compromisso com o realismo como gênero literário – um compromisso que continuaria a desenvolver ao longo de sua carreira. Maitzen explica como a pesquisa detalhada e a própria experiência de Eliot alimentaram o projeto realista, permitindo-lhe expressar suas crenças sobre religião, simpatia e compreensão. Na época da escrita de *Adam Bede*, Eliot já havia se estabelecido como editora, ensaísta e crítica literária e tinha um sonho de escrever um grande romance. Entretanto, como ela confessou, “embora sempre tenha sido um vago sonho meu que um dia ou outro eu pudesse escrever um romance”, ela temia ser “deficiente em poder dramático”. Mas a emocionante história de sedução e infanticídio de *Adam Bede* provou que Eliot não precisava se preocupar e, embora os três contos lançados como *Cenas da vida clerical* tivessem sido bem-recebidos, foi *Adam Bede* que se tornou um best-seller.

O REALISMO DE GEORGE ELIOT

Adam Bede é um dos primeiros exemplos do realismo pelo qual George Eliot se tornou famoso. O significado exato de “realismo”, no entanto, tem sido muito debatido. A própria Eliot o definiu como “a doutrina de que toda a verdade e beleza devem ser alcançadas através de um estudo humilde e fiel da natureza”. Para ela, o realismo não significava uma crença ingênua de que a escrita poderia representar de forma transparente o mundo real, mas a convicção de que a escrita não deveria falsificá-lo ou romantizá-lo. Eliot considerava o realismo

uma escolha moral, além de estética; como ela explica no seu ensaio “*A história natural da vida alemã*” (1856), “a arte é a coisa mais próxima da vida; é um modo de amplificar a experiência e estender o nosso contato com os nossos semelhantes para além dos limites do nosso destino pessoal”.

UMA INTENSA PESQUISA

Eliot sempre fornecia um “relato fiel” da época em que se passavam seus escritos. Ela prestava uma atenção escrupulosa aos contextos e cenários, especialmente aos antecedentes históricos. Embora para alguns aspectos de *Adam Bede*, como a paisagem e os dialetos locais de Midlands, Eliot pudesse recorrer às suas próprias memórias de infância, ela também, como documentou o estudioso Joseph Wiesenfarth, “fez anotações de pesquisa sobre a moda do final do século XVIII, sobre detalhes do clima em 1799 (agosto parece ter sido um mês chuvoso), sobre eventos nacionais e internacionais, incluindo a publicação do primeiro volume de poesia de Wordsworth, a construção da fiação de Joseph Arkwright e a morte de George Washington”. Ela mergulhou na cultura e nas práticas da vida rural, lendo textos agrícolas como *The Book of the Farm (O livro da fazenda)* e *A Six Month Tour through the North of England (Uma viagem de seis meses pelo norte da Inglaterra)*, bem como edições da *Gentleman's Magazine* de 1799 a 1801. A edição de janeiro de 1799 desta publicação continha uma descrição das comemorações do 21º aniversário do duque de Rutland, que Eliot usou como inspiração para a Festa de Aniversário de Arthur Donnithorne. De *A Six Month Tour*, ela copiou em seu caderno que “todos no norte da Inglaterra bebem chá” – e ela usou esse detalhe em *Adam Bede*.

METODISMO E A IGREJA ANGLICANA EM ADAM BEDE

Grande parte da pesquisa de Eliot para *Adam Bede* centrou-se no metodismo, a forma evangélica de protestantismo fundada por John Wesley no início do século XVIII. Um dos personagens centrais de *Adam Bede* é a jovem pregadora metodista Dinah Morris, que é tão apaixonada em seu serviço a Deus quanto altruísta em trazer conforto

aos necessitados ou tristes. Eliot tinha um interesse permanente na função social da religião, bem como um profundo respeito pela Igreja como uma instituição que tinha dado forma e direção às mais elevadas aspirações morais das pessoas. Numa carta ao seu amigo François d'Albert-Durade, escrita em 1859, ela explicou o lugar da religião em *Adam Bede*, dizendo que “não tenho qualquer antagonismo em relação a qualquer fé em que a tristeza humana e o desejo humano de pureza se expressam... Tenho o mais profundo interesse na vida interior dos cristãos sinceros de todas as épocas”. Na visão de Eliot, as pessoas comuns (e não os agentes sobrenaturais) moldam o mundo para melhor ou para pior. Assim, os seus romances apresentam frequentemente clérigos de fé imperfeita, como Mr. Irwine em *Adam Bede*, ou de comportamento imperfeito, como Mr. Farebrother em *Middlemarch*, cujas falhas não os incapacitam para seus deveres sagrados, mas antes realçam que sua benevolência é fundamentalmente humana.

A LITERATURA DO INFANTICÍDIO

Discussões alarmadas (e alarmistas) sobre o infanticídio na imprensa nas décadas de 1850 e 1860 tornaram o enredo histórico de Eliot altamente atual, assim como no século atual. Mas o infanticídio não era um tema literário novo. Os leitores de Eliot estariam familiarizados especialmente com *The Heart of Midlothian*^[1] (1818), de Sir Walter Scott, ao qual *Adam Bede* era frequentemente comparado. No romance de Scott, a heroica Jeanie Deans caminha até Londres para pedir perdão à rainha para sua irmã condenada, Effie; todas as simpatias do romance estão do lado da virtuosa Jeanie, enquanto a errante Effie permanece periférica à ação. Em contraste, Eliot centra-se em sua personagem, de modo que vemos não apenas o seu crime, mas a complicada mistura de motivos egoístas e contextos sociais que levaram a ele. A pressão sobre os leitores para compreenderem, em vez de simplesmente a julgarem, parecia moralmente duvidosa para muitos críticos vitorianos, mas esta abordagem é consistente com as exigências morais do realismo de Eliot: o desafio é ver a personagem claramente, com todos os seus defeitos, e depois simpatizar com ela e

perdoá-la.

SOBRE OS DIALETOS DA ATUAL TRADUÇÃO

George Eliot quis caracterizar realisticamente seus personagens em *Adam Bede*, o que, muitas vezes, pode incomodar o leitor culto. Entretanto, embora isso, a tradução se manteve fiel à vontade de Mary Ann Evans, retratando os personagens de acordo como foram criados, com suas pronúncias incorretas, oralidade leve, moderada e máxima. Todos os erros de pronúncia estão em *itálico*. Os tradutores tentaram marcar a oralidade dos personagens de um modo natural e não tão exagerado, modulando os graus de diferença do modo de falar de cada personagem. Outro detalhe importante, que vale a pena ser ressaltado, é que George Eliot, em *Adam Bede*, altera os tempos verbais narrativos, na maioria das vezes no passado e, em poucas vezes, no presente, como se a ação estivesse acontecendo no momento da leitura. A tradução manteve esse efeito, primando o máximo possível à fidelidade da obra. Há também uma certa ambiguidade no narrador, pois uma hora parece onisciente, mas outra hora “ele” se introduz na história e até mesmo demonstra conhecer pessoalmente o personagem homônimo à obra. Em alguns momentos, chama os personagens de personagens e discorre sobre verossimilhança. Foi, portanto, mantido em tudo o estilo de escrita, assim como os parágrafos longos. Também foram mantidos os verbos *dicendi*. Entretanto, várias expressões idiomáticas foram adaptadas para expressões conhecidas em português, outras, por falta de equivalência, foram mantidas como no original. Quanto às diferenças das marcações de oralidade de cada personagem, vale deixar registrado que os personagens Arthur, Dinah, Donnithornes, Irwines, Carrol e Townley possuem o estilo formal. Bartle Massey, John Olding e Sarah Stone possuem oralidade leve. Adam Bede, Seth Bede e Hetty Sorrel possuem oralidade moderada. Em alguns momentos, para esses que possuem oralidade moderada, para facilitar a leitura, corrigimos essa oralidade. Mr. Rann, Lisbeth, Poysers, Cranages, Dolly, Bessy, os criados e trabalhadores possuem oralidade máxima. Há ainda Mr. Craig, que, embora a oralidade máxima, usa “tu” em vez de “cê” ou “ocê” para diferenciar de região

(Escócia). Para dar mais originalidade, Eliot criou Mr. Casson, cuja oralidade é máxima, com inclusão da letra “u” em algumas palavras, pois, no original, o personagem tenta fazer um sotaque culto por ter sido mordomo e se vangloriar disso, ele inclui “h” (que tem o som aspirado de consoante) no início de palavras sem necessidade. A tradução optou por não usar contrações em “pra você” (entre outras), evitando “procê”, que remeteria ao sotaque caipira brasileiro.

Concluindo, convidamos você a entrar no mundo de Eliot, um mundo que, embora realista, traz também certo romantismo, pois, a bem da verdade, o realismo não somente traz tragédias, pobreza, fome, choro e lágrimas, mas sempre há uma porção de alegria, amor, riso e gratidão em meio a tudo, do contrário, seria o caos.

Ótima leitura!

Chirlei Wandekoken
Editora

LIVRO I



CAPÍTULO 1

A Oficina

Com uma única gota de tinta, tal como um espelho, o feiticeiro egípcio se compromete a revelar a qualquer recém-chegado visões distantes do passado.^[2] Isso é o que me comprometo a fazer por você, leitor. Com esta gota de tinta na ponta de minha pena, vou lhe mostrar a oficina espaçosa de Mr. Jonathan Burge, carpinteiro e construtor, na aldeia de Hayslope, como ocorreu no dia dezoito de junho, no ano de nosso Senhor 1799.

O sol da tarde estava quente sobre os cinco trabalhadores ali, ocupados com portas, caixilhos de janelas e lambris. Um aroma de pinho de uma pilha de tábuas em forma de tenda, do lado de fora da porta aberta, misturava-se com o aroma dos sabugueiros que espalhavam sua neve de verão^[3] perto da janela aberta oposta. Os raios de sol inclinados brilhavam através das lascas transparentes que voavam diante da firme plaina e iluminavam a fina textura do painel de carvalho que estava apoiado na parede. Em um monte dessas lascas macias, um cão pastor rústico e cinza fizera uma cama agradável e estava deitado com o nariz entre as patas dianteiras, ocasionalmente franzindo a testa para lançar um olhar para o mais alto dos cinco trabalhadores, que esculpia um escudo no centro de uma lareira com cornija de madeira. Era a esse trabalhador que pertencia a voz forte de barítono que se ouvia acima do som da plaina e do martelo, cantando:

Desperta, alma, o sol acompanha
O teu dever diário que ensanha;
Subverta a preguiça enfadonha...^[4]

Neste momento, algumas medidas deveriam ser tomadas, o que exigia uma atenção mais concentrada, e a voz sonora diminuiu em um murmúrio baixo; mas logo irrompeu novamente com um vigor renovado:

Que tua fala seja virtuosa
A mente, igual tarde luminosa.

Tal voz só podia vir de um busto largo, e o busto largo pertencia a um homem de ossos grandes e musculoso de quase um metro e oitenta de altura, com as costas tão planas e a cabeça tão bem equilibrada que, quando se levantava para observar de mais distante seu trabalho, tinha o ar de um soldado em posição de descanso. A manga enrolada acima do cotovelo mostrava um braço que provavelmente ganharia prêmios por feitos de força; no entanto, a mão longa e flexível, com as pontas largas dos dedos, parecia pronta para trabalhos habilidosos. Em sua alta robustez, Adam Bede era saxão, isso justificava seu nome^[5]; mas o cabelo preto, que se tornava mais perceptível pelo contraste com o chapéu de papel claro^[6], e a expressão aguçada dos olhos escuros que brilhavam sob sobrancelhas bem-marcadas, proeminentes e móveis, indicavam uma mistura de sangue celta. O rosto era grande e rudemente talhado e, quando em repouso, não tinha outra beleza senão aquela própria de uma expressão honesta e bem-humorada de inteligência.



Claro que o trabalhador ao lado era o irmão de Adam. Quase tão alto, com mesmo tipo de feições, a mesma tonalidade de cabelo e pele; mas a força da semelhança familiar parecia apenas tornar mais visível a notável diferença de expressão tanto na forma quanto no rosto. Os

ombros largos de Seth^[7] tinham um ligeiro caimento, os olhos eram cinzentos, as sobrancelhas menos proeminentes e mais tranquilas do que as do irmão; e o olhar, em vez de aguçado, era confiante e bondoso. Ele havia tirado o chapéu, e podia-se ver que seu cabelo não era grosso e liso, como o de Adam, mas fino e ondulado, permitindo discernir o contorno exato de um arco coronal que predominava muito decididamente sobre as sobrancelhas.

Os vagabundos ociosos sempre tinham certeza de que ganhariam uma moeda de Seth; raramente falavam com Adam.

A consonância das ferramentas e a voz de Adam foram finalmente interrompidas por Seth, que, levantando a porta na qual trabalhava com atenção, colocou-a contra a parede e disse:

— *Taí!* Terminei minha porta, afinal de contas.

Todos os trabalhadores ergueram os olhos; Jim Salt, um homem corpulento e ruivo conhecido como Sandy Jim, parou de aplainar, e Adam disse a Seth, com uma expressão penetrante de surpresa:

— O quê?! Acha que terminou a porta?

— Sim, claro — disse Seth, respondendo com surpresa —, o que *tá* faltando?

Risadas altas e um urro dos outros três trabalhadores fizeram com que Seth olhasse em volta confuso. Adam não se juntou às risadas, mas havia um leve sorriso em seu rosto quando disse, em um tom mais suave do que antes:

— Ora, *cê* esqueceu os painéis.

As risadas irromperam de novo quando Seth colocou o rosto entre as mãos e corou por completo.

— Viva! — gritou um camarada pequeno e ágil chamado Wiry Ben, correndo e agarrando a porta. — Vamos *pendurá* a porta no fundo da oficina e *escrevê*: “Obra de Seth Bede, o Metodista”. Aqui, Jim, me dá o pote de tinta vermelha.^[8]

— Bobagem! — disse Adam. — Deixa para lá, Ben Cranage. Você pode cometer um descuido algum dia desses, então não vai achar tanta graça.

— Quero ver me *pegá*, Adam. Vai *demorá* um bom tempo antes que minha cabeça *teja* cheia de metodismo — disse Ben.

— Não, mas muitas vezes está cheia de bebida, o que é pior.

Ben, no entanto, agora tinha o “pote de tinta vermelha” na mão e estava prestes a começar a escrever sua inscrição, fazendo, a título preliminar, um “O” imaginário no ar.

— Deixa para lá, está bem? — Adam bradou, abaixando as ferramentas, caminhando até Ben e agarrando seu ombro direito. — Deixa para lá, ou vou arrancar a alma do seu corpo.

Ben estremeceu entre as mãos de ferro de Adam, mas, como um homenzinho corajoso que era, não quis ceder. Com a mão esquerda, tomou o pincel de sua impotente mão direita e fez um movimento como se fosse realizar a proeza de escrever com a esquerda. Em um instante, Adam o virou, agarrou seu outro ombro e, empurrando-o, prendeu-o contra a parede. Porém, Seth falou:

— Deixa disso, Addy, deixa disso. Ben tá brincando. Ora, ele tem o direito de rir de mim, nem eu consigo evitar rir de mim mesmo.

— Não vou soltar ele até que prometa deixar a porta para lá — disse Adam.

— Chega, Ben, rapaz — disse Seth, em um tom persuasivo —, não vamos brigar por isso. Sabe que Adam vai fazer o que quiser. É mais fácil *cê* tentar virar uma carroça numa travessa apertada. Diga que vai deixar a porta *pra* lá e acabe com isso.

— *Num* tenho medo do Adam — disse Ben —, mas *num* me importo de dizer que vou deixar *pra* lá se quiser, Seth.

— Ajuizado de sua parte, Ben — disse Adam, rindo e relaxando o aperto.

Assim, todos voltaram ao trabalho, mas Wiry Ben, tendo saído pior na competição corporal, estava empenhado em se recuperar dessa humilhação tentando êxito no sarcasmo.

— No que *tava* pensando, Seth — ele começou —, no rosto bonito da pastora ou no sermão dela quando esqueceu os *painel*?

— Vem ouvir ela, Ben — disse Seth, com bom humor —, ela vai pregar na praça esta noite; vai que *cê* arruma algo *pra* pensar sobre si mesmo, em vez daquelas músicas imorais que tanto gosta. Podia arrumar uma religião, e ia ser a melhor coisa que ia ganhar.

— Tem hora *pra* isso, Seth, vou *pensá* nisso quando me *resolvê* na

vida; os *solteiro num* quer esses *ganho* tão pesado. Talvez eu arrume um galanteio e religião ao mesmo tempo, como *cê* fez, Seth. Mas *cê num ia querê* que eu me convertesse e ficasse entre você e a bonita pregadora e conquistasse ela, né?

— Não tem perigo disso, Ben; não creio que ela seja nem *pra* você nem *pra* mim. Só venha ouvir ela, assim não vai mais falar de modo leviano dela de novo.

— Bem, *tô* meio que pensando em dar uma olhada nela esta noite, se *num tivé* boa companhia na taberna Holly Bush. Qual vai ser o sermão dela? Podia me *falá*, Seth, caso *num* chegue a tempo. Vai ser: “O que *cê* veio ver? Uma profetisa? Sim, e digo, mais do que uma profetisa, uma moça muito bonita.”^[9]

— Chega, Ben — disse Adam, severo —, deixa a palavra da Bíblia em paz; *tá* indo longe demais agora.

— O quê?! *Tá se* convertendo, Adam? Pensei que fosse contra mulher pregando um tempo atrás?

— Não, não *tô* me convertendo, de jeito nenhum. Não disse nada sobre mulheres pregando. Disse: deixa a Bíblia em paz. Já tem um livro de piada, né, que tanto se gaba e orgulha? Mantenha seus dedos sujos nele.

— Ora, *tá* virando mais santo que Seth. *Cê* vai na pregação esta noite, imagino. Vai *liderá* os *cântico* muito bem. Mas *num* sei o que o pastor Irwine vai *dizê* sobre seu favorito, Adam Bede, se convertendo ao metodismo.

— Não se incomode comigo, Ben. Sou tão metodista quanto você. Apesar de que é certo que *cê* vai virar coisa pior. O mestre Irwine tem bom senso e não se intromete com o que as pessoas fazem da religião. “Isso é entre eles e Deus”, como ele me disse muitas vezes.

— Sim, sim, mas ele *num* gosta tanto de dissidente, mesmo assim.

— Talvez. Eu não gosto tanto da cerveja densa do Josh Tod, mas não te impeço de beber e se fazer de tonto.

Deram risada com esse golpe de Adam, mas Seth disse muito sério:

— Não, não, Addy, não deve dizer que a religião dos outros é que nem cerveja densa. *Cê* não deve achar que os dissidentes e os metodistas não saibam de religião tão bem quanto o pessoal da igreja.

— Não, Seth, rapaz; não sou a favor de rir da religião de ninguém. *Deixa eles* seguirem suas consciências e pronto. Só acho que seria melhor se suas consciências os fizessem ficar quietos na igreja, temos muito *pra* aprender lá. E dá *pra* ser mais que um espiritualista; temos de ter algo além do Evangelho neste mundo. Olha *pros* canais, os aquedutos, os motores de carvão e os moinhos de Arkwright lá em Cromford; um homem deve aprender algo além do Evangelho *pra* fazer essas coisas, eu acho. Mas ouvindo alguns desses pregadores, *cê* ia pensar que um homem não deve fazer nada além de fechar os olhos e ver o que *tá* acontecendo dentro dele. Sei que um homem deve ter o amor de Deus em sua alma e a Bíblia como a palavra de Deus. Mas o que a Bíblia diz? Ora, diz como Deus colocou seu espírito no trabalhador *pra* construir o tabernáculo, *pra* que ele pudesse realizar o trabalho de escultura e as outras coisas que exigiam uma mão jeitosa. Essa é a minha maneira de pensar: tem o espírito de Deus em todas as coisas e em todos os tempos – dia da semana, bem como domingo – e nas grandes obras e invenções, no cálculo e na mecânica. E Deus ajuda a gente com nossas cabeças e nossas mãos, bem como com nossas almas; e se um homem faz um bocado de trabalho extra e constrói um forno *pra* esposa *pra* poupar ela ir na padaria, ou cava em seu pedaço de jardim e faz duas batatas crescerem no lugar de uma, ele *tá* fazendo o bem e *tá* tão perto de Deus quanto se tivesse correndo atrás de algum pregador *pra* ficar orando e gemendo.

— Muito bem, Adam! — disse Sandy Jim, que parara de plainar para mudar as tábuas enquanto Adam falava —; esse é o melhor sermão que ouvi em muito tempo. Pela mesma razão, minha mulher *tá* me enchendo *pra* construir um forno *pra* ela esse ano.

— Tem razão no que diz, Adam — observou Seth, pertinente. — Mas *cê* mesmo sabe que foi ouvindo os pregadores, que *cê* encontra tanto defeito, que muitos camaradas ociosos se tornaram esforçados. É o pregador que esvazia as tabernas; e se um homem arruma religião, não vai trabalhar menos por causa disso.

— Que nem *esquecê* os *painel* da porta às vez, hein, Seth? — disse Wiry Ben.

— Ah, Ben, já tem uma piada contra mim que vai durar a vida

toda. Mas aquilo não foi culpa da religião; foi de Seth Bede, por ser um sujeito tranquilo e cabeça de vento que a religião não curou ainda, digno de pena.

— *Num* me dê ouvido, Seth — disse Wiry Ben —, é um sujeito de bom coração, com painel ou sem painel; e *num* fica todo irritado com um bocado de diversão, que nem uns *parente* seu, que se acham *espertão*.

— Seth, rapaz — disse Adam, sem perceber o sarcasmo contra ele —, não me leve a mal. Não *tava* me referindo a você no que eu disse agora. Uns têm uma maneira de ver as coisas e outros têm outra.

— Não, não, Addy, *cê* não quis ser indelicado — disse Seth —, sei bem disso. *Cê* é que nem seu cachorro Gyp, late *pra* mim às vezes, mas se acalma e lambe minha mão depois.

Todas as mãos voltaram a trabalhar em silêncio por alguns minutos, até que o relógio da igreja começou a bater seis horas. Antes que a primeira batida dissipasse, Sandy Jim largara sua plaina e já alcançava a sua jaqueta. Wiry Ben deixara um parafuso meio cravado e jogara sua chave de fenda na cesta de ferramentas. Mum Taft, que, fiel ao seu nome,^[10] mantivera silêncio durante a conversa anterior, soltara o martelo enquanto estava no ato de levantá-lo; e Seth, também, endireitara as costas e estendia a mão em direção ao chapéu de papel para retirá-lo. Adam continuou sozinho com seu trabalho como se nada tivesse acontecido. Mas, observando a cessação das ferramentas, ergueu os olhos e disse em um tom de indignação:

— Olha só, agora! Não suporto ver homens largarem as ferramentas desse jeito, no minuto em que o relógio começa a bater, como se não tivessem prazer em trabalhar e com medo de dar uma martelada a mais.

Seth parecia um pouco consciente e começou a demorar mais nos preparativos para ir embora, mas Mum Taft quebrou o silêncio e disse:

— Sim, sim, Adam, rapaz, *cê* fala que nem um jovem. Quando *cê* *tivé* quarenta e seis que nem eu, em vez de vinte e seis, *num* vai ter tanta vontade de *trabalhá* por nada.

— Bobagem — disse Adam, ainda irado —, o que a idade tem a ver com isso, posso saber? Não *tá* enferrujado ainda, imagino. Odeio ver

os braços *dum* homem largados como se tivesse sido baleado, assim que o relógio bate, como se nunca tivesse tido um pouco de orgulho e prazer no trabalho. A pedra de amolar vai continuar girando um pouco depois que soltar ela.

— Que aporrinhção, Adam! — exclamou Wiry Ben. — Deixa o sujeito em paz, *tá* bom? *Tava* caçando defeito em pregador agora há pouco, mas *tá* gostando de *fazê* sua pregação. *Cê* pode *gostá* mais de *trabalhá* do que se *divertí*, mas eu gosto mais de me *divertí* do que *trabalhá*, isso devia te *confortá*, já que vai te *sobrá* mais trabalho.

Com esse discurso de saída, que ele considerou eficaz, Wiry Ben levou sua cesta e deixou a oficina, rapidamente seguido por Mum Taft e Sandy Jim. Seth se demorou e olhou com melancolia para Adam, como se esperasse que ele dissesse algo.

— Vai *pra* casa antes de ir *pra* pregação? — Adam perguntou, erguendo os olhos.

— Não, vou deixar meu chapéu e minhas coisas na casa de Will Maskery. Não vou voltar *pra* casa antes das dez. Talvez acompanhe Dinah Morris em segurança *pra* casa dela, se ela quiser. Nenhum dos Poysers a acompanha, *cê* sabe.

— Então vou dizer *pra* mãe *pra* não esperar por você — disse Adam.

— E não vai *pros* Poysers esta noite? — disse Seth com bastante timidez, enquanto se virava para sair da oficina.

— Não, vou *pra* escola.

Até então, Gyp mantivera-se em sua cama confortável, apenas levantando a cabeça e assistindo Adam mais de perto enquanto observava os outros trabalhadores partirem. Mas assim que Adam colocou a régua no bolso e começou a enrolar o avental na cintura, Gyp correu e olhou para o rosto de seu mestre com paciente expectativa. Se Gyp tivesse cauda, sem dúvida a teria abanado, mas, destituído desse veículo para suas emoções, era como muitos outros personagens dignos, destinado a parecer mais fleumático do que a natureza o fizera.

— O quê?! Já *tá* pronto *pra* pegar a cesta, hein, Gyp? — disse Adam, com a mesma modulação suave de voz de quando falou com

Seth.

Gyp pulou e deu um latido curto, como se dissesse “Claro!”. Pobre camarada, não tinha uma grande variedade de expressões.

A cesta era a que nos dias de trabalho continha o almoço de Adam e Seth; e nenhum oficial, andando em procissão, poderia parecer ter mais instintiva resolução de seus deveres do que Gyp com sua cesta, trotando ao encalço do mestre.

Ao sair da oficina, Adam trancou a porta, tirou a chave e a levou para a casa do outro lado do pátio. Era uma casa baixa, com lisa palha cinza e paredes amareladas, parecendo agradável e suave à luz da noite. As janelas guarnecidas de chumbo eram brilhantes e sem manchas, e a soleira de pedra estava tão limpa quanto os seixos brancos na maré baixa. Na soleira de pedra, uma senhora limpa com um vestido de linho listrado escuro, um lenço vermelho e uma touca de linho, conversava com algumas aves salpicadas que pareciam ter sido atraídas a ela por uma expectativa ilusória de receber batatas ou cevada. A visão da idosa parecia estar fraca, pois não reconheceu Adam até que ele dissesse:

— Aqui *tá* a chave, Dolly. Guarde *pra* mim dentro de casa, sim?

— Sim, claro. Mas *num* quer *entrá*, Adam? Miss Mary *tá* em casa, e mestre Burge volta logo. Ele *ia* *ficá* feliz se *cê* jantasse com eles, garanto.

— Não, Dolly, obrigado, *tô* indo *pra* casa. Boa noite.

Adam se apressou com passos largos, Gyp ao encalço, para fora do pátio de trabalho e ao longo da estrada que levava para longe da aldeia e abaixo em direção ao vale. Quando chegou ao sopé da encosta, um cavaleiro idoso, com a mala amarrada atrás de si, parou seu cavalo quando Adam passou e se virou para dar mais uma olhada no trabalhador robusto com chapéu de papel, calças de couro e meias de lã azul-escuro.

Adam, inconsciente da admiração que despertava, logo atravessou os campos e então irrompeu na melodia que esteve o dia todo em sua cabeça:

Que tua fala seja virtuosa

A mente, igual tarde luminosa.
Pois os olhos de Deus já veem tudo
Teus juízos, obras e conteúdo.

Capítulo II

A Pregação

Quando faltavam quinze minutos para as sete horas, havia um aspecto incomum de agitação na aldeia de Hayslope, e através de todo o comprimento de sua pequena rua, desde Donnithorne Arms até o portão do adro da igreja, os habitantes foram evidentemente atraídos para fora das casas por algo mais do que o prazer de relaxar ao sol da tarde. Donnithorne Arms ficava à entrada da aldeia, e um pequeno pátio de fazenda e estaleiro que a ladeavam, indicando que havia um belo terreno anexado à estalagem, davam ao viajante uma promessa de boa alimentação para si e seu cavalo, que bem poderia consolá-lo pela incompreensão que o letreiro castigado pelo tempo deixava quanto à relevância heráldica daquela antiga família, os Donnithornes. Mr. Casson, o senhorio, estava há algum tempo parado à porta com as mãos nos bolsos, balançando-se nos calcanhares e nos dedos dos pés e olhando para um pedaço de chão não cercado, com um bordo no meio, que ele sabia ser o destino de certos homens e mulheres de aparência séria que observara passando de tempos em tempos.

Mr. Casson não era, de forma alguma, uma pessoa do tipo comum que pode passar despercebida. Em uma vista frontal, parecia consistir, principalmente, em duas esferas, com a mesma relação entre si assim como a Terra e a Lua: ou seja, a esfera inferior poderia se dizer, em um palpite aproximado, era treze vezes maior do que a superior, o que naturalmente desempenhava a função de um mero satélite e afluyente. Mas aqui a semelhança terminava, já que a cabeça de Mr. Casson não era de forma alguma um satélite de aparência melancólica, nem era um “globo manchado”, como Milton chamara com irreverência a Lua; [11] pelo contrário, nenhuma cabeça e rosto poderiam parecer mais elegantes e saudáveis, e sua expressão – que estava sobretudo confinada a um par de bochechas redondas e coradas, a leve nodosidade e intermissões que formavam o nariz e os olhos sendo dificilmente dignos de menção – era de contentamento alegre, apenas

temperado por esse senso de dignidade pessoal que, em geral, aparecia em sua atitude e postura. Esse senso de dignidade dificilmente poderia ser considerado excessivo em um homem que havia sido mordomo da “família” por quinze anos e que, na atual posição de destaque, estava sempre em contato com seus inferiores. Como reconciliar sua dignidade com a satisfação da curiosidade em caminhar em direção à praça era o problema que Mr. Casson estivera revirando na mente nos últimos cinco minutos. Mas quando o resolvera parcialmente tirando as mãos dos bolsos e enfiando-as nas cavas do colete, jogando a cabeça de lado e fornecendo a si mesmo um ar de indiferença desdenhosa a qualquer coisa que pudesse tomar nota, seus pensamentos foram desviados pela aproximação do cavaleiro que há pouco vimos parando para dar uma olhada em nosso amigo Adam, e que agora parou na porta de Donnithorne Arms.

— Tire o freio e lhe dê uma bebida, cavalariço — disse o viajante ao rapaz de avental, que saíra do jardim ao som dos cascos do cavalo.

— Ora, o que está acontecendo em sua linda aldeia, senhorio? — ele continuou, apeando. — Parece haver um grande alvoroço.

— É uma pregação metodista, senhor; espalharam por aí que uma jovem vai *pregá* na praça — respondeu Mr. Casson, com uma voz aguda e ofegante, em um sotaque ligeiramente afetado. — Gostaria de *entrá*, senhor, e *toumá* uma bebida?

— Não, devo continuar em direção a Rosseter. Desejo apenas água para meu cavalo. E o que seu pastor diz, pergunto-me, sobre uma jovem pregando bem debaixo do nariz dele?

— O pastor Irwine, senhor, *num moura* aqui; ele vive em Broxton, além da colina. O presbitério daqui é um lugar em ruína, senhor, *num* é adequado *pra* gente nobre *vivê*. Ele vem *pra pregá* domingo de tarde, senhor, e deixa o cavalo aqui. É um cavalo cinza, senhor, ele dá bastante comida *pra* ele. Sempre deixa o cavalo aqui, senhor, desde antes de eu *chegá* em Donnithorne Arms. Eu *num* sou desta terra, *coumo* pode *percebê* pelo jeito que eu falo, senhor. Falam *dum* jeito curioso nesta terra, senhor; é difícil *pros abastado entendê*. Fui criado entre os *abastado*, senhor, e aprendi a *falá coumo* eles quando era menino. Ora, *coumo* acha que o pessoal aqui diz “*num é?*” – os

abastado, como sabe, diz “*num* é” – bem, o pessoal aqui diz “*né*”. É o que chamam de dialeto o jeito que falam aqui, senhor. Foi o que ouvi o fidalgo Donnithorne *dizê* um monte de vez; é o dialeto, diz ele.

— Sim, sim — disse o forasteiro, sorrindo. — Eu o conheço muito bem. Mas com certeza não há muitos metodistas por aqui, neste lugar agrícola? Acredito que dificilmente haveria um metodista por aqui. Vocês são todos agricultores, não são? Os metodistas raramente conseguem *fisgá-los*.

— Ora, senhor, tem muito trabalhador por aqui, senhor. Tem o mestre Burge, dono da madeireira lá, ele cuida um *boucado* da construção e dos *reparo*. E tem a pedreira não muito longe. Tem muito emprego neste campo, senhor. E tem um bom punhado de metodista em Treddleston – é a cidade mercantil a cerca de cinco *quilômetro* – talvez tenha passado por ela, senhor. Tem quase uma vintena deles na praça agora, que veio de lá. É de onde nosso povo aprendeu isso, embora tenha só dois deles em toda Hayslope: Will Maskery, o fabricante de roda, e Seth Bede, um jovem que trabalha na carpintaria.

— A pregadora vem de Treddleston, então, não é?

— Não, senhor, ela veio de Stonyshire, a cerca de cinquenta *quilômetro* de distância. Mas ela *tá* de visita aqui na casa de mestre Poyser, na fazenda Hall – perto daqueles *celeiro* e aquelas *nogueira* grande, bem à esquerda, senhor. Ela é sobrinha da esposa de Poyser, e eles vão *ficá* bem zangado com ela por se *fazê* de *bouba* desse jeito. Mas eu ouvi *dizê* que *num* tem *coumo segurá* esses *metodista* quando uma minhoca entra na cabeça: a maioria fica completamente maluca com a religião. Embora essa jovem seja tranquila, pelo que sei; eu mesmo nunca *vi ela*.

— Bem, eu gostaria de ter tempo para ficar e vê-la, mas preciso seguir em frente. Estive fora do meu caminho nos últimos vinte minutos para dar uma olhada naquele lugar no vale. É do fidalgo Donnithorne, suponho?

— Sim, senhor, é a reserva Donnithorne. Belos *carvalho* ali, *num* é, senhor? Sei disso, senhor, pois fui mordomo lá por quinze *ano*. É o capitão Donnithorne o herdeiro, senhor – neto do fidalgo

Donnithorne. Ele vai *ficá* maior de idade nesta colheita, senhor, e vai ter comemoração. Ele é o dono de todas as *terra* aqui, senhor, o fidalgo Donnithorne.

— Bem, é um lugar bonito, quem quer que seja o dono — disse o viajante, montando em seu cavalo —; e encontra-se também por aí alguns bons camaradas sadios. Conheci um jovem como nunca vi em minha vida, cerca de meia hora atrás, antes de subir a colina – um carpinteiro, um camarada alto, de ombros largos, cabelos e olhos pretos, marchando como um soldado. Queremos que camaradas como ele deem uma sova nos franceses.

— Sim, senhor, esse é Adam Bede, tenho certeza, filho de Thias Bede, todo mundo conhece ele por aqui. É um camarada robusto e esperto, muito forte. Que Deus te abençoe, senhor – se me desculpa por *dizê* isso – ele pode *andá* sessenta *quilômetro* por dia e *levantá* uns trezentos *quilo*. Ele é um favorito entre os *abastado*, senhor: o capitão Donnithorne e o reitor Irwine fazem um alvoroço por causa dele. Mas ele é um tanto ambicioso e esquentado.

— Bem, uma boa noite para você, senhorio; devo seguir em frente.

— A seu serviço, senhor. Boa noite.

O viajante colocou seu cavalo em uma rápida caminhada pela aldeia, mas quando se aproximou da praça, a beleza da vista que se estendia à direita, o contraste singular apresentado pelos grupos de aldeões com a união de metodistas perto do bordo, e talvez ainda mais, a curiosidade de ver a jovem pregadora, venceram o seu anseio de dar fim à sua jornada, e ele fez uma pausa.



A praça ficava na extremidade da aldeia, e de lá a estrada se ramificava em duas direções, uma subindo mais a colina pela igreja e a outra serpenteando suavemente em direção ao vale. Do lado da praça que levava à igreja, a silhueta quebrada de casas de campo de palha continuava quase até o portão do adro da igreja; mas no lado noroeste oposto, não havia nada que obstruísse a visão de prados suavemente protuberantes, um vale arborizado e conjuntos escuros de colinas distantes. Aquele rico distrito sinuoso de Loamshire, ao qual Hayslope pertencia, ficava perto de uma periferia lúgubre de Stonyshire, encoberto por suas colinas áridas assim como uma bela irmã viçosa, às vezes, vista de braços dados a um irmão austero, alto e moreno; e em duas ou três horas de passeio, o viajante poderia trocar uma região desarborizada e sombria, interceptada por séries de pedras cinzentas e frias, por outra onde a estrada serpenteava sob o abrigo de florestas, ou colinas protuberantes, abafadas com sebes e longa grama de prado e cereal espesso; e onde a cada curva ele se deparava com um belo e velho assento rural aninhado no vale ou coroadando a encosta, alguma propriedade com seu longo comprimento de celeiro e seu aglomerado de palhas douradas, algum campanário cinza sobressaindo de uma bela confusão de árvores, colmos e azulejos vermelhos-escuros. Era exatamente uma imagem como essa que a igreja de Hayslope proporcionara ao viajante quando ele começou a subir a suave encosta que levava a seus agradáveis planaltos, e agora de seu ponto perto da praça, tinha diante de si uma visão de quase todas as outras características típicas desta terra aprazível. No alto do horizonte havia enormes conjuntos cônicos de colinas, como montes gigantes destinados a fortificar essa região de cereais e grama contra os ventos cortantes e famintos do norte; não distantes o suficiente para serem revestidos em púrpura misterioso, mas com lados sombrios e esverdeados visivelmente salpicados de ovelhas, cujo movimento só era revelado pela memória, não detectado pela visão; cortejados dia após dia pelas horas passageiras, mas respondendo sem mudança em si mesmos – deixados para sempre sombrios e mal-humorados após o rubor da manhã, os brilhos alados do meio-dia de abril e a glória carmesim da despedida do findo sol de verão. E logo abaixo deles, o

olhar pousa em uma linha mais avançada de bosques, dividida por manchas brilhantes de pasto ou culturas sulcadas e ainda não se aprofundando nas cortinas folhosas uniformes do alto verão, mas ainda mostrando os tons quentes do jovem carvalho e o verde tenro dos freixos e tílias. Depois vinha o vale, onde os bosques se adensavam, como se tivessem rolado e se precipitado dos trechos lisos deixados na encosta, para cuidar melhor da alta mansão que erguia seus parapeitos e enviava a fumaça fraca de verão azul entre eles. Sem dúvida, havia uma grande extensão de parque e uma ampla lagoa vítrea em frente à mansão, mas a encosta protuberante do prado não permitia que nosso viajante as visse da praça da aldeia. Em vez disso, ele viu um primeiro plano que era do mesmo modo adorável – a luz do sol plana que se estendia como ouro transparente entre os caules suavemente curvados da grama emplumada e altos pés de azedinhas, e as umbelas brancas das cicutas revestindo as sebes cerradas. Era aquele momento do verão em que o som da foice sendo afiada nos faz lançar olhares mais demorados para as mechas salpicadas de flores dos prados.

Ele poderia ter visto outras belezas na paisagem se tivesse se virado um pouco em sua sela e olhado para o leste, além do pasto e do depósito de madeira de Jonathan Burge em direção aos campos verdes de cereais e às nogueiras da fazenda Hall; mas aparentemente estava mais interessado nos grupos de viventes próximos. Todas as gerações da aldeia estavam lá, desde o velho “pai Taft” com sua touca noturna de lã marrom, todo curvado, mas parecia forte o suficiente para manter-se de pé por um longo tempo, apoiado na bengala, até os bebês com suas cabecinhas redondas descontraídas em bonés de linho acolchoados. De vez em quando havia um recém-chegado; talvez um trabalhador desleixado que, tendo jantado, saía para olhar para a cena incomum com um lento olhar apático, disposto a ouvir o que qualquer um tinha a dizer em explicação disso, porém de forma alguma animado o suficiente para fazer uma pergunta. Mas todos tomaram o cuidado de não se juntarem aos metodistas na praça e serem confundidos com esse público espectador, já que não havia um deles que não teria negado a acusação de ter saído para ouvir a “mulher

pregadora” – apenas haviam saído para ver “o que *tava* acontecendo”. Os homens estavam principalmente reunidos nas redondezas da ferraria. Mas não os imagine juntos em união. Os aldeões nunca pululam: sussurrar é desconhecido entre eles e parecem quase tão incapazes de um tom baixo quanto uma vaca ou um veado. O verdadeiro rural vira as costas para seu interlocutor, jogando uma pergunta por cima do ombro como se quisesse fugir da resposta e caminhar uns passos mais longe quando o interesse do diálogo termina. Assim, o grupo nas proximidades da porta da ferraria não era de forma alguma próximo e não formava nenhum biombo na frente de Chad Cranage, o ferreiro, que estava com os braços sujos e musculosos cruzados, encostado no batente da porta e de vez em quando soltando uma risada retumbante das próprias piadas, dando-lhes uma preferência marcante ao sarcasmo de Wiry Ben, que renunciara aos prazeres da Holly Bush para ver a vida sob uma nova forma. Mas ambos os estilos de sagacidade foram tratados com igual desprezo por Mr. Joshua Rann. O avental de couro de Mr. Rann e a sujidade contida nele não podiam deixar ninguém em dúvida de que ele era o sapateiro da aldeia; a protuberância do queixo e da barriga e o giro dos polegares eram indicadores mais sutis, destinados a preparar estranhos desavisados para a descoberta de que estão na presença do escrivão da paróquia. “Velho Joshway”, como é irreverentemente chamado por seus vizinhos, estava em um estado de indignação fervilhante; mas ainda não abria os lábios, exceto para dizer, em um tom baixo retumbante, como no da afinação de um violoncelo:

— “Siom, rei dos amorreus; porque a sua benignidade dura para sempre; E Ogue, rei de Basã; porque a sua benignidade dura para sempre”.^[12] Uma citação que pode parecer ter pouca influência na presente ocasião, mas, como em todas as outras anomalias, o conhecimento adequado mostrará ser uma sequência natural. Mr. Rann intimamente mantinha a dignidade da Igreja^[13] em face dessa escandalosa irrupção do metodismo, e como essa dignidade estava ligada à sua própria anunciação sonora das respostas, seu argumento naturalmente sugeriu uma citação do salmo que ele lera na última tarde de domingo.

A curiosidade, sendo mais forte nas mulheres, atraía-as até a borda da praça, de onde poderiam examinar mais de perto o traje quacre^[14] e comportamento estranho das mulheres metodistas. Debaixo do bordo havia uma pequena carroça, que foi trazida da oficina de rodas para servir como púlpito, e em volta dela alguns bancos e algumas cadeiras foram colocados. Alguns dos metodistas estavam descansando sobre estes, com os olhos fechados, como se envolvidos em oração ou meditação. Outros escolheram continuar de pé e viraram o rosto para os aldeões com um olhar de compaixão melancólica, o que era muitíssimo divertido para Bessy Cranage, a filha rechonchuda do ferreiro, conhecida por seus vizinhos como a “Bess do Chad”, que se perguntava “por que o povo *tava* fazendo essas *cara*”. A Bess do Chad era alvo de compaixão peculiar, pois seus cabelos, puxados para trás sob uma touca no topo de sua cabeça, expunham a visão de um ornamento do qual ela estava muito mais orgulhosa do que das bochechas vermelhas – isto é, um par de grandes brincos redondos com pedras granadas falsas, ornamentos condenados não apenas pelos metodistas, mas pela própria prima e homônima, “Bess do Timothy”, que, com um sentimento bastante amigável muitas vezes desejava que “os *brinco*” pudessem trazer coisas boas.

Bess do Timothy, embora mantendo seu nome de solteira entre os familiares, era já há muito tempo a esposa de Sandy Jim e possuía um belo conjunto de tesouros matronais, dos quais, deve-se mencionar, o pesado bebê que balançava nos braços e o camaradinho vigoroso de cinco anos em calças de montaria e pernas vermelhas, que tinha uma lata de leite enferrujada em volta do pescoço que fazia de tambor, e foi muito cuidadosamente evitado pelo pequeno *terrier* de Chad. Esse jovem fruto, notório sob o nome de “Ben da Bess do Timothy”, tendo uma natureza inquisidora, incontido por qualquer falsa modéstia, avançara além do grupo de mulheres e crianças e andava ao redor dos metodistas, olhando seus rostos com a boca bem aberta e batendo o graveto contra a lata de leite como acompanhamento musical. Mas, então, uma das idosas se curvou para agarrá-lo pelo ombro, com um ar de grave advertência. Neste momento, o Ben da Bess do Timothy primeiro esperneou com vigor, depois se levantou e procurou refúgio

atrás das pernas do pai.

— Tá espavorido, seu danado — disse Sandy Jim, com certo orgulho paterno —, se *num deixá* esse graveto quieto, vou *arrancá* ele. O que *tá* fazendo chutando o povo?

— Aqui! Traz ele *pra* mim, Jim — disse Chad Cranage —; vou *amarrá* ele e *colocá* ferradura que nem faço com os *cavalo*.

— Bem, mestre Casson — continuou ele, enquanto esse personagem caminhava em direção ao grupo de homens —, como o senhor *tá*? Veio *gemê* também? Dizem que o povo geme quando *tá* ouvindo os *metodista*, como se tivesse o mal por dentro. Eu vou *gemê* mais alto que a sua vaca gemeu outra noite, e então a pregadora vai *achá* que *tô* no caminho certo.

— Eu aconselho a *num fazê* besteira, Chad — disse Mr. Casson, com discrição —; Poyser *num* ia *gostá* de *ouví coumo* a sobrinha da esposa foi tratada de maneira desrespeitosa, por mais que ele *num* goste que ela se meta a *pregá*.

— Sim, e ela tem boa aparência também — disse Wiry Ben. — Defendo que mulher bonita pregue; sei que ia me *convencê* mais rápido do que um homem feio. *Num* ia me *admirá* se virasse metodista antes do fim da noite e começasse a *cortejá* a pregadora, que nem Seth Bede.

— Ora, acho que Seth *tá* mirando muito alto — disse Mr. Casson. — Os *parente* dessa mulher *num* ia *gostá* que ela se rebaixasse a um carpinteiro comum.

— Tchu! — disse Ben, com uma longa entonação aguda —, o que os *parente* têm a ver com isso? Nem um tico. A esposa de Poyser pode *empiná* o nariz e *esquecê* o passado, mas essa Dinah Morris, ouvi *dizê*, é tão pobre quanto se pode *imaginá*, trabalha num moinho e luta *pra* se *sustentá*. Um carpinteiro jovem e sadio que já é metodista, que nem Seth, *num* ia ser marido ruim *pra* ela. Ora, os Poyzers fazem tanto alvoroço com Adam Bede como se ele fosse da família.

— Conversa fiada! Conversa fiada! — disse Mr. Joshua Rann. — Adam e Seth são *diferente*; *cê num* vai *colocá* os dois no mesmo nível.

— Talvez — disse Wiry Ben, com desdém —, mas Seth é o rapaz certo, na minha opinião, mesmo que fosse metodista em dobro. Me dou bem com ele, pois provooco ele desde que a gente começou a

trabalhá junto, e ele nunca levou na maldade, que nem um cordeiro. E também é um camarada corajoso, pois quando a gente viu a velha árvore pegando fogo vindo pelos *campo* uma noite dessas, e a gente achou que era um fantasma, Seth nem se abalou e continuou ousado como um guarda. Ora, lá vem ele saindo da casa de Will Maskery; e lá tá o próprio Will, parece tão manso como se *num* pudesse *batê* num prego por medo de *machucá* ele. E ali vem a linda pregadora! Olha só, ela tirou o gorro. Vou *chegá* um pouco mais perto.



Vários dos homens seguiram a liderança de Ben, e o viajante impeliu seu cavalo à praça, ao passo que Dinah caminhava bastante rápido e à frente de seus companheiros em direção à carroça sob o bordo. Enquanto estava perto da figura alta de Seth, ela parecia baixa, mas quando subiu na carroça e estava longe de qualquer comparação, parecia acima da altura média das mulheres, embora, na realidade, fosse um efeito devido à magreza de sua figura e ao corte simples do vestido preto. O forasteiro ficou surpreso ao vê-la se aproximar e subir na carroça – surpreso, não tanto pela delicadeza feminina de sua aparência, mas pela total ausência de autoconsciência em seu comportamento. Ele calculara vê-la avançar com um passo medido e uma solenidade recatada de semblante; tinha certeza de que seu rosto estaria coberto com o sorriso de santidade consciente, ou então carregado de amargura denunciadora. Ele conhecia apenas dois tipos de metodistas – o extasiado e o bilioso. Mas Dinah andava como se

simplesmente fosse ao mercado e parecia tão inconsciente de sua aparência exterior como um garotinho: não havia rubor, nem tremor, que dissesse: “Eu sei que você me acha uma mulher bonita, muito jovem para pregar”; sem lançar para cima ou para baixo as pálpebras, sem comprimir os lábios, sem postura dos braços que dissesse: “Mas você deve pensar em mim como uma santa.” Ela não segurava nenhum livro em suas mãos sem luvas, mas os deixava ligeiramente atravessados diante dela, enquanto se levantava e direcionava os olhos cinzentos para as pessoas. Não havia agudeza nos olhos; pareciam mais estar derramando amor do que fazendo observações; tinham o aspecto líquido que mostra que a mente está cheia do que ela tem para dar, em vez de impressionada por objetos externos. Estava com a mão esquerda em direção ao sol poente, e ramos frondosos a protegiam de seus raios; mas, sob essa luz sóbria, a cor delicada de seu rosto parecia reunir uma vivacidade calma, como flores à tarde. Era um pequeno rosto oval, de uma brancura uniforme e transparente, com uma linha oviforme de bochecha e queixo, lábios cheios, mas firmes, narinas delicadas e sobrancelhas baixas e perpendiculares, encimadas por um arco ascendente onde se repartiam mechas lisas de cabelos ruivos claros. Os cabelos estavam alinhados atrás das orelhas e cobertos, exceto por três ou quatro centímetros acima da testa, por uma touca quacre. As sobrancelhas, da mesma cor dos cabelos, eram perfeitamente horizontais e firmemente desenhadas; os cílios, embora não mais escuros, eram longos e abundantes – nada fora deixado indistinto ou inacabado. Era um daqueles rostos que fazem pensar em flores brancas com leves toques de cor em suas pétalas puras. Os olhos não tinham beleza peculiar, além da expressão; pareciam tão simples, tão sinceros, tão intensamente amorosos, que nenhuma carranca acusadora, nenhum sorriso de escárnio poderia deixar de desaparecer diante de seu olhar. Joshua Rann deu uma longa tossida, como se estivesse limpando a garganta para chegar a um novo entendimento consigo mesmo; Chad Cranage ergueu o gorro de couro e coçou a cabeça; e Wiry Ben se perguntou como Seth teve coragem de pensar em cortá-la.

“Uma mulher meiga”, disse o forasteiro para si mesmo, “mas

certamente a natureza nunca a quis como pregadora.”

Talvez ele tenha sido um daqueles que pensam que a natureza tem propriedades teatrais e, com a visão atenciosa de facilitar a arte e a psicologia, “inventa” seus personagens, para que não haja engano sobre eles. Então Dinah começou a falar:

— Queridos amigos — disse ela com uma voz clara, mas não alta —, vamos orar por uma bênção.

Fechou os olhos e, abaixando um pouco a cabeça, continuou no mesmo tom moderado, como se estivesse falando com alguém bem perto dela:

— Salvador dos pecadores! Quando uma pobre mulher carregada de pecados foi ao poço retirar água, encontrou-Te sentado sobre ele. Ela não Te conhecia; não Te procurou; sua mente estava obscura; sua vida era profana. Mas Tu lhe falaste, Tu lhe ensinaste, Tu lhe mostraste que sua vida estava aberta diante de Ti, e ainda assim Tu estavas pronto para lhe dar a bênção que ela nunca buscou. Jesus, Tu estás no meio de nós e Tu conheces todos os homens: se há alguém aqui como aquela pobre mulher – se suas mentes estão obscuras, as vidas profanas – se não saíram Te procurando, não desejando ser ensinados; lidam com eles de acordo com a misericórdia espontânea que Tu demonstraste àquela mulher. Fala com eles, Senhor, abram seus ouvidos para a minha mensagem, tragas seus pecados para suas mentes e faça-os ter sede da salvação que Tu estás pronto para dar. Senhor, Tu ainda estás com o Teu povo; eles Te veem nas vigílias noturnas, e seus corações ardem dentro deles quando Tu falas com eles pelo caminho. E Tu estás perto daqueles que não Te conheceram; abre-lhes os olhos para que Te vejam – vejam-Te chorando sobre eles e dizendo: “E não quereis vir a mim para terdes vida”.^[15] Vejo-Te pendurado na cruz e dizendo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.^[16] Vejam-Te como Tu virás novamente em Tua glória para julgá-los no final. Amém.

Dinah abriu os olhos de novo e fez uma pausa, olhando para o grupo de aldeões, que agora estavam reunidos um pouco mais perto à sua direita.

— Queridos amigos — ela recomeçou, levantando um pouco a voz

—, todos vocês já foram à igreja, e creio que devem ter ouvido o clérigo ler estas palavras: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres”.^[17] Jesus Cristo disse essas palavras – ele disse que veio *pregar o Evangelho aos pobres*. Eu não sei se vocês já pensaram muito sobre essas palavras, mas eu lhes direi como me recordo de ouvi-las pela primeira vez. Foi em uma tarde como esta, quando eu era uma garotinha, e minha tia que me criou me levou para ouvir um bom homem pregar ao ar livre, assim como estamos aqui. Lembro-me bem de seu rosto: era um homem muito velho e tinha cabelos brancos muito longos; sua voz era muito suave e bonita, incomparável a qualquer voz que já tivesse ouvido antes. Eu era uma garotinha e mal sabia de nada, e esse senhor me parecia um homem tão diferente de qualquer um que já tivesse visto antes que pensei que ele talvez tivesse descido do céu para pregar para nós e disse: “Tia, ele vai voltar para o céu nesta noite como descrito na Bíblia?” Aquele homem de Deus era Mr. Wesley, que passou a vida fazendo o que nosso bendito Senhor fez – pregando o Evangelho aos pobres – e ele iniciou o seu descanso eterno há oito anos. Descobri mais sobre ele anos depois, mas eu era uma criança tola e estouvada naquela época e lembro-me de apenas uma coisa que ele nos disse em seu sermão. Disse-nos que “Evangelho” significava “boas novas”. O Evangelho, como sabem, é o que a Bíblia nos diz sobre Deus. Pensem nisso agora! Jesus Cristo realmente desceu do paraíso, como eu, uma criança tola, pensei que Mr. Wesley o fizera; e ele o fez para dar as boas novas sobre Deus aos pobres. Ora, vocês e eu, queridos amigos, somos pobres. Fomos criados em casas de campo pobres e alimentados com bolo de aveia, vivemos de modo grosseiro; não frequentamos muito a escola, nem lemos livros e não sabemos muito sobre nada além do que acontece ao nosso redor. Somos justamente o tipo de pessoa que quer ouvir as boas novas. Pois quando alguém está bem, não se importa muito em ouvir notícias de lugares distantes; mas se um homem ou mulher pobre estão com problemas e têm que trabalhar duro para ganhar a vida, gostam de receber uma carta dizendo que têm um amigo que os ajudará. Com certeza, não podemos deixar de conhecer algo sobre Deus, mesmo que nunca tenhamos ouvido o

Evangelho, as boas novas que nosso Salvador nos trouxe. Porque sabemos que tudo vem de Deus: não dizem quase todos os dias: “Isto e aquilo acontecerá, se Deus quiser”? e: “Em breve começaremos a cortar o pasto, se Deus quiser, fará mais sol”? Sabemos muito bem que estamos completamente nas mãos de Deus. Nós não nos trouxemos ao mundo, não podemos nos manter vivos enquanto dormimos; a luz do dia, o vento, os cereais e as vacas para nos dar leite – tudo o que temos vem de Deus. E ele nos deu nossas almas e atribuiu amor entre pais e filhos, marido e mulher. Mas isso é tudo o que queremos saber sobre Deus? Vemos que ele é grande e poderoso e pode fazer o que quiser: estamos perdidos como se estivéssemos lutando em grandes águas quando tentamos pensar nele. Mas talvez dúvidas venham às suas mentes como esta: “Deus consegue se importar conosco, pobres?” Talvez ele só tenha feito o mundo para os importantes, sábios e ricos. Não lhe custa muito nos dar nosso punhado de provisões e roupas; mas como sabemos se ele se preocupa conosco mais do que nos preocupamos com as minhocas e coisas do jardim, assim como cultivamos nossas cenouras e cebolas? Deus cuidará de nós quando morrermos? E ele tem algum conforto para nós quando estamos debilitados, doentes e indefesos? Talvez, também, ele esteja com raiva de nós; caso contrário, por que a praga chega, as más colheitas, a febre e todos os tipos de dor e infortúnio? Pois nossa vida está cheia de infortúnios, e se Deus nos envia o bem, parece enviar o mal também. Como assim? Como assim? Ah, queridos amigos, estamos em triste falta de boas novas de Deus; e o que boas novas significam se não passarmos por isso? Pois tudo o mais chega ao fim, e quando morremos, deixamos tudo. Mas Deus permanece quando todo o resto se vai. O que devemos fazer se ele não for nosso amigo?

Então Dinah contou como as boas novas haviam sido trazidas, e como a mente de Deus para com os pobres havia se manifestado na vida de Jesus, enfatizando sua humildade e seus atos de misericórdia.

— Assim vocês veem, queridos amigos — continuou ela —, Jesus passou seu tempo quase todo fazendo o bem às pessoas pobres; pregou para elas ao ar livre, fez amizade com trabalhadores pobres, ensinou-os e sofreu com eles. Mas fez o bem aos ricos também, já que estava

cheio de amor a todos os homens, no entanto, ele viu como os pobres estavam mais carentes de sua ajuda. Assim curou os debilitados, doentes e cegos, fez milagres para alimentar os famintos porque, disse ele, estava com pena deles; e foi muito gentil com as crianças pequenas, confortou aqueles que haviam perdido seus amigos; e falou com muita ternura aos pobres pecadores que estavam arrependidos de seus pecados. Ah, vocês não amariam esse homem se o vissem – se ele estivesse aqui nesta aldeia? Que coração bondoso ele teria! Que amigo seria se você estivesse com problemas! Como deve ser agradável ser ensinado por ele. Bem, queridos amigos, quem *era* esse homem? Ele era apenas um bom homem – um homem muito bom e nada mais – como nosso querido Mr. Wesley, que foi levado de nós?... Não! Ele era o Filho de Deus – “à imagem do Pai^[18]”, diz a Bíblia; isso significa, assim como Deus, que é o começo e o fim de todas as coisas – o Deus que queremos conhecer. Então, todo o amor que Jesus mostrou aos pobres é o mesmo amor que Deus tem por nós. Podemos entender o que Jesus sentiu, porque ele veio em um corpo como o nosso e falou palavras como falamos uns com os outros. Tínhamos medo de pensar no que Deus era antes – o Deus que fez o mundo, o céu, os trovões e os relâmpagos. Nunca pudemos vê-lo; só podíamos ver as coisas que ele havia feito; e algumas dessas coisas eram muito terríveis, de modo que poderíamos muito bem estremecer quando pensávamos nele. Mas nosso bendito Salvador nos mostrou o que Deus é de uma forma que nós, pobres ignorantes, podemos entender; ele nos mostrou o que é o coração de Deus, quais são seus sentimentos em relação a nós. Mas vejamos um pouco mais sobre o que Jesus veio fazer na terra. Outra vez ele disse: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”.^[19] e outra vez: “Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento”.^[20] Os *perdidos!... Pecadores!* Ah, queridos amigos, isso significa vocês e eu?

Até então, o viajante fora acorrentado ao local contra sua vontade pelo encanto dos tons agudos e suaves de Dinah, que tinham uma variedade de modulação como a de um instrumento fino tocado pela inconsciente habilidade do instinto musical. As coisas simples que ela dizia pareciam novidades, como uma melodia nos atinge com um

novo sentimento quando a ouvimos cantada pela voz pura de um corista juvenil; a calma profundidade de convicção com que ela falava parecia em si uma prova da veracidade de sua mensagem. Ele viu que ela prendera completamente seus ouvintes. Os aldeões se aproximaram dela, e não havia mais nada além de muita atenção em todos os rostos. Ela falava devagar, embora com bastante fluência, muitas vezes parando após uma pergunta ou antes de qualquer transição de ideias. Não houve mudança de postura, nenhum gesto; o efeito de seu discurso foi produzido inteiramente pelas inflexões de sua voz, e quando ela chegou à pergunta:

— Deus cuidará de nós quando morreremos? — proferira-a em um tom de apelo lamentoso que lágrimas apareceram em alguns dos olhos mais áridos dos ouvintes. O forasteiro deixou de duvidar, como fizera à primeira vista, que ela pudesse fixar a atenção dos ouvintes mais rústicos, mas, ainda assim, perguntou-se se ela poderia ter esse poder de despertar as emoções mais violentas, que certamente deve ser uma marca necessária de sua vocação como pregadora metodista, até que ela chegou às palavras:

— Perdidos! Pecadores! — quando houve uma grande mudança em sua voz e conduta. Fez uma longa pausa antes da exclamação, e a pausa parecia ser preenchida por pensamentos agitados que se mostravam em suas feições. O rosto pálido ficou ainda mais branco; as olheiras se aprofundaram, como acontece quando as lágrimas se formam sem escorrer; e os suaves olhos amorosos tomaram uma expressão de piedade chocada, como se de repente ela tivesse percebido um anjo destruidor pairando sobre as cabeças das pessoas. Sua voz ficou profunda e abafada, mas ainda não havia nenhum gesto. Nada poderia ser menos parecido com o tipo comum de *ranter*^[21] do que Dinah. Não estava pregando como ouvia os outros pregarem, mas falava diretamente de suas próprias emoções e sob a inspiração de sua fé simples.

Mas, então, ela entrara em uma nova corrente de sentimento. A conduta se tornou menos calma, os enunciados mais rápidos e agitados, enquanto tentava aproximar as pessoas de suas culpas, suas obstinadas escuridões, seus estados de desobediência a Deus —

enquanto insistia no caráter odioso do pecado, na santidade divina e nos sofrimentos do Salvador, pelos quais se abriu um caminho para a salvação. Por fim, parecia que, em seu desejo ansioso de recuperar a ovelha perdida, não poderia ficar satisfeita ao se dirigir a seus ouvintes como grupo. Apelou primeiro a um e depois a outro, suplicando-lhes com lágrimas que se voltassem a Deus enquanto ainda houvesse tempo; descrevendo-lhes a desolação de suas almas, perdidas no pecado, alimentando-se das cascas deste mundo miserável, longe de Deus seu Pai; e então o amor do Salvador, que esperava e vigiava o retorno deles.

Houve muitos suspiros e gemidos responsivos de seus companheiros metodistas, mas a mente da aldeia não se inflamava facilmente, e uma pequena e vaga ansiedade fumegante que poderia com facilidade se apagar de novo foi o maior efeito que a pregação de Dinah causara neles até o momento. No entanto, ninguém se retirara, exceto as crianças e o “velho pai Taft”, que sendo surdo demais para entender muitas palavras, recolhera-se há algum tempo à sua lareira. Wiry Ben estava se sentindo muito desconfortável e quase desejando não ter vindo ouvir Dinah; pensava que o que ela dissera o assombraria de alguma forma. No entanto, não podia deixar de gostar de olhá-la e ouvi-la, embora temesse a cada momento que pudesse lhe fixar os olhos e se dirigir a ele em particular. Ela já havia se dirigido a Sandy Jim, que agora estava segurando o bebê para aliviar a esposa, e o grande homem de coração mole enxugara algumas lágrimas com o punho, com a intenção confusa de se tornar um sujeito melhor, indo menos à Holly Bush, que ficava próxima à pedreira, e assear-se mais regularmente aos domingos.

Na frente de Sandy Jim estava a Bess do Chad, que apresentara um inusitado silêncio e uma atenção fixada desde que Dinah começara a falar. Não que o tema do discurso a prendera de imediato, já que estava perdida em uma especulação intrigante sobre o prazer e a satisfação que poderia haver na vida de uma jovem que usava uma touca como a de Dinah. Desistindo dessa investigação aflita, começou a examinar o nariz, os olhos, a boca e os cabelos de Dinah, e se perguntava se era melhor ter um rosto tão pálido como aquele, ou

gordas bochechas vermelhas e olhos pretos e redondos como os dela. Mas, gradualmente, a influência da solenidade geral a acometeu, e ela se conscientizou do que Dinah estava dizendo. Os tons suaves, a persuasão amorosa, não a tocaram, mas quando os apelos mais severos chegaram, começou a ficar assustada. Pobre Bessy, sempre foi considerada uma garota travessa; tinha consciência disso; se era necessário ser muito boa, era claro que ela deveria estar em má situação. Não conseguia encontrar seu lugar na igreja como Sally Rann fazia, muitas vezes dava risadinhas quando cumprimentava Mr. Irwine; e essas deficiências religiosas eram acompanhadas por uma correspondente negligência nas virtudes secundárias, já que Bessy pertencia, sem dúvida, àquela classe de personagens femininas preguiçosas e desasseadas com as quais você pode se aventurar como “um cavalo dado do qual não se olha os dentes”. De tudo isso ela, geralmente, tinha consciência e até então não se envergonhava muito. Mas aqui começou a ter a forte impressão de que um guarda estivesse chegando para levá-la à justiça por algum crime indefinido. Tinha uma sensação aterrorizante de que Deus, de quem sempre pensou estar muito longe, estava muito próximo dela, e que Jesus estava perto a olhando, embora não pudesse vê-lo. Pois Dinah tinha essa crença nas manifestações visíveis de Jesus, o que é comum entre os metodistas, e irresistivelmente a comunicou aos seus ouvintes, fazendo-os sentir que ele estava entre eles em corpo e poderia a qualquer momento se revelar de alguma forma que causaria angústia e penitência em seus corações.

— Vejam! — ela exclamou, virando-se para a esquerda, com os olhos fixos em um ponto acima das cabeças das pessoas. — Vejam onde nosso bendito Senhor está chorando e estendendo os braços em sua direção. Ouçam o que ele diz: “Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!”^[22]... e tu não quiseste —, ela repetiu, em um tom de repreensão, voltando os olhos para o povo outra vez. — Vejam as marcas dos pregos em suas queridas mãos e pés. Foram seus pecados que as fizeram! Ah! Como está pálido e abatido! Ele passou por toda aquela grande agonia no jardim, quando sua alma estava

extremamente pesarosa até à morte, e as grandes gotas de suor caíram como sangue no chão. Cuspiram nele e o esbofetearam, açoitaram-no, zombaram dele, colocaram a pesada cruz em seus ombros machucados. Então o pregaram. Ah, que dor! Seus lábios ressecados de sede, e ainda zombavam dele nessa grande agonia; mas ainda com lábios ressecados ele ora por eles: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.^[23] Então, um horror de grandes trevas caiu sobre ele, e sentiu o que os pecadores sentem quando estão para sempre excluídos de Deus. Essa foi a última gota no copo da amargura. “Meu Deus, meu Deus!”, ele grita: “Por que me desamparaste?”^[24] Tudo isso ele suportou por vocês! Por vocês – e nunca pensam nele; por vocês – e viram as costas para ele; não se importam com o que ele passou por vocês. Contudo, não está cansado de labutar por vocês: ressuscitou dos mortos, está orando por vocês à direita de Deus – “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. E também está sobre esta terra; está no meio de nós; está perto de vocês agora; vejo o seu corpo ferido e o seu olhar de amor.

Dinah se virou para Bessy Cranage, cuja bela juventude e evidente vaidade a tocaram com pena.

— Pobre criança! Pobre criança! Ele está lhe implorando, e você não o ouve. Pensa em brincos, vestidos finos e toucas, e nunca pensa no Salvador que morreu para salvar sua preciosa alma. Suas bochechas murcharão um dia, seus cabelos serão grisalhos, seu pobre corpo será fino e cambaleante! Então, começará a sentir que sua alma não está salva; então, terá que estar diante de Deus vestida em seus pecados, em seus maus temperamentos e pensamentos vãos. E Jesus, que está pronto para ajudá-la agora, não a ajudará então; porque não o terá por seu Salvador, ele será o seu juiz. Agora, ele olha para você com amor e misericórdia e diz: “Venha a mim para que possa ter vida”; então se afastará de você e dirá: “Aparta-te de mim para o fogo eterno!”^[25]

Os olhos pretos arregalados da pobre Bessy começaram a se encher de lágrimas, as grandes bochechas vermelhas e lábios se tornaram bastante pálidos, e o rosto estava distorcido como o de uma criança pequena antes de uma explosão de choro.

— Ah, pobre criança cega! — Dinah continuou —, pense se isso deveria acontecer com você, como aconteceu uma vez com uma serva de Deus nos dias de vaidade. *Ela* pensou em suas toucas de renda e economizou todo o seu dinheiro para comprá-las; não pensou de modo algum sobre como poderia obter um coração limpo e um espírito correto – só queria ter rendas melhores do que outras mulheres. E um dia, quando colocou a nova touca e olhou no espelho, viu um rosto sangrando coroadado de espinhos. Aquele rosto está olhando para você agora — aqui Dinah apontou para um ponto próximo à frente de Bessy. — Ah, arranque essas loucuras! Lance-as para longe de você, como se fossem víboras mordazes. Elas *estão* lhe mordendo – estão envenenando sua alma – estão a arrastando para um poço escuro sem fundo, onde afundará para sempre, e para sempre, e para sempre, mais longe da luz e de Deus.

Bessy não podia mais suportar: um grande terror a tomou, e arrancando os brincos das orelhas, jogou-os aos seus pés, soluçando em voz alta. Seu pai, Chad, com medo de que fosse “apanhado” também, pois essa impressão na rebelde Bess lhe pareceu nada menos do que um milagre, afastou-se com pressa e começou a trabalhar em sua bigorna para se tranquilizar. — O povo precisa de ferradura, com sermão ou sem sermão. *Num* vou *pro* inferno por causa disso — murmurou para si mesmo.

Mas, então, Dinah começou a falar das alegrias que estavam reservadas ao penitente e a descrever em sua maneira simples a paz divina e o amor com que a alma do crente é preenchida – como o sentido do amor de Deus transforma a pobreza em riqueza e satisfaz a alma de modo que nenhum desejo inquieto a aflija, nenhum medo a alarma: como, finalmente, a própria tentação de pecar é extinta, e o paraíso é iniciado na terra, porque nenhuma nuvem passa entre a alma e Deus, que é seu sol eterno.

— Queridos amigos — disse ela por fim —, irmãos e irmãs, a quem amo como aqueles pelos quais meu Senhor morreu, acreditem em mim, conheço o que é essa grande bem-aventurança; e porque a conheço, quero que vocês também a tenham. Eu sou pobre, igual a vocês; tenho de fazer meu próprio sustento; mas ninguém pode ser tão

feliz como eu, se não tem o amor de Deus em sua alma. Pensem que devem não odiar nada além do pecado; estar cheio de amor a todas as criaturas; não ter medo de nada; ter certeza de que todas as coisas se tornarão boas; não se importar com a dor, porque é a vontade de nosso Pai; saber que nada – não, nem se a terra fosse queimada, ou as águas viessem e nos afogassem – nada poderia nos separar de Deus que nos ama e que enche nossas almas de paz e alegria, porque temos certeza de que tudo o que ele deseja é santo, justo e bom. Queridos amigos, venham e tomem essa bem-aventurança, que lhes é oferecida; é a boa nova que Jesus veio pregar aos pobres. Não é como as riquezas deste mundo, de modo que quanto mais um recebe, menos o resto pode ter. Deus é infinito; seu amor é infinito...

Sua afluência alcança toda a natureza,

A provisão sempre em continuidade;

Suficiente a todos, a cada criatura,

Suficiente para toda a eternidade.^[26]

Dinah falava há, pelo menos, uma hora, e a luz avermelhada do dia que se despedia parecia dar uma ênfase solene às suas palavras finais. O forasteiro, que estava interessado no andamento do sermão como se fosse o desenvolvimento de um drama – pois há esse tipo de fascínio em toda eloquência sincera e não premeditada, que se abre para o drama interior das emoções do orador – virou então o cavalo de lado e seguiu seu caminho, enquanto Dinah dizia:

— Cantemos um pouco, queridos amigos —, e enquanto ele ainda descia a encosta, as vozes dos metodistas o alcançaram, ascendendo e descendo naquela estranha mistura de exultação e tristeza própria da cadência de um hino.

Capítulo III

Após a Pregação

Em menos de uma hora desde aquele momento, Seth Bede andava ao lado de Dinah pelo caminho da sebe que contornava os pastos e campos verdes de cereais que ficavam entre a aldeia e a fazenda Hall. Dinah tirara seu pequeno gorro quacre de novo e segurava-o nas mãos para que pudesse desfrutar mais livremente do crepúsculo fresco do anoitecer, e Seth podia ver a expressão de seu rosto com bastante clareza enquanto caminhava ao lado dela, elaborando com timidez algo que queria lhe dizer. Era uma expressão de seriedade plácida inconsciente – de absorção em pensamentos que não tinham conexão com o momento presente ou com sua própria pessoa –, uma expressão que é, acima de tudo, desencorajadora para um apaixonado. Sua própria caminhada era desencorajadora, tinha aquela elasticidade silenciosa que não pede apoio. Seth sentiu isso vagamente e pensou: “Ela é boa e santa demais *pra* qualquer homem, ainda mais *pra* mim”, e as palavras que estava convocando recuaram novamente antes de chegarem aos seus lábios. Mas outro pensamento lhe deu coragem: “Nenhum homem poderia a amar mais e a deixar mais livre *pra* seguir a obra do Senhor”. Ficaram em silêncio por muitos minutos então, desde que terminaram de falar sobre Bessy Cranage; Dinah parecia quase ter esquecido a presença de Seth, e seu ritmo estava se tornando tão mais rápido, que a sensação de estarem a apenas alguns minutos de caminhada dos portões do pátio da fazenda Hall finalmente deu a Seth a coragem para falar:

— Já decidi voltar *pra* Snowfield no sábado, Dinah?

— Sim — disse Dinah com calma —, recebi um chamado. Isso me veio à mente enquanto meditava na noite de domingo, pois a irmã Allen, que está debilitada, precisa de mim. Eu a vi tão clara quanto vemos aquele pedaço de fina nuvem branca, levantando a pobre mão magra e acenando para mim. E nesta manhã, quando abri a Bíblia para orientação, as primeiras palavras que meus olhos viram foram: “E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia”.^[27]

Se não fosse por aquela demonstração clara da vontade do Senhor, estaria relutante em ir, já que meu coração anseia por minha tia e seus filhos e por aquela pobre cordeira errante, Hetty Sorrel. Tenho orado muito por ela ultimamente e vejo isso como um símbolo de que pode haver misericórdia reservada a ela.

— Deus conceda — disse Seth. — Pois acredito que o coração de Adam *teja* tão ligado a ela que nunca se volte *pra* mais ninguém; e, ainda assim, não ia gostar que ele se casasse com ela, pois não consigo achar que ela *ia* fazer *ele* feliz. É um grande mistério – a maneira como o coração do homem se volta *pra* uma mulher e se fecha de todo o resto que ele viu no mundo, e fica mais fácil *pra* ele trabalhar sete anos por *ela*, como Jacó fez com Raquel, do que ter outra mulher. Muitas vezes penso nestas palavras: “Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava”.^[28] Sei que essas palavras iam se tornar realidade *pra* mim, Dinah, se assim fosse, *cê* me daria esperança de que eu ia poder te conquistar depois de sete anos. Sei que acha que um marido ia ocupar demais seus pensamentos, porque Paulo diz: “Porém, a casada cuida das coisas do mundo, em como há de agradar ao marido”.^[29] e pode acontecer de me achar exagerado em falar sobre isso de novo, depois de dizer o que pensava no último sábado. Mas tenho pensado nisso de noite e de dia e orei *pra* não ficar cego pelos meus próprios desejos, de pensar que o que é bom *pra* mim deve ser bom *pra* você também. E me parece que existem mais passagens a favor do casamento do que contra. Pois Paulo diz tão claro possível em outra parte: “Quero, pois, que as que são moças se casem, gerem filhos, governem a casa, e não deem ocasião ao adversário de maldizer”.^[30] E, então: “Melhor é serem dois do que um”.^[31] E isso vale tanto *pro* casamento quanto *pra* outras coisas. Pois devemos ser um só coração e uma só mente, Dinah. A gente serve ao mesmo Mestre, *tá* lutando pelas mesmas dádivas; e eu nunca ia ser o tipo de marido que *ia* reclamar de você e interferir na obra que Deus te preparou. Eu ia dar um jeito de cuidar de tudo, *pra* te dar mais liberdade – mais do que *cê* tem agora, já que tem que cuidar de si mesma agora, e sou forte o suficiente *pra* trabalhar por nós dois.

Quando Seth começara assim a insistir em seu pedido, continuou com seriedade e quase apressadamente, para que Dinah não dissesse alguma palavra decisiva antes que despejasse todos os argumentos que preparara. As bochechas dele se ruborizaram quando continuou, seus olhos cinzentos suaves se encheram de lágrimas, e a voz tremeu quando falou a última frase. Eles haviam alcançado uma daquelas passagens muito estreitas entre duas pedras altas, que serviam de saltador^[32] em Loamshire, e Dinah fez uma pausa enquanto se virava para Seth e disse, em suas notas ternas, mas calmas:

— Seth Bede, agradeço o seu amor por mim, e se pudesse pensar em qualquer homem como mais do que um irmão cristão, acho que seria você. Mas meu coração não está livre para se casar. Isso é bom para outras mulheres, e é algo notável e abençoado ser esposa e mãe; mas “E assim cada um ande como Deus lhe repartiu, cada um como o Senhor o chamou”.^[33] Deus me chamou para ministrar aos outros, não para ter minhas próprias alegrias ou pesares, mas para me alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram. Ele me chamou para falar sua palavra e tem grande propriedade sobre meu trabalho. Somente por meio de um sinal muito claro eu poderia deixar os irmãos e irmãs em Snowfield, que são favorecidos com muito pouco do bem deste mundo; onde as árvores são tão poucas, que até uma criança conseguiria contá-las, e a vida é muito difícil para os pobres no inverno. Foi-me concedido ajudar, consolar e fortalecer o pequeno rebanho ali, e chamar muitos errantes; minha alma está cheia dessas coisas desde quando me levanto até quando me deito. Minha vida é muito curta, e o trabalho de Deus é muito grandioso para eu pensar em construir um lar para mim neste mundo. Não fiz ouvidos moucos às suas palavras, Seth, já que quando vi como seu amor me foi dado, pensei que poderia ser uma orientação da Providência para mudar meu modo de vida, e que deveríamos ser cooperadores; e revelei o tema diante do Senhor. Mas sempre que tentava fixar minha mente no casamento e em vivermos juntos, outros pensamentos sempre surgiam – às vezes em que orei pelos enfermos e moribundos, e as horas felizes que estive pregando, quando meu coração estava cheio de amor, e a Palavra me foi dada com abundância. E quando abro a Bíblia para

orientação, sempre me deparo com alguma palavra clara para me dizer onde meu trabalho se encontra. Acredito no que diz, Seth, que você tentaria ser uma ajuda, e não um obstáculo para o meu trabalho; mas vejo que nosso casamento não é a vontade de Deus. Ele atrai meu coração para outro caminho. Desejo viver e morrer sem marido ou filhos. Parece que não tenho espaço em minha alma para desejos e medos próprios, agrado a Deus enchendo meu coração completamente com os desejos e sofrimentos de seu povo.

Seth não conseguiu responder, e caminharam em silêncio. Por fim, como estavam quase no portão do pátio, ele disse:

— Bem, Dinah, devo buscar forças *pra* suportar e ficar firme, como vendo o invisível.^[34] Mas agora sinto como minha fé é fraca. Parece que, quando *cê* se for, nunca mais vou poder me alegrar com nada. Acho que é algo que vai além do amor pelas mulheres, o que sinto por você, já que eu ia me contentar se não casasse comigo se eu pudesse ir morar em Snowfield e ficar perto de você. Confiei que o forte amor que Deus me deu por você fosse uma orientação *pra* nós dois; mas parece que foi apenas *pra* minha provação. Talvez sinta mais por você do que deveria sentir por qualquer criatura, pois muitas vezes não consigo deixar de pensar em você no hino que diz...

Se ela surge em tom sepulcral,
Minha madrugada inicia;
é estrela da manhã vital,
Ela é meu sol que irradia.^[35]

— Talvez seja errado, e devo aprender mais. Mas não ia ficar descontente comigo se as coisas acontecessem de modo que eu pudesse deixar esta região e ir morar em Snowfield?

— Não, Seth; mas aconselho-o a esperar pacientemente e não deixar a própria terra e parentes de modo leviano. Não faça nada sem o comando claro do Senhor. É uma região sombria e estéril lá, não como esta terra de Gósen^[36] a que você está acostumado. Não devemos ter pressa em consertar e escolher nossa própria sina; devemos esperar para sermos guiados.

— Mas ia me deixar escrever uma carta, Dinah, se tivesse algo que eu quisesse te contar?

— Sim, claro; avise-me se estiver com algum problema. Você estará sempre em minhas orações.

Eles agora haviam chegado ao portão do pátio, e Seth disse:

— Não vou entrar, Dinah, então adeus — ele fez uma pausa e hesitou depois que ela lhe deu a mão, então continuou: — Não há como saber, mas talvez veja as coisas diferentes depois *dum* tempo. Talvez haja uma nova orientação.

— Vamos deixar assim, Seth. É bom viver apenas um momento de cada vez, como li em um dos livros de Mr. Wesley. Não cabe a você e a mim traçar planos; não temos nada a fazer senão obedecer e confiar. Adeus.

Dinah apertou a mão dele com uma expressão meio triste em seus olhos amorosos e então passou pelo portão, enquanto Seth se virava para caminhar morosamente para casa. Mas em vez de tomar a estrada direta, escolheu voltar ao longo dos campos pelos quais ele e Dinah já haviam passado; e acho que seu lenço de linho azul estava muito molhado de lágrimas bem antes de ele ter decidido que era hora de encarar com firmeza o caminho para casa. Tinha apenas vinte e três anos e acabara de aprender o que é amar – amar com aquela adoração que um jovem oferece a uma mulher que ele sente ser maior e melhor do que ele. O amor deste tipo dificilmente se distingue do sentimento religioso. Que amor profundo e digno é esse, seja por uma mulher ou criança, seja pela arte ou pela música. Nossas carícias, nossas palavras ternas, nosso êxtase ainda sob a influência do pôr do sol de outono, ou panoramas em pilares, ou estátuas majestosas e calmas, ou sinfonias de Beethoven, todos trazem consigo a consciência de que são meras ondas e sinuosidades em um oceano insondável de amor e beleza; nossa emoção em seu momento mais agudo passa da expressão para o silêncio, nosso amor em seu maior dilúvio ultrapassa seu objeto e se perde no sentido do mistério divino. E esse dom abençoado de amor que venera foi dado a muitos artesãos humildes desde que o mundo começou para termos qualquer surpresa de que ele existiria na alma de um carpinteiro metodista há meio século, enquanto ainda havia um resplendor remanescente do tempo em que Wesley e seu colega de trabalho se alimentaram dos frutos silvestres

das sebes de Cornwall, depois de esgotar as pernas e os pulmões ao levar uma mensagem divina aos pobres.

Esse resplendor há muito desaparecera; e a imagem que estamos aptos a fazer do metodismo em nossa imaginação não é um anfiteatro de colinas verdes, ou a sombra profunda de sicômoros de folhas largas, onde homens rústicos e mulheres de coração cansado bebiam de uma fé que era uma cultura rudimentar, a qual ligavam os pensamentos ao passado, elevavam a imaginação acima dos detalhes sórdidos de suas vidas mesquinhas e inundavam suas almas com o senso de uma Presença piedosa, amorosa e infinita, doce como o verão para os necessitados desabrigados. É muito possível que, para alguns de meus leitores, o metodismo não signifique nada mais do que empenas baixas em ruas sujas, mercearias lustrosas, pregadores sanguessugas e jargão hipócrita – elementos que são considerados uma análise exaustiva do metodismo em muitos distritos da moda.

Isso seria uma pena; pois não posso fingir que Seth e Dinah eram nada mais do que metodistas – não realmente daquele tipo moderno que lê revisões trimestrais e frequenta capelas com pórticos pilados, mas sim de uma espécie muito antiquada. Eles acreditavam em milagres, em conversões instantâneas, em revelações de sonhos e visões; tiravam a sorte e buscavam a orientação divina abrindo a Bíblia ao acaso; tendo uma maneira literal de interpretar as Escrituras, que não é de todo sancionada por comentaristas escolhidos; e é para mim impossível retratar sua articulação como correta, ou sua instrução como liberal. Ainda assim – se li a história religiosa corretamente – fé, esperança e caridade nem sempre foram encontradas em uma proporção direta com uma sensibilidade para as três consonâncias, e é possível – graças aos Céus! – ter teorias muito errôneas e sentimentos muito sublimes. O toucinho cru que a desajeitada Molly priva da sua própria reserva escassa para levar ao filho do vizinho a fim de “cessar os espasmos” pode ser um remédio lamentavelmente ineficaz; mas a generosa agitação de bondade vizinha que motivou a ação tem uma radiação benéfica que não se perde.

Considerando essas coisas, dificilmente podemos pensar em Dinah e

Seth sob nossa empatia, acostumados a chorar pelos pesares mais elevados das heroínas em botas de cetim e crinolina, e dos heróis guiando cavalos impetuosos, guiados eles mesmos por paixões ainda mais impetuosas.

Pobre Seth! Nunca montou um cavalo em sua vida, exceto uma vez, quando era um rapazinho, e Mr. Jonathan Burge o levara na garupa, dizendo-lhe para “segurar firme”; e em vez de irromper em apóstrofes acusadores selvagens a Deus e ao destino, ele está decidindo, agora enquanto caminha para casa sob a solene luz das estrelas, reprimir sua tristeza, ser menos inclinado às suas próprias vontades e viver mais para os outros, como Dinah faz.

Capítulo IV

O Lar e Seus Pesares

Um vale verde com um riacho correndo através dele, cheio e quase transbordando com as chuvas recentes, rodeado por salgueiros baixos. Do outro lado desse riacho uma tábua foi jogada, e sobre essa tábua Adam Bede está passando com seu caminhar confiante, seguido de perto por Gyp com a cesta; evidentemente fazendo o seu caminho para a casa de palha, com uma pilha de madeira ao lado dela, cerca de vinte metros acima da encosta oposta.

A porta da casa está aberta e uma mulher idosa está olhando para fora; mas não está contemplando com placidez o sol poente; tem observado com olhos turvos o ponto que gradualmente crescia que, nos últimos minutos, tinha certeza de que era seu querido filho Adam. Lisbeth Bede ama seu filho com o amor de uma mulher a quem o primogênito chegou tarde na vida. É uma mulher ansiosa, esguia, mas vigorosa, limpa como uma campânula. O cabelo grisalho está puxado com asseio para trás sob uma touca de linho puro com uma faixa preta em torno dela; o peito largo está coberto com um lenço de pescoço bege e, abaixo, vê-se uma espécie de camisola curta feita de linho xadrez azul amarrada em torno da cintura e descendo para os quadris, de onde há uma anágua de flanela *wincey* de comprimento considerável. Pois Lisbeth é alta, e em outros pontos também há uma forte semelhança entre ela e o filho Adam. Os olhos escuros estão um pouco turvos agora – talvez por muito chorar – mas as sobrancelhas amplas e marcadas ainda estão pretas, os dentes estão sólidos e, de pé enquanto tricota rápida e inconscientemente com as mãos endurecidas pelo trabalho, tem uma atitude tão firme quanto quando carrega um balde de água da fonte na cabeça. Há o mesmo tipo de estrutura e a mesma atividade aguçada de temperamento na mãe e no filho, mas não foi dela que Adam herdou as sobrancelhas bem preenchidas e a expressão de inteligência de grande coração.

A semelhança familiar costuma trazer uma profunda tristeza. A

natureza, essa grande dramaturga trágica, une-nos por osso e músculo e nos divide pela teia mais sutil de nossos cérebros; mistura o anseio e a repulsa; e nos liga por nossas cordas do coração a seres que nos abalam a cada movimento. Ouvimos uma voz com a mesma cadência da nossa proferindo os pensamentos que desprezamos; vemos olhos – ah, tão parecidos com os de nossa mãe – desviados de nós em fria alienação; e nosso último filho querido nos assusta com o ar e os gestos da irmã de quem nos separamos com amargura há muitos anos. O pai, a quem devemos nossa melhor herança – o instinto mecânico, a aguda sensibilidade à harmonia, a habilidade inconsciente da mão modeladora –, irrita-nos e envergonha-nos por seus erros cotidianos; a mãe há muito perdida, cujo rosto começamos a ver no espelho à medida que nossas próprias rugas aparecem, uma vez afligiu nossas jovens almas com seus humores ansiosos e sua persistência irracional.

É uma voz de mãe tão ansiosa que se ouve, quando Lisbeth diz:

— Bem, meu rapaz, já passa das sete. *Cê* sempre é o último a *saí* do trabalho. Garanto que *tá* com fome. Onde Seth *tá*? Foi ouvi pregação, imagino?

— Sim, sim, Seth *tá* bem, mãe, pode ter certeza. Mas onde *tá* o pai? — perguntou Adam rapidamente, quando entrou em casa e olhou para o canto esquerdo da sala, que era usado como oficina. — Ele não fez o caixão *pro* Tholer? O material *tá* parado exatamente como eu deixei de manhã.

— Fez o caixão? — disse Lisbeth, seguindo-o e tricotando sem interrupção, embora olhasse para o filho com muita ansiedade. — Hum, meu rapaz, ele foi *pra* Treddleston de manhã e *num* voltou ainda. Deve ter ido na taberna Waggon Overthrown^[37] de novo.

Um profundo rubor de raiva passou rapidamente pelo rosto de Adam. Ele não disse nada, mas tirou a jaqueta e começou a arregaçar as mangas da camisa de novo.

— Que *cê* vai *fazê*, Adam? — disse a mãe, com um tom e um olhar de alarme. — *Num* vai *trabalhá* de novo, sem janta?

Adam, zangado demais para falar, entrou na oficina. Mas a mãe largou o tricô e, correndo atrás dele, segurou-lhe o braço e disse, em tom de protesto lamentoso:

— Não, meu rapaz, meu rapaz, *num* deve *ficá* sem *comê*; tem batata com molho do jeito que *cê* gosta. Guardei *pra* você. Vem *jantá*, vem.

— Deixa *pra* lá! — disse Adam impetuosamente, libertando-se dela e agarrando uma das tábuas que estavam encostadas na parede. — *Tá* certo falar sobre jantar quando aqui tem um caixão que foi prometido que ia *tá* pronto às sete horas amanhã de manhã em Broxton, que já era *pra* ter sido entregue, mas não tem nem um prego martelado ainda? *Tô* cheio demais *pra* engolir qualquer coisa.

— Ora, *cê num* deve *prepará* o caixão — disse Lisbeth —, *num* deve *trabalhá* até a morte. Ia *levá* a noite toda *pra fazê*.

— O que importa quanto tempo eu levo? O caixão não foi prometido? Eles podem enterrar o homem sem um caixão? Prefiro dar um mau jeito na mão direita do que enganar as pessoas com mentira desse jeito. Fico furioso só de imaginar. Vou resolver isso o mais cedo possível. Já aguentei o bastante.

Pobre Lisbeth não ouviu essa ameaça pela primeira vez, e se tivesse sido sábia, teria ido embora em silêncio e não diria nada pela próxima hora. Mas uma das lições que uma mulher mais raramente aprende é nunca falar com um homem zangado ou bêbado. Lisbeth se sentou na bancada de corte e começou a chorar e quando chorou o suficiente para tornar sua voz bem lastimável, irrompeu em palavras:

— Não, meu rapaz, meu rapaz, *cê num* ia embora e *partí* o coração da sua mãe e *deixá* seu pai na ruína. *Num* pode *deixá* que me carreguem *pro* cemitério da igreja e *num* me *acompanhá*. *Num* ia *descansá* no túmulo se *num* te visse no último momento; e como é que vai *ficá* sabendo que *tô* morrendo se for *trabalhá* num lugar longe e Seth também, e seu pai *num conseguí* te *escrevê* por causa da tremedeira e *num sabê* onde *cê tá*? Deve *perdoá* seu pai, *num* deve ser tão amargo com ele. Foi um bom pai antes de *começá* a *bebê*. Ele é um trabalhador esperto e te ensinou o seu ofício, lembra, e nunca me bateu e nem mesmo disse desaforo; não, nem mesmo bêbado. *Num* deve *deixá* ele ir *prum* albergue, seu próprio pai, um homem bem crescido e capaz em tudo, quase como *cê* é agora, vinte e cinco *ano* atrás, quando *cê* era um bebê.

A voz de Lisbeth começou a ficar mais alta e sufocada com soluços

– uma espécie de lamento, o mais irritante de todos os sons quando pesares reais devem ser suportados e trabalho real deve ser feito. Adam rompeu com impaciência:

— Ora essa, mãe, não chore nem fale assim. Já não tenho o bastante com que me irritar sem tudo isso? De que adianta me dizer essas coisas, já que penso demais todos os dias? Se não pensasse nisso, por que ia fazer o que faço *pra* manter tudo em ordem aqui? Mas odeio falar quando não adianta. Gosto de guardar fôlego *pra* fazer coisas em vez de falar.

— Sei que faz as *coisa* como ninguém mais faz, meu rapaz. Mas sempre é tão duro com seu pai, Adam. Nunca se incomoda com Seth; fica brabo se eu acho defeito no rapaz. Mas fica tão zangado com seu pai do que com qualquer outra pessoa.

— Acho que é melhor isso do que falar baixo e deixar as coisas correrem mal, né? Se não fosse duro com ele, ele ia vender tudo do pátio e gastar em bebida. Sei que existe um dever a ser cumprido pelo meu pai, mas não é meu dever encorajar ele a correr sem juízo *pra* ruína. E o que Seth tem a ver com isso? O rapaz não faz mal a ninguém, que eu saiba. Mas me deixe em paz, mãe, e me deixe continuar com o trabalho.

Lisbeth não ousou dizer mais nada; mas se levantou e chamou Gyp, pensando em se consolar um pouco por Adam ter recusado o jantar, que preparara na expectativa amorosa de olhá-lo enquanto comia e alimentar o cachorro de Adam com uma generosidade extra. Mas Gyp estava observando o mestre com a testa franzida e as orelhas erguidas, intrigado com esse rumo incomum das coisas; e, embora olhasse para Lisbeth quando ela o chamou e movesse as patas dianteiras com inquietação, sabendo bem que ela o convidava para comer, estava em um estado de espírito dividido e permaneceu sentado sobre as patas, de novo fixando os olhos ansiosamente em seu mestre. Adam notou o conflito mental de Gyp e, embora sua raiva o tivesse tornado menos afetuoso do que o normal para com sua mãe, isso não o impediu de cuidar tanto quanto de costume de seu cão. Estamos aptos a ser mais gentis com os cães que nos amam do que com as mulheres que nos amam. Seria porque os cães são mudos?

— Vai, Gyp; vai, rapaz! — Adam disse, em um tom de comando encorajador; e Gyp, aparentemente satisfeito de que o dever e o prazer eram um só, seguiu Lisbeth até a sala.

Mas logo que devorou o jantar, voltou para seu mestre, enquanto Lisbeth se sentou sozinha para chorar sobre o tricô. As mulheres que não são amargas e ressentidas costumam ser as mais queixosas; e se Salomão era tão sábio quanto dizem, tenho certeza de que quando comparou uma mulher contenciosa ao gotejar contínuo de água em dia de grande chuva,^[38] ele não tinha uma megera em mente — uma fúria com unhas compridas, acre e egoísta. Certamente se referia a uma boa criatura, que não possuía alegria senão na felicidade dos entes queridos que ela contribuía para incomodar, deixando-lhe todas as guloseimas e não gastando nada consigo mesma. Uma mulher como Lisbeth, por exemplo — ao mesmo tempo paciente e queixosa, abnegada e exigente, meditando o dia inteiro sobre o que acontecera ontem e o que provavelmente acontecerá amanhã e chorando com prontidão tanto pelo bem quanto pelo mal. Mas um certo temor se misturou com seu amor idólatra por Adam, e quando ele disse: “Me deixe em paz”, ela foi silenciada de vez.

Assim as horas se passaram, com o tique-taque alto do velho relógio de corda e o som das ferramentas de Adam. Por fim, ele pediu por uma luminária e um gole de água (cerveja era uma coisa que só se bebia nas folgas), e Lisbeth se arriscou a dizer enquanto os trazia: — Sua janta *tá* pronta, *pra* quando *quisé*.

— *Num* madrugue, mãe — disse Adam, em um tom suave. Ele superara sua raiva agora e sempre que desejava ser especialmente gentil com a mãe, voltava com seu sotaque e dialeto nativo mais fortes, com os quais em outras ocasiões seu discurso era menos colorido. — Vou receber o pai quando ele chegar em casa; talvez ele *num* volte essa noite. Ia ficar mais sossegado se fosse se deitar.

— Não, vou *esperá* que Seth chegue. Acho que *num* vai *demorá* muito agora.

Já passava das nove pelo relógio, que sempre se adiantava, e antes que batesse as dez, o trinco foi levantado, e Seth entrou. Ele ouviu o som das ferramentas enquanto se aproximava.

— Ora, mãe — disse ele —, por que o pai *tá* trabalhando tão tarde?

— *Num* é seu pai que *tá* trabalhando. Ia *sabê* disso muito bem se a cabeça *num* tivesse cheia de pregação. É seu irmão que faz tudo, pois nunca tem ninguém aqui *pra* *fazê* nada.

Lisbeth continuava, pois não tinha medo de Seth e geralmente despejava em seus ouvidos toda a queixa que era reprimida por seu temor a Adam. Seth nunca na vida falara uma palavra ríspida à mãe, e as pessoas queixosas sempre descarregam a rabugice nos mansos. Mas Seth, com um olhar ansioso, entrou na oficina e disse:

— Addy, o que houve? O quê?! O pai esqueceu o caixão?

— Sim, rapaz, a velha história; mas vou conseguir terminar — disse Adam, erguendo os olhos e lançando um de seus brilhantes olhares aguçados para o irmão. — Ora, qual é o seu problema? *Tá* com problemas, eu sei só de olhar.

Os olhos de Seth estavam vermelhos e havia um olhar de profunda depressão em seu rosto suave.

— Sim, Addy, mas é algo que deve ser suportado e não pode ser evitado. Ora, não *teve* na escola, então?

— Escola? Não, isso pode esperar — disse Adam, martelando de novo.

— Deixe que eu termino agora, e vá *pra* cama — disse Seth.

— Não, rapaz, prefiro continuar, agora já *tô* nos arreios. Pode me ajudar a carregar ele *pra* Broxton quando *tiver* pronto. Te chamo quando o sol raiar. Vá jantar e feche a porta *pra* que eu não escute a conversa da mãe.

Seth sabia que Adam sempre dizia o que realmente pretendia e não deveria ser persuadido a fazer qualquer outra coisa. Assim se voltou, com o coração bastante pesado, para a sala.

— Adam nem tocou na comida desde que chegou — disse Lisbeth —, imagino que *cê* jantou com aquele pessoal metodista.

— Não, mãe — disse Seth —, ainda não jantei.

— Vem, então — disse Lisbeth —, mas *num* coma as *batata*, pois pode ser que Adam queira *comê*. Ele adora um bocado de batata com molho. Mas *tá* tão irritado que *num* veio *comê*, apesar de tudo que fiz por ele. Ele *tá* ameaçando ir embora de novo — ela continuou

choramingando —, e tenho certeza que vai embora numa madrugada dessa um pouco antes de eu *acordá* e nem vai *avisá* de antemão e assim nunca mais *voltá*. Era melhor nunca ter tido um filho, que *num* se compara a nenhum outro filho pela esperteza e habilidade, tão bem-visto pelas *pessoa* importante, alto e ereto como um álamo, do que me *separá* dele e *num* ver nunca mais.

— Vamos, mãe, não sofra em vão — disse Seth, com uma voz suave. — Tem tanto motivo *pra* achar que Adam vai embora quanto *pra* achar que ele vai ficar aqui. Ele pode dizer uma coisa dessas quando *tá* com raiva, e às vezes tem desculpa *pra* ficar irado, mas seu coração nunca vai *deixar ele* ir. Pense como ficou do nosso lado quando não foi fácil, usando as economias dele *pra* me dispensar do serviço militar e comprando madeira *pro* pai com o próprio dinheiro, quando podia usar ele de outra forma, e muitos jovens como ele já iam *tá* casados e estabelecidos agora. Não vai deixar o ofício dele e abandonar aqueles por quem trabalhou e *teve* do lado.

— *Num* fale comigo de casamento — disse Lisbeth, chorando de novo. — Ele *tá* apaixonado por aquela Hetty Sorrel, *num* vai *economizá* um centavo e vai *preferí* ela do que a velha mãe. E *pensá* que podia *ficá* com Mary Burge e *virá* sócio, ser um homem importante com gente trabalhando *pra* ele, que nem mestre Burge. Dolly me disse isso um monte de vez; isso se *num* tivesse apaixonado por aquela moçoila, que *num* é mais útil do que uma flor num muro. É tão ajuizado com livro e conta, devia *sabê* disso!

— Mas, mãe, sabe que a gente não pode amar exatamente quem os outros querem. Ninguém além de Deus pode controlar o coração do homem. Eu mesmo poderia desejar que Adam tivesse feito outra escolha, mas não ia reprovar ele pelo que ele não pode evitar. E não tenho certeza se ele tenta superar isso. Mas é uma questão que ele não gosta de falar, e só posso orar ao Senhor *pra* abençoar e o direcionar.

— Sim, *tá* sempre pronto *pra* orar, mas *num* vejo muito o que ganha com a sua oração. *Num* vai *ganhá* o dobro de dinheiro no inverno. Os *metodista* nunca vai te *torná* metade do homem que seu irmão é, pois só *tão* te tornando um pregador.

— Em parte, é verdade o que fala, mãe — disse Seth suavemente.

— Adam *tá* muito acima de mim e fez mais por mim do que jamais ia poder fazer por ele. Deus distribui talentos a cada homem de acordo com o que Ele vê de bom. Mas não se deve menosprezar a oração. A oração pode não trazer dinheiro, mas traz o que nenhum dinheiro pode comprar, um poder *pra* evitar o pecado e se contentar com a vontade de Deus, com o que Ele quiser enviar. Se orasse a Deus *pra* te ajudar e confiasse em Sua bondade, não ia ficar tão preocupada com as coisas.

— Preocupada? Tenho direito de *ficá* preocupada. Dá *pra* ver que *cê* nunca fica preocupado. Desperdiça suas *economia* e nunca fica preocupado e se prepara *prum* dia ruim. Se Adam fosse despreocupado assim, nunca ia ter dinheiro *pra* te *ajudá*. *Num* se inquiete pelo dia de amanhã,^[39] *num* se inquiete, é o que sempre diz; e depois? Ora, então Adam tem que *pensá* por você.

— Essas são as palavras da Bíblia, mãe — disse Seth. — Elas dizem que a gente não deve ficar ocioso. Dizem que a gente não deve ficar ansioso demais e se preocupar com o que vai acontecer amanhã, mas cumprir nosso dever e deixar o resto à vontade de Deus.

— Sim, sim, é assim que *cê* faz. Sempre faz uma sopa com uma pitada das *palavra* da Bíblia. *Num* vejo como *cê* pode *sabê* que “*num* se inquiete pelo dia de amanhã” significa tudo isso. E a Bíblia é um livro tão grande, *cê* pode ter lido tudo e pode *escolhê* os *texto*, *num* consigo *entendê* por que *num* escolhe palavra mais bonita que signifique coisa melhor. Adam *num* escolhe assim; eu consigo *entendê* o texto quando ele sempre diz: “Deus ajuda quem se ajuda”.^[40]

— Não, mãe — disse Seth —, isso não é texto da Bíblia. Isso *tá* num livro que o Adam conseguiu numa tenda em Treddleston. Foi escrito por um homem conhecido, mas duvido que seja sobrenatural. No entanto, esse ditado é parcialmente verdadeiro; pois a Bíblia diz que a gente deve ser obreiro junto de Deus.

— Bem, como vou *sabê*? Parece escritura. Mas qual é o problema, rapaz? Mal tocou na janta. *Num* quer nem um pedaço daquele bolo de aveia? *Tá* branco que nem cera. Qual é o problema?

— Não se preocupe, mãe; não *tô* com fome. Vou dar uma olhada no Adam de novo e ver se ele me deixa terminar o caixão.

— Um teco de caldo quente? — disse Lisbeth, cujo sentimento maternal agora tirou o melhor do hábito de “tagarelar”. — Acendo o fogo num minuto.

— Não, mãe, obrigado; é muito boa — disse Seth, agradecido; e encorajado por esse toque de ternura, continuou: — Me deixe orar um pouco contigo pelo pai, por Adam e por todos nós, isso vai te confortar, mais do que imagina.

— Bem, *num* tenho nada contra isso.

Lisbeth, embora sempre disposta a tomar o lado negativo nas conversas com Seth, tinha uma vaga sensação de que havia algum conforto e segurança no ato de piedade dele, e que de alguma forma a aliviava do problema de quaisquer transações espirituais por sua própria conta.

Assim a mãe e o filho se ajoelharam, e Seth orou pelo pobre pai errante e pelos que estavam pesarosos por ele em casa. E quando chegou à prece de que Adam talvez nunca fosse levado a se mudar para uma terra distante, mas que a mãe pudesse ser contentada e consolada por sua presença todos os dias de sua peregrinação, as lágrimas fáceis de Lisbeth fluíram novamente, e ela chorou em voz alta.

Quando se levantaram, Seth foi até Adam outra vez e disse:

— Vá se deitar por umas horas e *deixa eu* continuar um pouco?

— Não, Seth, não! Faça a mãe ir *pra* cama e vá também.

Enquanto isso, Lisbeth secara os olhos e agora seguia Seth, segurando algo nas mãos. Era a travessa marrom e amarela contendo as batatas assadas com molho e pedaços de carne que cortara e misturara a elas. Eram bons tempos, quando o pão de trigo e a carne fresca eram iguarias para os trabalhadores. Ela colocou o prato timidamente na bancada ao lado de Adam e disse:

— Pode *beliscá* alguma coisa enquanto *num tá* trabalhando. Vou te *trazê* mais um pouco d’água.

— Sim, mãe, sim — disse Adam, gentilmente —; *tô* ficando com muita sede.

Em meia hora tudo estava quieto; nenhum som podia ser ouvido na casa, exceto o tique-taque alto do velho relógio e o toque das

ferramentas de Adam. A noite estava muito quieta. Quando Adam abriu a porta para conferir as doze horas no relógio, o único movimento parecia estar nas estrelas brilhantes e cintilantes; cada folha de grama dormia.



A pressa e o esforço corporal geralmente deixam nossos pensamentos à mercê de nossos sentimentos e imaginação; e foi assim essa noite com Adam. Enquanto seus músculos trabalhavam com vigor, sua mente parecia tão passiva quanto um espectador em um diorama: cenas do triste passado, e, provavelmente, triste futuro, flutuando diante dele e dando lugar uma à outra em rápida sucessão. Viu como seria amanhã de manhã, quando levasse o caixão para Broxton e estivesse de novo em casa, tomando o café da manhã. Seu pai talvez viesse envergonhado ao olhar para o filho – sentaria, parecendo mais velho e mais cambaleante do que na manhã anterior e abaixaria a cabeça, examinando o piso; enquanto Lisbeth lhe perguntaria como ele supunha que o caixão fora feito, do qual se esgueirara e deixara por fazer, pois Lisbeth era sempre a primeira a proferir a palavra de reprovação, contudo, chorasse com a severidade de Adam em relação ao pai. “Assim vai continuar, piorando e piorando”, pensou Adam; “não tem como escorregar ladeira *pra* cima de novo e não tem como ficar parado quando se começa a escorregar *pra* baixo”. E então retornou ao dia quando era um camaradinho e costumava correr ao lado do pai, orgulhoso de ser levado ao trabalho

e mais orgulhoso ainda de ouvir o pai se gabar para seus colegas como “o sujeitinho tinha uma noção incomum de carpintaria”. Que bom camarada ativo seu pai era antes! Quando as pessoas perguntavam a Adam de quem era filho, ele tinha um senso de distinção ao responder: “Sou o filho de Thias Bede”. Tinha certeza de que todos conheciam Thias Bede – ele não fez a maravilhosa casa dos pombos no presbitério de Broxton? Aqueles eram dias felizes, especialmente quando Seth, que era três anos mais novo, começou a sair para trabalhar também, e Adam começou a ser um professor, assim como um aluno. Mas então vieram os dias de tristeza, quando Adam era adolescente, e Thias começou a vadiar nos bares, e Lisbeth começou a chorar em casa e despejar suas queixas aos ouvidos dos filhos. Adam se lembrava bem da noite de vergonha e angústia quando viu pela primeira vez o pai bastante selvagem e tolo, gritando uma canção entre seus companheiros bêbados na Waggon Overthrown. Ele fugira uma vez quando tinha apenas dezoito anos, escapando ao crepúsculo da manhã com um pequeno embrulho azul no ombro e seu “livro de medição” no bolso, dizendo a si mesmo muito decididamente que não poderia mais suportar os vexames de casa – sairia e buscaria sua fortuna, lançando seu bastão nas encruzilhadas e direcionando os passos onde ele incidisse. Mas quando chegou a Stoniton, o pensamento em sua mãe e Seth, abandonados para suportar tudo sem ele, tornou-se muito importuno, e sua resolução fracassou. Ele voltou no dia seguinte, mas a miséria e o terror que a mãe passara naqueles dois dias a assombravam desde então.

“Não!” Adam disse para si mesmo essa noite. “Isso nunca mais deve acontecer. Ia ser ruim quando minhas ações fossem medidas no fim de tudo, se fizesse mal à minha pobre velha mãe. Minhas costas são largas e fortes o bastante; eu não ia ser mais do que um covarde indo embora e deixando os problemas *pra* serem suportados por eles, pois não são tão capazes. ‘Mas aqueles, que são fortes, devem suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a si mesmos’.^[41] Tem passagens que não precisam de nenhuma vela *pra* iluminar; brilham por luz própria. É bastante claro que se entra no caminho errado nesta vida se correr atrás disso ou daquilo apenas *pra* tornar as coisas fáceis e

agradáveis *pra* si mesmo. Um porco pode enfiar o nariz no cocho e não pensar em nada fora dele; mas se você tem o coração e a alma de um homem, não deve ser fácil fazer a própria cama e deixar o resto deitar-se nas pedras. Não, não, nunca vou escorregar meu pescoço *pra* fora do jugo,^[42] e deixar a carga *pra* ser puxada pelos fracos. O pai é uma cruz pesada *pra* mim, e é provável que seja por muitos anos por vir. Então, o quê? Tenho a saúde, os membros e o espírito *pra suportar ela*".

Nesse momento, uma batida rápida, como se com um galho de salgueiro,^[43] foi dada na porta da casa, e Gyp, em vez de latir, como era de se esperar, deu um uivo alto. Adam, muito assustado, foi imediatamente até a porta e a abriu. Não havia nada; tudo estava parado, como quando a abriu uma hora antes; as folhas estavam imóveis, e a luz das estrelas mostrava os campos plácidos em ambos os lados do riacho totalmente vazios de vida visível. Adam andou ao redor da casa e ainda não via nada, exceto um rato que correu para o galpão de lenha enquanto passava. Entrou de novo, pensando; o som era tão peculiar que, no momento em que o ouviu, evocou a imagem do galho de salgueiro batendo na porta. Ele não pôde deixar de estremecer um pouco, pois se lembrava de quantas vezes a mãe lhe dissera que tal som vinha como um sinal quando alguém estava morrendo. Adam não era homem de ser injustificadamente supersticioso, mas havia nele o sangue do camponês tanto quanto o do artesão, e um camponês não consegue evitar de acreditar em uma superstição tradicional, assim como um cavalo não consegue evitar de tremer ao ver um camelo. Além disso, tinha aquela combinação intelectual que é ao mesmo tempo humilde na área do mistério e perspicaz na área do conhecimento: era a profundidade de sua reverência tanto quanto seu senso comum rígido que lhe dava a indisposição à religião doutrinária, e frequentemente verificava o espiritualismo argumentativo de Seth dizendo: "Hum, é um grande mistério; e *cê* sabe pouco sobre isso". E assim aconteceu que Adam estava ao mesmo tempo pungente e crédulo. Se uma construção nova tivesse caído e lhe dissessem que esse era um julgamento divino, diria: "Pode ser; mas o posicionamento do telhado e das paredes não *tava*

certo, senão não ia ter caído”; ainda assim, ele acreditava em sonhos e prognósticos, e até o dia de sua morte, baixava um pouco a respiração quando contava a história do golpe com o galho de salgueiro. Conto-a como ele contou, sem tentar reduzi-la a seus elementos naturais – em nossa ânsia de explicar as impressões, muitas vezes perdemos o controle da empatia que as compreende.

Mas ele tinha o melhor antídoto contra o temor imaginativo na necessidade de continuar o trabalho no caixão, e pelos próximos dez minutos o martelo soou tão ininterruptamente que outros sons, se houvesse algum, poderiam ser subjugados. Sucedeu uma pausa, no entanto, quando ele teve que pegar sua régua, e agora novamente veio a estranha batida, e outra vez Gyp uivou. Adam estava à porta sem perder um momento; mas novamente tudo estava quieto, e a luz das estrelas mostrava que não havia nada além da grama carregada de orvalho na frente da casa de campo.

Adam, por um momento, pensou incomodado no pai; mas, nos últimos anos, ele nunca voltara para casa nas horas escuras de Treddleston, e havia todas as razões para acreditar que estava dormindo de embriaguez na Waggon Overthrown. Além disso, para Adam, a concepção do futuro era tão inseparável da imagem dolorosa do pai, que o medo de qualquer acidente fatal lhe era excluído pelo medo profundamente arraigado de sua degradação contínua. O próximo pensamento que lhe ocorreu foi um que o fez tirar os sapatos e subir levemente as escadas, para ouvir nas portas dos quartos. Mas tanto Seth quanto a mãe estavam respirando regularmente.

Adam desceu e se pôs a trabalhar outra vez, dizendo para si mesmo: “Não vou abrir a porta de novo. Não adianta ficar olhando *pra* encontrar um barulho. Talvez tenha um mundo, mas a gente que não pode ver, mas a orelha é mais rápida que o olho e encontra um barulho de vez em quando. Algumas pessoas pensam que conseguem ver também, mas são principalmente pessoas que têm olhos que não são muito úteis *pra* outra coisa. De minha parte, acho que é melhor ver se seu prumo *tá* certo do que ver um fantasma”.

Pensamentos como esses tendem a ficar cada vez mais fortes à medida que a luz do dia apaga as velas e os pássaros começam a

cantar. No momento em que a luz vermelha do sol brilhou nos pregos de latão que formavam as iniciais na tampa do caixão, qualquer presságio persistente do som do galho de salgueiro foi mesclado em satisfação de ver que o trabalho estava feito e a promessa redimida. Não havia necessidade de chamar Seth, pois ele já se movimentava no andar de cima e logo desceu.

— Então, rapaz — disse Adam, enquanto Seth aparecia —, o caixão tá pronto, e a gente pode levar ele *pra* Broxton e voltar antes das seis e meia. Vou comer um bocado de bolo de aveia e depois vamos embora.

O caixão foi logo apoiado nos ombros altos dos dois irmãos, e estavam em direção ao caminho, seguido de perto por Gyp, do pequeno pátio de madeira para a alameda nos fundos da casa. Era cerca de dois quilômetros e meio até Broxton, pela encosta oposta, e sua estrada serpenteava de modo muito agradável ao longo de alamedas e campos, onde as pálidas madressilvas e rosas-caninas perfumavam as sebes, e os pássaros gorjeavam e trinavam em ramos altos e frondosos de carvalho e olmo. Era uma imagem estranhamente misturada – a juventude fresca da manhã de verão, com sua paz e encanto edênicos, a força robusta dos dois irmãos com suas roupas de trabalho desgastadas e o longo caixão em seus ombros. Pararam pela última vez diante de uma pequena casa de fazenda fora da aldeia de Broxton. Às seis horas, a tarefa estava concluída, o caixão entregue, e Adam e Seth estavam a caminho de casa. Escolheram um caminho mais curto para casa, que os levaria por meio dos campos e do riacho em frente a casa. Adam não mencionou a Seth o que acontecera à noite, mas ele ainda retinha abalo suficiente para dizer:

— Seth, rapaz, se o pai não voltar *pra* casa até a hora que a gente tomar café, acho que é melhor *cê* ir até Treddleston e procurar ele, e pode me arrumar o arame que preciso. Não se preocupe em perder uma hora de trabalho; a gente compensa isso. Que me diz?

— Me disponho, sim — disse Seth. — Mas veja quantas nuvens se acumularam desde que a gente partiu. Acho que vem mais chuva. Vai ser uma dor de cabeça *pra* colheita de feno se os prados inundarem de novo. O riacho tá bonito e cheio agora, mais um dia de chuva e vai cobrir a tábua, e vamos ter que dar a volta pela estrada.

Eles estavam atravessando o vale agora e entraram no pasto pelo qual o riacho corria.

— Ora, o que é aquilo perto do salgueiro? — continuou Seth, começando a andar mais rápido.

O coração de Adam subiu à boca: a vaga ansiedade acerca do pai foi transformada em um grande pavor. Não respondeu a Seth, mas correu à frente precedido por Gyp, que começou a latir inquieto; e em instantes estava na ponte. Então era isso que o presságio significava! E o pai de cabelos grisalhos, de quem ele pensara com certa dureza algumas horas atrás, com a certeza de que viveria para ser uma pedra no seu sapato, talvez estivesse então lutando contra aquela morte aquática! Esse foi o primeiro pensamento que passou pela consciência de Adam, antes que tivesse tempo de agarrar o casaco e arrastar o corpo alto e pesado. Seth já estava ao lado, ajudando-o, e quando eles o tinham na margem, os dois filhos no primeiro momento se ajoelharam e olharam com um assombro mudo para os olhos vítreos, esquecendo que havia necessidade de ação — esquecendo-se de tudo, exceto que seu pai estava morto diante deles. Adam foi o primeiro a falar:

— Vou correr até a mãe — disse ele, em um murmúrio. — Volto *pra cá* num minuto.

A pobre Lisbeth estava ocupada preparando o café da manhã de seus filhos, e o mingau deles já fumegava no fogo. Sua cozinha sempre estava no ápice da limpeza, mas essa manhã estava mais do que de costume empenhada em tornar a lareira e a mesa de café confortáveis e convidativas.

— Os rapazes vão *ficá* com fome — disse ela, em voz alta, enquanto mexia o mingau. — É uma boa caminhada até Broxton, e o vento da colina dá fome, com aquele caixão pesado também. Hum! *Tá* mais pesado agora, com o coitado do Bob Tholer nele. Enquanto isso, fiz um tanto mais de mingau hoje. O pai vai *chegá* um bocado mais tarde. Não que ele coma muito mingau. Toma seus *trocado* de cerveja e economiza no mingau; é assim que cuida do dinheiro, que nem eu já disse muitas *vez* e é capaz que eu diga de novo antes do dia *acabá*. Hum, pobre homem, escuta tudo calado; *num* tem como *negá* isso.

Mas agora Lisbeth ouviu o pesado “baque” de um passo correndo na relva e, virando-se rapidamente em direção à porta, viu Adam entrar, parecendo tão pálido e arrasado, que ela clamou e correu em direção a ele antes que tivesse tempo de falar.

— Silêncio, mãe — disse Adam, bastante rouco —, não se apavore. O pai caiu na água. Talvez a gente possa trazer ele de volta de novo. Seth e eu vamos carregar ele. Pega uma coberta e deixe quente como o fogo.

Na verdade, Adam estava convencido de que o pai estava morto, mas sabia que não havia outra maneira de reprimir o lamento impetuoso do luto da mãe senão a ocupando com alguma tarefa ativa que lhe desse esperança. Ele correu de volta para Seth, e os dois filhos levantaram o triste fardo em um silêncio de corações pesarosos. Os olhos vítreos arregalados eram cinzentos, como os de Seth, que outrora olharam com leve orgulho para os meninos, mas depois, diante dos quais, Thias vivera para baixar a cabeça de vergonha. O sentimento principal de Seth era o assombro e a aflição por esse súbito arrebatamento da alma do pai; mas a mente de Adam voltou ao passado em uma enxurrada de clemência e piedade. Quando a morte, a grande Reconciliadora, chega, nunca é de nossa ternura que nos arrependemos, mas de nossa severidade.

Capítulo V

O Reitor

Antes do meio-dia houve fortes tempestades e a água assentou em sarjetas profundas nas calçadas de cascalho no jardim do presbitério de Broxton; as grandes rosas da Provença foram cruelmente jogadas pelo vento e espancadas pela chuva, e todas as flores de hastes delicadas da orla foram derrubadas e manchadas pelo solo úmido. Uma manhã melancólica – pois estava quase na hora de começar a colheita do feno e, em vez disso, os prados provavelmente estariam inundados.

Mas as pessoas que têm casas agradáveis obtêm prazeres internos em que nunca pensariam se não fosse a chuva. Se não tivesse sido uma manhã chuvosa, Mr. Irwine não teria estado na sala de jantar jogando xadrez com sua mãe, e ele amava tanto a mãe quanto o xadrez o suficiente para passar algumas horas nubladas muito facilmente com o auxílio deles. Deixe-me levar você a essa sala de jantar e lhe mostrar o Rev. Adolphus Irwine, reitor de Broxton, vigário de Hayslope e vigário de Blythe, um pluralista a quem o mais severo reformador da Igreja teria achado difícil olhar atravessado. Entraremos muito suavemente e ficaremos parados à porta aberta, sem acordar a *setter* marrom brilhante que está esticada ao longo da lareira, com os dois filhotes ao lado; ou o *pug*, que está cochilando, com o focinho preto erguido, igual a um presidente sonolento.

A sala é grande e elevada, com uma ampla janela *oriel* gradeada em uma extremidade; as paredes, como pode ver, são novas e ainda não pintadas; mas a mobília, embora originalmente cara, é velha e escassa, e não há cortinas na janela. A toalha carmesim sobre a grande mesa de jantar está muito puída, embora contraste de modo agradável com o tom morto do reboco das paredes; porém, sobre essa toalha há uma enorme bandeja de prata com um decantador de água, do mesmo padrão dos dois maiores que estão apoiados no aparador com um notável brasão ao centro. Você suspeitaria imediatamente que os

habitantes desta sala herdaram mais sangue do que riqueza, e não se surpreenderia ao descobrir que Mr. Irwine tinha narinas e lábio superior finamente lapidados; mas no momento só podemos ver que ele tem as costas largas e achatadas e uma abundância de cabelos empoados, todos jogados para trás e amarrados com uma fita preta – um pouco de conservantismo no traje, que lhe diz que ele não é um jovem. Ele talvez se vire eventualmente e, enquanto isso, podemos olhar para aquela senhora imponente, sua mãe, uma linda morena já de idade, cuja pele de tons ricos é bem destacada pelos complexos invólucros de cambraia branca pura e rendas em torno de sua cabeça e pescoço. Ela é tão ereta em sua graciosa corpulência quanto uma estátua de Ceres;^[44] e o rosto escuro, de nariz aquilino delicado, boca firme e altiva, e olhos pretos intensos e pequenos, tão aguçados e sarcásticos em sua expressão, que você instintivamente substitui as peças de xadrez por cartas de baralho e a imagina lhe dizendo o futuro. A pequena mão morena com a qual ela está levantando sua dama está carregada de pérolas, diamantes e turquesas; e um grande véu preto está cuidadosamente ajustado sobre a coroa de sua touca e cai em nítido contraste nas dobras brancas ao redor do pescoço. Deve levar muito tempo para vestir aquela senhora de manhã! Mas parece uma lei da natureza que ela esteja vestida assim: é claramente uma daquelas filhas da realeza, que nunca duvidaram de seu direito divino e nunca encontraram alguém tão insensato a ponto de questioná-lo.

— Pronto, delfim,^[45] diga-me o que é isso! — diz essa senhora magnífica, enquanto deposita sua dama com muita calma e cruza os braços. — Eu deveria me desculpar por proferir uma palavra desagradável aos seus sentimentos.

— Ah, sua bruxa mãe, sua feiticeira! Como pode um homem cristão ganhar um jogo contra você? Eu deveria ter respingado o tabuleiro com água benta antes de começarmos. Não ganhou esse jogo por meios justos, ora essa, então não finja.

— Sim, sim, é o que os derrotados sempre disseram dos grandes conquistadores. Mas veja, há a luz do sol caindo sobre o tabuleiro, para lhe mostrar mais claramente que movimento tolo fez com aquele peão. Vamos lá, devo lhe dar outra chance?

— Não, mãe, vou deixá-la com sua própria consciência, agora o tempo está melhorando. Devemos ir e chapinhar um pouco na lama, não é, Juno? — isso foi direcionado à *setter* marrom, que saltara ao som das vozes e colocou o focinho de modo insinuante na perna do mestre. — Mas devo subir primeiro e ver Anne. Fui chamado para o funeral de Tholer quando eu estava indo antes.

— Não adianta, criança; ela não pode falar com você. Kate disse que ela está com uma das suas piores dores de cabeça nesta manhã.

— Oh, ela gosta que eu vá vê-la assim mesmo; nunca está doente demais para se importar com isso.

Se sabe o quanto do discurso humano é mero impulso ou hábito sem propósito, não se perguntará quando eu disser que essa objeção idêntica tem sido feita e recebera o mesmo tipo de resposta, muitas centenas de vezes ao longo dos quinze anos em que a irmã de Mr. Irwine, Anne, tem sido uma enferma. Senhoras esplêndidas, que demoram muito para se vestir de manhã, muitas vezes têm pouca empatia por filhas doentes.

Mas enquanto Mr. Irwine ainda estava sentado, recostando-se na cadeira e acariciando a cabeça de Juno, o criado veio até a porta e disse:

— Por favor, senhor, Joshua Rann deseja falar-lhe, se estiver disponível.

— Deixe-o entrar — disse Mrs. Irwine, pegando seu tricô. — Eu sempre gosto de ouvir o que Mr. Rann tem a dizer. Mas seus sapatos estarão sujos e garanta que ele os limpe, Carroll.

Em dois minutos Mr. Rann apareceu à porta com medidas muito respeitadas, que, no entanto, estavam longe de cativar o Pug,^[46] que deu um forte latido e correu pela sala para reconhecer as pernas do forasteiro; enquanto os dois filhotes, olhando para a panturrilha proeminente de Mr. Rann e as meias de lã com nervuras de um ponto de vista mais sensível, rosnaram e se lançaram sobre elas com grande prazer. Entrementes, Mr. Irwine virou a cadeira e disse:

— Bem, Joshua, algum problema em Hayslope, que o fez vir nesta manhã úmida? Sente-se, sente-se. Esqueça os cães; dê-lhes um chute amigável. Aqui, Pug, seu malandro!

É muito agradável ver alguns homens se moverem; agradável como uma súbita onda de ar quente no inverno, ou o lampejo de luz de fogo no crepúsculo. Mr. Irwine era um desses homens. Ele tinha o mesmo tipo de semelhança com a mãe, que nossa lembrança amorosa do rosto de um amigo costuma ter do rosto em si: as linhas eram todas mais generosas, o sorriso mais brilhante, a expressão mais calorosa. Se o perfil tivesse sido lapidado menos finamente, seu rosto poderia ter sido chamado de alegre; mas essa não era a palavra certa para sua mistura de cordialidade e distinção.

— Agradeço Vossa Reverendíssima — respondeu Mr. Rann, esforçando-se para parecer despreocupado com suas pernas, mas sacudindo-as alternadamente para afastar os filhotes. — Vou *ficá* de pé, por favor, é mais apropriado. Espero que o senhor e Mrs. Irwine *tenham* bem, e Miss Irwine — e Miss Anne, espero que *teja* tão bem quanto de costume.

— Sim, Joshua, obrigado. Veja como minha mãe está viçosa. Ela dá uma surra em nós que somos mais jovens. Mas qual é o problema?

— Ora, senhor, tinha que vir *pra* Broxton *pra entregá* um trabalho e pensei que ia ser o certo *chamá* o senhor e *contá* dos *acontecimento* da aldeia, coisa que *num* vi nem na minha época, e cresci e vivi lá por sessenta *ano*, coletei os *tributo* na Páscoa *pra* Mr. Blick antes de Vossa Reverendíssima *chegá* na paróquia, toquei os *sino*, cavei as *cova* e cantei no coro muito antes de Bartle Massey *chegá* de sabe lá onde, com seu canto e hino refinado, que todo mundo se perde menos ele — um em seguida do outro que nem ovelha balindo no redil. Sei o que significa ser um escrivão, e sei que ia *faltá* com respeito à Vossa Reverendíssima, à igreja e ao rei, se eu permitisse tais *atividade* continuassem sem *contá*. Fui pego de surpresa, *num* sabia de nada disso antes e fiquei tão perturbado e sem *sabê* o que *fazê* como se tivesse perdido minhas *ferramenta*. *Num* dormi nem quatro *hora* essa noite; e só tive pesadelo, que me deixou mais cansado do que se *tivesse* acordado.

— Ora, que diabos é o problema, Joshua? Os ladrões roubaram a igreja de novo?

— Ladrão?! Não, senhor, e mesmo assim, posso *dizê* que *são* ladrão,

e tão roubando da igreja também. São os *metodista*, que pode ser que vão *tirá* vantagem da paróquia se Vossa Reverendíssima e Sua Senhoria, fidalgo Donnithorne, *num pensá* bem em *tomá* a palavra e *proibí* eles. *Num* é como se eu *tivesse* mandando o que *fazê*, senhor, *num* me acho mais sábio que os *meu superior*. No entanto, se sou sábio ou não, isso *num* vem ao caso, mas o que eu tenho a *dizê*, eu digo – e a jovem metodista que *tá* na casa de mestre Poyser *tava* pregando e orando na praça ontem de noite, tão certo quanto *tô* aqui na frente de Vossa Reverendíssima agora.

— Pregando na praça?! — disse Mr. Irwine, parecendo surpreso, mas bastante sereno. — O quê?! Aquela jovem bonita e pálida que vi na casa dos Poysers? Vi que ela era metodista, ou quacre, ou algo assim, pelo vestido, mas não sabia que era uma pregadora.

— Palavra verídica que digo — replicou Mr. Rann, comprimindo a boca em uma forma semicircular e pausando tempo suficiente para indicar três pontos de exclamação. — Ela pregou na praça ontem de noite; apanhou a Bess do Chad, já que a menina combina bem com o pecado.

— Bem, Bessy Cranage é uma moça de aparência saudável; suponho que superará, Joshua. Mais alguém foi alvo de ataques?

— Não, senhor, *num* posso *afirmá* isso. Mas *num* tem como *sabê* o que vai *acontecê* se a gente *tivé* pregador toda a semana – *num* vai ter sossego na aldeia. Pois os *metodista* faz o povo *acreditá* que, se *tomá* uma caneca a mais de bebida e se *sentí* um pouco à vontade, vão *pro* inferno tão certo quanto nasceu. Eu *num* sou um homem que bebe nem um beberão – ninguém pode *dizê* isso de mim – mas eu gosto duma dose extra na Páscoa ou na época do Natal, como é normal quando a gente *tá* cantando e te oferecem de graça; ou quando *tô* coletando os *tributo*; e gosto de *tomá* uma cerveja fumando meu cachimbo e duma conversa de vizinho na casa de mestre Casson de vez em quando, pois fui criado na Igreja, graças a Deus, e tenho sido escrivão paroquial nesses trinta e dois *ano*: eu devo *sabê* qual é a religião da igreja.

— Bem, qual é o seu conselho, Joshua? O que acha que deve ser feito?

— Bem, Vossa Reverendíssima, *num* sou a favor de *tomá* nenhuma medida contra a jovem. *Tá* de bom tamanho *deixá* ela pregando em paz; e ouvi *dizê* que *tá pra voltá pra* terra dela logo. Ela é sobrinha de Mr. Poyser, e *num* quero *dizê* nada desrespeitoso *pra* família dele na fazenda Hall, pois fiz sapato *pra* toda a família desde que sou sapateiro. Mas tem aquele Will Maskery, senhor, que é o metodista mais barulhento que tem, e *num* tenho dúvida de que foi ele que incitou a jovem a *pregá* ontem de noite e vai *trazê* outras *pessoa pra pregá* de Treddleston, se *num* cortarem as *asinha* dele; e acho que devia ser avisado que desse jeito ele *num* vai mais *fazê* ou *consertá* as *carroça* da igreja e tal, muito menos vai *ficá* na casa e no pátio do fidalgo Donnithorne.

— Bem, mas você mesmo disse, Joshua, que nunca soube de alguém que viesse pregar na praça antes; por que acha que eles voltarão? Os metodistas não pregam em pequenas aldeias como Hayslope, onde há apenas um punhado de trabalhadores, cansados demais para ouvi-los. Eles podem muito bem ir pregar nas colinas Binton. Will Maskery não é um pregador, eu acho.

— Não, senhor, ele *num* tem o dom de *juntá* as *palavra* sem um livro; ele ia *ficá* atolado que nem vaca na lama. Mas tem bastante língua *pra falá* com desrespeito dos *vizinho*, pois disse que eu era um fariseu cego – usando a Bíblia desse jeito *pra encontrá* apelido *pro* pessoal mais velho e superior! E o que é pior, ouviram ele *dizê* coisa bem indecorosa de Vossa Reverendíssima, pois podia *trazê* gente *pra jurá* que ele te chamou de “cão mudo”^[47] e “pastor inútil”.^[48] Me perdoe por *repetí* essas *coisa*.

— É melhor não, é melhor não, Joshua. Deixe as palavras más morrerem assim que forem ditas. Will Maskery poderia ser um camarada muito pior do que é. Costumava ser um malandro bêbado selvagem, negligenciando o trabalho e batendo na esposa, disseram-me; agora é próspero e decente, e ele e sua esposa parecem à vontade juntos. Se puder me trazer alguma prova de que ele se intromete com seus vizinhos e cria alguma perturbação, acho que é meu dever como clérigo e magistrado interferir. Mas não seria bom para pessoas sábias como você e eu criar alvoroço por ninharias, como se achássemos que

a Igreja estivesse em perigo porque Will Maskery deixa a língua abanar um tanto tolamente, ou uma jovem mulher fala de uma maneira séria para um punhado de pessoas na praça. Devemos “viver e deixar viver”, Joshua, tanto na religião quanto em outras coisas. Continue cumprindo seu dever, como escrivão e sacristão, como sempre o fez, e fabricando aquelas ótimas botas grossas para seus vizinhos, e as coisas não vão dar muito errado em Hayslope, com certeza.

— Vossa Reverendíssima *tá* muito certo em *dizê* isso; e tenho noção de que, pelo senhor *num* *vivê* na paróquia, carregou mais coisa nas costas.

— Com certeza; e deve-se vigiar e não rebaixar a Igreja aos olhos das pessoas parecendo estar assustado por uma coisinha, Joshua. Confiarei no seu bom senso, agora para não tomar nota do que Will Maskery diz, seja sobre você ou sobre mim. Você e seus vizinhos podem continuar tomando suas canecas de cerveja com moderação, depois de terem feito o trabalho do dia, como bons sacerdotes; e se Will Maskery não quer se juntar a vocês e prefere ir a uma reunião de oração em Treddleston, deixe-o; isso não é da sua conta, contanto que ele não o impeça de fazer o que você gosta. E quanto às pessoas que dizem algumas palavras vãs sobre nós, não devemos nos importar com tal coisa, não mais do que o velho campanário da igreja se importa com as gralhas grasnando a respeito. Will Maskery vem à igreja todos os domingos à tarde e faz seus negócios de carpinteiro regularmente nos dias da semana, e enquanto o fizer, deve ser deixado em paz.

— Ah, senhor, mas quando ele vem na igreja, *senta*, balança a cabeça e parece tão azedo e convencido quando a gente *tá* cantando, como *ia* *gostá* de dar uma bordoadada no papo dele – Deus me perdoe – e Mrs. Irwine e Vossa Reverendíssima também, por *falá* isso na sua frente. E ele disse que a nossa cantoria de Natal *num* era melhor que o *crepitá* dos *espinho* debaixo da panela.^[49]

— Bem, ele tem ouvido ruim para a música, Joshua. Quando as pessoas são cabeças-duras, sabe, não dá para evitar. Ele não convencerá as pessoas de Hayslope de sua opinião, enquanto você continuar cantando tão bem quanto canta.

— Sim, senhor, mas revira o estômago *ouvi* as Escrituras *mal-empregada* assim. Conheço tanto as *palavra* da Bíblia quanto ele e podia *recitá* os Salmos durante o sono se levasse um beliscão; mas sei bem que *num* devo me *apropriá* delas *pra dizê* o que eu acho. Ia ser o mesmo que *levá* o cálice do sacramento *pra casa e usá* nas *refeição*.

— Essa é uma observação muito sensata, Joshua; mas, como eu disse antes...

Enquanto Mr. Irwine falava, o som de botas e o tilintar de esporas foram ouvidos no piso de pedra do vestíbulo, e Joshua Rann se afastou apressadamente da entrada para dar espaço a alguém que parou ali, e disse, com uma voz de tenor ressonante:

— Seu afilhado, Arthur – poderia entrar?

— Entre, entre, afilhado! — Mrs. Irwine respondeu, em um tom profundo meio masculino pertencente à vigorosa senhora, e ali entrou um jovem cavalheiro em roupa de montaria, com o braço direito na tipoia; então se seguiu aquela agradável confusão de interjeições risonhas, apertos de mãos e cumprimentos misturados com latidos curtos e alegres e abanar de caudas por parte dos membros caninos da família, o que dizia que o visitante estava nos melhores termos com o visitado. O jovem cavalheiro era Arthur Donnithorne, conhecido em Hayslope, de várias maneiras, como “o jovem fidalgo”, “o herdeiro” e “o capitão”. Ele era apenas um capitão da milícia de Loamshire, mas para os inquilinos de Hayslope, era mais capitão do que todos os jovens cavalheiros de mesmo posto no exército de Sua Majestade – sobressaía-se entre eles como o planeta Júpiter se sobressai na Via Láctea. Se quiser saber mais detalhadamente como ele era, lembre-se de algum jovem inglês de bigodes acobreados, cabelos castanhos e pele clara que você conheceu em uma cidade estrangeira e do qual se orgulhava como compatriota – asseado, bem-educado, de mãos brancas, ainda assim parecendo que poderia dar um bom golpe com o punho esquerdo e derrubar o adversário: não serei tão alfaiate a ponto de perturbar sua imaginação com a distinção de trajes e insistir no colete listrado, no casaco de cauda longa e nas botas de cano baixo.

Virando-se para pegar uma cadeira, o capitão Donnithorne disse:

— Mas não me deixe interromper os negócios de Joshua – ele tem

algo a dizer.

— Humildemente peço desculpa à Vossa Senhoria — disse Joshua, fazendo uma grande mesura —, tinha uma coisa que tinha que *dizê* à Sua Reverendíssima, porque as *outra* sumiu da minha cabeça.

— Diga, Joshua, rápido — disse Mr. Irwine.

— Talvez, senhor, *num* tenha ficado sabendo que Thias Bede morreu afogado essa manhã, ou provavelmente de noite, no riacho Willow, embaixo da ponte bem na frente de casa.

— Ah! — exclamaram os dois cavalheiros ao mesmo tempo, como se estivessem muito interessados na informação.

— E Seth Bede veio me *procurá* essa manhã *pra dizê* que queria que eu dissesse à Vossa Reverendíssima que o irmão Adam implora especialmente ao senhor *pra deixá* que a sepultura do pai seja cavada debaixo do espinheiro branco, porque a mãe insistiu nisso, por causa *dum* sonho que teve; e que iam vir eles *mesmo pedí pro* senhor, mas eles têm muito que *resolvê* com o legista, e que a mãe quis assim *pra podê garanti* o lugar com medo que alguém pegue. Se Vossa Reverendíssima *aceitá*, envio meu menino *pra avisá* eles assim que *chegá* em casa; é por isso que ousou *incomodá*, na presença de Sua Senhoria.

— Com certeza, Joshua, com certeza, eles a terão. Eu mesmo irei até Adam para vê-lo. Envie seu menino, no entanto, para dizer que eles terão a sepultura, caso algo aconteça e me detenha. E agora, bom dia, Joshua; vá para a cozinha e tome um pouco de cerveja.

— Pobre velho Thias! — disse Mr. Irwine, quando Joshua se foi. — Receio que a bebida tenha ajudado o riacho a afogá-lo. Eu deveria estar feliz por essa carga ter sido retirada dos ombros de meu amigo Adam de uma maneira menos dolorosa. Esse bom camarada tem afastado o pai da ruína nos últimos cinco ou seis anos.

— Ele é um completo trunfo, esse Adam — disse o capitão Donnithorne. — Quando eu era um camaradinho, e Adam era um rapaz robusto de quinze anos e me ensinava carpintaria, costumava pensar que se alguma vez eu fosse um sultão rico, faria de Adam meu grão-vizir. E acredito que agora ele arcaria com a exaltação, assim como qualquer homem sábio e pobre em uma história oriental. Se eu

viver o suficiente para ser um homem de grande porte em vez de um pobre diabo com uma mesada lamentável, terei Adam como meu braço direito. Ele administrará minhas florestas para mim, já que parece ter uma noção melhor dessas coisas do que qualquer homem que já conheci; e sei que ele faria o dobro do dinheiro que meu avô faz, com aquele velho miserável Satchell administrando, que não entende mais de madeira do que uma velha carpa. Mencionei o assunto ao meu avô uma ou duas vezes, mas por alguma razão ele não gosta de Adam, e *eu* não posso fazer nada. Mas venha, Vossa Reverendíssima, quer dar uma volta comigo? Está esplêndido lá fora agora. Podemos ir à casa de Adam juntos, se quiser; mas quero passar na fazenda Hall no caminho, para ver os filhotes que Poyser está reservando para mim.

— Deve ficar e almoçar primeiro, Arthur — disse Mrs. Irwine. — São quase duas horas. Carroll o servirá imediatamente.

— Eu também quero ir à fazenda Hall — disse Mr. Irwine —, para dar mais uma olhada na pequena metodista que está hospedada lá. Joshua me disse que ela estava pregando na praça ontem à noite.

— Oh, por Júpiter! — disse o capitão Donnithorne, rindo. — Ora, parece tão quieta quanto um camundongo. Há algo bastante impressionante nela, no entanto. Positivamente me senti bastante acanhado na primeira vez que a vi; estava sentada curvada sobre a costura ao sol do lado de fora da casa, quando subi e gritei, sem perceber que ela era uma estranha: “Martin Poyser está em casa?” Ela se levantou e olhou para mim e apenas disse: “Ele está em casa, creio eu, vou chamá-lo”, eu me senti bastante envergonhado de ter falado tão abrupto com ela. Parecia Santa Catarina em um vestido quacre. É um tipo de rosto que raramente se vê entre as pessoas comuns.

— Gostaria de ver a jovem, delfim — disse Mrs. Irwine. — Faça-a vir aqui com algum pretexto.

— Não sei como posso fazer isso, mãe; dificilmente vou favorecer um pregador metodista, mesmo que ela concorde em ser favorecida por um pastor inútil, como Will Maskery me chama. Deveria ter vindo um pouco mais cedo, Arthur, para ouvir a denúncia de Joshua contra o vizinho Will Maskery. O velho camarada quer que eu excomungue o

fabricante de rodas e depois o entregue à força civil, ou seja, ao seu avô, para ser expulso da casa e do pátio. Se eu escolhesse interferir neste negócio, ora essa, poderia me arrumar uma bela história de ódio e perseguição bem como os metodistas desejariam publicar no próximo número de sua revista. Não precisaria de muito trabalho para persuadir Chad Cranage e meia dúzia de outros cabeças-duras de que estariam fazendo um serviço satisfatório à Igreja caçando e expulsando Will Maskery da aldeia com chicotes e forcados; e então, quando lhes tivesse fornecido meio soberano para ficarem gloriosamente bêbados após seus esforços, eu culminaria em uma farsa tão bela quanto a qualquer uma que meus irmãos do clero realizaram em suas paróquias nos últimos trinta anos.

— É realmente insolente da parte de alguém, no entanto, chamá-lo de “pastor inútil” e de “cão mudo” —, disse Mrs. Irwine. — Eu me daria a ir lá verificá-lo um pouco. Você é muito brando, delfim.

— Ora, mãe, não pode achar que seria uma boa maneira de sustentar minha dignidade começar a me defender das calúnias de Will Maskery? Além disso, não tenho tanta certeza de que *são* calúnias. Eu *sou* um camarada preguiçoso e cavalgo mal; sem mencionar que estou sempre gastando mais do que posso pagar em tijolos e argamassa, e assim fico irado quando um mendigo coxo me pede uma moeda. Aqueles pobres sapateiros magros, que pensam que podem ajudar a regenerar a humanidade partindo para pregar no crepúsculo da manhã antes de começarem seu dia de trabalho, podem muito bem ter uma opinião ruim sobre mim. Mas venha, vamos almoçar. Kate não vem almoçar?

— Miss Irwine disse a Bridget *pra* levar seu almoço lá *pra* cima — disse Carroll —; ela não pode deixar Miss Anne.

— Ah, muito bem. Peça a Bridget para dizer que subirei e verei Miss Anne em breve. Você está conseguindo usar seu braço direito muito bem agora, Arthur — continuou Mr. Irwine, observando que o capitão Donnithorne tirara o braço da tipoia.

— Sim, muito bem; mas Godwin insiste que eu o mantenha sempre elevado por algum tempo. Espero poder ir ao regimento no início de agosto. É desesperadamente tedioso ficar trancado na reserva de caça

nos meses de verão, quando não se pode caçar nem atirar, de modo a ter uma agradável sonolência à noite. No entanto, devemos surpreender a todos no dia 30 de julho. Meu avô me deu carta branca desta vez, e prometo que o entretenimento será digno da ocasião. O mundo não verá duas vezes a grande época da minha maioridade. Acho que terei um trono sublime para a senhora, madrinha, ou melhor, dois, um no gramado e outro no salão de baile, para que possa se sentar e olhar para nós como uma deusa olímpica.

— Quero exhibir meu melhor brocado, o que usei no seu batizado há vinte anos — disse Mrs. Irwine. — Ah, acho que verei sua pobre mãe esvoaçante em seu vestido branco, que me parecia quase como uma mortalha naquele dia; e *foi* a mortalha dela apenas três meses depois; sua touquinha e vestes de batizado também foram enterrados com ela. Tinha insistido nisso, doce alma! Graças a Deus você puxou a família de sua mãe, Arthur. Se tivesse sido um bebê franzino, magro e amarelo, não teria sido sua madrinha. Teria tido certeza de que se tornaria um Donnithorne. Mas você era um malandro de rosto largo, peito largo e berrador, sabia que era em cada centímetro um Tradgett.

— Mas pode ter sido um pouco precipitada demais, mãe — disse Mr. Irwine, sorrindo. — Não se lembra de como foi com os últimos filhotes de Juno? Um deles era a própria imagem da mãe, mas tinha duas ou três das artimanhas do pai, entretanto. A natureza é inteligente o suficiente para até mesmo a enganar, mãe.

— Bobagem, criança! A natureza nunca faz um furão na forma de um mastim. Nunca vai me convencer que não posso supor o que um homem é por meio de seu aspecto. Se eu não gostar da aparência de um homem, com certeza, nunca gostarei *dele*. Não quero conhecer pessoas que parecem feias e desagradáveis, assim como não quero provar pratos que parecem desagradáveis. Se eles me fizerem estremecer à primeira vista, eu digo, leve-os embora. Um olho feio, de porco ou de peixe, ora essa, faz-me sentir muito mal; é como um cheiro ruim.

— Falando em olhos — disse o capitão Donnithorne —, isso me lembra de que eu tenho um livro que lhe pretendia trazer, madrinha. Chegou em um pacote de Londres um dia desses. Sei que gosta de

histórias esquisitas de feiticeiros. É um volume de poemas, “Baladas Líricas”.^[50] A maioria deles parece ser disparate, mas o primeiro é em um estilo diferente – “O Antigo Marinheiro”^[51] é o título. Praticamente não tem pé nem cabeça enquanto história, mas é estranho e marcante. Vou lhe enviar; e há alguns outros livros que o *senhor* pode gostar de ver, Irwine – panfletos sobre antinomianismo e *evangelicalismo*, o que quer que sejam. Não consigo imaginar o que o camarada quer dizer ao enviar essas coisas para mim. Escrevi a ele para desejar que, a partir de agora, não me envie nenhum livro ou panfleto sobre qualquer coisa que termine em *ismo*.

— Bem, não sei se também gosto muito de *ismos*; mas posso muito bem dar uma olhada nos panfletos e descobrir do que se tratam. Tenho um pequeno assunto a tratar, Arthur — continuou Mr. Irwine, levantando-se para sair da sala —, e então estarei pronto para partir com você.

O pequeno assunto que Mr. Irwine teve que atender o levou até a velha escadaria de pedra (parte da casa era muito antiga) e o fez parar diante de uma porta na qual ele bateu suavemente.

— Entre — disse a voz de uma mulher, e ele entrou em um quarto tão escurecido por persianas e cortinas que Miss Kate, a esguia senhora de meia-idade parada ao lado da cama, não teria luz suficiente para qualquer outro tipo de trabalho além do tricô que estava na mesinha perto dela. Mas no momento ela estava fazendo o que exigia apenas a luz mais fraca: umedecendo com vinagre fresco a cabeça dolorida que estava no travesseiro. Era um rosto pequeno, aquele da pobre sofredora; talvez já tivesse sido bonito, mas agora estava abatido e amarelado. Miss Kate veio em direção ao irmão e sussurrou:

— Não fale com ela; não suportaria que falassem com ela hoje. Os olhos de Anne estavam fechados e sua testa se contraía como se estivesse com uma dor intensa. Mr. Irwine foi até a cabeceira e pegou uma das mãos delicadas e a beijou, uma leve pressão dos dedos pequenos lhe disse que valera a pena subir as escadas para fazer isso. Ele demorou um momento, olhando para ela, e depois se virou e saiu do quarto, pisando muito suavemente – ele tirara as botas e colocara

chinelos antes de subir as escadas. Quem quer que se lembre de quantas coisas deixou de fazer até para si mesmo, em vez de se dar ao trabalho de calçar ou tirar as botas, não achará esse último detalhe insignificante.

E as irmãs de Mr. Irwine –, como qualquer pessoa da família em um raio de quinze quilômetros de Broxton poderia testemunhar –, eram mulheres tão estúpidas e desinteressantes. Era uma pena que a bela e inteligente Mrs. Irwine tivera filhas tão comuns. Aquela refinada senhora era digna de uma viagem de quinze quilômetros afim de ser vista, a qualquer dia; sua beleza, suas faculdades bem preservadas e sua dignidade à moda antiga a tornavam um assunto gracioso para conversar assim como a saúde do rei, os novos modelos meigos de vestidos de algodão, as notícias do Egito e o processo de lorde Dacey, que estava deixando a pobre lady Dacey morta de preocupação. Mas ninguém jamais pensou em mencionar as irmãs Irwines, exceto as pessoas pobres da aldeia de Broxton, que as consideravam absortas na ciência da medicina e falavam delas vagamente como “as bem-nascidas”. Se alguém tivesse perguntado ao velho Job Dummilow quem lhe deu sua jaqueta de flanela, ele teria respondido, “as bem-nascidas, no inverno passado”; e a viúva Steene insistiu muito nas virtudes dos “ingredientes” que as bem-nascidas lhe deram para a tosse. Sob esse nome também, elas eram usadas com grande efeito como um meio de domar crianças rebeldes, de modo que, ao ver o rosto amarelado da pobre Miss Anne, vários pequenos endiabrados tinham uma sensação apavorada de que ela estava ciente de todos os seus piores delitos e sabia o número preciso de pedras com as quais pretendiam acertar os patos do agricultor Britton. Mas para todos que as viam através de uma mediação menos mítica, as irmãs Irwines eram espécimes bastante supérfluas – figuras inartísticas lotando a tela da vida sem efeito satisfatório. Miss Anne, de fato, se suas dores de cabeça crônicas pudessem ter sido explicadas por uma história patética de amor frustrado, poderia ter tido algum interesse romântico ligado a ela; mas tal história não fora conhecida nem inventada a seu respeito, e a impressão geral estava em conformidade com o fato de que ambas as irmãs eram solteironas pelo prosaico motivo de nunca

terem recebido uma oferta elegível.

Todavia, falando paradoxalmente, a existência de pessoas insignificantes tem consequências muito importantes no mundo. Pode-se mostrar que afeta o preço do pão e o valor do salário, induz muitos temperamentos ruins dos egoístas e muitos heroísmos dos empáticos e, de outras maneiras, desempenha um papel importante na tragédia da vida. E se aquele clérigo bonito e de sangue generoso, o Rev. Adolphus Irwine, não tivesse essas duas irmãs irremediavelmente solteiras, sua sina teria sido moldada de forma bem diferente. Muito provavelmente, teria se casado com uma graciosa esposa na juventude e agora, que seu cabelo estava ficando grisalho sob o pó, teria tido filhos altos e filhas viçosas – tais bens, em suma, como os homens, em geral, pensam que os recompensarão por todo o trabalho que realizam sob o sol. Assim sendo – tendo com todas as suas três fontes de renda não mais do que setecentos por ano, e não vendo nenhuma maneira de manter sua esplêndida mãe e a irmã doente, sem contar a segunda irmã, que, em geral, era mencionada sem qualquer adjetivo, em tal naturalidade feminina que convém ao seu nascimento e hábitos, e ao mesmo tempo provendo para uma própria família – ele permanecia, como vê, aos quarenta e oito anos de idade, um solteiro, não fazendo nenhum mérito dessa renúncia, mas dizia rindo, se alguém aludisse a isso, que ele a tornaria uma desculpa para muitas indulgências que uma esposa nunca lhe permitiria. E talvez fosse a única pessoa no mundo que não achava as irmãs desinteressantes e supérfluas; pois sua natureza era daquelas de grande coração e sangue doce que nunca tiveram um pensamento mesquinho ou relutante; epicurista, por assim dizer, sem entusiasmo, sem autoflagelação no senso do dever; mas ainda, como se vê, de uma fibra moral suficientemente sutil para ter uma ternura incansável pelo sofrimento obscuro e monótono. Foi sua indulgência generosa que o fizera ignorar a dureza de sua mãe em relação às filhas, o que era mais impressionante pelo contraste do carinho dela por ele; e não considerava como virtude franzir o cenho diante de falhas irremediáveis.

Veja a diferença entre a impressão que um homem lhe causa quando caminha ao lado dele em uma conversa familiar, ou o observe

em sua casa, e a figura que apresenta quando visto de um nível histórico elevado, ou mesmo aos olhos de um crítico vizinho, que pensa nele como um sistema incorporado em vez de um homem. Mr. Roe, o “pregador itinerante” parado em Treddleston, incluiu Mr. Irwine em uma declaração geral sobre o clero da Igreja no distrito circundante, a quem descreveu como homens entregues à luxúria da carne e ao orgulho da vida; caçando e atirando e adornando as próprias casas; perguntando o que devemos comer, o que devemos beber e com que recursos seremos vestidos? Descuidados em distribuir o pão da vida para seus rebanhos, pregando, na melhor das hipóteses, mas uma moral carnal e que entorpece a alma, e negociando as almas dos homens ao receber dinheiro para descarregar o escritório pastoral nas paróquias, nas quais não olhavam para os rostos das pessoas mais de uma vez por ano. O historiador eclesiástico, também, olhando para os relatórios parlamentares desse período, encontra membros honrados zelosos pela Igreja e sem qualquer empatia pela “tribo de metodistas dissimulados”, fazendo declarações dificilmente menos melancólicas do que a de Mr. Roe. E para mim é impossível dizer que Mr. Irwine foi por completo desmentido pela classificação genérica que lhe foi atribuída. Ele realmente não tinha objetivos muito elevados, nenhum entusiasmo teológico: se eu estivesse em um interrogatório, teria a obrigação de confessar que ele não se preocupava seriamente com as almas de seus paroquianos, e que considerava uma mera perda de tempo falar em uma maneira doutrinária e reveladora ao velho “pai Taft”, ou mesmo a Chad Cranage, o ferreiro. Se ele tivesse o hábito de falar de maneira teórica, talvez tivesse dito que a única forma saudável que a religião poderia assumir em tais mentes era a de certas emoções vagas, porém fortes, difundindo-se como uma influência santificadora sobre os afetos da família e os deveres de vizinhança. Ele achava o costume do batismo mais importante do que a sua doutrina, e que os benefícios religiosos que o camponês retirava da igreja onde seus pais adoravam e o pedaço sagrado de relva onde estavam enterrados dependiam apenas ligeiramente de uma compreensão clara da Liturgia ou do sermão. Claramente, o reitor não era o que é chamado nos dias de hoje de um

homem “sério”. Gostava mais da história da igreja do que da divindade e tinha muito mais discernimento sobre o caráter dos homens do que interesse em suas opiniões; não era laborioso, nem obviamente abnegado, nem muito copioso em caridade, e sua teologia, como percebe, era frouxa. Seu paladar intelectual, de fato, era bastante pagão, e encontrava um deleite em uma citação de Sófocles ou Teócrito que estava bastante ausente de qualquer palavra de Isaías ou Amós. Mas se você alimentar seu filhote de *setter* com carne crua, como pode se espantar de que ele retenha um gosto por perdiz cru depois? E as lembranças de Mr. Irwine de entusiasmo e ambição jovens estavam todas associadas à poesia e à ética, que estavam distantes da Bíblia.

Por outro lado, devo alegar, já que tenho uma parcialidade afetuosa em relação à memória do reitor, que ele não era vingativo – e alguns filantropos foram assim; e que não era intolerante – e há um rumor de que alguns teólogos zelosos não estavam totalmente livres dessa mancha; que, contudo, provavelmente, tivesse se recusado a dar seu corpo para ser queimado em qualquer causa pública e estivesse longe de conceder todos os seus bens para alimentar os pobres, ele tinha aquela caridade que, às vezes, faltava às virtudes muito ilustres. Era terno para falhas de outros homens e relutante em imputar o mal. Ele era um desses homens, e eles não são os mais comuns, dos quais podemos saber o melhor apenas os seguindo para fora do mercado, da plataforma e do púlpito, entrando com eles em suas casas, ouvindo a voz com a qual falam com os jovens e idosos sobre seu lar e testemunhando seu cuidado atencioso com as necessidades diárias dos companheiros diários, que tomam toda a sua bondade como algo natural e não como assunto para enaltecimento.

Tais homens, felizmente, viveram em tempos em que floresceram grandes abusos e, às vezes, até foram os representantes vivos desses abusos. Esse é um pensamento que pode nos confortar um pouco sob o fato oposto – que, às vezes, é melhor *não* seguir grandes reformadores de abusos além do limiar de suas casas.

Mas o que quer que possa pensar de Mr. Irwine agora, se o tivesse conhecido naquela tarde de junho, montado em seu cavalo cinza, com

os cachorros correndo ao lado – corpulento, ereto, viril, com um sorriso bem-humorado em seus lábios bem-feitos, enquanto falava com seu jovem companheiro arrojado na égua baia, você teria sentido que, por pior que ele se harmonizasse com as sólidas teorias do cargo eclesiástico, de alguma forma se harmonizava extremamente bem com aquela paisagem pacífica.

Veja-os à luz do sol brilhante, interrompido de vez em quando por massas ondulantes de nuvens, subindo a encosta do lado de Broxton, onde as altas empenas e olmos da casa paroquial predominam sobre a minúscula igreja caiada. Eles logo estarão na paróquia de Hayslope; a torre cinza da igreja e os telhados da aldeia estão diante deles à esquerda e, mais adiante, à direita, já podem ver as chaminés na fazenda Hall.

Capítulo VI

A Fazenda Hall

Evidentemente, esse portão nunca era aberto, pois a grama alta e as grandes cicutas cresciam de encontro a ele; e se fosse aberto, está tão enferrujado que a força necessária para o girar em suas dobradiças provavelmente derrubaria os pilares quadrados de pedra, em detrimento das duas leões de pedra que sorriem com uma duvidosa afabilidade carnívora sobre um brasão em cima de cada um dos pilares. Seria bastante fácil, com a ajuda dos entalhes nos pilares de pedra, escalar a parede de tijolos com sua borda de pedra lisa; mas ao aproximarmos os olhos das barras enferrujadas do portão podemos ver a casa bem o suficiente, exceto os cantos do cercado gramado.

É um lugar antigo muito refinado, de tijolo vermelho, suavizado por um líquen pálido e empoeirado, que se dispersou com feliz irregularidade, de modo que o tijolo vermelho combinava amistosamente com os ornamentos de calcário que cercam as três empenas, janelas e a moldura da porta. Mas as janelas estão reparadas com painéis de madeira, e a porta, eu acho, igual ao portão – nunca é aberta. Como chiaria e rangeria contra o chão de pedra caso fosse! Pois é uma porta sólida, pesada e bonita, e deve ter tido o hábito de fechar com um estrondo sonoro atrás de um lacaio de libré, que acabara de ver os patrões partindo na carruagem.

Mas, no momento, pode-se imaginar a casa no estágio inicial de um processo de chancelaria, e que os frutos daquela grande fileira dupla de nogueiras, à direita do cercado, caíam e apodreceriam na grama, se não fosse porque ouvimos o estrondoso latido de cães ecoando de grandes construções ao fundo. E agora os bezerros meio desmamados, que se abrigavam em um casebre de tojo encostado na parede da esquerda, saíram e deram uma resposta boba para aquele latido terrível, sem dúvida supondo que tivesse relação com baldes de leite.

Sim, a casa devia estar habitada, e veremos por quem; pois a imaginação é um invasor licenciado: não tem medo de cães, mas pode

escalar paredes e espiar as janelas impunemente. Coloque o rosto em uma das vidraças na janela da direita: o que vê? Uma grande lareira aberta com moldura de metal e um piso de tábuas; na outra extremidade, tosas de lã empilhadas; no meio do chão, alguns sacos de cereais vazios. Essa é a mobília da sala de jantar. E através da janela esquerda? Vários varais de roupas, uma garupa, uma roca e uma velha caixa aberta cheia de trapos coloridos. No canto desta caixa, encontra-se uma grande boneca de madeira, que, no que diz respeito à mutilação, tem uma forte semelhança com a melhor escultura grega, especialmente na perda total do nariz. Perto dela, há uma pequena cadeira e a ponta do chicote de couro de um menino.

A história da casa está evidente agora. Foi algum dia a residência de um fidalgo rural, cuja família, provavelmente se definhando para a mera solteirice, fundiu-se no nome mais territorial de Donnithorne. Foi algum dia o Hall; agora é fazenda Hall. Como a vida em alguma cidade costeira que já foi um balneário e agora é um porto, onde as ruas distintas são silenciosas e cobertas de grama, e as docas e armazéns, movimentados e ressonantes, a vida em Hall mudou seu foco e não mais irradia da sala de estar, mas da cozinha e do pátio.

Mas há abundância de vida ali, embora essa seja a época mais sonolenta do ano, pouco antes da colheita de feno; e é também a hora mais sonolenta do dia, pois está perto das três horas de acordo com o sol, e são três e meia no belo relógio de Mrs. Poyser. Mas há sempre uma sensação mais forte de vida quando o sol está brilhante após a chuva; e está agora derramando seus feixes, criando centelhas entre a palha molhada, iluminando cada pedaço de musgo verde vívido nos ladrilhos vermelhos do estábulo, transformando até mesmo a água lamacenta, que está correndo ao longo do canal para o ralo em um espelho para os patos de bico amarelo, que estão aproveitando a oportunidade de tomar uma bebida mergulhando o máximo de corpo possível. Há um verdadeiro concerto de ruídos; o grande buldogue, acorrentado contra a estrebaria, é lançado em furiosa exasperação pela aproximação imprudente de um galo muito perto da boca de seu canil e emite um latido estrondoso, que é respondido por dois cães de caça trancados no curral em frente; as velhas galinhas de topetes,

ciscando com os pintinhos na palha, soltam um cacarejo solidário quando o galo desconcertado se junta a elas; uma porca com sua ninhada, toda enlameada nas patas com a cauda enrolada, lança algumas notas profundas em *staccato*;^[52] nossos amigos, os bezerros, estão balindo da casa da fazenda; e, sob todos os aspectos, um bom ouvido discerne o zumbido contínuo das vozes humanas. Pois, as grandes portas do celeiro estão escancaradas, e os homens estão ocupados ali consertando os arreios, sob a superintendência de Mr. Goby, o “correeiro”, isto é, seleiro, que os entretém com as últimas fofocas de Treddleston.



Certamente, é um dia bastante infeliz que Alick, o pastor, escolheu para receber os correeiros, pois a manhã se revelou tão úmida; e Mrs. Poyser falou com muita firmeza sobre a sujeira que o número extra de sapatos masculinos trazia para dentro de casa na hora do almoço. De fato, ela ainda não recuperou sua equanimidade sobre o assunto, embora já tivesse passado quase três horas desde a refeição, e o chão da casa estivesse perfeitamente limpo de novo; tão limpo quanto tudo naquela casa maravilhosa, onde a única chance de coletar alguns grãos de poeira seria subir no baú de sal e passar o dedo na prateleira alta da lareira, na qual os candelabros brilhantes de latão desfrutavam de sua regalia de verão; pois nessa época do ano, é claro, todo mundo vai para a cama enquanto ainda está claro, ou pelo menos claro o suficiente para discernir o contorno dos objetos depois de ter machucado as canelas contra eles. Certamente, em nenhum outro

lugar, uma caixa de relógio de carvalho e uma mesa de carvalho poderiam ter chegado a tal polimento à mão: genuíno “polimento de cotovelo”, como Mrs. Poyser chamava, pois ela agradecia a Deus por nunca ter tido nenhuma de suas tralhas envernizadas em casa.

Hetty Sorrel muitas vezes aproveitava a oportunidade, quando a tia estava de costas, para olhar o reflexo agradável de si mesma naquelas superfícies polidas, pois a mesa de carvalho geralmente ficava virada como uma tela e era mais para ornamento do que para uso; e às vezes ela se via nos grandes pratos redondos de estanho que estavam arrumados nas prateleiras acima da longa mesa de jantar, ou nas grelhas do fogão, que sempre brilhavam como jaspe.

Tudo parecia mais brilhante naquele momento, pois o sol irradiava diretamente sobre os pratos de estanho, e de suas superfícies refletoras eram lançados agradáveis feixes de luz sobre suave carvalho e latão brilhante – e sobre um objeto ainda mais agradável do que estes, pois alguns dos raios caíam na bochecha finamente moldada de Dinah e iluminavam seus cabelos de um ruivo pálido a um tom cobre, enquanto se inclinava sobre a pesada peça de enxoval que remendava para a tia. Nenhuma cena poderia ser mais pacífica; isso se Mrs. Poyser, que passava o ferro em algumas peças que ainda restavam da lavagem de segunda-feira, não estivesse fazendo um frequente tilintar com o ferro e se movendo de um lado para o outro sempre que quisesse esfriá-lo; conduzindo o fitar aguçado de seus olhos azuis-acinzentados da cozinha para a leiteria, onde Hetty fazia a manteiga, e da leiteria para a copa, onde Nancy tirava as tortas do forno. Não suponha, no entanto, que Mrs. Poyser fosse idosa ou rabugenta em seu aspecto; ela era uma mulher bonita, não mais do que trinta e oito anos, de pele clara e cabelo cor-de-areia, bem formada e ágil. O artigo mais notável em suas vestes era um amplo avental de linho xadrez, que quase cobria a saia; e nada poderia ser mais comum ou menos perceptível do que sua touca e vestido, pois não havia fraqueza a qual fosse menos tolerante do que a vaidade feminina e a preferência do ornamento à utilidade. A semelhança familiar entre ela e a sobrinha Dinah Morris, com o contraste entre a sagacidade e a gentileza de expressão seráfica de Dinah, poderia ter servido a um pintor como

uma excelente sugestão para uma Marta e Maria.^[53] Os olhos eram da mesma cor, mas um teste impressionante da diferença em seu funcionamento era visto na conduta de Trip, o *terrier* preto e marrom, sempre que aquele cão muito suspeito se expunha com imprudência ao gélido raio ártico do olhar de Mrs. Poyser. A língua não era menos aguçada do que os olhos e, sempre que uma donzela chegava ao alcance do ouvido, parecia assumir uma repreensão inacabada, como um realejo retoma uma melodia precisamente no ponto de onde havia parado.

O fato de que era o dia de fazer manteiga era outra razão pela qual seria inconveniente receber os correeiros e, por consequência, Mrs. Poyser repreenderia Molly, a criada, com severidade incomum. Aparentemente, Molly terminara seu trabalho após a refeição de maneira exemplar, havia se “limpado” com grande presteza e agora vinha perguntar, submissa, se deveria fiar até a hora da ordenha. Mas essa conduta irrepreensível, de acordo com Mrs. Poyser, encobria uma indulgência secreta de desejos impróprios, que ela agora arrastava e exibia à vista de Molly com eloquência cortante.

— *Fiá*, realmente! *Num é fiá* o que *cê* quer, tenho certeza, e ainda acha que vou *deixá cê fazê* o que *quisê*? E *pensá* numa moça da sua idade querendo *sentá* com meia dúzia de homem! Ia ter vergonha de *dizê* uma coisa dessa se fosse você. *Tá* aqui *desda* última Festa de São Miguel, te contratei em Treddleston sem recomendação – como eu digo, devia ser agradecida de ter sido contratada desse jeito *prum* lugar de respeito; e *num* sabia nada do trabalho daqui que nem um espantalho. A mais pobre coitada que já vi, sabe que era. Quem te ensinou a *esfregá* o chão, posso *sabê*? Ora, *cê* ia *deixá* a sujeira em monte nos *canto* – qualquer um ia *pensá* que *num* foi criada por gente cristã. E quanto a *fiá*, ora, gastou tanto quanto seu salário no linho que estragou aprendendo a *fiá*. Devia *sabê* disso e *num ficá* de boca aberta, sem juízo como se *num* devesse nada a ninguém. *Cardá* a lã *pros correeiro*, realmente! É isso que queria *tá* fazendo, né? É assim que *cê* é – esse é o caminho que quer *tomá*, rumo à ruína. Nunca vai *sossegá* até *consegui arrumá* um namorado tão tonto quanto você. Pensa que vai se dar bem quando *casá*, imagino, com um banco de três *perna pra sentá*,

sem uma coberta *pra* te *cobrí* e um bocado de bolo de aveia *pra* *almoçá*, porque três *criança* já vai ter abocanhado.



— Tenho certeza que *num* quero ir com os *correeiro* — disse Molly choramingando e bastante emocionada com essa imagem dantesca de seu futuro —, só que a gente sempre costumava *cardá* a lã na casa de mestre Ottley; e então só perguntei. *Num* quero *voltá* a ver os *correeiro*; juro de pé junto.

— Mr. Ottley, realmente! É bom *falá* sobre o que fez na casa de Mr. Ottley. Sua patroa lá pode *gostá* do chão sujo por causa dos *correeiro*, pelo que sei. *Num* tem como *sabê* do que o pessoal *gosta* — tanta coisa já ouvi *falá*! Nunca uma garota entrou em minha casa parecendo *sabê* o que era limpeza; acho que o pessoal vive que nem porco, na minha opinião. E quanto àquela Betty que era leiteira em Trent antes de vir *pra* cá, podia *deixá* os *queijo* por semana a fio sem *virá*, e as *prateleira* da leiteria dava *pra* ter escrito meu nome nelas com o dedo quando voltei depois da minha doença, pois o médico disse que era uma inflamação — foi um milagre que me recuperei. E *pensá* que *cê* num aprendeu nada, Molly, *tá* aqui faz nove *mês*, *num* foi por falta de conversa, também — e por que *tá* parada aí que nem um peso morto em vez de *buscá* a roca? É o tipo de pessoa que *senta pra trabalhá* um pouco depois da hora de *acabá*.

— Mamãe, meu *ferinho* *esfiou*; *pufavô* *esquenta* ele.

A vizinha chilreante que proferiu esse pedido veio de uma

menininha de cabelos ensolarados de três ou quatro anos que, sentada em uma cadeira alta no final da mesa de passar roupa, segurava penosamente a alça de um ferro em miniatura, com o pequenino punho gorducho passando trapos com uma assiduidade que exigia que ela colocasse sua linguinha vermelha para fora o máximo que a anatomia permitia.

— Esfriou, né, minha querida? Abençoada seja sua carinha doce! — disse Mrs. Poyser, que era notável pela facilidade com que conseguia baixar a guarda de seu tom de reprimenda formal para um carinho ou conversa amigável. — Deixa *pra* lá! A mãe já passou a roupa. Ela vai *guardá* as coisa de *engomá*.

— Mamãe, eu *quelia* ir no *celeio* com Tommy, *pra* ver os *coeeio*.

— Não, não, não; Totty vai *molhá* os *pé* — disse Mrs. Poyser, levando embora seu ferro. — Corre *pra* leiteria e veja a prima Hetty *fazê* a manteiga.

— Eu *quelia* um pedaço de bolo — replicou Totty, que parecia ter recebido vários reveses de pedidos; ao mesmo tempo, aproveitando o ócio momentâneo para enfiar os dedos numa tigela de goma e arrastá-la para baixo, de modo a esvaziar o conteúdo com considerável perfeição na tábua de passar.

— Alguém já viu isso? — gritou Mrs. Poyser, correndo em direção à mesa quando seus olhos caíram no riacho azul. — A criança sempre faz travessura se *virá* as costas por um minuto. O que devo *fazê* com você, sua menina travessa?

Totty, no entanto, descera da cadeira com grande rapidez e já estava em retirada em direção à leiteria com uma espécie de corrida gingada, e uma quantidade de gordura na nuca que a fazia parecer a metamorfose de um leitão branco.

Quando a goma foi limpa com a ajuda de Molly e o aparato de engomar guardado, Mrs. Poyser pegou o tricô que estava sempre à mão, e era o trabalho de que mais gostava, porque podia carregá-lo automaticamente enquanto caminhava de um lado para o outro. Mas agora ela chegou e se sentou em frente a Dinah, a quem olhou de forma meditativa, enquanto tricotava sua meia de lã cinza.

— *Cê* parece a cópia da sua tia Judith, Dinah, quando se senta *pra*

costurá. Quase posso *voltá* trinta *ano* no tempo, eu era uma menininha em casa, olhando *pra* Judith enquanto ela costurava, depois de ter feito o serviço doméstico; só que era uma casa de campo pequena, a do meu pai, *num* era uma casa grande e irregular que suja um canto assim que *cê* limpa o outro – apesar disso, posso te *imaginá* como sua tia Judith, só que o cabelo dela era bem mais escuro que o seu, era mais corpulenta e tinha ombros mais *largo*. A gente sempre andava unida, embora ela tivesse um jeito esquisito, e sua mãe e ela nunca concordassem. Ah, sua mãe nem imaginava que ia ter uma filha a cópia de Judith, que ia *ficá* órfã *pra* Judith *cuidá* e *criá* quando *ela* *tivesse* no cemitério em Stoniton. Eu sempre disse isso de Judith, já que ela sempre preferia *carregá* o fardo dos *outro*. E ela era a mesma *desda* primeira vez que vi ela; *num* fez diferença, como pude ver, ter virado metodista, apenas ela falava um pouco diferente e usava um tipo diferente de gorro; mas ela nunca na vida gastou um centavo consigo mesma além de se *mantê* decente.

— Ela era uma mulher abençoada — disse Dinah —, Deus lhe dera uma natureza amorosa e abnegada e Ele a aperfeiçoou pela graça. E ela também gostava muito da senhora, tia Rachel. Eu sempre a ouvia falar da mesma maneira a seu respeito. Quando ela teve aquela doença grave, e eu tinha apenas onze anos, costumava dizer: “Você poderá contar com sua tia Rachel neste mundo, se eu partir, pois ela tem um coração bondoso”. E tenho certeza de que descobri isso.

— *Num* sei como, criança; acho que qualquer um ia *fazê* qualquer coisa por você; *cê* é que nem os *passarinho* no ar, e ninguém sabe como vive. Eu ia *ficá* feliz de ser como uma mãe, se viesse *morá* nesta região onde tem algum abrigo e comida pros *homem* e animal, e o povo *num* vive nas *colina* árida, como galinha ciscando o cascalho. Então *cê* ia *podê* *casá* com algum homem decente, ia ter muitos *pronto pra* te *aceitá*, se ao menos deixasse de *pregá*, o que é dez *vez* pior do que qualquer coisa que sua tia Judith já fez. E mesmo que casasse com Seth Bede, que é um pobre metodista cabeça de vento que nunca economiza um centavo, sei que seu tio ia te *ajudá* com um porco, e provavelmente com uma vaca, pois ele sempre foi generoso com meus *parente*, que são tudo pobre, e são bem *recebido* em casa; também ia

ser com você, tenho certeza, tanto quanto ele ia ser com Hetty, que é sobrinha dele. E tem linho em casa que eu podia te dar, pois tenho muitos *lençol*, toalha de mesa e toalha de banho ainda por *fazê*. Tem um tecido que eu podia te dar que a vesga Kitty fiou – era boa *pra fiá*, apesar de ser vesga, e as criança *num suportá* ela; e, *cê* sabe, a *fiação num* para, e tem linho novo tecido duas vez mais rápido do que o velho se desgasta. Mas de que adianta *falá*, se *num* quer ser convencida e se *estabelecê* como qualquer outra mulher com juízo, em vez de se *desgastá* com caminhada e pregação, doando cada centavo que ganha e *num* ter nada guardado em caso de doença; tudo que *cê* tem no mundo, realmente acredito, cabe num pacote menor do que dois *queijo*. E tudo isso porque tem mais ideia na cabeça sobre religião do que tem no Catecismo e no Livro de Oração.

— Mas não mais do que o que está na Bíblia, tia — respondeu Dinah.

— Sim, e a Bíblia também, por sinal — Mrs. Poyser replicou, um tanto bruscamente —, por que aqueles que sabe mais o que tem na Bíblia – os *reitor* e as *pessoa* que *num* tem nada *pra fazê* além de *aprendê* – *num* faz o mesmo que você? Mas, por sinal, se todo mundo fizesse o que *cê* faz, o mundo ia *pará*; pois se todo mundo tentasse *vivê* sem casa e um lar, comendo e bebendo mal e sempre falando que a gente deve *desprezá* as *coisa* do mundo, que nem *cê* diz, queria *sabê* o que ia *acontecê* com o gado, o cereal e os *queijo* fresco. Todo mundo ia *querê* sobra de pão e todo mundo ia *tá* correndo atrás de todo mundo *pra pregá*, em vez de *criá* suas *família* e *prevení* uma colheita ruim. É lógico que essa *num* pode ser a religião certa.

— Não, querida tia, nunca me ouviu dizer que todas as pessoas são chamadas a abandonar o trabalho e suas famílias. É certo de que a terra deve ser lavrada e semeada, o precioso cereal armazenado, as coisas desta vida cuidadas, e certo de que as pessoas devem se alegrar com suas famílias, prover para elas, de modo que isso é feito no temor do Senhor, e que elas não estão desatentas às necessidades da alma, enquanto estiverem cuidando do corpo. Todos nós podemos ser servos de Deus onde quer que nossa sorte seja lançada, mas Ele nos dá diferentes tipos de trabalho, conforme nos capacita para isso e nos

chama para tal. Não posso deixar de passar minha vida tentando fazer o que puder pelas almas dos outros, do mesmo modo que a senhora não poderia deixar de correr se ouvisse a pequena Totty chorando do outro lado da casa; a voz chegaria ao seu coração, pensaria que a querida criança estava com problemas ou em perigo e não poderia descansar sem correr para ajudá-la e consolá-la.

— Ah — disse Mrs. Poyser, levantando-se e caminhando em direção à porta —, sei que ia dar na mesma se eu falasse por horas. *Cê* ia dar a mesma resposta no final. É o mesmo que *falá pro* riacho *pará de corrê*.

A calçada do lado de fora da porta da cozinha estava seca o suficiente agora para Mrs. Poyser ficar ali bem agradavelmente e ver o que acontecia no pátio, a meia de lã cinza progredindo constante em suas mãos o tempo todo. Mas ela não ficara ali nem mais de cinco minutos antes de entrar outra vez e dizer a Dinah, em um tom bastante agitado e assombrado:

— Mas se *num* é o capitão Donnithorne e Mr. Irwine entrando no pátio! Aposto minha vida que vieram *falá* sobre sua pregação na praça, Dinah; *cê* que vai *respondê*, porque eu vou *ficá* muda. Já falei o bastante sobre *cê trazê* tal desgraça *pra* família do seu tio. Eu *num* ia me *importá* se fosse sobrinha de sangue de Mr. Poyser – o pessoal tem que *tolerá* os *próprio* parente, assim como tolera o próprio nariz – é sua carne e sangue. Mas *pensá* que uma sobrinha minha ser a causa do meu marido ser expulso da fazenda, e eu *num* trouxe nenhuma fortuna *pra* ele, além das *minha* economia...

— Não, querida tia Rachel — disse Dinah gentilmente —, não tem motivo para tais medos. Garanto que nenhum mal lhe acontecerá, ao meu tio e às crianças por tudo o que fiz. Não preguei sem direção.

— Direção! Eu sei muito bem o que quer *dizê* com direção — disse Mrs. Poyser, tricotando de maneira rápida e inquieta. — Quando tem uma minhoca maior do que o normal na cabeça, *cê* chama de “direção”; e então nada te afeta – parece a estátua do lado de fora da igreja de Treddleston, olhando e sorrindo, seja o tempo bom ou ruim. Tenho pouca paciência com você.

A essa altura, os dois cavalheiros haviam chegado às paliçadas e

descido dos cavalos. Era claro que pretendiam entrar, Mrs. Poyser avançou até a porta para encontrá-los, fazendo uma grande reverência e tremendo de raiva de Dinah e ansiedade de se comportar com perfeita propriedade na ocasião. Pois naqueles dias, a mais aguçada das mentes bucólicas sentia um sussurro de assombro ao ver a nobreza, como os antigos sentiam quando ficavam na ponta dos pés para ver os deuses passando em alta forma humana.

— Bem, Mrs. Poyser, como está depois desta manhã tempestuosa? — perguntou Mr. Irwine, com sua imponente cordialidade. — Nossos pés estão bastante secos; não sujaremos seu belo chão.

— Oh, senhor, *num* ligue *pra* isso — disse Mrs. Poyser. — O senhor e o capitão, por favor, *num* gostaria de *entrá* na sala de estar?

— Não, na verdade, obrigado, Mrs. Poyser — disse o capitão, olhando ansioso ao redor da cozinha, como se os olhos estivessem procurando algo que não conseguia encontrar. — Eu me deleito com a sua cozinha. Acho que é o cômodo mais charmoso que conheço. Gostaria que a esposa de cada agricultor viesse e olhasse para ela em busca de um modelo.

— Oh, é gentileza sua, senhor. Por favor, *sente* — disse Mrs. Poyser, aliviada um pouco com esse elogio e o evidente bom humor do capitão, mas ainda olhando ansiosa para Mr. Irwine, que, ela via, olhava para Dinah e avançava em sua direção.

— Poyser não está em casa, está? — disse o capitão Donnithorne, sentando-se onde pudesse ver ao longo da curta passagem para a porta aberta da leiteria.

— Não, senhor, ele *num tá*; foi a Rosseter *pra* *falá* com Mr. West, o feitor, sobre a lã. Mas o pai *tá* no celeiro, senhor, se ele for útil.

— Não, obrigado; vou apenas dar uma olhada nos filhotes e deixar uma mensagem a respeito deles com seu pastor. Devo vir outro dia e ver seu marido; quero ter uma consulta com ele sobre cavalos. Sabe quando provavelmente estará livre?

— Ora, senhor, mal se pode *sentí* falta dele, exceto no dia do mercado de Treddleston — é numa sexta-feira, sabe. Pois se ele *tivé* em qualquer lugar da fazenda, a gente manda *buscá* num minuto. Se a gente tivesse se livrado de Scantlands, *num* ia ter campo distante; e ia

ficá feliz com isso, pois se alguma coisa *acontecê*, ele, com certeza, vai *tá* em Scantlands. As *coisa* sempre acontece a contragosto, quando é possível; e *num* é normal ter um pedaço da fazenda num condado e todo o resto em outro.

— Ah, Scantlands ficariam muito melhor com a fazenda de Choyce, especialmente porque ele quer terra de pasto e a senhora tem muita. Acho que a sua é a fazenda mais bonita da propriedade, no entanto; e sabe, Mrs. Poyser, se eu fosse me casar e me estabelecer, ficaria tentado a expulsá-la e reformar esta bela casa antiga e me tornar eu mesmo um agricultor.

— Oh, senhor — disse Mrs. Poyser, bastante alarmada —, o senhor *num* ia *gostá* nada disso. Quanto à agricultura, é *colocá* dinheiro no bolso com a mão direita e *tirá* com a esquerda. O que vejo é *produzí* comida *pros* outro e ter apenas um bocado *pra* si e *pras* criança e assim por diante. Não que seja um pobre precisando de pão — o senhor pode se dar ao luxo de *perdê* dinheiro o tanto que *quisé* com a agricultura — mas *num* é divertido *perdê* dinheiro, imagino, embora eu entenda que é o que o pessoal grandioso em Londres faz mais do que qualquer coisa. Pois meu marido ouviu no mercado que o filho mais velho de lorde Dacey perdeu milhares e milhares *pro* Príncipe de Gales, e disseram que a Lady ia *penhorá* as *joia* *pra* *pagá* por ele. Mas sabe mais sobre isso do que eu, senhor. Mas, quanto à agricultura, senhor, *num* consigo *imaginá* que ia *gostá*; e nesta casa — as *corrente* de ar iam te *atravessá*, na minha opinião o chão do andar de cima *tá* muito podre, tem rato na adega além da conta.

— Ora, essa é uma imagem terrível, Mrs. Poyser. Acho que eu deveria estar lhe prestando um serviço em tirá-la de tal lugar. Mas não há chance de isso acontecer. Provavelmente não vou me estabelecer pelos próximos vinte anos, até que seja um cavalheiro robusto de quarenta; e meu avô nunca consentiria em se separar de bons inquilinos como vocês.

— Bem, senhor, se ele considera Mr. Poyser bom inquilino, gostaria que o senhor *convencesse* ele *fornecê* *pra* gente uns *portão* novo, pois meu marido cansou de *pedí*, e *pensá* em tudo que ele fez pela fazenda, sem um centavo, em tempo bom ou ruim. E como tenho dito *pro* meu

marido um monte de vez, tenho certeza de que se o capitão tivesse algo a ver com isso, *num* ia ser assim. Não que eu queira ser desrespeitosa com quem tem o poder nas *mão*, mas às *vez* é mais do que o corpo pode *suportá*, *trabalhá* e se *esforçá*, acordando cedo e dormindo tarde e mal pregando o olho quando deita e pensa que o queijo pode *estragá*, ou as *vaca* pode *esmagá* o bezerro, ou o trigo pode *num crescê* direito — e afinal, no fim do ano, é como se tivesse preparado um banquete e em compensação só sentisse o cheiro.

Mrs. Poyser, uma vez iniciada na conversa, sempre navegava sem qualquer controle de sua admiração preliminar pela nobreza. A confiança que sentia nos próprios poderes de explicação era uma força motriz que superava toda a resistência.

— Receio que só faria mal em vez de bem, se falasse sobre os portões, Mrs. Poyser — disse o capitão —, embora lhe garanta que não há nenhum homem na propriedade que eu preferisse bendizer que não fosse o seu marido. Sei que sua fazenda está em melhor ordem do que qualquer outra em um raio de quinze quilômetros; e quanto à cozinha — acrescentou, sorrindo —, não acredito que haja alguém no reino que a supere. A propósito, nunca vi sua leiteria: preciso ver sua leiteria, Mrs. Poyser.

— Realmente, senhor, *num* é adequado *entrá* lá, pois Hetty *tá* fazendo manteiga, já que o preparo atrasou, fico bastante envergonhada.

Mrs. Poyser disse isso corando e acreditando que o capitão estava realmente interessado em suas leiteiras, e mudaria de opinião a seu respeito por causa do aspecto da leiteria.

— Oh, eu não tenho dúvida de que está em excelente estado. Leve-me — disse o capitão, liderando o caminho, enquanto Mrs. Poyser o seguia.

Capítulo VII

A Leiteria

A leiteria certamente valia a pena ser vista. Não era uma cena enjoativa, como uma espécie de calentura em ruas quentes e empoeiradas, havia tanto frescor, tanta pureza, tanta fragrância fresca de queijo recém-prensado, de manteiga firme, de vasilhas de madeira perpetuamente banhadas em água pura; tal coloração suave de barro vermelho e superfícies cremosas, madeira marrom e estanho polido, calcário cinza e rica ferrugem vermelho-alaranjada nos pesos de ferro, ganchos e dobradiças. Mas só se tem uma noção confusa desses detalhes quando eles cercam uma garota de dezessete anos, com uma beleza distrativa, em pé, calçando pequenos tamancos e flexionando o braço com covinhas para retirar meio quilo de manteiga da balança.

Hetty ruborizou em um cor-de-rosa profundo quando o capitão Donnithorne entrou na leiteria e falou com ela; mas não era de todo um rubor angustiado, pois estava adornado em sorrisos e covinhas e com brilhos sob cílios longos, curvados e escuros; e enquanto a tia discursava sobre a quantidade limitada de leite que seria poupada para manteiga e queijo, desde que os bezerros não fossem todos desmamados, e uma grande quantidade, mas de qualidade inferior de leite produzido pelas vacas *Shorthorns*,^[54] que foram compradas em experimento, junto a outros assuntos que deveriam ser interessantes para um jovem cavalheiro que um dia seria um senhorio, Hetty bateu e moldou seu meio quilo de manteiga com um ar coquete e seguro de si, astutamente ciente de que nenhum movimento de cabeça era despercebido.

Existem várias classes de beleza, que levam os homens a se fazerem de tolos de várias maneiras, do desesperado ao tímido; mas há uma classe de beleza que parece ser feita para virar a cabeça não apenas dos homens, mas de todos os mamíferos inteligentes, até mesmo das mulheres. É uma beleza como a de gatinhos, ou de pequeninos patinhos macios que fazem ruídos murmurantes suaves com os bicos

delicados, ou bebês começando a andar e a se envolver em travessuras conscientes – uma beleza com a qual nunca poderia se irritar, mas que se sente pronto para reprimir por incapacidade de compreender o estado de espírito que ela lhe causa. Hetty Sorrel tinha esse tipo de beleza. Sua tia, Mrs. Poyser, que professava desprezar todos os atrativos pessoais e pretendia ser a mais severa das mentoras, sempre olhava para os encantos de Hetty disfarçadamente, fascinada apesar de tudo; e depois de administrar tal repreensão como de modo natural fluía de sua ansiedade em fazer o bem pela sobrinha do marido – que não tinha mais a própria mãe para repreendê-la –, coitadinha! – muitas vezes confessava ao marido, quando estavam a sós, que acreditava firmemente: “quanto mais travessa a levadinha se comportava, mais bonita ficava”.

É de pouca utilidade, para mim, dizer-lhe que a bochecha de Hetty era como uma pétala de rosa, que covinhas brincavam junto de seus lábios que faziam beicinhos, que os grandes olhos escuros escondiam uma travessura delicada sob os longos cílios, e que os cabelos encaracolados, embora puxados para trás sob a touca redonda enquanto trabalhava, escapavam em delicados cachos escuros em sua testa e sobre as orelhas brancas como conchinhas; para mim é de pouca utilidade dizer o quão adorável era o contorno de seu lenço de pescoço cor-de-rosa e branco, enfiado no corpete cor de ameixa, ou como o avental de linho que usava para fazer manteiga, com seu peitilho, parecia uma coisa a ser replicada em seda por duquesas, uma vez que tinha um caimento encantador, ou como as meias marrons e sapatos de fivelas e solas grossas perdiam toda aquela mediocridade, que certamente tinham quando descalçados de seus pés e tornozelos – é de pouca utilidade, a menos que tenha visto uma mulher que lhe afetara assim como Hetty afetava seus espectadores, pois de outra forma, embora possa conjurar a imagem de uma mulher adorável, ela não se pareceria nem um pouco com aquela donzela manhosa desconcertante. Posso mencionar todos os encantos divinos de um dia brilhante de primavera, mas se nunca em sua vida se esqueceu de si por completo observando o voo da cotovia, ou de vagar pelas alamedas tranquilas quando as flores recém-desabrochadas a

enchessem com uma silenciosa beleza sagrada como a dos corredores ornados, onde estaria a utilidade de meu catálogo descritivo? Nunca poderia fazê-lo entender o que quis dizer com um dia brilhante de primavera. Hetty tinha uma beleza primaveril; era a beleza de coisas jovens saltitantes, de membros redondos, brincalhões, ludibriando-o com um falso ar de inocência – a inocência de um bezerrinho com olhar insistente, por exemplo, que, disposto a um passeio fora dos limites, leva-o a uma rigorosa corrida de obstáculos sobre sebes e valas e apenas para no meio de um pântano.



E são as atitudes e os movimentos mais belos em uma bela menina que se põe a fazer manteiga – movimentos de misturar que dão uma curva encantadora aos braços e uma inclinação lateral do pescoço redondo e branco; batidinhas e movimentos de rolar com a palma da mão, e delicados ajustes e acabamentos, que de modo algum são efetuados sem uma notável brincadeira de beicinhos e olhos escuros. E então a manteiga em si parece transmitir um encanto fresco – é tão pura, tão perfumada; é retirada do molde com uma superfície firme tão bonita, como mármore em uma pálida luz amarela! Além disso, Hetty era particularmente talentosa na preparação da manteiga; era a

única atividade que a tia deixava passar sem críticas severas; assim ela tratava disso com toda a graça própria do domínio.

— Espero que esteja pronta para o grande evento no dia 30 de julho, Mrs. Poyser — disse o capitão Donnithorne, quando admirara o suficiente a leiteria e dera várias opiniões improvisadas sobre nabos-suecos e *Shorthorns*. — Sabe o que acontecerá então, e espero que seja uma das convidadas que chegam mais cedo e saem mais tarde. Promete-me duas danças, Miss Hetty? Se não conseguir sua promessa agora, sei que dificilmente terei uma chance, pois todos os espertos jovens agricultores cuidarão de garantir a vez.

Hetty sorriu e corou, mas antes que pudesse responder, Mrs. Poyser se interpôs, escandalizada com a mera sugestão de que o jovem fidalgo pudesse ser rejeitado no lugar de qualquer parceiro inferior.

— Realmente, senhor, é muito gentil em *notá-la*. E tenho certeza de que, sempre que *quisé dançá*, ela vai *ficá* orgulhosa e grata, aguardando o resto da noite.

— Ah, não, não, isso seria muito cruel para com todos os outros jovens camaradas que dançam. Mas vai me prometer duas danças, não vai? — o capitão continuou, determinado a fazer Hetty olhar e falar com ele.

Hetty fez a mais bela reverência e lhe lançou um olhar meio tímido e meio coquete enquanto dizia: — Sim, obrigada, senhor.

— E deve trazer todos os seus filhos, sabe, Mrs. Poyser; sua pequena Totty, bem como os meninos. Quero que todas as crianças mais novas da propriedade estejam lá, todos aqueles que se tornarão bons rapazes e moças quando eu for um velho camarada careca.

— Oh, meu Deus, senhor, isso vai *demorá* muito tempo *pra acontecer* — disse Mrs. Poyser, bastante abalada com o jovem fidalgo falando tão levianamente de si mesmo e pensando em como o marido estaria interessado em ouvi-la contar esse notável espécime de nobre bom humor. O capitão era considerado “muito cheio de piadas” e um grande favorito em toda a propriedade por causa de suas maneiras despreocupadas. Cada inquilino tinha certeza de que as coisas seriam diferentes quando as rédeas estivessem nas mãos dele – haveria uma abundância nunca vista antes de novos portões, caiação e lucros a dez

por cento.

— Mas para onde foi a Totty? — disse ele. — Queria vê-la.

— Onde *tá* a pequena, hein, Hetty? — disse Mrs. Poyser. — Ela veio aqui *num* faz muito tempo.

— Não sei. Acho que ela foi *pra* cervejaria com Nancy.

A mãe orgulhosa, incapaz de resistir à tentação de mostrar sua Totty, passou imediatamente para a copa em busca dela, mas não sem receio de que algo acontecesse para tornar sua pessoa e seus trajes impróprios para apresentação.

— E você carrega a manteiga para o mercado quando a faz? — disse o capitão para Hetty, enquanto isso.

— Ah, não, senhor; não quando *tá* muito pesada. Não sou forte o suficiente *pra* carregar. Alick leva no cavalo.

— Não, tenho certeza de que seus belos braços não foram feitos para cargas tão pesadas. Mas você sai para passear às vezes nessas tardes agradáveis, não é? Por que não dá uma volta na reserva de caça de vez em quando, agora que está tão verde e agradável? Eu quase nunca a vejo em qualquer lugar, exceto em casa e na igreja.

— A tia não gosta que eu caminhe sozinha quando vou *pra* algum lugar — disse Hetty. — Mas, às vezes, eu passo pela reserva de caça.

— E nunca visita Mrs. Best, a governanta? Acho que a vi uma vez no quarto da governanta.

— Não é o de Mrs. Best, é o de Mrs. Pomfret, a dama de companhia, que visito. Ela *tá* me ensinando a bordar e costurar rendas. Vou tomar chá com ela amanhã de tarde.

A razão pela qual havia espaço para esse *tête-à-tête* só pode ser entendida olhando para a copa, onde Totty fora descoberta esfregando uma bolsa azul^[55] perdida no nariz e, no mesmo momento, deixando cair algumas generosas gotas de índigo em seu avental da tarde. Mas agora ela apareceu segurando a mão da mãe – a ponta do nariz redondo bastante brilhante devido a uma aplicação recente e apressada de água e sabão.

— Aqui está ela! — disse o capitão, levantando-a e colocando-a na prateleira baixa de pedra. — Aqui está Totty! A propósito, qual é o outro nome dela? Ela não foi batizada de Totty.

— Oh, senhor, infelizmente a gente *num* chama *ela* pelo nome. Charlotte é o nome de batismo dela. É um nome da família de Mr. Poyser: sua avó se chamava Charlotte. Mas a gente começou *chamá* *ela* de Lotty e agora virou Totty. Com certeza é mais um nome *prum* cachorro do que *pruma* criança cristã.

— Totty é um nome excelente! Ora, ela parece uma Totty.^[56] Ela tem um bolso? — disse o capitão, tocando os bolsos de seu colete.

Totty imediatamente, com grande solenidade, levantou o vestido e mostrou um pequenino bolso cor-de-rosa que estava vazio.

— *Num* tenho nadinha nele — disse ela, enquanto olhava para baixo com muita seriedade.

— Não!? Que pena! Um bolso tão bonito. Bem, acho que eu tenho algumas coisas no meu que fazem um belo tilintar. Sim! Asseguro que tenho cinco coisinhas prateadas redondas e ouço o belo barulho que fazem no bolso cor-de-rosa de Totty.

Aqui ele sacudiu o bolso com as cinco moedas, e Totty mostrou os dentes e franziu o nariz com grande alegria; mas, adivinhando que não havia mais nada a ganhar ficando ali, pulou da prateleira e correu para chacoalhar o bolso aos ouvidos de Nancy, enquanto a mãe a chamava:

— Oh, que coisa feia, menina travessa! Nem agradece o capitão pelo que ele te deu. Tenho certeza, senhor, é muito gentil da sua parte; mas é uma mimadinha terrível; o pai *num* sabe *dizê* não, e *num* tem como *controlá* *ela*. É a mais nova e a única menina.

— Ah, ela é uma gorduchinha engraçada; não gostaria que fosse diferente. Mas devo ir agora, pois suponho que o reitor esteja me esperando.

Com um “até logo”, um olhar radiante e uma reverência a Hetty, Arthur deixou a leiteria. Mas estava enganado em imaginar que esperavam por ele. O reitor estava tão interessado em sua conversa com Dinah, que não teria escolhido encerrá-la antes; e você ouvirá agora o que eles estavam dizendo um ao outro.

Capítulo VIII

Uma Vocação

Dinah, segurando o lençol que estava costurando, em sinal de saudação e educação, havia se levantado quando os cavalheiros entraram, permanecendo onde estava e calada. Quando viu Mr. Irwine a olhando e avançando em sua direção, ela lhe fez uma reverência respeitosa. Ele ainda não havia falado ou ficado cara a cara com ela, e seu primeiro pensamento, quando seus olhos encontraram os dele, foi: “Que aspecto gracioso! Oh, que a boa semente caia neste solo, pois certamente florescerá”.^[57] A impressão agradável deve ter sido mútua, pois Mr. Irwine lhe fez uma mesura com uma deferência favorável, que teria sido igualmente adequada se ela fosse a dama mais digna de seu conhecimento.

— Imagino que está apenas de visita nesta região? — foram suas primeiras palavras, enquanto se sentava em frente a ela.

— Não, senhor, venho de Snowfield, em Stonyshire. Mas minha tia foi muito gentil, querendo que eu descansasse de meu trabalho lá, porque eu estava doente, e me convidou para ficar com ela por um tempo.

— Ah, eu me lembro muito bem de Snowfield; uma vez tive a oportunidade de ir lá. É um lugar melancólico e sombrio. Estavam construindo um moinho de algodão; mas isso foi há muitos anos. Suponho que o lugar tenha mudado bastante pelos empregos que o moinho deve ter criado.

— Ele *está* mudado na medida em que o moinho levou pessoas para lá, que ganham seu sustento trabalhando nele e o tornam em um lugar melhor para os comerciantes. Eu mesma trabalho nisso e tenho razões para ser grata, pois assim tenho mais do que o suficiente. Mas ainda é um lugar sombrio, como diz, senhor, muito diferente desta terra.

— Tem parentes vivendo lá, provavelmente, por isso é apegada ao lugar como sua casa?

— Eu tinha uma tia lá; ela me criou, pois sou órfã. Mas Deus a

levou há sete anos, e não tenho nenhum outro parente que eu saiba, além de minha tia Poyser, que é muito boa para mim e gostaria que eu viesse e vivesse nesta terra, que, com certeza, é um bom lugar, onde se come pão sem escassez.^[58] Mas não estou livre para deixar Snowfield, onde fui uma vez cultivada e me desenvolvi profundamente, como a grama no topo da colina.

— Ah, suponho que tenha muitos amigos e companheiros religiosos lá; é uma metodista, uma wesleyana,^[59] imagino?

— Sim, minha tia em Snowfield pertencia à Sociedade,^[60] e tenho motivos para agradecer pelos privilégios que tive desde minha primeira infância.

— E tem há muito tempo o hábito de pregar? Pois soube que pregou em Hayslope ontem à noite.

— Comecei o trabalho há quatro anos, quando tinha vinte e um.

— Sua Sociedade sanciona a pregação das mulheres, então?

— Não as proíbe, senhor, quando têm um claro chamado ao trabalho e quando seu ministério é de propriedade da conversão dos pecadores e do fortalecimento do povo de Deus. Mrs. Fletcher, como deve ter ouvido falar, foi a primeira mulher a pregar na Sociedade, acredito, antes de se casar, quando era Miss Bosanquet; e Mr. Wesley aprovou sua realização do trabalho. Ela tinha um grande dom, e há muitas outras que estão ativas agora e que são preciosas ajudantes na obra do ministério. Entendo que existam vozes contra isso na Sociedade ultimamente, mas não posso deixar de pensar que o conselho deles não chegará a nada. Não cabe aos homens fazerem canais para o Espírito de Deus, como fazem canais para os cursos d'água, e dizer: “Flua aqui, mas não flua ali.”

— Mas você não encontra algum perigo entre o seu povo – não quero dizer que é assim com você, longe disso –, mas não acha que, às vezes, homens e mulheres se imaginam canais para o Espírito de Deus e estão bastante enganados, de modo que se dedicam a uma obra pela qual são inadequados e desprezam as coisas sagradas?

— Sem dúvida, às vezes é assim; pois houve malfeitores entre nós que procuraram enganar os irmãos, e há alguns que enganam a si mesmos.^[61] Mas não estamos sem disciplina e correção para colocar

um controle sobre essas coisas. Há uma ordem muito rígida entre nós, e os irmãos e irmãs vigiam as almas uns dos outros como aqueles que devem prestar contas. Não seguem cada um o seu caminho^[62] e dizem: “Sou eu guardador do meu irmão?”^[63]

— Mas me diga – se posso perguntar, e estou realmente interessado em saber –, como começou a pensar em pregar?

— Na verdade, senhor, eu não pensei nisso de forma alguma – estava acostumada desde os dezesseis anos a falar com as crianças pequenas e ensiná-las, e às vezes meu coração expandia para falar em sala de aula e se envolvia muito em orações com os doentes. Mas eu não sentia nenhum chamado para pregar, pois quando não estou sobrecarregada, sou muito dada a ficar quieta e sozinha. É como se pudesse ficar em silêncio o dia todo com o pensamento de Deus transbordando minha alma – enquanto os seixos se banham no riacho Willow. Pois pensamentos são tão grandiosos, não são, senhor? Parecem cair sobre nós como um profundo dilúvio; e é minha fraqueza esquecer onde estou e tudo ao meu redor e me perder em pensamentos que não poderia dar conta, pois não poderia nem começar nem terminar com eles em palavras. Esse foi o meu caminho, desde que me lembro; mas às vezes parecia que o discurso vinha a mim sem qualquer vontade própria, e foram-me dadas palavras que fluíam como as lágrimas fluem, porque nossos corações estão cheios e não podemos evitar. E esses sempre foram tempos de grande bênção, embora eu nunca tivesse pensado que poderia ser assim comigo diante de uma congregação de pessoas. Mas, senhor, somos guiados, como as criancinhas, por um caminho que não conhecemos. Fui chamada para pregar de repente e desde então nunca mais fiquei em dúvida sobre o trabalho que me foi atribuído.

— Mas me diga as circunstâncias – assim como foi, no exato dia em que começou a pregar.

— Foi em um domingo que caminhei com o irmão Marlowe, que era um homem idoso, um dos pregadores locais, até Hetton-Deeps – uma aldeia onde as pessoas ganham a vida trabalhando nas minas de chumbo e onde não há igreja nem pregador, vivem como ovelhas sem pastor. Fica a vinte quilômetros de Snowfield, então partimos de

manhã cedo, pois era verão; e eu tinha uma sensação maravilhosa do amor Divino enquanto caminhávamos sobre as colinas, onde não há árvores, sabe, senhor, como há aqui, para fazer o céu parecer menor, mas pode-se ver os céus estendidos como cortina,^[64] e sente-se os braços eternos ao seu redor. Mas antes de chegarmos a Hetton, o irmão Marlowe foi tomado por uma tontura que o deixou com medo de cair, pois trabalhou duro em seus anos, vigiando e orando, andando tantos quilômetros para espalhar a Palavra, além de continuar o ofício em tecelagem de linho. E quando chegamos à aldeia, as pessoas estavam esperando por ele, pois ele havia marcado o momento e o lugar quando estivera lá antes, e aqueles que se preocupavam em ouvir a Palavra de Vida estavam reunidos em um local onde as casas de campo eram mais numerosas, para que outros pudessem ser atraídos a ir. Mas senti que não conseguia se levantar para pregar e foi forçado a se deitar na primeira casa em que chegamos. Assim fui contar ao povo, pensando que iríamos para uma das casas, que eu leria e oraria com eles. Mas quando passei pelas casas de campo e vi as mulheres envelhecidas e trêmulas nas portas e os olhares duros dos homens, que pareciam não ter mais os olhos cheios com a visão da manhã do dia do Senhor, como se fossem bestas que nunca olharam para o céu, senti um grande movimento em minha alma e estremeci como se sacudida por um espírito forte entrando em meu corpo fraco. E fui ao lugar onde o pequeno rebanho de pessoas estava reunido e subi no muro baixo construído contra o declive verde e falei as palavras que me foram dadas abundantemente.^[65] E todos eles vieram de todas as casas ao meu redor, e muitos choraram por seus pecados, e desde então se uniram ao Senhor. Esse foi o começo de meu ministério, senhor, e tenho pregado desde então.

Dinah deixara a costura cair durante essa narrativa, que proferiu da maneira simples de sempre, mas com aquele sincero agudo articulado e emocionante, com o qual sempre dominava seu público. Inclinou-se agora para recolher seu trabalho e depois o continuou como antes. Mr. Irwine estava profundamente interessado. Ele disse a si mesmo: “Teria que ser um pedante miserável para agir como pedagogo aqui; seria o mesmo que dar sermões às árvores para crescerem em sua própria

forma”.

— E você nunca sente nenhum constrangimento pela compreensão de sua juventude – uma jovem adorável em quem os olhos dos homens estão fixos? — disse ele, em voz alta.

— Não, eu não tenho espaço para tais sentimentos e não acredito que as pessoas prestem atenção nisso. Penso, senhor, que quando Deus faz sentir a Sua presença através de nós, somos como a sarça ardente: Moisés nunca prestou atenção a que tipo de sarça era – ele só viu o brilho do Senhor.^[66] Eu preguei para pessoas das mais ignorantes e rudes possíveis nas aldeias ao redor de Snowfield – homens que pareciam muito duros e selvagens –, mas eles nunca disseram uma palavra descortês para mim e muitas vezes me agradeceram gentilmente ao abrirem caminho para que eu passasse pelo meio deles.

— Nisso posso acreditar – posso muito bem acreditar — disse Mr. Irwine, enfático. — E o que achou de seus ouvintes ontem à noite, então? Achou-os silenciosos e atenciosos?

— Muito quietos, senhor, mas não vi sinais de nenhuma grande preocupação, exceto em uma jovem chamada Bessy Cranage, por quem meu coração ansiava muito, quando meus olhos caíram em sua juventude viçosa, entregue à insensatez e à vaidade. Tive uma conversa particular e uma oração com ela depois, e acredito que seu coração foi tocado. Mas notei que nessas aldeias onde as pessoas levam uma vida calma entre verdes pastos e águas tranquilas,^[67] cultivando o solo e cuidando do gado, há uma estranha indiferença à Palavra, tão diferente quanto pode ser nas grandes cidades como Leeds, onde uma vez fui visitar uma mulher santa que prega lá. É maravilhoso o quão rica é a colheita de almas por aquelas ruas altas, onde se parece andar como em um pátio de prisão, e o ouvido é ensurdecido com os sons de labuta mundana. Acho que talvez seja porque a promessa é mais doce quando esta vida é tão obscura e cansativa, e a alma fica mais faminta quando o corpo está pouco à vontade.

— Ora, sim, nossos trabalhadores agrícolas não são facilmente despertados. Levam a vida quase tão devagar quanto as ovelhas e vacas. Mas temos alguns trabalhadores inteligentes por aqui. Suponho

que conheça os Bedes; Seth Bede, a propósito, é metodista.

— Sim, conheço Seth bem, e seu irmão Adam um pouco. Seth é um jovem gracioso, sincero e sem pecado; e Adam é como o patriarca José, por sua grande habilidade e conhecimento e pela bondade que mostra ao irmão e aos pais.

— Talvez não saiba o infortúnio que acabou de ocorrer com eles? O pai deles, Matthias Bede, afogou-se no riacho Willow ontem à noite, não muito longe da própria casa. Estou indo agora ver Adam.

— Ah, a pobre mãe idosa deles! — exclamou Dinah, baixando as mãos e olhando à frente com pena, como se visse o objeto de sua compaixão. — Ela lamentará muito, pois Seth me disse que tem um coração ansioso e perturbado. Devo ir até eles, ver se posso ajudá-la de alguma forma.

Quando ela se levantou e começava a dobrar a costura, o capitão Donnithorne, tendo esgotado todos os pretextos plausíveis para permanecer entre as leiteiras, saiu da leiteria, seguido por Mrs. Poyser. Mr. Irwine também se levantou e, avançando em direção a Dinah, estendeu a mão e disse:

— Até logo. Ouvi dizer que vai embora em breve; mas esta não será a última visita que fará à sua tia; então nos encontraremos de novo, eu espero.

Sua cordialidade com Dinah acalmou todas as ansiedades de Mrs. Poyser, e seu rosto estava mais radiante do que o normal, quando disse:

— Eu ainda *num* perguntei por Mrs. Irwine e Misses Irwines, senhor; espero que *tenham* tão bem quanto de costume.

— Sim, obrigado, Mrs. Poyser, exceto que Miss Anne está com uma de suas fortes dores de cabeça hoje. A propósito, todos nós gostamos daquele belo queijo cremoso que nos enviou, minha mãe em especial.

— Fico muito feliz, na verdade, senhor. Raramente faço um, mas me lembrei que Mrs. Irwine gostava. Por favor, envie meus *cumprimento* pra ela, e Miss Kate e Miss Anne. Elas nunca deram uma boa olhada nas minhas *ave*, e tenho umas *bela* galinha salpicada, preta e branca, como acho que Miss Kate ia *gostá* de ter.

— Bem, contarei a ela; e deverá vir vê-las. Até logo — disse o

reitor, montando em seu cavalo.

— Apenas siga devagar, Irwine — disse o capitão Donnithorne, montando também. — Eu o alcançarei em três minutos. Só vou falar com o pastor sobre os filhotes. Até logo, Mrs. Poyser; diga a seu marido que virei e terei uma longa conversa com ele em breve.

Mrs. Poyser fez a devida reverência e observou os dois cavalos até que desapareceram do pátio, em meio a grande excitação por parte dos porcos e das aves, e sob a furiosa indignação do buldogue, que executou uma pírrica,^[68] e cada momento parecia ameaçar quebrar sua corrente. Mrs. Poyser adorava essa saída barulhenta; era uma clara garantia de que o pátio da fazenda estava bem-cuidado, e que nenhum desocupado poderia entrar sem ser observado; e foi só depois que o portão fechou atrás do capitão que se virou para a cozinha de novo, onde Dinah estava com o gorro na mão, esperando para falar com a tia, antes de partir para a casa de Lisbeth Bede.

Mrs. Poyser, no entanto, embora tenha notado o gorro, adiou mencioná-lo até que tivesse desabafado de sua surpresa com o comportamento de Mr. Irwine.

— Ora, Mr. Irwine *num tava* com raiva, então? O que ele te disse, Dinah? Ele *num* te repreendeu por *pregá*?

— Não, não estava com raiva de modo algum; ele foi muito amigável comigo. Estava bastante receptiva para falar com ele; mal sei como, pois sempre pensei nele como um saduceu^[69] mundano. Mas seu semblante é tão agradável quanto o sol da manhã.

— Agradável! E o que mais esperava *achá* dele senão agradável? — disse Mrs. Poyser com impaciência, retomando o seu tricô. — Acho que o semblante dele *é* realmente agradável! É um cavalheiro de berço e tem uma mãe que parece uma pintura. Pode *corrê* a região e *num* vai *encontrá* outra mulher assim de sessenta e seis *ano*. É incrível ver um homem como esse no púlpito no domingo! Como digo a Poyser, é como *olhá pruma* safra inteira de trigo ou *prum* pasto com umas *boa* vaca leiteira; faz *pensá* que o mundo é muito bom. Mas quanto às *criatura* que *cês metodista* corre atrás, eu ia *preferí olháрум* monte de vaca raquíica em pasto sem dono. Gente boa *pra* te *dizê* o que é certo, como se nunca tivesse provado nada melhor do que resto de toucinho

e bolo azedo na vida. Mas o que Mr. Irwine te disse sobre a tolice de *pregá* na praça?

— Ele só disse que tinha ouvido falar; não parecia sentir nenhum descontentamento com isso. Mas, querida tia, não pense mais nisso. Ele me disse algo que certamente lhe causará pesar, assim como me causou. Thias Bede se afogou ontem à noite no riacho Willow, e penso que aquela mãe idosa vai precisar muito de conforto. Talvez eu possa ser útil a ela, então peguei meu gorro e vou partir.

— Meu bem, meu bem! Mas *cê* deve *tomá* uma xícara de chá primeiro, criança — disse Mrs. Poyser, mudando de um tom agudo para um franco e cordial. — A chaleira *tá* fervendo, vai *ficá* pronto *num* minuto; e os *pequeno* já vai *entrá* e *tomá* o deles. *Tô* disposta e te *deixá* ver a velha, pois *cê* é sempre bem-vinda na hora de *ajudá*, metodista ou não; mas, por sinal, é do que a pessoa é feita que faz a diferença. Uns *queijo é feito* de leite desnatado e outro de leite fresco, e *num* importa como *chame eles*, *cê* pode *notá* qual é qual pela aparência e cheiro. Mas quanto a Thias Bede, ele *tá* melhor fora do caminho — Deus me perdoe por *dizê* isso —, pois ele fez pouca coisa nesses dez *ano*, além de *criá* problema *pra* eles; e acho que ia ser bom *cê levá* uma garrafinha de rum *pra* velha, pois imagino que ela *num* tenha um gole de nada que conforte ela. Sente, criança, e relaxe, pois *cê num* deve *sai* antes de *tomá* uma xícara de chá, como eu disse.

Durante a última parte desse discurso, Mrs. Poyser pegava o jogo de chá das prateleiras e estava a caminho da despensa para buscar o pão (seguida por Totty, que aparecera com o barulho das xícaras de chá), quando Hetty saiu da leiteria aliviando os braços cansados, levantando-os e apertando as mãos na parte de trás da cabeça.

— Molly — disse ela, um tanto lânguida —, corra e me traga um punhado de língua de vaca^[70]: a manteiga *tá* pronta *pra* ser empacotada agora.

— *Cê* ouviu o que aconteceu, Hetty? — perguntou a tia.

— Não; como ia ouvir alguma coisa? — foi a resposta, em um tom petulante.

— Não que *cê* fosse *ligá* muito, imagino, se ouvisse; pois é muito cabeça de vento *pra* se *importá* se todo mundo *tivesse* morto, então *cê*

ia *podê ficá* duas *hora* trocando de roupa no seu quarto. Mas qualquer um ia se *importá* com essas *coisa* acontecendo com eles, que pensa em você mais do que *cê* merece. Já que Adam Bede e todos os *parente* dele pode se *afogá* que *cê num* liga... ia *tá* se enfeitando em frente o espelho no minuto seguinte.

— Adam Bede – se afogou? — disse Hetty, deixando os braços caírem e parecendo bastante perplexa, mas suspeitando que a tia estava, como de costume, exagerando com um propósito didático.

— Não, minha querida, não — disse Dinah gentilmente, pois Mrs. Poyser passara à despesa sem conceder informações mais precisas. — Não Adam, o pai de Adam, o senhor, afogou-se. Afogou-se ontem à noite no riacho Willow. Mr. Irwine acabou de me contar.

— Oh, que terrível! — disse Hetty, parecendo séria, mas não profundamente afetada; e como Molly agora entrava com as folhas de língua de vaca, apanhou-as em silêncio e voltou para a leiteria sem fazer mais perguntas.

Capítulo IX

O Mundo de Hetty

Enquanto ajustava as folhas largas que realçavam a pálida manteiga perfumada como a primula é realçada por seu ninho verde, receio que Hetty estivesse pensando muito mais nos olhares que o capitão Donnithorne lançara a ela do que em Adam e seus infortúnios. Olhares radiantes e admiradores de um jovem cavalheiro bonito com mãos brancas, uma corrente de ouro, uniforme, riqueza e grandeza imensuráveis – esses eram os raios quentes que faziam o coração da pobre Hetty vibrar e tocar suas pequenas melodias tolas várias vezes. Ouvimos dizer que o colosso de Mêmnon^[71] não emitiu sua melodia sob o ímpeto do vento mais poderoso, ou em resposta a qualquer outra influência divina ou humana do que a de certos raios de sol da manhã de curta duração; e devemos aprender a nos acomodar à descoberta de que alguns desses instrumentos habilmente moldados chamados almas humanas têm apenas um alcance muito limitado de música e não vibrarão nem um pouco sob um toque que enche os outros de êxtase trêmulo ou agonia irrequieta.

Hetty estava bastante acostumada com a ideia de que as pessoas gostavam de olhar para ela. Não estava cega para o fato de que o jovem Luke Britton de Broxton veio à Igreja Hayslope em uma tarde de domingo com o propósito de vê-la; e que teria feito avanços muito mais decididos se o tio Poyser, dando pouca importância a um jovem cuja terra do pai era tão ruim quanto a do velho Luke Britton, não tivesse proibido a tia de encorajá-lo com quaisquer civilidades. Ela também estava ciente de que Mr. Craig, o jardineiro da reserva de caça, estava completamente apaixonado por ela e ultimamente tinha feito declarações inconfundíveis por meio de morangos suculentos e ervilhas hiperbólicas. Sabia ainda que Adam Bede – o alto, justo, inteligente, corajoso Adam Bede – que conquistava tal autoridade de todas as pessoas ao redor, e por quem o tio sempre ficava encantado ao ver à tarde, dizendo que “Adam tinha uma visão melhor da

natureza das *coisa* do que aqueles que se julgavam melhores” – ela sabia que esse Adam, que muitas vezes era bastante severo com outras pessoas e não era muito dado a correr atrás das moças, ficaria pálido ou vermelho a qualquer momento por uma palavra ou olhar dela. A esfera de comparação de Hetty não era grande, mas não podia deixar de perceber que Adam era o que se podia “chamar” de homem; sempre sabia o que dizer sobre as coisas, podia explicar ao tio como escorar o casebre e consertara a batedeira em pouco tempo; sabia, só de olhar, o valor da castanheira derrubada, e por que a umidade entrava nas paredes, e o que deviam fazer para deter os ratos; escrevia em bela caligrafia legível e fazia contas de cabeça – um grau de habilidades totalmente desconhecido entre os agricultores mais ricos daquela zona rural. Nada parecido com aquele desleixado Luke Britton, que, quando uma vez caminhou com ele de Broxton a Hayslope, apenas quebrara o silêncio para observar que a gansa cinza botara um ovo. E quanto a Mr. Craig, o jardineiro, era um homem bem sensato, com certeza, mas tinha os joelhos tortos e uma espécie de cantar estranho em sua conversa; além disso, na suposição mais caridosa, devia estar na casa dos quarenta anos.

Hetty tinha certeza de que o tio queria que ela encorajasse Adam, e ficaria feliz se ela se casasse com ele. Pois aqueles eram tempos em que não havia uma demarcação rígida de hierarquia entre o agricultor e o artesão respeitável, e em casa, assim como na taberna, podiam ser vistos tomando seu jarro de cerveja juntos; o agricultor tendo um senso latente de capital e de peso nos assuntos da paróquia, que o sustentava sob sua evidente inferioridade nas conversas. Martin Poyser não era um frequentador de tabernas, mas gostava de uma conversa amigável enquanto tomava a própria cerveja caseira; e, embora fosse aprazível instruir um vizinho estúpido que não tinha a menor noção de como tirar o melhor proveito de sua fazenda, também era uma variação agradável aprender algo com um camarada inteligente como Adam Bede. Portanto, nos últimos três anos – desde que ele supervisionara a construção do novo celeiro – Adam tem sido bem-vindo na fazenda Hall, especialmente em noites de inverno, quando toda a família, à moda patriarcal, mestre e senhora, crianças e criados,

reuniam-se naquela cozinha gloriosa, a distâncias bem graduadas do fogo ardente. E nos últimos dois anos, pelo menos, Hetty tivera o hábito de ouvir o tio dizer: “Adam Bede pode ser um assalariado agora, mas vai ser patrão um dia, tão certo quanto *tô* sentado nesta cadeira. Mestre Burge tem razão em *querê* que ele vire sócio e case com a filha dele, se é verdade o que dizem; a mulher que *casá* com ele *tem* sorte, seja quando for”, uma observação que Mrs. Poyser sempre assentia com sinceridade. “Ah”, dizia ela, “é muito bom *arrumá* um homem rico, mas pode ser que ele seja um trouxa; e *num* adianta *enchê* o bolso de dinheiro se ele *tivé* um buraco. *Num* serve de nada *sentá* numa charrete própria, se *tivé* um molenga conduzindo: ele logo vai te *jogá* numa vala. Sempre disse que nunca ia me *casá* com um homem que *num* fosse esperto; pois do que adianta uma mulher ser esperta se ela *tá* amarrada *num* pateta que é chacota de todo mundo? É o mesmo que *colocá* roupa refinada *pra sentá* de costas num burro.”

Essas expressões, embora figurativas, indicavam o suficiente a inclinação da mente de Mrs. Poyser em relação a Adam; e, embora ela e seu marido pudessem ter visto o assunto de forma diferente se Hetty fosse filha deles, estava claro que teriam gostado do casamento de Adam com uma sobrinha sem um tostão. Pois o que Hetty poderia ter sido senão uma criada em outro lugar, se o tio não a tivesse acolhido e a educado para ser ajudante doméstica da tia, cuja saúde desde o nascimento de Totty não a deixara desempenhar mais do que a superintendência de criados e filhos? Mas Hetty nunca dera a Adam qualquer encorajamento constante. Mesmo nos momentos em que tinha a mais completa consciência da superioridade dele em relação aos outros admiradores, nunca pensou em aceitá-lo. Gostava de sentir que esse homem forte, habilidoso e atento estava em seu poder, e teria ficado indignada se ele tivesse mostrado o menor sinal de escorregar por debaixo do jugo de sua tirania coquete e se apegar à gentil Mary Burge, que teria ficado grata o suficiente pela atenção mais insignificante dele. “Mary Burge, realmente! Uma garota de rosto tão doentio. Se ela usasse uma fita cor-de-rosa ficaria tão amarela quanto uma flor do corvo, e seu cabelo é tão liso quanto um novelo de algodão”. E sempre que Adam se afastava por várias semanas da

fazenda Hall ou de outra forma mostrasse resistência à sua paixão como se fosse uma tolice, Hetty tinha o cuidado de atraí-lo de volta à sua rede por meio de pequenos ares de mansidão e timidez, como se estivesse em apuros com sua negligência. Mas quanto a se casar com Adam, isso era um assunto muito diferente! Não havia nada no mundo que a atraísse a fazer isso. Suas bochechas nunca enrubesciam quando seu nome era mencionado; não sentia nenhuma emoção quando o via passando ao longo da calçada perto da janela, ou avançando inesperadamente em direção a ela no caminho do outro lado do prado; não sentia nada quando os olhos dele pousavam nela, além do triunfo frio de saber que ele a amava e não se importaria em olhar para Mary Burge. Ele não podia despertar nela as emoções que fazem a doce excitação do amor jovem mais do que a mera imagem de um sol pode despertar a seiva da primavera nas fibras sutis da planta. Ela o via como ele era – um homem pobre com pais idosos para cuidar, que não seria capaz, por um longo tempo por vir, de lhe dar até mesmo os luxos que tinha na casa do tio. E os sonhos de Hetty eram todos de luxo: sentar-se em uma sala de estar acarpetada e sempre usar meias brancas; ter alguns brincos grandes e bonitos, como todos os da moda; ter rendas de Nottingham na parte superior do vestido e algo para deixar o lenço com um cheiro agradável, como o de Miss Lydia Donnithorne quando o tirava na igreja; e não ser obrigada a se levantar cedo ou ser repreendida por ninguém. Pensava que se Adam fosse rico e pudesse lhe dar essas coisas, ela o amaria o suficiente para se casar com ele.

Mas, nas últimas semanas, uma nova influência se abateu sobre Hetty – vaga, atmosférica, que não se moldava em esperanças ou perspectivas confessadas, mas produzia um efeito narcótico agradável, fazendo-a pisar no chão como se levitasse, fazendo seu trabalho numa espécie de sonho, inconsciente de peso ou esforço, mostrando-lhe todas as coisas sob um véu suave e líquido, como se ela vivesse não neste mundo sólido de tijolo e pedra, mas em um mundo beatificado, tão iluminado quanto o reflexo do sol nas águas. Hetty percebera que Mr. Arthur Donnithorne se dava muito ao trabalho pela chance de vê-la; que sempre se posicionava na igreja para ter a visão mais completa

dela, sentada e de pé; que estava constantemente encontrando razões para visitar a fazenda Hall e sempre tramava algo para dizer e fazê-la falar e olhar para ele. A pobre criança, no momento, concebia tanto a ideia de que o jovem fidalgo poderia ser seu amado quanto uma linda filha de um padeiro na multidão, a quem um jovem imperador distingue por um sorriso imperial, porém admirado, concebe que ela fosse feita imperatriz. Mas a filha do padeiro vai para casa e sonha com o belo jovem imperador, e talvez pese mal a farinha enquanto pensa o quanto seria uma celestial sina tê-lo como marido. E assim, a pobre Hetty tinha um rosto e uma presença assombrando seus sonhos acordados e adormecidos; suaves olhares radiantes a penetraram e inundaram sua vida com um langor estranho e feliz. Os olhos que lançavam esses olhares não eram nem metade tão belos quanto os de Adam, que às vezes olhava para ela com uma ternura triste e suplicante, mas haviam encontrado um caminho pronto na boba e pequena imaginação de Hetty, enquanto os de Adam não conseguiram entrar naquela atmosfera. Por três semanas, pelo menos, sua vida interior consistia em pouco mais do que viver na memória dos olhares e palavras que Arthur lhe dirigira – pouco mais do que lembrar das sensações com as quais ouvia sua voz do lado de fora da casa, e o via entrar, ter consciência de que seus olhos estavam fixos nela e então ter consciência de que uma figura alta, que olhava para ela com olhos que pareciam tocá-la, aproximava-se em roupas de bela textura com um aroma de um jardim de flores carregado pela brisa da noite. Pensamentos tolos?! Mas tudo isso aconteceu, deve-se lembrar, há quase sessenta anos, e Hetty era bastante ignorante – uma garota simples de fazenda, para quem um cavalheiro com uma mão branca era deslumbrante como um deus olímpico. Nunca olhara mais longe no futuro do que para a próxima vez que o capitão Donnithorne viria à fazenda, ou para o domingo seguinte, quando o veria na igreja; mas agora pensou, talvez ele tentasse encontrá-la quando fosse à reserva de caça amanhã – e talvez falasse com ela, e caminhassem juntos, quando ninguém estivesse por perto! Isso não acontecera ainda; e agora sua imaginação, em vez de retrair o passado, ou o futuro mais ou menos distante, estava ocupada moldando o que aconteceria

amanhã – em que lugar da reserva de caça deveria vê-lo vindo em sua direção, como deveria colocar a nova fita cor-de-rosa, que ele nunca havia visto, e o que lhe diria para fazê-la retribuir o olhar – um olhar que reviveria em sua memória, repetidas vezes, o resto do dia.

Neste estado de espírito, como Hetty poderia expressar qualquer sentimento aos infortúnios de Adam ou pensar sobre o pobre velho Thias sendo afogado? Almas jovens, em delírios tão agradáveis como os dela, são tão insensíveis quanto borboletas sorvendo néctar; estão isoladas de todos os apelos por uma barreira de sonhos – por olhares invisíveis e braços impalpáveis.

Enquanto as mãos de Hetty estavam ocupadas empacotando a manteiga, e a cabeça cheia dessas imagens do amanhã, Arthur Donnithorne, cavalcando ao lado de Mr. Irwine em direção ao vale do riacho Willow, também tinha certas antecipações indistintas, correndo como uma corrente baixa em sua mente enquanto ouvia o relato de Mr. Irwine sobre Dinah – indistinto, mas forte o suficiente para fazê-lo se sentir bastante consciente quando Mr. Irwine de repente disse:

— O que o fascinou tanto na leiteria de Mrs. Poyser, Arthur? Tornou-se um apreciador de pedreiras úmidas e escorredores?

Arthur conhecia o reitor muito bem para supor que uma invenção inteligente seria de nenhuma utilidade, assim disse, com a franqueza habitual:

— Não, fui ver a linda fabricante de manteiga Hetty Sorrel. Ela é uma perfeita Hebe,^[72] e se fosse um artista, eu a pintaria. É incrível como se vê garotas bonitas entre as filhas dos agricultores, enquanto os homens são uns grosseirões. Aquele rosto comum, redondo e vermelho que se vê às vezes nos homens – todo bochechas e sem feições, como o de Martin Poyser – aparece nas mulheres da família como a fisionomia mais charmosa que se possa imaginar.

— Bem, não tenho nenhuma objeção a você contemplar Hetty sob uma luz artística, mas não devo permitir que alimente a vaidade dela e encha sua cabecinha com a noção de que é uma grande beleza, atraente para cavalheiros refinados, ou desvirtuará a futura esposa de um pobre homem – o honesto Craig, por exemplo, já vi lançando olhares gentis a ela. A pequena já parece ter ar suficiente para fazer

um marido tão miserável quanto a lei da natureza permite a um homem quieto quando se casa com uma beldade. Falando em casamento, espero que nosso amigo Adam se estabeleça, agora que o pobre velho se foi. Só terá a mãe para cuidar no futuro, e tenho a noção de que há uma amabilidade entre ele e aquela moça simpática e modesta, Mary Burge, algo que o velho Jonathan deixou escapar um dia quando conversava com ele. Mas quando mencionei o assunto a Adam, pareceu inquieto e mudou a conversa. Suponho que o cortejo não ocorra facilmente ou talvez Adam aguarde até estar em uma posição melhor. Tem independência de espírito suficiente por dois homens – ou, no mínimo, um orgulho excessivo.

— Seria uma união excelente para Adam. Ele tomaria o lugar do velho Burge e faria um belo feito com esse negócio de construção, eu asseguro. Gostaria de vê-lo bem estabelecido nesta paróquia; estaria pronto então para atuar como meu grão-vizir quando eu quisesse. Nós poderíamos planejar inúmeros reparos e melhorias juntos. Nunca vi a garota, no entanto, acho – pelo menos nunca olhei para ela.

— Olhe para ela no próximo domingo na igreja – ela se senta com o pai à esquerda do púlpito. Não precisará olhar tanto para Hetty Sorrel então. Quando decido que não posso comprar um cão tentador, não presto atenção nele, porque se ele se interessasse muito por mim e me olhasse com amor, a luta entre aritmética e inclinação poderia se tornar desagradavelmente severa. Eu me vanglorio de minha sabedoria nisso, Arthur, e como um velho para quem a sabedoria se tornou barata, eu lhe a concedo.

— Obrigado. Pode ser que um dia me sirva bem, embora não saiba se tenho algum uso no momento para ela. Bendito seja! Como o riacho transbordou. Suponha que tenhamos de galopar, agora estamos na base da colina.

Essa é a grande vantagem do diálogo a cavalo; pode ser fundido a qualquer minuto em um trote ou um galope, e poder-se-ia ter escapado do próprio Sócrates^[73] na sela. Os dois amigos estavam livres da necessidade de mais conversas até que pararam na alameda atrás da casa de Adam.

Capítulo X

Dinah Visita Lisbeth

Às cinco horas, Lisbeth desceu as escadas com uma grande chave na mão: era a chave da câmara onde seu marido jazia morto. Ao longo do dia, exceto em suas explosões ocasionais de luto lastimoso, estivera em movimento incessante, cumprindo os deveres iniciais para com o morto com a reverência e exatidão próprias dos ritos religiosos. Ela trouxera seu pequeno estoque de linho branqueado, que durante longos anos guardara em reserva para esse uso supremo. Parecia que foi ontem – naquela época, tantos verões atrás, quando dissera a Thias onde estava esse linho, que ele deveria ter conhecimento e apanhá-lo quando *ela* morresse, pois era a mais velha dos dois. Em seguida, havia o trabalho de limpar com a mais estrita pureza todos os objetos da câmara sagrada e de remover dela todos os vestígios de ocupação diária comum. A janelinha, que até então deixara entrar livremente o luar gelado ou sol quente de verão no cochilo do trabalhador, agora devia ser escurecida com um alvo lençol branco, pois esse era o sono que é tão sagrado sob as vigas nuas quanto nas casas com teto. Lisbeth até consertara um rasgo há muito negligenciado e imperceptível no pedaço quadriculado da cortina de cama; pois agora seriam poucos e preciosos os momentos em que seria capaz de fazer o menor ofício de respeito ou amor pelo cadáver imóvel, ao qual em todos os seus pensamentos ela atribuiu alguma consciência. Nossos mortos nunca estão mortos para nós até que os tenhamos esquecido: eles podem ser ofendidos por nós, podem ser magoados; conhecem toda a nossa penitência, toda a nossa dolorosa sensação de que seu lugar está vazio, todos os beijos que damos na menor relíquia de sua presença. E a camponesa idosa, acima de tudo, acreditava que os mortos são conscientes. Um enterro decente era o que Lisbeth vinha pensando para si mesma ao longo de anos de economia, com uma expectativa indistinta de que deveria saber quando estivesse sendo carregada para o cemitério, seguida pelo marido e os filhos; e agora sentia como se o

maior trabalho de sua vida fosse ser feito, ao ver que Thias seria enterrado decentemente antes de ela o ser – sob o espinheiro branco, onde uma vez, em sonho, pensou que estava no caixão, mas o tempo todo via o sol acima e sentia o cheiro das flores brancas que eram tão numerosas sobre o espinheiro branco no domingo em que fora à igreja depois que Adam nascera.

Mas agora tinha feito tudo o que poderia ser feito na câmara da morte – fizeram tudo sozinhos, ela com a ajuda dos filhos para levantar peso, pois não deixaria chamar ninguém da aldeia para ajudá-la, não gostando de vizinhos do sexo feminino em geral; e sua favorita, Dolly, a velha governanta de Mr. Burge, que viera prestar condolências de manhã, assim que soube da morte de Thias, era míoipe demais para ser de muita utilidade. Trancara a porta e agora segurava a chave, enquanto se jogava cansada em uma cadeira que estava fora de lugar, no meio do chão da casa, onde em tempos normais nunca teria consentido em se sentar. A cozinha não tivera a atenção dela naquele dia; estava suja com a trilha de sapatos enlameados e desarrumada com roupas e outros objetos fora do lugar. Mas o que em outro momento seria intolerável aos hábitos de ordem e limpeza de Lisbeth, parecia-lhe agora exatamente o que deveria ser: era certo que as coisas parecessem estranhas, desordenadas e miseráveis, agora que o velho chegara ao seu fim dessa maneira triste; a cozinha não deveria parecer como se não tivesse sido usada. Adam, dominado pelas agitações e esforços do dia após a noite de trabalho árduo, adormecera em um banco da oficina; e Seth estava na copa fazendo uma fogueira de gravetos para que pudesse ferver a chaleira e persuadir a mãe a tomar uma xícara de chá, uma indulgência que ela raramente se permitia.

Não havia ninguém na cozinha quando Lisbeth entrou e se jogou na cadeira. Olhou em volta com os olhos vazios para a sujeira e confusão, onde o luminoso sol da tarde brilhava de forma sepulcral; tudo se encaixava à triste confusão de sua mente – aquela confusão própria das primeiras horas de um pesar repentino, quando a pobre alma humana é como aquela que foi depositada adormecida entre as ruínas de uma vasta cidade, e acorda em um espanto melancólico, sem saber

se o dia está nascendo ou se pondo – sem saber por que e de onde veio essa cena infinita de desolação, ou por que ela também se encontrava desolada no meio dela.

Em outro momento, o primeiro pensamento de Lisbeth teria sido: “Onde Adam *tá*?” mas a morte súbita do marido o restituíra naquelas horas ao primeiro lugar em suas afeições que ele ocupara vinte e seis anos atrás. Esquecera suas falhas assim como esquecemos os pesares de nossa ida infância, e não pensava em nada além da bondade do jovem marido e da paciência do velho. Seus olhos continuaram vagando sem expressão até que Seth entrou e começou a remover algumas das coisas espalhadas, e limpar a mesinha redonda para que pudesse colocar o chá da mãe sobre ela.

— O que *tá* fazendo? — disse ela, bastante irritada.

— Quero que tome uma xícara de chá, mãe — respondeu Seth, com afeto. — Vai te fazer bem; e vou guardar umas dessas coisas e deixar a casa mais confortável.

— Confortável! Como pode *falá* disso? Deixa *pra* lá, deixa *pra* lá. *Num* tem mais conforto *pra* mim — continuou ela, as lágrimas vindo quando começou a falar —, agora seu pobre pai se foi, por quem lavei, costurei e fiz boa comida por trinta *ano*, e ele sempre ficava feliz com tudo que eu fazia *pra* ele, era tão útil e me ajudava quando eu ficava de barriga ou sobrecarregada com os *bebê*; fazia xarope *pra* mim e levava na cama com tanto orgulho; carregou o filho que pesava por dois sem *resmungá* por todo o caminho até Warson Wake, porque eu queria ver minha irmã, que morreu no Natal seguinte. Ele se afogou no riacho que a gente atravessou no dia do casamento *pra chegá* em casa, fez um monte de prateleira *pra* eu *colocá* os *prato* e as *louça*, me mostrou elas com tanto orgulho, pois sabia que eu ia *gostá*. E ele *tava* morrendo e eu *num* sabia porque *tava* dormindo como se *num* me importasse com nada. Hum! E vivi *pra* ver isso! A gente quando é jovem acha que vai *fazê* tudo certo quando casa. Deixa *pra* lá, rapaz, deixa *pra* lá! Eu *num* quero chá. *Num* me importo se nunca mais *comê* ou *bebê*. Quando um lado da ponte cai, do que adianta o outro *ficá* de pé? Podia muito bem *morrê* e *acompanhá* meu velho. Quem sabe ele *tá* precisando de mim.

Aqui Lisbeth converteu as palavras em gemidos, balançando-se para trás e para frente na cadeira. Seth, sempre tímido em seu comportamento em relação à mãe, pela sensação de que não tinha influência sobre ela, sentiu que era inútil tentar persuadi-la ou acalmá-la até que essa aflição passasse; assim se contentou em cuidar do fogo da cozinha e dobrar as roupas do pai, que estavam penduradas para secar desde a manhã – evitando se mover pelo cômodo onde a mãe estava e irritá-la ainda mais.

Mas depois que Lisbeth balançara e gemera por alguns minutos, de repente fez uma pausa e disse em voz alta para si mesma:

— Vou ver onde Adam *tá*, pois *num* consigo *imaginá pra* onde ele foi; quero que ele vá comigo *pro* andar de cima antes que escureça, pois os *minuto pra velá* o cadáver é que nem neve derretendo.

Seth ouviu isso e, entrando na cozinha outra vez, enquanto a mãe se levantava da cadeira, disse:

— Adam *tá* dormindo na oficina, mãe. É melhor não *acordá ele*. *Tá* exausto do trabalho e de problema.

— *Acordá* ele? Quem vai *acordá* ele? *Num* vou *acordá* ele só de *olhá*. Faz duas *hora* que *num* vejo ele, quase esqueci que cresceu e *num* é mais o bebê que o pai carregava.

Adam estava sentado em um banco rústico, com a cabeça apoiada no braço, que descansava do ombro ao cotovelo na longa mesa de aplainar no meio da oficina. Parecia que se sentara para descansar alguns minutos e adormeceu sem mudar da primeira posição de reflexão triste e fatigada. Seu rosto, sem lavar desde ontem, parecia pálido e úmido; o cabelo estava desgrenhado sobre a testa, e os olhos fechados tinham a aparência funda que se segue após vigília e pesar. A testa estava franzida, e todo o rosto tinha uma expressão de cansaço e dor. Gyp estava claramente desconfortável, pois se sentava sobre as patas, apoiando o focinho na perna esticada do mestre e dividindo o tempo entre lambar a mão que pendia apática e olhar com ar de escuta para a porta. O pobre cão estava com fome e inquieto, mas não deixava seu mestre, e esperava impaciente por alguma mudança na cena. Foi devido a esse sentimento de Gyp que, quando Lisbeth entrou na oficina e avançou em direção a Adam o mais silenciosa que pôde,

sua intenção de não acordá-lo foi imediatamente derrotada; pois a excitação de Gyp era grande demais para encontrar escape em qualquer coisa que não fosse um forte latido, e em um momento Adam abriu os olhos e viu a mãe de pé diante dele. Não era muito diferente de seu sonho, pois seu sono fora pouco mais do que reviver, de maneira febril e delirante, tudo o que acontecera desde o amanhecer, e a mãe com seu luto irritadiço estava presente em tudo. A principal diferença entre a realidade e a visão era que, em seu sonho, Hetty vinha constantemente diante dele em presença corporal – de modo estranho se misturando como uma atriz em cenas com as quais ela não tinha nada a ver. Em seu sonho, Hetty estivera perto do riacho Willow e depois irritara sua mãe ao entrar na casa; logo depois ele a encontrou com suas roupas elegantes completamente molhadas, enquanto caminhava na chuva até Treddleston, para contar ao legista. Mas de onde quer que Hetty surgira, sua mãe certamente a seguiria em breve; e quando ele abriu os olhos, não foi nada surpreendente vê-la parada perto dele.

— Hum, meu rapaz, meu rapaz! — Lisbeth irrompeu imediatamente, seu impulso lastimoso voltou, pois o luto em seu frescor sente a necessidade de associar sua perda e seu lamento a cada mudança de cena e incidente. — *Cê num tem mais ninguém agora além da sua velha mãe pra te atormentá e ser um fardo. Seu pobre pai nunca mais vai te irritá. E sua mãe pode muito bem partí em seguida – quanto mais cedo melhor –, pois num sirvo pra nada agora. Um casaco velho ainda pode ajudá remendá outro, mas num serve pra outra coisa. Cê vai preferí arrumá uma esposa pra costurá suas roupa e te fazê comida do que sua velha mãe. Num vou ser nada além dum estorvo, sentada no canto da chaminé.* (Adam estremeceu e se moveu inquieto; temia, entre todas as coisas, ouvir a mãe falar de Hetty). Mas se seu pai tivesse vivo ele nunca ia querê outra, pois sem mim num ia conseguí fazê nada, que nem uma tesoura com uma perna só que num funciona sem a outra. Hum, a gente devia ter os dois partido junto, assim eu num ia ter vivido esse dia e um enterro só ia dar conta.

Aqui Lisbeth fez uma pausa, mas Adam se sentou em silêncio aflito. Naquele dia não podia falar de outra forma senão ternamente com a

mãe, mas não podia deixar de ficar irritado com essa queixa. Não era possível para a pobre Lisbeth saber, no entanto, como isso afetava Adam; afetava mais do que é possível para um cão ferido saber como seus gemidos afetam os nervos de seu mestre. Contudo, como todas as mulheres queixosas, ela queixava-se na expectativa de ser acalmada, e quando Adam não disse nada, foi levada apenas a se queixar com mais amargura.

— Eu sei que *cê* ia *ficá* melhor sem mim, pois ia *podê* ir *pra* onde *quisé* e *casá* com quem *quisé*. Mas eu *num* ia te *contrariá*, pode *trazê* *pra* casa quem *preferí*; eu nunca ia *abrí* a boca *pra* *arrumá* defeito, porque quando a gente fica velha e sem serventia, tem que *agradecê* por ter um bocado de sopa, mesmo que tenha que *engolí* com desaforo. E se *cê* *ficá* de olho numa moça que *num* te traga nada de bom, quando devia te *fazê* um cavalheiro, *num* vou *dizê* nada, agora que seu pai morreu afogado, pois *num* sou melhor do que uma faca sem gume.

Adam, incapaz de suportar isso por mais tempo, levantou-se silenciosamente do banco e saiu da oficina para a cozinha. Mas Lisbeth o seguiu.

— *Cê num* quer *subí* e ver seu pai? Terminei tudo agora, e ele ia *gostá* que *cê* velasse ele, pois sempre ficava feliz quando *cê* era gentil com ele.

Adam se virou de imediato e disse:

— Sim, mãe; vamos subir. Venha, Seth, vamos juntos.

Eles subiram as escadas, e por cinco minutos tudo ficou em silêncio. Então a chave foi girada outra vez, e houve um som de passos nas escadas. Mas Adam não desceu novamente; estava muito cansado e abatido para encarar mais do luto lamuriante da mãe, e foi descansar na cama. Assim que Lisbeth entrou na cozinha e se sentou, jogou o avental por cima da cabeça e começou a chorar, gemer e se balançar como antes. Seth pensou: “Ela vai se acalmar, provavelmente, agora que a gente foi lá em cima”; e foi à copa de novo, para cuidar do fogão, esperando que logo a convencesse a tomar um chá.

Lisbeth esteve se balançando por mais de cinco minutos, dando um gemido baixo a cada movimento para frente, quando de repente sentiu

uma mão leve sobre a sua, e uma voz doce e aguda lhe disse:

— Querida irmã, o Senhor me enviou para ver se posso confortar a senhora.

Lisbeth fez uma pausa, em uma postura de escuta, sem tirar o avental do rosto. A voz lhe era estranha. Seria o espírito de sua irmã voltando dos mortos depois de todos esses anos? Tremeu e não ousou olhar.

Dinah, acreditando que essa pausa de espanto era em si um alívio para a mulher pesarosa, não disse mais nada, porém tirou calmamente seu gorro, e então, fazendo sinal de silêncio para Seth, que, ao ouvir sua voz, entrou com o coração pulando, colocou uma mão no encosto da cadeira de Lisbeth e se inclinou sobre ela, para que pudesse perceber uma presença amigável.

Devagar, Lisbeth baixou o avental e, timidamente, abriu os olhos turvos e escuros. Não viu nada no início, além de um rosto – um rosto puro e pálido, com olhos cinzentos amorosos, que lhe era desconhecido. Seu espanto aumentou; talvez *fosse* um anjo. Mas no mesmo instante Dinah colocou a mão na de Lisbeth outra vez, e a idosa olhou para elas. Era uma mão muito menor do que a dela, mas não era branca e delicada, pois Dinah nunca usara uma luva em sua vida, e sua mão carregava os traços de trabalho de sua infância adiante. Lisbeth olhou seriamente para a mão por um momento, e então, fixando os olhos de novo no rosto de Dinah, disse, com um pouco de coragem restaurada, mas em um tom de surpresa:

— Ora, *cê* é uma trabalhadora!

— Sim, sou Dinah Morris, e trabalho em um moinho de algodão onde moro.

— Ah! — exclamou Lisbeth devagar, ainda admirada. — *Cê* entrou tão leve, que nem uma sombra na parede, falando no meu ouvido, que eu pensei que fosse um espírito. *Cê* tem o rosto de um, que nem o que *tá* na Bíblia nova de Adam.

— Venho da fazenda Hall agora. A senhora conhece Mrs. Poyser – ela é minha tia, e ouviu falar de sua grande aflição, e está muito triste; e vim para ver se posso ser de alguma ajuda à senhora nessa situação; pois conheço seus filhos Adam e Seth, sei que não tem filhas; e quando

o clérigo me disse como a mão de Deus foi pesada sobre a senhora, meu coração partiu em sua direção, senti uma ordem para vir e estar aqui no lugar de uma filha nessa tristeza, se me permitir.

— Ah! Sei quem é agora; *cê* é metodista, que nem Seth; ele me falou de você — disse Lisbeth aflita, sua sensação avassaladora de dor retornando, agora que seu espanto se foi. — Vai *enxergá* o lado bom dos *problema*, como *ele* sempre faz. Mas do que adianta *falá* comigo sobre isso? *Num* pode *fazê* o sofrimento *diminuí* com conversa. Nunca vai me *convencê* que *num* ia ser melhor ter meu marido morrendo na cama, já que tinha que *morrê*, e ter o reitor orando por ele, eu sentada do lado dele dizendo *pra esquecer* os *desaforo* que às *vez* eu dizia quando *tava* com raiva, e dar um pouco de sopa enquanto ele conseguisse *engolí*. Mas hum! *Morrê* na água gelada, aqui perto e a gente nem *sabê*; eu dormindo, como se *num* fosse nada dele e ele fosse um vagabundo que ninguém sabe de onde veio!

Aqui Lisbeth começou a chorar e se balançar novamente; e Dinah disse:

— Sim, querida amiga, sua aflição é grande. Seria de um coração insensível dizer que seu infortúnio não é pesado de suportar. Deus não me enviou para aliviar seu pesar, mas para chorar com a senhora, se me permitir. Se tivesse uma mesa posta para um banquete e estivesse se divertindo com seus amigos, a senhora pensaria que seria gentil me deixar eu me sentar e me alegrar com vocês, porque pensaria que eu gostaria de compartilhar essas coisas boas; mas prefiro compartilhar seu infortúnio e trabalho, e me seria mais duro se me negasse isso. Não vai me mandar embora? Não está com raiva de mim por ter vindo?

— Não, não; raiva!? Quem disse que fiquei com raiva? Foi bom *cê* ter vindo. E Seth, porque *cê num* serve *pra* ela um pouco de chá? *Tava* com pressa de me *serví* quando *num* precisava, mas *num* pensa em *serví* quem pode *querê*. Sente; sente. Agradeço muito por ter vindo, porque é um bocado de trabalho vir andando pelos *campo* úmido *pra visitá* uma velha como eu... Não, *num* tenho uma filha – nunca tive uma – e *num* me arrependo, pois são umas *criatura* fraca, as *menina*; sempre quis ter filho rapaz, que consegue se *sustentá*. E quando os *rapaz* *casá*,

eu vou ter filha o bastante, até demais. Mas agora, deixe o chá a seu gosto, pois *num* tô sentindo gosto hoje – parece tudo igual – tudo tem gosto de tristeza.

Dinah teve o cuidado de não revelar que já havia tomado chá e aceitou o convite de Lisbeth de bom grado, para persuadir a própria senhora a comer e beber, que tanto precisava depois de um dia de trabalho duro e jejum.

Seth estava tão feliz agora que Dinah estava na casa dele, que não pôde deixar de pensar que sua presença valia a pena o sacrifício de uma vida na qual o luto era acompanhado de luto; mas no momento seguinte se censurou – era quase como se estivesse se alegrando pela triste morte do pai. No entanto, a alegria de estar com Dinah *trunfaria* – era como a influência do clima, que nenhuma resistência pode superar. E o sentimento até se espalhou em seu rosto, de modo a atrair a atenção da mãe, enquanto ela bebia o chá.

— *Cê* pode muito bem *falá* que problema é uma coisa boa, Seth, pois *cê tá* feliz com isso. Parece que *num* sabe, *num* se importa nem se incomoda, que nem quando era um bebê acordado no berço. Porque *cê* sempre ficava deitado com os *olho* aberto, e Adam nunca ficava um minuto parado assim que acordava. *Cê* era que nem um saco de cereal que *num* dá *pra moê* – apesar que, por sinal, seu pobre pai era outro. Mas *cê* tem o mesmo olhar também (aqui Lisbeth se virou para Dinah). Acho que tem a ver com ser metodista. Não que eu *teja* te criticando por isso, pois *cê num* tem por que se *preocupá*, mas parece triste também. Hum! Bem, se os *metodista* gosta de problema, vão *ficá* feliz, é uma pena que *num* possa *ficá* com todos eles e *tirá* de quem *num* gosta, pois quando tinha meu velho, ficava preocupada dia e noite; e agora que ele se foi, ia *agradecê* por ter isso de novo.

— Sim — disse Dinah, com cuidado para não se opor a nenhum sentimento de Lisbeth, pois sua confiança em suas menores palavras e atos, com a orientação divina, sempre emergia no tato refinado daquela mulher que procedia de uma compaixão vívida e pronta —; sim, eu lembro também, quando minha querida tia morreu, que ansiava pelo som de sua severa tosse às noites, em vez do silêncio que surgiu quando ela se foi. Mas agora, querida amiga, beba essa outra

xícara de chá e coma um pouco mais.

— O quê?! — disse Lisbeth, pegando a xícara e falando em um tom menos lamuriante. — *Cê num* tinha nem pai nem mãe, então, *pra sofrê* tanto pela tia?

— Não, nunca conheci meu pai ou minha mãe; minha tia me criou desde bebê. Ela não tinha filhos, pois nunca foi casada e me criou com tanta ternura como se eu tivesse sido sua própria filha.

— Hum, ela deve ter tido trabalho, garanto, te criando desde bebê, e ainda sozinha – é difícil *criá* um órfão. Mas imagino que *cê num* era malcriada, pois parece que nunca ficou com raiva na vida. Mas o que *cê* fez quando sua tia morreu, e por que *num* veio *morá* nesta terra, sendo Mrs. Poyser sua tia também?

Dinah, vendo que a atenção de Lisbeth fora atraída, contou a ela a história de seu início de vida – como ela fora educada para trabalhar duro, e que tipo de lugar era Snowfield, e como muitas pessoas tinham uma vida difícil lá – todos os detalhes que achava que provavelmente interessariam a Lisbeth. A senhora, à medida que escutava a história de Dinah, esqueceu-se de ser irritadiça, sujeita de modo inconsciente à influência calmante do rosto e da voz de Dinah. Depois de um tempo, foi persuadida a deixar a cozinha ser arrumada; pois Dinah estava empenhada nisso, acreditando que o senso de ordem e tranquilidade ao seu redor ajudaria a dispor Lisbeth a se juntar à oração que desejava proferir junto dela. Seth, enquanto isso, saiu para cortar lenha, pois supôs que Dinah gostaria de ficar sozinha com a mãe.

Lisbeth se sentou, observando-a enquanto ela se movia em seu modo ligeiro e disse afinal:

— *Cê* tem jeito com limpeza. *Num* ia me *importá* se fosse minha filha, pois *cê num* ia *gastá* o salário do rapaz com roupa fina e bobagem. *Num* é como as *moça* deste campo. Acho que o povo de Snowfield é diferente do daqui.

— Eles têm um tipo diferente de vida, muitos deles — disse Dinah —; trabalham em coisas diferentes – alguns no moinho e muitos nas minas, nas aldeias ao redor. Mas o coração do homem é o mesmo em todos os lugares, e existem os filhos deste mundo e os filhos da luz lá, assim como em qualquer lugar. Mas temos muito mais metodistas do

que nesta terra.

— Bem, *num* sabia que tinha mulher metodista que nem você, pois aquela mulher de Will Maskery, que dizem ser uma grande metodista, *num* é nada agradável de se *olhá*. Prefiro *olhá prum* sapo. E acho que *num* ia me *importá* se *cê* ficasse e dormisse aqui, pois ia *gostá* de te ver aqui de manhã. Mas pode ser que precisem de você na casa dos Poysers.

— Não — disse Dinah —, eles não estão me esperando, e gostaria de ficar, se a senhora deixar.

— Bem, tem espaço; tenho minha cama arrumada no quartinho da copa, e *cê* pode *dormí* do meu lado. Ia *ficá* feliz de te ter comigo *pra conversá* de noite, porque *cê* fala dum jeito agradável. Isso me faz *pensá* nas *andorinha* que ficava no telhado no ano passado e cantava baixo e suave de manhã. Hum, meu velho gostava desses *passarinho*! E Adam também, mas *num* voltaram este ano. Devem ter morrido também.

— Pronto — disse Dinah —, agora a cozinha parece arrumada, e agora, querida mãe – pois sou sua filha nesta noite, sabe – gostaria que lavasse o rosto e colocasse uma touca limpa. A senhora se lembra do que Davi fez, quando Deus levou o filho dele?^[74] Enquanto a criança ainda estava viva, ele jejuou e orou a Deus para poupá-la, e não queria comer nem beber, apenas se deitou no chão por toda a noite, suplicando a Deus pela criança. Mas quando soube que ela estava morta, levantou-se do chão, lavou-se, ungiu-se, trocou de roupa, comeu e bebeu; e quando lhe perguntaram por que parecia ter deixado de sofrer agora que a criança estava morta, ele disse: “Vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se Deus se compadecerá de mim, e viverá a criança? Porém, agora que está morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim”.^[75]

— Hum, isso é verdade — disse Lisbeth. — Sim, meu velho *num* vai *voltá pra* mim, mas devo ir até ele – quanto mais cedo melhor. Bem, faça o que *achá* melhor comigo: tem uma touca limpa na gaveta, e vou na copa *lavá* o rosto. E Seth, *cê* pode *pegá* a Bíblia nova de Adam, com as *figura*, *pra* ela ler um capítulo *pra* gente. Hum, eu gosto dessas

palavra: “Eu irei a ele, porém ele num vai voltá pra mim”.

Dinah e Seth estavam ambos, no íntimo, agradecendo a maior tranquilidade de espírito que tomara Lisbeth. Isso era o que Dinah estava tentando trazer por meio de toda a sua empatia e ausência de exortação. Desde a juventude, ela estivera entre os doentes e os enlutados, entre as mentes endurecidas e encolhidas pela pobreza e ignorância, e ganhara a mais sutil das percepções da melhor maneira em que poderiam ser tocadas e tranquilizadas em favor de receber palavras de consolo ou advertência espiritual. Como Dinah expressou, “ela nunca foi deixada sozinha; mas sempre lhe foi concedido quando calar e quando falar.” E não concordamos todos em chamar o pensamento rápido e o impulso nobre pelo nome de inspiração? Depois de nossa análise mais sutil do processo mental, devemos ainda dizer, como Dinah fez, que nossos pensamentos mais elevados e nossas melhores ações são todos concedidos a nós.

E assim houve uma oração fervorosa – havia fé, amor e esperança derramando naquela noite na pequena cozinha. E Lisbeth, pobre, envelhecida, irritadiça, sem compreender qualquer ideia distinta, sem passar por qualquer percurso de emoções religiosas, sentiu uma vaga sensação de bondade e amor, e de algo certo por trás e além de toda essa vida pesarosa. Ela não conseguia entender o pesar; mas, por esses momentos, sob a influência dominadora do espírito de Dinah, sentiu que deveria ser paciente e quieta.

Capítulo XI

Na Casa de Campo

Eram apenas quatro e meia da manhã seguinte, quando Dinah, cansada de ficar acordada ouvindo os pássaros e observando a crescente luz através da pequena janela no telhado do sótão, levantou-se e começou a se vestir muito silenciosamente, para não perturbar Lisbeth. Mas alguém já estava ativo na casa e descia as escadas, precedido por Gyp. O passo ruidoso do cachorro era um sinal certo de que era Adam quem descia; mas Dinah não estava ciente disso, e pensou que era mais provável que fosse Seth, pois ele lhe contara como Adam ficara acordado trabalhando na noite anterior. Seth, no entanto, acabara de acordar ao som da porta se abrindo. A influência emocionante do dia anterior, aumentada finalmente pela presença inesperada de Dinah, não fora neutralizada por qualquer cansaço corporal, pois não fizera a quantidade comum de trabalho árduo; e assim, apenas foi dormir depois que ficou cansado de se revirar por horas, e a sonolência chegou e o levou a um sono matinal mais pesado do que o habitual.

Mas Adam fora revigorado pelo longo descanso, e com a usual impaciência pela mera passividade, estava ansioso para começar o novo dia e subjugar a tristeza com sua força de vontade e seu forte braço. A névoa branca jazia no vale; seria um dia quente e radiante, e começaria a trabalhar novamente quando tivesse tomado seu café da manhã.

“Não existe nada intolerável, desde que um homem possa trabalhar”, disse para si mesmo; “a natureza das coisas não muda, embora pareça que a própria vida não seja nada além de mudança. Quatro vezes quatro são dezesseis, e se deve estender a alavanca em proporção ao peso, e isso é um fato, esteja o homem feliz ou infeliz; e a melhor coisa do trabalho é que te dá controle sobre as coisas que estão além da sua sorte”.

Enquanto ele jogava a água fria sobre a cabeça e o rosto, sentiu-se

completamente sozinho de novo; com seus olhos pretos, tão aguçados como sempre, e os grossos cabelos pretos reluzindo com a umidade fresca, entrou na oficina para procurar madeiras para o caixão do pai, com a intenção de que ele e Seth pudessem carregá-las para a casa de Jonathan Burge e ter o caixão construído por algum dos trabalhadores de lá, assim a mãe não veria e ouviria a triste tarefa ocorrendo em casa.

Acabara de entrar na oficina quando seu ouvido sagaz detectou um caminhar rápido e leve nas escadas – certamente não era o da mãe. Ele estava na cama dormindo quando Dinah chegará à noite passada, e agora se perguntava de quem seria esse passo. Um pensamento tolo veio e o comoveu de modo singular. Como se pudesse ser Hetty! Ela seria a última pessoa que provavelmente estaria na casa. E, no entanto, sentiu-se relutante em olhar e ter a prova clara de que era outra pessoa. Estava apoiado em uma tábua que pegara, ouvindo sons que sua imaginação interpretava por ele de modo tão agradável, que o rosto forte e aguçado se tornou repleto de uma ternura tímida. O passo leve se movia pela cozinha, seguido pelo som da vassoura, dificilmente fazendo mais barulho que a brisa mais leve perseguindo as folhas de outono ao longo do caminho empoeirado; e a imaginação de Adam viu um rosto com covinhas, olhos escuros radiantes e sorriso malicioso olhando de trás dessa vassoura, e uma figura arredondada inclinada apenas um pouco segurando o cabo. Um pensamento muito tolo – não poderia ser Hetty; mas a única maneira de descartar tal absurdo de sua cabeça era ver *quem* era, pois sua fantasia só se aproximaria cada vez mais da crença enquanto estivesse lá ouvindo. Largou a tábua e foi até a porta da cozinha.

— Como está, Adam Bede? — disse Dinah, em sua voz aguda calma, parando de varrer e fixando os olhos suaves e sérios nele. — Espero que esteja descansado e fortalecido novamente para suportar a fadiga e o calor do dia.^[76]

Era como sonhar com o brilho do sol e acordar com o luar. Adam vira Dinah várias vezes, mas sempre na fazenda Hall, onde não tinha muito a vívida ciência da presença de qualquer mulher, exceto a de Hetty, e só nos últimos dias começou a suspeitar que Seth estava

apaixonado por ela, de modo que sua atenção até então não lhe fora direcionada por causa do irmão. Mas agora sua figura magra, o vestido preto simples e o rosto pálido e sereno o impressionavam com toda a força própria de uma realidade contrastada com uma fantasia preocupante. Por alguns instantes não deu nenhuma resposta, mas olhou para ela com o olhar concentrado, um vislumbre examinador que um homem dá a um objeto em que de repente começou a se interessar. Dinah, pela primeira vez em sua vida, sentiu uma autoconsciência dolorosa; havia algo no olhar penetrante e escuro desse homem forte tão diferente da suavidade e timidez de seu irmão Seth. Um ligeiro rubor surgiu, que se aprofundava enquanto ela se surpreendia. Esse rubor lembrou Adam de seu descuido.

— Fiquei bastante surpreso; muito amável da sua parte visitar minha mãe nessa situação — disse ele, em um tom gentil e agradecido, pois sua mente rápida lhe avisou de imediato como ela foi parar ali. — Espero que minha mãe tenha ficado grata em te receber — acrescentou ele, imaginando um tanto ansioso como fora a recepção de Dinah.

— Sim — disse Dinah, retomando seu trabalho —, ela parecia muito conformada depois de um tempo, e teve um bom descanso durante a noite, em alguns momentos. Estava dormindo profundamente quando a deixei.

— Quem deu a notícia na fazenda Hall? — perguntou Adam, seus pensamentos voltando-se para alguém de lá; imaginava se *ela* sentira algo a respeito.

— Foi Mr. Irwine, o clérigo, quem me disse. Minha tia ficou triste por sua mãe quando o ouviu e queria que eu viesse; meu tio também, tenho certeza, agora que ele já sabe, pois ontem estive em Rosseter o dia inteiro. Vão convidá-lo assim que você tiver tempo para ir, pois não há ninguém naquela casa que não gostaria de vê-lo.

Dinah, com sua adivinhação complacente, sabia muito bem que Adam ansiava por ouvir se Hetty dissera algo sobre seu infortúnio; era rigorosamente verdadeira demais para uma invenção benevolente, mas conseguiu dizer algo em que Hetty estivesse incluída. O amor tem uma maneira consciente de se enganar, como uma criança que brinca

de esconde-esconde solitária; satisfaz-se com as garantias que todo o tempo desacredita. Adam gostou tanto do que Dinah dissera, que sua mente estava diretamente ocupada com a próxima visita que faria à fazenda Hall, quando Hetty talvez fosse mais gentil com ele do que jamais fora.

— Mas não vai ficar lá por mais tempo? — disse ele a Dinah.

— Não, volto para Snowfield no sábado, e terei que partir para Treddleston mais cedo, para chegar a tempo para o transporte de Oakbourne. Assim devo voltar para a fazenda nesta noite, para que possa passar o último dia com minha tia e seus filhos. Mas posso ficar aqui o dia todo, se sua mãe quiser; e seu coração parecia aberto a mim ontem à noite.

— Ah, então, com certeza, vai querer que fique hoje. Se a mãe aceita as pessoas de início, certo de que vai se apegar a elas; mas ela tem uma maneira estranha de não gostar de mulheres jovens. Embora, com certeza — continuou Adam, sorrindo —, ela não gostar de outras jovens não é motivo para não gostar de você.

Até então Gyp assistia a essa conversa em silêncio imóvel, sentado sobre as patas, e alternadamente olhando para o rosto do mestre para observar sua expressão e examinando os movimentos de Dinah pela cozinha. O sorriso gentil com que Adam proferiu as últimas palavras foi aparentemente decisivo para Gyp elucidar como a estranha deveria ser considerada, e quando ela se virou depois de deixar de lado a vassoura, ele trotou em sua direção e colocou o focinho junto a mão dela de maneira amigável.

— Veja que Gyp te dá boas-vindas — disse Adam —, e ele demora para aceitar estranhos.

— Pobre cão! — disse Dinah, fazendo carinho na pelagem cinza e áspera. — Tenho uma sensação estranha sobre criaturas mudas como se quisessem falar e lhes fosse um problema porque não podem. Não posso deixar de sentir pena dos cães sempre, embora talvez não seja necessário. Mas podem ter algo a mais neles do que sabem nos fazer entender, pois não podemos dizer metade do que sentimos, com todas as nossas palavras.

Seth desceu e ficou satisfeito em encontrar Adam conversando com

Dinah; queria que Adam soubesse o quanto ela era melhor do que todas as outras mulheres. Mas depois de algumas palavras de saudação, Adam o atraiu para a oficina para consultá-lo sobre o caixão, e Dinah continuou com a limpeza.

Às seis horas, estavam todos tomando café da manhã com Lisbeth em uma cozinha tão limpa como se ela mesma tivesse limpado. A janela e a porta estavam abertas, e o ar da manhã trazia consigo um aroma misturado de abrótno, tomilho e rosa-mosqueta da parte do jardim ao lado da casa. Dinah não se sentou de início, mas circulou servindo aos outros o mingau quente e o bolo de aveia, que ela preparara da maneira usual, pois pedira a Seth que lhe dissesse exatamente o que a mãe lhes servia no café da manhã. Lisbeth estava estranhamente silenciosa desde que desceu as escadas, parecia exigir algum tempo para ajustar suas ideias a um cenário em que descia como uma dama para encontrar todo o trabalho feito e ainda se sentava para ser atendida. Suas novas sensações pareciam excluir a lembrança de seu pesar. Finalmente, depois de provar o mingau, quebrou o silêncio:

— O mingau podia *tá* pior — disse ela a Dinah —; *dá pra comê* sem *revirá* o estômago. Podia *tá* um pouco mais grosso, e sempre coloco um raminho de hortelã no meu; mas como *cê* ia *sabê* disso? Os *rapaz num* têm quem faça o mingau deles como eu faço; ia ser muito se *arrumá* alguém que saiba *fazê*, de qualquer jeito. Mas talvez *cê* consiga, com um pouco de ensino; pois é de *acordá* cedo, tem o passo leve e limpou a casa bem o bastante *prum* improviso.

— Improviso, mãe? — disse Adam. — Ora, acho que a casa *tá* linda. Não sei como podia ficar melhor.

— *Num* sabe? Não; como é que ia *sabê*? Os *homem* nunca sabem se o chão foi limpo ou se o gato lambeu. Mas *cê* vai *sabê* quando seu mingau *tivé* queimado quando eu *pará* de *fazê*. Aí vai *achá* que a sua mãe servia *pralguma* coisa.

— Dinah — disse Seth —, venha sentar e tomar seu café da manhã agora. *Tá* todo mundo servido já.

— Sim, venha *sentá* — disse Lisbeth —, come um pouco; *cê* vai *precisá* já que levantou já faz um tempo. Venha, então — acrescentou

ela, em um tom de carinho queixoso, enquanto Dinah se sentava ao seu lado. — *Num* queria que fosse embora, mas imagino que *num* pode *ficá* muito tempo. Ia te *preferí* aqui em casa do que a maioria do pessoal.

— Ficarei até a noite, se desejar — disse Dinah. — Ficaria mais tempo, mas vou voltar para Snowfield no sábado, e devo estar com minha tia amanhã.

— Hum, nunca ia *voltá pra* aquela terra. Meu velho veio daquele lado de Stonyshire, mas foi embora quando era jovem, e *tava* certo; pois ele disse que *num* tinha floresta lá e era uma terra ruim *prum* carpinteiro.

— Ah — disse Adam —, me lembro do pai contando, quando eu era um rapazinho, que ele decidiu que se alguma vez tivesse que se mudar, seria *pro* sul. Mas não tenho tanta certeza disso. Bartle Massey disse — e ele conhece o sul — que os homens do norte são uma raça mais refinada do que os do sul, mais práticos e de corpo mais forte, e um tanto mais altos. E então, disse que em alguns desses condados são tão planos quanto as costas das mãos, e que *cê* não consegue enxergar nada de longe sem subir nas árvores mais altas. Não ia conseguir tolerar isso. Gosto de ir trabalhar por uma estrada que vai me levar até umas colinas, ver os campos por quilômetros à minha volta, e uma ponte, ou uma cidade, ou um campanário aqui e ali. Isso faz *cê* sentir que o mundo é um lugar grande, e tem outros homens trabalhando nele com suas mentes e mãos além de você.

— Gosto mais das colinas — disse Seth —, quando as nuvens *tão* sobre sua cabeça e *cê* vê o sol brilhando tão longe, sobre o caminho de Loamford, como muitas vezes fui de tarde, nos dias de tempestade. Parecia *pra* mim que era o paraíso, onde sempre tem alegria e sol, embora a vida seja escura e nublada.

— Oh, eu amo Stonyshire — disse Dinah —; não gostaria de me direcionar às terras onde há riqueza de cereais e gado, e o chão é tão nivelado e fácil de pisar; e dar as costas às colinas onde as pessoas pobres têm que viver uma vida tão dura, e os homens passam os dias nas minas longe da luz do sol. É uma grande benção em um dia frio e sombrio, quando o céu está escuro sobre a colina, sentir o amor de

Deus na alma e carregá-lo para as casas de pedras solitárias e vazias, onde não há mais nada que traga conforto.

— Hum! — disse Lisbeth —, *falá* é fácil, pois *cê* parece umas *campânula* que colhi e que viveu dias e *dia* com nada além duma gota d'água e uma faixinha de luz do dia; mas o povo com fome faz bem em *deixá* as *terra* da fome. É menos boca *pra* pouco bolo. Mas — continuou ela, olhando para Adam —, *num* me venha *falá* de ir *pro* sul ou *pro* norte e *deixá* seu pai e sua mãe no cemitério e ir embora *pruma* terra desconhecida. Eu nunca vou *descançá* na minha cova sem te ver no cemitério nos *domingo*.

— Não se preocupe, mãe — disse Adam. — Se tivesse decidido ir, já teria ido antes.

Ele terminara seu café da manhã e se levantou enquanto falava.

— O que *cê* vai *fazê*? — perguntou Lisbeth. — O caixão do seu pai?

— Não, mãe — disse Adam —; a gente vai levar a madeira *pra* aldeia, e vão fazer lá.

— Não, meu rapaz, não — Lisbeth irrompeu em um tom ansioso e choroso —; *cê num* vai *deixá* ninguém *fazê* o caixão de seu pai que *num* seja você. Quem ia *fazê* melhor? *Pra* ele que sabia o que era um bom trabalho e tinha um filho que é líder na aldeia, e em toda a Treddleston também, em esperteza.

— Muito bem, mãe, se esse é o seu desejo, vou fazer o caixão em casa; mas pensei que não ia gostar de ouvir o trabalho em andamento.

— E por que *num* ia *gostá*? É a coisa certa a *fazê*. E o que gosto tem a ver com isso? E *escolhê* desgosto é o que menos posso *fazê* neste mundo. Uma migalha é tão boa quanto outra quando sua boca *num* sente sabor. Tem que ser a primeira coisa que *cê* deve *fazê* agora de manhã. *Num* quero que ninguém toque no caixão, a *num* ser você.

Os olhos de Adam encontraram os de Seth, que olhava de Dinah para ele com bastante melancolia.

— Não, mãe — disse ele —, não vou concordar, a não ser que Seth também ajude, se for *pra* ser feito em casa. Vou *pra* aldeia esta manhã, porque Mr. Burge quer me ver, e Seth vai ficar em casa e começar o caixão. Posso voltar ao meio-dia e ele pode ir embora.

— Não, não — persistiu Lisbeth, começando a chorar —, eu insisto

que *cê* faça o caixão do seu pai. É tão teimoso e arrogante, nunca faz o que sua mãe quer. Um monte de *vez* ficava com raiva do seu pai quando ele *tava* vivo; devia ser melhor *pra* ele agora que se foi. Ele *num* ia *pensá* no Seth *pra* *fazê* o caixão.

— Não diga mais nada, Adam, não diga mais nada — disse Seth, gentil, embora a voz saísse com algum esforço. — A mãe *tá* certa. Vou trabalhar e *cê* fica em casa.

Ele passou para a oficina imediatamente, seguido por Adam; enquanto Lisbeth, obedecendo de modo automático aos velhos hábitos, começou a guardar as coisas do café da manhã, como se não quisesse que Dinah tomasse seu lugar por mais tempo. Dinah não disse nada, mas aproveitou a oportunidade para se juntar aos irmãos na oficina.

Eles já haviam colocado seus aventais e chapéus de papel, e Adam estava de pé com a mão esquerda no ombro de Seth, enquanto apontava com o martelo à direita para algumas tábuas que eles olhavam. Suas costas estavam viradas para a porta pela qual Dinah entrou, e ela entrou tão levemente que não tiveram ciência de sua presença até que ouviram sua voz dizendo:

— Seth Bede!

Seth se sobressaltou, e os dois se viraram. Dinah olhou como se não tivesse visto Adam e fixou os olhos no rosto de Seth, dizendo com bondade e calma:

— Não vou me despedir. Eu o verei novamente quando vier do trabalho. Então, como voltarei para a fazenda antes do anoitecer, será logo em breve.

— Obrigado, Dinah; gostaria de te acompanhar *pra* casa mais uma vez. Talvez seja a última.

Houve um pequeno tremor na voz de Seth. Dinah estendeu a mão e disse:

— Você terá uma doce paz em sua mente hoje, Seth, por sua ternura e paciência para com sua mãe idosa.

Ela se virou e saiu da oficina tão rápida e silenciosamente quanto entrara. Adam estava a observando de perto o tempo todo, mas ela não olhou para ele. Assim que se foi, ele disse:

— Não me admira que a ame, Seth. Ela tem o rosto igual a um lírio.

A alma de Seth estremeceu: nunca confessara seu segredo a Adam, mas agora sentia uma deliciosa sensação de alívio, enquanto respondia:

— Sim, Addy, eu *amo ela* – demais, imagino. Mas ela não me ama, rapaz, apenas como um filho de Deus ama outro. Nunca vai amar nenhum homem como marido – é o que acredito.

— Não, rapaz, não tem como saber; *cê* não deve desanimar. Ela é duma natureza mais refinada do que a maioria das mulheres; posso ver isso bem claro. Mas se é melhor do que elas em outras coisas, não acho que fique abaixo na questão do amor.

Nada mais foi dito. Seth partiu para a aldeia, e Adam começou a trabalhar no caixão.

“Deus ajude o rapaz, e a mim também”, pensou ele, enquanto levantava a prancha. “Somos bastante parecidos, pois achamos a vida um trabalho difícil – um trabalho duro interno e externo. É estranho pensar que um homem, que pode levantar uma cadeira com os dentes, caminhar oitenta quilômetros, tremer, sentir calor e frio com apenas um olhar duma mulher entre todas do mundo. É um mistério que a gente não consegue descrever; tanto quanto o brotar da semente, por sinal.”

Capítulo XII

Na Floresta

Naquela mesma quinta-feira de manhã, enquanto Arthur Donnithorne se movimentava em seu quarto, com sua bela figura britânica refletida nos espelhos antigos, contemplando a tapeçaria verde-oliva desbotada da filha do faraó e suas donzelas, que deveriam estar cuidando do menino Moisés,^[77] mantinha uma discussão consigo mesmo, que, enquanto seu valete amarrava a tipoia de seda preta em seu ombro, resultou em uma resolução prática e distinta.

— Eu quero ir a Eagledale e pescar por uma semana ou mais — disse ele, em voz alta. — Levarei você comigo, Pym, e partirei nesta manhã; então esteja pronto às onze e meia.

O assobio baixo, que o ajudara a chegar a essa resolução, irrompeu em sua voz de tenor mais alta, e no corredor, enquanto ele se apressava, ecoou sua canção favorita da Ópera do Mendigo^[78]: “Quando o coração de um homem é oprimido com cuidado.” Não era de uma linhagem heroica; no entanto, Arthur se sentiu muito heroico enquanto caminhava em direção aos estábulos para dar as ordens acerca dos cavalos. Sua própria aprovação lhe era necessária, e não era uma aprovação para ser desfrutada de forma muito gratuita; devia ser conquistada por uma quantidade justa de mérito. Ele ainda não fora privado dessa aprovação e tinha uma confiança considerável em suas virtudes. Nenhum jovem poderia confessar suas falhas com mais franqueza; a sinceridade era uma de suas virtudes favoritas; e como a sinceridade de um homem pode ser vista em todo o seu esplendor, a menos que ele tenha algumas fraquezas das quais falar? Mas ele tinha uma confiança agradável de que suas falhas eram todas de um tipo generoso – impetuoso, de sangue quente, leonino; que não rasteja, astuto, reptiliano. Não era possível que Arthur Donnithorne fizesse algo maldoso, covarde ou cruel. “Não! Sou um camarada audaz por me meter em apuros, mas sempre cuido para que a carga caia sobre meus próprios ombros.” Infelizmente, não há justiça poética inerente

aos apuros, e eles às vezes se recusam obstinadamente a infligir suas piores consequências ao principal transgressor, apesar de seu desejo expressado em voz alta. Era inteiramente devido a essa deficiência no sistema das coisas que Arthur já trouxera problemas a outros além de si mesmo. Não tinha nada menos que boa índole; e todas as suas descrições do futuro, quando comandaria a propriedade, eram compostas por uminquilinato próspero e satisfeito, que adorasse seu senhorio, que seria o modelo de um cavalheiro inglês – uma mansão de primeira classe, toda elegância e bom gosto – organização alegre, melhor haras de Loamshire – caixa aberto para todos os assuntos públicos – em suma, tudo o mais diferente possível do que agora estava associado ao nome de Donnithorne. E uma das primeiras boas ações que ele realizaria naquele futuro deveria ser aumentar a renda de Irwine para o vicariato de Hayslope, para que ele pudesse manter uma carruagem para a mãe e irmãs. Seu carinho sincero pelo reitor datava desde a infância. Era um afeto em parte filial, em parte fraterno – fraterno o suficiente para fazê-lo gostar da companhia de Irwine mais do que da maioria dos homens mais jovens, e filial o suficiente para fazê-lo recuar fortemente de incorrer na desaprovação de Irwine.

Percebe-se que Arthur Donnithorne era “um bom camarada” – todos os seus amigos da universidade o consideravam assim. Não podia suportar ver ninguém desconfortável; teria se arrependido, mesmo em seu humor mais irritado, por qualquer mal que acontecesse a alguém feito por seu avô; e sua tia Lydia fora a responsável por aquela brandura de coração que ele tinha para com todo o sexo feminino. Se ele teria autodomínio suficiente para ser sempre tão inofensivo e puramente benéfico quanto sua boa índole o levava a desejar, era uma questão que ninguém ainda decidira por ele; tinha apenas vinte e um anos, lembre-se, e não investigamos muito de perto o caráter no caso de um jovem bonito e generoso, que terá bens suficientes para sustentar numerosos pecadilhos – que, se infelizmente quebrar as pernas de um homem em sua condução precipitada, poderá pagar uma pensão generosa; ou se estragar a vida de uma mulher, a compensará com bombons caros, embalados e entregues pelas

próprias mãos. Seria ridículo ser curioso e analítico em tais casos, como se alguém estivesse investigando o caráter de um procurador. Usamos epítetos positivos, gerais e cavalheirescos sobre um jovem de berço e fortuna; e as senhoras, com aquela bela intuição, que é o atributo distintivo de seu sexo, veem imediatamente que ele é “agradável”. As chances são de que ele passe a vida sem escandalizar ninguém; uma embarcação em condições favoráveis que ninguém se recusaria a assegurar. Os navios, certamente, estão sujeitos a baixas, o que às vezes torna terrivelmente evidente alguma falha em sua construção que nunca teria sido detectável em águas calmas; e muitos “bons camaradas”, por meio de uma combinação desastrosa de circunstâncias, sofreram uma traição semelhante.

Mas não temos motivos justos para tecer agouros desfavoráveis em relação a Arthur Donnithorne, que, nessa manhã, provou ser capaz de uma resolução prudente baseada na consciência. Uma coisa é clara: a natureza tomou cuidado para que ele nunca se desvirtuasse com perfeito conforto e satisfação; nunca irá além daquela região fronteira do pecado, onde será perpetuamente assediado por investidas do outro lado da fronteira. Nunca será um cortesão da tentação e usará suas ordens na lapela.

Eram cerca de dez horas e o sol brilhava intensamente; tudo parecia mais adorável devido à chuva de ontem. É algo agradável em uma manhã assim andar pelo cascalho uniforme a caminho dos estábulos, cogitando uma excursão. Mas o cheiro dos estábulos, que, em um cenário natural, deveria estar entre as influências calmantes da vida de um homem, sempre trazia alguma irritação para Arthur. Não podia fazer o que bem queria nos estábulos; tudo era gerenciado da maneira mais mesquinha. O avô persistia em manter como chefe de cavalaria um velho pateta que nenhum tipo de alavanca poderia arrancá-lo dos velhos hábitos, e que foi autorizado a contratar uma série de rapazes brancos de Loamshire como seus subordinados, um dos quais testara recentemente um novo par de tesoura tosquiando um pedaço oblongo na égua baia de Arthur. Esse cenário é naturalmente amargo; pode-se suportar aborrecimentos na casa, mas fazer do estábulo uma cena de aborrecimento e desgosto é um ponto além do

que se pode esperar que a carne e o sangue humanos suportem por muito tempo sem o risco de misantropia.^[79]

O rosto de madeira e rugas profundas do velho John foi a primeira coisa que encontrou os olhos de Arthur quando entrou no pátio do estábulo, e foi praticamente um veneno para ele o latido dos dois cães de caça que vigiavam ali. Nunca conseguia falar com muita paciência com o velho cabeça-dura.

— Sele Meg para mim e a traga à porta às onze e meia, e gostaria de Rattler selado para Pym do mesmo modo. Ouviu?

— Sim, ouvi, ouvi, capitão — disse o velho John muito deliberadamente, seguindo o jovem mestre ao estábulo. John considerava um jovem mestre como o inimigo natural de um velho criado, e os jovens em geral como um pobre artifício para levar o mundo adiante.

Arthur entrou para fazer um carinho em Meg, recusando-se tanto quanto possível ver qualquer coisa nos estábulos, para não perder a paciência antes do café da manhã. A bela criatura estava em um dos estábulos internos e virou a cabeça suavemente quando seu mestre veio ao lado dela. O pequeno Trot, um *spaniel* miúdo, seu companheiro inseparável no estábulo, estava confortavelmente enrolado ali por perto.

— Bem, Meg, minha linda garota — disse Arthur, fazendo carinho em seu pescoço —, teremos um galope glorioso esta manhã.

— Não, Vossa Senhoria, *num* vai ser possível — disse John.

— Não? Por que, não?

— Ora, ela foi ferida.

— Ferida, maldito seja! O que quer dizer?

— Ora, o rapaz *levou ela* muito perto dos *cavalo* de Dalton, e um deles deu um coice nela e fez um machucado na pata dianteira.

O historiador criterioso se abstém de narrar precisamente o que se seguiu. Entenda que houve uma grande quantidade de impropérios, misturada com palavras de conforto enquanto a pata era examinada; ao passo que John ficou parado com tanta emoção como se fosse uma bengala de madeira habilmente esculpida, e Arthur Donnithorne, por fim, atravessou os portões de ferro dos jardins sem cantar enquanto

andava. Ele se sentia completamente desapontado e irritado. Não havia outras montarias no estábulo para ele e o criado além de Meg e Rattler. Foi inquietante; justamente quando ele queria se afastar por uma ou duas semanas. Parecia culpa da Providência permitir tal combinação de circunstâncias. Ficar trancado na reserva de caça com um braço quebrado quando todos os outros companheiros de regimento estavam se divertindo em Windsor – trancado com o avô, que tinha por ele a mesma afeição que por suas papeladas! E ficar enojado a cada momento com a gestão da casa e da propriedade! Em tais circunstâncias, um homem necessariamente fica de mau humor e elimina a irritação por algum excesso ou outro.

— Salkeld teria bebido uma garrafa de vinho do Porto todos os dias — murmurou para si mesmo —, mas não estou bem qualificado o suficiente para isso. Bem, pois não posso ir a Eagledale, vou galopar com Rattler para Norburne nesta manhã e almoçar com Gawaine.

Por trás dessa resolução explícita, havia uma implícita. Se almoçasse com Gawaine e prolongasse a conversa, não voltaria à reserva de caça antes das cinco, quando Hetty estaria segura fora de vista no quarto da governanta; e quando ela partisse para casa, seria seu tempo de descanso após o jantar, então ele se manteria fora de seu caminho por completo. Realmente não haveria nenhum mal em ser gentil com a criaturinha, e valia a pena dançar com uma dúzia de beldades no salão de baile só para olhar para Hetty por meia hora. Mas talvez fosse melhor que não lhe desse mais atenção; isso poderia colocar ideias na cabeça dela, como Irwine sugerira; embora Arthur, por sua vez, pensasse que as meninas não eram de forma alguma tão ingênuas e frágeis; de fato, geralmente as considerava duas vezes mais frias e astutas do que ele mesmo. Quanto a qualquer dano real no caso de Hetty, estava fora de questão: Arthur Donnithorne assumiu um compromisso consigo mesmo em plena confiança.

Assim, o sol do meio-dia o viu galopando em direção a Norburne; e, por sorte, a área comunitária de Halsell estava no caminho e rendeu alguns bons saltos a Rattler. Nada como “empregar” alguns arbustos e valas para exorcizar um demônio; e é realmente surpreendente que os centauros, com sua imensa vantagem nisso, deixaram uma reputação

tão ruim na história.

Depois disso, talvez se surpreenda ao ouvir que, embora Gawaine estivesse em casa, o ponteiro do mostrador no pátio mal cessara o último toque de três horas, quando Arthur voltou pelos portões de entrada, desmontou de Rattler que ofegava e entrou em casa para fazer um almoço apressado. Mas acredito que houve homens desde a época dele que percorreram um longo caminho para evitar um encontro e depois galoparam apressadamente de volta para não o perder. É o estratagema favorito de nossas paixões fingir uma retirada e se voltar com força contra nós no momento em que decidimos que o dia é nosso.

— O capitão tem andado no ritmo do próprio diabo — disse Dalton, o cocheiro, cuja figura se destacava em alto-relevo enquanto fumava o cachimbo encostado na parede do estábulo, quando John trouxe Rattler.

— E queria que ele arrumasse o diabo *pra cuidá dos cavalo* — resmungou John.

— Sim, ele ia ter um cuidador mais habilidoso do que tem agora — observou Dalton; e a piada lhe pareceu tão boa que, sendo deixado sozinho na cena, continuou em intervalos, tirando o cachimbo da boca para dar uma piscadinha a um público imaginário, sacudindo-se, soberbo, com uma risada silenciosa e abdominal, ensaiando mentalmente o diálogo desde o início, para que ele pudesse recitá-lo com efeito no salão dos criados.

Quando Arthur subiu ao quarto outra vez após o almoço era inevitável que o debate que tivera consigo mesmo no início do dia passasse por sua mente; mas era impossível agora se deter na lembrança – impossível lembrar os sentimentos e reflexões que foram decisivos para ele então, assim como se lembrar do aroma peculiar do ar que o refrescara quando abriu a janela de manhã. O desejo de ver Hetty retornara como uma torrente mal estancada; ficou surpreso com a força com a qual essa fantasia trivial parecia agarrá-lo: estava até mesmo bastante trêmulo enquanto escovava os cabelos – arre! Estivera cavalgando de um jeito arriscado. Era porque tornara sério um assunto frívolo, pensando nisso como se tivesse alguma consequência. Ele se

divertiria vendo Hetty hoje e livraria sua mente de toda a questão. Era tudo culpa de Irwine. “Se Irwine não tivesse dito nada, eu não teria pensado tanto em Hetty quanto no machucado de Meg.” No entanto, era exatamente o tipo de dia para passear no eremitério, e terminaria o *Zeluco*^[80] do Dr. Moore antes do jantar. O eremitério ficava em Fir-tree Grove^[81] – o caminho que Hetty com certeza percorreria em direção à fazenda Hall. Assim, nada poderia ser mais simples e natural: encontrar Hetty seria uma mera circunstância da caminhada, não seu objetivo.

A sombra de Arthur atravessou um pouco mais rápida entre os carvalhos robustos da reserva de caça do que se poderia esperar da sombra de um homem cansado em uma tarde quente, e ainda eram apenas quatro horas quando estava diante do alto portão estreito que levava à deliciosa floresta labiríntica que orlava um lado da reserva de caça, e que era chamada de Fir-tree Grove, não porque os abetos eram muitos, mas porque eram poucos. Era uma floresta de faias e tílias, com bétulas leves e prateadas aqui e ali – exatamente o tipo de floresta assombrada pelas ninfas: vê-se seus membros brancos iluminados pelo sol brilhando através dos ramos, ou espiando por trás do contorno suave de uma tília alta; ouve-se seus fluidos risos macios –, mas se olhar com um olho sacrílego demasiado curioso, elas desaparecem atrás das faias prateadas, fazem-no acreditar que suas vozes eram apenas um riacho correndo, talvez se metamorfoseiem em um esquilo acobreado que foge e zomba de você do galho mais alto. Não era um bosque com grama ou cascalho uniformes para pisar, mas com caminhos estreitos, ocos, terrosos, bordas com ligeiras partes de musgos delicados, caminhos que parecem ter sido feitos pelo livre arbítrio das árvores e do mato, afastando-se com reverência para olhar a alta rainha das ninfas de pés brancos.

Foi ao longo do mais amplo desses caminhos que Arthur Donnithorne passou, sob uma alameda de tílias e faias. Era uma tarde tranquila – a luz dourada permanecia lânguida entre os ramos superiores, apenas refletindo aqui e acolá no caminho púrpura e sua borda de musgos ligeiramente salpicados: uma tarde em que o destino disfarça seu rosto frio e horrível atrás de um véu nebuloso e brilhante,

envolve-nos em asas quentes e aveludadas e nos envenena com o hálito perfumado de violeta. Arthur caminhava despreocupado, com um livro sob o braço, mas não olhava para o chão como os homens meditativos tendem a fazer; seus olhos se *fixavam* na curva distante na estrada em torno da qual uma pequena figura certamente deveria aparecer em breve.

Ah! Lá vem ela. Primeiro uma mancha brilhante de cor, como um pássaro tropical entre os ramos; depois uma figura ligeira, com um chapéu redondo e uma cestinha debaixo do braço; então uma garota muito enrubescida, quase assustada, mas sorridente, fazendo-lhe uma reverência com um olhar agitado, mas feliz, enquanto Arthur se aproximava dela. Se Arthur tivesse tido tempo para pensar, teria achado estranho que também se sentisse agitado, estaria consciente de também enrubescer –, na verdade, parecia e se sentia tão tolo como se tivesse sido pego de surpresa em vez de encontrar exatamente o que esperava. Coitadinhos! Era uma pena que não estivessem naquela idade de ouro da infância, quando teriam ficado cara a cara, olhando um para o outro com tímida amizade, depois dariam um beijinho e brincariam juntos. Arthur teria ido para casa, para seu leito com cortinas de seda, e Hetty para sua caminha simples, e ambos teriam dormido sem sonhos, e amanhã seria uma vida dificilmente consciente de um ontem.

Arthur se virou e caminhou ao lado de Hetty sem dar um motivo. Estavam sozinhos pela primeira vez. Que presença avassaladora essa primeira privacidade! Ele, na verdade, não se atreveu a olhar para a pequena fabricante de manteiga pelos primeiros minutos. Quanto a Hetty, seus pés repousavam sobre nuvens, carregada por zéfiros cálidos; esquecera suas fitas cor-de-rosa; não tinha mais consciência de seus membros do que se sua alma infantil tivesse passado para um lírio d'água, descansando em um leito líquido e aquecido pelos raios de sol do verão. Pode parecer contraditório, mas Arthur deduziu um certo descuido e confiança de sua timidez: era um estado de espírito totalmente diferente do que esperava de tal encontro com Hetty; e cheio como estava de um sentimento vago, havia espaço, naqueles momentos de silêncio, para o pensamento de que seus debates e

escrúpulos anteriores eram desnecessários.

— Tem toda a razão em escolher este caminho para vir à reserva de caça — disse ele, finalmente, olhando para Hetty —; é muito mais bonito e mais curto do que passar pelas casas.

— Sim, senhor — respondeu Hetty, com uma voz trêmula, quase sussurrada. Não sabia nem um pouco como falar com um cavalheiro como Mr. Arthur, e sua própria vaidade a tornava mais tímida.

— Vem toda semana visitar Mrs. Pomfret?

— Sim, senhor, todas as quintas-feiras, só quando ela tem que sair com Miss Donnithorne.

— E ela está lhe ensinando alguma coisa, não é?

— Sim, senhor, a costurar rendas como aprendeu no exterior, e a costurar meias — parecem meias novas, não dá *pra* perceber que foram remendadas; e me ensina corte também.

— O quê?! *Você* vai ser dama de companhia?

— Gostaria muito de ser, sim — Hetty falou mais de forma audível agora, mas ainda um pouco trêmula; pensou, talvez parecesse tão estúpida para o capitão Donnithorne quanto Luke Britton parecia para ela.

— Suponho que Mrs. Pomfret sempre a espera por volta desta hora?

— Ela me espera às quatro horas. Tô um pouco atrasada hoje, porque minha tia não pôde me dispensar; mas o horário normal é às quatro, porque assim a gente tem tempo antes que Miss Donnithorne toque a campainha.

— Ah, então não devo detê-la agora, caso contrário, gostaria de lhe mostrar o eremitério. Já o viu?

— Não, senhor.

— Seguindo por aqui, chegamos a ele. Mas não devemos ir agora. Vou lhe mostrar outra hora, se quiser ver.

— Sim, por favor, senhor.

— Sempre volta por este caminho ao entardecer, ou tem medo de passar por uma estrada tão solitária?

— Oh não, senhor, nunca é tarde; sempre saio às oito horas, e tá tão claro agora ao entardecer. Minha tia ia ficar brava comigo se eu

não chegasse em casa antes das nove.

— Talvez Craig, o jardineiro, venha cuidar de você?

Um rubor profundo se espalhou pelo rosto e pescoço de Hetty.

— Com certeza não; de certo ele nunca cuidou; eu não ia deixar; não gosto dele — disse ela com pressa, e as lágrimas de aflição chegaram tão rápido, que antes que tivesse terminado de falar, uma gota brilhante rolou por sua bochecha quente. Então se sentiu morta de vergonha por chorar, e por um longo instante sua felicidade desapareceu. Mas, logo em seguida, ela sentiu um braço envolvê-la e uma voz gentil disse:

— Ora, Hetty, o que a faz chorar? Não queria aborrecê-la. Não a incomodaria por nada no mundo, florzinha. Venha, não chore; olhe para mim, senão acharei que não me perdoará.

Arthur colocou a mão no braço macio que estava mais próximo dele, e se inclinava em direção a Hetty com um olhar de apelo persuasivo. Hetty ergueu os longos cílios orvalhados e encontrou os olhos que estavam virados em sua direção com um olhar doce, tímido e suplicante. Que espaço de tempo foram esses três momentos enquanto seus olhos se encontraram e os braços dele a tocaram!



O amor é uma coisa tão simples quando temos apenas vinte e uma primaveras, e uma doce garota de dezessete treme sob nosso olhar, como se ela fosse um botão de flor pela primeira vez abrindo seu coração com arrebatamento maravilhoso de manhã. Essas jovens

almas, sem vincos, rolam para se encontrar como dois pêssegos aveludados, que estão em repouso, que se tocam suavemente; misturam-se tão facilmente como dois riachos, que não pedem nada além de se enlaçar e ondulam com curvas sempre entrelaçadas nos esconderijos mais frondosos. Enquanto Arthur olhava para os olhos escuros e suplicantes de Hetty, não lhe fazia diferença que tipo de inglês ela falava; e mesmo que crinolina e cabelos empoados estivessem na moda, provavelmente não teria percebido que Hetty carecia daqueles sinais de alta linhagem.

Mas eles começaram a se separar com corações saltando: algo caíra no chão com um barulho sequenciado; fora a cesta de Hetty; todos os pacotes da pequena trabalhadora ficaram espalhados no caminho, alguns deles mostrando uma capacidade de rolar por grandes distâncias. Havia muito a ser feito na coleta, e nenhuma palavra foi dita; mas quando Arthur pendurou a cesta sobre o braço dela novamente, a pobre criança sentiu uma estranha diferença em seu olhar e modo. Apenas apertou a mão dela e disse, com um olhar e um tom que lhe foram quase arrepiantes:

— Estou te atrasando; não devo detê-la por mais tempo agora. Estão te aguardando. Até logo.

Sem esperar que ela falasse, afastou-se e correu de volta para a estrada que levava ao eremitério, deixando Hetty seguir seu caminho em um sonho estranho, que parecia ter começado em um prazer desconcertante e agora estava passando por contrariedades e tristezas. Ele a encontraria novamente quando ela fosse para a casa? Por que falara quase como se estivesse descontente com ela? E então fugira tão de repente? Ela chorou, mal sabendo o porquê.

Arthur também estava muito inquieto, mas seus sentimentos foram iluminados por uma consciência mais distinta. Correu para o eremitério, que estava no coração da floresta, destrancou a porta de modo apressado, batendo-a ao fechar, jogou *Zeluco* no canto mais distante e enfiou a mão direita no bolso. Primeiro caminhou quatro ou cinco vezes de um lado para o outro no comprimento escasso do pequeno cômodo e depois se sentou no otomano de uma maneira rígida e desconfortável, como costumamos fazer quando desejamos

não nos entregar ao sentimento.

Ele estava se apaixonando por Hetty – isso era bem óbvio. Estava pronto para desistir de todo o resto – não importa o quê – para se render a esse sentimento delicioso que acabara de se revelar. Não adiantava evitar o fato agora – eles se afeiçoariam muito um ao outro, se continuasse a lhe dar atenção – e o que resultaria disso? Deveria ir embora em algumas semanas, e a pobre criaturinha ficaria lastimável. Ele não deveria vê-la sozinha de novo; deveria ficar fora do caminho dela. Que tolo foi por ter voltado da casa de Gawaine!

Levantou-se e abriu as janelas para deixar entrar o sopro suave da tarde e o aroma saudável dos abetos que circundavam o eremitério. O ar suave não ajudou em sua resolução, enquanto se inclinava e olhava para a distância frondosa. Mas considerou sua resolução suficientemente estabelecida: não havia mais necessidade de debater consigo mesmo. Decidira não encontrar Hetty de novo; e agora poderia se entregar a pensar em quão imensamente agradável seria se as circunstâncias fossem diferentes –, quão agradável seria encontrá-la nessa tarde quando ela voltasse e colocar o braço em volta dela novamente e olhar em seu doce rosto. Ele se perguntava se a querida criaturinha estava pensando nele também – apostava que sim. Como seus olhos eram lindos com as lágrimas nos cílios! Gostaria de satisfazer a alma por um dia olhando para eles e deveria vê-la outra vez –, deveria vê-la, simplesmente para remover qualquer impressão falsa da mente sobre seus modos com ela. Ele se comportaria de maneira silenciosa e gentil – apenas para impedi-la de ir para casa com a cabeça cheia de fantasias erradas. Sim, isso seria a melhor coisa a fazer, afinal.

Passou-se muito tempo – mais de uma hora até que Arthur levasse suas meditações a esse ponto; mas uma vez chegado lá, não pôde mais ficar no eremitério. O tempo deveria ser preenchido com ações até que visse Hetty de novo. E já era tarde o suficiente para se vestir para o jantar, pois a hora do jantar do avô era às dezoito.

Capítulo XIII

Anoitecer na Floresta

Aconteceu que Mrs. Pomfret tivera uma pequena discussão com Mrs. Best, a governanta, nessa quinta-feira de manhã –, um fato que teve duas consequências muito convenientes para Hetty. Isso fez com que Mrs. Pomfret mandasse servir o chá em seu quarto e despertou naquela dama de companhia exemplar lembranças tão vívidas de passagens anteriores da conduta de Mrs. Best, de diálogos nos quais Mrs. Best fora decididamente inferior como interlocutora de Mrs. Pomfret, que Hetty não precisava de mais presença de espírito do que era necessário para usar a agulha e lançar um ocasional “sim” ou “não”. Ela gostaria de ir embora mais cedo do que de costume; só que dissera ao capitão Donnithorne que geralmente partia por volta das oito horas, e se ele fosse ao bosque de novo esperando vê-la, ela já teria ido embora! Ele viria? Sua pequena alma de borboleta esvoaçava incessantemente entre a memória e a expectativa duvidosa. Por fim, o ponteiro dos minutos do relógio de bronze antiquado marcava quinze para as oito, e havia todos os motivos para ser a hora de se preparar para a partida. Mesmo a mente preocupada de Mrs. Pomfret não a impediu de notar o que parecia ser um novo rubor de beleza na criaturinha enquanto ela amarrava o chapéu diante do espelho.

“Essa criança fica mais bonita a cada dia, creio eu”, foi seu comentário interior. “É uma pena. Não vai arrumar nem casa nem marido mais rápido por causa disso. Homens sensatos e abastados não gostam de esposas tão bonitas. Quando eu era garota, era mais admirada do que se fosse tão bonita. No entanto, ela tem motivo para ser grata a mim por lhe ensinar algo para ganhar seu sustento, melhor do que o trabalho na casa de fazenda. Sempre me disseram que eu era de boa índole – e essa é a verdade, para meu azar também, caso contrário, não estaria aqui nesta casa recebendo ordens no quarto da governanta”.

Hetty caminhou com pressa pelo espaço curto dos jardins que tinha

que atravessar, temendo encontrar Mr. Craig, com quem dificilmente poderia falar com civilidade. Como ficou aliviada quando chegou em segurança sob os carvalhos e entre as samambaias da reserva de caça! Mesmo assim, estava tão pronta para se assustar quanto o cervo que saltou para longe quando ela se aproximou. Não notou a luz do entardecer que pairava suavemente nas aleias gramadas entre as samambaias e tornava a beleza de seu verde vivo mais visível do que estivera na torrente avassaladora do meio-dia; não notou nada que estava presente. Apenas via algo que era possível: Mr. Arthur Donnithorne vindo encontrá-la de novo ao longo de Fir-tree Grove. Esse era o primeiro plano da imaginação de Hetty; por trás dela jazia algo brilhante e nebuloso – dias que não deveriam ser como os outros dias de sua vida. Era como se estivesse sendo cortejada por um deus do rio, que poderia levá-la a qualquer momento para seus salões maravilhosos abaixo de um paraíso aquático. Não havia como saber o que viria, desde que esse estranho deleite fascinante chegara. Se um baú cheio de rendas, cetim e joias lhe tivesse sido enviado de alguma fonte desconhecida,^[82] como poderia ter pensado que toda a sua sina mudaria, e que amanhã uma alegria ainda mais desconcertante se derramaria sobre ela? Hetty nunca lera um romance; se já tivesse visto um, acho que as palavras lhe teriam sido muito difíceis; como então poderia encontrar uma forma para suas expectativas? Eram tão sem forma quanto os doces odores lânguidos do jardim na reserva de caça, que flutuavam por ela enquanto passava pelo portão.

Ela está em outro portão – que leva a Fir-tree Grove. Entra na floresta, onde já é crepúsculo, e a cada passo que dá, o medo em seu coração se torna mais gelado. Se ele não vier! Oh, como era melancólico – o pensamento de sair do outro lado da floresta, para a estrada desprotegida, sem tê-lo visto. Chega ao primeiro desvio para o eremitério, andando devagar – ele não está lá. Ela odeia a lebrezinha que atravessa o caminho; odeia tudo o que não é o que deseja. Segue em frente, feliz sempre que chega a uma curva na estrada, pois talvez ele esteja por trás dela. Não. Começa a chorar: seu coração se encheu tanto, as lágrimas estão em seus olhos; dá um grande soluço, enquanto os cantos da boca estremecem e as lágrimas rolam.

Ela não sabe que há outro desvio para o eremitério, que está perto dele, e que Arthur Donnithorne está a poucos metros dela, com um pensamento, e um pensamento cujo único objeto é ela. Ele verá Hetty outra vez: esse é o desejo que, nas últimas três horas, tornara-se uma sede febril. Não, é claro, para falar da maneira carinhosa em que se apaixonara de modo descuidado antes do jantar, mas para acertar as coisas com ela por meio de uma bondade que teria o ar de civilidade amigável e impedi-la de continuar com noções erradas sobre sua mútua relação.

Se Hetty soubesse que ele estava ali, não teria chorado; e teria sido melhor, pois então Arthur teria se comportado tão sábio quanto pretendia. Assim sendo, assustou-se quando ele apareceu no final da aleia lateral e olhou para ele com duas grandes gotas escorrendo pelas bochechas. O que mais poderia fazer senão falar com ela em um tom suave e calmante, como se fosse um *spaniel* de olhos brilhantes com um espinho na pata?



— Alguma coisa a assustou, Hetty? Viu alguma coisa na floresta? Não tenha medo, vou cuidar de você agora.

Hetty estava corando tanto que não sabia se estava feliz ou infeliz. Chorava novamente – o que os cavalheiros pensavam das garotas que choravam dessa maneira? Sentiu-se incapaz de dizer “não”, mas só conseguia desviar do olhar dele e enxugar as lágrimas das bochechas. Não antes que uma grande gota caísse sobre suas fitas cor-de-rosa –

ela sabia disso muito bem.

— Vamos, alegre-se de novo. Sorria para mim e me diga qual é o problema. Vamos, me diga.

Hetty virou a cabeça para ele e sussurrou:

— Eu pensei que não ia vir — e lentamente teve coragem de levantar os olhos para ele. Esse olhar era demais: ele teria que ter olhos de granito egípcio para não olhar muito amorosamente em troca.

— Seu passarinho assustado! Rosinha chorosa! Bichinho bobo! Não vai chorar de novo agora que estou com você, vai?

Ah, ele não sabe nem um pouco o que está dizendo. Não foi isso que pretendia dizer. Seu braço está passando pela cintura dela outra vez; está apertando seu abraço; está inclinando o rosto cada vez mais perto da bochecha redonda; seus lábios estão encontrando aqueles beicinhos pueris, e por um longo momento o tempo desaparecera.

Poderia ser um pastor em Arcádia pelo que sabe, poderia ser o primeiro jovem beijando a primeira donzela, poderia ser o próprio Eros, sorvendo os lábios de Psique^[83] – tudo em um só.

Não houve nenhuma fala durante minutos depois. Caminharam com os corações pulando até que avistaram o portão no final da floresta. Então se olharam, não exatamente como antes, pois em seus olhos havia a memória de um beijo.

Mas algo amargo já começara a se misturar com a fonte de doçuras: Arthur já estava desconfortável. Tirou o braço da cintura de Hetty e disse:

— Aqui estamos, quase no final do bosque. Eu me pergunto quão tarde é — ele adicionou, puxando o relógio. — Oito e vinte, mas meu relógio é muito rápido. No entanto, é melhor eu não ir mais longe agora. Ande rapidamente com seus pezinhos e chegue em casa com segurança. Até logo.

Pegou a mão dela e a olhou meio triste, meio com um sorriso constrangido. Os olhos de Hetty pareciam implorar para que ele não fosse embora ainda; mas ele fez um carinho na bochecha dela e disse “até logo” de novo. Foi obrigada a se afastar e seguir em frente.

Arthur, então, correu de volta pela floresta, como se quisesse

colocar um amplo espaço entre ele e Hetty. Não voltaria ao eremitério; lembrou-se de como debatera consigo mesmo ali antes do jantar, e tudo não deu em nada – pior do que nada. Caminhou direto para a reserva de caça, feliz por sair do bosque, que certamente era assombrado por seu gênio maligno. Aquelas faias e tílias suaves – havia algo enervante só em vê-las; mas os velhos carvalhos fortes e nodosos não tinham langor em si – a visão deles daria a um homem alguma energia. Arthur se perdeu entre as estreitas aberturas das samambaias, serpenteando sem procurar qualquer saída, até que o crepúsculo se aprofundou quase até a noite sob os grandes ramos, e a lebre parecia negra enquanto atravessava seu caminho.

O que sentia estava muito mais forte do que de manhã: era como se seu cavalo tivesse se voltado de um salto e ousado contestar seu domínio. Estava insatisfeito consigo mesmo, irritado, mortificado. Logo fixou a mente nas prováveis consequências de ceder às emoções que o apoderaram hoje – de continuar a dar atenção a Hetty, de se permitir qualquer oportunidade para carícias tão leves como já fora seduzido – que ele se recusou a acreditar que tal futuro fosse possível para si. Flertar com Hetty era um caso muito diferente de flertar com uma garota bonita de sua posição: isso era entendido como uma diversão de ambos os lados, ou, tornando-se sério, não havia obstáculo ao casamento. Mas essa criaturinha seria malfalada de imediato se fosse vista caminhando com ele; e então aquelas pessoas excelentes, os Poysers, a quem um bom nome era tão precioso como se tivessem o melhor sangue em suas veias – ele se odiaria se causasse um escândalo desse tipo, na propriedade que seria dele algum dia, e entre os inquilinos que gostava, acima de tudo, de ser respeitado. Acreditava que não podia cair tanto na própria estima, quanto quebrar ambas as pernas e andar de muletas pelo resto da vida. Não conseguia se imaginar naquela posição; era muito odioso, muito diferente dele.

E mesmo que ninguém soubesse de nada a respeito, poderiam se afeiçoar demais, e então não haveria nada além da miséria da despedida, afinal. Nenhum cavalheiro, saído de uma canção, poderia se casar com a sobrinha de um agricultor. Deveria ter um fim para a coisa toda de uma vez. Fora muita tolice.

E, no entanto, estava tão determinado nessa manhã, antes de ir à casa de Gawaine; e enquanto estava lá, algo o dominou e o fizera galopar de volta. Parecia que não podia depender da própria resolução, como pensava que podia; quase desejou que seu braço ficasse dolorido novamente, e então não pensaria em nada além do conforto que seria se livrar da dor. Não havia como saber que impulso poderia tomá-lo amanhã, neste lugar confuso, onde não havia nada em que se ocupar a rigor durante o longo dia. O que poderia fazer para se proteger dessa loucura?

Havia apenas um recurso. Contaria tudo a Irwine. O mero ato de contar faria com que parecesse trivial; a tentação desapareceria, como o encanto das palavras afeiçoadas desaparece quando são repetidas aos indiferentes. Em todos os sentidos, ajudá-lo-ia contar a Irwine. Iria ao presbitério de Broxton logo depois do café da manhã do dia seguinte.

Logo que Arthur chegou a essa determinação, começou a pensar em qual dos caminhos o levaria para casa, e fez uma caminhada tão curta quanto pôde para lá. Tinha certeza de que dormiria agora: tivera o suficiente para se fatigar, e não havia mais necessidade de pensar.

Capítulo XIV

O Retorno ao Lar

Enquanto essa despedida na floresta acontecia, também havia uma despedida na casa de campo, e Lisbeth estava com Adam à porta, tencionando os olhos envelhecidos para ter o último vislumbre de Seth e Dinah, enquanto subiam a encosta oposta.

— Hum, é uma pena que ela *teja* indo embora — disse ela a Adam, quando eles voltaram para dentro da casa novamente. — Por mim ela podia *ficá* até que eu morresse e fosse me *deitá* do lado do meu velho. Ia ser mais fácil de *morreê*, ela fala dum jeito tão macio e se move em silêncio. Tenho certeza de que aquela figura na sua nova Bíblia é ela, o anjo sentado naquela pedra grande perto do túmulo. Hum, *num* ia me *importá* de ter uma filha assim; mas ninguém nunca se casa com quem presta *pralguma* coisa.

— Bem, mãe, espero que a veja como filha, pois Seth tem apreço por ela, e espero que ela logo tenha apreço por Seth.

— E do que adianta *falá* disso? Ela *num* se importa com Seth. Tá indo *pra* mais de trinta *quilômetro* de distância. Como é que vai ter apreço por ele, posso *sabê*? Bolo *num* cresce sem fermento. Acho que seus *livro* cheio de número devia ter te ensinado melhor, senão *cê* podia muito bem ler os mais simples, que nem Seth sempre faz.

— Não, mãe — disse Adam, rindo —, os números dizem bastante, e a gente não pode ir longe sem eles, mas não dizem nada sobre os sentimentos das pessoas. É uma tarefa melhor calcular *elas*. Mas Seth é um rapaz de bom coração, habilidoso, de muito bom senso e bonito também; e tem o mesmo modo de pensar que Dinah. Merece *conquistar ela*, embora não tenha como negar que ela seja uma obra rara. Não se tem a sorte de encontrar mulheres assim todo dia.

— Hum, *cê* sempre defende seu irmão. É assim desde que *cês era* pequeno. Sempre dividia tudo com ele. Mas o que Seth tem a ver com casamento, já que só tem vinte e três *ano*? Ele precisa *aprendê* a *economizá* uns *trocado*. E quanto a ele *merecê* ela – ela é uns dois *ano*

mais velha que Seth: tem quase a sua idade. Mas é assim mesmo, pessoal sempre é do contra, como se tivesse que ser misturado que nem carne de porco – um pouco de carne boa com um pouco de sobra.

Para a mente feminina, em alguns estados de espírito, todas as coisas que poderiam ser recebem um charme temporário em comparação com o que de fato são; e como Adam não queria se casar com Dinah, Lisbeth se sentiu bastante irritada por essa razão – tão irritada quanto ficaria se ele *quisesse* se casar com ela, e assim se distanciaria de Mary Burge e de se tornar sócio, tão efetivamente quanto se casasse com Hetty.

Eram mais de oito e meia quando Adam e a mãe estavam conversando dessa maneira, de modo que, quando, cerca de dez minutos depois, Hetty alcançou a curva da alameda que levava ao portão do pátio, viu Dinah e Seth se aproximando da direção oposta e esperou que chegassem até ela. Eles também, como Hetty, prolongaram um pouco a caminhada, pois Dinah estava tentando falar palavras de conforto e força para Seth nesse momento de despedida. Mas quando viram Hetty, pararam e deram as mãos em despedida; Seth voltou para casa, e Dinah continuou sozinha.

— Seth Bede teria vindo e falado com você, minha querida — disse ela, quando alcançou Hetty —, mas está cheio de problemas esta noite.

Hetty respondeu sorrindo com covinhas, como se não soubesse bem o que foi dito; e gerava um estranho contraste ver aquela beleza cintilante e egocêntrica ao lado do rosto calmo e compassivo de Dinah, com o olhar franco, que dizia que seu coração não vivia em estimados segredos próprios, mas em sentimentos que ansiava compartilhar com todo o mundo. Hetty gostava de Dinah tanto quanto gostava de qualquer mulher; como era possível se sentir de outra forma em relação a alguém que sempre a defendia quando a tia a criticava, e que estava sempre pronta para tirar Totty de suas mãos – a pequena e cansativa Totty, que era tão querida por todos, mas que em Hetty não despertava interesse algum? Dinah nunca dissera nada que desaprovasse ou repreendesse Hetty durante toda a sua visita à fazenda Hall; conversara muito com ela de uma maneira séria, mas

Hetty não se importava muito, pois nunca ouvia: o que quer que Dinah dissesse, quase sempre acariciava a bochecha de Hetty depois, e oferecia fazer algum remendo para ela. Dinah lhe era um enigma. Hetty a olhava da mesma forma que se poderia imaginar um passarinho empoleirado, que só pode esvoaçar de galho em galho, olhar o mergulho da andorinha ou a ascensão da cotovia; mas ela não se importava em resolver tais enigmas, não mais do que se importava em saber o que significavam as imagens do Progresso do Peregrino,^[84] ou do velho fólio da Bíblia com que Marty e Tommy sempre a atormentavam aos domingos.

Dinah pegou a mão dela agora e a colocou sob seu braço.

— Parece muito feliz nesta noite, querida criança — disse ela. — Pensarei em você com frequência quando estiver em Snowfield e verei seu rosto diante de mim como está agora. É estranho: às vezes quando estou sozinha sentada no meu quarto com os olhos fechados, ou andando sobre as colinas, as pessoas que vi e conheci, mesmo que tenha sido apenas por alguns dias, são trazidas diante de mim, e ouço suas vozes e as vejo olhar e se mover quase mais claramente do que eu jamais vi quando estavam de verdade comigo e assim podia tocá-las. E então meu coração é atraído a elas, e sinto a sina delas como se fosse minha, e me consolo em espalhá-la diante do Senhor e descansar em Seu amor, tanto por elas quanto por mim. E assim tenho certeza de que você virá até mim.

Ela pausou por um momento, mas Hetty não disse nada.

— Tem sido um período muito precioso para mim — continuou Dinah —, ontem à noite e hoje, ver dois filhos tão bons como Adam e Seth Bede. Eles são tão ternos e atenciosos para com a mãe idosa. E ela me contou o que Adam tem feito, por muitos anos, para ajudar o pai e o irmão; é maravilhoso o espírito de sabedoria e conhecimento^[85] que ele tem, e como está pronto para usar tudo isso em favor daqueles que são fracos. Tenho certeza de que ele tem um espírito amoroso também. Observei com frequência entre meu próprio povo em torno de Snowfield, que os homens fortes e habilidosos são frequentemente os mais gentis com as mulheres e as crianças; e é bonito vê-los carregando os bebezinhos como se não fossem mais

pesados do que passarinhos. E os bebês sempre parecem gostar mais de um braço forte. Tenho certeza de que seria assim com Adam Bede. Não acha, Hetty?

— Sim — disse Hetty distraída, pois sua mente estava o tempo todo na floresta, e teria dificuldade em dizer com o que estava concordando. Dinah viu que não estava disposta a conversar, mas não teria tido tempo de dizer muito mais, pois estavam agora no portão do pátio.

O crepúsculo sereno, com seu vermelho esvaído e suas poucas estrelas fracas e diligentes, jazia no pátio da fazenda, onde não havia um som a ser ouvido, exceto os passos dos cavalos no estábulo. Era por volta de vinte minutos após o pôr do sol. As aves já tinham ido para o poleiro, e o buldogue estava estendido na palha do lado de fora do canil, com o *terrier* preto e marrom ao lado, quando o rangido do portão os perturbou e os fez latir, como bons funcionários, antes que tivessem qualquer conhecimento distinto do motivo.

O latido teve seu efeito na casa, pois, quando Dinah e Hetty se aproximaram, a passagem da porta foi preenchida por uma figura corpulenta, com um rosto corado e olhos pretos, que trazia em si a possibilidade de parecer extremamente vívido e, às vezes desdenhoso nos dias de mercado, mas agora tinha uma expressão predominante de boa índole após o jantar. É bem conhecido que os grandes eruditos que mostraram a mais impiedosa severidade em suas críticas à erudição de outros homens ainda têm um temperamento brando e indulgente na vida privada; e ouvi falar de um homem instruído, que balançava mansamente os gêmeos no berço com a mão esquerda, enquanto com a direita infligia os sarcasmos mais dilacerantes a um oponente que revelara uma brutal ignorância do hebraico. Fraquezas e erros devem ser perdoados – infelizmente! Não são estranhos a nós –, mas o homem que toma o lado errado no importante assunto dos sinais hebraicos^[86] deve ser tratado como o inimigo de sua raça. Havia o mesmo tipo de mistura antagônica em Martin Poyser: tinha uma disposição tão excelente, que fora mais gentil e respeitoso do que nunca com seu velho pai, desde que ele lhe doara todos os bens, e nenhum homem julgava os vizinhos de forma mais caridosa em todos

os assuntos pessoais; mas para um agricultor, como Luke Britton, por exemplo, cujos pousios não eram bem cuidados, que não conhecia o essencial sobre sebes e valas, e demonstrava apenas uma pequena fração de discernimento na compra de gado no inverno, Martin Poyser era tão duro e implacável quanto o vento do nordeste. Luke Britton não podia nem fazer uma observação, nem mesmo sobre o clima, que Martin Poyser detectava uma mácula daquela insalubridade e ignorância geral que era palpável em todas as suas operações agrícolas. Ele odiava ver o camarada levar a caneca à boca no bar em Royal George em dia de mercado, e a mera visão dele do outro lado da estrada trazia uma expressão severa e crítica nos olhos pretos, tão diferente quanto possível do olhar paternal que lançava às duas sobrinhas quando se aproximavam da porta. Mr. Poyser fumara seu cachimbo vespertino e agora mantinha as mãos nos bolsos, como o único recurso de um homem que continua de pé após o término das tarefas do dia.

— Ora, moças, *cês* tão bastante *atrasada* essa noite — disse ele, quando chegaram ao pequeno portão que levava à calçada. — A mãe começou a se *preocupá* com vocês e ficou até meio doente. E como deixou a velha Bede, Dinah? Ela *tá* muito triste por causa do velho? Ele *tava* sendo um estorvo *pra* ela nos *último* cinco ano.

— Está muito angustiada pela perda — disse Dinah —, mas parecia mais consolada hoje. O filho dela, Adam, ficou em casa o dia todo trabalhando no caixão do pai, e ela adora tê-lo em casa. Conversou sobre ele comigo quase o dia todo. Tem um coração amoroso, embora seja muito dada a se afligir e ter medo. Gostaria que ela tivesse um apoio seguro para confortá-la na velhice.

— Adam é seguro o bastante — disse Mr. Poyser, interpretando errado o desejo de Dinah. — Sem dúvida que ele vai se *saí* bem, *num* é daqueles que dá ponto sem nó. Garanto que ele vai ser um bom filho até o fim. Ele disse se vai vir *visitá* a gente logo? Mas entre, entre — acrescentou, abrindo caminho para elas —, *num* quero *deixá cês* aí fora.

As construções altas ao redor do pátio obstruíam boa parte do céu, mas a grande janela deixava entrar luz abundante para mostrar todos

os cantos da casa.

Mrs. Poyser, sentada na cadeira de balanço, que fora tirada da “sala de estar da direita”, estava tentando acalmar Totty para dormir. Mas Totty não estava disposta a dormir; e quando suas primas entraram, levantou-se e apresentou um par de bochechas ruborizadas, que pareciam mais gordas do que nunca agora que estavam destacadas pela borda da touca de linho.

Na grande poltrona com fundo de vime no canto esquerdo da chaminé, estava o velho Martin Poyser, uma imagem saudável, mas enrugada e desbotada de seu filho corpulento de cabelos pretos – sua cabeça pendia um pouco para frente, e os cotovelos empurrados para trás permitiam que os antebraços descansassem nos apoios da cadeira. Seu lenço azul estava estendido sobre os joelhos, como de costume dentro de casa, quando não estava pendurado sobre a cabeça; e sentava-se observando o que acontecia com o olhar tranquilo *extrínseco* da velhice saudável que, desprendida de qualquer interesse em um drama interior, espia alfinetes no chão, segue os movimentos mais ínfimos com uma tenacidade inesperada e sem propósito, observa o bruxulear da chama ou os raios de sol na parede, conta os ladrilhos no chão, observa até o ponteiro do relógio e se satisfaz em detectar um ritmo no tique-taque.

— Que hora é essa de *voltá pra casa*, Hetty! — exclamou Mrs. Poyser. — Olhe *pro* relógio, olhe; ora, já é nove e meia, eu mandei as *moça pra* cama faz meia hora, muito tarde também; pois elas têm que *levantá* às quatro e meia *pra enchê* as *garrafa* do ceifador e *cuidá* das *fornada*; e a abençoada criança aqui com febre, pelo que sei, e tão acordada como se fosse hora do almoço, ninguém *pra* me *ajudá* a dar o remédio, a *num* ser seu tio, e o trabalho que isso deu, com metade derramando na camisola dela; *torcê pra* que o que ela tomou a mais *num* deixe ela pior do que *tá*. Mas quem *num* tem nada *pra* se *preocupá* sempre tem a sorte de *tá* fora de casa quando a gente precisa.

— Eu parti antes das oito, tia — disse Hetty, em um tom petulante, com um leve movimento de cabeça. — Mas esse relógio *tá* muito mais adiantado do que o relógio na reserva de caça, não tem como saber que hora ia ser quando eu chegasse aqui.

— O quê?! Queria que o relógio fosse acertado pelo horário das *bem-nascida*, né? E *madrugá* com uma vela acesa e ir se *deitá* com o sol rachando, como se fosse um pepino na estufa? Acho que o relógio *num* se adiantou hoje.

O fato é que Hetty realmente esquecera a diferença dos relógios quando disse ao capitão Donnithorne que partia às oito, e isso, com seu ritmo prolongado, quase a fez chegar meia hora mais tarde do que o normal. Mas aqui a atenção da tia foi desviada desse assunto delicado por Totty, que, percebendo, por fim, que a chegada das primas provavelmente não lhe traria nada satisfatório em particular, começou a gritar: “Mamãe, mamãe”, de maneira explosiva.

— Bem, então, meu bichinho, a mãe *tá* aqui, a mãe *num* vai embora. Totty seja um docinho e vá *dormí* agora — disse Mrs. Poyser, inclinando-se para trás e balançando a cadeira, enquanto tentava fazer Totty se aninhar junto a ela. Mas Totty só chorou mais alto e disse:

— *Num* balança!

Assim a mãe, com aquela paciência maravilhosa, que o amor dá ao temperamento mais apreensivo, sentou-se novamente, pressionou a bochecha junto da touca de linho e a beijou, esquecendo-se de repreender Hetty por mais tempo.

— Vamos, Hetty — disse Martin Poyser, em um tom conciliatório —, vá e pegue sua janta na despensa, pois as *coisa* já *tá* tudo guardada; e então *cê* pode *levá* a pequena enquanto sua tia se troca, pois ela *num* vai se *deitá* sem a mãe. E acho que *cê* devia comer um pouco, Dinah, pois lá eles *num* têm muito a *oferecê*.

— Não, obrigada, tio — disse Dinah —, fiz uma boa refeição antes de ir embora, pois Mrs. Bede preparou chá e pão para mim.

— Não quero jantar — disse Hetty, tirando o chapéu. — Posso cuidar de Totty agora, se a tia quiser.

— Ora, que bobagem é essa?! — disse Mrs. Poyser. — *Cê* acha que pode *vivê* sem *comê*, e se *alimentá* botando fita vermelha na cabeça? Vá *jantá* agora mesmo, criança; tem um bom pedaço de torta no guarda-comida, bem aquela que gosta.

Hetty obedeceu silenciosamente indo em direção à despensa, e Mrs. Poyser continuou falando com Dinah:

— Sente, minha querida, e aprenda a *ficá* à vontade uma vez na vida. Garanto que a velha ficou feliz em te ver, já que ficou lá tanto tempo.

— Parecia gostar da minha presença pelo menos; mas seus filhos dizem que ela geralmente não gosta de mulheres jovens; e pensei que no começo estava até com raiva de mim por ter ido lá.

— Hum, é triste quando os *velho num* gosta dos *jovem* —, disse o velho Martin, abaixando a cabeça e parecendo traçar o padrão dos ladrilhos com os olhos.

— Sim, é ruim *vivê* no galinheiro quando *num* se gosta das *pulga* — disse Mrs. Poyser. — Todo mundo teve a sua vez de ser jovem, acho, com boa ou má sorte.

— Mas ela deve *aprendê* a *aceitá* as *jovem* — disse Mr. Poyser —, pois *num* se pode *esperá* que Adam e Seth fiquem solteiros por dez *ano pra agradá* a mãe. Isso *num* ia ser razoável. *Num* é certo nem o velho nem o jovem *pensá* só no próprio lado. O que é bom *pra* um vai ser bom *pra* todo mundo a longo prazo. *Num* sou a favor dum jovem *casá* antes de *sabê* a diferença duma maçã silvestre *pruma* comum; mas talvez eles esperam um pouco demais.

— Com certeza — disse Mrs. Poyser —; se *passá* da hora do almoço, perde o apetite pela carne. Vai *revirá* ela com o garfo e *num comê* no fim das *conta*. Vai *achá* que a carne *tá* ruim, mas o que *tá* ruim é seu estômago.

Hetty agora voltou da despensa e disse: — Posso levar Totty agora, tia, se quiser.

— Vamos, Rachel — disse Mr. Poyser, enquanto a esposa parecia hesitar, vendo que Totty estava finalmente se aninhando em silêncio —, é melhor *deixá* Hetty *levá* ela *pra* cima, enquanto *cê* se arruma *pra* dormir. *Tá* cansada. *Tá* na hora de *deitá*. Vai *ficá* com dor nas *anca* de novo.

— Bem, pode *carregá* ela se a criança *deixá* — disse Mrs. Poyser.

Hetty se aproximou da cadeira de balanço e ficou sem seu sorriso habitual e sem qualquer tentativa de atrair Totty, simplesmente esperando que a tia entregasse a criança em suas mãos.

— Quer ir com a prima Hetty, meu docinho, enquanto a mãe se

prepara *pra* ir *pra* cama? Então, Totty pode ir *pra* cama da mãe e *dormi* lá por toda a noite.

Antes que a mãe terminasse de falar, Totty deu sua resposta de uma maneira inconfundível, franzindo a testa, colocando os dentes minúsculos contra o lábio inferior e inclinando-se para dar um tapa no braço de Hetty com toda a força. Então, sem falar nada, aninhou-se com a mãe novamente.

— Ei, ei — disse Mr. Poyser, enquanto Hetty permanecia imóvel —, *num* vai com a prima Hetty? Isso é coisa de bebê. Totty é uma mocinha, *num* é um bebê.

— *Num* adianta *tentá convencê* ela — disse Mrs. Poyser. — Sempre fica contra Hetty quando *num tá* bem. Então ela vai com Dinah.

Dinah, tendo tirado o gorro e o xale, até então se mantinha sentada em silêncio ao fundo, não gostando de se colocar entre Hetty e o que era considerado trabalho próprio dela. Mas agora se aproximou e, estendendo os braços, disse:

— Vamos Totty, vamos e deixe Dinah carregá-la para cima junto com a mãe: pobre, pobre mãe! Está tão cansada, ela quer ir para a cama.

Totty virou o rosto para Dinah e olhou para ela por um instante, depois se levantou, estendeu os bracinhos e deixou Dinah levantá-la do colo da mãe. Hetty se virou sem nenhum sinal de mau humor e, tirando o chapéu da mesa, ficou esperando com um ar de indiferença, para ver se seria instruída a fazer alguma outra coisa.

— Pode *trancá* a porta agora, Poyser; Alick já *tá* aqui faz tempo — disse Mrs. Poyser, levantando-se aliviada da cadeira. — Pegue os *fósforo pra* mim, Hetty, pois preciso duma lamparina acesa no quarto. Vamos, pai.

As pesadas trancas de madeira começaram a rolar nas portas da casa, e o velho Martin se preparou para se mover, pegando o lenço azul e alcançando a brilhante bengala de nogueira no canto. Mrs. Poyser então liderou o caminho para fora da cozinha, seguida pelo avô, e Dinah com Totty nos braços – todos indo para a cama ao crepúsculo, como os pássaros. Mrs. Poyser, no caminho, espiou o quarto onde os dois filhos estavam; apenas para ver suas bochechas

redondas e coradas no travesseiro e ouvir por um momento a respiração leve e regular.

— Vamos, Hetty, vá *pra* cama — disse Mr. Poyser, em um tom suave, enquanto se virava para subir as escadas. — *Cê num* quis se *atrasá*, tenho certeza, mas sua tia ficou preocupada hoje. Boa noite, minha jovem, boa noite.

Capítulo XV

Os Dois Quartos

Hetty e Dinah dormiam no segundo andar, em quartos adjacentes, quartos mal mobiliados, sem cortinas para bloquear a luz, que agora começava a ganhar nova força com o nascer da lua – força mais do que suficiente para permitir Hetty se movimentar e se despir em perfeito conforto. Podia ver muito bem os pinos na velha prensa de linho pintada em que pendurava o chapéu e o vestido; podia ver a cabeça de cada alfinete na almofada de alfinetes de tecido vermelho; podia ver o reflexo de si mesma no espelho antigo, tão distinto quanto necessário, considerando que tinha apenas que escovar os cabelos e colocar a touca de dormir. Um velho espelho esquisito! Hetty ficava de mau humor com ele quase toda vez que se vestia. Fora considerado um belo espelho em sua época, e provavelmente fora comprado pela família Poyser há um quarto de século, em uma venda de móveis requintados. Mesmo agora, um leiloeiro poderia dizer algo a seu favor: tinha uma grande quantidade de douramento escurecido nele; uma base de mogno firme, bem provido de gavetas, que se abriam com um puxão decidido e faziam saltar o conteúdo dos cantos mais distantes, sem dar o trabalho de alcançá-los; sobretudo, tinha um castiçal de bronze de cada lado, o que lhe daria sempre um ar aristocrático. Mas Hetty o rejeitava porque tinha inúmeras manchas escuras espalhadas nele, que não saíam de modo algum, e porque, em vez de balançar para trás e para frente, estava fixado em uma posição vertical, de modo que ela só podia ter uma boa visão de sua cabeça e pescoço, e isso só era possível ao se sentar em uma cadeira baixa diante da penteadeira. E a penteadeira não era de modo algum uma penteadeira, mas uma pequena cômoda velha, a coisa mais estranha do mundo para se sentar em frente, pois os grandes puxadores de latão machucavam seus joelhos, e não conseguia se aproximar do espelho confortavelmente. Mas os adoradores devotos nunca permitem que inconvenientes os impeçam de realizar seus ritos religiosos, e essa

noite Hetty estava mais empenhada em sua forma peculiar de adoração do que de costume.

Tendo tirado o vestido e o lenço branco, puxou uma chave do bolso grande que pendia por fora da anágua e, abrindo uma das gavetas inferiores da cômoda, alcançou dois pequenos pedaços de vela – secretamente comprados em Treddleston – e os enfiou nos castiçais de latão. Então puxou um pacote de fósforos e acendeu as velas; e por último, um pequeno espelho redondo de moldura vermelha, sem manchas. Foi nesse pequeno espelho que escolheu se olhar primeiro depois de se sentar. Olhou para ele sorrindo e virando a cabeça de lado por um minuto, depois o largou e tirou a escova e o pente de uma gaveta acima. Soltaria os cabelos para ficar parecida com a pintura de uma dama no toucador de Miss Lydia Donnithorne. Assim foi feito, e as ondas jacintinas^[87] escuras caíram sobre seu pescoço. Não era um cabelo pesado, volumoso, simplesmente ondulado, mas sim macio e sedoso, a todo o momento desenrolando-se em cachos delicados. Mas ela o puxou todo para trás para se parecer com a pintura e formar uma cortina escura, destacando seu pescoço redondo e branco. Então largou a escova e o pente e se olhou no espelho, cruzando os braços, assim como na pintura. Mesmo o velho espelho mosqueado não pôde deixar de retornar uma imagem adorável, não menos adorável porque o espartilho de Hetty não era de cetim branco – como tenho certeza de que as heroínas geralmente usam –, mas de algodão verde-escuro.

Oh, sim! Ela era muito bonita. O capitão Donnithorne também achava. Mais bonita do que qualquer outra em Hayslope – mais bonita do que qualquer uma das damas que já vira na reserva de caça – na verdade, parecia que as damas refinadas eram um tanto velhas e feias – era mais bonita do que Miss Bacon, a filha do moleiro, que era chamada de a beldade de Treddleston. E Hetty olhava para si mesma nessa noite com uma sensação bem diferente da que já sentira antes; havia um espectador invisível cujo olhar pousava nela como a manhã nas flores. Sua voz suave repetia sem parar aquelas coisas bonitas que ouvira na floresta; o braço dele estava em volta dela, e o delicado perfume de rosas de seu cabelo ainda estava nela. A mulher mais

vaidosa nunca tem completa consciência de sua própria beleza, até ser amada pelo homem que faz ressoar sua própria paixão de volta.

Mas Hetty parecia ter decidido que algo estava faltando, pois se levantou e alcançou uma velha echarpe de renda preta do armário e um par de brincos grandes da gaveta sagrada da qual tirara as velas. Era uma echarpe muito velha, cheia de rasgos, mas que orlaria os ombros e realçaria a brancura dos braços. E retirou os pequenos brincos que tinha nas orelhas – oh, como sua tia a repreendera por furar as orelhas! – e colocou aqueles grandes: eram feitos apenas de vidro colorido e dourado, mas não se sabendo disso, pareciam tão adequados quanto os que as damas usavam. E assim se sentou outra vez, com os brincos grandes nas orelhas e a echarpe de renda preta ajustada em torno dos ombros. Olhou para os braços: não poderia existir braços mais bonitos, até um pouco abaixo dos cotovelos – eram brancos e roliços, e com covinhas para combinar com suas bochechas; mas em direção aos pulsos, ela pensou aborrecida, que estavam engrossados pela fabricação de manteiga e outros trabalhos que as damas nunca faziam.

O capitão Donnithorne não gostaria que ela continuasse trabalhando: gostaria de vê-la com roupas bonitas, sapatos finos e meias brancas, talvez com adornos de seda; pois ele devia amá-la muito – ninguém jamais a envolvera e a beijara daquele jeito. Ele desejaria se casar com ela e fazer dela uma dama; ela mal podia ousar dar forma a esse pensamento – ainda assim, de que outra forma poderia ser? Casar-se-ia com ela em segredo, assim como Mr. James, assistente do médico, casou-se com a sobrinha do patrão e por um longo tempo ninguém descobrira, e então não adiantaria se zangar. O médico contara tudo à tia dela em sua presença. Não sabia como seria, mas estava bastante claro que o velho fidalgo nunca poderia ser informado a respeito, pois Hetty estava pronta para desmaiar de admiração e medo caso se deparasse com ele na reserva de caça. Talvez ele tivesse nascido da terra, pelo que ela sabia. Nunca passara por sua mente que ele fora jovem como os outros homens; sempre fora o velho fidalgo de quem todos tinham medo. Oh, era impossível pensar como seria! Mas o capitão Donnithorne saberia; era um grande

cavalheiro, poderia fazer tudo do seu jeito e comprar tudo o que quisesse. E nada poderia voltar a ser como fora novamente: talvez algum dia seria uma nobre dama, e andaria em sua sege, e se vestiria para o jantar em seda brocada, com plumas no cabelo, e o vestido varrendo o chão, como Miss Lydia e lady Dacey, quando as viu entrando na sala de jantar uma noite enquanto espiava pela janelinha redonda no saguão; só que não seria velha e feia como Miss Lydia, nem teria toda a circunferência de lady Dacey, mas seria muito bonita, com os cabelos arrumados de muitas maneiras diferentes, e usaria às vezes um vestido cor-de-rosa, às vezes um branco – não sabia de qual gostava mais; e Mary Burge e todos talvez a viriam saindo em sua carruagem – ou melhor, eles *ouviriam* falar disso: era impossível imaginar essas coisas acontecendo em Hayslope à vista da tia. Ao pensar em todo esse esplendor, Hetty se levantou da cadeira e, ao fazê-lo, a ponta da echarpe agarrou-se ao pequeno espelho de moldura vermelha, de modo que ele caiu com um estrondo; mas estava muito ocupada com sua fantasia para se importar em recolhê-lo; e depois de um sobressalto momentâneo, começou a caminhar de um lado para o outro com a imponência de um pombo, em seu espartilho e saia coloridos, a velha echarpe de renda preta em volta dos ombros e os grandes brincos de vidro nas orelhas.

Como a pequena ficava bonita nesse vestuário estranho! Seria a loucura mais fácil do mundo se apaixonar por ela. Havia uma redondeza tão doce e infantil em seu rosto e corpo; os delicados cachos escuros de cabelos caíam tão encantadoramente sobre as orelhas e pescoço; os grandes olhos escuros, com longos cílios, tocavam-se de modo tão singular, como se uma ninfa travessa aprisionada olhasse para fora deles. Ah, que prêmio seria para um homem com uma noiva doce como Hetty! Como os homens invejariam aquele que viria ao café da manhã nupcial e a via pendurada em seu braço em renda branca e flores de laranjeira. A coisinha querida, jovem, arredondada, suave e flexível! Seu coração deveria ser igualmente suave, o temperamento igualmente livre de arestas, o caráter igualmente maleável. Se alguma coisa desse errado, deveria ser culpa do marido: ele poderia torná-la o que quisesse – isso é óbvio.

E o próprio apaixonado também pensaria assim: ela o amaria, suas vaidades seriam fascinantes, não consentiria que ela fosse um pouco mais sábia; esses olhares e movimentos manhosos seriam exatamente o que se desejaria para fazer do lar um paraíso. Todo homem sob tais circunstâncias estaria consciente de ser um grande fisionomista. A natureza, ele sabe, tem uma linguagem própria, que ela usa com estrita veracidade, e ele se considera um versado dessa linguagem. A natureza lhe escreveu o caráter de sua noiva naquelas linhas requintadas de bochecha, lábio e queixo, naquelas pálpebras delicadas como pétalas, naqueles longos cílios curvados como o estame de uma flor, nas profundezas fluidas escuras daqueles olhos maravilhosos. Como ela adoraria seus filhos! Ela mesma é quase uma criança, e as coisinhas redondas rosadas ficarão penduradas nela como florezinhas em volta da flor central; e o marido olhará, sorrindo complacente, capaz, quando quiser, de se retirar para o santuário de sua sabedoria, para o qual a doce esposa olharia com reverência e nunca levantaria a cortina. Um casamento como faziam na era de ouro, quando os homens eram todos sábios e majestosos e as mulheres, adoráveis e amorosas.

Era praticamente assim que nosso amigo Adam Bede pensava sobre Hetty; só que colocava os pensamentos em palavras diferentes. Se ela se comportava com vaidade fria para com ele, dizia a si mesmo que era apenas porque não o amava o suficiente; e tinha certeza de que o amor dela, quando o demonstrasse, seria a coisa mais preciosa que um homem poderia possuir na terra. Antes de desprezar Adam como alguém falho em perspicácia, pergunte a si mesmo se já esteve predisposto a acreditar na maldade de qualquer mulher bonita – se alguma vez *pôde*, sem uma difícil explicação de quebrar a cabeça, acreditar na maldade de *tal* mulher extremamente bonita que o enfeitiçara. Não: as pessoas que amam pêssegos macios tendem a não pensar no caroço e, às vezes, batem terrivelmente os dentes contra ele.

Arthur Donnithorne também tinha o mesmo tipo de opinião acerca de Hetty, quando pensava sobre a natureza dela. Tinha certeza de que era uma querida criaturinha, afetuosa e boa. O homem que desperta a paixão trêmula e maravilhada de uma jovem sempre pensa nela com

afeto; e se por acaso anseia pelos anos futuros, provavelmente se imagina virtuoso e terno a ela, porque a pobrezinha carente gosta muito dele. Deus fez essas queridas mulheres assim – e é um arranjo conveniente em caso de doença.

Afinal, acredito que, às vezes, o mais sábio de nós deve ser iludido dessa maneira, e deve pensar tanto melhor quanto pior das pessoas mais do que elas merecem. A natureza tem sua linguagem, e ela não é inverídica; mas ainda não conhecemos todos os meandros de sua sintaxe e, em uma leitura apressada, podemos extrair exatamente o oposto de seu significado real. Cílios longos e escuros, ora essa – o que poderia ser mais primoroso? Acho impossível não esperar alguma profundidade de alma por trás de olhos cinzentos profundos, com longos cílios escuros, apesar de a experiência ter me mostrado que eles podem vir juntos de engano, peculato e estupidez. Mas se, em resposta ao desgosto, dirigi-me a olhos duvidosos, haveria uma surpreendente semelhança de resultado. Começa-se a suspeitar finalmente que não há correlação direta entre cílios e moral; ou então, que os cílios expressam a compleição da avó da formosa, que é, em geral, menos importante para nós.

Nenhum par de cílios poderia ser mais bonito do que o de Hetty; e agora, enquanto ela caminha com sua imponência de pombo pelo quarto e olha para os ombros orlados pela velha renda preta, a franja escura ressalta a perfeição de suas bochechas cor-de-rosa. São apenas imagens vagas e mal definidas que sua imaginação limitada consegue fazer do futuro; mas de todas as imagens ela é a figura central em roupas finas; o capitão Donnithorne está muito perto dela, envolvendo-a com o braço, talvez a beijando, e todos a admiram e a invejam – especialmente Mary Burge, cujo novo vestido estampado parece muito desprezível ao lado da vestimenta magnífica de Hetty. Alguma lembrança doce ou triste se mistura com esse sonho do futuro – algum pensamento amoroso de seus pais secundários – dos filhos que ela ajudara a cuidar – de alguma companhia jovem, animal de estimação, relíquia de sua infância? Nenhuma. Existem algumas plantas que quase não possuem raízes: pode-se arrancá-las de seu recanto nativo de rocha ou parede e simplesmente as colocar em um

vaso de flores ornamentais, e florescem apesar disso. Hetty poderia deixar toda a sua vida passada para trás e nunca se importar em lembrar dela novamente. Acho que não tinha nenhum sentimento em relação à velha casa e não gostava mais das valerianas gregas^[88] e da longa fileira de malvas-rosas no jardim do que de outras flores – talvez nem tanto. Era notável o quão pouco parecia se importar em atender ao tio, que fora um bom pai para ela – quase nunca se lembrava de lhe dar o cachimbo na hora certa sem ser solicitada, a menos que um visitante estivesse lá, que teria uma melhor oportunidade de observá-la enquanto cruzava a lareira. Hetty não entendia como alguém poderia se afeiçoar a pessoas de meia-idade. E quanto àquelas crianças enfadonhas, Marty, Tommy e Totty, tinham sido o grande estorvo em sua vida – tão odiosos quanto insetos zumbindo, que chegam para lhe provocar em um dia quente quando se quer tranquilidade. Marty, o mais velho, era bebê quando ela chegara à fazenda, pois as crianças nascidas antes dele haviam morrido, e assim Hetty os deixava todos os três, um após o outro, cambaleando ao seu lado no prado, ou brincando com ela nos dias de chuva nos aposentos quase vazios da grande velha casa. Os meninos não eram mais uma preocupação agora, mas Totty ainda era uma praga de um dia inteiro, pior do que qualquer um dos outros, pois faziam mais alvoroço a respeito dela. E não havia fim para a confecção e reparação de roupas. Hetty ficaria feliz em saber que nunca mais veria qualquer uma das crianças de novo; eram piores do que os cordeirinhos desagradáveis que o pastor sempre trazia para receber cuidados especiais na hora do parto; pois dos cordeiros se *livraria* cedo ou tarde. Quanto aos pintinhos e perus, Hetty teria odiado a própria palavra “chocar” se sua tia não a tivesse subornado para cuidar dos filhotes, prometendo-lhe os rendimentos de um de cada ninhada. Os pintinhos redondos e macios que espreitavam debaixo da asa da mãe nunca impressionaram Hetty; esse não era o tipo de beleza que ela se importava, mas se importava com a beleza das coisas novas que compraria para si na Feira de Treddleston com o dinheiro que lhe rendiam. E, no entanto, parecia tão cheia de covinhas, tão encantadora, quando se abaixava para colocar o pão embebido no galinheiro, que se tem de ser uma pessoa muito

perspicaz para suspeitar dessa insensibilidade. Molly, a doméstica, com um nariz arrebitado e uma mandíbula protuberante, era realmente uma garota de coração sensível e, como Mrs. Poyser disse, uma maravilha para cuidar das aves; mas seu rosto impassível revelava tanto desse deleite materno, quanto um jarro de barro revela a luz da lamparina dentro dele.

Geralmente é o olhar feminino que detecta primeiro as deficiências morais escondidas sob o “querido engano” da beleza, por isso não é de surpreender que Mrs. Poyser, com sua aguçada e abundante oportunidade de observação, formara uma estimativa razoavelmente justa do que se poderia esperar de Hetty em termos de sentimentos; e, em momentos de indignação, ela, algumas vezes, falara com grande franqueza sobre o assunto com o marido:

— Ela é que nem um pavão, que fica por aí exibindo a cauda quando faz sol; mesmo que todo mundo da paróquia *tivesse* morrendo, parece que nada a comove, nem mesmo quando a gente achou que Totty tinha caído no poço. E *pensá* naquele querido anjinho! E a gente *encontrou ela* com os *sapatinho* atolado na lama se esgoelando de *chorá* perto do estábulo. Mas Hetty nem ligou, eu percebi, apesar de ter cuidado da criança desde bebê. Acredito que o coração dela é duro que nem pedra.

— Não, não — disse Mr. Poyser —, *num* deve *julgá* Hetty com tanta dureza. As *jovem* é que nem grão verde; dá boa farinha de vez em quando, mas ainda é muito mole. *Cê* vai ver que Hetty vai *ficá* bem quando *arrumá* um bom marido e filhos.

— *Eu num* quero ser dura com a menina. Ela é jeitosa e é bem útil quando quer, e ia *sentí* falta dela na leiteria, porque tem uma mão boa. Seja o que for, eu me esforço *pra fazê* o melhor *pra* sua sobrinha – e é o que tenho feito, pois eu ensinei *pra* ela todo o trabalho de casa e já disse quais *era* as *tarefa* dela, apesar que Deus sabe que eu *num* tenho mais fôlego *pra* isso, e tem aquela minha dor que volta terrível de vez em quando. Com três *moça* na casa, eu tinha que ter o dobro de força *pra mantê* elas trabalhando. É como *cozinhá* carne em três *boca* de fogão; assim que *cê* unta uma, a outra *tá* queimando.

Hetty se sentia amedrontada pela tia o suficiente para se preocupar

em esconder dela tanto de sua vaidade quanto fosse possível ser escondida sem um grande esforço. Não conseguia resistir em gastar seu dinheiro em coisinhas refinadas que Mrs. Poyser desaprovava; mas prontamente morreria de vergonha, aflição e medo se a tia tivesse aberto a porta naquele momento e a visto com os pedaços de vela acesos se pavoneando enfeitada com a echarpe e brincos. Para evitar tal surpresa, sempre trancava a porta e não se esquecera de fazê-lo essa noite. Estava tudo bem, mas então veio uma leve batida, e Hetty, com o coração saltando, correu para apagar as velas e jogá-las na gaveta. Não ousou se deter para tirar os brincos, mas atirou a echarpe e a deixou cair no chão, antes que a leve batida repetisse. Saberemos como foi que a batida leve aconteceu, se deixarmos Hetty por um curto período e retornarmos a Dinah, no momento em que entregara Totty aos braços da mãe, e subiu para seu quarto, ao lado do de Hetty.

Dinah se deleitou à janela do quarto. Estando no segundo andar daquela casa alta, tinha uma visão ampla dos campos. A espessura da parede formava um largo degrau de cerca de um metro abaixo da janela, onde podia colocar sua cadeira. E agora a primeira coisa que fez ao entrar no quarto foi se sentar nessa cadeira e olhar para os campos pacíficos além dos quais a grande lua estava surgindo, logo acima dos olmos da sebe. Ela gostava mais do pasto onde as vacas leiteiras estavam e, ao lado, o prado onde a grama estava meio cortada e jazia em linhas prateadas. Seu coração estava muito cheio, pois haveria apenas mais uma noite em que olharia para aqueles campos por um longo tempo; mas não se preocupou em deixar a mera cena, pois, para ela, a sombria Snowfield tinha também seus encantos. Pensou em todas as pessoas queridas que aprendera a se importar entre esses campos pacíficos, e que agora teriam um lugar em sua lembrança amorosa para sempre. Pensou nas lutas e no cansaço que poderiam estar diante delas no resto da jornada de suas vidas, quando estivesse longe e não soubesse nada do que lhes estivesse acontecendo; e a pressão desse pensamento logo se tornou forte demais para ela desfrutar da quietude inerte dos campos enlurados. Fechou os olhos para sentir mais intensamente a presença de um Amor e Compaixão mais profundos e mais ternos do que se respirava da terra e do céu.

Esse era, muitas vezes, o modo de Dinah orar sozinha. Simplesmente fechar os olhos e se sentir cercada pela Presença Divina; então, gradualmente, seus medos, suas diligências ansiosas pelos outros, derretiam como cristais de gelo em um oceano morno. Ficou sentada dessa maneira perfeitamente imóvel, com as mãos cruzadas no colo e a luz pálida descansando em seu rosto calmo, por pelo menos dez minutos quando foi surpreendida por um som alto, parecia que algo caíra no quarto de Hetty. Mas, como todos os sons que chegam aos nossos ouvidos em estado de abstração, não tinha caráter distinto, mas era apenas alto e surpreendente, de modo que não tinha certeza se o interpretara certo. Levantou-se e averiguou, mas tudo ficou quieto depois, e ponderou que Hetty deveria apenas ter derrubado algo ao se deitar. Começou lentamente a se despir; mas agora, devido às sugestões desse som, seus pensamentos se concentraram em Hetty – aquela jovem doce, com a vida e todas as suas provações diante dela – os solenes deveres diários da esposa e da mãe – e sua mente tão despreparada para todos eles, empenhada somente em pequenos prazeres tolos e egoístas, como uma criança abraçando seus brinquedos no início de uma longa jornada penosa em que terá que suportar a fome e as trevas frias e negligentes. Dinah sentiu um cuidado duplo por Hetty, pois compartilhava o interesse ansioso de Seth pela sina de seu irmão, e chegara à conclusão de que Hetty não amava Adam o suficiente para se casar com ele. Via muito claramente a ausência de qualquer amor caloroso e devoto na índole de Hetty para considerar a frieza de seu comportamento em relação a Adam como uma indicação de que ele não era o homem que ela gostaria de ter como marido. E esse vazio na índole de Hetty, em vez de incitar a antipatia de Dinah, tocou-a com uma piedade mais profunda: o rosto e a forma adoráveis a afetaram, pois a beleza sempre afeta uma mente pura e terna, livre de invejas egoístas. Era um excelente dom divino, que dava uma piedade mais profunda à necessidade, o pecado, o pesar com que foi misturado, como a lesão em um botão de lírio-branco é mais dolorosa de observar do que em uma erva comum.

No momento em que Dinah se despiu e colocou a camisola, esse sentimento por Hetty ganhara uma intensidade dolorosa; sua

imaginação criara um emaranhado espinhoso de pecado e pesar, no qual via a pobre criatura lutando, dilacerada e sangrando, procurando em lágrimas por socorro e não encontrando nenhum. Era dessa maneira que a imaginação e a empatia de Dinah agiam e reagiam habitualmente, cada uma alimentando a outra. Sentiu um profundo desejo de ir agora e despejar no ouvido de Hetty todas as palavras ternas de advertência e apelo que surgiram em sua mente. Mas talvez Hetty já estivesse dormindo. Dinah colocou o ouvido na divisória e ouviu ainda alguns ruídos leves, que a convenceram de que Hetty ainda não estava na cama. Ainda assim, hesitou; não tinha certeza de uma direção divina; a voz que lhe dizia para ir até Hetty não parecia mais forte do que a outra voz que dizia que Hetty estava cansada, e que ir até ela agora em um momento inoportuno só tenderia a fechar seu coração com mais obstinação. Dinah não estava satisfeita sem uma orientação mais inequívoca além daquelas vozes interiores. Havia luz o bastante para, se ela abrisse sua Bíblia, discernir o texto o suficiente para saber o que ele lhe diria. Conhecia o aspecto de cada página e sabia dizer em qual livro abria, às vezes, em qual capítulo, sem ver título ou número. Era uma pequena Bíblia grossa, bastante desgastada nas bordas. Dinah a colocou de lado no parapeito da janela, onde a luz era mais forte, e então a abriu com o dedo indicador. As primeiras palavras que viu foram aquelas no topo da página da esquerda: “E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam.”^[89] Foi o suficiente para Dinah; abriu naquela memorável despedida em Éfeso, quando Paulo se sentiu obrigado a abrir o coração em uma última exortação e advertência. Não mais hesitou, mas, abrindo sua porta gentilmente, foi bater na de Hetty. Sabemos que ela tivera que bater duas vezes, pois Hetty teve que apagar as velas e atirar a echarpe de renda preta; mas depois da segunda batida a porta foi aberta imediatamente. Dinah disse:

— Poderia entrar, Hetty? — e Hetty, sem responder, pois estava confusa e irritada, abriu bem a porta e a deixou entrar.

Que contraste estranho as duas figuras faziam! Visíveis o suficiente naquele crepúsculo e luar misturados. Hetty, suas bochechas ruborizadas e olhos reluzentes de seu drama imaginário, o lindo

pescoço e braços nus, os cabelos suspensos em um emaranhado encaracolado nas costas e os penduricalhos nas orelhas. Dinah, coberta por suas longas vestes brancas, o rosto pálido cheio de emoção branda, quase como um lindo cadáver, no qual a alma voltou carregada dos mais sublimes segredos e do mais sublime amor. Elas eram quase da mesma altura; Dinah evidentemente um pouco mais alta quando colocou o braço em volta da cintura de Hetty e beijou sua testa.

— Sabia que não estava na cama ainda, minha querida — disse ela, em sua voz doce e clara, que era enervante para Hetty, misturando-se com seu próprio aborrecimento aflito como música feita com correntes estridentes —, pois a ouvi se movendo; e desejava falar com você novamente nesta noite, pois é a penúltima que estarei aqui, e não sabemos o que pode acontecer amanhã para nos separar. Poderia me sentar com você enquanto arruma o cabelo?

— Ah, sim — disse Hetty, virando-se rápido e alcançando a segunda cadeira do quarto, feliz que Dinah não parecia ter notado seus brincos.

Dinah se sentou, e Hetty começou a escovar os cabelos antes de torcê-los, fazendo-o com aquele ar de indiferença excessiva própria da autoconsciência confusa. Mas a expressão dos olhos de Dinah a aliviou gradualmente; pareciam desatentos a todos os detalhes.

— Querida Hetty — disse ela —, ocorreu-me nesta noite que você pode algum dia estar com alguma tribulação; tribulação pode ser designada a todos nós aqui,^[90] e chega um momento em que precisamos de mais conforto e ajuda do que das coisas que esta vida pode proporcionar. Quero lhe dizer que se algum dia estiver com problemas e precisar de uma amiga, que sempre a considerou e a ama, pode contar com Dinah Morris em Snowfield, e se você for até ela, ou mandar chamá-la, ela nunca se esquecerá desta noite e as palavras que está lhe dizendo agora. Você se lembrará disso, Hetty?

— Sim — disse Hetty, bastante assustada. — Mas por que acha que vou ter problemas? Sabe de alguma coisa?

Hetty se sentou enquanto amarrava a touca, e agora Dinah se inclinou e segurou suas mãos enquanto respondia:

— Porque, querida, problemas chegam a todos nós nesta vida. Podem acontecer coisas que não são da vontade de Deus e então nos tornamos pesarosos; as pessoas que amamos são tiradas de nós, não encontramos alegria em nada porque não estão conosco; a doença chega, desfalecemos sob o fardo de nossos corpos fracos; desviamos e fazemos o errado, metemo-nos em problemas com nossos semelhantes. Não há homem ou mulher nascidos neste mundo a quem algumas dessas provações não caíam, e por isso sinto que algumas delas possam lhe acontecer; e desejo que, enquanto é jovem, busque forças em seu Pai Celestial, para que possa ter um apoio que não lhe falhe no dia mau.^[91]

Dinah fez uma pausa e soltou as mãos de Hetty para não a atrapalhar. Hetty ficou quieta; não sentia nenhuma resposta dentro de si para a afeição receosa de Dinah; mas as palavras de Dinah, proferidas com uma distinção solene e patética, a afetaram com um medo arrepiante. Seu rubor se extinguiu quase até a palidez; tinha a timidez de uma natureza voluptuosa que busca o prazer, esquivando-se da alusão à dor. Dinah viu o efeito, e seu apelo terno e receoso se tornou mais intenso, até que Hetty, cheia de um vago medo de que algo maligno pudesse lhe acontecer, começou a chorar.

É nosso hábito dizer que, embora a natureza inferior nunca possa entender a superior, a natureza superior comanda uma visão completa da inferior. Mas acho que a natureza superior tem que aprender essa compreensão, como aprendemos a arte da visão, por uma boa dose de árdua experiência, muitas vezes com contusões e cortes incorridos por levar as coisas para o lado errado e fantasiar nosso espaço mais amplo do que é. Dinah nunca vira Hetty ser afetada dessa maneira antes e, com sua habitual esperança benigna, confiava que era o despertar de um impulso divino. Beijou a criatura soluçante e começou a chorar com ela de grata alegria. Mas Hetty estava simplesmente naquele estado de espírito excitável em que não há como calcular o rumo que os sentimentos podem tomar de um momento para o outro, e, pela primeira vez, ficou irritada com os afagos de Dinah. Afastou-a com impaciência e disse, com uma soluçante voz infantil:

— Não fale comigo assim, Dinah. Por que veio me assustar? Nunca

te fiz nada. Por que não pode me deixar em paz?

A pobre Dinah sentiu uma pontada. Era sábia demais para persistir e disse apenas suavemente: — Sim, minha querida, você está cansada; não vou atrapalhá-la mais. Apresse-se e vá para a cama. Boa noite.

Ela saiu do quarto quase tão silenciosa e rapidamente quanto um fantasma; mas uma vez ao lado de sua cama, ajoelhou-se e derramou em profundo silêncio toda a piedade apaixonada que enchia seu coração.

Quanto a Hetty, logo estava na floresta novamente – seus sonhos acordados sendo fundidos em uma vida adormecida um pouco mais fragmentada e confusa.

Capítulo XVI

Elos

Arthur Donnithorne, lembre-se, está comprometido a ir visitar Mr. Irwine nessa sexta-feira de manhã, e está acordado e se vestindo tão cedo que decide ir antes do café da manhã, em vez de depois. O reitor, ele sabe, toma o café da manhã sozinho às nove e meia, as senhoras da família em um horário diferente; Arthur fará um passeio cedo pela colina e tomará o café da manhã com ele. Pode-se conversar melhor durante uma refeição.

O progresso da civilização tornara o café da manhã ou o almoço um substituto leve e alegre para cerimônias mais problemáticas e desagradáveis. Temos uma visão menos sombria de nossas falhas quando nosso pároco confessor nos escuta em meio a ovos e cafés. Estamos mais claramente conscientes de que penitências duras estão fora de questão para os cavalheiros em uma era iluminada, e que o pecado mortal não é incompatível com o apetite por bolinhos. Um assalto aos nossos bolsos, que em tempos mais bárbaros teria sido feito na forma brusca com um tiro de pistola, é um procedimento bastante polido e sorridente, agora se tornou um pedido de empréstimo lançado como um parêntese fácil entre o segundo e terceiro copo de clarete.

Ainda assim, havia essa vantagem nos velhos modelos rígidos, que o comprometiam com o cumprimento de uma resolução por algum ato externo: quando se coloca a boca na extremidade de um buraco em uma parede de pedra e está ciente de que há um ouvido expectante na outra extremidade,^[92] é mais provável que se diga o que chegou com a intenção de dizer do que se estivesse sentado com as pernas em uma postura relaxada sob o mogno com uma companhia que não terá nenhum motivo para se surpreender se não tiver nada em particular para dizer.

No entanto, Arthur Donnithorne, enquanto serpenteia pelas agradáveis alamedas a cavalo sob o sol da manhã, tem uma

determinação sincera de abrir seu coração ao reitor, e o som constante do alfanje ao passar pelo prado é mais agradável ainda por causa desse desígnio honesto. Ele está feliz em ver a esperança de um clima estável agora para colher o feno, o que preocupara os agricultores; e há algo tão saudável na partilha de uma alegria que é geral e não meramente pessoal, que esse pensamento sobre a colheita de feno atua em seu estado de espírito e faz com que sua resolução pareça uma questão mais fácil. Um homem da cidade talvez considere que essas influências não deveriam ser sentidas fora do livro de histórias infantis; mas quando se está entre os campos e sebes, é impossível manter uma superioridade consistente aos prazeres naturais simples.

Arthur passara pela aldeia de Hayslope e se aproximava do lado de Broxton da colina, quando, em uma curva na estrada, viu uma figura cerca de cem metros à sua frente, que era impossível confundir com qualquer outra pessoa além de Adam Bede, mesmo que não houvesse nenhum cão pastor cinza e sem cauda em seu encalço. Ele estava caminhando em seu ritmo rápido habitual, e Arthur apressou o cavalo para alcançá-lo, pois mantinha muito de um sentimento juvenil para com Adam e não perderia uma oportunidade de conversar com ele. Não direi que seu amor por aquele bom camarada não devia um pouco de sua força ao amor pelo patronato: nosso amigo Arthur gostava de fazer tudo o que era belo e ter seus belos feitos reconhecidos.

Adam olhou em volta ao ouvir o barulho acelerado das patas do cavalo e esperou pelo cavaleiro, levantando o chapéu de papel da cabeça com um sorriso radiante de reconhecimento. Além de seu irmão Seth, Adam faria por Arthur Donnithorne mais do que por qualquer outro jovem no mundo. Não havia quase nada que temesse perder do que a régua dobrável de sessenta centímetros que sempre carregava no bolso; era o presente de Arthur, comprado com seu próprio dinheiro, quando era um rapaz louro de onze anos, e aproveitara tão bem as lições de carpintaria e torneamento de Adam, a ponto de constranger todas as mulheres da casa com presentes supérfluos de bobinas e caixinhas. Adam tinha bastante orgulho do pequeno fidalgo naqueles dias, e o sentimento só se modificou

ligeiramente à medida que o rapaz de cabelos louros se transformou no jovem de bigodes. Adam, confesso, era muito suscetível à influência da distinção, e bastante pronto a dar uma quantidade extra de respeito a qualquer um que tivesse mais privilégios do que ele, não sendo um filósofo ou um proletário com ideias democráticas, mas apenas um carpinteiro inteligente e robusto com uma grande reserva de reverência em sua índole, o que o inclinava a admitir todas as asserções estabelecidas, a menos que visse motivos muito claros para questioná-las. Não tinha teorias sobre consertar o mundo, mas via que havia uma grande quantidade de danos causados pela construção com madeira ruim – por homens ignorantes em roupas finas fazendo projetos de alpendres, oficinas e similares sem saber a direção das coisas –, pelo trabalho desleixado de marceneiros e por contratos apressados que nunca poderiam ser cumpridos sem arruinar alguém; e resolveu, por sua vez, colocar-se contra tais ações. Sobre esses pontos, manteria sua opinião contra o maior proprietário de terras em Loamshire ou Stonyshire; mas sentia que, além disso, seria melhor se submeter a pessoas que fossem mais sábias do que ele. Via com toda a clareza possível como as florestas da propriedade eram mal administradas e o estado vergonhoso dos edifícios agrícolas; e se o velho fidalgo Donnithorne tivesse lhe perguntado o efeito dessa má gestão, teria dito sua opinião sem hesitar, mas o impulso a um comportamento respeitoso em relação a um “cavalheiro” teria sido forte dentro dele o tempo todo. A palavra “cavalheiro” continha um feitiço para Adam e, como costumava dizer, “não tolerava um camarada que achava que fazia bem ser convencido com os superiores”. Devo lhe lembrar novamente de que Adam tinha sangue camponês nas veias, e como ele esteve em seu auge há meio século, deve esperar que algumas de suas características sejam obsoletas.

Para com o jovem fidalgo, essa reverência instintiva de Adam era auxiliada por memórias juvenis e consideração pessoal, assim pode imaginar que pensava muito mais nas boas qualidades de Arthur e atribuía muito mais valor até as suas menores ações do que se fossem as qualidades e ações de um trabalhador comum como ele. Tinha certeza de que seria um bom dia para todos em Hayslope quando o

jovem fidalgo assumisse a propriedade – uma disposição tão generosa de coração aberto quanto a dele, e uma noção “incomum” sobre melhorias e reparos, considerando que estava apenas chegando à idade adulta. Deste modo, havia respeito e carinho no sorriso com o qual o saldou enquanto Arthur Donnithorne se aproximava.

— Bem, Adam, como vai? — disse Arthur, estendendo a mão. Ele nunca apertava a mão de nenhum dos agricultores, e Adam sentiu a honra intensamente. — Poderia apostar que essas costas eram suas a distância. São as mesmas costas, só que mais largas, desde quando me carregava nelas. Você se lembra?

— Sim, senhor, eu me lembro. Seria muito ruim se a gente não se lembrasse do que fez e disse quando era rapaz. Então a gente ia pensar menos nos velhos amigos do que nos novos.

— Vai a Broxton, suponho? — disse Arthur, colocando o cavalo em um ritmo lento enquanto Adam caminhava ao seu lado. — Vai ao presbitério?

— Não, senhor, vou ver o celeiro do Bradwell. *Tão* com medo do telhado ceder as paredes, vou ver o que dá *pra* fazer antes de mandar o material e a mão de obra.

— Ora, Burge confia agora quase tudo a você, Adam, não é? Acho que vai o tornar seu sócio em breve. Ele vai, se for inteligente.

— Não, senhor, não vejo como isso ia ser melhor *pra* ele. Um capataz, se tem consciência e prazer no trabalho, vai fazer sua tarefa tão bem quanto se fosse um sócio. Eu não ia dar um centavo por um homem que martela devagar porque não recebeu pagamento extra por isso.

— Eu sei disso, Adam; sei que trabalha para ele tão bem quanto se trabalhasse para si mesmo. Mas teria mais autoridade do que tem agora, e poderia transformar o negócio em algo melhor, talvez. O velho deve deixar os negócios algum dia, e não tem filhos; suponho que queira um genro que possa cuidar de tudo. Mas é um tanto mão-fechada, imagino. Diria que quer um homem que possa investir algum dinheiro no negócio. Se eu não fosse tão pobre quanto um rato, investiria de bom grado algum dinheiro dessa maneira, para o ver estabelecido na propriedade. Tenho certeza de que lucraria com isso

no fim. Talvez eu esteja melhor em um ano ou dois. Terei uma renda maior agora que sou maior de idade; e quando pagar umas dívidas, serei capaz de pensar além de mim.

— É muito gentil em dizer isso, senhor, e não sou ingrato. Mas — Adam continuou, em um tom decidido —, não gostaria de fazer nenhuma oferta a Mr. Burge, ou que fizessem por mim. Não vejo um caminho certo *pra* uma parceria. Se ele quiser se desfazer do negócio, já ia ser outra história. Eu ia ficar feliz com algum dinheiro a juros justos, pois tenho certeza de que ia poder pagar.

— Muito bem, Adam — disse Arthur, lembrando-se do que Mr. Irwine dissera sobre um provável empecilho na corte entre Adam e Mary Burge —, não diremos mais nada sobre isso no momento. Quando seu pai será enterrado?

— No domingo, senhor. Mr. Irwine virá mais cedo por isso. Vou ficar feliz quando isso acabar, porque acho que minha mãe vai ficar mais tranquila. É de cortar o coração ver a dor dos velhos; eles não têm como lidar com isso, e a primavera não traz brotos novos *pra árvore seca*.

— Ah, você já teve uma boa dose de problemas e aborrecimentos em sua vida, Adam. Acho que nunca foi estouvado e despreocupado, como os outros jovens. Sempre foi prudente.

— Ora, sim, senhor; mas isso não é motivo *pra* alvoroço. Se a gente é homem e tem sentimentos de homem, acho que a gente deve ter problemas de homem. Não se pode ser como os pássaros, que voam do ninho assim que ganham asas, nunca reconhecem seus iguais e mudam de destino todo ano. Já tive o suficiente *pra* ser grato: sempre tive saúde, força e juízo *pra* ter prazer no trabalho; e acho uma grande coisa ter frequentado a escola noturna de Bartle Massey. Ele me ajudou a aprender coisas que nunca ia aprender sozinho.

— Que camarada raro você é, Adam! — exclamou Arthur depois de uma pausa em que olhou atentamente para o camarada grande andando ao seu lado. — Eu poderia lutar melhor do que a maioria dos homens em Oxford, e ainda acredito que me derrubaria em seguida se eu entrasse em um combate com você.

— Deus me livre de fazer isso, senhor! — disse Adam, olhando para

Arthur e sorrindo. — Costumava brigar por diversão, mas nunca mais fiz isso desde que fui a causa de o pobre Gil Tranter ter ficado de cama por duas semanas. Nunca mais vou brigar com um homem, só quando ele se comportar como um canalha. Se encontrar um sujeito que não tem nem vergonha e nem consciência que controle ele, se deve tentar o que for possível *pra* botar ele *pra* dormir.

Arthur não riu, pois estava preocupado com algum pensamento que o fez dizer em seguida: — Agora acho, Adam, que você nunca teve uma luta interna. Imagino que dominaria um desejo que decidiu que não era certo satisfazer, com a mesma facilidade com que derrubaria um bêbado que estivesse procurando briga com você. Quero dizer, você nunca vacilaria, primeiro decidindo que não faria algo e depois não o fazendo, afinal.

— Bem — disse Adam, lentamente, depois de um momento de hesitação —, não. Não me lembro de alguma vez ter sido frouxo dessa maneira, quando decidi, como diz, que algo era errado. As coisas perdem o sabor quando sei que ficaria com a consciência pesada depois. Vejo muito bem, desde que soube somar, como nunca se pode fazer o que é errado sem pecar e causar problemas mais do que se pode imaginar. É como um trabalho malfeito, a gente nunca prevê o tanto de prejuízo que vai dar no final. Ia ser muito ruim vir ao mundo *pra* piorar seus semelhantes em vez de melhorar. Mas tem uma diferença entre as coisas que o povo chama de erradas. Não considero um pecado qualquer trapaça boba, ou alguma besteira que alguém possa fazer, como alguns dissidentes. E um homem pode escolher se vale a pena levar umas pancadas por causa *dum* bocado de diversão. Mas não costumo ser frouxo com nada: acho que meu defeito *tá* em outro lugar. Quando digo uma coisa, mesmo se é apenas *pra* mim, é difícil voltar atrás.

— Sim, é exatamente o que eu esperava de você — disse Arthur. — Tem uma vontade de ferro, bem como um braço de ferro. Mas, por mais forte que seja a resolução de um homem, às vezes custa-lhe algo realizá-la. Podemos decidir não colher cerejas e manter as mãos firmes nos bolsos, mas não podemos evitar de ficar com água na boca.

— Isso é verdade, senhor, mas não tem nada como resolver com a

gente mesmo de que tem coisas que a gente vai ficar sem nesta vida. Não adianta enxergar a vida como se ela fosse a feira de Treddleston, aonde o povo só vai *pra* ver exposições e comprar lembrancinhas. Se a gente fizer isso, vai pensar diferente. Mas de que adianta eu falar disso com o senhor? Sabe mais do que eu.

— Não tenho tanta certeza disso, Adam. Você tem quatro ou cinco anos de experiência a mais do que eu, e acho que sua vida lhe foi uma escola melhor que a faculdade foi para mim.

— Ora, senhor, parece que pensa da faculdade o mesmo que Bartle Massey. Ele diz que a faculdade, na maioria das vezes, transforma as pessoas em bexigas – servem *pra* nada além de guardar o que se derrama nelas. Mas Bartle tem a língua que nem lâmina afiada, tem sim – nunca toca em nada, mas corta. Chegamos na curva, senhor. Desejo um bom dia, já que *tá* indo *pro* presbitério.

— Até logo, Adam, até logo.

Arthur entregou o cavalo ao cavaleiro no portão do presbitério e caminhou pelo cascalho em direção à porta que dava para o jardim. Sabia que o reitor sempre tomava café da manhã no escritório, e o escritório ficava à esquerda dessa porta, em frente à sala de jantar. Era uma pequena sala baixa, pertencente à parte antiga da casa – escura pelas capas sombrias dos livros que revestiam as paredes; no entanto, parecia muito alegre nessa manhã quando Arthur chegou à janela aberta. Pois o sol da manhã caía obliquamente sobre o grande globo de vidro com peixes dourados dentro, que ficava em um pilar de escaiola em frente à mesa individual pronta de café da manhã, e ao lado dessa mesa havia um grupo que tornaria qualquer sala cativante. Na poltrona de damasco carmesim estava sentado Mr. Irwine, com aquele frescor exultante que sempre tinha quando vinha da toalete matinal; sua mão branca, roliça e elegantemente formada tocava as costas marrons e encaracoladas de Juno; e perto da cauda de Juno, que abanava com um prazer calmo de matrona, os dois filhotes marrons rolavam um sobre o outro em um dueto extático de ruídos aflitos. Em uma almofada um pouco afastada estava Pug, com ar de donzela, que via essas liberdades como fraqueza animal, as quais fazia o mínimo possível para observar.^[93] Sobre a mesa, ao lado de Mr.

Irvine, estava o primeiro volume de Ésquilo,^[94] que Arthur bem conhecia de vista; e a cafeteira de prata, que Carroll trazia, exalava um vapor perfumado que completava as delícias de um café da manhã de um solteiro.

— Olá, Arthur, aí está um bom camarada! Chegou bem na hora — disse Mr. Irvine, enquanto Arthur fazia uma pausa e saltava o parapeito da janela baixa. — Carroll, vamos querer mais café e ovos, e não teria frango para comermos com esse presunto? Ora, é como nos velhos tempos, Arthur; você não veio mais tomar café comigo nesses últimos cinco anos.

— Está uma manhã tentadora para um passeio antes do café da manhã — disse Arthur —; e costumava gostar de tomar café da manhã contigo enquanto líamos. Meu avô é sempre um pouco mais frio no café da manhã do que em qualquer outra hora do dia. Acho que o banho matinal não combina com ele.

Arthur estava ansioso para não insinuar que veio com qualquer propósito especial. Mal se viu na presença de Mr. Irvine, e a confiança que antes achava bastante fácil ter, de repente parecia a coisa mais difícil do mundo, e no exato momento em que apertaram as mãos, viu seu propósito de uma maneira totalmente nova. Como poderia fazer Irvine entender sua situação, a menos que lhe contasse aquelas pequenas cenas na floresta; e como poderia contá-las sem parecer um tolo? E também sua fraqueza em voltar da casa de Gawaine e fazer o oposto do que pretendia! Irvine acharia então que ele era um camarada vacilante. No entanto, poderia ser revelado de forma não premeditada; a conversa poderia levar a isso.

— Gosto mais do horário do café da manhã do que de qualquer outro momento do dia — disse Mr. Irvine. — Nenhuma poeira se instalou na mente ainda, e ela apresenta um espelho límpido para a reflexão. Sempre tenho um livro favorito comigo no café da manhã, e gosto tanto das coisas que aprendo, que regularmente todas as manhãs me parece certo de que deveria voltar a ser um estudioso. Mas logo Dent traz à tona um pobre camarada que matou uma lebre, e quando eu termino de fazer o “julgamento”, como Carroll o chama, tenho vontade de dar um passeio ao redor do terreno, e no caminho de

volta, encontro-me com o mestre do albergue, que tem uma longa história de um mendigo para me contar; e assim o dia continua, e sempre sou o mesmo camarada preguiçoso antes da noite começar. Além disso, é necessário o estímulo da empatia, e nunca mais o tive desde que o pobre D'Oyley deixou Treddleston. Se você tivesse se apegado bem aos seus livros, seu malandro, eu teria uma perspectiva mais agradável diante de mim. Mas a erudição não está no sangue da sua família.

— Não, de fato. Seria bom que me lembrasse de um pouco de latim inaplicável para adornar meu discurso inaugural no Parlamento daqui a seis ou sete anos. “*Cras ingens iterabimus aequor*”,^[95] e alguns fragmentos desse tipo, talvez eu guarde, e providenciarei minhas opiniões para apresentá-los. Mas não acho que o conhecimento dos clássicos é uma necessidade premente para um cavalheiro do campo; até onde sei, seria muito melhor ter conhecimento a respeito de adubos. Tenho lido os livros do seu amigo Arthur Young^[96] ultimamente, e não há nada que gostaria mais do que colocar em prática algumas de suas ideias em instruir os agricultores em uma melhor gestão das terras; e, como ele diz, fazer de uma região selvagem, com o mesmo matiz escuro, radiante e variada com cereais e gado. Meu avô nunca me deixará ter qualquer poder enquanto estiver vivo, mas não há nada que eu gostaria mais do que empreender o lado Stonyshire da propriedade – está em condições deploráveis – e colocar melhorias em andamento, avançá-las e supervisioná-las. Gostaria de conhecer todos os trabalhadores e vê-los me cumprimentando com um olhar de benevolência.

— Bravo, Arthur! Um homem que não sente nada pelos clássicos não poderia se desculpar melhor por vir ao mundo, a não ser para aumentar a quantidade de comida que sustenta os estudiosos – e reitores que apreciam estudiosos. E seja quando for que começar sua carreira de senhorio modelo, que eu possa estar lá para ver. Você vai querer um reitor imponente para completar a cena, e tomar o dízimo de todo o respeito e honra que receber por seu trabalho árduo. Apenas não insista em demasia na benevolência que receberá em consequência. Não tenho certeza se os homens gostam muito daqueles

que lhes tentam ser úteis. Sabe que Gawaine recebeu as pragas de toda a vizinhança naquele recinto. Deve deixar bem claro na mente em que está mais predisposto, meu velho – popularidade ou utilidade – caso contrário, pode perder os dois.

— Oh! Gawaine é rude em suas maneiras, não se faz pessoalmente agradável a seus inquilinos. Não acredito que haja algo que não se possa convencer as pessoas a fazerem pedindo com gentileza. Quanto a mim, não poderia viver em uma vizinhança em que não fosse respeitado e querido. E é muito agradável estar aqui entre os inquilinos – todos parecem gostar de mim, penso que acham que foi apenas um dia desses que eu era um rapazinho montado em um pônei do tamanho de uma ovelha. E se lhes fossem concedidos subsídios justos e suas construções cuidadas, seria possível convencê-los a cultivar melhor, por mais estúpidos que fossem.

— Então se apaixone pela pessoa certa, e não arrume uma esposa que esvazie seus bolsos e o torne avarento contra a sua vontade. Minha mãe e eu, às vezes, temos uma pequena discussão sobre você: ela diz: “Nunca arriscarei uma única profecia sobre Arthur até ver a mulher por quem ele se apaixonará”. Ela acha que sua amada vai governá-lo como a lua governa as marés. Mas me sinto obrigado a defendê-lo, como meu pupilo, sabe, e afirmo que você não é dessa qualidade fraca. Assim, cuidado para não desonrar meu julgamento.

Arthur estremeceu com esse discurso, pois a opinião afiada da velha Mrs. Irwine a seu respeito teve o efeito desagradável de um presságio sinistro. Isso, com certeza, era apenas mais uma razão para perseverar em sua intenção e obter uma segurança adicional contra si mesmo. No entanto, neste ponto da conversa, tinha consciência da crescente falta de vontade de contar sua história sobre Hetty. Era de natureza impressionável e vivia muito das opiniões e sentimentos de outras pessoas a respeito de si mesmo; e o mero fato de que estava na presença de um amigo íntimo, que não tinha a menor noção de que tinha uma luta interna tão séria quanto a que viera confidenciar, abalou um tanto a própria crença na seriedade da luta. Não era, afinal de contas, uma coisa para gerar alvoroço, e o que Irwine poderia fazer por ele que não poderia fazer por si mesmo? Iria para Eagledale,

apesar da claudicação de Meg – montado em Rattler, e deixaria Pym o seguir o melhor que pudesse na velha égua. Esse era seu pensamento enquanto adoçava o café; mas no minuto seguinte, enquanto levava a xícara aos lábios, lembrou-se de como se decidira na noite anterior a contar a Irwine. Não! Não hesitaria novamente – desta vez *faria* o que pretendia fazer. Assim, não seria bom deixar o tom pessoal da conversa se perder completamente. Se fossem para tópicos bastante indiferentes, sua dificuldade aumentaria. Não exigiu nenhuma pausa perceptível para essa agitação e recobra de sentimento, antes de responder:

— Mas acho que dificilmente é um argumento contra a força geral do caráter de um homem que ele esteja apto a ser dominado pelo amor. Uma boa compleição não protege contra a varíola ou qualquer outra dessas doenças inevitáveis. Um homem pode ser muito firme em outros assuntos e ainda estar sob uma espécie de bruxaria de uma mulher.

— Sim; mas há uma grande diferença entre amor e varíola, ou feitiço também. No caso da varíola, se você detectar a doença em um estágio inicial e tentar mudar de ares, há todas as chances de completa cura sem qualquer desenvolvimento adicional de sintomas. E, no caso do amor, há certas doses alternativas que um homem pode administrar a si mesmo, mantendo consequências desagradáveis diante da mente: isso lhe dará uma espécie de cerca, através da qual se pode olhar para a bela resplandecente e discernir seu verdadeiro contorno. Embora receio que a cerca esteja apta a falhar no momento em que é mais requisitada. Suponho, agora, que mesmo um homem fortificado com o conhecimento dos clássicos pode ser atraído a um casamento imprudente, apesar do aviso dado pelo coro em Prometeu.

[97]

O sorriso que perpassava no rosto de Arthur era fraco, e, em vez de seguir a direção brincalhona de Mr. Irwine, ele disse, muito sério:

— Sim, isso é o pior de tudo. É desesperador e inquietante que, depois de todas as reflexões e determinações silenciosas, sejamos governados por humores que não se pode calcular de antemão. Não acho que um homem deveria ser tão culpado se for seduzido a fazer as coisas dessa maneira, apesar de suas resoluções.

— Ah, mas os humores estão em sua natureza, meu rapaz, tanto quanto as reflexões, e muito mais. Um homem nunca consegue fazer nada em desacordo com a própria natureza. Ele carrega dentro de si o germe de sua ação mais excepcional; e se nós, sábios, fizermos tolos eminentes de nós mesmos em qualquer ocasião específica, devemos suportar a conclusão legítima de que carregamos alguns grãos de loucura para nossa pitada de sabedoria.

— Bem, mas alguém pode ser seduzido a fazer coisas por uma combinação de circunstâncias, o que nunca faria de outra forma.

— Ora, sim, um homem não pode roubar uma nota a menos que ela esteja ao alcance oportuno; mas não nos fará pensar que é um homem honesto porque começou a bramir com a nota por cair em seu caminho.

— Mas realmente não acha que um homem que luta contra uma tentação, na qual ele finalmente caia, seja tão ruim quanto o homem que nunca lutou?

— Não, certamente; tenho pena dele na proporção de suas lutas, pois prenunciam o sofrimento interior que é a pior forma de Nêmesis. [98] As consequências são impiedosas. Nossos atos carregam suas terríveis consequências, muito além de quaisquer flutuações que ocorreram antes – consequências que dificilmente estão confinadas a nós mesmos. E é melhor fixar nossas mentes nessa certeza, em vez de considerar quais podem ser os elementos de desculpa a nós. Mas nunca o vi tão disposto a uma discussão moral, Arthur. É algum perigo próprio que está considerando dessa maneira filosófica e geral?

Ao fazer essa pergunta, Mr. Irwine afastou o prato, reencostou-se na poltrona e olhou diretamente para Arthur. Realmente suspeitava que Arthur lhe queria dizer algo, e pensou em suavizar o caminho com essa pergunta direta. Mas estava enganado. Trazido de repente e involuntariamente à beira da confissão, Arthur recuou e se sentiu menos disposto a isso do que nunca. A conversa tomara um tom mais sério do que pretendia – e ela confundiria Irwine, que imaginaria que havia uma profunda paixão por Hetty, enquanto não havia tal coisa. Arthur tinha consciência de que estava corando e se irritou com sua infantilidade.

— Oh, não, não há perigo — disse ele, o mais indiferente que pôde.
— Não sei se sou mais propenso à irresolução do que outras pessoas; apenas há pequenos incidentes de vez em quando que me fazem especular sobre o que pode acontecer no futuro.

Havia um motivo em ação sob essa estranha relutância de Arthur, que tinha uma espécie de influência de bastidores, não admitida a si mesmo? Nosso ofício mental é feito da mesma forma que o ofício do Estado: muito trabalho árduo é feito por agentes que não são reconhecidos. Em uma máquina, também, acredito que muitas vezes há uma rodinha imperceptível que tem muito a ver com o movimento das grandes e óbvias. Era possível que houvesse algum agente desconhecido ocupado em segredo na mente de Arthur nesse momento — talvez fosse o medo de que pudesse achar o fato de ter feito uma confissão ao reitor uma séria amolação, no caso de *não* ser capaz de realizar suas boas resoluções? Não ousou afirmar que não foi assim. A alma humana é uma coisa muito complexa.

A ideia de Hetty acabara de passar pela mente de Mr. Irwine enquanto olhava inquisitivamente para Arthur, mas sua resposta indiferente e contraditória confirmou o pensamento que logo se seguiu — de que não poderia haver nada sério naquela direção. Não havia nenhuma probabilidade de que Arthur a visse, exceto na igreja e na própria casa, sob os olhos de Mrs. Poyser; e a dica que ele dera a Arthur sobre ela no outro dia não tinha outro significado além de impedi-lo de notá-la, de modo a despertar a vaidade da pequena e, dessa forma, perturbar o drama rudimentar de sua vida. Arthur logo se juntaria ao regimento e estaria longe: não, não poderia haver perigo ali, mesmo que o caráter de Arthur não fosse uma forte garantia contra isso. Seu orgulho honesto e condescendente pela afeição e respeito de todos ao redor era uma proteção até mesmo contra romances tolos, ainda mais contra um tipo inferior de loucura. Se havia algo especial na mente de Arthur na conversa anterior, ficou claro que não estava disposto a entrar em detalhes, e Mr. Irwine era delicado demais para insinuar até mesmo uma curiosidade amigável. Percebeu que uma mudança de assunto seria bem-vinda e disse:

— A propósito, Arthur, na festa de aniversário do coronel tiveram

algumas transparências^[99] que causaram um grande efeito em homenagem à Britânia, Pitt e à milícia de Loamshire e, acima de tudo, à “juventude generosa”^[100], a heroína do dia. Não acha que deveria inventar algo assim para surpreender nossas mentes fracas?

A oportunidade se foi. Enquanto Arthur hesitava, a corda à qual poderia ter se agarrado estava à deriva – deveria confiar agora na própria habilidade de nadar.

Dez minutos depois, Mr. Irwine foi chamado a negócios, e Arthur, despedindo-se dele, montou novamente no cavalo com uma sensação de insatisfação, que tentou reprimir decidindo partir para Eagledale sem atraso.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

LIVRO II



Capítulo XVII

Quando a História faz uma Pausa

“Esse reitor de Broxton não é muito melhor do que um pagão!” Ouço um de meus leitores exclamar. “Quão mais edificante seria se o tivesse feito dar a Arthur alguns conselhos verdadeiramente espirituais! Poderia ter colocado na boca dele as coisas mais belas – tão boas quanto a leitura de um sermão”.

Certamente poderia, se eu considerasse a mais alta vocação do romancista representar as coisas como nunca foram e nunca serão. Então, é claro, poderia remodelar a vida e o caráter inteiramente de acordo com meu gosto; poderia selecionar o tipo mais irrepreensível de clérigo e colocar minhas próprias opiniões admiráveis em sua boca em todas as ocasiões. Mas acontece, ao contrário, que meu maior esforço é evitar qualquer imagem arbitrária e dar um relato fiel de homens e coisas como se refletiram em minha mente. O espelho é, sem dúvida, defeituoso, os contornos às vezes serão desalinhados, o reflexo fraco ou confuso; mas me sinto na obrigação de lhe dizer com a maior precisão possível o que é esse reflexo, como se estivesse no banco das testemunhas, narrando minha experiência sob juramento.

Sessenta anos atrás – é um longo tempo, assim não é de se admirar que as coisas tenham mudado – nem todos os clérigos eram zelosos; de fato, há razões para acreditar que o número de clérigos zelosos era pequeno, e é provável que, se um entre a pequena minoria tivesse possuído os benefícios eclesiásticos de Broxton e Hayslope no ano de 1799, não teria gostado dele assim como não gosta de Mr. Irwine. Aposto que teria o considerado um homem de mau gosto, indiscreto e metódico. É tão raro que os fatos atinjam esse meio-termo agradável exigido por nossas próprias opiniões esclarecidas e gosto refinado. Talvez diga: “Melhore um pouco os fatos, então; tornando-os mais de acordo com as visões corretas que temos o privilégio de possuir. O mundo não é apenas o que gostamos; retoque-o com um lápis de bom gosto e faça de conta que não é um assunto tão confuso e intrincado.

Faça com que todas as pessoas que têm opiniões irrepreensíveis ajam de forma irrepreensível. Deixe que seus personagens mais imperfeitos estejam sempre do lado errado, e os virtuosos, do lado certo. Então veremos num relance quem devemos condenar e quem devemos aprovar. Então seremos capazes de admirar, sem a menor perturbação de nossas predisposições: odiaremos e desprezaremos com aquele verdadeiro gosto ruminante próprio da confiança indubitável”.

Mas, minha boa amiga, o que fará então com o camarada paroquiano que se opõe ao seu marido na sacristia? Com seu vigário recém-nomeado, cujo estilo de pregação você acha penosamente inferior ao do lastimado predecessor? Com a fraqueza da serva honesta que preocupa sua alma? Com a vizinha, Mrs. Green, que lhe foi muito gentil quando esteve doente pela última vez, mas disse várias coisas maldosas a seu respeito desde sua convalescença? Mais ainda, com seu excelente marido, que tem outros hábitos irritantes além de não limpar os sapatos? Esses semelhantes mortais, todos eles, devem ser aceitos como são: não se pode endireitar seus narizes, nem iluminar sua inteligência, nem retificar seus temperamentos; e são essas pessoas – entre as quais sua vida é partilhada – que é necessário que tolere, tenha piedade e amor; são essas pessoas mais ou menos feias, estúpidas e inconsistentes, cujos atos de bondade você deve ser capaz de admirar, a quem se deve nutrir todas as esperanças possíveis, toda a paciência possível. E eu não seria, mesmo que tivesse escolha, o romancista inteligente que poderia criar um mundo muito melhor do que este, no qual nos levantamos de manhã para fazer nosso trabalho diário, em que você provavelmente voltaria um olhar mais severo e frio às ruas empoeiradas e aos campos verdes comuns – aos homens e mulheres que respiram de verdade, que podem se abater por sua indiferença ou se ferir por seu preconceito; que podem ser aplaudidos e ajudados por sua solidariedade, sua paciência, sua justiça franca e corajosa.

Assim, estou contente em contar a minha história simples, sem tentar fazer as coisas parecerem melhores do que eram; não temendo nada, de fato, além da mentira, que, apesar dos melhores esforços, há razão para temer. A falsidade é tão fácil, a verdade tão difícil. O lápis

tem consciência de uma facilidade deliciosa para desenhar um grifo – quanto mais longas as garras e maiores as asas, melhor; mas essa facilidade maravilhosa que confundimos com genialidade tende a nos abandonar quando queremos desenhar um leão real e sem exageros. Examine bem suas palavras, e descobrirá que, mesmo quando não tem motivo para falsidade, é muito difícil dizer a verdade exata, mesmo sobre seus próprios sentimentos imediatos – muito mais difícil do que dizer algo bom sobre eles que *não* seja a verdade exata.

É por essa rara e preciosa qualidade de veracidade que me deleito em muitas pinturas holandesas, que as pessoas altivas desprezam. Encontro nesses fiéis quadros uma fonte de deliciosa compreensão por uma existência monótona e caseira, que tem sido o destino de tantos mais entre os meus semelhantes mortais do que uma vida de pompa ou de indigência absoluta, de sofrimento trágico ou de ações que agitam o mundo. Dou as costas, sem hesitar, aos anjos carregados por nuvens, aos profetas, sibilas e guerreiros heroicos, para olhar uma idosa curvada sobre seu vaso de flores, ou comendo seu almoço solitário, enquanto a luz do meio-dia, suavizada talvez por uma cortina de folhas, cai em sua touca e apenas toca a borda de sua roca, e seu jarro de pedra, e todas aquelas coisas comuns e baratas que são as necessidades preciosas da vida dela. Ou olho para aquele casamento de aldeia, mantido entre quatro paredes marrons, onde um noivo desajeitado abre o baile com uma noiva de ombros e rosto largos, enquanto amigos idosos e de meia-idade observam, com narizes e lábios muito irregulares, e provavelmente com canecos de metal nas mãos, mas com uma expressão de contentamento e benevolência inconfundíveis. “Eca!”, diz meu amigo idealista, “que detalhes vulgares! De que adianta se esforçar tanto para dar uma descrição exata de velhas e grosseirões? Que aspecto inferior da vida! Que gente feia e desengonçada!”

Mas queira Deus que as coisas possam ser adoráveis sem que sejam completamente bonitas, espero. Não tenho certeza nenhuma de que a maioria da raça humana não tenha sido feia, e mesmo entre esses “senhores de sua espécie”, os britânicos, figuras atarracadas, narinas malformadas e de aspecto esquelético, não são exceções surpreendentes.

No entanto, há muito amor familiar entre nós. Tenho uns dois amigos cujas feições dificilmente seriam condizentes com os cachos de Apolo; no entanto, que eu saiba, corações ternos bateram por eles, e seus retratos – lisonjeiros, mas ainda não graciosos – são beijados em segredo por lábios maternos. Já vi muitas matronas excelentes, que nunca em seus melhores dias poderiam ter sido bonitas, e ainda assim tinham um pacote de cartas de amor amareladas em uma gaveta secreta, e crianças doces derramavam beijos em suas bochechas descoradas. E acredito que houve muitos jovens heróis, de estatura mediana e barbas insignificantes, que tiveram certeza de que nunca poderiam amar nada menos do que uma Diana,^[101] e ainda assim se viram na meia-idade felizes e estabelecidos com uma esposa que sacolejava ao andar. Sim! Graças a Deus; o sentimento humano é como os poderosos rios que abençoam a terra: não espera pela beleza, flui com força sem resistência e traz beleza com ele.

Toda honra e reverência à beleza divina da forma! Vamos cultivá-la ao máximo em homens, mulheres e crianças – em nossos jardins e em nossas casas. Mas amemos também aquela outra beleza, que não reside no segredo da proporção, mas no segredo da profunda empatia humana. Pinte-nos um anjo, se puder, com um manto violeta flutuante e um rosto empalidecido pela luz celestial; pinte-nos ainda com mais frequência uma Madona, virando o rosto suave para cima e abrindo os braços para acolher a glória divina; mas não nos imponha nenhuma regra estética que banirá do território da Arte aquelas velhas mulheres cortando cenouras com as mãos desgastadas pelo trabalho, aqueles grosseirões pesados passando a folga em uma bodega suja, aquelas costas arredondadas e rostos estúpidos abatidos pelo tempo que se curvaram sobre a pá e fizeram o trabalho árduo do mundo – aquelas casas com painéis de estanho, jarros marrons, vira-latas rústicos e réstias de cebolas. Neste mundo há tantas dessas pessoas vulgares e comuns, que não possuem nenhuma miséria sentimental pitoresca! É tão necessário que nos lembremos de suas existências, caso contrário, podemos deixá-las completamente fora de nossa religião e filosofia e estruturar teorias elevadas que só se encaixam em um mundo de extremos. Portanto, que a Arte sempre nos lembre delas; portanto,

tenhamos sempre homens prontos para dar as dores amorosas de uma vida à representação fiel das coisas comuns – homens que veem beleza nessas coisas comuns e se deleitam em mostrar quão gentilmente a luz do firmamento recai sobre elas. Há poucos profetas no mundo; poucas mulheres extraordinariamente bonitas e poucos heróis. Não posso me dar ao luxo de dar todo o meu amor e reverência a tais raridades: desejo muito desses sentimentos a meus semelhantes do dia a dia, especialmente aos poucos em primeiro plano na grande multidão, cujos rostos conheço, cujas mãos toco, pelos quais devo abrir caminho com amável cortesia. Nem lazarones pitorescos ou criminosos românticos são tão frequentes quanto o trabalhador comum, que obtém seu pão e o come com vulgaridade, porém com dignidade, cortando-o com o próprio canivete. É mais necessário que eu tenha uma fibra de empatia me ligando a esse cidadão vulgar que pesa meu açúcar vestindo um plastrão e um colete vilmente sortidos, do que com o mais belo malandro de lenço vermelho e plumas verdes; mais necessário que meu coração se encha de amorosa admiração por algum traço de gentil bondade nas pessoas imperfeitas que se sentam à mesma lareira comigo, ou no clérigo de minha paróquia, que talvez seja muito corpulento e em outros aspectos não seja um Oberlin ou um Tillotson,^[102] do que nos feitos de heróis que nunca conhecerei, exceto por boatos, ou no mais sublime resumo de todas as graças clericais já concebido por um romancista habilidoso.

E assim volto a Mr. Irwine, com quem desejo que esteja em perfeita caridade, longe de satisfazer suas exigências sobre o caráter clerical. Talvez pense que ele não era – como deveria ter sido – uma demonstração viva dos benefícios associados a uma igreja nacional? Mas não tenho certeza disso; pelo menos sei que as pessoas em Broxton e Hayslope teriam muita pena de se despedir de seu clérigo, e que a maioria dos rostos se iluminava com sua aproximação; e até que possa ser provado que o ódio é uma coisa melhor para a alma do que o amor, devo acreditar que a influência de Mr. Irwine na paróquia era mais saudável do que a do zeloso Mr. Ryde, que chegou lá vinte anos depois, quando Mr. Irwine já se reunira aos seus antepassados. É verdade, Mr. Ryde insistiu fortemente nas doutrinas da Reforma,

visitou muito o rebanho em suas casas, e foi severo ao repreender as aberrações da carne – pôs fim, de fato, às rodadas de cantores de Natal da igreja, por promover a embriaguez e um tratamento leviano das coisas sagradas. Mas concluí por Adam Bede, com quem conversei sobre esses assuntos em sua velhice, que poucos clérigos poderiam ser menos bem-sucedidos em conquistar os corações dos paroquianos do que Mr. Ryde. Eles aprenderam muitas noções sobre doutrina com ele, de modo que quase todo frequentador da igreja com menos de cinquenta anos começou a distinguir também entre o evangelho genuíno e o que não vinha exatamente de acordo com esse padrão, como se ele tivesse produzido e criado um dissidente; e por algum tempo depois de sua chegada parecia haver um movimento bastante religioso naquele tranquilo distrito rural.

— Mas — disse Adam —, percebo muito bem, desde que era jovem, que religião é outra coisa além de noções. Não é a noção que faz as pessoas fazerem a coisa certa – é o sentimento. É o mesmo com a noção de religião como é com a matemática – um homem pode ser capaz de resolver problemas de cabeça enquanto se senta do lado do fogo e fuma seu cachimbo, mas se tem que fazer uma máquina ou uma construção, deve ter vontade e resolução e amar algo mais do que o sossego. De algum modo, a congregação começou a diminuir, e as pessoas começaram a falar mal de Mr. Ryde. Acredito que no fundo ele queria fazer o certo; mas, veja, era de temperamento azedo e pechinchava valores com o pessoal que trabalhava *pra* ele; sua pregação não caía bem com esse tempero. Ele queria ser como um senhor juiz na paróquia, punindo o povo que fazia coisa errada; repreendia do púlpito como se fosse um reclamão, e ainda não tolerava os dissidentes, era muito mais contra eles do que Mr. Irwine. Então, não se manteve dentro da sua renda, pois parecia achar no início que seiscentos por ano o iam tornar um homem tão importante quanto Mr. Donnithorne. Esse aí é um triste engano que já vi acontecer com os pobres párocos auxiliares que saltam de repente *pra* uma vida melhor. Mr. Ryde era bem esclarecido, acho, e escreveu livros; mas sobre matemática e a natureza das coisas era muito ignorante. Conhecia muito bem as doutrinas e costumava chamá-las

de baluartes da Reforma; mas sempre desconfiei desse tipo de aprendizado, pois deixa o povo confuso e irracional sobre as coisas. Agora mestre Irwine era tão diferente quanto possível, tão ligeiro; entendia o que a gente queria dizer num minuto, sabia tudo sobre construção e podia perceber quando a gente tinha feito um bom trabalho. Agia como um cavalheiro tanto com os agricultores, as idosas e os trabalhadores, como com a nobreza. Nunca o via se interferindo, repreendendo e tentando bancar o imperador. Ah, era um bom homem como jamais se viu e tão gentil com a mãe e as irmãs. Aquela pobre e doente Miss Anne – parecia pensar mais nela do que em qualquer outra pessoa no mundo. Não tinha uma alma na paróquia que tivesse uma palavra a dizer contra ele; e seus criados ficaram lá até estarem tão velhos e ociosos, que ele teve que contratar outras pessoas *pra* fazer o trabalho deles.

— Bem — eu disse —, essa foi uma excelente maneira de pregar nos dias úteis; mas suponho, se seu velho amigo Mr. Irwine viesse à vida novamente e subisse no púlpito no próximo domingo, você ficaria bastante envergonhado por ele não ter pregado melhor depois de todos os seus elogios.

— Não, não — disse Adam, abrindo o peito e se recostando na cadeira, como se estivesse pronto a se opor a todas as inferências —, ninguém nunca me ouviu dizer que Mr. Irwine era um grande pregador. Ele não entrou em profunda experiência espiritual, embora eu saiba que a vida interior de um homem não pode ser medida com um esquadro, mesmo assim ele não era um homem espiritual. Mas ele não dizia: “faça isso” ou “faça aquilo” como o outro. Tem coisas que acontecem na alma, e tem momentos que os sentimentos entram em você como um vento veemente e impetuoso como diz a Escritura,^[103] e quase dividem sua vida em duas, então a gente olha *pra* trás como se fosse outra pessoa. Essas são coisas que não se pode resumir em “faça isso” ou “faça aquilo”; e digo isso ao metodista mais convicto que já se viu. Isso me mostra que tem coisas espirituais profundas na religião. Não se consegue entender muito falando, mas se sente. Mr. Irwine não entrou nessas questões – pregava sermões morais curtos, e só. Mas então agia de acordo com o que dizia; não fingia ser tão diferente do

povo um dia, e depois ser exatamente como ele no outro. E fez com que o povo o amasse e o respeitasse, e isso era melhor do que atíçar a amargura por exigir demais. Mrs. Poyser costumava dizer – sabe que ela tinha opinião sobre tudo –, que Mr. Irwine era que nem uma boa refeição, que se come sem perceber, e Mr. Ryde era como uma dose de remédio, te oprimia e atazanava, e no final te deixava do mesmo jeito.

— Mas Mr. Ryde não pregou muito mais sobre essa parte espiritual da religião de que fala, Adam? Não poderia tirar mais proveito de seus sermões do que dos de Mr. Irwine?

— Hum, não sei. Ele pregava bastante sobre doutrinas. Mas percebo muito bem, desde que era jovem, que religião é outra coisa além de doutrinas e noções. Considero as doutrinas como algo parecido com encontrar nomes *pros* sentimentos, assim se pode falar deles sem ter conhecido eles, igual um homem pode falar de ferramentas quando sabe os nomes, apesar de nunca ter visto, muito menos as manuseado. Já ouvi muita doutrina na minha época, pois costumava ir atrás dos pregadores dissidentes com Seth, quando eu era um rapaz de dezessete anos, e comecei a ficar bastante curioso sobre os arminianos e os calvinistas. Os wesleyanos, sabe, concordavam com os arminianos; e Seth, que nunca suportava nada severo e sempre esperava o melhor, apegou-se aos wesleyanos desde o início; mas pensei que poderia encontrar uns furos em suas teorias e comecei a discutir com um dos líderes da casta em Treddleston, e o atormentei tanto, primeiro isso depois aquilo, até que por último ele disse: “Jovem, é o diabo usando seu orgulho e presunção como uma arma *pra* guerrear contra a simplicidade da verdade”. Não pude deixar de dar risada, mas quando fui *pra* casa, pensei que o homem não estava muito errado. Comecei a ver como toda essa imprecisão de que esse texto significa isso e aquilo outro, e se todo o povo é salvo pela graça de Deus, ou se tem uma pitada de sua própria vontade *pra* que isso aconteça, não fazia parte da verdadeira religião de jeito nenhum. Dá *pra* falar sobre essas coisas por horas a fio, e só se vai ficar ainda mais convencido e vaidoso. Assim, passei a não ir a lugar nenhum e não ouvir ninguém além de Mr. Irwine, pois ele não dizia nada além do que era bom e do que seria mais sábio se lembrar. E achei melhor

pra minha alma ser humilde diante dos mistérios dos procedimentos de Deus, e não criar caso sobre o que nunca iria entender. E afinal de contas são perguntas insignificantes e bobas, pois o que tem dentro ou fora da gente senão o que vem de Deus? Se a gente tem determinação *pra* fazer o certo, Ele que deu, eu acho, antes ou depois; mas vejo claramente que a gente nunca faria sem determinação, e isso é o suficiente *pra* mim.

Adam, percebe-se, era um admirador caloroso, talvez um juiz parcial, de Mr. Irwine, como, felizmente, alguns de nós ainda somos das pessoas que conhecemos com familiaridade. Sem dúvida será desprezada como uma fraqueza por aquela ordem elevada de mentes que anseia pelo ideal e são oprimidas por uma sensação geral de que suas emoções são de caráter requintado demais para encontrar objetos adequados entre seus semelhantes do dia a dia. Muitas vezes tenho sido favorecido com a confiança dessas naturezas seletas, e acho que elas concordam na experiência de que grandes homens são superestimados e homens pequenos são insuportáveis; que se você amar uma mulher sem nunca rememorar seu amor como uma loucura, ela pode morrer enquanto a corteja; e se mantiver a menor crença no heroísmo humano, nunca poderá fazer uma peregrinação para ver o herói. Confesso que muitas vezes me esquivei de confessar a esses cavalheiros polidos e perspicazes como minha própria experiência tem sido. Receio ter sorrido muitas vezes com aprovação hipócrita e os gratificado com uma epigrama sobre a natureza fugaz de nossas ilusões, que qualquer um com moderada familiaridade com a literatura francesa pode dominar a qualquer momento. A conversa humana, acho que algum homem sábio observou, não é rigorosamente sincera. Mas eu, com isso, descarrego minha consciência e declaro que tive movimentos bastante entusiasmados de admiração em relação aos velhos cavalheiros que falavam o pior inglês, que ocasionalmente tinham o temperamento irritadiço e que nunca haviam se movido em uma esfera de influência mais alta do que a do supervisor da paróquia; e que a maneira pela qual cheguei à conclusão de que a natureza humana é adorável – a maneira pela qual aprendi algo de sua profunda piedade, seus sublimes mistérios – foi vivendo muito entre as

peessoas mais ou menos comuns e vulgares, das quais talvez se não ouviria nada muito surpreendente se perguntasse a respeito delas nas vizinhanças onde moravam. Aposto que a maioria dos pequenos lojistas nas proximidades não viu nada nelas. Pois observei essa notável coincidência, que as naturezas seletas que anseiam com o ideal e não encontram nada em calças ou anáguas grandioso o suficiente para comandar sua reverência e amor, estão curiosamente em unísono com as mais estreitas e mesquinhas. Por exemplo, muitas vezes ouvi Mr. Gedge, o senhorio de Royal Oak, que costumava lançar um olhar injetado aos vizinhos na aldeia de Shepperton, resumir sua opinião sobre as pessoas na paróquia – e eram todas as pessoas que conhecia – nestas palavras enfáticas: “Sim, senhor, já disse isso muitas vez, e vou *dizê* de novo, são dum tipo medíocre nesta paróquia – um tipo medíocre, senhor, os *grande* e os *pequeno*”. Acho que ele tinha uma vaga ideia de que, se pudesse migrar para uma paróquia distante, talvez encontrasse vizinhos dignos dele; e, de fato, transferiu-se posteriormente para Saracen’s Head, que tinha um próspero negócio na rua de trás de uma cidade mercantil vizinha. Mas, curiosamente, considerou as pessoas daquela rua de trás exatamente da mesma espécie que os habitantes de Shepperton – “um tipo medíocre, senhor, os *grande* e os *pequeno*, e aqueles que *toma* uma dose de gim não são *melhor* dos que *toma* bebida barata, um tipo medíocre”.

Capítulo XVIII

A Igreja

— Hetty, Hetty, *num* sabe que o sermão começa às duas e já é uma e meia? *Num* tem nada melhor *pra pensá* neste bendito domingo que o pobre velho Thias Bede vai ser enterrado, já que se afogou de noite, e isso é o bastante *pra arrepiá* a espinha, mas *tá* se enfeitando como se fosse *prum* casamento em vez *dum* funeral?

— Bem, tia — disse Hetty —, não posso ficar pronta antes de todo mundo, quando tenho Totty *pra* vestir. E nunca tive tanto trabalho *pra* fazer com que ficasse quieta.

Hetty descia as escadas, e Mrs. Poyser, de gorro e xale simples, estava parada abaixo. Se alguma vez uma garota já pareceu ter sido feita de rosas, essa garota seria Hetty em seu chapéu e vestido de domingo. Pois o chapéu era enfeitado com aplique cor-de-rosa, e o vestido tinha bolinhas cor-de-rosa salpicadas sobre um fundo branco. Não havia nada nela além de cor-de-rosa e branco, exceto nos cabelos e olhos escuros e nos sapatinhos de fivela. Mrs. Poyser estava irritada consigo mesma, pois mal conseguia evitar sorrir, como qualquer mortal estaria disposto a fazer ao ver coisas arredondadas e bonitas. Então ela se virou sem falar e se juntou ao grupo do lado de fora da porta da casa, seguida por Hetty, cujo coração palpitava tanto ao pensar em alguém que esperava ver na igreja, que mal sentia o chão em que pisava.

E agora a pequena procissão começou. Mr. Poyser estava em seu terno dominical de lã, com um colete vermelho e verde e uma fita verde de relógio com um grande selo cornelianiano preso, pendente como um fio de prumo do promontório onde o bolso de relógio estava situado; um lenço de seda de um tom amarelo ao redor do pescoço; e excelentes meias cinzentas com nervuras, tricotadas pelas mãos de Mrs. Poyser, realçando as proporções das pernas. Mr. Poyser não tinha razão para se envergonhar das pernas e suspeitava que o crescente uso exagerado de botas de cano alto e outras modas, que tendiam a

disfarçar os membros inferiores, tinha sua origem em uma degeneração lamentável da panturrilha. Menos ainda tinha motivos para se envergonhar do rosto redondo e alegre, que era o próprio bom humor quando disse:

— Vamos, Hetty, vamos pequeninos! — e dando o braço à esposa, abriu caminho pelo portão da calçada até o pátio.

Os “pequeninos” referidos eram Marty e Tommy, meninos de nove e sete anos, em casaquinhos de cauda em fustão e calças de montaria, realçados por bochechas rosadas e olhos pretos, parecendo tanto com o pai quanto um elefantinho se parece com um grande. Hetty caminhava entre eles, e atrás vinha a paciente Molly, cuja tarefa era carregar Totty pelo pátio e por todos os lugares molhados da estrada; pois Totty, tendo se recuperado rápido de uma febre, insistira em ir à igreja, e especialmente em usar seu colar vermelho e preto por fora da palatina. E havia muitos lugares molhados por onde seria carregada nessa tarde, pois ocorreram chuvas fortes pela manhã, embora as nuvens tivessem se dissipado e se estendessem em altos montes prateados no horizonte.

Deveria saber que era domingo se tivesse acordado no pátio. Os galos e galinhas pareciam saber, e faziam apenas murmúrios brandos, o próprio buldogue aparentava menos selvagem, como se fosse ficar satisfeito com uma mordida menor do que de costume. A luz do sol parecia chamar todas as coisas ao descanso e não ao trabalho. Ela mesma adormecia no musgoso estábulo das vacas; no bando de patos brancos aninhados com os bicos enfiados sob as asas; na velha porca preta esticada languidamente na palha, enquanto seu filhote maior descobrira uma excelente cama nas costelas gordas da mãe; em Alick, o pastor, em nova veste de trabalho, fazendo uma sesta desconfortável, meio sentado, meio de pé nos degraus do celeiro. Alick era de opinião que a igreja, como outros luxos, não deveria ser permitida em demasia a um capataz que tinha o clima e as ovelhas em mente. “Igreja! Não – tenho mais com que me *preocupá*”, era uma resposta que frequentemente proferia em um tom amargo que silenciava mais perguntas. Tenho certeza de que Alick não queria ser insolente; de fato, sei que sua mente não era do tipo especulativa e

negativa, e não deixaria de ir à igreja no Natal, no domingo de Páscoa e na época de Pentecostes. Mas ele tinha uma impressão geral de que o culto público e as cerimônias religiosas, como outras ocupações não produtivas, eram destinadas a pessoas que tinham tempo livre.

— Ali *tá* o pai no portão do pátio — disse Martin Poyser. — Acho que quer ver a gente *descê* o campo. É incrível a visão dele, e já *tá* com setenta e cinco *ano*.

— Ah, sempre achei que os *velho* são que nem os *bebê* — disse Mrs. Poyser —, fica *feliz* de *olhá num* interessa *pra* onde. Acho que é o jeito de Deus Todo-Poderoso *acalmá eles* antes de *dormí*.

O velho Martin abriu o portão quando viu a procissão familiar se aproximando e o manteve bem aberto, apoiado na bengala – satisfeito em fazer esse trabalho; pois, como todos os velhos que passaram a vida trabalhando, gostava de sentir que ainda era útil – que teria uma colheita melhor de cebolas no jardim porque estava presente no plantio – e que as vacas seriam mais bem ordenhadas se ficasse em casa em uma tarde de domingo para observar. Sempre ia à igreja nos domingos de sacramento, mas não com muita regularidade em outras ocasiões; nos domingos chuvosos, ou sempre que tinha uma pontada de reumatismo, costumava ler, em vez disso, os três primeiros capítulos de Gênesis.

— Já vão ter enterrado Thias Bede antes que chegue no cemitério — disse ele, enquanto o filho se aproximava. — Era melhor que tivessem enterrado ele de manhã quando *tava* chovendo; *num* tem cara que vai *chovê* uma gota agora, e a lua *tá* parecendo uma canoa, *tá* vendo? É um sinal certo de tempo claro – teve muitos *sinal* falso, mas esse é certo.

— Sim, sim — disse o filho —, e espero que fique assim.

— Presta atenção no que o pastor diz, presta atenção no que o pastor diz, meus *menino* — disse o avô aos juvenzinhos de olhos pretos em calças de montaria, cientes de um par de bolas de gude nos bolsos que ansiavam por jogar um pouco, secretamente, durante o sermão.

— *Té* logo, vovô — disse Totty —, indo na *iglecha*. *Tô* de *colazinho*. Me dá balinha.

Vovô, sacudindo de rir com essa “mocinha astuta”, transferiu

devagar a bengala para a mão esquerda, que mantinha o portão aberto, e enfiou devagar o dedo no bolso do colete no qual Totty fixara os olhos com uma expressão confiante de expectativa.

E quando todos se foram, o idoso se inclinou no portão novamente, observando-os do outro lado da alameda ao longo da horta e através do portão distante, até que desapareceram atrás de uma curva na sebe. Pois as sebes naqueles dias ocultavam a visão, mesmo nas fazendas mais bem administradas; e nessa tarde, as rosas-caninas lançavam suas grinaldas cor-de-rosa, as ervas-mouras estavam em sua glória amarela e roxa, as madressilvas-pálidas cresciam fora de alcance, espreitando do alto de um arbusto de azevinho e, acima de tudo, um freixo ou sicômoro de vez em quando jogava sua sombra pelo caminho.

Havia conhecidos em outros portões que tinham que se afastar e os deixar passar: no portão da horta havia metade do rebanho de vacas em pé uma atrás da outra, extremamente lentas para entender que seus grandes corpos poderiam estar no caminho; no portão mais distante havia a égua mantendo a cabeça sobre as barras, e ao lado dela o potro de cor-de-fígado^[104] com a cabeça voltada para o flanco da mãe, aparentemente ainda muito envergonhado por sua existência escarranchada. O caminho ficava inteiramente através dos próprios campos de Mr. Poyser até chegar à estrada principal que levava à aldeia, e ele voltou um olhar atento para o gado e as colheitas à medida que avançavam, enquanto Mrs. Poyser estava pronta para fornecer comentários constantes sobre todos eles. Uma mulher que administrava uma leiteria tinha grande participação na renda da família, portanto, Mrs. Poyser se sentia pronta para dar sua opinião sobre o gado e sua “manutenção” – um exercício que fortalecia tanto sua compreensão, que se sentiu capaz de dar conselhos ao marido sobre a maioria dos outros assuntos.

— Ali tá Sally, a *Shorthorn* — disse ela, quando entraram no pasto e avistou a besta mansa que ruminava e olhava para ela com um aspecto sonolento. — Tô começando a odiá olhá pra essa vaca; e digo agora o que disse três *semana* atrás, quanto mais cedo a gente se livrá dela, melhor, já que tem aquela vaquinha amarela que *num* dá metade do leite, e ainda assim consigo o dobro de manteiga.

— Ora, *cê num* é que nem as outras *mulher* — disse Mr. Poyser —, elas *gosta* das *Shorthorns*, pois dão muito leite. A mulher de Chowne *num* quer que ele compre outro tipo.

— Que importa o que a mulher de Chowne *gosta*! Uma pobre coitada que *num* tem mais cérebro que um pardal. Usa um escorredor grande demais *pra coá* a banha e se pergunta por que perde os *torresmo*. Já vi o bastante *pra sabê* que *num* devo *aceitá* um criado que passou pela casa dela — uma bagunça — nunca se sabe que dia da semana é; quando *cê* entra na casa, a roupa sem *lavá* a semana toda; e quanto ao queijo dela, sei que deixou *passá* do ponto no ano passado. E ela bota a culpa no tempo, como se a gente virasse de cabeça *pra* baixo e botasse a culpa nas *bota*.

— Bem, Chowne *tava* querendo *comprá* Sally, então a gente podia se *livrá* dela, se *quisé* — disse Mr. Poyser, secretamente orgulhoso da superioridade da esposa no assunto; de fato, nos últimos dias de mercado, gabara-se mais de uma vez de seu discernimento nessa questão de *Shorthorns*.

— Sim, aquele que escolhe *uma* miolo mole como esposa pode muito bem *comprá* as *Shorthorn*, a cabeça atola *num* pântano e as *perna* vai atrás. Hum! Falando em perna, olhe só — continuou Mrs. Poyser, enquanto Totty, que fora colocada no chão agora que a estrada estava seca, brincava na frente dos pais. — Bem formadinha! E tem os *pé* tão grande, é filha do pai mesmo.

— Sim, ela vai *tá* que nem Hetty daqui uns dez *ano*, só que com olho colorido que nem o seu. *Num* lembro de alguém de olho azul na minha família; minha mãe tinha olho preto que nem ameixa, igualzinho os de Hetty.

— A criança *num* vai ser pior por ter algo que *num* é igual a Hetty. E nem quero que tenha beleza demais. E por *falá* nisso tem gente com cabelo claro e olho azul tão bonita quanto gente de cabelo e olho preto. Se Dinah tivesse um pouco de cor nas *bochecha*, e *num* usasse aquela touca metodista na cabeça, que assusta até as *vaca*, o pessoal ia *achá* ela tão bonita quanto Hetty.

— Não — disse Mr. Poyser, com uma ênfase bastante desdenhosa —, *num* sabe o que chama atenção da gente nas *mulher*. Os *homem*

nunca ia *corrê* atrás de Dinah como ia *corrê* atrás de Hetty.

— Que me importa de quem os *homem* corre atrás? Dá *pra* ver bem como a maioria sabe *escolhê*, pelas *pobre* desleixada que a gente vê por aí, que nem uma fita de seda que *num* serve *pra* nada quando desbota.

— Ora, ora, *num* pode *dizê* que eu *num* soube *escolhê* quando *casei* com você — disse Mr. Poyser, que geralmente resolvia pequenas disputas conjugais com um elogio desse tipo — e *cê* era duas vez mais robusta do que Dinah dez *ano* atrás.

— Nunca disse que uma mulher precisa ser feia *pra* ser uma boa dona de casa. A mulher de Chowne mesmo é feia o bastante *pra coalhá* o leite, *num* serve mais *pra* nada. Mas Dinah, pobrezinha, nunca vai ser robusta enquanto *comê* só bolo e água *pra doá* o resto. Ela me provoca além da conta *às vez*, e como eu disse, ela vai contra as *Escritura*, pois lá diz *pra*: “*amá* o próximo como a si mesmo^[105]”, mas eu disse “se *amá* o próximo que nem ama a si mesma, Dinah, vai *fazê* pouco por ele. Pois vai *achá* que ele pode se *virá* com o estomago quase vazio”. Hum, imagino onde ela *tá* neste abençoado domingo! Sentada do lado da doente, supponho, já que decidiu *saí* de repente.

— Ah, é uma pena ela ter botado esses *absurdo* na cabeça, quando podia ter ficado com a gente o verão todo, e comido o dobro que comeu que *num* ia *fazê* falta. *Num* atrapalhava em nada, pois sentava quieta costurando que nem um passarinho no ninho, e era ligeira *pra ajudá* em qualquer coisa. Se Hetty *casá*, *cê* ia *gostá* de ter Dinah aqui.

— *Num* adianta *pensá* nisso — disse Mrs. Poyser —, dá no mesmo que *falá* com a parede, *pedí pra* Dinah *vivê* aqui confortável, como todo mundo faz. Se alguém pudesse *fazê* ela *mudá* de ideia, ia ser *eu*, pois conversei por horas a fio e *repreendi ela* também; já que é filha da minha irmã, e cabe a mim *fazê* o que posso por ela. Mas, coitadinha, assim que ela se despediu, entrou na charrete e olhou *pra* mim com o rosto pálido, foi como se sua tia Judith voltasse do paraíso, comecei a ter medo de *pensá* nas *bronca* que dei; pois *às vez* parece que ela sabe mais o que é certo que os *outro*. Mas *num* acho que é porque é metodista, acho que uma coisa *num* tem a ver com a outra.

— Não — disse Mr. Poyser, com uma abordagem tão ríspida quanto sua boa índole permitia —, *num* tenho uma opinião sobre os *metodista*.

É só os *comerciante* que vira metodista; cê nunca vai ver um agricultor com essas *minhoca* na cabeça. Talvez tenha um trabalhador aqui ou ali, que *num* trabalhe bem e comece a *pregá* e tal, tipo Seth Bede. Mas veja Adam, que é um dos mais *esperto* da redondeza, sabe o que é certo e é um bom membro da Igreja, senão eu nunca ia *encorajá* que cortejasse a Hetty.

— Ora, por Deus! — exclamou Mrs. Poyser, que olhou para trás enquanto o marido falava —, olhe onde Molly *tá* com os *menino*! *Tá* muito atrás da gente. Como é que *deixou* eles *fazê* isso, Hetty? A gente podia muito bem *botá* um retrato *pra* *vigiá* as *criança* no seu lugar. Corre até lá e diga *pra* eles *vir*.

Mr. e Mrs. Poyser estavam agora no final do segundo campo, então colocaram Totty no topo de uma das grandes pedras que formavam um legítimo saltador de Loamshire e esperaram os retardatários; Totty observava com complacência:

— Eles *mau*, meninos *mau* – eu *boinha*.

O fato é que esse passeio de domingo pelos campos era repleto de grande emoção para Marty e Tommy, que viam contínuos acontecimentos nas sebes e não podiam deixar de parar e espiar, como se fossem um par de *spaniels* ou *terriers*. Marty tinha certeza de ter visto uma escrevedeira-amarela nos galhos do grande freixo e, enquanto espiava, perdeu de vista um arminho de peito branco, que atravessara o caminho e foi descrito com muito entusiasmo pelo jovem Tommy. Em seguida, havia um pequeno verdilhão esvoaçando agitado pelo chão, e parecia bem possível pegá-lo, até que conseguiu esvoaçar sob o arbusto de amoras. Hetty não conseguia prestar atenção a essas coisas, então Molly foi convocada por sua pronta empatia, e espiava com a boca aberta para onde quer que a mandassem, e dizia “Céus!” quando esperavam que ela se espantasse.

Molly se apressou com algum sobressalto quando Hetty voltou e disse a eles que sua tia estava zangada; mas Marty correu primeiro, gritando:

— A gente encontrou um ninho de peru, mãe! — com a confiança instintiva de que as pessoas que trazem boas notícias nunca estão fazendo algo errado.

— Ah — disse Mrs. Poyser, realmente esquecendo toda a disciplina com essa agradável surpresa —, bom rapazinho; ora, onde *tá*?

— No fundo dum buraco, debaixo da sebe. Vi a perua primeiro, procurando o verdilhão, e aí ela *sentou* no ninho.

— *Num* assustou ela, né? — disse a mãe —, senão ela vai embora.

— Não, me afastei quietinho e sussurrei *pra* Molly. *Num* foi, Molly?

— Bem, bem, agora vamos — disse Mrs. Poyser —, e ande na frente do pai e da mãe, e pegue sua irmãzinha pela mão. A gente tem que *seguí* em frente agora. Menino comportado *num* procura pássaro no domingo.

— Mas, mãe — disse Marty —, tinha dito antes que ia dar uma moeda *pra* gente *encontrá* o ninho de peru. Posso *colocá* a moeda no cofrinho?

— Vamos ver, rapazinho, se *andá* agora, como um bom menino.

O pai e a mãe trocaram um olhar expressivo de diversão com a perspicácia do filho mais velho; mas o rosto redondo de Tommy se entristeceu.

— Mãe — disse ele, quase chorando —, Marty tem muito mais dinheiro no cofrinho do que eu.

— Mamãe, *eu queio* uma moeda no *meu cófinho* — disse Totty.

— Xiu! Xiu! Xiu! — disse Mrs. Poyser — Nunca vi um bando de criança mais travessa! Ninguém mais vai ver cofrinho nenhum se *num andá* logo *pra* igreja.

Essa ameaça terrível surtiu o efeito desejado e, pelos dois campos restantes, os três pares de perninhas seguiram trotando sem nenhuma interrupção séria, apesar de uma pequena lagoa cheia de alevinos de bagre, que os meninos olharam melancolicamente.

O feno úmido que deveria ser espalhado e remexido novamente no dia seguinte não era uma visão animadora para Mr. Poyser, que durante a colheita do feno e cereais muitas vezes travava algumas lutas mentais quanto aos benefícios de um dia de descanso; mas nenhuma tentação o teria induzido a realizar qualquer trabalho de campo em um domingo, ainda que de manhã cedo; pois Michael Holdsworth não teve um par de bois que “morreram de calor” enquanto arava numa Sexta-feira Santa? Essa foi uma demonstração

de que trabalhar em dias sagrados era uma coisa perversa; e com qualquer tipo de perversidade Martin Poyser estava certo de que não queria nenhuma relação, visto que o dinheiro obtido por esses meios nunca prosperaria.

— Os *dedo* quase chega a *coçá* de *passá* no feno agora com o sol brilhando assim —, observou ele, enquanto passavam pelo “Grande Prado”. — Mas é bobagem *pensá* em *lucrá* indo contra a consciência. Tinha aquele Jim Wakefield, que chamavam de “cavalheiro Wakefield”, costumava *trabalhá* no domingo que nem nos *dia* de semana, e *num* ligava *pro* certo ou errado, como se *num* existisse nem Deus nem diabo. E o que aconteceu com ele? Ora, eu mesmo *vi ele* no último dia de mercado mendigando.

— Ah, com certeza — disse Mrs. Poyser, enfaticamente —, quem semeia vento colhe tempestade. O dinheiro que se ganha assim é que nem *fazê* buraco nos *bolso*. Prefiro *num deixá* nem um trocado *pros menino* se *num tivé* sido ganho do jeito certo. E quanto ao tempo, tem Aquele lá em cima que cuida, e a gente tem que *confiá*: Deus dá o frio conforme o cobertor.

Apesar da interrupção da caminhada, o excelente hábito que o relógio de Mrs. Poyser tinha de estar adiantado garantira sua chegada à aldeia enquanto ainda era quinze para as duas horas, embora quase todos os que pretendiam ir à igreja já estivessem dentro dos portões do adro. Aqueles que ficaram em casa eram principalmente mães, como a Bess de Timothy, que estava à sua porta amamentando o bebê e se sentindo como as mulheres se sentem nessa posição – que nada mais se pode esperar delas.

Não era inteiramente para ver o funeral de Thias Bede que as pessoas aguardavam no adro por tanto tempo antes do culto começar; essa era a prática comum. As mulheres, de fato, em geral, entravam na igreja de uma vez, e as esposas dos agricultores falavam em tom baixo umas com as outras por sobre os bancos altos da igreja acerca de doenças e do total fracasso dos remédios do médico, recomendando chá de dente-de-leão e outras receitas caseiras, mais preferíveis – sobres os criados e a crescente exorbitância quanto aos salários, enquanto a qualidade dos serviços piorava ano após ano, e como hoje

em dia não havia nenhuma moça de confiança que se pudesse tirar os olhos de cima – sobre o preço ruim que Mr. Dingall, o merceeiro de Treddleston, estava pagando pela manteiga, e as dúvidas razoáveis que poderiam ser levantadas quanto à sua credibilidade, não obstante Mrs. Dingall fosse uma mulher sensata, e todos lamentarem por *ela*, pois tinha parentes muito bons. Enquanto isso, os homens permaneciam do lado de fora, e quase nenhum deles, exceto os cantores, que tinham um ensaio a fazer, entrava na igreja até que Mr. Irwine estivesse no púlpito. Não viam nenhum motivo para essa entrada prematura – o que poderiam fazer dentro da igreja antes do culto começar? – e não imaginavam que qualquer poder no universo acharia ruim se ficassem de fora e conversassem um pouco sobre “negócios”.

Chad Cranage parecia uma nova pessoa naquele dia, pois estava com seu rosto limpo de domingo, o que sempre fazia a neta chorar achando se tratar de um estranho. Mas um olho experiente o teria determinado de primeira como o ferreiro da aldeia, depois de ver a humilde deferência com a qual o grandalhão atrevido tirava o chapéu e arrumava os cabelos ao avistar os agricultores; pois Chad estava acostumado a dizer que um trabalhador deveria se comparar a uma pessoa reconhecida como tão esforçada quanto ele próprio nos dias de semana; com essa regra de conduta maliciosa ele queria dizer que era, afinal, mais virtuoso do que o contrário, especificamente, que os homens que tinham cavalos para serem ferrados deveriam ser tratados com respeito. Chad e os tipos mais rústicos de trabalhadores se mantiveram afastados da sepultura sob o espinheiro, onde o enterro acontecia; mas Sandy Jim e vários lavradores formaram um grupo em volta dela e ficaram sem chapéu, como companheiros de luto da mãe e dos filhos. Outros ocupavam uma posição intermediária, às vezes observando o grupo junto ao túmulo, às vezes ouvindo a conversa dos agricultores, que estavam reunidos perto da porta da igreja, e agora se juntavam a Martin Poyser, enquanto sua família entrava na igreja. Fora desse grupo estava Mr. Casson, o gerente de Donnithorne Arms, em sua postura mais marcante – isto é, com o dedo indicador da mão direita enfiado entre os botões do colete, a mão esquerda no bolso das

calças, e a cabeça bem inclinada para o lado; parecendo, em geral, um ator que tem apenas uma fala monossilábica destinada a ele, mas tem certeza de que o público percebe sua aptidão para o papel principal; curiosamente em contraste com o velho Jonathan Burge, que segurava as mãos atrás de si e se inclinava à frente, com uma tosse asmática, em um desprezo interior por todo conhecimento que não podia ser transformado em dinheiro. A conversa estava em um tom mais baixo do que o habitual, contida um pouco pelo som da voz de Mr. Irwine lendo as orações finais do funeral. Todos deram os pêsames pelo pobre Thias, mas agora chegaram ao assunto de suas queixas contra Satchell, o bailio do fidalgo que atuava como administrador quando essa função não era exercida pelo próprio velho Mr. Donnithorne, pois aquele cavalheiro tinha a mesquinharia de receber seus aluguéis e negociar a própria madeira. Esse tipo de conversa era uma razão adicional para não falar alto, visto que Satchell poderia estar andando pela estrada pavimentada até a porta da igreja. E logo ficaram de repente em silêncio; pois a voz de Mr. Irwine cessara, e o grupo ao redor do espinheiro se dispersava em direção à igreja.

Todos se afastaram e aguardavam sem os chapéus, enquanto Mr. Irwine passava. Adam e Seth vinham em seguida, com a mãe entre eles; pois Joshua Rann desempenhava como sacristão-chefe, bem como escrivão, e ainda não estava pronto para seguir o reitor para a sacristia. Mas houve uma pausa antes que os três enlutados entrassem: Lisbeth virara-se para olhar novamente em direção ao túmulo! Ah! Agora não havia nada além da terra marrom sob o espinheiro. No entanto, ela chorou menos hoje do que em qualquer outro dia desde a morte do marido. Junto de toda a sua dor havia um senso incomum da própria importância em ter um “enterro”, e na leitura de Mr. Irwine de um culto especial para o marido; além disso, sabia que o salmo fúnebre seria cantado para ele. Sentiu essa mansidão em seu pesar ainda mais forte enquanto caminhava com os filhos em direção à porta da igreja, e via os acenos simpáticos dos companheiros paroquianos.

A mãe e os filhos entraram na igreja, e um a um dos retardatários os seguiram, embora alguns ainda permanecessem do lado de fora; a

visão da carruagem de Mr. Donnithorne, que subia lentamente a colina, talvez os fazendo sentir que não havia necessidade de pressa. Mas logo o som do fagote e das cornetas irrompeu; o hino da ocasião, que sempre abria os cultos, começara, e cada um devia agora entrar e tomar seu lugar.

Não posso dizer que o interior da Igreja de Hayslope era notável por qualquer coisa exceto pelos desbotados bancos de carvalho – grandes bancos quadrados, na maioria, dispostos de cada lado de um corredor estreito. Desprovia, realmente, da desfiguração das galerias modernas. O coro tinha dois bancos estreitos no meio da fileira da direita, de modo que Joshua Rann rapidamente pudesse tomar seu lugar entre eles como baixo principal, e voltasse depois que o canto acabasse. O púlpito e a estante do coro, desbotados e velhos como os bancos, estavam de um lado do arco que levava à capela-mor, que também tinha bancos quadrados desbotados para a família e os criados de Mr. Donnithorne. No entanto, garanto que esses bancos desbotados, com as paredes amareladas, davam um tom muito agradável a esse interior desgastado e combinavam extremamente bem com os rostos corados e coletes de cores fortes. E havia toques abundantes de carmesim em direção à capela-mor, pois o púlpito e o próprio banco de Mr. Donnithorne tinham belas almofadas de tecido carmesim; e, para fechar o panorama, havia uma toalha de altar carmesim, bordada com riscas douradas por Miss Lydia.

Mas mesmo sem o tecido carmesim, o efeito seria caloroso e animador quando Mr. Irwine estava no púlpito, olhando benignamente para aquela congregação modesta – para os idosos robustos, com joelhos e ombros curvados, talvez, mas com vigor de sobra para cortar sebes e colmar; para as estruturas altas e fortes e aos rostos bronzeados grosseiramente esculpidos dos marmoreiros e carpinteiros; para a meia dúzia de agricultores abastados, com suas famílias de bochechas redondas; e para as senhoras limpas, na maioria esposas de lavradores, com as bordas das toucas brancas como a neve sob os gorros pretos, e com os braços mirrados, nus a partir dos cotovelos dobrados passivamente sobre o peito.

Nenhum dos idosos segurava livros – por que deveriam? Nenhum

deles sabia ler. Mas conheciam algumas “boas palavras” de cor, e os lábios mirrados de vez em quando se moviam silenciosamente, seguindo o culto sem qualquer compreensão muito clara, de fato, mas com uma simples fé em sua eficácia em afastar o mal e trazer a bênção. E todos os rostos eram visíveis, pois todos estavam de pé – as criancinhas nos assentos espiando por cima da beirada dos bancos desbotados enquanto o hino vespertino do bom bispo Ken estava sendo cantado em um daqueles salmos animados que desapareceram com a última geração de reitores e escrivães de corais paroquiais. As melodias desaparecem, como a flauta de Pã,^[106] junto dos ouvidos que as amavam e as escutavam. Naquele dia, Adam não estava em seu lugar habitual entre os cantores, pois havia se sentado com a mãe e Seth, e notou com surpresa que Bartle Massey também estava ausente – tanto melhor para Mr. Joshua Rann, que executava suas notas graves com uma complacência incomum e irradiava uma seriedade extra nos olhares que destinava por cima dos óculos ao não conformista Will Maskery.

Peço-lhe que imagine Mr. Irwine olhando em volta nesta cena, com sua grande sobrepeliz branca que lhe caía tão bem, o cabelo empoado jogado para trás, a rica tez morena, narinas e lábio superior finamente lapidados, pois havia uma certa virtude naquele semblante benigno, porém aguçado, como há em todos os rostos humanos dos quais uma alma generosa emana. E sobre tudo isso, o delicioso sol de junho que entrava pelas velhas janelas, com manchas irregulares de amarelo, vermelho e azul, que davam toques agradáveis de cor na parede oposta.

Acho que naquela tarde, enquanto Mr. Irwine olhava em volta, seus olhos pousaram um instante a mais no banco quadrado ocupado por Martin Poyser e sua família. E havia outro par de olhos escuros que achava impossível não vagar até lá e pousar naquela figura arredondada e rosada. Mas Hetty estava naquele momento bastante desatenta a qualquer olhar – estava absorta no pensamento de que Arthur Donnithorne logo entraria na igreja, pois a carruagem certamente deveria estar no portão a essa altura. Não o vira desde que se despediram na floresta na quinta-feira à noite, e oh, quanto tempo

parecia ter passado! As coisas continuaram do mesmo jeito desde aquela noite; as maravilhas que aconteceram então não trouxeram mudanças depois delas; já eram como um sonho. Quando ouviu a porta da igreja se abrindo, seu coração bateu tão forte que não se atreveu a erguer os olhos. Percebeu que a tia reverenciava; e também o fez. Deveria ser o velho Mr. Donnithorne – sempre vinha em primeiro lugar, o pequeno e enrugado senhor, olhando em volta com olhos míopes para a congregação que se curvava e reverenciava; então sabia que Miss Lydia estaria passando e, embora Hetty gostasse muito de olhar para seu pequeno e elegante gorro, com uma grinalda de pequenas rosas ao redor, não se importou com isso. Mas não houve mais reverências – não, ele não viera; tinha certeza de que não havia mais nada passando pela porta a não ser o gorro preto da governanta e o lindo chapéu de palha da dama de companhia que outrora pertencera a Miss Lydia, e depois as cabeças empoadas do mordomo e do laçai. Não, ele não estava lá; no entanto, agora ela olharia – poderia estar enganada – pois, afinal, não tinha olhado. Então levantou as pálpebras e olhou timidamente para o banco almofadado na capela-mor – não havia ninguém além do velho Mr. Donnithorne esfregando os óculos com o lenço branco, e Miss Lydia abrindo o grande livro de orações com bordas douradas. A decepção desanimadora era muito difícil de suportar. Sentiu que estava ficando pálida, os lábios trêmulos; estava pronta para chorar. Oh, o que deveria fazer? Todos saberiam o motivo; saberiam que estava chorando porque Arthur não estava lá. E Mr. Craig, com a maravilhosa flor de estufa na lapela, a estava observando, ela sabia. Demorou terrivelmente para que a Confissão Geral começasse, e assim pudesse se ajoelhar. Duas grandes gotas caíram então, mas ninguém as viu, exceto a bondosa Molly, pois os tios se ajoelharam de costas. Molly, incapaz de imaginar qualquer causa para lágrimas na igreja, exceto desmaio, do qual tinha um vago conhecimento costumeiro, tirou do bolso um estranho frasquinho inalador azul^[107] e depois de muito esforço para puxar a rolha, enfiou o pequeno gargalo na narina de Hetty.

— *Num* tem cheiro — ela sussurrou, pensando que isso era uma

grande vantagem que os saís antigos tinham sobre os novos: faziam bem sem arder o nariz. Hetty o afastou irritada; mas esse pequeno lampejo de temperamento fez o que os saís não poderiam ter feito – estimulou-a a enxugar os vestígios de lágrimas e tentar com todas as forças não as derramar mais. Hetty tinha uma certa força em sua indolezinha vaidosa: suportaria qualquer coisa para não ser motivo de riso, ou apontada por qualquer outro sentimento que não fosse admiração; enfiaria as unhas em sua tenra carne para que não descobrissem um segredo que não queria que descobrissem.

Que flutuações havia em seus pensamentos e sentimentos entretidos, enquanto Mr. Irwine pronunciava a solene “Absolvição” em seus ouvidos surdos e através de todos os tons da prece que se seguiu. A raiva estava muito próxima da decepção, e logo conquistou a vitória sobre as conjecturas que sua pouca engenhosidade poderia inventar para explicar a ausência de Arthur na suposição de que ele realmente queria vir, realmente queria vê-la outra vez. E quando se levantou de forma mecânica, pois todos estavam se levantando, a cor voltou às bochechas até com um ardor mais intenso, pois imaginava pequenos discursos indignados a si mesma, dizendo que odiava Arthur por lhe causar essa dor – queria que ele sofresse também. No entanto, enquanto esse tumulto egoísta acontecia em sua alma, seus olhos estavam voltados ao livro de orações, e as pálpebras com as pestanas escuras pareciam mais adoráveis do que nunca. Adam Bede assim também achava, enquanto a olhava por um momento ao se levantar.

Mas os pensamentos de Adam sobre Hetty não o ensurdecaram para o culto; eles se misturaram com todos os outros sentimentos profundos pelos quais o culto da igreja lhe fora um canalizador nessa tarde, como uma certa consciência de todo o passado e futuro se misturam com todos os momentos de aguçada sensibilidade. E para Adam, o culto da igreja era o melhor canalizador que poderia ter encontrado para a mistura de arrependimento, anseio e resignação; o intercâmbio de súplicas por ajuda com explosões de fé e louvor, as respostas recorrentes e o ritmo familiar das coletas pareciam falar por ele como nenhuma outra forma de adoração poderia ter feito; como os primeiros cristãos que adoravam em catacumbas, a luz da tocha e as

sombras devem ter parecido mais próximas da presença Divina do que a pagã luz do dia das ruas. O segredo de nossas emoções nunca está no mero objeto, mas em suas relações sutis com o nosso passado: não é de se admirar que o segredo escape ao observador insensível, que poderia muito bem colocar óculos para discernir odores.

Mas havia uma razão pela qual mesmo um visitante casual teria achado o culto na igreja Hayslope mais impressionante do que na maioria dos outros recantos do reino – uma razão da qual tenho certeza de que você não tem a menor suspeita. Era a leitura do nosso amigo Joshua Rann. De onde aquele bom sapateiro tirou sua noção de leitura permanecia um mistério até mesmo para seus conhecidos mais íntimos. Acredito, afinal, que a obteve principalmente da Natureza, que despejara um pouco de sua música nessa honesta alma pretenciosa, como era conhecida por fazer em outras almas limitadas antes da dele. Dera-lhe, pelo menos, uma bela voz de baixo e um ouvido musical; mas não posso afirmar com certeza se isso por si só foi suficiente para inspirá-lo com seu rico cântico. A maneira como passava de um rico *forte*^[108] profundo para uma cadência melancólica, cedendo, no final da última palavra, em uma espécie de ressonância fraca, como as vibrações persistentes de um belo violoncelo; não posso comparar a nada por sua marcante e calma melancolia, exceto ao ímpeto e à cadência do vento entre os ramos de outono. Pode parecer um modo estranho de falar sobre a leitura de um escrivão paroquial – um homem de óculos enferrujados, com cabelos despenteados, cabeça grande e uma testa proeminente. Mas esse é o modo de agir da Natureza: ela permitia que um cavalheiro de esplêndida fisionomia e aspirações poéticas cantasse lamentavelmente desafinado, sem lhe dar o menor indício disso; e cuidava para que algum camarada de monocelha cantarolasse uma balada em um canto de uma casa de barro e fosse afinado e fiel aos seus intervalos quanto um pássaro.

O próprio Joshua tinha menos orgulho de sua leitura do que de seu canto, e era sempre com um senso de maior importância que passava do púlpito ao coro. Ainda mais naquele dia, pois era uma ocasião especial, já que um idoso conhecido de toda a paróquia morrera de uma morte triste – não em sua cama, assim parecia uma circunstância

mais dolorosa para a mente do camponês – e agora o salmo fúnebre seria cantado em memória de sua partida repentina. Além disso, Bartle Massey não estava na igreja, e a importância de Joshua no coro não fora ofuscada. Foi uma pequena canção solene que cantaram. Os antigos salmos trazem muitos lamentos entre eles:

“Tu os levas como com uma corrente de água; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce. De madrugada, floresce e cresce; à tarde, murcha e seca. Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos angustiados”.

As palavras pareciam ter uma aplicação mais próxima do que o normal na morte do pobre Thias. A mãe e os filhos ouviram, cada um com sentimentos peculiares. Lisbeth tinha uma vaga crença de que o salmo estava fazendo bem ao marido; era parte daquele enterro decente que ela consideraria um erro maior lhe negar do que lhe proporcionar muitos dias infelizes enquanto estava vivo. Quanto mais se falasse sobre o marido, mais se fizesse por ele, certamente mais salvo estaria. Era a maneira cega da pobre Lisbeth sentir que o amor e a piedade eram a base da fé em algum outro amor. Seth, que com facilidade se comovia, derramou lágrimas e tentou se lembrar, como fizera constantemente desde a morte do pai, tudo o que ouvira sobre a possibilidade de que um único momento de consciência no final pudesse ser um momento de perdão e reconciliação; pois não estava escrito no próprio salmo que cantavam que os tratos Divinos não eram medidos e circunscritos pelo tempo? Adam nunca se comovera com um salmo antes. Conhecera muitos problemas e aborrecimentos desde que era um rapaz, mas esse foi o primeiro pesar que embargara sua voz e, estranhamente, era pesar porque a principal fonte de seus problemas e aborrecimentos passados estava para sempre fora de alcance. Não fora capaz de apertar a mão do pai antes de sua partida e dizer: “Pai, o senhor sabe que estava tudo bem entre a gente; nunca esqueci o que te devia quando era rapaz; me perdoa se fui muito bravo e impaciente de vez em quando!” Adam pensou pouco no trabalho árduo e nos gastos que tivera com o pai: os pensamentos passavam constantemente para quais teriam sido os sentimentos do velho nos momentos de humilhação, quando baixava a cabeça diante

das repreensões do filho. Quando nossa indignação é sustentada em um silêncio submisso, estamos propensos a sentir depois uma pontada de dúvida quanto à nossa própria generosidade, se não à justiça; quanto mais quando o objeto de nossa raiva entrou em silêncio eterno, e vimos seu rosto pela última vez na mansidão da morte!

“Ah! Sempre fui muito severo”, Adam disse a si mesmo. “É um triste defeito que tenho, porque sou tão bravo e sem paciência com as pessoas quando elas fazem algo errado, e meu coração se fecha contra elas, então não consigo perdoar. Percebo bem claramente que existe mais orgulho do que amor na minha alma, pois preferiria martelar mil vezes para o meu pai do que dizer uma palavra gentil para ele. E iria ter muito orgulho e dureza nas marteladas, assim como o diabo *bota* o dedo no que a gente chama de deveres, bem como nossos pecados. Quem sabe a melhor coisa que já fiz na vida foi fazer o que era mais fácil para mim. Sempre foi mais fácil trabalhar do que ficar parado, mas o que realmente seria um negócio difícil seria dominar minha própria vontade e temperamento e ir contra meu orgulho. Agora me parece que, se eu encontrasse o pai em casa esta noite, agiria diferente; mas não tem como saber – talvez nada sirva de lição para a gente se não vier tarde demais. É bom que a gente sinta que a vida é uma conta que não se pode fazer duas vezes; não tem reparação de verdade neste mundo, nem se pode consertar uma subtração errada fazendo a adição correta.”

Essa era a ideia básica à qual os pensamentos de Adam retornavam incessantemente desde a morte do pai, e o lamento solene do salmo fúnebre foi apenas uma influência que trouxe de volta os velhos pensamentos com maior ênfase. Assim foi o sermão, que Mr. Irwine escolhera com referência ao funeral de Thias. Falava simples e brevemente as palavras: “Em meio à vida, encaramos a morte” ^[109] – como o momento presente é tudo o que podemos chamar de nosso para obras de misericórdia, de justiça e ternura familiar. Todas eram verdades muito antigas – mas o que pensávamos ser a verdade mais antiga se torna a mais surpreendente para nós na semana em que olhamos para o rosto morto de alguém que fez parte de nossas vidas. Pois quando os homens querem nos impressionar com o efeito de uma

luz nova e maravilhosamente vívida, não a deixam cair sobre os objetos mais familiares, para que possamos medir sua intensidade lembrando a obscuridade anterior?

Então chegou o momento da bênção final, quando as palavras eternamente sublimes, “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento” ^[110] pareciam se misturar com o calmo sol da tarde que caía sobre as cabeças curvadas da congregação; e então a progressão tranquila, as mães amarrando as toucas das pequenas donzelas que dormiram durante o sermão, os pais recolhendo os livros de oração, até que todos saíram pelo velho arco em direção ao adro verde da igreja e começaram sua conversa de vizinhos, as civilidades simples e os convites para o chá; pois em um domingo todos estavam prontos para receber um convidado – era o dia em que todos deveriam estar com as melhores roupas e o melhor humor.

Mr. e Mrs. Poyser pararam um minuto no portão da igreja: estavam esperando que Adam se aproximasse, não contentes em ir embora sem dizer uma palavra gentil à viúva e seus filhos.

— Bem, Mrs. Bede — disse Mrs. Poyser, enquanto caminhavam juntas —, deve *conservá* seu coração; marido e esposa devem *ficá* contente quando *vive pra criá* os *filho* e vê o outro *ficá* grisalho.

— Sim, sim — disse Mr. Poyser —; assim *num* vão *precisá esperá* muito um pelo outro. E tem dois dos *filho* mais *robusto* da região; e pudera, pois me lembro do pobre Thias como um camarada de ombro largo como tem que ser; e quanto à senhora, Mrs. Bede, ora, anda com uma postura melhor que das *moça*.

— Hum — murmurou Lisbeth —, azar do prato bom que *tá* partido ao meio. Quanto mais cedo *tivé* debaixo do espinheiro, melhor. *Num* sirvo *pra* nada agora.

Adam nunca prestava atenção nas pequenas queixas injustas da mãe; mas Seth disse:

— Não, mãe, não deve dizer isso. Seus filhos nunca vão ter outra mãe.

— Isso é verdade, rapaz, isso é verdade — disse Mr. Poyser —; e é errado se *entregá* ao luto, Mrs. Bede; pois é como choro de criança quando a gente tira as *coisa dela*. O Senhor lá em cima que sabe

melhor do que a gente.

— Ah — disse Mrs. Poyser —, e nunca se deve *colocá* os *morto* acima dos *vivo*. Todo mundo vai *morre* um dia, acho que ia ser melhor se o pessoal fizesse pela gente antes em vida do que depois que a gente se foi. De nada adianta *regá* a colheita do ano passado.

— Bem, Adam — disse Mr. Poyser, sentindo que as palavras da esposa eram, como de costume, mais incisivas do que calmantes, e que seria bom mudar de assunto —, espero que visite a gente de novo agora. Faz tempo que quero ter uma conversa com você, e a patroa aqui quer que *cê* veja o que dá *pra fazê* com a roca, porque quebrou, e vai dar um bom trabalho *pra consertá* — tem que *torneá*. Vai vir assim que *pudé*, né?

Mr. Poyser fez uma pausa e olhou em volta enquanto falava, para ver onde Hetty estava, pois as crianças estavam correndo adiante. Hetty não estava sem companhia, e tinha, além disso, mais tons rosados em si do que nunca, pois segurava a maravilhosa planta de estufa cor-de-rosa e branca, com um nome muito longo — um nome escocês, supôs, visto que as pessoas diziam que Mr. Craig, o jardineiro, era escocês. Adam aproveitou a oportunidade para olhar em volta também; e tenho certeza de que você não lhe exigirá que sinta qualquer aborrecimento ao observar um beicinho no rosto de Hetty enquanto ouvia a conversa fiada do jardineiro. No entanto, em seu íntimo, ela estava feliz por tê-lo ao seu lado, pois talvez ficasse sabendo por intermédio dele porque Arthur não viera à igreja. Não que se importasse em fazer a pergunta, mas esperava que a informação fosse dada espontaneamente; pois Mr. Craig, como um homem superior, gostava muito de dar informações.

Mr. Craig nunca tinha consciência de que sua conversa e avanços eram recebidos friamente, pois mudar o ponto de vista além de certos limites é impossível para a mente mais liberal e vasta; nenhum de nós está ciente da impressão que produzimos em saguis de compreensão fraca — é possível que enxerguem quase nada em nós. Além disso, Mr. Craig era um homem de paixões sóbrias, e já estava no décimo ano de hesitação quanto às vantagens relativas do matrimônio e da solteirice. É verdade que, às vezes, quando se sentia um pouco aquecido por um

copo extra de grogue, ouviam-no dizer sobre Hetty que a “moça era boa o bastante”, e que “um homem pode *acabá* pior”; mas em ocasiões de convívio os homens estão aptos a se expressarem fortemente.

Martin Poyser tinha Mr. Craig em lugar de honra, como um homem que “conhecia seu negócio” e que tinha grande compreensão sobre solos e compostagem; mas ele não era o favorito de Mrs. Poyser, que mais de uma vez disse em confidência ao marido “*Cê* gosta muito de Craig, mas, de minha parte, acho que é que nem um galo, pois pensa que o sol nasce *pra* *ouví* ele *cantá*.” Quanto ao resto, Mr. Craig era um estimado jardineiro, e não lhe faltava motivos para ter uma opinião elevada de si mesmo. Ele também tinha ombros elevados e maçãs do rosto salientes e inclinava a cabeça um pouco para frente, enquanto caminhava com as mãos nos bolsos das calças. Acho que era apenas seu pedigree que tinha a vantagem de ser escocês, e não sua “criação”; pois, exceto pelo fato de ter um sotaque mais forte, sua fala pouco diferia da do povo de Loamshire ao redor. Mas um jardineiro é escocês, assim como um professor de francês é parisiense.

— Bem, Mr. Poyser — disse ele, antes que o bom e lento agricultor tivesse tempo de falar —, *num* vai *carregá* teu feno amanhã, acho eu. O barômetro mostra mudança, e pode *confiá* na minha palavra, vamos ter mais queda d’água até que o dia acabe. Tu *vê* aquela nuvem azul-escura lá no *rizonte* — sabe o que digo com *rizonte*, onde a terra e o céu parece se *encontrá*?

— Sim, sim, *tô* vendo a nuvem — disse Mr. Poyser —, com *rizonte* ou sem *rizonte*. *Tá* bem em cima do pousio de Mike Holdsworth, e que pousio imundo.

— Bem, ouça o que digo, já que aquela nuvem vai se *estendê* no céu quase tão rápido quanto tu *consiga* *estendê* uma lona nos *monte* de feno. É formidável ter estudado a aparência das *nuvem*. Deus abençoe! Os *almanaque* meteorológico *num* pode me *ensiná* nada, mas tem um *tantão* de coisa que eu podia *passá pra* *elas*, se me consultassem. E como vai, Mrs. Poyser? — pensando em *colhê* as *groselha* vermelha logo, acho eu. É melhor *colhê* antes de *madurá*, com esse tempo que nos *guarda*. Como vai, Mrs. Bede? — Mr. Craig continuou, sem pausa, acenando com a cabeça para Adam e Seth. — Espero que tenha

gostado do espinafre e das *groselha* verde que mandei pelo Chester outro dia. Se *precisá* de vegetal enquanto *num* *tivé* bem, sabe quem *procurá*. Sabem que eu *num* distribuo coisas dos *outro*, pois assim que abasteço a casa, o jardim é de minha responsabilidade, *num* é qualquer homem que o velho fidalgo ia *podê arranjá* que ia ser adequado *pro* serviço, muito menos *fazê* os *cálculo* direito, te garanto, e *conseguí* ter lucro. Queria ver esses *camarada* que faz almanaque ter uma visão assim além do próprio nariz, como eu tenho todo ano.

— Mas eles têm uma boa visão, ainda assim — disse Mr. Poyser, virando a cabeça de lado e falando em um tom reverente bastante moderado. — Ora, o que se tornou mais verdadeiro do que aquela imagem do galo com as *espora* grande, que foi atingido na cabeça pela âncora, e os *disparo* e os *navio* atrás? Ora, essa imagem foi feita antes do Natal, e se tornou tão verdadeira quanto a Bíblia. Ora, o galo é a França, e a âncora é Nelson^[111] — e disseram isso de antemão.

— Irra! — exclamou Mr. Craig. — Um homem *num* precisa ter boa visão *pra sabê* que os *inglês* iam *derrotá* os *francês*. Ora, sei de boa fonte que um francês que atinge um metro e meio de altura já é grande, e eles vive de *comê* papinha. Conhecia um homem que o pai tinha bastante noção dos *francês*. Queria *sabê* o que esses *gafanhoto* vão *fazê* contra camaradas tão bons como o nosso jovem capitão Arthur. Ora, um francês ia *ficá* espantado só de *olhá pra* ele; o braço dele é mais grosso que o corpo dum francês, tenho certeza, pois se apertam em espartilho; o que é bem fácil, já que *num* tem nada dentro deles.

— Onde está o capitão, pois ele não estava na igreja hoje? — perguntou Adam. — Eu estava conversando com ele na sexta-feira, e não disse nada sobre sua partida.

— Oh, ele só foi a Eagledale *pra pescá* um pouco; acho que vai *ficá* fora muitos *dia*, pois deve *tá* organizando e preparando as *coisa pro* próximo dia 30 de julho. Mas ele gosta de dar uma fugida por um tempo, de vez em quando. Ele e o velho fidalgo combinam que nem água e óleo.

Mr. Craig sorriu e piscou lentamente enquanto fazia essa última observação, mas o assunto não foi mais desenvolvido, pois agora chegaram à curva na estrada onde Adam e seus companheiros

deveriam dizer “até logo”. O jardineiro também teria que virar na mesma direção se não tivesse aceitado o convite de Mr. Poyser para o chá. Mrs. Poyser devidamente aprovou o convite, pois teria considerado uma grande vergonha não receber os vizinhos em sua casa: gostos e desgostos pessoais não interferiam nesse costume sagrado. Além disso, Mr. Craig sempre fora cheio de civilidades para com a família na fazenda Hall, e Mrs. Poyser fora escrupulosa ao declarar que não tinha “nada a *dizê* contra ele, só que era uma pena que *num* pudesse *nascê* de novo, *nascê* diferente.”

Então Adam e Seth, com a mãe entre eles, seguiram para o vale e novamente para a velha casa, onde uma lembrança triste substituíra uma longa, longa ansiedade – em que Adam nunca mais teria que perguntar quando entrasse: “Onde *tá* o pai?”

E a outra família, com Mr. Craig como companhia, voltou para a casa agradável e luminosa na fazenda Hall – todos com a mente tranquila, exceto Hetty, que agora sabia para onde Arthur fora, mas estava apenas mais confusa e inquieta. Pois parecia que sua ausência era bastante voluntária; ele não precisava ter ido – não teria ido se quisesse vê-la. Tinha a sensação doentia de que nada lhe poderia ser agradável novamente se a visão de quinta-feira à noite não fosse cumprida; e nesse momento de decepção e dúvida arrepiante, nua e inercial, olhou para a possibilidade de estar com Arthur outra vez, de encontrar seu olhar amoroso e ouvir suas palavras suaves com aquele anseio impetuoso que se pode chamar de “dor crescente” da paixão.

Capítulo XIX

Adam em um Dia de Trabalho

Não obstante a profecia de Mr. Craig, a nuvem azul-escura se dispersou sem ter produzido as consequências ameaçadas.

— O tempo — como ele observou na manhã seguinte —, o tempo, *tu vê*, é uma coisa delicada; um tonto, às vezes, acerta, mas um homem sábio erra; é por isso que os *almanaque* recebe tanto crédito. É uma daquelas *coisa* arriscada que os *tonto* se dá bem.

Este comportamento irracional do tempo, no entanto, não desagradava a mais ninguém em Hayslope além de Mr. Craig. Todos deveriam estar nos prados nessa manhã, assim que o orvalho surgisse; as esposas e filhas trabalhavam em dobro em todas as casas de fazenda, para que as criadas pudessem ajudar a virar o feno; e quando Adam estava marchando pelas alamedas, com a caixa de ferramentas sobre o ombro, ouviu o som de uma conversa jocosa e uma risada retumbante por trás das sebes. A conversa jocosa dos trabalhadores do feno é melhor a distância; é igual àqueles sinos desajeitados em volta do pescoço das vacas, que têm um som bastante grosseiro quando se aproximam, e podem até ranger dolorosamente aos ouvidos; mas, captados de longe, misturam-se muito bem com os outros sons alegres da natureza. Os músculos dos homens se movem melhor quando suas almas produzem música alegre, embora a alegria seja de um tipo medíocre e desajeitado, nada parecida com a alegria dos pássaros.

E talvez não haja momento em um dia de verão mais animador do que quando o calor do sol está apenas começando a triunfar sobre o frescor da manhã – quando há apenas um toque persistente da frieza anterior para evitar o langor sob a deliciosa influência do calor. A razão pela qual Adam andava pelas alamedas nesse momento era porque seu trabalho para o resto do dia seria em uma casa de campo a cerca de cinco quilômetros de distância, que estava sendo consertada para o filho de um fidalgo vizinho; e ele estivera ocupado desde o início da manhã com o empacotamento de painéis, portas e chaminés

em uma carroça que agora seguia antes dele, enquanto o próprio Jonathan Burge cavalgava até o local para aguardar sua chegada e direcionar os trabalhadores.

Esta pequena caminhada foi um descanso para Adam, e ele estava inconscientemente sob o encanto do momento. Era uma manhã de verão em seu coração, e ele pensou em Hetty ao sol – um sol sem brilho, com raios oblíquos que tremeluziam entre as sombras delicadas das folhas. Relembrou quando a viu no dia anterior, ocasião em que ela lhe estendeu a mão ao saírem da igreja, que havia um toque de bondade melancólica em seu rosto, como não vira antes, e tomou isso como um sinal de que ela tinha alguma empatia com o problema de sua família. Pobre rapaz! Aquele toque de melancolia vinha de outra fonte, mas como poderia saber? Olhamos para aquele rostinho da mulher que amamos assim como olhamos para o rosto de nossa mãe terra, e vemos todos os tipos de respostas para nossos anseios. Era impossível para Adam deixar de sentir que o que acontecera na última semana aproximara a perspectiva de casamento. Até então, sentira intensamente o perigo de que algum outro homem pudesse intervir e tomar posse do coração e da mão de Hetty, enquanto ele mesmo ainda estava em uma posição que o fazia hesitar em lhe pedir que o aceitasse. Mesmo que tivesse uma forte esperança de que ela gostava dele – e sua esperança estava longe de ser forte – estava muito sobrecarregado com outras reivindicações para fornecer um lar a si e a Hetty – um lar que poderia esperar com que ela se contentasse, depois do conforto e da abundância da fazenda. Mas Adam tinha confiança em sua capacidade de alcançar algo no futuro; tinha certeza de que algum dia, se vivesse o suficiente, seria capaz de manter uma família e construir um caminho bom e amplo para si; mas tinha uma cabeça muito fria para não avaliar ao máximo os obstáculos que deveriam ser superados. E o tempo seria tão longo! E lá estava Hetty, igual a uma maçã redonda e brilhante pendurada além do muro do pomar, à vista de todos, e todos ansiavam por ela! Com certeza, se o amasse muito, ficaria contente em esperá-lo: mas ela o amava? Suas esperanças jamais aumentaram a ponto de ele ousar lhe perguntar. Era prudente o bastante para saber que os tios considerariam gentilmente seu pedido,

de fato, sem esse incentivo, nunca teria persistido em ir à fazenda; mas era impossível chegar a qualquer conclusão que não fosse oscilante a respeito dos sentimentos de Hetty. Ela era como uma gatinha, e apresentava a mesma bela aparência distrativa, sem distinção, a todos que se aproximavam dela.

Mas agora não podia deixar de dizer a si mesmo que a parte mais pesada de seu fardo fora removida e que, mesmo antes do fim de mais um ano, as circunstâncias poderiam tomar uma forma que lhe permitisse pensar em se casar. Sempre seria uma luta árdua com a mãe, ele sabia: teria ciúmes de qualquer esposa que escolhesse, e cismara especialmente contra Hetty – talvez por nenhuma outra razão além de suspeitar que Hetty fosse a mulher que ele havia escolhido. Jamais seria uma boa ideia, temia, que a mãe vivesse na mesma casa que ele quando estivesse casado; e, no entanto, quão difícil ela acharia se pedisse que o deixasse! Sim, havia muita dor a ser enfrentada com a mãe, mas era um caso em que ele deveria fazê-la sentir que sua vontade era forte – seria melhor para ela no final. Quanto a ele, gostaria que todos morassem juntos até que Seth se casasse, e poderiam ampliar a casa antiga para abrir mais espaço. Não gostava de “se separar do rapaz”: dificilmente ficaram separados por mais de um dia desde que nasceram.

Mas logo que Adam percebeu a imaginação saltando à frente dessa maneira – fazendo arranjos para um futuro incerto – conteve-se. “Uma bela construção que *tô* fazendo, sem tijolos ou madeira. Já *tô* no sótão e nem cavei a fundação”. Sempre que Adam estava fortemente convencido de qualquer proposição, ela tomava a forma de um princípio em sua mente: era o conhecimento a ser aplicado, igual ao conhecimento de que a umidade poderia causar a ferrugem. Talvez aqui residisse o segredo da dureza da qual se acusara: tinha muita pouca solidariedade com a fraqueza que levava à falha, apesar das consequências previstas. Sem essa solidariedade, como se poderia ter paciência e caridade suficientes para com nossos companheiros cambaleantes e caídos na longa e mutável jornada? E há apenas uma maneira pela qual uma alma forte e determinada pode aprendê-la – amarrando as cordas do seu coração em torno dos fracos e erráticos,

de modo que se deve compartilhar não apenas a consequência externa de seus erros, mas seus sofrimentos internos. Essa é uma lição longa e difícil, e Adam no momento aprendera apenas o alfabeto dela com a morte repentina do pai, que, ao aniquilar em um instante tudo o que estimulava sua indignação, enviara uma repentina onda de pensamento e memória sobre o que reivindicara piedade e ternura.

Mas foi a força de Adam, não sua dureza correlata, que influenciou suas meditações nessa manhã. Decidira há muito tempo que seria tão errado quanto tolo se casar com uma jovem garota viçosa, desde que não tivesse outra perspectiva além da pobreza crescente com uma família crescente. E suas economias haviam sido tão constantemente usadas (além do terrível desfalque de pagar pelo substituto de Seth na milícia) que não tinha dinheiro suficiente de antemão para fornecer até mesmo uma pequena casa de campo e manter algo de reserva para um dia chuvoso. Tinha boas esperanças de estar “mais firme das pernas” aos poucos; mas não podia se satisfazer com uma vaga confiança em seus braços e cérebro; deveria ter planos definidos e colocá-los em prática imediatamente. A parceria com Jonathan Burge não era para ser considerada no momento – havia nela coisas implícitas que ele não podia aceitar; mas Adam pensou que ele e Seth poderiam dar andamento a um pequeno negócio, além do trabalho de artesão, comprando um pequeno estoque de madeira de qualidade e fabricando artigos de mobília doméstica, para os quais Adam tinha inventividade sem fim. Seth poderia ganhar mais trabalhando em empregos separados sob a direção de Adam do que com o trabalho de artesão, e Adam, nas horas extras, poderia fazer todo o trabalho “refinado” que exigia habilidade peculiar. O dinheiro ganho dessa maneira, com o bom salário que recebia como capataz, logo os capacitaria antecipadamente ao mundo, com a mesma moderação com que todos viviam agora. Logo que esse pequeno plano se moldou em sua mente, começou a se ocupar com cálculos exatos de madeira a comprar e o artigo específico de mobília que deveria produzir primeiro: um armário de cozinha inventado por ele, com um arranjo tão engenhoso de portas deslizantes e parafusos, cantos tão convenientes para guardar provisões da casa e um resultado tão

simétrico aos olhos, que toda boa dona de casa ficaria em êxtase com ele e passaria por todas as gradações de desejo melancólico até que o marido lhe promettesse comprá-lo. Adam imaginou Mrs. Poyser examinando-o com o olho aguçado e tentando em vão descobrir uma imperfeição; e, é claro, ao lado de Mrs. Poyser estaria Hetty, e Adam foi novamente conduzido dos cálculos e invenções aos sonhos e esperanças. Sim, ele a veria nessa noite – fazia tanto tempo desde que estivera na fazenda Hall. Gostaria de ter ido à escola noturna, para ver por que Bartle Massey não fora à igreja ontem, pois temia que seu velho amigo estivesse doente; mas, a menos que pudesse administrar ambas as visitas, essa última seria adiada até amanhã – o desejo de estar perto de Hetty e falar com ela novamente era muito forte.

Enquanto se decidia por isso, estava chegando muito perto do fim de sua caminhada, ao som dos martelos que trabalhavam na reforma da velha casa. O som de ferramentas para um trabalhador inteligente que ama o trabalho é como os sons tentadores da orquestra para o violinista que tem que assumir sua parte na abertura: as fibras fortes iniciam a emoção habitual, e o que era um momento antes de alegria, aborrecimento, ou ambição, começa sua transformação em energia. Toda paixão se torna força quando tem uma saída dos limites estreitos de nossa sina pessoal no trabalho do braço direito, na astúcia da mão direita, ou a atividade imóvel e criativa do pensamento. Observe Adam durante o resto do dia, enquanto está no andaime com a régua na mão, assobiando baixo ao mesmo tempo em que considera como superar um problema acerca de uma viga de chão ou uma moldura de janela; ou enquanto empurra um dos trabalhadores mais jovens de lado e toma seu lugar ao levantar uma carga de madeira, dizendo:

— Deixa *pra* lá, rapaz! Ainda não tem força *pra* isso —, ou enquanto fixa os olhos pretos aguçados nos movimentos de um trabalhador do outro lado do cômodo e o avisa que suas medições não estão corretas. Veja esse homem de ombros largos com os musculosos braços nus e cabelo preto espesso, exemplo para a criança sentada imóvel sobre a grama do prado, que o olha embevecida quando Adam retira o chapéu de papel, quando sua voz forte de barítono rompe de vez em quando em melodias salmológicas altas e solenes, como se

procurasse uma saída para forças supérfluas, mas logo se controlando, aparentemente atravessado por algum pensamento que se choca com a cantoria. Talvez, se você já não estivesse a par do segredo, talvez não tivesse adivinhado que lembranças tristes, afetos calorosos e ternas esperanças vibrantes viviam nesse corpo atlético com unhas quebradas – nesse homem rude, que não conhecia versos melhores do que os que poderia encontrar no Antigo e Novo Testamentos e em um eventual hino; que conhecia o mínimo possível de histórias profanas; e para quem o movimento e a forma da terra, o curso do sol e as mudanças das estações se encontravam na região do mistério apenas visíveis pelo conhecimento fragmentário. Custara a Adam muito esforço e trabalho em horas extras para saber o que sabia além dos segredos de seu ofício, aquele conhecimento de mecânica e números e a natureza dos materiais com os quais trabalhava, o que lhe era fácil de entender por meio de uma capacidade inata herdada – de dominar a pena e escrever com letra simples, de soletrar sem outros erros que, com justiça, devem ser atribuídos ao caráter irracional da ortografia, e não a qualquer deficiência do soletrador e, acima disso, aprender as notas musicais e canto. Além de tudo isso, além da Bíblia e os livros apócrifos, lera o *Almanaque do Pobre Ricardo*; *Vida e Morte Santos*, de Taylor; *O Peregrino*; *Uma Vida Santa* e *A Guerra Santa*, ambos de Bunyan; e uma grande parte do dicionário de Bailey. Além disso lera *Valentine e Orson* e parte de *Uma História da Babilônia*^[112] que Bartle Massey lhe emprestara. Poderia ter conseguido muito mais livros de Bartle Massey, mas não tinha tempo para ler “livro simples”, como Lisbeth os chamava, tão ocupado como estava com números em todos os momentos de lazer que não preenchia com carpintaria extra.



Adam, como pode perceber, não era de forma alguma um homem maravilhoso, nem propriamente falando, um gênio, mas não vou fingir que era de um caráter comum entre os trabalhadores; e não seria de maneira alguma uma certeza que o próximo melhor homem que se encontrasse com uma cesta de ferramentas sobre o ombro e um chapéu de papel na cabeça tivesse a consciência e o senso fortes, a combinada suscetibilidade e autodomínio de nosso amigo Adam. Não, ele notavelmente não era um homem medíocre. No entanto, homens como ele são criados aqui e ali em cada geração de nossos artesãos camponeses – com uma herança de afeições nutridas por uma vida familiar simples de necessidade comum e diligência comum, e uma herança de capacidades treinadas em hábil trabalho corajoso: eles trilham seus caminhos, raramente como gênios, mais comumente como homens honestos meticolosos, com a habilidade e a consciência de fazer bem as tarefas que estão diante deles. Suas vidas não têm ecos discerníveis além da região onde moram, mas é quase certo que lá encontrará algum bom trecho de estrada, alguma construção, aplicação de produtos minerais, melhoria na prática agrícola, reforma dos abusos paroquiais, com os quais seus nomes estão associados por uma ou duas gerações depois deles. Seus patrões eram os mais ricos por causa deles, o trabalho de suas mãos fora bem-feito, e o trabalho de seus cérebros guiara bem as mãos de outros homens. Andavam na juventude com chapéus de flanela ou papel, com casacos pretos com pó de carvão ou listrados com cal e tinta vermelha; na velhice, os

cabelos brancos eram vistos em um lugar de honra na igreja e no mercado, e diziam aos filhos e filhas bem-vestidos, sentados ao redor da lareira brilhante nas noites de inverno, como ficaram satisfeitos quando ganharam pela primeira vez seus trocados diários. Há outros que morrem pobres e nunca tiram o casaco de trabalho nos dias de semana. Não tiveram a arte de enriquecer, mas são homens de confiança, e quando morrem antes que o trabalho termine, é como se algum parafuso principal tivesse se soltado de uma máquina; o mestre que os empregou diz: “Onde encontrarei semelhantes?”

Capítulo XX

Adam Visita a Fazenda Hall

Adam voltou do trabalho na carroça vazia – era por isso que trocara de roupa – e estava pronto para ir à fazenda Hall quando ainda faltavam quinze para as sete.

— Por que *tá* com a roupa de domingo? — perguntou Lisbeth reclamando, enquanto ele descia as escadas. — *Cê num* vai *pra* escola com seu melhor casaco?

— Não, mãe — disse Adam, calmamente. — Vou *pra* fazenda Hall, mas quem sabe posso ir *pra* escola depois, então não deve estranhar se eu chegar tarde. Seth vai chegar em casa em meia hora, ele foi só *pra* aldeia; então não se preocupe.

— Hum, e por que *tá* com a sua melhor roupa *pra* ir *pra* fazenda Hall? Os Poysers te viram nela ontem, te garanto. Por que quer *fazê* dia da semana *virá* domingo? *Num* é boa companhia quem *num* gosta de te ver com a roupa de trabalho.

— Até logo, mãe, não posso ficar — disse Adam, colocando o chapéu e saindo.

Mas logo que ele dera alguns passos além da porta, Lisbeth ficou inquieta ao pensar que o aborrecera. Claro, a razão por trás de sua objeção às melhores roupas era a suspeita de que foram vestidas por causa de Hetty; mas, além de toda a rabugice, havia a necessidade de que o filho a amasse. Correu atrás dele e segurou seu braço antes que tivesse chegado a meio caminho do riacho, e disse:

— Não, meu rapaz, *num* quer ir embora zangado com sua mãe, ela que *num* tem mais nada *pra fazê* além de *sentá* sozinha e *pensá* em você?

— Não, não, mãe — disse Adam, sério, parado enquanto colocava o braço no ombro dela —, não *tô* zangado. Mas gostaria, pelo seu próprio bem, que ficasse mais contente em me deixar fazer o que decidi fazer. Nunca vou deixar de ser um bom filho *pra* você enquanto a gente viver. Mas um homem tem outros sentimentos além do que

deve *pros* pais, e não deve querer me governar o corpo e a alma. E deve entender que não vou ceder quando tenho o direito de fazer o que gosto. Assim, não vamos mais falar sobre isso.

— Hum — murmurou Lisbeth, disposta a não mostrar que sentia o verdadeiro propósito das palavras de Adam —, e quem mais quer te ver com a sua melhor roupa que *num* seja sua mãe? E quando *tá* com o rosto lavado tão limpo e liso que nem seixo branco, o cabelo tão bem penteado, e os *olho* brilhando – do que mais sua velha mãe ia *gostá*? E pode *colocá* sua roupa de domingo quando *quisé* – *num* vou te *aborrecê* e *reclamá* por isso.

— Bem, bem; até logo, mãe — disse Adam, beijando-a e se apressando. Viu que não havia outro meio de pôr fim ao diálogo. Lisbeth ficou parada no local, sombreando os olhos e o assistindo até que estivesse completamente fora de vista. Sentiu ao máximo todo o significado que havia nas palavras de Adam e, ao perdê-lo de vista e voltar lentamente para dentro da casa, disse em voz alta a si mesma, pois era a maneira de expressar seus pensamentos em voz alta nos longos dias em que o marido e os filhos estavam no trabalho:

— Hum, ele vai me *dizê* que vai *trazê* ela *pra* casa um dia desse; ela vai *virá* a dona da casa, e vou ter que *ficá* olhando enquanto ela usa os *prato* de borda azul e talvez *quebre* *eles*, sendo que a gente nunca quebrou nenhum desde que meu velho *comprou* *eles* na feira, vinte anos atrás. Hum — ela continuou, ainda mais alto, enquanto pegava o tricô da mesa —, mas ela nunca vai *tricotá* as *meia* do rapaz, nem *calçá* *ele* enquanto eu *vivê*; e quando eu *partí*, ele vai *pensá* que ninguém nunca calçou ele como sua mãe fazia. Ela *num* vai *sabê* *tricotá* direito, eu garanto, e *deixá* a meia toda torta. Isso que dá *casá* com moça nova. Eu já tinha trinta *ano*, o velho também, antes de *casá*; e a gente era jovem. Ela vai *tá* toda acabada quando *tivé* trinta *ano* *casando* tão jovem assim.

Adam andou tão rápido que estava no portão do pátio antes das sete. Martin Poyser e o avô ainda não haviam saído do prado: todos estavam no prado, até o *terrier* preto e marrom – ninguém vigiava o pátio, a não ser o buldogue; e quando Adam alcançou a porta da casa, que estava escancarada, viu que não havia ninguém na sala limpa e

brilhante. Mas adivinhou onde Mrs. Poyser e outra pessoa estariam, bem ao alcance da voz; então bateu à porta e disse com sua voz forte:

— Mrs. Poyser está?

— Entre, Mr. Bede, entre — Mrs. Poyser gritou da leiteria. Ela sempre dava esse título a Adam quando o recebia em casa. — Pode *entrá* na leiteria, se *quisé*, pois *num* posso *abandoná* o queijo no momento.

Adam entrou na leiteria, onde Mrs. Poyser e Nancy estavam fazendo o primeiro queijo da tarde.

— Ora, deve ter achado que *tava* numa casa abandonada — disse Mrs. Poyser, enquanto ele estava parado na entrada —; *tá* todo mundo no prado; mas Martin com certeza vai *voltá* logo, pois *tão* empilhando o feno esta noite, deixando pronto *pra carregá* amanhã. Fui obrigada a *trazê* Nancy, até porque Hetty vai *colhê* groselha vermelha esta noite; as *fruta* é sempre do contra, amadurece quando todo mundo *tá* ocupado. E *num* tem como *confiá* nas *criança pra* isso, pois botam mais na boca do que na cesta; é o mesmo que *mandá* as *vespa* *colhê* fruta.

Adam ansiava por dizer que iria ao jardim até que Mr. Poyser chegasse, mas não era corajoso o suficiente, então disse:

— Posso dar uma olhada na sua roca, então, e ver o que precisa ser feito. Talvez *teja* na casa, onde posso encontrar ela?

— Não, guardei ela na sala de estar da direita; mas deixa assim por enquanto até eu *podê* te *mostrá*. Vou *ficá* feliz se for no jardim e *dizê pra* Hetty *mandá* Totty *entrá*. A criança vai *corrê pra* dentro se *mandá*, e sei que Hetty *tá deixando ela comê* groselha demais. Vou *ficá* muito grata, Mr. Bede, se *mandá* ela *entrá*; e tem umas *rosa* de York e Lancaster *linda* no jardim agora – vai *gostá* de ver. Mas vai *querê* um gole de soro de leite primeiro, né; sei que gosta de soro de leite, como a maioria das *pessoa* gosta quando é fresco.

— Obrigado, Mrs. Poyser — disse Adam —, um copo de soro de leite sempre me agrada. Prefiro até do que cerveja.

— Sim, sim — disse Mrs. Poyser, alcançando uma pequena tigela branca que estava na prateleira e mergulhando-a na tina de soro de leite —, o cheiro de pão é doce *pra* todo mundo, menos *pro* padeiro. Miss Irwines sempre diz: “Oh, Mrs. Poyser, invejo sua leiteria; e invejo

suas *galinha*; que coisa linda é uma casa de fazenda, com certeza!” E eu digo: “Sim; uma casa de fazenda é boa de ver do lado de fora e *num* ter que *carregá* peso, *cozinhá* e nem se *preocupá* com as coisa que acontece nela.”

— Ora, Mrs. Poyser, a senhora não ia gostar de morar em outro lugar que não fosse uma casa de fazenda, tão bem que *administra ela* — disse Adam, tomando a tigela —; e não tem nada mais agradável de ver que uma bela vaca leiteira, de pé no pasto, o leite novo espumando no balde, a manteiga fresca pronta *pro* mercado, os bezerros e as aves. Um brinde à sua saúde, e que tenha forças *pra* cuidar da leiteria e iniciar um padrão *pra* todas as esposas de agricultores da região.

Mrs. Poyser não era de ser pega na fraqueza de sorrir para um elogio, mas uma complacência silenciosa cobriu seu rosto como um raio de sol furtivo, e deu uma expressão mais suave do que a habitual para os olhos azul-acinzentados, enquanto olhava para Adam bebendo o soro de leite. Ah! Acho que saboreio esse soro agora – com um sabor tão delicado que mal se pode distingui-lo de um aroma, e com aquele calor suave e deslizante que enche a imaginação de um devaneio tranquilo e feliz. E a música leve do soro pingando está em meus ouvidos, misturando-se com o gorjeio de um pássaro do lado de fora da janela da rede de arame – a janela com vista para o jardim e sombreada por altas rosas-de-gueuldres.

— Quer mais um pouco, Mr. Bede? — disse Mrs. Poyser, enquanto Adam colocava a tigela na mesa.

— Não, obrigado; vou *pro* jardim agora e mando de volta a mocinha.

— Sim, isso; e diz *pra* ela *encontrá* a mãe na leiteria.

Adam deu a volta pelo celeiro, vazio no momento, até o pequeno portão de madeira que dava para o jardim – outrora a bem cuidada horta de uma mansão; agora, exceto pela bela parede de tijolos com bordas de pedra que corria ao longo de um lado, um verdadeiro jardim de fazenda, com flores perenes resistentes, árvores frutíferas não podadas e vegetais de cozinha crescendo juntos em abundância descuidada e meio negligenciada. Naquela época frondosa, florida e

cerrada, procurar alguém nesse jardim era como brincar de “esconde-esconde”. Havia as malvas altas começando a florir e deslumbrando os olhos com suas cores rosa, branca e amarela; havia os lilases e as rosas-de-gueldres, todas grandes e desordenadas por falta de poda; paredes frondosas de feijões-da-espanha e ervilhas; uma fileira de pés de avelãs cerrados em uma direção e, em outra, uma enorme macieira fazendo um círculo estéril sob seus ramos baixos. Mas o que importava um ou dois trechos estéreis? O jardim era tão grande. Sempre havia favas em excesso – foram necessários nove ou dez passos de Adam para chegar ao fim da trilha de grama não cortada que corria ao lado delas; e quanto a outras hortaliças, havia muito mais espaço do que era necessário para elas, tanto que, na rotação das colheitas, um grande canteiro floreado de tasneirinha surgia anualmente em certos pontos. As próprias roseiras, onde Adam parou para colher uma rosa, pareciam ter crescido selvagens; estavam todas amontoadas em extensões cerradas, agora ostentando pétalas escancaradas, quase todas do tipo listrado de cor-de-rosa e branco, que sem dúvida datavam da união das casas de York e Lancaster.^[113] Adam foi sábio o suficiente para escolher uma rosa da Provença compacta que espregueitava meio sufocada pelas vizinhas exibicionistas e sem perfume, e a segurou na mão – achou que ficaria mais à vontade segurando algo – enquanto caminhava para a extremidade do jardim, onde se lembrava de que havia a maior fileira de pés de groselhas, não muito longe do grande teixo.

Mas não dera muitos passos além das rosas, quando ouviu o balançar de um galho e a voz de um menino dizendo:

— Pois bem, Totty, segure seu avental, aí vai mais uma cerejeira.

A voz veio dos ramos de uma cerejeira alta, onde Adam não teve dificuldade em discernir uma pequena figura de avental azul empoleirada em uma posição cômoda onde as frutas eram maiores. Sem dúvida, Totty estava lá embaixo, atrás do biombo de ervilhas. Sim – com o gorro pendurado nas costas, e o rosto bochechudo, terrivelmente lambuzado de suco vermelho voltado para a cerejeira, enquanto mantinha a boquinha redonda e o avental manchado de vermelho para receber a queda prometida. Lamento dizer, mais da

metade das cerejas que caíram estavam duras e amarelas em vez de suculentas e vermelhas; mas Totty não perdeu tempo com desapontamentos inúteis, e já estava chupando a terceira mais suculenta quando Adam disse:

— Pronto, Totty, conseguiu suas cerejas. Corra *pra* dentro de casa com elas *pra* sua mãe — ela te chama — *tá* na leiteria. Corra neste minuto — *taí* uma boa garotinha.

Ele a ergueu com seus braços fortes e a beijou enquanto falava, uma cerimônia que Totty considerou uma interrupção incômoda da sua comilança de cerejas; e quando ele a colocou no chão, trotou silenciosamente em direção à casa sede, chupando as cerejas enquanto caminhava.

— Tommy, meu rapaz, cuidado *pra* um caçador não te confundir com um passarinho — disse Adam, enquanto caminhava em direção aos pés de groselha.

Podia ver que havia uma grande cesta no final da fileira: Hetty não estaria longe, e Adam já sentia como se ela o estivesse olhando. No entanto, quando fez a curva, ela estava de costas e se abaixava para colher as frutas penduradas embaixo. Estranho que não o tivesse ouvido chegar! Talvez fosse porque ela estava fazendo as folhas farfalharem. Sobressaltou-se quando se deu conta de que alguém estava por perto — sobressaltou-se tão violentamente que deixou cair a tigela com as groselhas, e então, quando viu que era Adam, passou de pálida a um vermelho profundo. Aquele rubor fez o coração dele bater com uma nova felicidade. Hetty nunca ruborizara ao vê-lo antes.

— Te assustei — disse ele, com uma deliciosa sensação de que não significava o que disse, pois Hetty parecia sentir tanto quanto ele —; *me* deixe recolher as groselhas.

Logo feito, pois haviam caído apenas em uma extensão emaranhada no gramado, e Adam, ao se levantar e lhe dar a tigela de novo, olhou para ela diretamente nos olhos com a ternura contida que existe nos primeiros momentos de amor esperançoso.

Hetty não desviou os olhos; o rubor diminuía, e fitou-o com uma tristeza silenciosa, o que contentou Adam, porque era tão diferente de tudo que vira nela antes.

— Não tem muito mais groselhas *pra* colher — disse ela —, logo termino.

— Vou te ajudar — disse Adam; e pegou o grande cesto, que estava quase cheio de groselhas, e o colocou perto deles.

Nenhuma palavra mais foi dita enquanto colhiam as groselhas. O coração de Adam estava muito cheio para falar, e pensou que Hetty sabia tudo o que estava nele. Afinal, não era indiferente à sua presença; ruborizou quando o viu, e então houve aquele toque de tristeza que certamente deveria significar amor, uma vez que era o oposto de seus modos habituais, que muitas vezes causaram a impressão de indiferença. E pôde olhá-la a todo momento enquanto se inclinava sobre as frutas, ao mesmo tempo em que os raios de sol da tarde penetravam pelos grossos ramos da macieira e pousavam em sua bochecha e pescoço redondos como se eles também estivessem apaixonados. Foi para Adam o momento em que um homem jamais poderia esquecer durante a vida; no seu caso, o momento em que ele acreditava que a primeira mulher que já amara na vida revelara, por uma coisa insignificante – uma palavra, um tom, um olhar, o tremor de um lábio ou de uma pálpebra – que ela estava pelo menos começando a amá-lo de volta. O sinal era insignificante, dificilmente perceptível aos ouvidos ou aos olhos – não poderia descrevê-lo a ninguém – como um mero toque de uma pena, ainda assim parecia ter mudado todo o seu ser, por ter fundido um desejo inquieto em uma deliciosa inconsciência de tudo, exceto do momento presente. Grande parte de nossas primeiras alegrias desaparece totalmente da memória: nunca nos lembramos da alegria com que colocamos a cabeça no seio da mãe ou cavalgamos nas costas do pai na infância. Sem dúvida, essa alegria é forjada em nossa natureza, como a luz do sol das manhãs há muito passadas é forjada na suave maturação do damasco, mas se fora para sempre de nossa lembrança, e só podemos acreditar na alegria da infância. Mas o primeiro momento de alegria no primeiro amor é uma visão que retorna para nós no final, trazendo consigo uma excitação de sensibilidade intensa e especial, como a sensação recorrente de um aroma doce respirado em uma hora distante de felicidade. É uma memória que dá um toque mais requintado à ternura, que alimenta a

loucura do ciúme e acrescenta a última ânsia à agonia do desespero.

Hetty curvada sobre os cachos vermelhos, os raios planos perfurando o biombo de ramos de macieiras, a extensão do jardim cerrado além, sua própria emoção ao olhá-la e acreditar que estava pensando nele, e que não havia necessidade de conversarem – Adam se lembrou de tudo isso até o último momento de sua vida.

E Hetty? Você sabe muito bem que Adam estava enganado a respeito dela. Como muitos outros homens, achava que os sinais de amor por outro eram sinais de amor por ele. Quando Adam se aproximou sem ser visto, ela estava absorta como de costume pensando e imaginando sobre o possível retorno de Arthur. O som dos passos de qualquer homem a teria afetado da mesma maneira – teria sentido que poderia ser Arthur antes que tivesse tempo de ver, e o sangue que abandonou o rosto na agitação daquela sensação momentânea teria voltado novamente à visão de qualquer outra pessoa tanto quanto à visão de Adam. Ele não estava errado em pensar que uma mudança ocorrera em Hetty: os anseios e os medos de uma primeira paixão, com a qual ela estremecia, tornaram-se mais fortes do que a vaidade, deram-lhe pela primeira vez aquela sensação de dependência indefesa do sentimento alheio, que desperta a feminilidade apegada e depreciativa mesmo na garota mais superficial que possa experimentá-la, e cria nela uma sensibilidade à bondade antes bastante difícil. Pela primeira vez, Hetty sentiu que havia algo reconfortante na ternura tímida, mas viril de Adam. Queria ser tratada com amor – oh, era muito difícil suportar esse vazio da ausência, silêncio, aparente indiferença, depois daqueles momentos de amor ardente! Não temia que Adam a provocasse com discursos e cortejos lisonjeiros como os outros admiradores; sempre fora tão reservado; podia desfrutar sem nenhum medo a sensação de que esse homem forte e corajoso a amava e estava perto dela. Nunca lhe passou pela cabeça que Adam também fosse digno de pena – que Adam também sofreria um dia.

Hetty, sabemos, não foi a primeira mulher que se comportara mais gentilmente com o homem que a amava em vão porque ela mesma começara a amar outro. Era uma velha história, mas Adam não sabia

nada a respeito disso, então se embebedou na doce ilusão.

— É o suficiente — disse Hetty, depois de um tempo. — A tia quer que eu deixe um pouco nas árvores. Vou levar *pra* ela agora.

— Ainda bem que vim carregar a cesta — disse Adam —, pois ia ser muito pesada para seus bracinhos.

— Não; eu podia ter carregado com as duas mãos.

— Oh, suponho que sim — disse Adam, sorrindo —, e ia entrar na casa que nem uma formiguinha carregando uma lagarta. Já viu essas camaradinhas carregando coisas quatro vezes maiores do que elas?

— Não — disse Hetty, indiferente, não se importando em conhecer as dificuldades da vida das formigas.

— Oh, eu costumava observar *elas* bastante quando era menino. Mas agora, veja, posso carregar a cesta com um braço só, como se fosse uma casca de noz vazia, e te dar o outro braço para se apoiar. Aceita? Braço tão grande como o meu foi feito *pra* bracinho como o seu se apoiar.

Hetty sorriu fracamente e colocou o braço em volta do dele. Adam olhou para ela, mas os olhos dela estavam voltados sonhadores para outro canto do jardim.

— Já *teve* em Eagledale? — disse ela, enquanto caminhavam devagar.

— Sim — disse Adam, satisfeito por lhe fazer uma pergunta sobre ele. — Dez anos atrás, quando era menino, fui com meu pai ver algum trabalho lá. É uma vista maravilhosa, rochas e cavernas como nunca se viu na vida! Nunca tive uma noção certa de rochas até ir *pra* lá.

— Quanto tempo levou *pra* chegar lá?

— Ora, levou uns dois dias de caminhada. Mas não dá um dia de viagem *pra* quem tiver um cavalo de primeira. O capitão vai chegar em nove ou dez horas, tenho certeza, ele é um cavaleiro. E me pergunto se ele não vai voltar amanhã; é bem ativo *pra* descansar por muito tempo naquele lugar solitário, sozinho, pois não tem nada além de uma estalagem naquela parte em que foi pescar. Gostaria que ele tivesse a propriedade em mãos; isso ia ser a coisa certa *pra* ele, pois ia ter muita coisa *pra* fazer, e ia fazer bem também, por ser tão jovem; tem melhores noções das coisas do que muitos homens com o dobro

da idade dele. Ele falou muito bonito comigo outro dia sobre me emprestar dinheiro *pra* montar meu negócio; e se isso acontecer, prefiro dever *pra* ele do que *pra* qualquer homem no mundo.

O pobre Adam foi levado a falar sobre Arthur porque achou que Hetty ficaria feliz em saber que o jovem fidalgo estava pronto para favorecê-lo; o fato penetrou em suas perspectivas futuras, as quais gostaria que parecessem promissoras aos olhos dela. E era verdade que Hetty ouvia com um interesse que trouxe uma nova luz aos olhos e um meio sorriso aos lábios.

— Como as rosas estão bonitas! — continuou Adam, parando para olhá-las. — Veja! Roubei a mais bonita, mas não pretendo ficar com ela. Acho que essas que são todas cor-de-rosa e têm folhas verdes mais finas são mais bonitas do que as listradas, não acha?

Ele pousou a cesta e tirou a rosa da lapela.

— Cheira muito bem — disse ele —, aquelas listradas não têm cheiro. Enfie no seu vestido, e depois pode colocar ela na água. Ia ser uma pena *deixar ela* murchar.

Hetty pegou a rosa, sorrindo ao fazê-lo com o pensamento agradável de que Arthur poderia voltar logo se quisesse. Houve um lampejo de esperança e felicidade em sua mente e, com um súbito impulso de alegria, fez o que costumava fazer antes – prendeu a rosa no cabelo um pouco acima da orelha esquerda. A admiração terna no rosto de Adam foi ligeiramente obscurecida pela relutante desaprovação. O amor de Hetty por adornos era exatamente a coisa que mais afrontaria a sua mãe, e ele mesmo não gostava disso, tanto quanto fosse possível não gostar de algo que pertencesse a ela.

— Ah — disse ele —, que nem as damas das pinturas da reserva de caça; a maioria tem flores, penas ou coisas douradas no cabelo, mas de algum jeito não gosto de *ver elas*, sempre me fazem pensar nas mulheres pintadas do lado de fora das exposições na feira de Treddleston. O que uma mulher pode ter *pra* se destacar mais do que o próprio cabelo, quando ele é assim encaracolado, como o seu? Se uma mulher é jovem e bonita, acho que a gente pode ver melhor sua boa aparência se *tiver* vestida de forma simples. Ora, Dinah Morris é muito bonita, apesar de usar uma touca e um vestido tão simples. Me parece

que o rosto de uma mulher não precisa de flor; é quase como uma flor ele mesmo. Tenho certeza que o seu é.

— Oh, muito bem — disse Hetty, fazendo um beicinho brincalhão, tirando a rosa do cabelo. — Vou colocar uma das toucas de Dinah quando a gente entrar, e vai ver se eu fico melhor. Ela deixou uma *pra* eu tirar o molde.

— Não, não quero que use uma touca metodista igual a de Dinah. Diria que é uma touca muito feia, e costumava pensar quando a via aqui que era bobagem ela se vestir diferente das outras pessoas; mas nunca tinha reparado nela até que veio ver minha mãe na semana passada, e então pensei que a touca parecia se encaixar em seu rosto de alguma forma como a base da bolota do carvalho se encaixa nela, talvez não ficasse tão bonita sem ela. Mas *cê* tem outro tipo de rosto; prefiro exatamente como *tá* agora, sem nada que interfira na sua aparência. É como quando um homem *tá* cantando uma boa música — a gente não quer ouvir sinos tocando e interferindo no som.

Ele pegou o braço dela e o colocou em volta do dele outra vez, olhando-a com carinho. Temia que ela pensasse que a repreendera, imaginando, como costumamos fazer, que ela percebera todos os pensamentos que apenas expressara pela metade. E o que mais receava era que alguma nuvem aparecesse sobre a felicidade desta tarde. Por nada no mundo falaria de seu amor por Hetty ainda, até que essa amabilidade inicial para com ele se tornasse um amor inconfundível. Em sua imaginação, via longos anos de vida futura se estendendo à frente, abençoado com o direito de chamar Hetty de sua: poderia se contentar com muito pouco no momento. Então pegou a cesta de groselhas mais uma vez, e foram em direção à casa da fazenda.

A cena mudara bastante na meia hora em que Adam esteve no jardim. O pátio estava cheio de vida agora: Marty conduzia os gansos ruidosos pelo portão e os provocava perversamente assobiando; a porta do celeiro gemia nas dobradiças enquanto Alick a fechava, depois de distribuir os cereais; os cavalos estavam sendo levados para beber água, em meio a muitos latidos de todos os três cães e muitas “chicotadelas” de Tim, o lavrador, como se os animais pesados que

abaixavam as cabeças mansas e inteligentes, e levantavam as patas peludas com tanta deliberação, corressem sem controle em todas as direções, menos à direita. Todos haviam voltado do prado; e quando Hetty e Adam entraram na casa, Mr. Poyser estava sentado na cadeira de canto, e o avô na grande poltrona em frente olhando com agradável expectativa enquanto o jantar estava sendo servido na mesa de carvalho. Mrs. Poyser colocara a toalha – uma toalha feita de linho caseiro com um padrão xadrez distinto de um tom marrom-claro agradável, como todas as donas de casa sensatas gostam de ver – nada de “trapos” branqueados que se desgastariam em pouco tempo, mas um bom tecido caseiro que duraria duas gerações. A vitela fria, as alfaces frescas e o lombo recheado deviam muito bem parecer tentadores aos homens famintos que almoçavam às doze e meia. Na grande mesa encostada à parede havia pratos de estanho brilhante, colheres e latas, prontos para Alick e seus companheiros; pois o mestre e os criados jantavam não muito longe um do outro; o que era ainda mais aprazível, porque se uma observação sobre o trabalho de amanhã de manhã ocorresse a Mr. Poyser, Alick estaria à disposição para ouvi-la.

— Bem, Adam, tô feliz em te ver — disse Mr. Poyser. — O quê?! Ajudou Hetty a *trazê* as *groselha*, é? Venha, *sente, sente*. Ora, faz quase três *semana* desde que jantou com a gente, e a patroa fez o seu famoso lombo recheado. Tô feliz que veio!

— Hetty — disse Mrs. Poyser, enquanto olhava para a cesta de groselhas para ver se as frutas estavam boas —, corre lá *pra* cima e mande Molly *descê*. Ela *tá* colocando Totty na cama, e quero que ela sirva a cerveja, pois Nancy ainda *tá* ocupada na leiteria. *Cê* pode *cuidá* da criança. Mas por que raios *cê* deixou ela *fugí* junto com Tommy e se *empanturrá* de fruta, e agora *num* vai *comê* comida de verdade?

Isso foi dito em um tom mais baixo do que o habitual, enquanto o marido falava com Adam; pois Mrs. Poyser era rigorosa em aderir às próprias regras de decoro, e considerava que uma jovem não deveria ser tratada com severidade na presença de um homem respeitável que a cortejava. Isso não seria justo: toda mulher tinha a sua vez de ser jovem e ter chances de se casar, o que era uma questão de honra para

outras mulheres não as estragar – assim como uma comerciante que já vendeu todos os seus ovos não deve tentar impedir outro de vender os seus.

Hetty se apressou para o andar de cima, não encontrando facilmente uma resposta para a pergunta da tia, e Mrs. Poyser saiu para ver Marty e Tommy e trazê-los para jantar.

Logo estavam todos sentados – os dois rapazes rosados, um de cada lado da mãe pálida, deixando um lugar para Hetty entre Adam e o tio. Alick também entrou e estava sentado no canto mais distante, comendo favas frias de um grande prato com seu canivete, e encontrando nelas um sabor que não trocaria pelo melhor abacaxi.

— Mas que demora *pra* menina *trazê* a cerveja! — disse Mrs. Poyser, enquanto distribuía as fatias de lombo recheado. — Acho que ela bota o jarro embaixo e esquece de *abrir* a torneira, *num dá pra acreditar* nessas *moça*: coloca a chaleira vazia no fogo vem uma hora depois *pra* ver se a água ferveu.

— Ela *tá* servindo *pros* *homem* também — disse Mr. Poyser. — Devia ter dito *pra* *trazê* nosso jarro primeiro.

— Dito? — disse Mrs. Poyser. — Sim, eu ia muito bem *gastá* todo o folego dos *bofe* se fosse *avisá* tudo que tem que *fazê* e *num* são *esperta* o bastante *pra* *sabê*. Mr. Bede, aceita vinagre na alface? Tem direito de *num querê*. Acho que estraga o sabor do lombo. É ruim quando o sabor da carne fica misturado com vinagre. Tem gente que faz manteiga ruim e conta com o sal *pra* *disfarçá*.

A atenção de Mrs. Poyser foi aqui desviada pela aparição de Molly, carregando um jarro grande, duas canecas pequenas e quatro canecos, todos cheios de cerveja – um exemplo interessante do poder preênsil contido na mão humana. A boca da pobre Molly estava mais aberta do que o normal, enquanto caminhava com os olhos fixos no duplo conjunto de recipientes nas mãos, bastante inocente da expressão dos olhos de sua senhora.

— Molly, nunca vi menina igual – *pensá* que sua pobre mãe é viúva, e eu te acolhi e *cê num* sabia *fazê* nada, e toda hora falo *pra*...

Molly não vira o relâmpago, e o trovão sacudiu seus nervos ainda mais por falta dessa preparação. Com uma vaga sensação de alarme de

que deveria se comportar de forma diferente, apressou o passo um pouco em direção à mesa distante, onde poderia colocar os canecos – prendeu o pé no avental, que se desatara, e caiu com um estrondo e um mergulho numa poça de cerveja; em seguida de uma explosão risonha de Marty e Tommy, e um sério “Eita!” de Mr. Poyser, que viu seu chope ser infelizmente adiado.

— *Taí!* — retomou Mrs. Poyser, em um tom cortante, enquanto se levantava e se dirigia ao armário, ao mesmo tempo em que Molly começava a pegar os fragmentos de cerâmica. — É o que eu te disse várias *vez* que ia *acontecê*; lá se foi seu salário do *mês*, e até mais, *pra* *pagá* por esse jarro que já tenho há dez *ano*, e que *num* tinha acontecido nada com ele antes; mas a louça que *cê* quebrou desde que veio *pra* cá ia *fazê* um reitor *blasfemá* – Deus me perdoe por *dizê* isso – e se fosse algo fervendo ia ser a mesma coisa, ia ter se escaldado e ficado deformada *pro* resto da vida, o que *num* tem como *sabê* se isso *num* vai *acontecê* se *continuá* assim; porque qualquer um ia *achá* que tem a dança de São Vito^[114] vendo as *coisa* que derruba. É uma pena que *num* juntei todos os *pedaço* *pra* *cê* ver, apesar que *num* ia *fazê* diferença – qualquer um ia *pensá* que já *tá* calejada.

As lágrimas da pobre Molly caíam rapidamente a essa altura, e desesperada com o movimento contínuo do fluxo de cerveja em direção às pernas de Alick, transformou o avental em um esfregão, enquanto Mrs. Poyser, abrindo o armário, lançou-lhe um olhar de maldição.

— Ah — continuou ela —, *num* adianta *chorá* e *molhá* mais o chão. É tudo teimosia sua, como eu digo, pois ninguém quebra nada se trabalha direito. Mas gente aferrada só pode *manuseá* coisa de ferro. E tenho que *pegá* o jarro marrom e branco, já que foi usado só três *vez* este *ano*, *descê* na adega eu mesma e provavelmente *ficá* doente e de cama com inflamação...

Mrs. Poyser retornara do armário com o jarro marrom e branco na mão, quando avistou algo do outro lado da cozinha; talvez fosse porque já estava tremendo e nervosa que a aparição teve um efeito tão forte nela; talvez a quebra de um jarro, como outros crimes, tivesse uma influência contagiosa. Seja como for, olhou e se sobressaltou

como uma clarividente, e o precioso jarro marrom e branco caiu no chão, separando-se para sempre do bico e da alça.

— Alguém já viu algo parecido? — disse ela, com um tom repentinamente baixo, depois de um momentâneo olhar perplexo ao redor da sala. — Os *jarro tá enfeitado*, acho. São aquelas *maldita* alça esmaltada — desliza pelo dedo que nem caracol.

— Ora, foi acertada pelo próprio chicote — disse o marido, que agora se juntou ao riso dos jovens.

— É muito engraçado *assistí* e dar risada — retomou Mrs. Poyser —, mas tem hora que a louça parece viva e voa da mão que nem pássaro. Parece vidro, às *vez*, quebra do nada. O que for *pra quebrá vai quebrá*, pois nunca deixei *caí* uma coisa que tivesse segurado direito, senão *num* ia ter as *louça* do casamento. E Hetty, *tá* louca? Quer o quê descendo assim e fazendo a gente *pensá* que tem um fantasma andando na casa?

Um novo surto de riso, enquanto Mrs. Poyser falava, foi causado, não por sua súbita conversão a uma visão fatalista sobre quebra de jarros, mas por aquela estranha aparição de Hetty, que assustara a tia. A pequena atrevida encontrara um vestido preto da tia e o prendeu em volta do pescoço para parecer com o de Dinah, ajeitara o cabelo o mais liso que pôde e amarrara uma das toucas altas e sem bordas de Dinah. A lembrança do rosto pálido e sério de Dinah e dos olhos cinzentos suaves, que a visão do vestido e da touca trouxera, tornou-se uma surpresa risível ao vê-los substituídos pelas redondas bochechas rosadas e coquetes olhos escuros de Hetty. Os meninos se levantaram das cadeiras e pularam em volta dela, batendo palmas, e até Alick deu uma risada baixa e ventral quando ergueu os olhos das favas. Acobertada pelo barulho, Mrs. Poyser foi até a copa para mandar Nancy à adega com a grande vasilha de estanho, que tinha alguma chance de estar livre de feitiços.

— Ora, Hetty, menina, virou metodista? — disse Mr. Poyser, com aquele prazer lento e confortável de uma risada que só se encontra em pessoas robustas. — Tem que *ficá* com a cara mais fina antes; né, Adam? Por que veste essas *coisa*, hein?

— Adam disse que gostava mais da touca e do vestido de Dinah do

que das minhas roupas — disse Hetty, sentando-se recatadamente. — Ele disse que as pessoas ficam melhor com roupas feias.

— Não, não — disse Adam, olhando para ela com admiração —; só disse que combina com Dinah. Mas se eu tivesse dito que *cê* fica bonita assim, não ia ter dito nada além da verdade.

— Ora, pensou que Hetty fosse um fantasma, né? — disse Mr. Poyser à esposa, que agora voltou e se sentou outra vez. — Ficou um bocado assustada.

— Pouco importa como fiquei — disse Mrs. Poyser —; isso *num* conserta jarro, e nem risada ajuda, pelo que vejo. Mr. Bede, sinto muito que tenha que *esperá* tanto pela cerveja, mas *tá* chegando num minuto. Fica à vontade *pra* se *serví* de batata: sei que gosta. Tommy, vou te *mandá pra* cama agora, se *num pará* de dar risada. Qual é a graça, posso *sabê*? É mais fácil *chorá* do que dar risada vendo a touca daquela coitada; e ia ser melhor se as *pessoa* fosse mais parecida com ela do que só *botá* a touca dela. Adianta nada *tirá* sarro da filha da minha irmã, ela acabou de ir embora, e doeu meu coração me *despedí* dela. E sei que se algum problema acontecesse e eu ficasse de cama, as *criança* tivesse *pra* *morrê* — *num* tem como *sabê* o que pode *acontecê* — a morrinha atacasse o gado de novo, e tudo fosse uma completa ruína, digo que a gente tinha que *agradecê* se visse a touca de Dinah de novo, em volta do rosto dela, touca com borda ou sem borda. Pois ela é o que é mais radiante *num* dia de chuva, e que mais te ama quando *cê* mais precisa.

Mrs. Poyser, como percebe, estava ciente de que nada seria mais apropriado para expulsar o cômico do que o terrível. Tommy, que tinha uma disposição suscetível e gostava muito da mãe, e que, além disso, comera tantas cerejas a ponto de ter os sentimentos menos controlados do que de costume, ficou tão afetado pela terrível imagem que ela fizera do possível futuro que começou a chorar; e o pai bem-humorado, indulgente com todas as fraquezas, exceto as de agricultores negligentes, disse a Hetty:

— É melhor *guardá* essas *coisa* de novo, minha menina; magoa a sua tia *olhá pra* elas.

Hetty subiu novamente, e a chegada da cerveja causou uma

distração agradável; pois Adam teve que dar sua opinião sobre o novo chope, que não poderia ser outra senão lisonjeira a Mrs. Poyser; e depois seguiu uma discussão sobre os segredos da boa fabricação de cerveja, a loucura da mesquinhez em adicionar lúpulo e a economia duvidosa de um agricultor que produz o próprio malte. Mrs. Poyser teve tantas oportunidades de se expressar com relevância sobre esses assuntos, que quando o jantar estava terminado, a jarra de cerveja recarregada e o cachimbo de Mr. Poyser acendido, ela já estava mais uma vez de muito bom humor e pronta, a pedido de Adam, para buscar a roca quebrada para inspeção.

— Ah — disse Adam, olhando para ela com cuidado —, precisa tornear um pouco. É uma bela roca. Vou precisar levar *pra* oficina e consertar lá, pois não dá *pra* tornear em casa. Se mandar *pra* oficina de Mr. Burge pela manhã, deixo pronta até quarta-feira. Tenho pensado nisso — continuou ele, olhando para Mr. Poyser — deixar minha casa mais conveniente *pra* trabalhos delicados de marcenaria. Sempre faço isso nas horas vagas, e é lucrativo, pois precisa de mais mão de obra do que de material. Tenho em vista começar com Seth um pequeno negócio próprio assim, pois conheço um homem em Rosseter que aceitaria tudo que a gente fizesse, além dos pedidos que a gente podia conseguir nas redondezas.

Mr. Poyser mostrou interesse no projeto que parecia ser um passo para que Adam se tornasse um “mestre”, e Mrs. Poyser deu sua aprovação à proposta do armário móvel da cozinha, que deveria ser capaz de conter mantimentos, conservas, louças e roupas de mesa na máxima compacidade sem desordem. Hetty, agora com o próprio vestido, com o lenço de pescoço um pouco mais folgado naquela noite quente, estava sentada escolhendo groselhas perto da janela, onde Adam podia vê-la muito bem. E assim o tempo passou agradavelmente até que Adam se levantou para ir embora. Foi pressionado a voltar em breve, mas não para ficar mais tempo, pois nesse período movimentado, as pessoas sensatas não correriam o risco de ficar com sono ao acordar às cinco da manhã.

— Vou andar mais um pouco — disse Adam — e visitar mestre Massey, pois não estava na igreja ontem e não *vejo ele* faz uma

semana. Nunca *vi ele* deixar de ir à igreja antes.

— Sim — disse Mr. Poyser —, a gente *num tá* sabendo nada sobre ele, pois os *menino tão* de férias agora, então a gente *num* tem notícia.

— Mas *num tá* pensando em ir lá a essa hora da noite? — disse Mrs. Poyser, dobrando seu tricô.

— Oh, mestre Massey fica acordado até tarde — disse Adam. — E a escola noturna ainda não fechou. Alguns alunos chegam tarde – têm um longo caminho *pra* andar. E o próprio Bartle nunca vai *pra* cama antes das onze.

— *Num ia gostá* que ele vivesse comigo, então — disse Mrs. Poyser —, uma gota duma vela deixada por aí pode te *fazê escorregá* de manhã;

— Sim, onze *hora* é tarde – é tarde — disse o velho Martin. — Nunca na minha vida fui *pra* cama a essa hora, só quando tinha um casório, batizado, velório, ou banquete da colheita. Onze *hora* é tarde.

— Ora, fico acordado até depois da meia-noite muitas vezes — disse Adam, rindo —, mas não é *pra* comer e beber mais, é *pra* trabalhar mais. Boa noite, Mrs. Poyser; boa noite, Hetty.

Hetty só conseguia sorrir e não lhe deu as mãos, pois as dela estavam tingidas e úmidas de suco de groselha; mas todos os outros sacudiram vigorosamente a grande palma que lhes era estendida e disseram: “Volte sempre, volte sempre!”

— Sim, imagine isso — disse Mr. Poyser, quando Adam estava na calçada. — *Ficá* até depois da meia-noite *pra trabalhá* mais! *Cê num* vai *encontrá* muitos *homem* de vinte e seis *ano* que se compare a ele. Se *pudé arranjá* Adam como marido, Hetty, vai *andá* na sua própria charrete um dia, garanto.

Hetty atravessava a cozinha com as groselhas, então o tio não viu a pequena sacudida de cabeça com a qual ela lhe respondeu. Andar em uma charrete lhe parecia agora uma sina de fato muito miserável.

Capítulo XXI

A Escola Noturna e o Mestre-Escola

A casa de Bartle Massey era uma das poucas espalhadas à beira de uma área comunitária, que era dividida pela estrada para Treddleston. Adam a alcançou em quinze minutos depois de deixar a fazenda Hall; e quando estava com a mão no trinco da porta, pôde ver, através da janela sem cortina, que havia oito ou nove cabeças debruçadas sobre as carteiras, iluminadas por luzes fracas.

Quando entrou, uma aula de leitura acontecia e Bartle Massey apenas acenou com a cabeça, deixando-o se sentar onde quisesse. Não viera por causa da aula nessa noite, e sua mente estava muito cheia de assuntos pessoais, muito cheia das últimas duas horas que passara na presença de Hetty, para que se divertisse com um livro até que a aula terminasse; então se sentou em um canto e observou com a mente distraída. Era uma espécie de cena que Adam vira quase semanalmente por anos; conhecia de cor cada floreio de arabesco no exemplar emoldurado da caligrafia de Bartle Massey suspenso acima da cabeça do mestre-escola, a fim de manter um ideal elevado diante das mentes dos alunos; conhecia as lombadas de todos os livros na prateleira que se estendia ao longo da parede caiada acima dos pinos para pendurar as lousas; sabia exatamente quantos grãos foram retirados da espiga de milho indiano que pendia de uma das vigas; havia há muito tempo esgotado os recursos da imaginação ao tentar pensar como o punhado de algas marinhas teria aparecido e crescido em seu ambiente nativo; e do lugar onde estava sentado, não conseguia distinguir nada do velho mapa da Inglaterra que estava pendurado na parede oposta, pois o tempo o transformara em um belo marrom-amarelado, algo como um cachimbo de *meerschaum*. O drama que estava acontecendo era quase tão familiar quanto à cena, todavia, o hábito não o tornara indiferente a ele, e mesmo em seu atual humor ensimesmado, Adam sentiu uma agitação momentânea da antiga solidariedade, enquanto olhava para os homens rudes que

penosamente seguravam penas ou lápis com caligrafias ilegíveis, ou trabalhando humildemente na lição de leitura.

A classe de leitura agora sentada em série em frente à mesa do mestre-escola era composta pelos três alunos mais atrasados. Adam percebia isso apenas vendo o rosto de Bartle Massey enquanto olhava por cima de seus óculos, que ele deslocara para a ponta do nariz, não os necessitando para os propósitos atuais. O rosto tinha sua expressão mais suave: as sobrancelhas grisalhas e espessas haviam tomado o ângulo mais agudo de bondade compassiva, e a boca, habitualmente comprimida em um beicinho do lábio inferior, estava relaxada e pronta para falar uma palavra ou sílaba útil em um momento. Essa expressão gentil era tanto mais interessante porque o nariz do mestre-escola, um tipo aquilino irregular torcido um pouco de lado, tinha um caráter bastante formidável; e a testa, além disso, tinha aquela tensão peculiar que sempre impressiona como sinal de um temperamento aguçado e impaciente: as veias azuis se destacavam como cordas sob a pele amarela transparente, e essa testa intimidadora era suavizada por nenhuma tendência à calvície, pois os eriçados cabelos grisalhos, cortados até cerca de dois centímetros de comprimento, estavam ao redor dela em fileiras tão próximas quanto possível.

— Não, Bill, não — Bartle dizia em um tom gentil, enquanto acenava com a cabeça para Adam —, comece isso de novo, e então, talvez, perceba como se soletra s-e-c-o-s. É a mesma lição que leu na semana passada, sabe.

“Bill” era um camarada vigoroso, de vinte e quatro anos, um excelente cortador de pedra, que podia receber um salário tão bom quanto qualquer homem no ofício de sua idade; mas achava uma lição de leitura das sílabas um assunto mais difícil de lidar do que a pedra mais dura que já tivera que cortar. “As letras”, reclamava, são tão “estranhamente *igual*, *num* tem como *diferenciá* uma da outra”, o ofício de cortador não se preocupava com diferenças mínimas, como existem entre uma letra com a perna virada para cima e uma com a perna virada para baixo. Mas Bill tinha uma firme determinação de que aprenderia a ler, fundamentada principalmente em duas razões: primeiro, que Tom Hazelow, seu primo, poderia ler qualquer coisa “de

imediato”, fosse impressa ou escrita, e Tom lhe escrevera uma carta a trinta quilômetros de distância, dizendo como estava prosperando no mundo e tinha conseguido um posto de supervisor; em segundo lugar, que Sam Phillips, que trabalhava com ele, aprendera a ler quando completara vinte anos, e o que era possível para um camaradinho como Sam Phillips, Bill considerou, seria possível para ele, visto que conseguiria derrubar Sam na lama se as circunstâncias o exigissem. Assim, aqui estava ele, apontando o dedo grande para três palavras de uma vez, e virando a cabeça de lado para que pudesse manter melhor o olho na única palavra que deveria ser discernida do grupo. A quantidade de conhecimento que Bartle Massey deveria possuir era algo tão obscuro e vasto que a imaginação de Bill recuava diante disso: dificilmente ousaria negar que o mestre-escola poderia ter algo a ver com o retorno regular da luz do dia e as mudanças no clima.

O homem sentado ao lado de Bill era de um tipo muito diferente: era um oleiro metodista que, depois de passar trinta anos da vida em perfeita satisfação com a ignorância, tinha ultimamente “arrumado uma religião”, e junto com ela o desejo de ler a Bíblia. Mas para ele, também, aprender era um ofício difícil e, ao sair nessa noite, oferecera, como de costume, uma oração especial por ajuda, visto que havia empreendido nessa árdua tarefa com o único objetivo de alimentar sua alma – para que pudesse ter uma maior abundância de textos e hinos com os quais banisse as más lembranças e as tentações do velho hábito – ou, em poucas palavras, o diabo. Pois o oleiro fora um notório larápio, e era suspeito, embora não houvesse provas contra ele, de ser o homem que atirara na perna de um guarda-caça vizinho. No entanto, é certo que logo após o acidente mencionado, que coincidiu com a chegada de um pregador metodista em Treddleston, uma grande mudança foi observada no oleiro; e, embora ainda fosse conhecido na vizinhança pelo antigo apelido de “Brimstone”^[115], não havia nada que tivesse mais horror do que quaisquer outras transações com esse elemento malcheiroso. Ele era um camarada de peito largo com um temperamento fervoroso, o que o ajudava melhor na assimilação das ideias religiosas do que no processo árido de adquirir o mero conhecimento humano do alfabeto. De fato, já fora um pouco

abalado em sua resolução por um irmão metodista, que lhe assegurou que a letra era uma mera obstrução ao Espírito, e expressou o medo de que Brimstone estivesse ansioso demais pelo conhecimento que leva à soberba.

O terceiro iniciante era um aluno muito mais promissor. Era um homem alto, mas magro e forte, quase da mesma idade de Brimstone, com um rosto muito pálido e mãos manchadas de um azul profundo. Era um tintureiro que, enquanto mergulhava lã caseira e anáguas de senhoras, fora despedido com a ambição de aprender muito mais sobre os estranhos segredos da cor. Já tinha uma grande reputação no distrito por seus corantes, e estava empenhado em descobrir algum método pelo qual pudesse reduzir as despesas com carmesins e escarlates. O farmacêutico de Treddleston lhe dera a noção de que poderia economizar uma boa dose de trabalho e despesas se aprendesse a ler, e assim ele começou a dedicar as horas livres à escola noturna, resolvendo que seu “rapazinho” não perderia tempo e frequentaria a escola diurna de Mr. Massey assim que tivesse idade suficiente.

Era comovente ver esses três homens grandes, com as marcas do trabalho duro, ansiosos e curvados sobre os livros desgastados e penosamente a balbuciar: “A grama é verde”, “Os galhos são secos”, “O cereal está maduro” – uma lição muito difícil de passar depois de colunas de palavras únicas, todas iguais, exceto na primeira letra. Era quase como se três animais rudes estivessem fazendo humildes esforços para aprender como poderiam se tornar humanos. E isso tocou a fibra mais tenra da natureza de Bartle Massey, pois meninos tão crescidos como aqueles eram os únicos pupilos para os quais não tinha epítetos severos nem tom impaciente. Não era dotado de um temperamento imperturbável e, em noites de música, era evidente que a paciência nunca poderia lhe ser uma virtude fácil; mas nessa noite, enquanto olhava por cima dos óculos para Bill Downes, o cortador, que virava a cabeça de lado com uma sensação desesperada de vazio diante das letras s-e-c-o-s, seus olhos irradiavam a luz mais suave e encorajadora.

Após a aula de leitura, dois jovens entre dezesseis e dezenove anos

vieram com contas hipotéticas de encomendas, que haviam escrito em suas lousinhas e agora eram obrigados a calcular “de improviso” – um teste que fizeram com tão imperfeito sucesso que Bartle Massey, cujos olhos os encaravam ameaçadoramente através dos óculos por alguns minutos, finalmente irrompeu em um tom amargo e agudo, pausando entre cada frase para bater no chão com uma bengala que descansava entre as pernas.

— Ora essa, vejam, não estão fazendo contas melhor do que fizeram há duas semanas, e vou dizer qual é o motivo. Querem aprender a calcular – isso é muito bom. Mas acham que tudo o que precisam fazer para aprender a calcular é vir até aqui e fazer somas por uma hora ou mais, duas ou três vezes por semana; e assim que colocam os chapéus e saem por esta porta, varrem a coisa toda da mente. Saem assobiando e não tomam mais cuidado com o que pensam, como se suas cabeças fossem sarjetas a tragar qualquer porcaria que encontrar no caminho; e se tiverem uma boa noção dentro delas, logo vai ser apagada. Acham que o conhecimento deve ser barato – que podem vir e pagar a Bartle Massey uns trocados por semana, e ele vai os tornar inteligentes com os números sem se darem ao trabalho. Mas o conhecimento não se adquire pagando uns trocados, deixe-me dizer. Se quiserem conhecer os números, devem revirá-los nas cabeças e manter os pensamentos fixos neles. Não existe nada que não possam transformar em cálculo, pois não existe nada que não contenha números – até mesmo num tonto. Pode dizer a si mesmo: “Sou um tonto, e Jack é outro; se minha cabeça de tonto pesasse quatro libras e a de Jack três libras, três onças e três quartos, quanto minha cabeça pesaria a mais do que a de Jack?”^[116] Um homem que desejasse de verdade aprender números faria cálculos para si mesmo e os trabalharia na cabeça. Quando se sentasse em sua sapateira, contaria os pontos por cinco, então, colocaria um preço neles, digamos meia moedinha, então veria quanto dinheiro poderia receber em uma hora; então se perguntaria quanto dinheiro receberia em um dia a esse valor; e, então quanto dez trabalhadores conseguiriam trabalhar três, vinte ou cem anos a esse valor – e o tempo todo sua agulha moveria tão rápido quanto se deixasse a

cabeça vazia para o diabo dançar nela. Mas o resumo disso é – que não vou aceitar ninguém na minha escola noturna que não se esforce para aprender o que vem aprender, tão arduamente quanto se tivesse se esforçando para sair de um buraco escuro em plena luz do dia. Não vou mandar nenhum homem embora porque é estúpido: se Billy Taft, o idiota, quisesse aprender alguma coisa, não me recusaria a ensiná-lo. Mas não vou desperdiçar o bom conhecimento em pessoas que pensam que podem obtê-lo por trocados, e levá-lo consigo como se fosse uma pitada de rapé. Assim, nunca mais me procurem, se não puderem mostrar que têm trabalhado com as próprias cabeças, em vez de pensar que podem pagar para que a minha trabalhe por vocês. Essa é a última coisa que tenho para dizer.

Com essa frase final, Bartle Massey bateu no chão mais forte do que nunca com a bengala, e os rapazes desconcertados se levantaram e saíram com um olhar mal-humorado. Os outros alunos tinham felizmente apenas os cadernos para mostrar, em vários estágios de progresso, desde garranchos até escritos redondos; e meros traços de pena, por pior que fossem, eram menos exasperantes a Bartle do que uma falsa aritmética. Foi um pouco mais severo do que o normal com os “Zês” de Jacob Storey, os quais o pobre Jacob escrevera em uma página inteira, todos com os topos virados para o lado errado, com uma sensação confusa de que não estavam certos “de alguma forma”. Mas observou, desculpando-se, que era uma letra que dificilmente se precisava, e achava que estava ali apenas “*pra terminá* o alfabeto, como *ampusand* (&)[117] também fazia, pelo que podia ver”.

Por fim, todos os alunos pegaram os chapéus e deram “boa noite”, e Adam, conhecendo os hábitos do antigo mestre, levantou-se e disse:

— Devo apagar as velas, Mr. Massey?

— Sim, meu garoto, sim, todas menos esta, que vou levar para dentro de casa; e apenas tranque a porta externa, agora que está perto dela — disse Bartle, colocando a bengala no ângulo adequado para ajudá-lo a descer do banquinho. Logo que desceu ao chão, ficou óbvio porque a bengala era necessária – a perna esquerda era muito mais curta que a direita. Mas o mestre-escola era tão ativo com sua claudicação que dificilmente era considerada um infortúnio; e se o

tivesse visto percorrer o chão da sala de aula e subir o degrau para a cozinha, talvez tivesse entendido por que os meninos travessos, às vezes, sentiam que o passo dele poderia ser indefinidamente acelerado e que ele e a bengala poderiam ultrapassá-los mesmo na corrida mais rápida.

No momento em que apareceu na porta da cozinha com a vela na mão, um gemido fraco começou no canto da chaminé, e uma cadela marrom e caramelo daquela raça de aparência sábia com pernas curtas e corpo comprido, conhecida a uma geração convencional como *turnspit*,^[118] veio rastejando pelo chão, abanando a cauda e hesitando a cada passo, como se seus afetos estivessem penosamente divididos entre o cesto no canto da chaminé e o mestre, a quem ela não podia deixar sem uma saudação.

— Bem, Vixen,^[119] então, como estão os bebês? — disse o mestre-escola, apressando-se em direção ao canto da chaminé e segurando a vela sobre o cesto baixo, onde dois filhotes completamente cegos ergueram a cabeça em direção à luz de um ninho de flanela e lã. Vixen nem conseguia ver seu mestre olhar para eles sem uma excitação dolorosa: entrou no cesto e saiu novamente no momento seguinte, e se comportou com verdadeira loucura feminina, embora parecendo o tempo todo tão sábia quanto um anão de cabeça grande e antiquada com o corpo e pernas curtas.

— Ora, vejo que tem uma família, Mr. Massey? — disse Adam, sorrindo, enquanto entrava na cozinha. — Como assim? Pensei que era uma coisa contra a lei por aqui.

— Lei? De que adianta a lei quando um homem já foi tão tonto a ponto de deixar uma mulher entrar na casa? — disse Bartle, afastando-se do cesto com um pouco de amargura. Ele sempre chamara Vixen de mulher e parecia ter perdido toda a consciência de que estava usando uma figura de linguagem.

— Se eu soubesse que Vixen era uma mulher, nunca teria impedido os meninos de afogá-la; mas quando a segurei em minhas mãos, fui forçado a trazê-la. E agora veja o que ela me trouxe – a moçoila astuta e hipócrita — Bartle falou essas últimas palavras em um tom rouco de reprovação e olhou para Vixen, que baixou a cabeça e lhe ergueu os

olhos com uma forte sensação de opróbrio —, deu um jeito de ser trazida para cama num domingo na hora da igreja. Desejei repetidas vezes ter sido um homem de mente sangrenta, que pudesse ter estrangulado a mãe e os pirralhos com uma corda.

— Fico feliz que não tenha sido algo pior que o impediu de ir à igreja — disse Adam. — Temia que estivesse doente pela primeira vez na vida. E fiquei especialmente triste por não te ver na igreja ontem.

— Ah, meu garoto, sei o porquê, sei o porquê — disse Bartle gentilmente, indo até Adam e levantando a mão até o ombro dele que estava quase no nível de sua cabeça. — Tem tido um caminho difícil para superar desde que o vi — um caminho difícil. Mas tenho esperança de que tempos melhores virão para você. Tenho novidades para contar. Mas tenho que jantar primeiro, pois estou com fome, estou com fome. Sente-se, sente-se.

Bartle entrou na pequena despensa e trouxe um excelente pão caseiro; pois era sua única extravagância nesses momentos queridos comer pão uma vez por dia em vez de bolo de aveia; e justificou-o observando que o que um mestre-escola precisava de cérebro, e o bolo de aveia servia apenas para os ossos em vez do cérebro. Então trouxe um pedaço de queijo e um jarro de cerveja com uma coroa de espuma. Colocou tudo na mesa redonda que ficava encostada na grande poltrona no canto da chaminé, com o cesto de Vixen de um lado e uma estante de janela com alguns livros empilhados do outro. A mesa estava tão limpa como se Vixen fosse uma excelente dona de casa de avental xadrez; assim como o chão da pedreira; e a velha cômoda, mesa e cadeiras de carvalho esculpido, que naqueles dias seriam compradas a alto preço nas casas aristocráticas, embora, no período em que pernas de aranha e cupidos embutidos estiveram na moda, Bartle as comprara muito em conta, estavam todas tão livres de poeira quanto as coisas poderiam estar no final de um dia de verão.

— Pois bem, meu garoto, sirva-se, sirva-se. Não falaremos de negócios até jantarmos. Nenhum homem consegue ser sábio de estômago vazio. Mas — disse Bartle, levantando-se da cadeira de novo —, devo dar a Vixen seu jantar também, raios a partam! Embora não faça nada além de alimentar aqueles bebês desnecessários. É assim

que funciona com essas mulheres – não têm cérebro para alimentar, e assim a comida serve para engordar ou então para os pirralhos.

Ele tirou da despensa um prato de sobras, no qual Vixen imediatamente fixou os olhos e pulou do cesto para lambar com a maior rapidez.

— Já jantei, Mr. Massey — disse Adam —, então vou assistir enquanto come. Estive na fazenda Hall, e eles sempre jantam antes do horário, sabe; não ficam acordados até tarde.

— Eu sei pouco sobre o horário deles — disse Bartle secamente, cortando o pão e não separando a crosta. — É uma casa em que raramente entro, embora goste dos meninos, e Martin Poyser seja um bom camarada. Tem muitas mulheres na casa, na minha opinião. Odeio o som de voz de mulher; é sempre um zunido ou um guincho – sempre um zunido ou um guincho. Mrs. Poyser se mantém no topo da conversa como um píforo; e quanto às moças, prefiro observar as larvas d'água. Sei em que elas vão se transformar – em mosquitos que picam, mosquitos que picam. Aqui, tome um pouco de cerveja, meu garoto; servi para você – servi para você.

— Não, Mr. Massey — disse Adam, que levou o capricho do velho amigo mais a sério do que de costume nessa noite —, não seja tão duro com as criaturas que Deus fez *pra* serem nossas companheiras. Um trabalhador ia ficar mal sem uma esposa *pra* cuidar da casa e da comida, e deixar tudo limpo e confortável.

— Bobagem! É a mentira mais tola que um homem sensato como você já acreditou, dizer que uma mulher torna uma casa confortável. É uma história que surgiu porque as mulheres estão aí e se deve encontrar algo para elas fazerem. Eu lhe digo que não existe nada no mundo que precise ser feito, que um homem não possa fazer melhor do que uma mulher, a menos que seja ter filhos, e elas fazem isso de maneira improvisada; era melhor que tivesse sido deixado aos homens – era melhor que tivesse sido deixado aos homens. Eu lhe digo, uma mulher vai assar uma torta para você todas as semanas de sua vida e nunca verá que quanto mais quente o forno, menor o tempo. Eu lhe digo, uma mulher vai fazer seu mingau todos os dias por vinte anos e nunca pensar em medir a proporção entre a farinha e o leite – um

pouco mais ou menos, ela vai pensar, não importa. O mingau *vai* ficar estranho de vez em quando: e se ficar, é culpa da farinha, ou é culpa do leite, ou é culpa da água. Veja! Faço meu próprio pão, e não tem diferença entre uma fornada e outra com o passar dos anos; mas se tivesse qualquer outra mulher além de Vixen em casa, teria que orar ao Senhor a cada cozimento para me dar paciência se o pão ficasse massudo. E quanto à limpeza, minha casa é mais limpa do que qualquer outra casa na área comunitária, embora a metade delas esteja cheia de mulheres. O rapaz de Will Baker vem me ajudar de manhã, e limpamos tanto em uma hora, sem qualquer alvoroço, quanto uma mulher limparia em três, o tempo todo lançando baldes d'água nos seus tornozelos e deixando o guarda-fogo e os atizadores no meio do chão quase o dia todo para você quebrar as canelas. Não me diga que Deus fez tais criaturas para serem nossas companheiras! Eu não digo que Ele possa ter feito com que Eva fosse companheira de Adão no Paraíso – não havia comida para estragar lá, e nenhuma outra mulher para cacarejar e causar prejuízo, embora veja que prejuízo ela causou assim que teve oportunidade. Mas é uma opinião ímpia e não bíblica dizer que uma mulher é uma bênção para um homem agora; também poderia dizer que víboras e vespas, raposas e bestas selvagens são uma bênção, quando são apenas os males próprios desse estado de provação, o que é lícito para um homem se manter o mais longe possível nesta vida, esperando se livrar delas para sempre em outra – esperando se livrar delas para sempre em outra.

Bartle ficara tão animado e zangado durante a invectiva que se esquecera do jantar, e só usou a faca com o propósito de bater na mesa com o cabo. Mas no final, as batidas se tornaram tão agudas e frequentes, e sua voz tão conflituosa, que Vixen sentiu a incumbência de pular do cesto e latir vagamente.

— Quieta, Vixen! — rosnou Bartle, virando-se para ela. — Você é como o resto das mulheres – sempre dando a sua palavra antes de saber o porquê.

Vixen voltou para o cesto de novo, humilhada, e seu mestre continuou o jantar em um silêncio que Adam não quis interromper; sabia que o homem estaria de melhor humor depois de jantar e

acender o cachimbo. Adam estava acostumado a ouvi-lo falar dessa maneira, mas não descobrira muito sobre a vida passada de Bartle a ponto de saber se sua visão de conforto conjugal era baseada em experiência. Nesse ponto, Bartle ficava mudo, e era mesmo um segredo onde vivera antes dos vinte anos em que, felizmente para os camponeses e artesãos desta vizinhança, estabelecera-se entre eles como seu único mestre-escola. Se algo parecido com uma pergunta fosse formulado sobre esse assunto, Bartle sempre respondia: “Ah, eu já vi muitos lugares – já estive bastante no sul”, e os homens de Loamshire teriam pensado logo em perguntar por uma determinada cidade ou aldeia na África ao pensar em “sul”.

— Pois bem, meu garoto — disse Bartle, finalmente, quando serviu a segunda caneca de cerveja e acendeu o cachimbo —, pois bem, vamos ter uma pequena conversa. Mas me diga primeiro, ouviu alguma notícia em particular hoje?

— Não — disse Adam —, não que me lembre.

— Ah, eles vão manter em segredo, vão manter em segredo, suponho. Mas descobri por acaso; e é uma notícia que pode lhe interessar, Adam, senão sou um homem que não distingue um pé quadrado duma jarda quadrada.

Aqui Bartle deu uma série de baforadas ferozes e rápidas, olhando sério para Adam. O homem impaciente e loquaz nunca tivera a menor noção de como manter o cachimbo aceso com baforadas suaves e bem medidas; estava sempre o deixando quase apagar e, em seguida, punindo-o por essa negligência. Por fim, ele disse:

— Satchell teve um derrame paralisante. Descobri isso com o rapaz que mandaram a Treddleston pelo médico, antes das sete desta manhã. Ele tem muito mais que sessenta, sabe; vai ter sorte se superar.

— Bem — disse Adam —, suponho que ia ter mais alegria do que tristeza na paróquia por ele *tá* acamado. Tem sido um camarada egoísta, tagarela e maldoso; mas, afinal, não tem ninguém a quem ele tenha feito tanto mal quanto ao velho fidalgo. Embora seja o próprio fidalgo o culpado – fazendo de um camarada estúpido como aquele uma espécie de faz-tudo, só *pra* economizar as despesas de ter um administrador adequado *pra* cuidar da propriedade. E perdeu mais por

má gestão da floresta, tenho certeza, do que ia pagar por dois administradores. Se ele for dispensado, é de se esperar que se torne um homem melhor, mas não vejo como isso possa fazer alguma diferença *pra* mim.

— Mas eu vejo, mas eu vejo — disse Bartle —, e outros além de mim. O capitão está chegando à maioria agora — sabe disso tão bem quanto eu — e é de se esperar que tenha um pouco mais de voz nos assuntos. E sei, e você também sabe, qual seria o desejo do capitão a respeito da floresta, se houvesse uma oportunidade justa de fazer uma mudança. Ele disse na presença de muitas pessoas que faria de você responsável da floresta amanhã, se pudesse. Ora, Carroll, o mordomo de Mr. Irwine, ouviu ele dizer isso ao reitor há poucos dias. Carroll apareceu quando fumávamos nossos cachimbos no sábado à noite na casa de Casson, e nos contou; e sempre que alguém diz uma coisa boa sobre você, o reitor está pronto para concordar, isso eu asseguro. Foi muito bem discutido, posso dizer, na casa de Casson, e um e outro se entusiasmaram com você; pois são Marias vai com as outras.

— Ora, conversaram sobre isso na frente de Mr. Burge? — disse Adam — ou ele não *tava* lá no sábado?

— Oh, ele foi embora antes de Carroll chegar; e Casson — ele sempre quer contrariar as pessoas, sabe — gostaria que Burge fosse o responsável pela floresta. “Um homem substancial”, disse ele, “com quase sessenta anos de experiência em madeira; seria muito bom *pra* Adam Bede trabalhar sob seu comando, mas não se deve supor que o fidalgo nomeie um jovem como Adam, quando existem os anciãos e superiores à mão!” Mas eu disse: “Essa é uma bela ideia sua, Casson. Ora, Burge é o homem que compra madeira; você colocaria a floresta em suas mãos e o deixaria fazer a negociação? Acho que não deixa seus clientes colocarem o preço na bebida, né? E quanto à idade, o valor depende da qualidade do álcool. Todos sabem quem é o pilar dos negócios de Jonathan Burge.”

— Agradeço por suas palavras, Mr. Massey — disse Adam. — Mas, apesar disso, Casson *tava* parcialmente certo pela primeira vez. Não é muito provável que o velho fidalgo concorde em me empregar. *Ofendi*

ele há uns dois anos atrás, e *ele* nunca me perdoou.

— Ora, como foi isso? Nunca me contou sobre isso — disse Bartle.

— Oh, foi por uma bobagem. Eu tinha feito uma moldura *pra* uma tela de Miss Lyddy – ela *tá* sempre fazendo alguma coisa com lã, sabe – e me deu instruções específicas sobre essa tela, e teve tanta conversa e medição como a gente *tivesse* planejando uma casa. No entanto, foi um bom trabalho, e gostei de fazer isso *pra* ela. Mas, sabe, essas frivolidades levam um bom tempo. Só trabalhei nisso nas horas extras – muitas vezes tarde da noite – e tive que ir a Treddleston várias vezes por causa de pregos de latão e tais apetrechos; torneei e esculpi o trabalho segundo um padrão, o mais bonito possível. Fiquei surpreendentemente satisfeito quando acabei. E quando levei *pra* casa, Miss Lyddy mandou trazer ela *pra* sua sala de estar, *pra* que pudesse me dar instruções sobre como prender o trabalho – um bordado muito bonito, Jacó e Raquel se beijando entre as ovelhas,^[120] como uma pintura – e o velho fidalgo *tava* sentado ali, pois ele se senta sempre com ela. Bem, ela *tava* muito satisfeita com a tela, e então quis saber o quanto devia me pagar. Eu não falei ao acaso – sabe que não é o meu jeito; fiz uma conta aproximada, embora não tivesse feito uma nota, e disse: “Uma libra e treze xelins”. Ia ser pelos materiais, e não muito pelo meu trabalho. O velho fidalgo ergueu os olhos ao ouvir isso, examinou a tela e disse: “Uma libra e treze por uma quinquilharia dessas?! Lydia, minha querida, se quer gastar dinheiro com essas coisas, por que não compra em Rosseter, em vez de pagar o dobro por trabalho tosco aqui? Essas coisas não são trabalho *pra* um carpinteiro como Adam. Dê-lhe um guinéu^[121] e nada mais”. Bem, Miss Lyddy, acho, acreditou no que ele disse, e ela não gosta muito de gastar dinheiro – no fundo, não é uma mulher ruim, mas foi criada sob o controle dele; então começou a mexer na bolsa e ficou tão vermelha quanto seu laço de fita. Mas fiz uma reverência e disse: “Não, obrigado, madame; vou te dar a tela de presente, por favor. Cobrei o preço normal pelo meu trabalho e sei que foi bem-feito; e sei, com o perdão de Sua Senhoria, que não ia conseguir uma tela dessas em Rosseter por menos de dois guinéus. Tô disposto a te dar meu trabalho – foi feito no meu tempo livre, e ninguém tem nada a ver com isso

além de mim; mas se me pagar, não posso aceitar um preço menor do que pedi, porque ia ser como dizer que pedi mais do que era justo. Com sua licença, madame, desejo um bom dia”. Fiz minha reverência e saí antes que ela tivesse tempo de dizer mais alguma coisa, pois *tava* com a bolsa na mão, parecendo quase uma tonta. Não quis ser desrespeitoso e falei da maneira mais educada que pude; mas não posso ceder a nenhum homem, se ele quiser fazer parecer que *tô* tentando *enganar ele*. E à noite, o laçao me trouxe uma libra e treze embrulhada em papel. Mas desde então eu vejo muito bem como o velho fidalgo não me suporta.

— Isso é bastante provável, bastante provável — disse Bartle pensativo. — A única maneira de convencê-lo seria mostrar que é para seu próprio interesse, e isso o capitão pode dar conta – o capitão pode dar conta.

— Não, não sei — disse Adam —; o fidalgo é bem perspicaz, mas é preciso algo mais do que perspicácia *pra* fazer as pessoas verem qual será o seu interesse a longo prazo. É preciso alguma consciência e crença no certo e no errado, vejo isso bem claro. Dificilmente convenceria o velho fidalgo a acreditar que ele ia ganhar tanto de maneira direta quanto por truques e manobras. E, além disso, não tenho muita vontade de trabalhar *pra* ele: não quero brigar com nenhum cavalheiro, ainda mais com um senhor de oitenta anos, e sei que a gente ia discordar por muito tempo. Se o capitão fosse o mestre da propriedade, ia ser diferente: ele tem consciência e vontade de fazer o que é certo, e prefiro trabalhar *pra* ele do que *pra* qualquer outro homem.

— Bem, meu garoto, se a sorte bater à sua porta, não ponha a cabeça para fora da janela e a mande embora, só isso. Deve aprender a lidar com as disparidades da vida, bem como nos números. Eu lhe digo agora, como disse há dez anos, quando você agrediu o jovem Mike Holdsworth por querer passar um xelim falso antes que soubesse se ele estava brincando ou falando sério – você é precipitado e orgulhoso, e pronto a cerrar os dentes contra pessoas que não estão de acordo com suas ideias. No meu caso não faz mal ser um pouco impetuoso e rígido – sou um velho mestre-escola e nunca vou querer

subir num poleiro mais alto. Mas qual é a utilidade de todo o tempo que gastei lhe ensinando a escrever, mapear e medir, se não quer progredir no mundo e mostrar às pessoas que há alguma vantagem em ter uma cabeça nos ombros em vez dum nabo? Pretende continuar torcendo o nariz para todas as oportunidades porque elas têm algum cheiro que ninguém percebe além de você? É uma tolice tão grande quanto essa noção de que uma esposa é para tornar a vida dum trabalhador confortável. Sandices! Sandices! Deixe isso para os tontos que nunca passaram duma soma em adição simples. Adição é bem simples! Adicione um tonto a outro tonto e, em seis anos, haverá mais seis tontos – são todos da mesma denominação, grandes e pequenos não têm nada a ver com a soma!

Durante essa exortação bastante acalorada à frieza e discrição, o cachimbo se apagara, e Bartle deu o clímax ao discurso o acendendo furiosamente, e o soprou com feroz resolução, fixando os olhos ainda em Adam, que tentava não rir.

— Faz muito sentido o que diz, Mr. Massey — Adam começou, assim que ficou sério —, como sempre. Mas vai concordar que não é da minha conta confiar em oportunidades que podem nunca acontecer. O que tenho que fazer é trabalhar o melhor que posso com as ferramentas e materiais que tenho em mãos. Se uma boa oportunidade chegar a mim, vou pensar no que diz; mas até então, não tenho nada a fazer a não ser confiar nas minhas mãos e cabeça. Tô pensando num plano *pra* Seth e eu entrarmos na marcenaria por conta própria e ganhar uma ou duas libras extras desse jeito. Mas *tá* ficando tarde agora – vai ser quase onze horas quando chegar em casa, e minha mãe deve *tá* acordada; ela *tá* mais agitada do que de costume agora. Então te desejo boa noite.

— Bem, vamos até o portão com você – está uma bela noite — disse Bartle, pegando a bengala. Vixen imediatamente se levantou e, sem mais palavras, os três saíram à luz das estrelas, passando ao lado dos canteiros de batatas de Bartle, até o pequeno portão.

— Venha ouvir música sexta-feira à noite, se puder, meu garoto — disse o idoso, enquanto fechava o portão atrás de Adam.

— Sim, sim — disse Adam, caminhando em direção à faixa de

estrada pálida. Ele era a única coisa ali se movendo na ampla área comunitária. Os dois burros cinzentos, apenas visíveis em frente aos arbustos de tojo, estavam imóveis como imagens de calcário – tão imóveis quanto o telhado de palha cinza da casa de campo feita de barro um pouco mais adiante. Bartle manteve os olhos na figura em movimento até que ela passasse para a escuridão, enquanto Vixen, em um estado de afeição dividida, corra duas vezes de volta à casa para dar uma lambida episódica nos filhotes.

— Sim, sim — murmurou o mestre-escola, enquanto Adam desaparecia —, lá vai você, andando apurcado – andando apurcado; mas não seria o que é se não levasse um pouco do velho manco Bartle com você. Tem que dar um empurrãozinho. Existem muitos desses camaradas grandes e desajeitados que nunca teriam conhecido o alfabeto se não fosse por Bartle Massey. Bem, Vixen, sua cadela tonta, o que é, o que é? Tenho que entrar, né? Sim, sim, nunca mais terei vontade própria. E esses filhotes – o que acha que devo fazer com eles, quando estiverem duas vezes maiores que você? Pois tenho certeza de que o pai era aquele *bull terrier* enorme de Will Baker – não era, hem, sua diabinha astuta? (Aqui, Vixen enfiou a cauda entre as pernas e correu direto para a casa. Às vezes, são abordados assuntos que uma fêmea bem-educada ignorará).

— Mas qual é a utilidade de conversar com uma mulher com bebês? — continuou Bartle. — Não pensa em nada, não pensa em nada; só no leite.

FIM DO SEGUNDO LIVRO.

LIVRO III



Capítulo XXII

A Festa de Aniversário

O dia trinta de julho havia chegado. Era um dia quente como os poucos dias que, às vezes, ocorrem no meio de um verão inglês chuvoso. Não chovera nos últimos três ou quatro dias, e o tempo estava perfeito para aquela época do ano: havia menos poeira do que o normal nas sebes verde-escuras e na camomila selvagem que cobria a beira da estrada, no entanto a grama estava seca o suficiente para as criancinhas rolarem em cima, e não havia nenhuma nuvem, a não ser um longo feixe de luz, uma ondulação plácida, bem alta no distante céu azul. Clima perfeito para uma festa ao ar livre, mas certamente não a melhor época do ano para nascer, pois a natureza fazia uma pausa nesse período quente: todas as flores mais lindas haviam murchado; a doce época do crescimento inicial e das vagas esperanças já havia passado. O tempo da safra e da colheita ainda não tinha chegado e as pessoas tremiam diante das possíveis tempestades que poderiam arruinar o precioso fruto no momento da maturação. As florestas estavam todas em um tom de verde-escuro e monótono; as carroças carregadas de feno já não se arrastavam pelas alamedas, espalhando seus fragmentos de aroma adocicado nos ramos das amoreiras; as pastagens estavam muitas vezes um pouco bronzeadas, no entanto o cereal não havia atingido seu último esplendor de vermelho e dourado; os cordeiros e bezerros haviam perdido todos os traços da inocente beleza brincalhona, tornando-se jovens ovelhas e vacas estúpidas. Mas era uma época de lazer na fazenda – aquela pausa entre a colheita do feno e do cereal, assim os agricultores e trabalhadores em Hayslope e Broxton achavam que o capitão fazia bem em atingir a maioridade naquele momento, quando poderiam dedicar suas mentes por inteiro ao sabor do grande barril de cerveja que fora fabricado no outono após o nascimento do “herdeiro”, e deveria ser aproveitado em seu vigésimo primeiro aniversário. O ar estava alegre com o toque dos sinos da igreja muito cedo nessa

manhã, e todos se apressaram para acabar o trabalho necessário antes do meio-dia, quando seria hora de pensar em se preparar para ir à reserva de caça.

O sol do meio-dia entrava no quarto de Hetty, pois não havia cortina para atenuar o calor que caía sobre sua cabeça enquanto ela se olhava no velho espelho manchado. Ainda assim, esse era o único espelho que tinha em que podia ver o pescoço e braços, pois o espelhinho pendurado que retirara do quarto ao lado – o quarto que era de Dinah – não mostrava nada abaixo de seu queixinho; nem daquela linda área do pescoço em que a redondeza das bochechas se fundia com outra redondeza sombreada por cachos escuros e delicados. E naquela ocasião ela pensava mais do que de costume no seu pescoço e nos braços, já que no baile da noite não usaria nenhum lenço no pescoço, e estivera ocupada com seu vestido cor-de-rosa e branco estampado, para poder deixar as mangas longas mais curtas. Ela estava vestida pela manhã exatamente como estaria à noite, com babados na gola feitos de renda “verdadeira”, que a tia lhe emprestara para essa ocasião incomparável, porém, sem outros ornamentos; retirara até os brinquinhos redondos que usava todos os dias. Mas havia algo mais a fazer, aparentemente, antes que colocasse o lenço no pescoço e as mangas compridas, que usaria durante o dia, pois ela destrancou a gaveta que guardava seus tesouros particulares. Passou-se mais de um mês desde que a vimos destrancar aquela gaveta, e agora continha novos tesouros, muito mais preciosos do que os antigos, que estavam camuflados em um canto. Hetty não se sentiria tentada em colocar os grandes brincos de vidro coloridos nas orelhas, pois veja. Agora ela tinha um lindo par de brincos de ouro, pérolas e granada, comodamente colocado em uma linda caixinha forrada com cetim branco. Oh, o prazer de tirar essa caixinha e contemplar os brincos! Não raciocine a respeito, meu leitor filosófico, e digamos que Hetty, sendo muito bonita, deveria saber que não importava se usasse algum ornamento ou não; e que, além disso, contemplar os brincos que não poderia usar fora do quarto dificilmente poderia ser satisfatório, a essência da vaidade sendo uma referência às impressões produzidas nos outros; você nunca entenderá a natureza das mulheres

se for excessivamente racional. Tente, de preferência, livrar-se de todos os preconceitos racionais, como se estivesse estudando a psicologia de um canário, e apenas observe os movimentos dessa linda criatura arredondada enquanto ela vira a cabeça de lado com um sorriso involuntário ao ver os brincos aninhados na caixinha. Ah, você poderá pensar: é por causa da pessoa que os lhe dera, e os pensamentos dela voltaram agora para o momento em que foram colocados em suas mãos. Caso contrário, por que se importaria em ter brincos em vez de qualquer outra coisa? E sei que Hetty ansiava por brincos entre todos os enfeites que ela podia imaginar.

— Pequeninas, pequeninas orelhas! — Arthur dissera certa tarde fingindo beliscá-las, enquanto Hetty se sentava ao lado dele na grama sem o chapéu.

— Queria ter uns brincos bonitos — dissera ela em um momento, quase antes de saber o que dizia. O desejo estava tão perto dos lábios, que havia passado por eles ao menor suspiro. E no dia seguinte – na semana passada – Arthur cavalgara até Rosseter com o propósito de comprá-los. Aquele pequeno desejo tão ingenuamente proferido lhe parecia a mais bela amostra de infantilidade; nunca ouvira nada parecido antes; e embrulhara a caixa em muitas camadas, para que pudesse ver Hetty desembulhá-la com crescente curiosidade, até que finalmente os olhos dela refletissem seu novo deleite nos dele.

Não, ela não estava pensando muito no presenteador quando sorriu ao ver os brincos, pois os tirava da caixa, não para pressioná-los aos lábios, mas para prendê-los em suas orelhas – apenas por um momento, para ver como ficariam bonitos, enquanto os espiava no espelho na parede, primeiro de um lado da cabeça e depois do outro, como um pássaro atento aos sons. É impossível ser sábio no assunto de brincos quando se olhava para ela; para que deveriam ser feitas aquelas delicadas pérolas e cristais, se não para essas orelhas? Não se poderia nem mesmo encontrar defeito nos furinhos que eles deixavam quando eram retirados; talvez nícias-d’água,^[122] e semelhantes adoráveis seres sem alma, tenham esses furinhos nas orelhas por natureza, prontos para pendurar joias. E Hetty possivelmente era um deles. Mas, infelizmente, não. É muito doloroso pensar que ela não

poderia ser um espírito aquático, mas uma mulher, com o destino de uma mulher diante de si – uma mulher que tecia na sua jovem ignorância uma leve teia de tolices e esperanças vãs que um dia poderiam se fechar ao seu redor e oprimi-la, como uma vestimenta envenenada rancorosa, transformando de uma só vez suas agitadas e triviais sensações frívolas em uma vida de profunda angústia humana.

Mas Hetty não poderia experimentar os brincos por muito mais tempo, caso contrário faria os tios esperarem. Ela os colocou rapidamente na caixa outra vez e os escondeu de olhares curiosos. Algum dia poderia usar os brincos que quisesse e viveria em um mundo cintilante de trajes brilhantes, seda, cetim macio e veludo, como a dama de companhia da senhora na reserva de caça lhe mostrara no guarda-roupa de Miss Lydia. Hetty permaneceu por alguns segundos naquele mundo fantasioso, como se pisasse em tapetes macios em frente a um espelho alto, mas voltou à realidade. Ela tinha uma coisa na gaveta que poderia se aventurar a usar naquele dia, porque poderia pendurá-la na corrente de contas marrom-escuras que costumava usar nos dias especiais, com um frasquinho de perfume de base plana enfiado dentro do vestido; e ela deveria colocar suas contas marrons – seu pescoço ficaria tão incompleto sem elas. Hetty não gostava tanto do medalhão quanto dos brincos, embora fosse um medalhão grande e bonito, com flores esmaltadas na parte de trás e uma bela borda dourada ao redor do vidro, que revelava uma mecha castanho-claro levemente ondulada ao fundo de dois cachinhos escuros. Deveria mantê-lo sob suas roupas, e ninguém o veria. Mas Hetty tinha outra paixão, apenas um pouco menos forte do que o amor pela elegância, e essa outra paixão a fazia gostar de usar o medalhão mesmo escondido no peito. Sempre o usaria, se ousasse enfrentar as perguntas da tia sobre uma fita em volta do pescoço. Então ela o colocou em sua corrente de contas marrom-escuras e prendeu a corrente em volta do pescoço. Não era uma corrente muito longa, permitindo apenas que o medalhão ficasse pendurado um pouco abaixo da gola do vestido. E agora não tinha nada a fazer a não ser colocar as mangas compridas, o novo lenço branco de seda e o chapéu de palha enfeitado de branco, em vez de cor-de-rosa que se desbotara

sob o sol de julho. Aquele chapéu era a gota d'água de amargura no copo de Hetty naquele dia, pois não era exatamente novo – todo mundo veria que estava um pouco amarelado junto da fita branca – e Mary Burge, Hetty tinha certeza, estaria com um novo chapéu ou gorro. Ela procurou consolo nas meias finas e brancas de algodão: eram de fato muito bonitas, e trocara quase todas as suas economias por elas. Sobretudo, o sonho de Hetty sobre o futuro não poderia torná-la insensível ao triunfo do presente. Com certeza, o capitão Donnithorne a amava tanto que nunca se daria ao trabalho de olhar para outras pessoas, mas essas outras pessoas não sabiam como ele a amava, e ela não estava satisfeita em parecer pobre e insignificante aos olhos delas, mesmo por um curto período.

Todo o grupo estava reunido na sala quando Hetty desceu, todos, claro, com suas roupas de domingo; os sinos tocavam tanto nessa manhã em homenagem ao vigésimo primeiro aniversário do capitão, e o trabalho terminara tão cedo, que Marty e Tommy não ficaram tranquilos até que a mãe lhes assegurasse que ir à igreja não fazia parte das festividades do dia. Mr. Poyser sugeriu que a casa deveria ser trancada e deixada por conta própria:

— Pois — disse ele —, *num* tem perigo de alguém *invadí*. Todo mundo vai *tá* na reserva de caça, ladrão e tudo mais. É um dia que *num* vão ter de novo na vida.

Mas Mrs. Poyser respondeu decisiva: — Nunca deixei a casa por conta própria desde que eu era moça e nunca vou *deixá*. Tem tido um monte de vagabundo malvisto nas *redondeza* esses *dia*, que pode *roubá* os *presunto* e os *talher* da gente; cheio de tramoia, esses *vagabundo*, é por Deus que *num* envenenaram ainda os *cachorro* e *num* mataram a gente dormindo numa noite de sexta-feira dessas, que a gente *tá* com o dinheiro *pra pagá* os *homem*. E os *vagabundo* sabe *pra* onde a gente vai; pois se o *tinioso quisé fazê* alguma coisa, pode ter certeza que vai *descobrí* como.

— Que bobagem, *matá* a gente dormindo! — exclamou Mr. Poyser. — Tenho uma arma no quarto, *num* tenho? E *cê* tem um ouvido que ia *escutá* até um rato roendo o bacon. Mas se *num* vai *ficá* tranquila, Alick pode *ficá* em casa na primeira parte do dia, e Tim pode *voltá* às

cinco *hora* e *liberá* Alick. Podem *soltá* Growler se alguém *resolvê fazê* travessura, e tem o cachorro de Alick também, pronto *pra mordê* um vagabundo se Alick der uma piscadela.

Mrs. Poyser aceitou esse acordo, mas achou aconselhável trancar a casa ao máximo; e, no último momento antes de partir, Nancy, a leiteira, fechou as persianas da sala, embora a janela, que estava sob a observação imediata de Alick e dos cães, fosse a menos provável de ser selecionada para uma tentativa de roubo.

A charrete coberta estava pronta para levar toda a família, exceto os criados do sexo masculino. Mr. Poyser e o avô se sentaram no banco da frente, e dentro havia espaço para todas as mulheres e crianças; quanto mais cheia a charrete, melhor, pois então as sacudidas não incomodariam tanto, pois o corpo largo e os braços grossos de Nancy eram uma excelente almofada amortecedora. Mas Mr. Poyser conduzia ao ritmo de caminhada, para que houvesse o menor risco de sacudidas nesse dia quente, e havia tempo para trocar saudações e comentários com os pedestres que iam pelo mesmo caminho, salpicando os trajetos entre os prados verdes e os campos de cereais dourados com porções de radiantes cores móveis – um colete escarlate para combinar com as papoulas que balançavam um pouco espessas demais entre os cereais, ou um lenço de pescoço azul-escuro com as pontas ondulando em um vestido branco novinho em folha. Todos de Broxton e todos de Hayslope estariam na reserva de caça e se divertiriam lá em homenagem ao “herdeiro”; e os idosos, que não tinham estado tão longe deste lado da colina nos últimos vinte anos, eram trazidos de Broxton e Hayslope em um dos carroções dos fazendeiros, por sugestão de Mr. Irwine. Os sinos da igreja tocaram novamente – uma última melodia, antes que os sineiros descessem a colina para participar do festival; e antes que os sinos cessassem, já se ouvia outra música se aproximando, de modo que até mesmo o velho Brown, o calmo cavalo que puxava a charrete de Mr. Poyser, começou a levantar as orelhas. Era a banda do Clube Beneficente em toda a sua glória, ou seja, lenços azuis radiantes, prendas azuis e a bandeira com o lema: “Permaneça o amor fraternal”^[123] circulando uma imagem de uma pedreira.

As carruagens e as carroças, é claro, não entrariam na reserva de caça. Todos deveriam descer nos alojamentos, e os veículos seriam enviados de volta.

— Ora, a reserva de caça *tá* parecendo uma feira — disse Mrs. Poyser, enquanto descia da carroça, e olhava para os grupos espalhados sob os grandes carvalhos, os meninos correndo ao sol quente para examinar os mastros altos encimados pelas roupas esvoaçantes que seriam o prêmio dos escaladores bem-sucedidos. — *Num* achava que tinha tanta gente nas duas *paróquia*. Misericórdia! Como *tá* quente fora da sombra! Vem cá, Totty, senão sua carinha vai *queimá* e *ficá* ardendo. Dava *pra* eles *cozinhá* a céu aberto e *economizá* lenha. Vou *pro* quarto de Mrs. Best *sentá* um pouco.

— Calma aí, calma aí — disse Mr. Poyser. — *Tá* chegando o carroção com os *velho*; vai ser uma coisa que *num* vai *acontecê* de novo, ver eles descendo e caminhando *junto*. *Lembra* de alguns deles no auge, hein, pai?

— Sim, sim — disse o velho Martin, caminhando lentamente sob a sombra da varanda do alojamento, de onde podia ver o grupo de idosos descer. — *Lembro* de Jacob Taft andando oitenta *quilômetro* atrás dos *rebelde* escocês, quando recuaram de Stoniton.

Sentiu-se como um jovem, com uma longa vida pela frente, quando viu o patriarca de Hayslope, o velho pai Taft, descer do carroção e caminhar em direção a ele, com a touca marrom e apoiado em duas bengalas.

— Bem, mestre Taft — gritou o velho Martin, no máximo de sua voz, embora soubesse que o idoso era surdo, não podia omitir o decoro de uma saudação —, *tá* com saúde ainda. Pode *aproveitá* seu dia hoje, pois *tá* bem *pra* noventa *ano*.

— Seu criado, mestre, seu criado — disse pai Taft em um tom agudo, percebendo que ele estava acompanhado.

O grupo de idosos, sob os cuidados de filhos ou filhas, eles mesmos abatidos e grisalhos, seguiu pela estrada de carruagens menos sinuosa em direção à casa, onde uma mesa especial lhes fora preparada; enquanto o grupo de Poyser cruzava sabiamente a grama sob a sombra das grandes árvores, mas não fora da vista da frente da casa,

com seu gramado inclinado e canteiros de flores, ou da bela marquise listrada na beira do gramado, de pé em ângulos retos com duas marquises maiores de cada lado do espaço verde aberto onde os jogos seriam disputados. A casa não teria sido nada além de uma mansão quadrada simples da época da rainha Ana, se não fosse a ruína de uma antiga abadia à qual estava unida em uma extremidade, da mesma maneira que, às vezes, se poderia ver uma nova casa de fazenda erguendo-se alta e aprumada ao final de propriedades agrícolas mais antigas e inferiores. A bela e antiga ruína ficava um pouco para trás e sob a sombra de faias altas, mas o sol estava agora na frente mais alta e mais avançada, as persianas estavam todas abaixadas e a casa parecia adormecida ao meio-dia quente. Hetty ficou muito triste ao olhar para aquilo: Arthur deveria estar em algum lugar nos cômodos dos fundos, em grande companhia, onde não poderia saber que ela havia chegado, e não o veria por um longo, longo tempo – não até depois do banquete, quando disseram que ele viria fazer um discurso.

Mas Hetty estava errada em parte de sua conjectura. Nenhuma grande companhia havia chegado, exceto os Irwines, para quem a carruagem fora enviada cedo, e Arthur não estava naquele momento em um cômodo dos fundos, mas caminhando com o reitor para os amplos claustros de pedra da velha abadia, onde as longas mesas foram colocadas para todos os inquilinos das casas de campo e os criados da fazenda. Um jovem britânico muito bonito ele parecia, em alto-astal e vestindo uma sobrecasaca azul radiante, com a mais altiva postura – o braço não estava mais numa tipoia. Tão espontâneo e sincero; mas até pessoas sinceras têm seus segredos, e os segredos não deixam marcas nos rostos dos jovens.

— Palavra de honra — disse ele, enquanto entravam nos claustros frescos —, acho que os aldeões tiveram mais sorte: esses claustros são uma sala de jantar deliciosa em um dia quente. Esse foi um conselho excelente seu, Irwine, sobre banquetes – deixá-los tão organizados e confortáveis quanto possível, e apenas para os inquilinos; especialmente porque eu tinha apenas uma quantia limitada, afinal; pois embora meu avô falasse de uma *carta branca*, não conseguiu se decidir a confiar em mim quando chegou o momento.

— Não importa, será mais agradável dessa maneira silenciosa — disse Mr. Irwine. — Nesse tipo de coisa, as pessoas estão sempre confundindo liberalidade com tumulto e desordem. Parece muito grandioso dizer que tantos bois e ovelhas foram assados inteiros, e todos comeram o que quiseram; mas no final, geralmente, acontece que ninguém teve uma refeição agradável. Se as pessoas tiverem um bom banquete e uma quantidade moderada de cerveja no meio do dia, poderão desfrutar dos jogos à medida que o dia esfria. Não se pode impedir que alguns deles bebam demais ao entardecer, mas a embriaguez e a escuridão combinam melhor do que a embriaguez e a luz do dia.

— Bem, espero que não tenha muito disso. Mantive as pessoas de Treddleston longe, fazendo um banquete para eles na cidade; e tenho Casson, Adam Bede e alguns outros bons camaradas para cuidar da distribuição da cerveja nas barracas e não deixar as coisas irem longe demais. Venha, vamos subir agora e ver as mesas do banquete para os grandes inquilinos.

Eles subiram a escadaria de pedra que conduzia à longa galeria acima dos claustros, uma galeria para onde todas as velhas pinturas empoeiradas e inúteis haviam sido banidas pelas últimas três gerações — retratos mofados da rainha Elizabeth e suas damas, o general Monk com olhos abatidos, Daniel na escuridão entre os leões, e Júlio César a cavalo, com um nariz altivo e coroa de louros, segurando seus tratados na mão.

— Que excelente que salvaram esta parte da velha abadia! — exclamou Arthur. — Se algum dia eu for proprietário daqui, repararei a galeria em grande estilo. Não temos nenhum cômodo na casa que seja tão grande quanto este. Essa segunda mesa é para as esposas e filhos dos agricultores: Mrs. Best disse que seria mais confortável para as mães e os filhos ficarem juntos. Eu estava determinado em receber crianças, e fazer disso uma coisa de família. Serei “o velho fidalgo” para aqueles rapazinhos e mocinhas algum dia, e dirão a seus filhos que eu era melhor do que meu filho. Há uma mesa para as mulheres e crianças abaixo também. Mas verá todas elas — virá comigo depois do banquete, espero?

— Sim, com certeza — disse Mr. Irwine. — Não perderia seu discurso inaugural aos inquilinos.

— E haverá outra coisa que gostará de ouvir — disse Arthur. — Vamos à biblioteca e eu lhe contarei tudo enquanto meu avô está na sala de visitas com as senhoras. Algo que vai surpreendê-lo — ele continuou, enquanto se sentavam. — Meu avô concordou, afinal.

— Sobre Adam?

— Sim; deveria tê-lo visitado para contar, mas estava tão ocupado. Sabe que eu lhe disse que tinha desistido de discutir o assunto com ele – pensei que fosse inútil –, mas ontem de manhã ele me pediu para vê-lo antes de sair, e surpreendeu-me dizendo que havia decidido sobre todos os novos arranjos que deveria fazer em consequência do velho Satchell ser obrigado a parar de trabalhar, e que pretendia empregar Adam na supervisão da floresta com um salário de um guinéu por semana, e o uso de um cavalo a ser mantido aqui. Acredito que a causa disso é que viu desde o início que seria um plano lucrativo, mas tinha uma antipatia particular por Adam a superar; além disso, o fato de eu propor uma coisa geralmente é uma razão para ele rejeitá-la. Há a contradição mais curiosa em meu avô: sei que pretende me deixar todo o dinheiro que economizou, e é provável que tenha desfalcado a pobre tia Lydia, que fora escrava dele por toda a vida, com apenas quinhentos por ano, a fim de me dar ainda mais; e, no entanto, às vezes acho que certamente me odeia porque sou seu herdeiro. Acredito que se eu quebrasse meu pescoço, pensaria que foi o maior infortúnio que poderia lhe acontecer, no entanto, parece ser um prazer fazer da minha vida uma série de aborrecimentos mesquinhos.

— Ah, meu rapaz, não é só o amor da mulher que é ἀπέρωτος ἔρως^[124] como o velho Ésquilo o chama. Há muito “amor sem amor” no mundo masculino. Mas me fale sobre Adam. Ele aceitou o posto? Não vejo que possa ser muito mais lucrativo do que seu trabalho atual, embora, com certeza, teria muito mais tempo livre.

— Bem, tive algumas dúvidas sobre isso quando falei com ele e pareceu hesitar no início. Sua objeção era que achava que não seria capaz de satisfazer meu avô. Mas lhe implorei como um favor pessoal para não deixar que qualquer razão o impedisse de aceitar o cargo, se

realmente gostasse do emprego e não estivesse desistindo de nada que fosse mais lucrativo. E me assegurou que o preferia acima de tudo — seria um grande avanço para ele nos negócios e lhe permitiria que fizesse o que há muito desejava fazer, deixar de trabalhar para Burge. Ele disse que terá muito tempo para supervisionar um pequeno negócio próprio, que vai começar com Seth, e talvez possam expandi-lo gradualmente. Então concordou afinal, e providencieei que jantasse com os grandes inquilinos hoje; pretendo anunciar a nomeação dele e pedir-lhes que bebam à saúde de Adam. É uma pequena cena que farei em homenagem ao meu amigo Adam. É um bom camarada, e gosto da oportunidade de fazer com que as pessoas saibam que penso assim.

— Uma cena em que o amigo Arthur se vangloria por ter um belo papel a desempenhar — disse Mr. Irwine, sorrindo. Mas quando viu Arthur corar, continuou compassivo: — Meu papel, você sabe, é sempre o do velho rabugento que não enxerga nada para se admirar nos jovens. Não gosto de admitir que tenho orgulho de meu pupilo quando ele faz coisas graciosas. Mas devo interpretar o amável velho cavalheiro uma vez, e auxiliar em seu brinde em homenagem a Adam. Seu avô cedeu no outro ponto também e concordou em ter um homem respeitável como administrador?

— Ah, não! — disse Arthur, levantando-se da cadeira com um ar de impaciência e caminhando pela sala com as mãos nos bolsos. — Tem algum projeto ou outro sobre deixar a fazenda Chase e negociar um fornecimento de leite e manteiga para a casa. Mas não faço perguntas a respeito, isso me deixa com muita raiva. Acredito que pretende fazer tudo sozinho e não ter nenhum tipo de administrador. É incrível a energia que ele tem, entretanto.

— Bem, vamos falar com as senhoras agora — disse Mr. Irwine, levantando-se também. — Quero contar à minha mãe que esplêndido trono lhe preparou sob a marquise.

— Sim, e devemos ir comer também — disse Arthur. — Devem ser duas horas, pois está começando a soar o gongo para o banquete dos inquilinos.

Capítulo XXIII

Hora do Banquete

Quando Adam soube que comeria no andar de cima com os grandes inquilinos, sentiu-se bastante desconfortável com a ideia de ser exaltado dessa forma acima da mãe e de Seth que estariam no claustro abaixo. Mas Mr. Mills, o mordomo, assegurou-lhe que o capitão Donnithorne dera ordens específicas sobre isso, e ficaria muito zangado se Adam não estivesse lá.

Adam assentiu e foi até Seth, que estava parado a alguns metros de distância.

— Seth, rapaz — disse ele —, o capitão mandou avisar que devo comer lá em cima. Mr. Mills disse que ele insiste, então suponho que seria ruim eu não ir. Mas não gosto de me sentar acima de você e da mãe, como se fosse melhor do que o meu próprio sangue. Não se importa, eu espero?

— Não, não, rapaz — disse Seth —, sua honra é nossa honra; e se *tá* sendo respeitado, ganhou isso por seus próprios méritos. Quanto mais te vejo acima de mim, melhor, desde que continue sendo o meu irmão. É porque *cê* foi nomeado *pra* cuidar das florestas, e isso é mais do que certo. Esse é um cargo de confiança, e *tá* acima dum trabalhador comum agora.

— Sim — disse Adam —, mas ninguém sabe sobre isso ainda. Não avisei Mr. Burge a respeito de deixar o trabalho, e não quero contar a ninguém antes que ele saiba, pois receio que fique um pouco magoado. As pessoas vão ficar questionando por me ver lá, e querendo adivinhar o motivo e fazendo perguntas, pois tem havido muita conversa sobre eu ganhar o cargo nas últimas três semanas.

— Bem, não pode dizer que recebeu ordens *pra* vir sem saber o motivo. Essa é a verdade. E a mãe vai ficar encantada e feliz com isso. Vamos contar *pra* ela.

Adam não foi o único convidado ao andar superior por outros motivos que não fosse o valor que contribuem para os rendimentos.

Havia outras pessoas nas duas paróquias que obtiveram dignidade por meio de suas funções e não de seus bolsos, e Bartle Massey era uma delas. Seu andar manco era mais lento do que o normal nesse dia quente, assim Adam se demorou quando o sino tocou para o banquete, a fim de subir com seu velho amigo; pois era tímido demais para se juntar ao grupo dos Poysers nessa ocasião pública. As oportunidades de chegar ao lado de Hetty certamente apareceriam ao longo do dia, e Adam se contentava com isso, pois não queria correr o risco de ser alvo de “piadas” sobre Hetty – o homem grande, franco e destemido era muito tímido e difuso quanto ao cortejo.

— Bem, mestre Massey — disse Adam, enquanto Bartle subia —, vou comer lá em cima com o senhor hoje: o capitão me deu ordens.

— Ah! — disse Bartle, fazendo uma pausa, com uma mão nas costas. — Então tem algo aí; tem algo aí. Ouviu alguma coisa a respeito do que o velho fidalgo quer fazer?

— Ora, sim — disse Adam —; vou te dizer o que sei, porque acredito que consegue ficar de bico calado, se quiser, e espero que não deixe escapar uma palavra até que seja conversa geral, pois tenho motivos particulares *pra* que isso não seja descoberto.

— Confie em mim, meu garoto, confie em mim. Não tenho esposa para arrancar isso de mim e depois sair correndo e tagarelar na presença de todos. Se quer confiar num homem, que ele seja solteiro, que ele seja solteiro.

— Bem, então, foi resolvido ontem mesmo que vou assumir a gestão da floresta. O capitão me chamou *pra* fazer a oferta, quando eu *tava* cuidando dos mastros e outras coisas aqui e eu concordei. Mas se alguém fizer alguma pergunta no andar de cima, apenas não dê atenção, mude de assunto, e vou ficar agradecido. Agora, vamos continuar, pois acho que somos quase os últimos.

— Sei o que fazer, não tenha medo — disse Bartle, seguindo em frente. — A notícia será um bom tempero para o meu prato. Sim, sim, meu garoto, você vai conseguir. E asseguro que tem bom olho para medidas e boa cabeça para números a qualquer homem neste condado, e você teve boa instrução, teve boa instrução.

Quando chegaram ao andar de cima, a questão que Arthur deixara

em aberto, sobre os lugares à mesa, ainda estava em discussão, de modo que a entrada de Adam passou sem comentários.

— Faz sentido — Mr. Casson dizia —, que Mr. Poyser sendo o homem mais velho daqui deve *sentá* na cabeceira da mesa. *Num* fui mordomo por quinze *ano pra num sabê* o certo e errado na mesa.

— Não, não — disse o velho Martin —, deixo *pro* meu filho; *num* sou mais inquilino agora: deixe meu filho *pegá* meu lugar. Os *velho* já teve sua vez, deve *abrí* caminho *pros* jovem.

— Acho que o inquilino mais importante tem mais direito, não o mais velho — disse Luke Britton, que não gostava do crítico Mr. Poyser —; mestre Holdsworth tem mais terra do que qualquer um na propriedade.

— Bem — disse Mr. Poyser —, suponha que o homem com a terra mais malculhada deve *sentá* na cabeceira; aí quem *recebê* a honra *num* vai ser invejado.

— Ei, aqui temos o mestre Massey — disse Mr. Craig que, sendo neutro na disputa, não tinha interesse senão na conciliação —; o mestre-escola deve *sabê* o que é o certo. Quem deve *sentá* na cabeceira da mesa, Mr. Massey?

— Ora, o homem mais corpulento — disse Bartle —; e então não vai ocupar o espaço de outras pessoas; e o segundo mais corpulento deve se sentar na outra ponta.

Esse modo acertado de resolver a disputa produziu muitas risadas — uma pequena piada bastou para isso. Mr. Casson, no entanto, não achou compatível com sua dignidade e conhecimento superior se juntar à risada, até que se descobriu que foi apontado como o segundo homem mais corpulento. Martin Poyser, o filho, como o mais corpulento, presidiria, e Mr. Casson, como o segundo mais corpulento, seria o vice.

Devido a esse arranjo, Adam, estando, é claro, no outro lado da mesa, ficou sob a observação imediata de Mr. Casson que, muito ocupado com a questão da precedência, até então não notara sua entrada. Mr. Casson, como vimos, considerava Adam “um tanto ambicioso e esquentado”, achava que a nobreza fazia mais alvoroço por causa desse jovem carpinteiro do que o necessário; não faziam

nenhum alvoroço por causa de Mr. Casson, embora tivesse sido um excelente mordomo por quinze anos.

— Bem, Mr. Bede, é daqueles que anda de vento em *poupa* — disse ele, quando Adam se sentou. — Nunca comeu aqui antes, se me lembro bem.

— Não, Mr. Casson — disse Adam, em sua voz forte, que podia ser ouvida ao longo da mesa —; nunca vim ao banquete aqui antes, mas venho a pedido do capitão Donnithorne, e espero que não seja desagradável *pra* ninguém aqui.

— Não, não — disseram várias vozes ao mesmo tempo —, a gente fica feliz que tenha vindo. Quem seria contra?

— E vai *cantá pra* gente “Acima das *colina* e além”^[125] depois do banquete, né? — disse Mr. Chowne. — Essa é uma música que gosto muito.

— Pff! — exclamou Mr. Craig — Nem se compara com as *canção* escocesa. Nunca me interessei em *cantá*; tinha coisa melhor *pra fazê*. Um homem que tem os *nome* e a natureza das *planta* na cabeça *num* é capaz de *deixá* lugar *pra* canção. Mas um primo de segundo grau meu, um condutor de gado, era ótimo *pra lembrá* das *canção* escocesa. *Num* tinha mais nada que *pensá*.

— Canções escocesas! — disse Bartle Massey, com desdém. — Já ouvi sobre canções escocesas o bastante para a vida inteira. Não servem para nada além de espantar os pássaros, isto é, os pássaros ingleses, pois os pássaros escoceses devem cantar em escocês, pelo que sei. Dê aos rapazes uma gaita de foles em vez de um chocalho, e asseguro que a colheita vai ficar a salvo.

— Sim, tem sujeito que tem prazer em *desmerecê* o que mal conhece — murmurou Craig.

— Ora, as canções escocesas são iguais a uma mulher resmungona e rabugenta — continuou Bartle, sem se dignar a notar o comentário de Mr. Craig. — Continuam com a mesma ladainha e nunca chegam a uma conclusão razoável. Qualquer um acharia que as canções escocesas estão sempre fazendo uma pergunta a alguém tão surdo quanto o velho Taft, e nunca conseguem uma resposta.

Adam não se importava em se sentar ao lado de Mr. Casson, pois

essa posição lhe permitia ver Hetty, que não estava longe dele na mesa ao lado. Hetty, no entanto, ainda não notara sua presença, pois estava repreendendo Totty, que insistia em apoiar os pés no antigo banco e, assim, ameaçava deixar marcas de poeira no vestido branco de Hetty. Logo que as perninhas gordas foram empurradas para baixo, voltaram a subir, pois os olhos de Totty estavam muito ocupados com os grandes pratos a fim de ver onde estava a torta de frutas secas para que pudesse ter qualquer ciência de suas pernas. Hetty perdeu a paciência e, por fim, franzindo a testa, fazendo beicinho, e acumulando lágrimas, disse:

— Oh, querida tia, queria que falasse com Totty; ela continua levantando as pernas e bagunçando o meu vestido.

— Qual é o problema com a criança? Ela nunca te agrada? — disse a mãe. — *Deixe ela* vir aqui, então. Eu consigo *lidá* com ela.

Adam olhava para Hetty e viu a testa franzida, o beicinho, e os olhos escuros que pareciam ficar maiores com lágrimas petulantes se acumulando. A quieta Mary Burge, que sentada perto o suficiente para ver que Hetty estava zangada e que os olhos de Adam estavam fixos nela, pensou que um homem tão sensato como Adam deveria estar refletindo sobre o pouco valor da beleza em uma mulher cujo temperamento fosse ruim. Mary era uma boa garota, não dada a se entregar a maus sentimentos, mas disse a si mesma que, como Hetty tinha um temperamento ruim, era melhor que Adam soubesse disso. E era bem verdade que se Hetty fosse comum teria parecido muito feia e antipática naquele momento, e nenhum julgamento moral sobre ela teria sido minimamente equivocado. Mas realmente havia algo bastante encantador em sua petulância: parecia muito mais uma angústia inocente do que um mau humor; e o severo Adam não sentia nenhum impulso de desaprovação; sentia apenas uma espécie de piedade divertida, como se tivesse visto um gatinho se esticando ou um passarinho com as penas eriçadas. Não conseguia entender o que a estava aborrecendo, mas era impossível sentir algo diferente além de achar que ela era a coisa mais bonita do mundo, e que se pudesse evitar, nada mais a aborreceria. E em seguida, quando Totty se foi, ela encontrou o olhar dele e em seu rosto surgiu um de seus sorrisos mais

radiantes, enquanto lhe acenava. Foi um pouco de flerte, pois Hetty sabia que Mary Burge estava olhando para eles. Mas esse sorriso foi como vinho para Adam.

Capítulo XXIV

O Brinde

Quando o banquete terminou, e as primeiras doses do grande barril de cerveja de aniversário foram servidas, abriram espaço para o corpulento Mr. Poyser ao lado da mesa, e duas cadeiras foram colocadas na cabeceira. Estava muito bem decidido o que Mr. Poyser deveria fazer quando o jovem fidalgo aparecesse, e nos últimos cinco minutos estivera em estado de abstração, com os olhos fixos na pintura escura à frente, e as mãos ocupadas com moedas e outros artigos nos bolsos das calças.

Quando o jovem fidalgo entrou, com Mr. Irwine ao lado, todos se levantaram, e esse momento de homenagem foi muito agradável para Arthur. Gostava de sentir a própria importância e, além disso, preocupava-se muito com a afeição dessas pessoas: gostava de pensar que tinham um carinho especial e genuíno por ele. O prazer que sentia apareceu em seu rosto quando disse:

— Meu avô e eu esperamos que todos os nossos amigos aqui tenham gostado do banquete e achado boa minha cerveja de aniversário. Mr. Irwine e eu viemos provar com vocês, e tenho certeza de que tudo será ainda mais agradável com o reitor aqui conosco.

Todos os olhos estavam agora voltados para Mr. Poyser, que, com as mãos ainda ocupadas nos bolsos, começou com a deliberação de um relógio lento:

— Capitão, meus *vizinho* me fez *falá* por eles hoje, já que onde o povo pensa muito parecido, um porta-voz é tão bom quanto uma multidão. E, embora a gente tenha um modo diferente de *pensá* sobre muita coisa – um homem cuida da sua terra *dum* jeito e o outro de outro jeito – e *num* posso *falá* do trabalho de ninguém além do meu –, mas o que posso *dizê* é o que todo mundo pensa sobre o jovem fidalgo. Pois a gente te conhece desde que era pequeno e sempre soube que era bom e honrado. Fala com justiça e age com justiça, e a gente fica feliz com a ideia de que vai ser nosso senhorio, porque acreditamos

que vai *fazê* o que é certo e *num* vai ter tempo de vaca magra se *pudê evitá*. Isso é o que eu queria *dizê* e isso é o que todo mundo queria *dizê*; e quando um homem diz o que queria é melhor *encerrá*, já que a cerveja *num* vai *ficá* melhor ficando parada. E *num* posso *falá* da cerveja ainda, pois a gente *num* podia se *embebedá* se *num* fosse à sua saúde; mas a comida *tava* boa, e se tem alguém que *num* gostou, é problema dele. Quanto à presença do reitor, todo mundo sabe que é sempre bem-vindo em qualquer lugar que *tivê*; eu e todo mundo espera, que viva bastante *pra* ver todo mundo *envelhecê*, nossas *criança crescê* virando homem e mulher, e Vossa Senhoria um homem de família. *Num* tenho mais nada *pra dizê* no momento, então vamos *bebê* à saúde do nosso jovem fidalgo – dando três *viva*.

Em seguida, brados gloriosos, batidas, tilintares e estrondos, porém agradáveis como uma variedade de música sublime aos ouvidos de quem recebe tal tributo pela primeira vez. Arthur sentiu uma pontada na consciência durante o discurso de Mr. Poyser, mas era muito fraca para anular o prazer que sentia ao ser elogiado. Afinal, ele não merecia o que foi dito dele no geral? Supondo que houvesse algo em sua conduta que Poyser não teria gostado se soubesse, ora, a conduta de nenhum homem suportaria uma inspeção muito cuidadosa; e Poyser provavelmente não sabia; e, afinal, o que ele havia feito? Foi um pouco longe demais, talvez, no flerte, mas outro homem em seu lugar teria agido muito pior; e nenhum mal poderia acontecer – nenhum mal haveria de acontecer, pois da próxima vez que estivesse sozinho com Hetty, ele lhe explicaria que não deveria pensar seriamente nele ou no que acontecera. Era necessário para Arthur, como o leitor pode perceber, estar satisfeito consigo mesmo. Pensamentos desconfortáveis deveriam ser eliminados pelas boas intenções para o futuro. Todos esses pensamentos passaram tão rápido por sua mente, que ele teve tempo para se sentir desconfortável e se tranquilizar outra vez antes que o demorado discurso de Mr. Poyser tivesse terminado, e quando chegou sua hora de falar ele estava bastante alegre.

— Agradeço a todos vocês, meus bons amigos e vizinhos — disse Arthur —, pela boa opinião sobre mim e pelos bons sentimentos que

Mr. Poyser expressou por vocês e por ele, e sempre será o meu desejo mais genuíno merecê-los. No curso das coisas, podemos esperar que, se eu viver o suficiente, um dia serei o senhorio; na verdade, é com base nessa expectativa que meu avô desejou que eu celebrasse este dia e aparecesse entre vocês agora; e anseio por essa posição, não apenas como uma posição de poder e prazer para mim, mas como um meio de beneficiar os meus vizinhos. Dificilmente um homem tão jovem quanto eu poderia falar muito sobre agricultura com vocês, que em sua maioria são mais velhos e mais experientes; ainda assim, interessei-me muito por tais assuntos, e aprendi tanto sobre eles quanto minhas oportunidades permitiram; e quando o curso dos eventos colocar a propriedade em minhas mãos será meu primeiro desejo dar aos meus inquilinos todo o incentivo que um senhorio poderia dar, para cultivar as terras e tentar trazer uma melhor prática na agricultura. Será meu desejo ser visto por todos os meus merecedores inquilinos como um melhor amigo, e nada me faria mais feliz do que respeitar todos os homens da propriedade e ser respeitado por eles em troca. Não é minha posição no momento entrar em detalhes; só recebo suas boas esperanças em relação a mim, dizendo-lhes que minhas próprias esperanças correspondem a elas – que o que vocês esperam de mim eu desejo cumprir; e sou da opinião de Mr. Poyser, quando um homem já disse o que queria dizer é melhor encerrar. Mas o prazer que sinto em ser brindado por vocês não seria perfeito se não bebêssemos à saúde de meu avô, que preencheu o lugar de meus pais para mim. Não tenho mais nada a dizer, até que tenham se juntado a mim para beber à saúde dele neste dia em que desejou que eu aparecesse aqui entre vocês como o futuro representante de seu nome e da família.

Talvez não houvesse ninguém presente, exceto Mr. Irwine, que entendesse e aprovasse completamente o modo gracioso de Arthur de propor à saúde do avô. Os agricultores achavam que o jovem fidalgo sabia muito bem que eles odiavam o velho fidalgo, e Mrs. Poyser disse:

— Era melhor ele *num* ter mexido em casa de marimbondo.

A mente bucólica não apreende prontamente os refinamentos do

bom gosto. Mas o brinde não podia ser rejeitado e, depois de feito, Arthur disse:

— Agradeço a vocês, tanto por meu avô quanto por mim; e agora há mais uma coisa que desejo dizer, para que possam compartilhar meu prazer a respeito disso, como espero e acredito que o farão. Acho que não pode haver homem aqui que não tenha estima, e alguns de vocês, tenho certeza, têm uma grande consideração por meu amigo Adam Bede. Todos bem sabem nesta vizinhança que não há homem em cuja palavra se possa confiar mais do que a dele; que tudo o que se compromete a fazer faz bem, e é tão cuidadoso com os interesses daqueles que o empregam quanto com os seus próprios. Tenho orgulho de dizer que gostava muito de Adam quando era um garotinho e nunca perdi esse antigo sentimento por ele –, acho que isso mostra que conheço um bom camarada quando o encontro. Há muito tempo que desejo que ele tenha a gestão da floresta na propriedade, que por acaso é muito valiosa, não só porque tenho em alta conta o seu caráter, mas porque tem o conhecimento e a habilidade que o qualificam para o cargo. E fico feliz em lhe dizer que é o desejo de meu avô também, e agora está decidido que Adam terá a gestão da floresta –, uma mudança que tenho certeza de que será muito vantajosa para a propriedade; e espero que, eventualmente, juntem-se a mim para beber à saúde dele, desejando-lhe toda a prosperidade na vida que ele merece. Mas ainda há um amigo mais antigo do que Adam Bede presente, e não preciso dizer que é Mr. Irwine. Tenho certeza de que concordarão comigo que não devemos beber à saúde de mais ninguém antes da dele. Sei que têm todos os motivos para amá-lo, mas nenhum de seus paroquianos tem tanto motivo quanto eu. Venham, encham os copos e vamos beber ao nosso excelente reitor – três vivas!

Este brinde foi feito com todo o entusiasmo que faltou no anterior, e certamente foi o momento mais pitoresco da cena quando Mr. Irwine se levantou para falar, e todos os rostos da sala se voltaram para ele. O superior refinamento de seu rosto era muito mais impressionante do que o de Arthur quando visto em comparação com as pessoas ao redor. Arthur tinha um rosto britânico muito mais

comum, mas o esplendor de suas roupas novas da moda era mais similar ao gosto dos jovens agricultores do que o traje de Mr. Irwine, que era gasto; porém, bem escovado e empoado e parecia ser o terno escolhido para grandes ocasiões; pois Mr. Irwine tinha o misterioso hábito de nunca usar um casaco novo. Mas ele era o pároco de toda aquela região e sua palavra era respeitada, com roupas novas ou não.

— Esta não é a primeira vez, mas uma de muitas — disse ele —, que tive que agradecer aos meus paroquianos por terem me dado sinais de benevolência, mas a bondade entre vizinhos está entre as coisas que são mais preciosas à medida que envelhecemos. De fato, nosso agradável encontro de hoje é uma prova de que, quando o que é bom atinge a maioridade, e decerto terá uma vida longa, há motivo para regozijo, e a relação entre nós, como clérigo e paroquianos, atingiu a maioridade há dois anos, pois faz vinte e três anos desde que cheguei aqui, e vejo alguns jovens altos e de boa aparência agora, bem como algumas moças viçosas, que não me olharam de maneira muito agradável quando os batizei como, felizmente, olham agora. Mas tenho certeza de que não se surpreenderão quando eu disser que, entre todos esses jovens, aquele em quem tenho mais interesse é meu amigo, Mr. Arthur Donnithorne, por quem acabaram de expressar sua consideração. Tive o prazer de ser seu tutor por vários anos e, naturalmente, tive oportunidades de conhecê-lo profundamente, o que não poderia ter ocorrido a ninguém mais presente; e tenho tanto orgulho quanto prazer em assegurar-lhes que compartilho de suas grandes esperanças a respeito dele, e sua confiança na posse dessas qualidades que o tornarão um excelente senhorio quando chegar a hora de assumir essa posição importante entre vocês. Sentimo-nos iguais na maioria dos assuntos sobre os quais um homem que está chegando aos cinquenta anos pode se sentir em comum com um jovem de vinte e um anos, e ele acabou de expressar um sentimento que compartilho muito genuinamente, e não omitiria a oportunidade de dizê-lo. Esse sentimento é seu apreço e respeito por Adam Bede. As pessoas em uma posição elevada são, naturalmente, mais consideradas, comentadas e têm suas virtudes mais elogiadas do que aquelas cujas vidas são passadas no humilde trabalho cotidiano; mas

todo homem sensato sabe quão necessário é esse humilde trabalho cotidiano e quão importante é para nós que seja feito com zelo. E concordo com o meu amigo Mr. Arthur Donnithorne em sentir que, quando um homem cujo dever reside nesse tipo de trabalho mostra um caráter que o tornaria um exemplo em qualquer posição, seu mérito deve ser reconhecido. Ele é um daqueles a quem a honra é devida, e seus amigos devem se deleitar em honrá-lo. Conheço bem Adam Bede – sei como é trabalhador e o que tem sido como filho e irmão – e estou dizendo a mais simples verdade quando digo que o respeito tanto quanto respeito qualquer homem vivo. Mas não estou falando sobre um estranho; alguns de vocês são amigos íntimos dele, e acredito que não há ninguém aqui que não o conheça o bastante para se juntar genuinamente para beber à sua saúde.

Quando Mr. Irwine fez uma pausa, Arthur se levantou e, enchendo o copo, disse:

— Uma saudação a Adam Bede, e que ele viva para ter filhos tão leais e inteligentes quanto ele!

Nenhum ouvinte, nem mesmo Bartle Massey, ficou tão encantado com esse brinde quanto Mr. Poyser. Mesmo achando um “trabalho difícil” fazer seu primeiro discurso, teria começado outro se não soubesse da extrema inconveniência de tal iniciativa. Assim sendo, encontrou outra saída para seus sentimentos bebendo cerveja com uma velocidade incomum, e colocando o copo na mesa com um movimento de braço e uma batida determinada. Se Jonathan Burge e alguns outros se sentiam menos à vontade na ocasião, fizeram o possível para parecer contentes, e assim o brinde foi realizado com uma boa vontade que se demonstrou unânime.

Adam estava mais pálido do que de costume quando se levantou para agradecer aos amigos. Ficou bastante comovido com esse tributo público – claro, pois estava na presença de todo o seu mundinho, e este se unira para honrá-lo. Mas ele não sentiu timidez em falar, pois não se inibia por pequenas vaidades ou falta de palavras; não pareceu desajeitado nem envergonhado, mas manteve sua postura firme e ereta de sempre, com a cabeça um pouco para trás e as mãos perfeitamente imóveis, naquela dignidade rudimentar que é peculiar

aos trabalhadores inteligentes, honestos e encorpados, que nunca se questionam qual é o seu ofício no mundo.

— Tô bastante surpreso — disse ele. — Não esperava nada desse tipo, pois é um bocado desproporcional. Mas tenho mais motivos *pra* ser grato ao capitão e a Mr. Irwine, e a todos os meus amigos aqui, que beberam em minha saúde e me desejaram bem. Ia ser um absurdo eu dizer que não mereço a opinião que têm de mim; ia ser um agradecimento infeliz dizer que me conhecem todos esses anos e ainda não têm senso o bastante *pra* descobrir muito sobre mim. Acham que, se eu me comprometer a fazer um trabalho, vou fazer bem, seja meu salário grande ou pequeno – e isso é verdade. Eu ia ter vergonha de tá aqui diante de vocês se não fosse verdade. Mas parece que esse é um dever óbvio de um homem, e nada *pra* se vangloriar, e é bastante claro *pra* mim que nunca fiz mais do que o meu dever; pois *pra* fazer o que a gente quer é só usar o espírito e o poder que foram dados *pra* gente. E então essa bondade de vocês, tenho certeza, não é uma dívida que me devem, mas um presente de bom grado, e como tal eu aceito e sou grato. E quanto a esse novo emprego que assumi, vou dizer apenas que o aceitei por desejo do capitão Donnithorne e que vou tentar corresponder às suas expectativas. Não ia poder desejar nada melhor do que trabalhar *pra* ele e saber que, enquanto ganho o meu pão, cuido de seus interesses. Pois acredito que é um daqueles cavalheiros que desejam fazer a coisa certa e deixar o mundo um pouco melhor, o que acredito que todo homem pode fazer, seja ele bem-nascido ou simples, se trabalham *pra* ele e ganha seu dinheiro, ou se faz o trabalho com as próprias mãos. Não há motivo *pra* eu dizer mais nada sobre o que sinto por ele: espero demonstrar pelo resto da minha vida com minhas ações.

Houve várias opiniões sobre o discurso de Adam: algumas das mulheres sussurravam que ele não se mostrara agradecido o suficiente e parecia falar o mais orgulhoso possível; mas a maioria dos homens era de opinião que ninguém poderia falar de modo mais franco, e que Adam era um sujeito tão bom quanto poderia. Enquanto tais observações zumbiam, misturadas com indagações sobre se o velho fidalgo pretendia procurar um comendador, e se teria um

administrador, os dois cavalheiros se levantaram e caminhavam em volta da mesa onde as esposas e as crianças estavam sentadas. Não havia nenhuma cerveja forte ali, é claro, apenas vinho e sobremesa – groselha espumante para os mais novos e um bom xerez para as mães. Mrs. Poyser estava à cabeceira dessa mesa, e Totty estava agora sentada em seu colo, enfiando o narizinho em uma taça de vinho em busca das nozes que flutuavam ali.

— Como vai, Mrs. Poyser? — disse Arthur. — Ficou feliz em ouvir seu marido fazer um discurso tão bom hoje?

— Oh, senhor, a maioria das *vez* os *homem num* sabe *encontrá* as *palavra* – a gente é praticamente obrigada a *adivinhá* o que quer *dizê*, como se faz com as *criatura* muda.

— O quê?! Acha que poderia tê-lo feito melhor? — disse Mr. Irwine, rindo.

— Bem, senhor, quando quero *dizê* alguma coisa, consigo *encontrá* na maior parte das *vez* as *palavra*, graças a Deus. *Num* é que *tô* procurando defeito no meu marido, pois se ele é um homem de poucas *palavra*, o que ele diz ele cumpre.

— Tenho certeza de que nunca vi uma festa mais bonita do que esta — disse Arthur, olhando para as crianças com bochechas redondas. — Minha tia e as Misses Irwines virão vê-la em breve. Estavam com medo da algazarra dos brindes, mas seria uma pena se não viessem vê-la à mesa.

Ele continuou andando, falando com as mães, e acariciando as crianças, enquanto Mr. Irwine se contentava em ficar parado e acenar com a cabeça a distância, para que a atenção de ninguém fosse desviada do jovem fidalgo, o herói do dia. Arthur não se atreveu a parar perto de Hetty, mas somente fez uma mesura enquanto passava pelo lado oposto. A criança tola sentiu o coração se encher de descontentamento; pois que mulher alguma vez se satisfaz com aparente negligência, mesmo sabendo que se tratava da máscara do amor? Hetty pensou que esse seria o dia mais miserável que tivera em muito tempo, um momento de fria clareza e realidade se deparou com seu sonho: Arthur, que parecia tão próximo apenas algumas horas antes, foi se afastando dela, como o herói de uma grande procissão se

afasta de um pequeno estranho em meio à multidão.

Capítulo XXV

Os Jogos

O grande baile não começaria antes das oito horas, mas para qualquer rapaz e moça que gostasse de dançar na relva sombreada antes disso havia música sempre à disposição –, pois não era a banda do Clube Beneficente capaz de tocar excelente jigas, *reels* e *hornpipes*? [126] E, além disso, havia uma grande banda contratada de Rosseter que, com seus maravilhosos instrumentos de sopro e bochechas infladas, eram eles próprios um espetáculo delicioso para os meninos e meninas menores. Para não falar do violino de Joshua Rann que, por um ato de generosa premeditação, foi trazido, no caso de alguém ter um gosto autêntico o suficiente para preferir dançar ao solo daquele instrumento.

Enquanto isso, quando o sol se afastou do grande espaço aberto em frente à casa começaram os jogos. Havia, é claro, postes bem ensaboados para os meninos e jovens escalarem, corridas para as senhoras, corridas em sacos, grandes pesos para os homens fortes levantarem, e uma longa lista de desafios para tentativas tão ambiciosas como a de andar tantos metros quanto possível em uma só perna – feito que colocava Wiry Ben como “o camarada mais ágil e flexível da região”. Para coroar tudo isso, haveria uma corrida de burros – a mais sublime de todas as corridas, conduzida pela grande ideia socialista [127] de todo mundo encorajar o burro de todo mundo, e o burro mais desfavorecido vencer.

E logo depois das quatro horas, a esplêndida Mrs. Irwine, em cetim damasco, joias e renda preta, foi conduzida por Arthur, seguido por toda a família, para o assento elevado sob a marquise listrada, onde deveria entregar os prêmios aos vencedores. Calma e formal, Miss Lydia pedira para renunciar a esse cargo de rainha para concedê-lo à velha dama, e Arthur estava contente com essa oportunidade de satisfazer o gosto da madrinha pela imponência. O velho Mr. Donnithorne, o idoso mirrado, limpo, finamente perfumado, conduziu

Miss Irwine, com seu ar de polidez meticulosa e ácida; Mr. Gawaine trouxe Miss Lydia, indiferente e fria em um elegante vestido de seda cor de flor de pessegueiro; e Mr. Irwine veio por último com sua pálida irmã Anne. Nenhum outro amigo da família, além de Mr. Gawaine, havia sido convidado na ocasião; haveria um grande banquete para a nobreza vizinha no dia seguinte, mas naquele dia especial todos os esforços eram voltados para o entretenimento dos inquilinos.

Havia uma trincheira em frente à marquise, dividindo o gramado do parque, mas uma ponte provisória fora feita para a passagem dos vencedores, e os grupos de pessoas em pé, ou sentados aqui e acolá em bancos, estendiam-se ao lado do espaço aberto das marquises brancas até a trincheira.

— Posso dizer que é uma bela visão — disse a senhora, com sua voz profunda, quando se sentou e olhou em volta para a cena radiante com o fundo verde-escuro —, e será o último dia de festa que provavelmente verei, a menos que se apresse e se case, Arthur. Mas tome cuidado para conseguir uma noiva encantadora, caso contrário, prefiro morrer sem vê-la.

— É tão terrivelmente exigente, madrinha — disse Arthur —, temo que nunca irei satisfazê-la com minha escolha.

— Bem, não vou perdoá-lo se ela não for bonita. Não posso me deixar levar pela amabilidade, que é sempre a desculpa que as pessoas dão para a existência de pessoas medíocres. E ela não deve ser boba; isso é inaceitável, porque você vai precisar de controle, e uma mulher boba não pode controlá-lo. Quem é aquele jovem alto, delfim, com o rosto suave? Ali, sem o chapéu, cuidando tanto daquela idosa alta ao lado — sua mãe, é claro. Gosto de ver isso.

— O quê? Não o conhece, mãe? — disse Mr. Irwine. — Aquele é Seth Bede, irmão de Adam — um metodista, mas um camarada muito bom. O pobre Seth tem parecido bastante desanimado ultimamente; achei que era por causa da morte do pai daquela triste maneira, mas Joshua Rann me disse que ele queria se casar com aquela doce pregadora metodista que esteve aqui há cerca de um mês, e suponho que o recusou.

— Ah, lembro-me de ter ouvido falar dela. Mas há uma infinidade de pessoas aqui que eu não conheço, pois estão crescidas e tão diferentes desde que eu costumava andar por aí.

— Que excelente visão a senhora tem — disse o velho Mr. Donnithorne, que segurava um binóculo em frente aos olhos —, para conseguir ver a expressão do rosto daquele jovem de tão longe. Seu rosto não passa de um ponto pálido e borrado para mim. Mas imagino que eu tenha a vantagem quanto a enxergar de perto. Posso ler letras pequenas sem óculos.

— Ah, meu caro, o senhor começou sendo muito míope, e olhos míopes sempre levam a melhor. Preciso de óculos muito fortes para ler, mas então acho que meus olhos ficam cada vez melhores para coisas a distância. Suponho que, se pudesse viver mais cinquenta anos, ficaria cega para tudo o que não estivesse fora da vista das pessoas, como um homem que está dentro de um poço e não vê nada além das estrelas.

— Vejam — disse Arthur —, as senhoras estão prontas para começar a corrida agora. Em qual você aposta, Gawaine?

— A de pernas longas, a menos que tenham várias eliminatórias, e então a pequena e magra pode ganhar.

— Lá estão os Poyzers, mãe, não muito longe, à direita — disse Miss Irwine. — Mrs. Poyser está olhando para a senhora. Preste atenção nela.

— Com certeza irei — disse a senhora, fazendo uma reverência graciosa a Mrs. Poyser. — Uma mulher que me envia um queijo cremoso tão excelente não deve ser negligenciada. Valha-me Deus! Que criança gorda sentada em seu colo! Mas quem é aquela garota bonita de olhos escuros?

— Aquela é Hetty Sorrel — disse Miss Lydia Donnithorne —, sobrinha de Martin Poyser, uma jovem muito promissora e de boa aparência também. Minha criada lhe ensinou bordados finos, e ela remendou algumas rendas minhas de maneira muito respeitável, de fato, muito respeitável.

— Ora, ela vive com os Poyzers há seis ou sete anos, mãe; deve tê-la visto — disse Miss Irwine.

— Não, nunca a vi, criança, pelo menos não como ela está agora — disse Mrs. Irwine, continuando a olhar para Hetty. — Boa aparência, de fato! Ela é uma perfeita beldade! Nunca vi nada tão bonito desde meus dias de juventude. Que pena que uma beleza como essa seja desperdiçada entre os agricultores, quando é tão tremendamente desejada entre as boas famílias sem fortuna! Suponho que se casará com um homem que a acharia bonita mesmo que tivesse olhos redondos e cabelos ruivos.

Arthur não ousou voltar os olhos para Hetty enquanto Mrs. Irwine falava dela. Fingiu não ouvir e se ocupar com algo do lado oposto. Mas a via claramente sem olhar; via-a em grande beleza, porque ouvia sua beleza ser elogiada, pois a opinião de outras pessoas, como sabe, era como um ambiente natural para os sentimentos de Arthur: era o ar em que prosperavam melhor e cresciam fortes. Sim! Ela *era* suficiente para virar a cabeça de qualquer homem; qualquer homem em seu lugar teria feito e sentido o mesmo. E desistir dela, afinal, como estava determinado a fazer, seria um ato que deveria sempre lembrar com orgulho.

— Não, mãe — Mr. Irwine, respondendo às últimas palavras dela —, não posso concordar nesse ponto. As pessoas comuns não são tão estúpidas como imagina. O homem mais comum, que tem seu pinga de bom senso e sentimento, tem consciência da diferença entre uma mulher bonita e delicada e de uma grosseira. Até mesmo um cão sente diferença em sua presença. O homem pode não ser melhor do que o cão para explicar a influência que a beleza mais refinada tem sobre ele, mas a sente.

— Valha-me Deus! Delfim, o que um velho solteirão como você sabe sobre isso?

— Ah, essa é uma das questões em que os velhos solteirões são mais sábios do que os homens casados, porque têm tempo para uma contemplação mais geral. Sua afiada crítica às mulheres nunca deve ser comprometida pelo fato de ter uma para si. Mas, como um exemplo do que eu dizia, aquela linda pregadora metodista que mencionei há pouco me disse que havia pregado para os mineiros mais brutos e nunca tinha sido tratada com nada além do máximo

respeito e bondade. A razão é que — embora ela não saiba — há tanta ternura, refinamento e pureza nela. Uma mulher como essa traz consigo “ares do paraíso” aos quais o camarada mais grosseiro não é insensível.

— Aqui está um belo espécime de feminilidade, ou mocidade, vindo para receber um prêmio, suponho — disse Gawaine. — Ela deve ser uma das competidoras da corrida de sacos, que já havia começado antes de chegarmos.

O “espécime de feminilidade” era nossa velha conhecida Bessy Cranage, ou então Bess de Chad, cujas grandes bochechas vermelhas e corpo vermelhusco sofriam de um exagero de cor, o que, se tivesse sido um corpo celestial, a teria tornado sublime. Bessy, sinto dizer, voltara a usar seus brincos desde a partida de Dinah, e estava então enfeitada com esses pequenos adornos que conseguiu reunir. Qualquer um que pudesse examinar o coração da pobre Bessy teria visto uma semelhança impressionante entre suas pequenas esperanças e anseios e os de Hetty. A vantagem, talvez, estaria do lado de Bessy na questão do sentimento. Mas então, veja, elas eram tão diferentes por fora! Você estaria disposto a dar uma bofetada em Bessy e ansiaria por beijar Hetty.

Bessy se sentiu tentada a correr a difícil corrida, em parte por mera alegria hedonista, em parte por causa do prêmio. Alguém dissera que haveria capas e outras roupas bonitas como prêmios, e ela se aproximou da marquise, abanando-se com o lenço, mas com exultação cintilante nos olhos redondos.

— Aqui está o prêmio para a primeira corrida de sacos — disse Miss Lydia, pegando um grande pacote da mesa onde os prêmios foram colocados e dando-o a Mrs. Irwine antes de Bessy subir —, um excelente vestido de gorgorão e uma peça de flanela.

— Suponho que não achou que a vencedora seria tão jovem, tia? — disse Arthur. — Não poderia encontrar outra coisa para essa garota e guardar esse vestido sombrio para uma das mulheres mais velhas?

— Não comprei nada além do que é útil e substancial — disse Miss Lydia, ajustando seu laço —; eu não deveria pensar em incentivar o amor por adornos em mulheres jovens dessa classe. Tenho uma capa

escarlate, mas essa é para a senhora que ganhar.

Esse discurso de Miss Lydia produziu uma expressão bastante zombeteira no rosto de Mrs. Irwine enquanto olhava para Arthur, ao mesmo tempo que Bessy se aproximava e fazia uma série de reverências.

— Esta é Bessy Cranage, mãe — disse Mr. Irwine, gentilmente —, filha de Chad Cranage. Lembra-se de Chad Cranage, o ferreiro?

— Sim, com certeza — disse Mrs. Irwine. — Bem, Bessy, aqui está o seu prêmio, excelentes coisas quentes para o inverno. Tenho certeza de que trabalhou duro para conquistá-las neste dia quente.

O semblante de Bessy desabou quando viu o vestido feio e pesado — que também parecia tão quente e desagradável nesse dia de julho, e era uma coisa muito grande e feia de se carregar. Ela reverenciou de novo, sem erguer o olhar, com um tremor crescente nos cantos da boca e então se afastou.

— Pobre garota — disse Arthur —, acho que está desapontada. Gostaria que tivesse sido algo mais ao seu gosto.

— Ela é uma jovem de aparência ousada — observou Miss Lydia. — De forma alguma alguém que eu gostaria de encorajar.

Arthur decidiu em silêncio que daria a Bessy um presente em dinheiro antes do fim do dia, para que pudesse comprar algo mais de seu agrado; mas ela, não ciente do consolo que a aguardava, saiu do espaço aberto, onde era visível da marquise, e jogando o odioso embrulho debaixo de uma árvore, começou a chorar — sob as risadinhas dos meninos pequenos. Nessa situação, foi avistada por sua discreta prima matrona, que não perdeu tempo em aparecer, tendo acabado de entregar o bebê aos cuidados do marido.

— Qual é o problema? — perguntou a matrona pegando o embrulho e o examinando. — Acho que *cê* se acabou nessa bobagem de corrida. E aqui te deram um *tantão* de bom gorgorão e flanela, que deviam dar *pra* quem tivesse bom senso de *num participá* dessa *bobageira*. Podia me dar um bocado desse gorgorão *pra* eu *fazê* roupa *pro* rapazinho; *cê* nunca foi desalmada, Bess; nunca achei isso de você.

— Pode levar tudo, *num* me importo — disse Bess com um movimento petulante, começando a enxugar as lágrimas.

— Bem, posso *aceitá*, se *quisé* se *livrá* disso — disse a prima desinteressada, indo embora rapidamente com o embrulho, para que Bess de Chad não mudasse de ideia.

Mas aquela moça de bochechas formosas foi abençoada com uma adaptabilidade de ânimo que a protegia de qualquer sofrimento intenso; e quando o grande clímax da corrida de burros começou, a decepção inteiramente desaparecera na emoção deliciosa de tentar estimular o último burro com assobios, enquanto os meninos aplicavam o recurso dos bastões. Mas a força da mente de um burro estava em adotar um rumo inverso ao dos recursos apresentados, o que, bem considerado, requeria uma força mental tão grande quanto a sequência direta; e o burro em questão provou a ordem de primeira classe de sua inteligência parando completamente quando os golpes eram mais fortes. Grande foi a gritaria da multidão, brilhante o sorriso de Bill Downes, o cortador de pedra e o afortunado cavaleiro desta besta superior, que permaneceu calma e com as pernas rígidas em meio ao seu triunfo.

O próprio Arthur entregou os prêmios aos homens, e Bill ficou feliz com um esplêndido canivete, provido de lâminas e verrumas suficientes para deixar um homem à vontade em uma ilha deserta. Mal voltara da marquise com o prêmio na mão, quando começou a se ouvir que Wiry Ben pretendia divertir o grupo, antes que os nobres comessem o banquete, com uma apresentação improvisada e voluntária – ou seja, uma *hornpipe*,^[128] de onde, sem dúvida, viera sua inspiração; mas seria desenvolvida pelo dançarino de uma maneira tão peculiar e complexa que ninguém poderia lhe negar o louvor da originalidade. O orgulho de Wiry Ben por sua dança – uma habilidade que produzia grande efeito na vigília anual – precisava apenas ser levemente inflado com uma quantidade extra de boa cerveja para convencê-lo de que a nobreza ficaria muito impressionada com o desempenho de sua *hornpipe*; e fora decididamente encorajado nessa ideia por Joshua Rann, que observou que era o certo a fazer para agradar o jovem fidalgo, em troca do que ele fizera por eles. Você se surpreenderá menos com essa opinião vinda de um personagem tão sério quando souber que Ben pediu a Mr. Rann para acompanhá-lo no

violino, e Joshua teve certeza de que, embora não houvesse nada muito notável na dança, a música compensaria. Adam Bede, que estava presente em uma das grandes marquises, onde o plano estava sendo discutido, disse a Ben que era melhor não fazer papel de bobo – uma observação que imediatamente firmou a determinação de Ben: não desistiria de nada apenas porque Adam Bede torcia o nariz.

— O que é isso, o que é isso? — perguntou o velho Mr. Donnithorne. — É algo que planejou, Arthur? Aqui está o escrivão vindo com seu violino, e um camarada vistoso com um ramalhete na lapela.

— Não — disse Arthur —; não sei nada a respeito. Por Deus, ele vai dançar! É um dos carpinteiros, esqueci o nome dele no momento.

— É Ben Cranage – Wiry Ben, como o chamam — disse Mr. Irwine —; um tanto velhaco, acho. Anne, minha querida, vejo que o arranhar do violino é demais para você: está ficando cansada. Deixe-me levá-la agora, para que possa descansar até o jantar.

Miss Anne se levantou concordando, e o bom irmão a levou embora, enquanto os arranhados preliminares de Joshua irromperam em “Laço Branco”^[129], da qual ele pretendia passar para uma variedade de melodias, por uma série de transições que seu bom ouvido realmente o ensinara a executar com alguma habilidade. Teria sido um fato exasperante, se soubesse que a atenção geral estava completamente absorvida pela dança de Ben para que alguém prestasse muita atenção à música.

Já viu um rústico inglês de verdade realizar uma dança solo? Talvez tenha visto apenas um balé rudimentar, sorridente como o retrato pintado de um camponês em uma louça, com giros graciosos de quadril e movimentos insinuantes de cabeça. Isso seria tão parecido com a realidade quanto a “Valsa dos Pássaros”^[130] é parecida com o canto dos pássaros. Wiry Ben nunca sorria, parecia tão sério quanto um macaco dançante – tão sério como se fosse um filósofo experimental verificando na própria pessoa a quantidade de tremores e as variedades de angularidade que poderiam ser dadas aos membros humanos.

Para compensar as risadas abundantes na marquise listrada, Arthur

batia palmas constantemente e gritava “Bravo!”. Mas Ben tinha um admirador cujos olhos seguiam seus movimentos com uma gravidade fervorosa que se igualava à sua. Era Martin Poyser, que estava sentado em um banco, com Tommy entre as pernas.

— O que acha disso? — disse ele à esposa. — Ele acompanha a música como se fosse um relógio. Eu costumava ser muito bom na dança quando era mais magro, mas nunca acertava em cheio assim.

— Na minha opinião, o que ele faz com as *perna* pouco importa — retorquiu Mrs. Poyser. — É a cabeça dele que é bem vazia, ou nunca que ia *ficá* se balançando e batendo os *pé* desse jeito que nem um gafanhoto doido na frente da nobreza, *tão* morrendo de rir, eu *tô* vendo.

— Bem, bem, melhor ainda, *tão* se divertindo — disse Mr. Poyser, que não se irritava facilmente com as coisas. — Mas acho que *tão* indo embora agora, *pro* banquete deles. Vamos nos *mexê* um pouco, vamos ver o que Adam Bede *tá* fazendo. Ele tem que *cuidá* da bebida e de outras *coisa*: imagino que *num* tenha se divertido muito.

Capítulo XXVI

O Baile

Arthur escolhera o átrio para o salão de baile: muito sabiamente, pois nenhum outro cômodo poderia ser tão arejado, ou teria a vantagem das amplas portas que davam para o jardim, bem como uma entrada pronta para os outros cômodos. Com certeza, um chão de pedra não era o mais agradável para dançar, mas então, a maioria dos dançarinos sabia o que era desfrutar de uma dança de Natal em ladrilhos de cozinha. Era um daqueles átrios que fazem os cômodos ao redor parecerem cubículos – com anjos de estuque, trombetas e coroas de flores no teto alto, e grandes medalhões de heróis diversos nas paredes, alternando com estátuas em nichos. Exatamente o tipo de lugar para ser bem ornamentado com ramos verdes, e Mr. Craig teve orgulho de mostrar seu gosto e suas plantas de estufa na ocasião. Os degraus largos da escada de pedra estavam cobertos com almofadas para servir de assentos para as crianças, que deveriam ficar até as nove e meia com as criadas para ver o baile, e como esse baile estava restrito aos principais inquilinos, havia espaço abundante a todos. As luzes estavam encantadoramente dispostas em lamparinas no alto entre ramos verdes, e as esposas e filhas dos agricultores, enquanto espiavam, acreditavam que nenhuma cena poderia ser mais esplêndida; sabiam agora muito bem em que tipo de cômodos o rei e a rainha viviam, e os pensamentos se voltaram com alguma pena aos primos e conhecidos que não tiveram essa bela oportunidade de saber como as coisas aconteciam no mundo grandioso. As lamparinas já estavam acesas, embora o sol tivesse se posto não há muito tempo, e havia aquela luz serena lá fora, na qual parecemos ver todos os objetos com mais distinção do que em pleno dia.

Era uma cena bonita do lado de fora da casa: os agricultores e suas famílias andavam pelo gramado, entre as flores e arbustos, ou ao longo da ampla estrada reta que saía da frente leste, onde um tapete de grama musgosa se estendia de cada lado, cravejado aqui e ali com

um cedro escuro de ramos chatos, ou um grande abeto piramidal varrendo o chão com seus galhos, todos encimados por uma orla de um verde mais pálido. Os grupos de aldeões no parque foram diminuindo aos poucos, os jovens sendo atraídos pelas luzes que começavam a brilhar nas janelas da galeria da abadia, que seria o salão de baile, e alguns dos mais velhos sóbrios achando que era hora de ir para casa em silêncio. Uma delas era Lisbeth Bede, e Seth foi com ela – não apenas por atenção filial, pois sua consciência não o deixaria participar da dança. Fora um dia bastante melancólico para Seth: Dinah nunca estivera tão presente em sua mente do que nessa cena, onde tudo era tão diferente dela. Ele a via ainda com mais nitidez depois de olhar para os rostos descuidados e os vestidos de cores alegres das jovens – assim como se sente a beleza e a grandeza de uma pintura de uma Madona, quando nos foi ocultada por um momento por alguma cabeça ordinária em um gorro. Mas essa presença de Dinah em sua mente só o ajudou a suportar melhor o humor da mãe, que vinha se tornando cada vez mais queixoso na última hora. A pobre Lisbeth sofria de um estranho conflito de sentimentos. A alegria e orgulho pela homenagem prestada a seu querido filho Adam começavam a ser derrotados no conflito com o ciúme e a irritação que reviveram quando Adam veio lhe dizer que o capitão Donnithorne desejava que se juntasse aos dançarinos no salão. Adam estava ficando cada vez mais fora de seu alcance; ela desejou todos os velhos problemas de volta novamente, pois então importaria mais para Adam o que a mãe dizia e fazia.

— Hum, *tá* certo falar de dança — disse ela —, quando seu pai *num* tem nem cinco *semana* que foi *pruma* cova. Queria *tá* lá embaixo também em vez de *tá* no meio de gente alegre aqui em cima.

— Não, não veja as coisas assim, mãe — disse Adam, que estava determinado a ser gentil com ela. — Não pretendo dançar, vou só assistir. E já que o capitão quer que eu esteja lá, ia parecer um desaforo se eu dissesse que prefiro não ficar. E sabe como ele foi bom comigo hoje.

— Hum, *cê* faz o que *quisé*, pois sua velha mãe *num* tem o direito de te *impedí*. Ela *num* passa duma casca velha, e *cê* escapou dela que nem

noz madura.

— Bem, mãe — disse Adam —, vou dizer para o capitão como te magoa se eu ficar, e que eu prefiro ir para casa por conta disso. Ele não vai levar a mal então, imagino, e é de minha vontade — disse isso com algum esforço, pois realmente desejava estar perto de Hetty nessa noite.

— Não, *num* quero que faça isso, o jovem fidalgo vai *ficá* zangado. Vai lá e faz o que ele te mandou *fazê*, e eu e Seth vamos *pra* casa. Sei que *pra* você é uma baita honra ser tão bem-visto e quem que ia *ficá* mais orgulhosa que sua mãe? *Num* foi ela que te criou e cuidou por esses *ano tudo*?

— Bem, até logo, então, mãe. Até logo, rapaz. Lembre-se de alimentar o Gyp quando chegar em casa — disse Adam, virando-se em direção ao portão dos jardins, onde esperava poder se juntar aos Poyzers, pois estivera tão ocupado durante toda a tarde que não tivera tempo de falar com Hetty. Seus olhos logo detectaram um grupo distante, que sabia ser o certo, voltando para a casa ao longo da ampla estrada de cascalho, e se apressou para encontrá-los.

— Ora, Adam, fico feliz de te ver de novo — disse Mr. Poyser, que carregava Totty no braço. — Espero que se divirta agora que seu trabalho acabou. E aqui *tá* Hetty que já prometeu um monte de dança, e acabei de *perguntá* se te prometeu uma dança e ela disse que não.

— Bem, não pensei em dançar esta noite — disse Adam, já tentando a mudar de ideia, enquanto olhava para Hetty.

— Bobagem! — disse Mr. Poyser. — Ora, todo mundo vai *dançá* esta noite, menos o velho fidalgo e Mrs. Irwine. Mrs. Best *tá* nos contando como Miss Lyddy e Miss Irwine também vão *dançá*, e que o jovem fidalgo vai *escolhê* minha esposa *pra* ser seu primeiro par *pra abrí* o baile: então ela vai ter que *dançá*, apesar de *num fazê* isso *desdo* Natal, antes da menorzinha *nascê*. *Num* pode *ficá* com vergonha, Adam, é um belo jovem e pode *dançá* tão bem quanto qualquer um.

— Não, não — disse Mrs. Poyser —, *num* ia ser apropriado. Sei que *dançá* é bobagem, mas se *achá* que tudo é bobagem, *num* vai longe na vida. Quando seu prato de sopa *tá* pronto, ou *cê* toma até a última gota ou nem dá a primeira colherada.

— Então, se Hetty dançar comigo — disse Adam, cedendo ao argumento de Mrs. Poyser ou a qualquer outra coisa —, danço qualquer dança que ela estiver livre.

— Eu não tenho parceiro para a quarta dança — disse Hetty —; danço com você, se quiser.

— Ah — disse Mr. Poyser —, mas cê deve *dançá* a primeira dança, Adam, senão vai *parecê* estranho. Tem muita parceira bacana *pra* escolhê, e é triste *pras* moça quando os *homem* fica *parado* e *num* convida.

Adam percebeu a justiça na observação de Mr. Poyser. Não seria bom dançar apenas com Hetty; e lembrando que Jonathan Burge tinha motivo para se sentir magoado hoje, resolveu pedir a Miss Mary para dançar com ele a primeira dança, se ela não tivesse outro parceiro.

— *Taí* o grande relógio batendo oito *hora* — disse Mr. Poyser —; a gente deve se *apressá* agora, senão o fidalgo e as *senhora* vai *chegá* antes da gente, e isso *num* ia ser bom.

Quando entraram no salão, e as três crianças sob os cuidados de Molly estavam sentadas na escada, as portas do salão foram escancaradas e Arthur entrou com seu uniforme, conduzindo Mrs. Irwine a um estrado coberto de tapetes ornamentado com plantas de estufa, onde ela e Miss Anne deveriam se sentar com o velho Mr. Donnithorne, para que pudessem assistir à dança, como os reis e rainhas nas peças. Arthur vestira a farda para agradar aos inquilinos, disse ele, que pensavam tanto em sua dignidade de milícia como se fosse uma elevação ao cargo de primeiro-ministro. Não tinha a menor objeção em satisfazê-los dessa maneira: a farda era muito vantajosa para sua figura.

O velho fidalgo, antes de se sentar, caminhou pelo salão para cumprimentar os inquilinos e fazer discursos corteses às esposas: era sempre cortês, mas os agricultores descobriram, depois de muita conjectura, que esse refinamento era um dos sinais de dureza. Observou-se que ele prestou sua civilidade mais elaborada a Mrs. Poyser essa noite, perguntando particularmente sobre sua saúde, recomendando-lhe que se fortalecesse com água fria como ele fazia e evitasse qualquer remédio. Mrs. Poyser fez uma reverência e

agradeceu com grande autocontrole, mas quando ele passara, sussurrou para o marido:

— Aposto minha vida que *tá* tramando alguma coisa ruim contra a gente. O tinoso *num* abana o rabo de graça — ao que Mr. Poyser não teve tempo de responder, pois Arthur se aproximou e disse: — Mrs. Poyser, venho pedir o favor de sua mão para a primeira dança; e, Mr. Poyser, deve-me deixar levá-lo à minha tia, pois ela o reivindica como parceiro.

As bochechas pálidas da esposa ruborizaram com uma sensação nervosa de honra incomum quando Arthur a levou ao centro da sala; mas Mr. Poyser, a quem uma dose extra de cerveja restaurara a confiança juvenil na boa aparência e boa dança, caminhava junto deles com muito orgulho, gabando-se secretamente de que Miss Lydia nunca tivera um parceiro em *sua* vida que pudesse levantá-la do chão como ele faria. Para equilibrar as honras concedidas às duas paróquias, Miss Irwine dançou com Luke Britton, o maior agricultor de Broxton, e Mr. Gawaine conduziu Mrs. Britton. Mr. Irwine, depois de levar sua irmã Anne aos assentos, foi à galeria da abadia, como combinara com Arthur de antemão, para ver como a alegria dos aldeões progredia. Enquanto isso, todos os casais menos ilustres tomaram seus lugares: Hetty foi conduzida pelo inevitável Mr. Craig e Mary Burge por Adam; e agora a música tocava, e a gloriosa quadrilha, a melhor de todas as danças, começou.

Pena que não era um piso de madeira! Assim a batida rítmica dos sapatos grossos teria sido melhor do que qualquer tambor. Aquele alegre bater de pés, aquele aceno gracioso de cabeça, aquela ondulante concessão de mãos — onde podemos vê-los agora? Aquela simples dança de matronas bem-vestidas, deixando de lado por uma hora as preocupações da casa e da leiteria, lembrando, mas não fingindo juventude, não ciumentas, mas orgulhosas das jovens donzelas ao lado — essa vivacidade festiva de maridos corpulentos que faziam pequenos elogios às esposas, como se os dias de cortejo tivessem voltado — aqueles rapazes e moças um pouco confusos e desajeitados com seus parceiros, não tendo nada a dizer — seria uma variedade agradável ver tudo isso às vezes, em vez de vestidos

decotados e saias longas, e homens lânguidos em botas laqueadas sorrindo com duplo sentido.

Havia apenas uma coisa para estragar o prazer de Martin Poyser nessa dança: era encontrar constantemente Luke Britton, aquele agricultor desleixado. Pensou em lançar um olhar de frieza ao cruzar as mãos; mas então, como Miss Irwine estava em frente a ele em vez do ultrajante Luke, poderia encarar a pessoa errada. Assim, entregou-se à hilaridade, sem se importar com julgamentos morais.

Como o coração de Hetty pulava enquanto Arthur se aproximava dela! Ele mal a olhara naquele dia, mas agora deveria tomar sua mão na dança. Ele a pressionaria? Ele olharia para ela? Pensou que choraria se ele não lhe desse nenhum sinal de sentimento. Agora estava lá – pegara a mão dela – sim, ele a estava pressionando. Hetty ficou pálida quando o olhou por um instante e encontrou seus olhos, antes que a dança o levasse embora. Aquela expressão pálida atingiu Arthur como o começo de uma dor lancinante, que se apoderou dele, embora devesse dançar, sorrir e brincar do mesmo jeito. Hetty ficaria assim quando lhe contasse o que tinha a dizer; e ele nunca seria capaz de suportar – seria um tolo e cederia novamente. A expressão de Hetty não significava tanto quanto ele pensava: era apenas o sinal de uma luta entre o desejo de que a notasse e o medo de que revelasse esse desejo aos outros. Mas o rosto de Hetty tinha uma linguagem que transcendia seus sentimentos. Há rostos que a natureza carrega com um significado e piedade que não pertencem à única alma humana que tremula abaixo deles, mas falam das alegrias e pesares das gerações precedidas – olhos que contam de um amor profundo que, sem dúvida, existiu e está em algum lugar, mas não aliado a esses olhos – talvez aliado aos olhos pálidos que não podem dizer nada; assim como uma língua nacional pode ser instintiva de poesia não sentida pelos lábios que a usam. Aquela expressão de Hetty oprimia Arthur com um pavor que ainda tinha algo de um terrível prazer inconfesso, que ela o amava com certeza. Havia uma tarefa difícil diante dele, pois naquele momento sentiu que teria desistido de três anos de sua juventude pela felicidade de se entregar sem remorsos à paixão por Hetty.

Esses eram os pensamentos incongruentes em sua mente enquanto conduzia Mrs. Poyser, que estava ofegante de fadiga, e decidiu em segredo que nem juiz nem júri lhe forçariam a dançar outra dança, descansaria tranquilamente na sala de jantar, onde o jantar havia sido preparado para que os convidados se servissem à vontade.

— Queria que Hetty lembrasse que te deve uma dança, senhor — disse a boa mulher inocente —, pois ela é tão desatenta, que é capaz de *entrá* em todas as *dança*. Então eu disse *pra* ela *num prometê muita*.

— Obrigado, Mrs. Poyser — disse Arthur, sentindo uma pontada. — Agora, sente-se nesta cadeira confortável, e aqui está Mills pronto para lhe servir o que desejar.

Ele se apressou em procurar outra parceira matrona, pois a devida honra deveria ser dada às mulheres casadas antes que convidasse qualquer uma das jovens; e as quadrilhas, o bater de pés, os acenos de cabeça graciosos e os gestos de mãos prosseguiram com alegria.

Finalmente chegara a hora da quarta dança – desejada pelo forte e sério Adam, como se fosse um delicado jovem de dezoito anos; pois somos todos muito parecidos quando estamos em nosso primeiro amor; e Adam dificilmente tocara a mão de Hetty por mais do que uma saudação passageira – nunca dançara com ela nem mesmo uma vez. Seus olhos a seguiram ansiosos essa noite, involuntariamente, e sorveram doses mais profundas de amor. Achava que ela se comportava de maneira tão linda, tão tranquila; não parecia estar flertando, sorria menos do que de costume; havia nela quase uma doce tristeza. “Deus a abençoe!”, pensou; “faria a vida dela feliz, se um braço forte para trabalhar por ela e um coração que a ama fossem o bastante.”

E então se apoderou dele pensamentos deliciosos de voltar para casa vindo do trabalho, e puxar Hetty a seu lado, e sentir sua bochecha suavemente pressionada contra a dele, até que esqueceu onde estava, e a música e o passo dos pés poderiam ser da chuva e o rugido do vento, pelo que sabia.

Mas agora a terceira dança terminara, e poderia ir até ela e reivindicar sua mão. Ela estava na extremidade do salão, perto da escada, sussurrando com Molly, que acabara de entregar Totty

adormecida em seus braços antes de correr para pegar os xales e gorros. Mrs. Poyser levava os dois meninos para a sala de jantar para lhes dar um pouco de bolo antes de irem para casa na charrete com o avô, e Molly deveria segui-los o mais rápido possível.

— Deixa eu segurar ela — disse Adam, enquanto Molly subia as escadas —; as crianças são tão pesadas quando estão dormindo.

Hetty ficou feliz com o alívio, pois segurar Totty nos braços, de pé, não lhe era uma atividade agradável. Mas essa segunda transferência teve o infeliz efeito de despertar Totty, que não ficava atrás de nenhuma criança de sua idade no quesito irritação de um despertar inoportuno. Enquanto Hetty estava no ato de colocá-la nos braços de Adam, e ainda não havia retirado os seus, Totty abriu os olhos e imediatamente bateu com o punho esquerdo no braço de Adam e com o direito prendeu no colar de contas marrons ao redor do pescoço de Hetty. O medalhão saltou do vestido e, no momento seguinte, o colar se rompeu, e Hetty, indefesa, viu as contas e o medalhão espalhados pelo chão.

— Meu medalhão, meu medalhão! — disse ela, em um sussurro alto de medo para Adam —; não importam as contas.

Adam já vira onde o medalhão havia caído, pois atraiu seu olhar quando saltou do vestido dela. Caíra no estrado de madeira onde a banda estava sentada, não no chão de pedra; e quando Adam o pegou, viu o vidro com as mechas escuras e claras de cabelo por baixo dele. Caíra com aquele lado para cima, então o vidro não estava quebrado. Ele o virou na mão e viu o dourado esmaltado no verso.

— Não quebrou — disse ele, enquanto o levava em direção a Hetty, que foi incapaz de pegá-lo porque ambas as mãos estavam ocupadas com Totty.

— Oh, não importa, não me importo com isso — disse Hetty, que antes pálida, agora estava vermelha.

— Não se importa? — disse Adam, sério. — Parecia muito assustada por causa disso. Eu seguro ele até que possa pegar — acrescentou, fechando com calma a mão sobre ele, para que ela não achasse que queria olhá-lo novamente.

A essa altura, Molly tinha vindo com gorro e xale, e assim que

pegou Totty, Adam colocou o medalhão na mão de Hetty. Ela o pegou com um ar de indiferença e o colocou no bolso, em seu coração aflito e irritada com Adam porque ele o vira, mas decidida agora a não mostrar mais sinais de agitação.

— Veja — disse ela —, *tão* tomando os lugares *pra* dançar; vamos.

Adam assentiu silenciosamente. Um alerta intrigante tomou conta dele. Teria Hetty um namorado que ele não conhecia? Pois nenhum de seus parentes, tinha certeza, dar-lhe-ia um medalhão como aquele; e nenhum de seus admiradores, que ele conhecia, estava na posição de um namorado aceito, como quem lhe presenteou com aquele medalhão estaria. Adam estava perdido na impossibilidade absoluta de encontrar qualquer pessoa em que seus medos recaíssem. Apenas podia sentir com uma pontada terrível que havia algo na vida de Hetty que lhe era desconhecido; que enquanto se acalentava na esperança de que ela viesse amá-lo, já amava outro. O prazer da dança com Hetty se fora; os olhos, quando pousaram nela, tinham uma expressão inquieta e questionadora; não conseguia pensar em nada para lhe dizer; e ela também estava de mau humor e indisposta a falar. Ambos ficaram felizes quando a dança terminou.

Adam estava determinado a não ficar mais; ninguém precisava dele, e ninguém notaria se escapasse dali. Assim que saiu pela porta, começou a andar no ritmo rápido usual, apressando-se sem saber o porquê, ocupado com o pensamento doloroso de que a memória desse dia, tão cheia de homenagem e promissora, estava envenenada para sempre. De repente, quando estava longe no meio da reserva de caça, parou, assustado por um lampejo de esperança revigorada. Afinal, talvez fosse um tolo em transformar uma besteira em uma grande miséria. Hetty, que gostava de adornos, poderia ter comprado a coisa ela mesma. Parecia muito cara – parecia aquelas coisas em cetim branco na grande joalheria em Rosseter. Mas Adam tinha noções muito limitadas do valor de tais coisas, e pensou que certamente não poderia custar mais do que um guinéu. Talvez Hetty tivesse poupado esse tanto em caixinhas de Natal, e não havia como saber, mas poderia ter sido infantil o suficiente para gastar dessa maneira; ela era tão jovem e não podia deixar de amar adornos! Mas então, por que

havia ficado tão assustada de início, mudado tanto de cor e depois fingido não se importar? Oh, isso foi porque tinha vergonha que ele visse que tinha uma coisa tão vistosa – tinha consciência de que era errado gastar dinheiro nisso, e sabia que Adam desaprovava adornos. Era uma prova de que se importava com o que ele gostava e não gostava. Ela deveria ter pensado que, devido ao seu silêncio e seriedade seguintes, ele ficara muito descontente com ela, que estava inclinado a ser duro e severo com suas fraquezas. E enquanto caminhava mais calmamente, ruminando essa nova esperança, sua única inquietação era que se comportara de uma maneira que poderia esfriar os sentimentos de Hetty em relação a ele. Pois essa última visão da questão deveria ser a verdadeira. Como Hetty poderia ter um namorado aceito completamente desconhecido? Ela nunca ficava longe da casa do tio por mais de um dia; não poderia ter conhecidos que não fossem para lá, nem as amizades íntimas desconhecidas aos tios. Seria loucura acreditar que o medalhão lhe fora dado por um namorado. O pequeno cacho de cabelos escuros tinha certeza de que era dela; não conseguia adivinhar acerca do cabelo claro, pois não o tinha visto com muita clareza. Poderia ser um pouco do pai ou da mãe, que morreram quando ela era criança, e provavelmente a tia guardara uma mecha de cada um deles como lembrança.

E assim Adam foi para a cama consolado, tendo tecido para si mesmo uma engenhosa teia de probabilidades – a tela mais segura que um homem sábio pode colocar entre ele e a verdade. Seus últimos pensamentos despertos se dissiparam em um sonho em que estava com Hetty novamente na fazenda Hall, e pedia que o perdoasse por ser tão frio e calado.

E enquanto ele sonhava com isso, Arthur estava conduzindo Hetty ao baile e lhe dizendo em voz baixa e apressada: — Estarei na floresta depois de amanhã às sete; venha o mais cedo que puder.

E as alegrias e esperanças tolas de Hetty, que voaram para longe por um curto período, assustadas por um mero nada, agora voltavam todas esvoaçantes, inconscientes do perigo real. Estava feliz pela primeira vez nesse longo dia, e desejava que a dança durasse horas. Arthur desejou isso também; era a última fraqueza a qual pretendia

ceder; e um homem nunca se deitava com o mais delicioso langor sob a influência de uma paixão do que quando se convencera de que a dominaria no dia seguinte.

Mas os desejos de Mrs. Poyser eram exatamente o contrário disso, pois sua mente estava cheia de pressentimentos sombrios quanto ao atraso do queijo de amanhã de manhã em consequência dessas horas tardias. Agora que Hetty havia cumprido o seu dever e dançado uma dança com o jovem fidalgo, Mr. Poyser deveria sair e ver se a charrete voltara para buscá-los, pois já passava das dez e meia e, a despeito de uma leve sugestão da parte dele de que seria falta de educação serem os primeiros a partir, Mrs. Poyser estava decidida sobre a questão, “boas *maneira* ou não”.

— O quê?! Já vai, Mrs. Poyser? — disse o velho Mr. Donnithorne, quando ela veio fazer uma reverência e se despedir —; pensei que não nos despediríamos de nenhum dos convidados até as onze. Mrs. Irwine e eu, que somos idosos, pensamos em ficar de fora do baile até lá.

— Oh, Vossa Senhoria, é certo e apropriado *pros bem-nascido* ficá acordado à luz de vela – eles *num* têm que se *preocupá* com o queijo. Já *tá* bastante tarde, e *num* dá *pra* fazer as *vaca entendê* qualquer mudança no horário da ordenha. Então, se nos dá licença, vamos embora.

— Hum! — disse ela ao marido, enquanto partiam na charrete: —, prefiro os *dia* de *fabricá* cerveja e *lavá* roupa do que esses *dia* de farra. *Num* tem trabalho mais cansativo que *ficá* chacoalhando por aí e encarando sem *sabê* o que *fazê* depois; com um sorriso amarelo na cara que nem comerciante em *dia* de mercado com medo das *pessoa achá* que *cê num* é *civilizado*. E *num* ter nada *pra mostrá* depois que acaba, a *num* ser a cara descorada de *comê* coisa que *num* gosta.

— Não, não — disse Mr. Poyser, que estava em seu humor mais alegre e sentiu que tivera um grande dia —, um bocado de diversão é bom às *vez*. E *cê* dançou muito bem, pois eu atesto que é a maior pé-de-valsa da paróquia. E foi uma grande honra o jovem fidalgo te *chamá* primeiro – acho que foi porque *sentei* na cabeceira da mesa e fiz o discurso. E Hetty também – ela nunca teve um parceiro assim antes – um jovem refinado de farda. Vai ser uma história *pra contá*, Hetty,

quando *tiver* velha – como dançou com o jovem fidalgo no dia em que ele ficou maior de idade.

FIM DO TERCEIRO LIVRO.

LIVRO IV



Capítulo XXVII

Uma Crise

Já passava de meados de agosto – quase três semanas depois da festa de aniversário. A ceifa do trigo começara no centro-norte do condado de Loamshire, mas a colheita provavelmente ainda seria retardada pelas fortes chuvas, que estavam causando inundações e muitos danos em todo a região. Com esse último problema, os agricultores de Broxton e Hayslope, em seus agradáveis planaltos e vales banhados por riachos, não sofreram, e como não posso fingir que eles fossem agricultores tão excepcionais a ponto de amar o bem geral mais do que o próprio, você vai inferir que eles não estavam desanimados com o rápido aumento no preço do pão, desde que houvesse esperança de colher o próprio cereal intacto; e dias ocasionais de sol e ventos secos estimulavam essa esperança.

O dia dezoito de agosto foi um desses dias em que o sol parecia mais brilhante aos olhos devido à penumbra que passara. Grandes massas de nuvens se precipitavam pelo azul, e as grandes colinas redondas atrás da reserva de caça pareciam vivas com suas sombras flutuantes; o sol ficou escondido por um momento, e então brilhou quente de novo como uma alegria recuperada; as folhas, ainda verdes, eram lançadas pelo vento das sebes; ao redor das casas de fazenda ouvia-se o som de portas batendo; as maçãs caíam dos pomares; e os cavalos errantes nas laterais verdes das alamedas e na área comunitária estavam com suas crinas esvoaçando. E, no entanto, o vento parecia apenas parte da alegria geral porque o sol estava brilhando. Um dia feliz para as crianças, que corriam e gritavam para ver se conseguiam superar o vento com suas vozes; e os adultos também estavam de bom humor, dispostos a acreditar em dias ainda melhores, quando o vento diminuía. Se ao menos o cereal não estivesse maduro o suficiente para ser expelido da casca e espalhado como semente prematura!

E ainda assim um dia em que um pesar avassalador poderia cair

sobre um homem. Pois se é verdade que a Natureza em certos momentos parece carregada de um pressentimento de uma sina individual, não deve também ser verdade que parece desatenta, inconsciente de outra? Pois não há hora que não surja alegria e desespero, nenhum brilho matinal que não traga nova doença à desolação, bem como novas forças ao gênio e ao amor. Há tantos de nós, e nossas sinas são tão diferentes, não é de se admirar que o humor da Natureza está muitas vezes em forte contraste com a grande crise de nossas vidas? Somos filhos de uma grande família e devemos aprender, como crianças, a não esperar que nossas mágoas sejam muito valorizadas – a nos contentar com pouco cuidado e carinho, e ajudar uns aos outros ainda mais?

Foi um dia atarefado para Adam, que ultimamente havia feito quase o dobro do trabalho, pois continuava a atuar como capataz de Jonathan Burge, até que alguma pessoa satisfatória pudesse ser encontrada para ocupar seu lugar, e Jonathan demorou a encontrar essa pessoa. Mas ele fizera o trabalho extra com alegria, pois suas esperanças estavam reanimadas em relação a Hetty. Todas as vezes que ela o viu depois do aniversário pareceu fazer um esforço para se comportar ainda mais gentil com ele, para que pudesse fazê-lo entender que perdoara seu silêncio e frieza durante a dança. Ele nunca mais mencionara o medalhão; feliz demais por ela lhe sorrir – ainda mais feliz porque observava nela um ar mais subjugado, algo que interpretava como o crescimento da ternura e da seriedade feminina. “Ah!”, ele pensava muitas vezes, “ela tem só dezessete anos; vai ficar mais sensata depois de um tempo. E a tia dela sempre diz o quanto ela é esperta no trabalho. Vai ser uma esposa que a mãe não vai ter oportunidade nenhuma para resmungar, afinal.” Na verdade, ele só a havia visto em casa duas vezes desde o aniversário do herdeiro; em um domingo, quando pretendia ir da igreja para a fazenda Hall, Hetty se juntara à criadagem superior da reserva de caça e fora para casa com eles – quase como se estivesse disposta a encorajar Mr. Craig.

— Ela está gostando muito do pessoal da casa da governanta — comentou Mrs. Poyser. — Quanto a mim, nunca gostei muito dos criado dos *bem-nascido* – é que nem os *cachorro gorducho das dama*

final, *num* serve nem *pra latí* nem *pra* carne de açogue, só *pra* *exibí*.

E outra tarde ela foi a Treddleston comprar algumas coisas; embora, para a grande surpresa dele, quando voltava para casa, viu-a a distância passando por um saltador um tanto fora da estrada de Treddleston. Mas, quando a alcançou e a acompanhou ao portão do pátio da fazenda, ela foi muito gentil e pediu que ele entrasse. Ela disse que havia caminhado um pouco mais longe nos campos depois de voltar de Treddleston, pois não queria entrar na vila; disse que era tão bom estar ao ar livre, e a tia sempre fazia tanto alvoroço quando ela dizia que ia sair.

— Oh, venha comigo! — disse ela, quando ele ia se despedir no portão, e não conseguiu resistir. Então entrou, e Mrs. Poyser se satisfaz com apenas uma pequena observação sobre Hetty ter chegado mais tarde do que o esperado; enquanto Hetty, que parecia desanimada quando a encontrou, sorriu, conversou e serviu a todos com uma prontidão incomum.

Essa foi a última vez que a viu; mas pretendia ter tempo livre para ir à fazenda no dia seguinte, ocasião em que ele sabia que era o dia em que ela iria à reserva de caça costurar com a dama de companhia, então adiantaria o máximo do trabalho possível essa tarde, para que a próxima pudesse ficar livre.

Fazia parte dos trabalhos de Adam supervisionar alguns pequenos reparos na fazenda Chase, que até então fora ocupada por Satchell, como bailio, mas agora havia rumores de que o velho fidalgo a alugaria para um homem inteligente de botas de cano alto, que fora visto um dia cavalgando por lá. Nada além do desejo de conseguir um inquilino poderia explicar os reparos empreendidos pelo fidalgo, embora o grupo que se reuniu sábado à noite na casa de Mr. Casson concordou, enquanto fumavam seus cachimbos, que nenhum homem sensato assumiria a fazenda Chase a menos que ela tivesse um pouco mais de terra arável. Seja como for, ordenou-se que os reparos fossem executados com toda a prontidão, e Adam, representando Mr. Burge, cumpria a ordem com a energia habitual. Mas hoje, estando ocupado em outro lugar, não conseguira chegar à fazenda Chase até o final da tarde, e então descobriu que alguns telhados antigos, que ele

considerara preservar, haviam cedido. Claramente nada de bom poderia ser feito com essa parte da construção sem demolir tudo, e Adam de imediato viu em sua mente um plano para reconstruí-la, de modo a fazer o mais conveniente dos estábulos e currais, com um casebre para implementos; e tudo sem grande despesa de materiais. Assim, quando os trabalhadores se foram, sentou-se, pegou seu caderno de bolso e se ocupou em esboçar um plano e especificar as despesas, a fim de mostrá-lo a Burge na manhã seguinte e fazê-lo persuadir o fidalgo a consentir. “Fazer um bom trabalho”, por menor que fosse, sempre era um prazer para Adam, e se sentou em um bloco, com o caderno apoiado em uma mesa de aplainar, assobiando baixo de vez em quando e virando a cabeça de lado com um sorriso perceptível de gratificação – de orgulho também, pois se Adam adorava um bocado de bom trabalho, também adorava pensar: “consegui!” E acredito que as únicas pessoas que estão livres dessa fraqueza são aquelas que não têm trabalho para chamar de seu. Eram quase sete horas quando ele terminou e vestiu a jaqueta novamente; e ao dar uma última olhada ao redor, observou que Seth, que estivera trabalhando naquele dia, deixara sua cesta de ferramentas para trás.

“Ora, o rapaz esqueceu as ferramentas”, pensou Adam, “e vai ter que trabalhar na oficina amanhã. Nunca vi alguém mais cabeça de vento; só não perde ela porque está presa ao pescoço. No entanto, foi sorte que eu vi; vou levar para casa”.

As construções da fazenda Chase ficavam em uma extremidade da reserva de caça, a cerca de dez minutos a pé da abadia. Adam chegara lá a cavalo, com a intenção de cavalgar até os estábulos e colocar seu pangaré a caminho de casa. Nos estábulos, encontrou Mr. Craig, que viera ver o novo cavalo do capitão, no qual ele partiria depois de amanhã; Mr. Craig o deteve para dizer como todos os criados se reuniriam no portão do pátio para desejar sorte ao jovem fidalgo quando ele partisse; de modo que, quando Adam entrou na reserva de caça e caminhava com a cesta de ferramentas sobre os ombros, o sol estava prestes a se pôr, enviava raios carmesins uniformes entre os grandes troncos dos velhos carvalhos e tocava cada pedaço de solo nu com uma glória transitória que o fazia parecer uma joia caída na

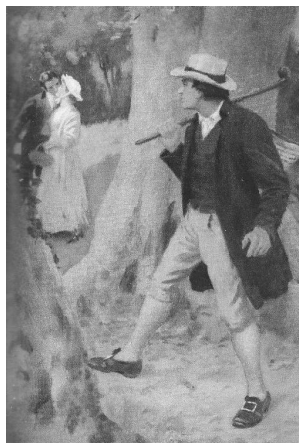
grama. O vento havia diminuído e havia apenas brisa suficiente para agitar as folhas delicadas. Qualquer um que estivesse sentado em casa o dia todo ficaria feliz em caminhar naquele momento; mas Adam estivera o suficiente ao ar livre para desejar encurtar o caminho de volta para casa, e pensou que poderia fazê-lo avançando na reserva de caça e atravessando o bosque por onde não passava há anos. Apressou-se em transpassar a reserva de caça, percorrendo os caminhos estreitos entre a samambaia, com Gyp em seu encalço, sem se deter em observar as magníficas mudanças da luz – nem sequer pensando nisso –, mas sentindo sua presença com uma certa admiração calma e feliz que se misturou com os pensamentos ocupados dos dias de trabalho. Como poderia evitar sentir isso? Os próprios cervos sentiam também e eram mais tímidos.

Em seguida, os pensamentos de Adam se voltaram ao que Mr. Craig dissera sobre Arthur Donnithorne, e imaginou sua partida e as mudanças que poderiam ocorrer antes que ele voltasse; então viajou afetuosamente pelas antigas cenas de companheirismo juvenil e se deteve nas boas qualidades de Arthur, das quais Adam tinha orgulho, como todos nós temos das virtudes do superior que nos honra. Uma natureza como a de Adam, com uma grande necessidade de amor e reverência, deposita muito de sua felicidade no que ela pode acreditar e sentir pelos outros! E ele não tinha um mundo ideal de heróis mortos; conhecia pouco da vida dos homens do passado; deveria encontrar os seres aos quais poderia se apegar com admiração amorosa entre aqueles que dele se aproximam. Esses pensamentos agradáveis a respeito de Arthur trouxeram uma expressão mais suave do que a habitual ao seu rosto aguçado e áspero: talvez tenham sido a razão pela qual, quando abriu o velho portão verde que levava ao bosque, fez uma pausa para fazer carinho em Gyp e lhe dizer uma palavra gentil.

Depois dessa pausa, seguiu novamente ao longo do amplo caminho sinuoso através do bosque. Que faias grandiosas! Adam se deleitava com uma bela árvore entre todas as coisas; como a visão do pescador é mais aguçada no mar, assim as percepções de Adam estavam mais à vontade com as árvores do que com outros objetos. Mantinha-as na

memória, como fazia um pintor, com todas as manchas e nós nas cascas, todas as curvas e ângulos dos ramos, e muitas vezes calculava a altura e a espessura de um tronco com exatidão enquanto o olhava. Não é de admirar que, não obstante seu desejo de continuar, não pôde deixar de olhar para uma grande faia curiosa que vira diante dele em uma curva na estrada, e se convencer de que não eram duas árvores unidas, mas apenas uma. Pelo resto da vida ele se lembraria daquele momento em que examinava calmamente a faia, como um homem se lembrava do último vislumbre da casa onde passou a juventude, antes que a estrada fizesse curva, e não a visse mais. A faia estava na última curva antes que o bosque terminasse em um arco de ramos que deixavam entrar a luz do leste; e quando Adam se afastou da árvore para continuar a caminhada, seus olhos pousaram sobre duas figuras a cerca de vinte metros à frente.

Permaneceu imóvel como uma estátua e ficou quase tão pálido quanto. As duas figuras estavam de pé uma em frente à outra, com as mãos entrelaçadas prestes a se separarem; e enquanto se curvavam para dar um beijo, Gyp, que corria entre os arbustos, saiu, avistou-as e deu um forte latido. Separaram-se com um sobressalto – uma correu pelo portão que saía do bosque, e a outra, virando-se, caminhou lentamente, com uma espécie de oscilação em direção a Adam, que ainda estava paralisado e pálido, segurando com mais força a vareta com a qual carregava a cesta de ferramentas sobre o ombro e olhando para a figura que se aproximava com olhos nos quais o espanto rapidamente se transformava em ferocidade.



Arthur Donnithorne parecia ruborizado e animado; tentara tornar os sentimentos desagradáveis mais suportáveis bebendo um pouco mais de vinho do que o habitual no almoço e ainda estava sob sua influência lisonjeira o suficiente para pensar com mais leviandade sobre esse encontro indesejado com Adam do que teria feito de outra forma. Afinal, Adam era a melhor pessoa que poderia ter visto ele e Hetty juntos – era um camarada sensato e não tagarelaria sobre isso com outras pessoas. Arthur se sentiu confiante de que poderia rir da coisa e explicá-la. E assim, caminhou adiante com descuido elaborado – o rosto ruborizado, as vestes noturnas de tecido fino e linho fino, as mãos mais ou menos enfiadas nos bolsos do colete, tudo iluminado pela estranha luz do crepúsculo que as nuvens leves alcançaram até o zênite, e agora derramavam entre os galhos mais altos acima dele.

Adam ainda estava imóvel, olhando para ele enquanto se aproximava. Compreendia tudo agora: o medalhão e tudo o mais que lhe era duvidoso; uma luz terrível e mordaz lhe mostrou os significados ocultos que mudaram o sentido do passado. Se tivesse movido um músculo, teria inevitavelmente saltado sobre Arthur como um tigre; e nas emoções conflitantes que enchiam aqueles longos momentos, dissera a si mesmo que não se entregaria à paixão, apenas falaria a coisa certa. Permaneceu como se petrificado por uma força invisível, mas a força era a própria determinação.

— Bem, Adam — disse Arthur —, estava olhando para as belas e velhas faias, não é? O machado não deve chegar perto delas, aliás;

este é um bosque sagrado. Ultrapassei a pequena Hetty Sorrel quando estava chegando à minha toca – o eremitério, ali. Ela não deveria voltar para casa assim tão tarde. Então a acompanhei até o portão, e pedi um beijo pelas minhas dores. Mas devo voltar agora, pois esta estrada está terrivelmente úmida. Boa noite, Adam. Vejo você amanhã – para dizer adeus, sabe.

Arthur estava muito preocupado com o papel que desempenhava para estar por completo ciente da expressão no rosto de Adam. Não olhava direto para Adam, mas desatentamente para as árvores e então levantou um pé para olhar a sola da bota. Tomou cuidado em não dizer mais nada – jogara poeira nos olhos do honesto Adam o suficiente – e, enquanto falava as últimas palavras, continuou andando.

— Pare um pouco, senhor — disse Adam, com uma voz dura e categórica, sem se virar. — Tenho uma coisa para dizer.

Arthur parou, surpreendido. Pessoas suscetíveis são mais afetadas por uma mudança de tom do que por palavras inesperadas, e Arthur tinha a suscetibilidade de uma natureza ao mesmo tempo afetuosa e vã. Ficou ainda mais surpreso quando viu que Adam não se movera, mas ficara de costas para ele, como se o convocasse a voltar. O que pretendia? Faria um grande caso desse assunto. Arthur sentiu a temperatura subir. Uma inclinação paternalista sempre tem seu lado mais mesquinho, e na confusão da irritação e alarme, juntou a sensação de que um homem a quem mostrara tanta generosidade quanto Adam não estava em posição de criticar sua conduta. E, no entanto, estava dominado, como sempre está aquele que se sente errado, pelo homem cuja boa opinião se importa. Apesar do orgulho e do temperamento, havia tanto desaprovação quanto raiva na voz quando disse:

— O que quer dizer, Adam?

— Quero dizer, senhor — respondeu Adam, com a mesma voz áspera, ainda sem se virar —, quero dizer, senhor, que não me engana com suas palavras levianas. Esta não é a primeira vez que encontra Hetty Sorrel neste bosque, e esta não é a primeira vez que a beija.

Arthur sentiu uma assustada incerteza sobre até que ponto Adam

falava por conhecimento ou por mera inferência. E essa incerteza, que o impedia de dar uma resposta prudente, aumentava sua irritação. Ele disse em um tom forte alto:

— Bem, senhor, e então?

— Ora, então, em vez de agir como o homem correto e honrado que todo mundo acreditava que fosse, está agindo como um canalha egoísta e leviano. Sabe tão bem quanto eu o que acontece quando um cavalheiro como o senhor beija e corteja uma jovem como Hetty e lhe dá presentes que ela tem medo de que os outros vejam. E digo de novo, está agindo como um canalha egoísta e leviano, embora me parta o coração dizer isso, preferia ter perdido minha mão direita.

— Deixe-me dizer, Adam — disse Arthur, reprimindo a raiva crescente e tentando repetir o tom descuidado —, não é apenas diabolicamente impertinente, mas está falando bobagens. Nem toda garota bonita é tão tola quanto você, para supor que quando um cavalheiro admira sua beleza e lhe dá um pouco de atenção é porque pretende algo em especial. Todo homem gosta de flertar com uma garota bonita, e toda garota bonita gosta de ser flertada. Quanto maior a distância entre eles, menos dano haverá, pois então ela provavelmente não se enganará.

— Não sei o que quer dizer com flertar — disse Adam —, mas se quer dizer se comportar com uma mulher como se a amasse, mas na verdade só querendo usá-la, digo que não é a ação de um homem honesto, e o que não é honesto faz mal. Não sou tonto, e nem o senhor, e sabe que o que está dizendo é errado. Sabe que não ia poder tornar público como se comportou com Hetty, sem que ela perdesse a reputação e trouxesse vergonha e problemas para ela e os parentes. E não pretendia nada com beijo e presente? Os outros não vão acreditar que não pretendia nada; e não me fale sobre ela não se enganar. Digo que encheu a mente dela com ilusões sobre o senhor, e isso pode estragar a vida dela, e ela nunca vai amar outro homem que poderia ser um bom marido para ela.

Arthur sentiu um alívio repentino enquanto Adam falava; percebeu que Adam não tinha nenhum conhecimento certo do passado, e que não havia nenhum dano irreparável causado pelo infeliz encontro

dessa tarde. Adam ainda poderia ser enganado. O franco Arthur se colocara em uma posição em que a mentira bem-sucedida era sua única esperança. E a esperança acalmou um pouco sua raiva.

— Bem, Adam — disse ele, em um tom de concessão amigável —, talvez esteja certo. Talvez eu tenha ido um pouco longe demais ao notar a linda criaturinha e lhe roubar um beijo de vez em quando. Você é um camarada tão sério e firme que não entende a tentação de tal frivolidade. Tenho certeza de que eu não traria nenhum problema ou aborrecimento para ela e para os bondosos Poysers, se puder evitar. Mas acho que enxerga isso com muita seriedade. Sabe que vou embora logo, então não cometerei mais erros desse tipo. Mas vamos dar boa noite — Arthur aqui se virou para seguir em frente — e não falar mais sobre o assunto. Tudo será logo esquecido.

— Não, por Deus! — Adam irrompeu em fúria que não podia mais ser controlada, derrubando a cesta de ferramentas e avançando até ficar bem em frente a Arthur. Todo o ciúme e senso de dano pessoal, que até então tentara conter, saltaram e o dominaram. Quem de nós, nos primeiros momentos de uma lacerante agonia, poderia pensar que o sujeito que a infligiu não pretendia nos machucar? Em nossa rebelião instintiva contra a dor, somos crianças outra vez, e exigimos uma vontade ativa de nos vingarmos. Adam, nesse momento, só podia sentir que lhe haviam roubado Hetty — roubado traiçoeiramente pelo homem em quem confiara — e estava bem na frente de Arthur, com olhos ferozes olhando para ele, com lábios pálidos e mãos cerradas, os tons duros em que até então se constrangia a expressar apenas uma justa indignação dando lugar a uma voz profunda e agitada que parecia sacudi-lo enquanto falava.

— Não, não vai ser esquecido tão cedo, pois se meteu entre ela e mim, já que ela podia ter me amado. Não vai ser esquecido tão cedo, pois roubou minha felicidade, enquanto eu achava que era meu melhor amigo e um homem nobre, com quem eu tinha orgulho de trabalhar. E a beijou e não pretendia nada, não é? E eu nunca a beijei na minha vida, mas trabalhei duro por anos pelo direito de beijá-la. E faz pouco disso. Pensa pouco no que faz e no que pode prejudicar os outros, já que consegue seu bocado de frivolidade, como se fosse nada.

Eu recuso seus favores, pois não é o homem que pensei que fosse. Nunca mais vou te considerar meu amigo. Prefiro que aja como meu inimigo e lute comigo agora – é toda a compensação que pode me dar.

O pobre Adam, possuído pela fúria que não conseguia encontrar outra vazão, começou a tirar o casaco e o chapéu, cego demais de furor para perceber a mudança que ocorrera em Arthur enquanto falava. Os lábios de Arthur estavam agora tão pálidos quanto os de Adam; seu coração batia violentamente. A descoberta de que Adam amava Hetty foi um choque que fez com que ele, por um momento, enxergasse a si à luz da indignação de Adam, e considerasse o sofrimento de Adam não apenas como uma consequência, mas um elemento de seu erro. As palavras de ódio e desprezo – as primeiras que ouvira na vida – pareciam projéteis mordazes que estavam deixando cicatrizes indeléveis nele. Toda autoindulgência protetora, que raramente falha enquanto outros nos respeitam, abandonou-o por um instante, e ficou cara a cara com o primeiro grande mal irrevogável que cometera. Tinha apenas vinte e um anos, e há três meses – não, há mais tempo – pensara com orgulho que nenhum homem seria capaz de censurá-lo merecidamente. Seu primeiro impulso, se houvesse tempo para isso, talvez tivesse sido proferir palavras de propiciação; mas assim que Adam tirou o casaco e o chapéu, percebeu que Arthur estava pálido e imóvel, com as mãos ainda enfiadas nos bolsos do colete.

— O quê?! — disse ele — Não vai lutar comigo como um homem? Sabe que não vou te bater enquanto estiver parado assim.

— Vá embora, Adam — disse Arthur —, não quero lutar com você.

— Não — disse Adam, amargamente —; não quer lutar comigo, pois acha que eu sou um homem comum, e pode fazer o mal sem responder por ele.

— Eu nunca lhe quis fazer mal — disse Arthur, com a raiva retornando —, não sabia que você a amava.

— Mas fez ela te amar — disse Adam. — É um homem de duas caras, nunca mais vou acreditar em uma palavra que disser.

— Vá embora, eu lhe digo — disse Arthur, com raiva —, ou nós dois nos arrependemos.

— Não — disse Adam, com uma voz agitada —, juro que não vou embora sem lutar. Quer que te provoque mais? Eu te digo que é um covarde e um canalha, e te desprezo.

A cor voltara ao rosto de Arthur; em um momento sua mão direita estava cerrada e desferiu um golpe como um relâmpago, que fez Adam cambalear para trás. Seu sangue estava tão quente quanto o de Adam agora, e os dois homens, esquecendo as emoções que haviam passado antes, lutaram com a ferocidade instintiva das panteras no crepúsculo profundo escurecido pelas árvores. O cavalheiro de mãos delicadas era páreo para o trabalhador em tudo, menos na força, e a habilidade de Arthur lhe permitiu prolongar a contenda por alguns longos momentos. Mas entre homens desarmados, a batalha é para o mais forte, quando o mais forte não é desajeitado, e Arthur cairia sob um golpe bem plantado de Adam, como uma haste de aço é quebrada por uma barra de ferro. O golpe logo veio, e Arthur caiu, sua cabeça escondida em um tufo de samambaia, de modo que Adam só podia discernir seu corpo vestido de preto.



Adam Ficou parado na penumbra esperando Arthur se levantar. O golpe fora dado na direção em que concentrou toda a força mental e física – e qual era o lado bom disso? O que conseguira lutando? Apenas satisfizesse seu furor, apenas saciou sua vingança. Não havia resgatado Hetty, nem mudado o passado – que lá estava, exatamente como fora, e ele ficou enjoado com a vaidade de sua fúria.

Mas por que Arthur não se levantava? Ele estava perfeitamente imóvel, e o tempo parecia lento para Adam. Deus do céu! Fora o golpe demais para ele? Adam estremeceu ao pensar na própria força, e com a aproximação desse pavor se ajoelhou ao lado de Arthur e levantou a cabeça dele dentre as samambaias. Não havia sinal de vida: os olhos e os dentes estavam cerrados. O horror que se abateu sobre Adam o dominou completamente, e forçou nele uma crença própria. Não podia sentir nada além de que a morte estava no rosto de Arthur e que estava impotente diante disso. Não fez um único movimento, exceto se ajoelhar como se fosse a imagem do desespero olhando para a imagem da morte.

Capítulo XXVIII

Um Dilema

Foram apenas alguns minutos medidos pelo relógio – embora Adam sempre achasse que passara muito tempo – antes de perceber um vislumbre de consciência no rosto de Arthur e um leve arrepio em seu corpo. A intensa alegria que inundou sua alma trouxe de volta um pouco do antigo afeto.

— Sente alguma dor, senhor? — perguntou ele, com ternura, afrouxando a gravata de Arthur.

Arthur voltou os olhos para Adam com um olhar vago que deu lugar a um movimento ligeiramente assustado, como se fosse do choque da memória que retornava. Mas apenas estremeceu outra vez e não disse nada.

— Sente algum incômodo, senhor? — Adam perguntou de novo, com um tremor na voz.

Arthur levou a mão aos botões do colete e respirou fundo.

— Deite minha cabeça — disse ele, fraco —, e me traga um pouco de água, se puder.

Adam deitou a cabeça suavemente sobre a samambaia de novo, e tirando as ferramentas da cesta, correu por entre as árvores até a borda do bosque, na fronteira com a reserva de caça, onde um riacho corria abaixo da margem.

Quando voltou com a cesta vazando, mas ainda meio cheia, Arthur olhou para ele com uma consciência mais inteiramente desperta.

— Pode beber um pouco com a mão, senhor? — disse Adam, ajoelhando-se outra vez para levantar a cabeça de Arthur.

— Não — disse Arthur —, mergulhe minha gravata e a passe na minha cabeça.

A água pareceu lhe fazer algum bem, pois logo se levantou um pouco mais, descansando no braço de Adam.

— Sente algum incômodo por dentro, senhor? — Adam perguntou novamente.

— Não, não, nenhum incômodo — disse Arthur, ainda fraco —, mas um pouco atordoado.

Depois de um tempo, ele disse:

— Suponho que desmaiei quando você me derrubou.

— Sim, senhor, graças a Deus — disse Adam. — Pensei que fosse coisa pior.

— O quê?! Pensou que tivesse me liquidado, não é? Venha me ajudar com as pernas. Sinto-me terrivelmente trêmulo e tonto — disse Arthur, enquanto apoiava no braço de Adam —; aquele seu golpe deve ter me acertado como um aríete.^[131] Não acho que consigo andar sozinho.

— Apoie-se em mim, senhor; eu te acompanho — disse Adam. — Ou se sente um pouco mais no meu casaco aqui, e eu te apoio. Talvez melhore em alguns minutos.

— Não — disse Arthur. — Vou ao eremitério, acho que tenho um pouco de conhaque lá. Há uma pequena estrada até ele um pouco mais longe, perto do portão. Se puder me ajudar.

Caminharam devagar, com pausas frequentes, mas sem falar de novo. Em ambos, a concentração no presente que acompanhara os primeiros momentos do restabelecimento de Arthur agora dera lugar a uma lembrança vívida da cena anterior. Estava já quase escuro no caminho estreito entre as árvores, mas dentro do círculo de abetos ao redor do eremitério havia espaço para o crescente luar entrar pelas janelas. Seus passos eram silenciosos no grosso tapete de abetos, e a quietude externa parecia intensificar suas consciências, enquanto Arthur tirava a chave do bolso e a colocava na mão de Adam, para que ele abrisse a porta. Adam não sabia antes que Arthur havia mobiliado o velho eremitério e feito dele um refúgio, e foi uma surpresa quando abriu a porta e viu um quarto confortável com todos os sinais de habitação frequente.

Arthur soltou o braço de Adam e se jogou no otomano.

— Você verá minha garrafa de caça em algum lugar — disse ele. — Um estojo de couro com uma garrafa e um copo.

Adam não demorou a encontrar o estojo.

— Tem muito pouco conhaque nele, senhor — disse ele, virando-a

para baixo sobre o copo, enquanto o segurava diante da janela —; mal dá esse copinho cheio.

— Bem, me dê isso — disse Arthur, com a irritação do abatimento físico. Depois que ele tomou alguns goles, Adam disse:

— Não seria melhor eu correr para casa, senhor, e pegar mais conhaque? Posso ir e voltar em breve. Vai ser uma caminhada difícil se não tiver algo para te reanimar.

— Sim, vá. Mas não diga que estou mal. Pergunte por Pym, e diga a ele para pegá-lo com Mills e para não dizer que estou no eremitério. Traga um pouco de água também.

Adam ficou aliviado por ter uma tarefa ativa – ambos ficaram aliviados por estarem separados um do outro por um curto período. Mas o ritmo rápido de Adam não conseguia acalmar a dor ansiosa de pensar – de reviver com sofrimento concentrado a última hora desoladora e olhar adiante para todo o novo e triste futuro.

Arthur ficou imóvel por alguns minutos depois que Adam se foi, mas, em seguida, levantou-se debilmente do otomano e perscrutou devagar à luz do luar, procurando algo. Era um pequeno pedaço de vela que estava em meio a uma confusão de materiais de escrita e desenho. Procurou um meio de acender a vela, e quando o fez, andou cautelosamente pela sala, como se quisesse se certificar da presença ou ausência de algo. Por fim, encontrou uma coisa pequena, que colocou primeiro no bolso e depois, pensando melhor, tirou de novo e enfiou no fundo de uma cesta de papéis. Era um pequeno lenço feminino de seda cor-de-rosa. Colocou a vela na mesa e se jogou no otomano de novo, exausto com o esforço.

Quando Adam voltou com os suprimentos, sua entrada acordou Arthur de um cochilo.

— Isso mesmo — disse Arthur —, estou tremendamente em falta de um pouco de vigor do conhaque.

— Fico feliz em ver que tem iluminação, senhor — disse Adam. — Estava pensando que eu devia ter pedido uma lamparina.

— Não, não; a vela durará o suficiente. Em breve caminharei para casa.

— Não posso ir embora antes de te ver em segurança em casa,

senhor — disse Adam, hesitante.

— Não. É melhor que fique. Sente-se.

Adam se sentou e permaneceram em frente um do outro em um silêncio desconfortável, enquanto Arthur bebia devagar o conhaque e a água, com um efeito visivelmente renovador. Começou a se deitar em uma posição mais espontânea e parecia menos dominado por sensações corporais. Adam estava profundamente atento a essas indicações e, à medida que a ansiedade sobre o estado de Arthur começou a atenuar, sentiu mais daquela impaciência conhecida por todo aquele que teve a justa indignação suspensa pelo estado físico do culpado. No entanto, havia uma coisa em mente a ser feita antes que pudesse recorrer ao protesto: era confessar que fora injusto nas próprias palavras. Talvez desejasse ainda mais fazer essa confissão, para que sua indignação pudesse ser livre de novo; e ao ver os sinais da tranquilidade retornar em Arthur, as palavras repetidamente vieram aos lábios e voltaram, detidas pelo pensamento de que seria melhor deixar tudo para amanhã. Enquanto estivessem em silêncio, eles não se olhariam, e Adam sentiu um pressentimento de que, se comesçassem a falar como se lembrassem do passado – se olhassem um para o outro com total reconhecimento – inflamar-se-iam de novo. Então ficaram em silêncio até que o pedaço de vela bruxuleou no castiçal, o silêncio se tornando cada vez mais cansativo para Adam. Arthur acabara de se servir um pouco mais de conhaque e água, lançou um braço atrás da cabeça e levantou uma perna em uma postura de tranquilidade recuperada, o que foi uma tentação irresistível a Adam de falar o que tinha em mente:

— Começou a se sentir bem de novo, senhor — disse ele, quando a vela se apagou e estavam meio escondidos um do outro à luz fraca do luar.

— Sim: não me sinto bem para muita coisa – muito indolente e não disposto a me mover, mas vou para casa depois que tomar esta dose.

Houve uma pequena pausa antes de Adam dizer:

— Meu temperamento tomou conta de mim, e eu disse coisas que não eram verdade. Eu não tinha o direito de falar como se soubesse que estava me machucando. O senhor não tinha motivos para saber;

sempre manteve o que sentia por ela o mais secreto que pude.

Fez uma pausa outra vez antes de continuar:

— E talvez eu te julguei muito severamente – tendo a ser severo – e o senhor pode ter agido por imprudência mais do que eu achava ser possível para um homem com coração e consciência. Não somos iguais e tendemos a julgar mal uns aos outros. Deus sabe, é toda a alegria que posso ter agora, pensar o melhor do senhor.

Arthur queria ir para casa sem dizer mais nada, estava com a mente muito desconcertada, e com o corpo fraco, para desejar qualquer explicação adicional essa noite. E, no entanto, foi um alívio que Adam retornasse ao assunto da maneira menos difícil de responder. Arthur estava na posição desoladora de um homem acessível e generoso que cometera um erro e que fazia o engano parecer uma necessidade. O impulso natural de dar a verdade em troca da verdade, de atender a confiança com confissão franca, devia ser suprimido, e o dever estava se tornando uma questão de tática. Seu ato estava reagindo sobre ele – já o governava de forma tirânica e o forçando a um rumo que chocava com seus sentimentos habituais. O único objetivo que lhe parecia admissível agora era enganar Adam ao máximo: fazer com que Adam pensasse melhor dele do que, de fato, ele merecia. E quando ouviu as palavras de retratação honesta – quando ouviu o triste apelo com que Adam terminou – foi obrigado a se alegrar com os traços de ignorante confiança que isso implicava. Não respondeu de imediato, pois tinha que ser criterioso, e não verdadeiro.

— Não diga mais nada sobre nossa raiva, Adam — disse ele, afinal, muito lânguido, pois o trabalho de falar lhe era importuno —; eu perdoo sua injustiça momentânea; foi bastante natural, com as noções exageradas que tinha em mente. Não seremos menos amigos no futuro, espero, porque brigamos. Você levou a melhor, e era assim que deveria ser, pois acredito que fui o mais errado dos dois. Venha, vamos dar as mãos.

Arthur estendeu a mão, mas Adam ficou parado.

— Não queria dizer “não”, senhor — disse ele —, mas não posso apertar as mãos até que fique claro o que significa. Eu estava errado quando falei como se tivesse me machucado intencionalmente, mas

não estava errado no que disse antes, sobre seu comportamento em relação a Hetty, e não posso dar as mãos como se fosse meu amigo da mesma forma até que tenha esclarecido isso melhor.

Arthur engoliu o orgulho e o ressentimento quando retirou a mão. Ficou em silêncio por alguns momentos e depois disse, o mais indiferente que pôde:

— Não sei o que quer dizer com esclarecer, Adam. Eu já disse que pensa com muita seriedade a respeito de um pouco de flerte. Mas se estiver certo em supor que há algum perigo nisso – vou embora no sábado, e isso vai acabar. Quanto à dor que lhe causei, realmente sinto muito. Não tenho mais o que dizer.

Adam não disse nada, mas se levantou da cadeira e ficou com o rosto voltado para uma das janelas, como se estivesse olhando para a escuridão dos abetos iluminados pela lua; mas na realidade ele não tinha consciência de nada além do conflito dentro dele. Era inútil agora – a resolução de não falar até amanhã. Deveria falar ali mesmo. Mas se passaram vários minutos antes que se virasse e se aproximasse de Arthur, de pé e olhasse para ele deitado:

— Para mim vai ser melhor falar claramente — disse ele, com evidente esforço —, embora seja difícil. Veja, senhor, isso não é uma besteira para mim, seja o que for para o senhor, não sou desses homens que podem fazer a corte primeiro a uma mulher e depois a outra e não achar grande coisa qual delas escolho. O que sinto por Hetty é um tipo diferente de amor, como acredito que ninguém possa saber muito a não ser que Deus tenha concedido. Ela é tudo para mim, tudo menos minha consciência e meu bom nome. E se é verdade o que tem dito o tempo todo – e se foi apenas frivolidade e flerte como o chama, e que vai acabar com a sua partida – ora, então, vou esperar, e ter esperança de que o coração dela se volte para mim depois de tudo. Reluto em pensar que não ia ser verdadeiro comigo e vou acreditar em sua palavra, não importa como as coisas pareçam.

— Estaria prejudicando Hetty mais do que a mim se não acreditasse — disse Arthur, quase com violência, saindo do otomano e se afastando. Mas se jogou de novo em uma cadeira em seguida, dizendo debilmente:

— Parece esquecer que, ao suspeitar de mim, está lançando imputações sobre ela.

— Não, senhor — disse Adam, com uma voz mais calma, como se estivesse meio aliviado, pois ele era muito direto para fazer uma distinção entre uma falsidade direta e indireta. — Não, senhor, a situação não está em mesmo nível entre os dois. O senhor sabe onde está pisando, seja lá o que fizer; mas como sabe o que está na mente dela? Ela é quase uma criança – qualquer homem com consciência deveria se sentir obrigado a cuidar dela. Seja lá o que pense, sei que perturbou a mente dela. Sei que ela está entregando o coração ao senhor, pois tem muitas coisas claras para mim agora que eu não entendia antes. Mas parece fazer pouco do que ela possa sentir, não pensa nisso.

— Bom Deus, Adam, deixe-me em paz! — Arthur irrompeu, impetuoso. — Já sinto o suficiente sem que você me preocupe.

Estava ciente de sua indiscrição assim que as palavras lhe escaparam.

— Bem, então, se sente isso — Adam replicou ansioso —, se acha que pode ter colocado falsas noções na mente dela, e a feito acreditar que a amava, quando o tempo todo não pretendia nada, tenho essa exigência a fazer: não estou falando por mim, mas por ela. Peço que a desiluda antes de ir embora. Não vai embora para sempre, e se a deixar para trás com uma noção na cabeça de que sente por ela o mesmo que ela sente pelo senhor, ela vai te desejar, e o dano pode ser pior. Pode ser sofrido para ela agora, mas vai poupar sua dor no futuro. Peço que escreva uma carta – pode confiar em mim que ela vai receber. Diga a verdade para ela e se culpe por se comportar mal, pois não iria se comportar assim com uma jovem que fosse sua igual. Falo claramente, senhor, pois não posso falar de outro jeito. Não tem ninguém que possa cuidar de Hetty nessa questão além de mim.

— Posso fazer o que acho necessário sobre o assunto — disse Arthur, cada vez mais irritado pela mistura de angústia e perplexidade —, sem lhe fazer promessas. Tomarei as medidas que julgar apropriadas.

— Não — disse Adam, em um tom abrupto e decidido —, isso não

serve. Preciso saber em que terreno estou pisando. Devo ficar seguro de que colocou um fim no que nunca devia ter começado. Não esqueço o que te é devido como um cavalheiro, mas nesta coisa somos homem contra homem, e não posso desistir.

Não houve resposta por alguns momentos. Então Arthur disse:

— Vejo você amanhã. Não aguento mais agora; estou mal.

Ele se levantou enquanto falava e alcançou o chapéu, como se pretendesse sair.

— Não vai ver ela de novo! — Adam exclamou, com um lampejo de raiva e suspeita retornando, movendo-se em direção à porta, encostando-se contra ela. — Ou me diga que ela nunca vai poder ser minha esposa – me diga que mentiu – ou então me prometa o que eu disse.

Adam, proferindo essa alternativa, permanecia como um destino terrível diante de Arthur, que havia dado uns dois passos para a frente e parado, fraco, abalado, doente de mente e corpo. Parecia longa para ambos – aquela luta interior de Arthur – antes que dissesse, debilmente:

— Eu prometo; deixe-me ir.

Adam se afastou da porta e a abriu, mas quando Arthur alcançou o degrau, ele parou de novo e se encostou no batente da porta.

— Não está bem o suficiente para andar sozinho, senhor — disse Adam. — Apoie-se em meu braço de novo.

Arthur não respondeu e logo caminhou, seguido por Adam. Mas, depois de alguns passos, parou de novo e disse, friamente:

— Acredito que vou lhe ser um incômodo. Está ficando tarde agora, e podem estar preocupados comigo em casa.

Adam deu seu braço, e eles caminharam sem proferir uma palavra, até chegarem aonde estavam a cesta e as ferramentas.

— Tenho que recolher as ferramentas, senhor — disse Adam. — São do meu irmão. Senão podem enferrujar. Se puder esperar um minuto.

Arthur ficou parado sem falar, e nenhuma outra palavra foi trocada entre eles até que estivessem na entrada lateral, onde esperava entrar sem ser visto por ninguém. Ele disse então:

— Obrigado; não preciso incomodá-lo mais.

— A que horas vai ser conveniente te ver amanhã, senhor? — perguntou Adam.

— Às cinco horas — disse Arthur —; não antes.

— Boa noite, senhor — disse Adam. Mas não ouviu nenhuma resposta. Arthur entrara na casa.

Capítulo XXIX

A Manhã Seguinte

Arthur não passou a noite sem dormir; dormiu muito e bem. Pois o sono chega aos perplexos – se os perplexos estiverem cansados o suficiente. Mas às sete horas ele tocou a campainha e surpreendeu Pym ao declarar que ia se levantar, e que deviam trazer o café da manhã às oito.

— E se certifique de que minha égua esteja selada às oito e meia, e diga a meu avô quando ele descer que estou melhor nesta manhã e fui dar uma volta.

Estava acordado há uma hora e não conseguia mais descansar deitado. Na cama, nosso passado é muito opressivo: se um homem pode ao menos se levantar, ainda que seja para assobiar ou fumar, tem um presente que oferece alguma resistência ao passado – sensações que se impõem contra lembranças tirânicas. E se houvesse como tomar as medidas dos sentimentos, certamente se descobriria que nas temporadas de caça e tiro o arrependimento, a autocensura e o orgulho mortificado pesariam menos aos cavalheiros do campo do que no final da primavera e no verão. Arthur achava que se sentiria melhor a cavalo. Mesmo a presença de Pym, esperando por ele com a deferência habitual, era-lhe uma segurança depois das cenas de ontem. Pois, com a sensibilidade de Arthur à opinião, a perda do respeito de Adam foi um choque para sua própria satisfação que inundou sua imaginação com a sensação de que decaíra aos olhos de todos – assim como um súbito choque de pavor de algum perigo real faz com que uma mulher exaltada tenha medo até de andar, porque todas suas percepções estão cobertas de uma sensação de perigo.

Arthur, como sabe, era de uma natureza amorosa. Atos de bondade lhe eram tão fáceis quanto um mau hábito: eram o ponto em comum de suas fraquezas e boas qualidades, de seu egoísmo e de sua empatia. Não gostava de testemunhar a dor, e gostava de ter olhos gratos direcionados a ele como o concessor de prazer. Quando era um

rapazinho de sete anos, um dia chutou o jarro de caldo de um velho jardineiro, por nenhum motivo, exceto um impulso de chutar, não refletindo que era o almoço do homem; mas ao saber desse fato triste, tirou a caixa de lápis favorita e uma faca de prata do bolso e os ofereceu como compensação. Era o mesmo Arthur desde então, tentando fazer com que todas as ofensas fossem esquecidas com benefícios. Se houvesse qualquer amargura em sua natureza, só poderia se mostrar contra o homem que se recusava a ser conciliado por ele. E talvez tivesse chegado a hora de um pouco dessa amargura surgir. No primeiro momento, Arthur sentiu pura angústia e autocensura ao descobrir que a felicidade de Adam estava envolvida em sua relação com Hetty. Se houvesse a possibilidade de fazer a Adam dez vezes mais reparações – se os atos de doação, ou quaisquer outros atos, pudessem ter restaurado o contentamento e a consideração de Adam por ele como um benfeitor, Arthur não só os teria executado sem hesitação, mas se sentiria ainda mais intimamente ligado a Adam, e nunca se cansaria de fazer retribuições. Mas Adam não podia receber reparações; seu sofrimento não podia ser cancelado; seu respeito e afeição não poderiam ser recuperados por nenhuma ação imediata de expiação. Mantinha-se como um obstáculo imóvel contra o qual nenhuma pressão poderia valer; uma personificação do que Arthur mais se esquivava de acreditar – a irrevogabilidade do próprio delito. As palavras de desprezo, a recusa em lhe apertar a mão, o domínio declarado sobre ele na última conversa no eremitério – acima de tudo, a noção de que fora abatido, a qual um homem não se reconcilia muito bem, mesmo nas circunstâncias mais heroicas – oprimiam-no com uma dor abrasiva que era mais forte do que o remorso. Arthur teria se persuadido de tão bom grado de que não fizera mal algum! E se ninguém tivesse lhe dito o contrário, poderia ter se convencido ainda mais. Nemesis^[132] raramente pode forjar uma espada para si com base em nossas consciências – com o sofrimento que sentimos, com sofrimento que podemos ter causado: raramente há metal o bastante para fazer uma arma eficaz. Nosso senso moral aprende os costumes da boa sociedade e sorri quando os outros sorriem, mas quando uma pessoa rude dá nomes grosseiros às nossas

ações, está apta a tomar parte contra nós. E assim foi com Arthur: o julgamento de Adam a seu respeito, as palavras discordantes de Adam perturbaram seus argumentos autopacificadores.

Não que Arthur estivesse à vontade antes da descoberta de Adam. As lutas e resoluções se transformaram em remorso e ansiedade. Estava angustiado por causa de Hetty, e angustiado por si mesmo por ter que deixá-la. Sempre enxergara, tanto ao tomar como ao quebrar resoluções, além da paixão, e via que deveria terminar rapidamente em separação; mas sua natureza era muito ardente e terna para não sofrer nessa despedida; e por causa de Hetty, estava cheio de inquietação. Descobrira o sonho em que ela estava vivendo – que seria uma dama em sedas e cetins – e quando ele lhe falara pela primeira vez sobre sua partida, pedira-lhe, trêmula, que a deixasse ir junto e que se casassem. Foi a dolorosa ciência desse fato que tornavam mais incômodas as reprovações de Adam. Não dissera nenhuma palavra com o propósito de enganá-la – a visão dela era toda tecida por sua própria fantasia infantil –, mas foi obrigado a confessar a si mesmo que tecera a metade com suas ações. E para aumentar o dano, nessa última noite não ousara insinuar a verdade a Hetty; fora obrigado a reconfortá-la com palavras ternas e esperançosas, para que não a lançasse em uma angústia violenta. Ele sentiu a situação intensamente, sentiu o pesar da coisinha adorável no presente e pensou com uma ansiedade mais sombria da tenacidade que os sentimentos dela poderiam ter no futuro. Isso era o que mais o oprimia; de todo o resto poderia se esquivar com esperançosa autopersuasão. Tudo fora secreto; os Poyzers não tinham a menor sombra de uma suspeita. Ninguém, exceto Adam, sabia de nada do que acontecera – ninguém mais provavelmente saberia; pois Arthur convencera Hetty que seria fatal revelar, por palavra ou olhar, que houvera a menor intimidade entre eles; e Adam, que conhecia metade de seu segredo, preferia ajudá-los a guardá-lo do que revelá-lo. Era um negócio lamentável, mas não adiantava torná-lo pior do que era com exageros imaginários e pressentimentos de um mal que poderia nunca acontecer. A tristeza temporária para Hetty era a pior consequência; ele desviava os olhos, resoluto, de qualquer consequência ruim que

não fosse comprovadamente inevitável. Mas Hetty poderia ter tido problemas de alguma outra forma, além dessa. E talvez no futuro pudesse fazer muito por ela e compensá-la por todas as lágrimas que derramaria por ele. Ela teria a vantagem de ter o cuidado dele nos próximos anos pela tristeza a que fora submetida agora. *Então* há males que vêm para o bem. Esse é o belo arranjo das coisas!

Você está se perguntando se esse pode ser o mesmo Arthur que, há dois meses, tinha aquela sensibilidade cândida, aquela honra delicada que se esquivava de ferir qualquer sentimento e não contemplava qualquer ofensa real possível por isso? Que pensava que seu respeito próprio era um tribunal superior a qualquer opinião externa? É o mesmo, asseguro-lhe, apenas em condições diferentes. Nossas ações nos definem, tanto quanto nós definimos nossas ações, e até que saibamos o que foi ou será a combinação peculiar de fatos externos e internos, que constituem as ações críticas de um homem, será melhor não nos julgarmos sábios sobre seu caráter. Há uma coerção terrível em nossas ações, que pode primeiro transformar o homem honesto em um trapaceiro e depois conformá-lo com a mudança, por essa razão – que o segundo erro se apresenta a ele sob a forma do único direito praticável. A ação que antes da execução fora vista com aquela mistura de bom senso e sentimento puro e imaculado, que é o olho salutar da alma, é vista depois com a lente da engenhosidade apologética, através da qual todas as coisas que os homens chamam de belas e feias são vistas como sendo feitas de estruturas muito semelhantes. A Europa se ajusta a um *fato consumado*,^[133] assim como um caráter individual – até que o plácido ajuste seja perturbado por uma retribuição convulsiva.

Nenhum homem pode escapar desse efeito viciante de uma ofensa contra seu sentimento de direito, e o efeito foi mais forte em Arthur por causa dessa mesma necessidade de respeito próprio que, enquanto sua consciência ainda estivesse tranquila, seria uma de suas melhores proteções. Portanto, a autoacusação lhe era muito dolorosa – não conseguia enfrentá-la. Precisava se convencer de que não tinha muita culpa; começou até mesmo a ter pena de si próprio pela necessidade que tinha de enganar Adam – era um rumo tão oposto à honestidade

de sua natureza. Mas então, era a única coisa certa a fazer.

Bem, o que quer que estivesse errado nele, estava bastante infeliz em consequência e infeliz sobre Hetty; infeliz com essa carta que prometera escrever, e que em um momento parecia ser uma barbaridade grosseira, em outro talvez a maior bondade que poderia lhe fazer. E através de toda essa reflexão atingia-o de vez em quando um súbito impulso de desafio apaixonado a todas as consequências. Ele levaria Hetty embora, e todas as outras considerações poderiam ir para...

Nesse estado de espírito, as quatro paredes do quarto faziam dele uma prisão intolerável; pareciam cercá-lo e oprimi-lo com todo o amontoado de pensamentos contraditórios e sentimentos conflitantes, alguns dos quais escapariam ao ar livre. Tinha apenas uma ou duas horas para se decidir, e precisava ficar lúcido e calmo. Uma vez montado em Meg, no ar fresco daquela bela manhã, deveria dominar melhor a situação.

A bela criatura arqueou o pescoço baio ao sol, escarvou o cascalho e estremeceu de prazer quando seu mestre acariciou o focinho, fez carinho nela e conversou em um tom ainda mais amoroso do que o habitual. Ele a amava ainda mais porque ela não sabia nada de seus segredos. Mas Meg estava tão familiarizada com o estado mental do mestre quanto muitas outras de seu sexo com a condição mental dos jovens cavalheiros para os quais seus corações estão em um estado de expectativa vibrante.

Arthur galopou por oito quilômetros além da reserva de caça, até chegar ao sopé de uma colina onde não havia sebes ou árvores para orlar a estrada. Então jogou a rédea no pescoço de Meg e se preparou para se decidir.

Na tarde anterior, Hetty sabia que aquele encontro seria o último antes de Arthur ir embora – não havia possibilidade de planejarem outro sem despertar suspeitas – e ela parecia uma criança assustada, incapaz de pensar em qualquer coisa, só capaz de chorar à menção da despedida, e depois levantar o rosto para que as lágrimas fossem beijadas. Ele não pôde fazer nada além de confortá-la e acalmá-la para que continuasse sonhando. Mas uma carta seria uma forma

terrivelmente abrupta de despertá-la. No entanto, havia verdade no que Adam dissera – que isso a salvaria de uma ilusão prolongada, que poderia ser pior do que uma dor aguda imediata. E era a única maneira de satisfazer Adam, que deveria ser satisfeito, por mais de uma razão. Se pudesse vê-la novamente! Mas isso era impossível; havia uma cerca tão espinhosa de obstáculos entre eles, e uma imprudência seria fatal. E, no entanto, se pudesse vê-la novamente, de que adiantaria? Apenas faria com que sofresse mais com a visão de sua angústia e a lembrança disso. Longe dele, ela estava cercada por todos os motivos para se controlar.

Um súbito pavor recaiu como uma sombra em sua imaginação – o pavor de que ela fizesse algo violento em sua dor; e, em seguida, desse pavor veio outro, que aprofundou a sombra. Mas se livrou deles com a força da juventude e da esperança. Qual foi a base para pintar o futuro dessa maneira tenebrosa? Era igualmente provável que fosse o contrário. Arthur disse a si mesmo que não merecia que as coisas acabassem mal. Nunca tivera a intenção de fazer nada que a consciência desaprovasse; fora levado pelas circunstâncias. Havia uma espécie de confiança implícita nele de que era no fundo realmente um bom camarada, a Providência não o trataria duramente.

De qualquer forma, não podia evitar o que viria agora: tudo o que podia fazer era seguir o que parecia ser o melhor rumo no momento. E se convenceu de que esse rumo era abrir o caminho entre Adam e Hetty. O coração dela podia realmente se voltar a Adam, como ele disse, depois de um tempo; e, nesse caso, não haveria grande mal, pois ainda era o desejo ardente de Adam torná-la sua esposa. Com certeza, Adam fora enganado – enganado de uma maneira que Arthur teria se ressentido como se fosse um erro profundo se tivesse sido a vítima. Essa foi uma reflexão que prejudicou a perspectiva consoladora. As bochechas de Arthur até queimavam de vergonha e irritação com o pensamento. Mas o que um homem poderia fazer em tal dilema? Estava obrigado por honra a não dizer nenhuma palavra que pudesse ferir Hetty: seu primeiro dever era protegê-la. Nunca teria contado ou agido de forma mentirosa por conta própria. Deus do céu! Que tolo miserável foi por ter se colocado em tal dilema; e, no entanto, se

algum homem já teve desculpas, ele as tinha. (Pena que as consequências não são determinadas por desculpas, mas por ações!).

Bem, a carta deveria ser escrita; era o único meio que prometia uma solução para a dificuldade. As lágrimas vieram aos olhos de Arthur quando pensou em Hetty lendo-a; mas lhe seria quase tão difícil escrevê-la; não estava fazendo nada fácil para si mesmo; e esse último pensamento o ajudou a chegar a uma conclusão. Nunca poderia ter deliberadamente dado um passo que infligisse dor a outro e ficar tranquilo. Mesmo o impulso de ciúme ao pensar em entregar Hetty a Adam o ajudou a convencê-lo de que estava fazendo um sacrifício.

Quando chegou a essa conclusão, deu meia volta com Meg e partiu para casa de novo a meio galope. A carta deveria ser escrita primeiro, e o resto do dia seria preenchido com outros negócios: não deveria ter tempo de olhar para trás. Felizmente, Irwine e Gawaine vinham para o almoço e, ao meio-dia do dia seguinte, já teria deixado a reserva de caça quilômetros para trás. Havia certa segurança nessa ocupação constante contra um ímpeto incontrollável que o apoderava de correr para Hetty e fazer alguma proposta insensata que reverteria tudo. Cada vez mais rápido continuou a sensível Meg, a cada ligeiro sinal de seu cavaleiro, até que o meio-galope passou para um galope rápido.

— Pensei que tinham dito que o jovem mestre *tava* mal ontem de noite — disse o velho e azedo John, o cavaleiro, enquanto almoçava no salão dos criados. — Quase partiu a égua no meio cavalgando essa manhã.

— Deve ser um dos *sintoma*, John — disse o cocheiro gaiato.

— Então ia ser melhor que ele fizesse uma sangria, isso sim — disse John, severamente.

Adam chegara cedo à reserva de caça para saber como estava Arthur e ficou aliviado de toda a ansiedade acerca dos efeitos de seu golpe ao saber que ele saía para dar uma volta. Às cinco horas, estava pontualmente lá outra vez e mandou avisar de sua chegada. Em poucos minutos, Pym desceu com uma carta na mão e a entregou a Adam, dizendo que o capitão estava ocupado demais para vê-lo e escrevera tudo o que tinha a dizer. A carta era dirigida a Adam, mas

ele saiu antes de abri-la. Continha um invólucro selado dirigido a Hetty. No interior do envelope, Adam leu:

“Na carta, anexa, escrevi tudo o que deseja. Deixo que decida o que será melhor, entregá-la a Hetty ou devolvê-la a mim. Pergunte a si mesmo mais uma vez se não está tomando uma medida que pode machucá-la mais do que o mero silêncio. Não há necessidade de nos vermos novamente agora. Nos encontraremos com sentimentos melhores daqui a alguns meses.

A.D.”

“Talvez ele esteja certo em não me ver”, pensou Adam. “Não adianta se encontrar para dizer palavras mais duras, e não adianta se encontrar para apertar as mãos e dizer que somos amigos de novo. Não somos amigos, e é melhor não fingir. Sei que o perdão é o dever *dum* homem, mas para mim isso só pode significar que a gente deve desistir de todos os pensamentos de vingança. Nunca vai poder significar que a gente vai ter os velhos sentimentos de volta, pois isso não é possível. Para mim, ele não é o mesmo homem, e não posso mais sentir o mesmo em relação a ele. Deus me ajude! Não sei se sinto o mesmo em relação a qualquer pessoa, parece que medi meu trabalho com uma régua falsa e vou ter que medir tudo de novo.”

Mas a questão acerca da entrega da carta a Hetty logo absorveu os pensamentos de Adam. Arthur conseguira algum alívio para si jogando a decisão sobre Adam com um aviso; e Adam, que não era dado à hesitação, hesitou aqui. Resolveu confiar em sua percepção – verificar o melhor que podia qual era o estado de espírito de Hetty antes de decidir lhe entregar a carta.

Capítulo XXX

A Entrega da Carta

No domingo seguinte, Adam se juntou aos Poyzers ao sair da igreja esperando um convite para ir para casa com eles. Tinha a carta no bolso e estava ansioso para ter a oportunidade de falar com Hetty a sós. Não pôde ver o rosto dela na igreja, pois ela mudara de lugar, e quando se aproximou para lhe apertar a mão, seus modos eram ambíguos e constrangidos. Esperava por isso, pois era a primeira vez que ela o encontrava desde que a havia visto com Arthur no bosque.

— Venha, acompanhe a gente, Adam — disse Mr. Poyser quando alcançaram a curva; e assim que chegaram ao campo, Adam se aventurou a oferecer o braço a Hetty. As crianças logo lhes deram a oportunidade de ficar um pouco para trás, e então Adam disse:

— Pode arrumar um jeito de passear um pouco no jardim esta tarde, se estiver tudo bem, Hetty? Tenho algo em particular para falar com você.

Hetty respondeu: — Tudo bem.

Estava realmente tão ansiosa quanto Adam para ter uma conversa privada com ele. Perguntava-se o que ele pensava dela e de Arthur. Devia tê-los visto se beijando, ela sabia, mas não tinha ideia da cena que acontecera entre Arthur e Adam. Seu primeiro sentimento foi que Adam ficaria muito zangado com ela, e talvez contaria a seus tios, mas nunca lhe passou pela cabeça que ousaria dizer qualquer coisa ao capitão Donnithorne. Foi um alívio que ele tivesse se comportado tão gentilmente hoje, e queria falar com ela a sós; pois estremecera quando descobriu que ele os acompanharia para casa e pudesse “contar” aos tios. Mas, agora que queria falar com ela a sós, sabia o que ele pensava e o que pretendia fazer. Sentiu uma certa confiança de que poderia persuadi-lo a não fazer nada que ela não quisesse; talvez pudesse até fazê-lo acreditar que não se importava com Arthur; e enquanto Adam achasse que havia alguma esperança de que ela o aceitaria, sabia que ele faria exatamente o que ela desejasse. Além

disso, deveria continuar parecendo encorajar Adam, para que os tios não ficassem com raiva e suspeitassem que tinha algum amor secreto.

O pequeno cérebro de Hetty estava ocupado com essa combinação enquanto se apoiava no braço de Adam e dizia “sim” ou “não” para algumas observações sobre os muitos frutos silvestres que haveria para os pássaros no próximo inverno, e as nuvens baixas que dificilmente aguentariam até o fim da manhã. E quando se juntaram aos tios, ela pôde prosseguir em seus pensamentos sem interrupção, pois Mr. Poyser acreditava que, embora um jovem pudesse gostar de ter a mulher que cortejava junto ao braço, ficaria feliz com um pouco de conversa racional sobre negócios no momento; e, por sua vez, estava curioso para ouvir as notícias mais recentes sobre a fazenda Chase. Assim, durante o resto da caminhada ele reivindicou a conversa de Adam para si, e Hetty conjurava seus pequenos enredos e imaginava pequenas cenas de astuta lisonja, enquanto caminhava pelas sebes junto ao braço do honesto Adam, como se fosse uma coquete elegantemente vestida sozinha em seu vestiário. Pois se uma beldade rural em sapatos grosseiros tiver um coração superficial o bastante, é surpreendente o quão próximos seus processos mentais podem se assemelhar aos de uma dama da sociedade vestida em crinolina, que aplica o intelecto refinado ao problema de cometer indiscrições sem se comprometer. Talvez a semelhança não fosse maior porque Hetty se sentia muito infeliz o tempo todo. A separação de Arthur lhe foi uma dor dupla – misturando-se ao tumulto da paixão e da vaidade, havia um medo vago e indefinido de que o futuro pudesse se moldar de alguma forma bem diferente de seu sonho. Agarrou-se às palavras de esperança e conforto que Arthur proferira no último encontro: “Voltarei no Natal, e então veremos o que podemos fazer”. Agarrou-se à crença de que ele gostava tanto dela que sem ela nunca seria feliz; e ainda prezava seu segredo – aquele grande cavalheiro a amava – com orgulho satisfeito, como se ela fosse superior a todas as garotas que ele conhecia. Mas a incerteza do futuro, as possibilidades às quais não podia dar forma, começaram a oprimi-la como o peso invisível do ar; estava sozinha em sua pequena ilha de sonhos, e ao seu redor havia as águas escuras e desconhecidas para onde Arthur fora. Não conseguia

sentir entusiasmo agora olhando à frente, mas apenas olhando para trás a fim de construir confiança em palavras e carícias passadas. Mas, ocasionalmente, desde a noite de quinta-feira, suas angústias sombrias estavam quase perdidas por trás do medo mais definido de que Adam pudesse revelar o que sabia aos tios, e a proposta repentina de falar com ela sozinha colocara os pensamentos a trabalhar de uma nova maneira. Ansiava em não perder a oportunidade desta tarde; e depois do chá, quando os meninos estavam indo ao jardim e Totty implorou para ir com eles, Hetty disse com uma vivacidade que surpreendeu Mrs. Poyser:

— Vou com ela, tia.

Não pareceu de todo surpreendente que Adam disse que iria também, e logo ele e Hetty foram deixados sozinhos no passeio junto às aveleiras, enquanto os meninos estavam ocupados em outro lugar recolhendo grandes nozes verdes para brincar, e Totty os observava com um olhar de contemplação de cachorrinho. Fazia pouco tempo – apenas dois meses – desde que Adam enchera a mente de deliciosas esperanças enquanto estava ao lado de Hetty naquele jardim. A lembrança daquela cena o acompanhava com frequência desde a noite de quinta-feira: a luz do sol através dos ramos da macieira, os cachos de groselhas, o doce rubor de Hetty. Ela voltou importunamente agora, nessa triste tarde de nuvens baixas, mas ele tentou suprimi-la, para que nenhuma emoção o levasse a dizer mais do que o necessário ao bem de Hetty.

— Depois do que vi na noite de quinta-feira, Hetty — ele começou —, não vai pensar que estou sendo muito atrevido no que vou dizer. Se estivesse sendo cortejada por qualquer homem que pretendesse te fazer sua esposa, e eu soubesse que você gostava dele e que pretendia aceitá-lo, não teria o direito de falar uma palavra sobre isso; mas quando vejo que está sendo cortejada por um cavalheiro que nunca vai poder se casar com você, e não pensa em se casar com você, sinto-me obrigado a interferir. Não posso falar disso com seus tios, pois estão no lugar dos seus pais, e isso pode trazer problemas piores do que o necessário.

As palavras de Adam aliviaram um dos medos de Hetty, mas

também carregavam um significado que a enjoou com um pressentimento reforçado. Estava pálida e trêmula, e ainda assim teria contrariado Adam furiosamente, se tivesse ousado trair os sentimentos. Mas ficou em silêncio.

— Você é tão jovem, sabe, Hetty — ele continuou, quase com ternura —, e ainda não viu muito do que acontece no mundo. É certo que eu faça o que puder para te salvar de se meter em problemas por não saber para onde está sendo levada. Se alguém além de mim soubesse o que sei sobre você, isto é, soubesse que você estava se encontrando escondida com um cavalheiro, recebendo presentes bons dele, iam falar mal de você, e você iria perder sua reputação. E além disso, iria sofrer por causa dos seus sentimentos, dando seu amor a um homem que nunca poderia se casar com você, e cuidar de você por toda a vida.

Adam fez uma pausa e olhou para Hetty, que estava arrancando as folhas das avelheiras e as rasgando. Seus pequenos planos e discursos pré-concebidos a abandonaram, como uma lição mal aprendida, sob a terrível agitação produzida pelas palavras de Adam. Havia uma força cruel na calma convicção delas que ameaçava agarrar e aniquilar suas frágeis esperanças e fantasias. Ela queria resistir a elas — queria desfazer-se delas com contradição raivosa —, mas a determinação de esconder o que sentia ainda a governava. Não era nada mais do que um estímulo cego agora, pois era incapaz de calcular o efeito de suas palavras.

— Não tem o direito de afirmar que *amo ele* — disse ela, fracamente, mas com ímpeto, arrancando outra folha áspera e a rasgando. Estava muito bonita em sua palidez e agitação, com os olhos escuros infantis dilatados e a respiração mais curta que o normal. O coração de Adam ansiava por ela enquanto a olhava. Ah, se pudesse confortá-la, acalmá-la e salvá-la dessa dor; se tivesse algum tipo de força que o capacitasse a resgatar sua pobre mente perturbada, como resgataria seu corpo em face de todo perigo!

— Imagino que seja isso, Hetty — disse ele, com ternura —, pois não posso acreditar que iria deixar qualquer homem te beijar do nada, te dar um pingente dourado com o cabelo dele, e ir ao bosque para o

encontrar se não o amasse. Não estou te culpando, pois sei que isso iria começar aos poucos, até que finalmente não seria capaz de se livrar. É ele que eu culpo por roubar seu amor desse jeito, quando sabia que nunca poderia te recompensar direito. Ele estava sendo leviano com você e te fazendo de brincado, e não se importando como um homem deveria se importar.

— Sim, ele se importa comigo; eu sei melhor que você — Hetty irrompeu. Esqueceu-se de tudo, exceto da dor e da raiva que sentira com as palavras de Adam.

— Não, Hetty — disse Adam —, se ele se importasse com você devidamente, nunca se comportaria assim. Ele mesmo me disse que não pretendia nada com os beijos e com os presentes, e queria me fazer acreditar que você também considerava pouca coisa. Não sei nada sobre isso. Mas não posso deixar de pensar que você confiou que ele te amava o bastante para se casar com você, afinal, ele é um cavalheiro. E é por isso que preciso falar com você, Hetty, porque tenho medo de que esteja se enganando. Nunca passou pela cabeça dele a ideia de casar-se com você.

— Como sabe? Como se atreve a dizer isso? — bradou Hetty, parando a caminhada e tremendo. A terrível determinação do tom de Adam a abalara de medo. Não tinha presença de espírito para refletir que Arthur teria suas razões para não contar a verdade a Adam. As palavras e o olhar dela foram suficientes para determinação de Adam: deveria lhe entregar a carta.

— Talvez não consiga acreditar em mim, Hetty, porque pensa muito bem dele, porque acha que ele te ama mais do que, de fato, ama. Mas tenho uma carta no bolso, que ele mesmo escreveu para te entregar. Não li a carta, mas ele disse que te contaria a verdade. Mas antes que eu te dê a carta, considere, Hetty, e não deixe que isso tome conta de você. Não ia ser bom para você se ele quisesse fazer uma coisa tão insensata quanto se casar com você: não ia trazer nenhuma felicidade no fim.

Hetty não disse nada; sentia um reavivamento de esperança com a menção de uma carta que Adam não lera. Haveria nela algo bem diferente do que ele pensava.

Adam pegou a carta, e ainda a segurava enquanto dizia em tom de terna súplica:

— Não guarde rancor de mim, Hetty, porque sou eu que te trago essa dor. Deus sabe que eu ia suportar o que fosse pelo bem de te poupar. E pense: ninguém além de mim sabe disso, e vou cuidar de você como se fosse seu irmão. Você continua a mesma de sempre para mim, pois não acredito que tenha feito algo errado intencionalmente.

Hetty colocou a mão na carta, mas Adam não a soltou até ter terminado de falar. Não havia prestado atenção ao que ele dissera — não escutara; mas quando ele soltou a carta, colocou-a no bolso, sem abri-la, e então começou a andar mais depressa, como se quisesse entrar em casa.

— Tem o direito de não ler ainda — disse Adam. — Leia quando estiver sozinha. Mas fique ao ar livre um pouco mais, e vamos chamar as crianças: parece tão pálida e doente, sua tia poderá perceber.

Hetty ouviu o aviso. Lembrou-se da necessidade de reunir seus poderes naturais de ocultação, que meio que cederam sob o choque das palavras de Adam. E tinha a carta no bolso: tinha certeza de que havia conforto naquela carta, apesar do que Adam lhe dissera. Correu para encontrar Totty, e logo reapareceu com a cor recuperada, levando Totty, que fazia uma cara azeda porque fora obrigada a jogar fora uma maçã que estava verde na qual cravara os dentinhos.

— Vamos, Totty — disse Adam —, suba no meu ombro bem alto, você vai tocar os topos das árvores.

Que criancinha alguma vez se recusou a ser consolada por aquela gloriosa sensação de ser agarrada firmemente e lançada para cima? Não acredito que Ganimedes chorou quando a águia o levou embora, [134] e talvez tivesse sido colocado no ombro de Júpiter no final. Totty sorriu complacente da altura segura, e agradável foi a visão aos olhos da mãe, quando estava na porta de casa e viu Adam chegando com o pequeno fardo.

— Deus abençoe sua carinha doce, minha querida! — disse ela, o forte amor de mãe enchendo seus olhos aguçados com suavidade, enquanto Totty se inclinava para frente e estendia os braços. Não tinha olhos para Hetty naquele momento, e só disse, sem olhar para

ela:

— Traga um pouco de cerveja, Hetty; as *moça tão* cuidando do queijo.

Depois que a cerveja foi servida e o cachimbo do tio aceso, restava Totty ser levada para a cama e trazida de volta de camisola porque chorava em vez de dormir. Então o jantar seria preparado, e Hetty devia estar sempre ali para ajudar. Adam ficou até saber que Mrs. Poyser esperava que ele fosse embora, envolvendo-a e o marido em conversas o tanto que pôde a fim de deixar Hetty mais à vontade. Ele se demorou, porque queria vê-la em segurança durante aquela noite, e ficou encantado ao descobrir o quanto de autocontrole ela demonstrava. Sabia que não tivera tempo de ler a carta, mas não sabia que estava animada por uma esperança secreta de que a carta contradissesse tudo o que ele dissera. Foi difícil deixá-la – difícil pensar que não saberia durante dias como ela estaria suportando seus problemas. Mas ele finalmente deveria ir embora, e tudo o que podia fazer era lhe apertar a mão gentilmente enquanto dizia “até logo”, e esperar que ela tomasse isso como um sinal de que, se seu amor pudesse ser um refúgio, continuava o mesmo de sempre. Como seus pensamentos estavam ocupados enquanto caminhava para casa, inventando desculpas compassivas para a loucura dela, atribuindo toda a fraqueza dela ao doce amor de sua natureza, culpando Arthur, com cada vez menos disposição em admitir que a conduta dele também poderia ser atenuada. Sua exasperação com o sofrimento de Hetty – e com a sensação de que ela estava possivelmente para sempre longe de seu alcance – o ensurdecia a qualquer súplica pelo amigo infame que causara esse tormento. Adam era um homem lúcido e imparcial – um bom camarada, de fato, tanto moral quanto fisicamente. Mas se Aristides, o Justo,^[135] alguma vez estivera apaixonado e com ciúmes, naquele momento não seria perfeitamente magnânimo. E não posso fingir que Adam, nesses dias dolorosos, não sentiu nada além de justa indignação e piedade amorosa. Sentia um ciúme amargo e, à medida que o amor o tornava indulgente no julgamento de Hetty, a amargura encontrou uma vazão em seu sentimento em relação a Arthur.

“Era provável que ela perdesse a cabeça”, pensou ele, “quando aquele cavalheiro, com boas maneiras e roupas finas, mãos brancas e aquele jeito de falar que os bem-nascidos têm, se aproximasse dela de forma ousada, como um homem da mesma condição dela não ia poder fazer; e vai ser difícil ela gostar de um homem comum agora”. Não pôde evitar de tirar as mãos do bolso e olhá-las – para as palmas das mãos ásperas e unhas quebradas. “Sou um camarada rude, de modo geral. Não sei, agora que penso nisso, o que tem demais para uma mulher gostar de mim; e, no entanto, podia ter conseguido outra esposa com facilidade, se não tivesse insistido nela. Mas pouco importa o que as outras mulheres pensam sobre mim, se ela não pode me amar. Ela podia ter me amado, talvez, quanto a qualquer outro homem – não tem ninguém por aqui que eu tema, se ele não tivesse se colocado entre a gente; mas agora vou parecer odioso para ela, pois sou muito diferente dele. E, no entanto, não tem como saber – ela pode mudar de ideia quando descobrir que ele fez pouco caso dela o tempo todo. Pode perceber o valor de um homem que iria ficar grato de estar junto dela por toda a vida. Mas tenho que superar isso de qualquer jeito – só tenho a agradecer por não ter sido pior. Não sou o único homem que tem que passar por essa vida sem muita felicidade. Existe muito trabalho bem-feito para um coração sofrido fazer. É a vontade de Deus, e isso é o bastante. Acho que a gente não deve saber mais como as coisas têm que ser do que Ele, mesmo que passe a vida tentando entender. Mas eu perderia o gosto pelo trabalho se tivesse visto ela ser levada à tristeza e vergonha, através do homem que sempre considerei com orgulho. Já que fui poupado disso, não tenho o direito de reclamar. Quando um homem tem os membros intactos, pode suportar um ou dois cortes doloridos.”

Assim que Adam passava por um saltador nesse ponto em suas reflexões, percebeu um homem andando pelo campo diante dele. Sabia que era Seth voltando de uma pregação noturna, e se apressou para alcançá-lo.

— Pensei que estaria em casa antes de mim — disse ele, quando Seth se virou para esperá-lo —, pois me atrasei mais do que o normal esta noite.

— Bem, também *tô* atrasado, pois depois do culto fiquei conversando com John Barnes, que recentemente se professou em estado de perfeição cristã, e tinha uma pergunta *pra* ele sobre sua experiência. É um desses assuntos que te leva mais longe do que *cê* espera – não se mantem em linha reta.

Caminharam juntos em silêncio por dois ou três minutos. Adam não estava disposto a entrar nas sutilezas da experiência religiosa, mas estava disposto a trocar umas palavras de afeto fraternal e confiança com Seth. Esse *lhe* era um impulso raro, apesar dos irmãos se amarem. Quase nunca falavam de assuntos pessoais, ou proferiam mais do que uma alusão aos problemas familiares. Adam era por natureza reservado em todas as questões de sentimento, e Seth percebia uma certa timidez em relação ao irmão mais prático.

— Seth, rapaz — disse Adam, colocando o braço no ombro do irmão —, teve notícias de Dinah Morris desde que ela foi embora?

— Sim — disse Seth. — Ela me disse que eu podia escrever *pra* ela depois *dum* tempo, sobre como a gente *tá* e como a mãe suportou os problemas. Então escrevi *pra* ela quinze dias atrás, contei sobre *cê* ter um novo emprego, como a mãe *tava* mais contente; e na quarta-feira passada, quando fui *pro* correio em Treddleston, encontrei uma carta dela. Acho que talvez *cê* ia gostar de ler, mas não disse nada porque parecia tão cheio com outras coisas. É bem fácil de ler – tem uma escrita maravilhosa *pruma* mulher.

Seth tirou a carta do bolso e a estendeu para Adam, que disse enquanto a pegava:

— Sim, rapaz, estou com um fardo difícil de carregar agora; não deve levar a mal se eu for um pouco mais calado e rabugento do que de costume. O problema não me faz me importar menos com você. Sei que a gente está junto até o fim.

— Não levo nada a mal vindo de você, Adam. Sei bem o que significa se *tiver* com pouca paciência comigo de vez em quando.

— Lá está a mãe abrindo a porta para olhar a gente — disse Adam, enquanto subiam a encosta. — Está sentada no escuro, como de costume. Ora, ora Gyp, está feliz em me ver?

Lisbeth entrou de novo rapidamente e acendeu uma vela, pois

ouvira o farfalhar de boas-vindas de passos na grama, antes do latido alegre de Gyp.

— Hum, meus *rapaz*! Nunca vi as *hora* se *arrastá* tanto numa noite de domingo abençoada dessa. O que andaram fazendo todo esse tempo?

— Não fica sentada no escuro, mãe — disse Adam —, isso faz o tempo passar mais devagar.

— Hum, que eu vou *ficá* fazendo queimando uma vela *num* domingo quando só tem eu aqui e é pecado *tricotá* hoje? A luz do dia é o bastante *pra* eu *olhá pros livro*, já que *num* sei ler. *Num* ia *encurtá* o tempo, *desperdiçá* uma vela boa. Mas quem vai *jantá*? Já podem ter comido ou não, vendo que já é essa hora da noite.

— Tô com fome, mãe — disse Seth, sentando-se à pequena mesa, que estava posta desde que estava claro.

— Já comi — disse Adam. — Aqui, Gyp — acrescentou ele, pegando um pouco de batata da mesa e acariciando a cabeça cinzenta e áspera que olhava para ele.

— *Num* precisa dar *pro* cachorro — disse Lisbeth —, já dei bastante comida *pra* ele. Não que eu fosse *esquecê* dele, já que é tudo o que tenho seu aqui *pra olhá*.

— Venha, então, Gyp — disse Adam —, vamos para a cama. Boa noite, mãe. Estou muito cansado.

— Que é que *tá incomodando ele*, *cê* sabe? — Lisbeth disse a Seth, quando Adam subiu as escadas. — *Tá* parecendo um moribundo esses *dia* – *tá* tão abatido. Encontrei ele na oficina esta tarde, depois que *cê* saiu, sentado e *num* fazendo nada – nem mesmo lendo um livro.

— Ele *tá* sobrecarregado de trabalho agora, mãe — disse Seth —, e acho que *tá* com a cabeça um pouco perturbada. Não dê atenção a isso, porque *magoa ele* quando faz isso. Seja o mais gentil que puder, mãe, e não diga nada *pra* irritar.

— Hum, o que quer *dizê* com “*irritá*”? E o que eu sou além de gentil? Vou *fazê* um bolo *pra* ele no café da manhã.

Adam, enquanto isso, lia a carta de Dinah à luz de vela.

“CARO IRMÃO SETH – Sua carta esteve três dias além do meu

conhecimento no correio, pois não tinha dinheiro suficiente para pagar pela entrega, sendo este um momento de grande necessidade e enfermidade por aqui, com as chuvas que caíram, como se as janelas do céu tivessem sido abertas de novo; e guardar dinheiro, dia a dia, em tal momento, quando há claramente tantos necessitados de todas as coisas, seria uma falta de confiança como armazenar o maná.^[136] Falo disso porque não quero que pense que sou lenta para responder, ou que tive pouca alegria em seu júbilo com o bem mundano que recaiu sobre seu irmão Adam. A honra e o amor que você lhe dá não são senão apropriados, pois Deus deu a ele grandes dons, e ele os usa como o patriarca José fez, que, quando foi exaltado a um lugar de poder e confiança, ainda ansiava com ternura pelo pai e pelo irmão mais novo. Meu coração está ligado à sua mãe idosa desde que me foi concedido estar perto dela no momento de angústia. Fale de mim para ela, e lhe diga que muitas vezes a carregou nos pensamentos à noite, quando estou sentada na penumbra como fiz com ela, e nós seguramos as mãos uma da outra, e falei as palavras de conforto que me foram dadas. Ah, esse é um tempo abençoado, não é, Seth, quando a luz exterior está desaparecendo, e o corpo está um pouco cansado com o seu ofício e trabalho. Então a luz interior brilha mais forte, e temos uma sensação mais profunda de descanso na força Divina. Sento-me na minha cadeira no quarto escuro e fecho os olhos, e é como se estivesse fora do corpo e não pudesse sentir mais falta de nada. Pois então, a própria dificuldade, a tristeza, a cegueira e o pecado que contemplei e estive pronta por chorar – sim, toda a angústia dos filhos dos homens, que às vezes me envolve como uma escuridão repentina – posso suportar com uma dor voluntária, como se estivesse compartilhando a cruz do Redentor. Pois eu sinto, sinto – o amor infinito também está sofrendo – sim, na plenitude do conhecimento ele sofre, anseia, lamenta; e isso é um egoísmo cego que quer ser libertado do pesar com que toda a criação geme e padece. Certamente não é a verdadeira bem-aventurança estar livre do pesar, enquanto há pesar e pecado no mundo: o pesar é então uma parte do amor, e o amor não procura jogá-lo fora. Não é apenas o espírito que me diz isso – eu o vejo em toda a obra e palavra do Evangelho. Não há súplica no paraíso? Não está o Homem de Dores^[137] naquele corpo crucificado com o qual ascendeu? E não é apenas um com o mesmo Amor Infinito – como nosso

amor é apenas um com nosso pesar? Tenho carregado muito desses pensamentos comigo ultimamente, e tenho visto com nova clareza o significado dessas palavras: ‘Se alguém me ama, tome minha cruz’.^[138] Tenho ouvido isso como se significasse os problemas e perseguições que trazemos a nós mesmos ao professar Jesus. Mas certamente esse é um pensamento limitado. A verdadeira cruz do Redentor era o pecado e o pesar deste mundo – isso era o que oprimia seu coração – e essa é a cruz que compartilharemos com ele, esse é o cálice que devemos beber com ele, ^[139] se quisermos ter alguma parte daquele Amor Divino que é uno com seu pesar. Da minha sina exterior, sobre a qual pergunta, tenho todas as coisas em abundância.^[140] Tenho trabalhado constantemente no moinho, embora alguns tenham sido dispensados, e meu corpo está muito fortalecido, de modo que sinto pouco cansaço após longas caminhadas e conversas. O que você diz sobre ficar em sua terra com sua mãe e irmão me mostra que tem uma orientação verdadeira; sua sina está aí designada por uma demonstração clara, e buscar uma bênção maior em outro lugar seria como colocar uma oferta falsa no altar e esperar que o fogo do paraíso a acenda. Meu trabalho e minha alegria estão aqui entre as colinas, às vezes acho que me apego demais à minha vida entre as pessoas daqui e me rebelaria se fosse chamada para longe. Fiquei grata por suas notícias sobre os queridos amigos na fazenda Hall, pois embora eu tenha enviado uma carta, por vontade de minha tia, depois que voltei de minha estadia, não tive novidades deles. Minha tia não tem a pena de um escritor apto, e o trabalho da casa é suficiente para o dia, pois ela está fraca fisicamente. Meu coração é apegado a ela e a seus filhos como os mais próximos de mim em sangue – sim, e a todos naquela casa. Sou levada a eles constantemente em meu sono, e muitas vezes no meio do trabalho; e até mesmo conversando, a lembrança deles me vêm à mente como se estivessem em necessidade e apuros, o que ainda é sombrio para mim. Pode ter alguma orientação aqui; mas espero ser ensinada. Você me disse que estão todos bem. Vamos nos ver de novo presencialmente, acredito, embora talvez não por muito tempo; pois os irmãos e irmãs de Leeds desejam ter-me por um curto período entre eles, quando eu puder deixar novamente Snowfield. Adeus, querido irmão – e ainda assim não é um adeus. Para aqueles filhos de Deus a quem foi concedido ver um ao outro, face a face,

manter a comunhão e sentir o mesmo espírito trabalhando em ambos, não podem nunca mais ser separados, embora as colinas estejam entre eles. Pois suas almas são ampliadas para sempre por essa união, e se sustentam sempre nos pensamentos, como se fosse uma nova força. Sua fiel irmã e colaboradora em Cristo, DINAH MORRIS.”

PS: Não tenho habilidade para escrever as palavras tão pequenas quanto você, e minha pena se move devagar. E por isso estou restringida, e falo pouco do que está em minha mente. Cumprimente sua mãe por mim com um beijo. Ela me pediu dois beijos quando nos despedimos.”

Adam redobrou a carta e estava sentado meditativo com a cabeça apoiada no braço sobre a cabeceira da cama, quando Seth subiu as escadas.

— Já leu a carta? — perguntou Seth.

— Sim — disse Adam. — Não sei o que teria pensado dela e da carta se nunca a tivesse visto: imagino que a teria achado uma pregadora odiosa. Mas ela é uma que faz tudo parecer certo no que diz e faz, e parece que eu a via e a ouvia falando enquanto lia a carta. É notável como me lembro de sua aparência e voz. Ela ia te fazer bem e feliz, Seth; é a mulher certa para você.

— Não adianta pensar nisso — disse Seth, desanimado. — Ela falou com muita firmeza e não é mulher que diz uma coisa e quer dizer outra.

— Não, mas os sentimentos dela podem mudar. Uma mulher pode começar a amar aos poucos – o melhor fogo não é o que acende mais rápido. Eu ia gostar que você fosse vê-la de vez em quando. Eu ia deixar tudo conveniente para você ficar por três ou quatro dias, e não seria muito longe para você – só uns trinta ou quarenta quilômetros.

— Eu *ia* *gostá de vê ela* de novo, mesmo que ela não gostasse de eu ter ido — disse Seth.

— Seria uma grande felicidade para todos nós se ela te aceitasse, pois a mãe a acolheu de maneira notável e parecia tão contente em *está* com ela — disse Adam enfaticamente, levantando-se e tirando o casaco.

— Sim — disse Seth, bastante tímido —, e Dinah gosta de Hetty

também; ela pensa muito nela.

Adam não respondeu a isso, e nada mais foi dito a não ser “boa noite” um ao outro.

Capítulo XXXI

No Quarto de Hetty

Não havia mais luz suficiente para ir para a cama sem uma vela, mesmo na casa de Mrs. Poyser onde se deitavam cedo, e Hetty, assim que Adam se foi e fechou a porta atrás dela, carregava uma vela com ela enquanto subia finalmente para seu quarto.

Agora lia sua carta. Deveria – deveria haver conforto nela. Como Adam poderia saber a verdade? Se soubesse a verdade era improvável que ele dissesse o que disse.

Ela pousou a vela e pegou a carta. Tinha um leve aroma de rosas, o que a fez sentir como se Arthur estivesse perto dela. Levou-a aos lábios, e uma onda de sensações relembradas por alguns momentos varreu todo o medo. Mas seu coração começou a palpitar de modo estranho, e as mãos a tremer quando quebrou o selo. Lia devagar; não lhe era fácil ler a caligrafia de um cavalheiro, embora Arthur tivesse se esforçado para escrever com clareza.

“QUERIDA HETTY – falei sinceramente quando disse que a amava e nunca me esquecerei do nosso amor. Serei seu sincero amigo enquanto a vida durar, e espero provar isso de muitas maneiras. Se eu disser alguma coisa para magoá-la nesta carta, não acredite que seja por falta de amor e ternura para com você, pois não há nada que eu não faria por você se soubesse que seria realmente para sua felicidade. Não suporto pensar na minha pequena Hetty derramando lágrimas quando não estou presente para beijá-las; e se seguisse apenas minhas próprias inclinações estaria com ela neste momento em vez de lhe escrever. É muito difícil para mim separar-me dela – mais difícil ainda lhe escrever palavras que possam parecer indelicadas, embora brotem da mais verdadeira bondade. Querida, querida Hetty, por mais doce que me tenha sido o nosso amor, por mais doce que seria que me amasse sempre, sinto que teria sido melhor para nós dois se nunca tivéssemos essa felicidade, e que é meu dever lhe pedir que me ame e se importe comigo o mínimo que puder. A culpa foi toda minha,

pois embora tenha sido incapaz de resistir ao desejo de estar perto de você, senti o tempo todo que seu afeto por mim poderia lhe causar mágoa. Eu deveria ter resistido aos meus sentimentos. Deveria ter feito isso, se fosse um camarada melhor do que sou; mas agora, uma vez que o passado não pode ser alterado, sou obrigado a salvá-la de qualquer mal que possa lhe acontecer. E sinto que seria um grande mal se suas afeições continuassem tão concentradas em mim, que não pudesse pensar em nenhum outro homem que pudesse fazê-la mais feliz com o amor dele do que eu jamais poderia, e se você continuasse a enxergar algo no futuro que não poderia acontecer. Pois, querida Hetty, se fizesse o que você um dia falou e a tornasse minha esposa, você viria a perceber que foi para sua miséria em vez de seu bem-estar. Sei que nunca poderá ser feliz a não ser se casando com um homem de sua posição; e se eu me casasse com você agora estaria apenas ampliando qualquer mal que tenha feito, além de ofender meu dever nas outras relações da vida. Não sabe nada, querida Hetty, do mundo em que sempre deverei viver, e logo começaria a não gostar de mim, porque haveria tão pouco em que seríamos iguais. E já que não posso me casar com você, devemos nos separar – não devemos mais nos imaginar como um casal. Sinto-me péssimo enquanto digo isso, mas não há o que fazer. Fique com raiva de mim, minha pequena, eu mereço; mas não acredite que não me importarei mais com você – sempre lhe serei grato – lembrar-me-ei sempre de minha Hetty; e se ocorrer algum problema que não prevemos agora, confie em mim para fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Eu lhe disse para onde deve direcionar uma carta, se quiser me escrever, mas coloquei abaixo para que não se esqueça. Não escreva a menos que haja algo que eu possa realmente fazer por você; pois, querida Hetty, devemos tentar pensar um no outro o mínimo que pudermos. Perdoe-me e tente esquecer tudo sobre mim, exceto que serei, enquanto viver, seu amigo afetuoso, ARTHUR DONNITHORNE.”

Lentamente Hetty lera essa carta; e quando ergueu os olhos havia o reflexo de um rosto pálido no velho espelho turvo – um rosto de mármore branco com formas arredondadas infantis, mas com algo mais triste do que a dor de uma criança. Hetty não viu o rosto – não via nada – apenas sentiu que estava com frio, doente e trêmula. A

carta sacudia e farfalhava em sua mão. Largou-a. Era uma sensação horrível – esse frio e esse tremor. A sensação varreu as próprias ideias que a produziram, e Hetty se levantou para pegar uma capa quente do armário de roupas, envolveu-se nela e se sentou como se estivesse pensando em nada além de se aquecer. Em seguida, pegou a carta com a mão mais firme e começou a lê-la novamente. As lágrimas vieram dessa vez – grandes lágrimas que a cegaram e mancharam o papel. Não sentia nada além de que Arthur era cruel – cruel por escrever assim, cruel por não se casar com ela. Razões pelas quais ele não podia se casar com ela não existiam em sua mente; como poderia acreditar em qualquer infelicidade que pudesse surgir da realização de tudo o que ansiava e sonhava? Não tinha ideia do que poderia compor a noção dessa miséria.

Quando largou a carta novamente, viu o rosto no espelho, agora estava avermelhado e molhado de lágrimas; era quase como um companheiro a quem poderia reclamar – que teria pena dela. Inclinou-se para frente sobre os cotovelos e olhou para aqueles olhos escuros transbordantes e para a boca trêmula, viu como as lágrimas se tornavam cada vez mais espessas, e como a boca se convulsionava em soluços.

A destruição de todo o seu pequeno mundo de sonhos, o golpe esmagador na paixão recém-nascida afligiu sua natureza ávida por prazer com uma dor avassaladora, que aniquilou todo impulso de resistência e suspendeu a raiva. Ficou sentada soluçando até que a vela se apagou, e então, cansada, dolorida, estupefata com o choro, jogou-se na cama sem se despir e foi dormir.

Havia uma débil luz da alvorada no quarto quando Hetty acordou, pouco depois das quatro horas, com uma sensação de aflição vaga, cuja causa a invadia gradualmente quando começou a discernir os objetos ao redor na penumbra. E então veio o pensamento assustador de que tinha que esconder sua miséria, bem como suportá-la, nessa melancólica luz do dia que estava chegando. Não podia mais ficar deitada. Levantou-se e foi até a mesa: ali estava a carta. Abriu a gaveta de tesouros: ali estavam os brincos e o medalhão – os sinais de toda a curta felicidade – os sinais da tristeza de uma vida inteira que

se seguiria. Olhando para os pequenos enfeites que uma vez já olhara e manuseara com tanto carinho como a garantia do futuro paraíso de elegância, reviveu os momentos em que lhe foram dados com carícias tão ternas, palavras estranhamente bonitas, olhares tão incandescentes, que a encheram de uma surpresa deliciosa e desconcertante – eram muito mais doces do que pensava que qualquer coisa pudesse ser. E o Arthur que lhe falara e a olhara dessa maneira, que estava presente agora – cujo braço sentiu em volta dela, o rosto contra o seu, sua respiração sobre ela – era o cruel, cruel Arthur que escrevera aquela carta, aquela carta que ela pegou e amassou e depois abriu de novo, para que pudesse lê-la mais uma vez. A condição mental meio entorpecida que foi o efeito do choro violento da noite anterior fez com que voltasse a olhar e observar se seus pensamentos desoladores eram realmente verdadeiros – se a carta era realmente tão cruel. Teve que segurá-la perto da janela, senão não poderia lê-la com a luz fraca. Sim! Era pior – era mais cruel. Amassou-a outra vez com raiva. Odiava o escritor daquela carta – odiava-o pela mesma razão pela qual se agarrava a ele com todo o seu amor – toda a paixão e vaidade de menina que compunham seu amor.

Não tinha lágrimas nessa manhã. Chorara todas na noite anterior, e agora sentia aquela tristeza matinal de olhos secos, que é pior do que o primeiro choque, porque tem o futuro nela, bem como o presente. Todas as próximas manhãs, até onde sua imaginação pudesse alcançar, teria que se levantar e sentir que o dia não lhe traria nenhuma alegria. Pois não há desespero tão absoluto quanto aquele que vem com os primeiros momentos de nosso primeiro grande pesar, quando ainda não sabemos o que é ter sofrido e ser curado, ter se desesperado e ter recuperado a esperança. Quando Hetty começou a tirar languidamente as roupas que usara durante a noite, para poder se lavar e escovar os cabelos, teve a sensação enjoada de que a vida continuaria assim. Estaria sempre fazendo coisas que não lhe davam prazer, cumprindo as velhas tarefas do trabalho, vendo pessoas com as quais não se importava, indo à igreja e a Treddleston, tomando chá com Mrs. Best e não carregando nenhum pensamento feliz com ela. Pois suas pequenas delícias envenenadas estragaram para sempre todas as pequenas

alegrias que uma vez foram a doçura de sua vida – o novo vestido pronto para a Feira de Treddleston, a festa na casa de Mr. Britton na vigília de Broxton, os candidatos para quem diria “não” por muito tempo, e a perspectiva do casamento que finalmente aconteceria quando tivesse um vestido de seda e muitas roupas de uma vez. Essas coisas lhe eram todas maçantes e melancólicas agora; tudo seria um aborrecimento, e ela carregaria para sempre uma sede e um desejo desesperados.

Fez uma pausa enquanto se despia e se inclinou contra o velho e escuro armário de roupas. Seu pescoço e braços estavam nus, os cabelos pendiam em cachos delicados e estavam tão bonitos quanto naquela noite dois meses atrás, quando caminhava de um lado para o outro nesse quarto, incandescente de vaidade e esperança. Não pensava em seu pescoço e braços agora; até a própria beleza lhe era indiferente. Os olhos percorreram tristes pelo velho quarto monótono e depois olharam vagos para o amanhecer que chegava. Uma lembrança de Dinah lhe veio à mente? De suas palavras de mau presságio que a deixaram com raiva? Da súplica afetuosa de Dinah para contar com ela quando estivesse com problemas? Não, a impressão fora muito leve para se repetir. Qualquer carinho ou conforto que Dinah pudesse ter lhe dado teria sido tão indiferente a Hetty nessa manhã quanto todo o resto, exceto sua paixão ferida. Ela só pensava que nunca poderia ficar ali e continuar com a antiga vida – poderia suportar algo completamente novo a afundar de volta na velha rotina diária. Gostaria de fugir naquela mesma manhã e nunca mais ver nenhum dos antigos rostos. Mas a natureza de Hetty não era do tipo que enfrentaria dificuldades, que ousaria perder o controle sobre o que lhe era familiar, correndo cegamente para alguma condição desconhecida. A dela era uma natureza luxuosa e vaidosa – não passional – e se alguma vez tomasse qualquer medida violenta, seria impelida a isso pelo desespero do terror. Não havia muito espaço para os pensamentos viajarem no círculo estreito de sua imaginação, e logo se concentrou na única coisa que faria para se afastar da antiga vida: pediria ao tio para deixá-la ser dama de companhia. A dama de companhia de Miss Lydia a ajudaria a conseguir uma posição se

soubesse que Hetty tinha a licença do tio.

Depois de pensar nisso, prendeu os cabelos e começou a se lavar: parecia mais possível descer as escadas e tentar se comportar como de costume. Ela perguntaria ao tio no mesmo dia. Pela saúde florescente de Hetty, seria necessário muito sofrimento mental como o dela para deixar qualquer impressão profunda; e quando estava vestida tão bem como de costume com o vestido de trabalho, com os cabelos presos sob a touca, um observador indiferente ficaria mais impressionado com a jovem redondeza de suas bochechas e pescoço, e a escuridão dos olhos e cílios do que com qualquer sinal de tristeza. Mas quando ela pegou a carta amassada e a colocou na gaveta, para que pudesse trancá-la fora de vista, lágrimas pungentes, que não deram alívio ao amanhecer como as grandes gotas que caíram na noite anterior, novamente forçaram passagem em seus olhos. Enxugou-as rapidamente: não devia chorar durante o dia. Ninguém deveria descobrir o quanto estava infeliz, ninguém deveria saber que estava desapontada; e o pensamento de que os olhos dos tios estariam sobre ela deu-lhe o autocontrole que muitas vezes acompanha um grande pavor. Pois Hetty olhava a partir de sua miséria secreta para a possibilidade de eles saberem o que acontecera, como o prisioneiro doente e cansado poderia pensar no provável pelourinho. Achariam sua conduta vergonhosa, e a vergonha era uma tortura. Essa era a consciência da pobre pequena Hetty.

Então trancou a gaveta e saiu para fazer suas primeiras tarefas.

À noite, quando Mr. Poyser fumava o cachimbo, e sua boa natureza estava, portanto, em seu momento supremo, Hetty aproveitou a oportunidade da ausência da tia para dizer:

— Tio, gostaria que me deixasse ser dama de companhia.

Mr. Poyser tirou o cachimbo da boca e olhou para Hetty com leve surpresa por alguns momentos. Ela estava costurando e continuou com o trabalho com dedicação.

— Ora, quem colocou isso na sua cabeça, minha menina? — perguntou ele, afinal, depois de dar uma baforada moderada.

— Eu iria gostar – iria gostar mais do que do trabalho na fazenda.

— Não, não; acha isso porque *num* sabe como é, minha menina.

Num ia ser tão bom *pra* sua saúde, nem *pra* sua sorte na vida. Queria que ficasse com a gente até *arrumá* um bom marido: *cê* é minha sobrinha, e *num* ia *gostá* que fosse uma criada, mesmo que fosse na casa *dum* cavalheiro, quando tem uma casa aqui *pra* você.

Mr. Poyser fez uma pausa e deu uma baforada no cachimbo.

— Gosto de bordado — disse Hetty — e receberia um bom salário.

— Sua tia foi um pouco dura com você? — disse Mr. Poyser, sem notar o argumento adicional de Hetty. — *Num* deve *ligá pra* isso, minha menina; ela faz isso *pro* seu bem. Ela te deseja tudo de bom; e *num* tem tia por aí sem parentesco direto que ia *fazê* o mesmo.

— Não, não é por causa da minha tia — disse Hetty —, mas eu gostaria mais do trabalho.

— Foi muito bom ter aprendido um bocado desse trabalho — e dei logo permissão, já que Mrs. Pomfret *tava* disposta te *ensiná*. Pois se *acontecê* qualquer coisa inesperada é bom *sabê fazê* outras coisa. Mas nunca quis que *cê* fosse criada, minha menina; minha família comeu sempre do próprio pão e queijo desde quando a gente se lembra, né, pai? *Num* ia *querê* que sua neta aceitasse salário?

— Nã-ã-o! — disse o velho Martin. Com um alongamento da palavra pretendia torná-la amarga e negativa, enquanto se inclinava para frente e olhava para o chão. — Mas a moça puxou a mãe. Era difícil *segurá ela*, casou-se contra a minha vontade com um sujeito que tinha só duas *cabeça* de gado quando podia ter dez na fazenda — e ela acabou morrendo de inflamação antes dos trinta.

Raramente o idoso fazia um discurso tão longo, mas a pergunta do filho foi como lenha na fogueira de um ressentimento há muito inextinguível, que sempre tornara o avô mais indiferente a Hetty do que aos filhos do filho. A fortuna da mãe dela fora gasta por aquele Sorrel inútil, e Hetty tinha o sangue de Sorrel nas veias.

— Tadinha, tadinha! — disse Martin, o filho, que lamentava ter provocado essa severidade retrospectiva. — Ela só teve azar. Mas Hetty tem tanta chance de *arrumá* um marido bom e sério quanto qualquer garota da região.

Depois de lançar essa insinuação significativa, Mr. Poyser voltou ao cachimbo e ao silêncio, olhando para Hetty para ver se dava algum

sinal de ter renunciado ao seu desejo imprudente. Mas, em vez disso, Hetty, contra a sua vontade, começou a chorar, meio de mau humor pela negação, meio por tristeza reprimida do dia.

— Vamos, vamos — disse Mr. Poyser, pretendendo contê-la brincando —, *num* precisa *chorá*. Choro é *praqueles* que *num* tem casa, não *praqueles* que quer se *livrá* dela. O que acha? — continuou para a esposa, que agora voltava para a sala, tricotando com uma rapidez feroz, como se aquele movimento fosse uma função necessária, igual ao estrídulo das antenas de um caranguejo.

— Acho? Ora, acho que vão *roubá* nossas *ave* antes da gente *ficá* velho, com essa menina esquecendo de *trancá* o galinheiro toda a noite. Qual é o problema agora, Hetty? Por que *tá* chorando?

— Ora, ela *tá* querendo *virá* uma dama de companhia — disse Mr. Poyser. — Disse *pra* ela que a gente pode *fazê* mais por ela do que isso.

— Achei que *tava* com minhoca na cabeça mesmo, ficou de cara fechada o dia todo. Tudo isso é culpa de *ficá* andando com o pessoal da reserva de caça, que a gente foi tonto de *deixá*. Ela acha que vai ter uma vida melhor do que com seus *parente* que a criaram desde que era menor que Marty. Acha que uma dama de companhia *num* faz mais nada do que *usá* roupa mais refinada do que ela tem, tenho certeza. Só pensa em trapo de manhã até a noite, e já perguntei várias *vez* se *num* queria ser um espantalho no meio do campo, assim ia ser feita de trapo por dentro e por fora. Nunca vou dar meu consentimento *pra* ela *virá* uma dama de companhia, quando tem bons *amigo pra cuidá* dela até que se case com alguém que seja mais do que um valete, já que *num* são nem homem comum nem cavalheiro, vive do que sobra e geralmente fica com as *mão* no bolso e espera que a mulher trabalhe por eles.

— Sim, sim — disse Mr. Poyser —, a gente deve *arrumá* um marido melhor *pra* ela, e tem melhores por aí. Vamos, minha menina, pare de *chorá* e vá *pra* cama. É *pro* seu bem que *num* te deixo ser dama de companhia. E vamos *encerrá* o assunto.

Quando Hetty subiu as escadas, ele disse:

— *Num* consigo *entendê* por que ela quer ir embora, pois achei que

tava gostando de Adam Bede. Pelo menos parecia.

— Hum, *num* tem como *sabê* do que ela gosta, pois *num* se apegava a nada, parece uma pedra. Acredito que Molly – que é bastante irritante, se quer *sabê* – ia se *importá* mais em *deixá* a gente e as *criança*, mesmo que *num* tenha nem um ano que *tá* aqui, do que Hetty. Mas ela tem essas *ideia* de ser dama de companhia por *ficá* andando com os *criado* – a gente podia ter percebido aonde isso ia *chegá* quando a gente deixou ela *aprendê costurá*. Mas vou *botá* um fim nisso rapidinho.

— *Cê* ia *achá* uma pena ter que se *separá* dela, se não fosse pelo bem dela — disse Mr. Poyser. — Ela é útil *pra* você no trabalho.

— Pena? Sim, *me apeguei* a ela mais do que merece, diabinha sem coração, querendo *abandoná* a gente desse jeito. Acho que *num* podia ter deixado ela *ficá* aqui por sete *ano*, ter feito e ensinado tudo *pra* ela sem me *importá* com ela. E *tô* aqui fiando linho e pensando o tempo todo que vou *fazê* de enxoval quando ela *casá*, *tivé* vivendo na paróquia com a gente e nunca mais *saí* de vista – como uma tonta que sou por *achá* que ela é mais do que uma cereja com um caroço duro dentro.

— Não, não, *num* deve *fazê* tanto caso por pouca coisa — disse Mr. Poyser calmamente. — Ela gosta da gente, tenho certeza; mas é jovem e tem mais coisa na cabeça do que pode dar conta. Essas *mocinha* gosta de *saí* pelo mundo muitas *vez* sem *sabê* o porquê.

A resposta do tio, no entanto, teve outro efeito em Hetty além de desapontá-la e fazê-la chorar. Sabia muito bem quem ele tinha em mente nas alusões a casamento e a um marido bom e sério; e quando estava outra vez no quarto, a possibilidade de se casar com Adam se apresentou a ela sob uma nova luz. Em uma mente onde não há forte empatia em ação, onde não há um senso supremo de direito ao qual a natureza agitada possa se agarrar e firmar-se em uma resistência tranquila, um dos primeiros resultados do pesar é um vago e desesperado apego a qualquer ação que alterará a condição real. A visão das consequências da pobre Hetty, em nenhum momento mais do que um cálculo restrito e fantástico de seus próprios prazeres e dores prováveis, estava agora completamente bloqueada pela irritação imprudente sob o sofrimento presente, e estava pronta para uma

daquelas ações convulsivas e sem motivo pelas quais os desolados homens e mulheres saltam de um pesar temporário para uma miséria perpétua.

Por que não se casaria com Adam? Ela não se importava com o que fazia, contanto que isso fizesse alguma mudança em sua vida. Sentia-se confiante de que ele ainda queria se casar com ela, e qualquer pensamento adicional sobre a felicidade de Adam na questão ainda não passara por sua cabeça.

“Estranho”, talvez você diga, “essa onda de impulso em direção a um rumo que poderia ter parecido o mais repugnante ao seu estado de espírito atual, e apenas na segunda noite de tristeza?”

Sim, as ações de uma pequena alma trivial como a de Hetty, lutando em meio aos graves e tristes destinos de um ser humano, *são* estranhas. Assim são os movimentos de um pequeno navio sem lastro lançado sobre um mar tempestuoso. Como parecia belo com sua vela multicolorida à luz do sol, ancorado na baía tranquila!

“Deixe aquele homem suportar a perda que o soltou de suas amarras.^[141]”

Mas isso não salvará o navio – a bela coisa poderia ter sido uma alegria duradoura.

Capítulo XXXII

Mrs. Poyser “Dá sua Opinião”

Na noite do sábado seguinte, houve muita discussão animada em Donnithorne Arms sobre um incidente que ocorrera naquele mesmo dia – não menos do que uma segunda aparição do homem inteligente de botas de cano alto, considerado por alguns como um mero agricultor em negociação com a fazenda Chase, por outros como o futuro administrador, mas pelo próprio Mr. Casson, a testemunha ocular da visita do forasteiro, considerado com desdém como nada mais do que um bailio, como Satchell fora antes dele. Ninguém pensara em negar o testemunho de Mr. Casson sobre o fato de ter visto o forasteiro, no entanto, ele ofereceu várias circunstâncias corroborantes.

— Eu mesmo *vi ele* — disse —, vi chegando pelo prado de Crabtree em um cavalo de cara branca. Eu tinha acabado de *toumá* uma cerveja – era dez e meia da manhã, quando *toumava* minha cerveja tão pontual quanto um relógio – e disse a Knowles, quando passava com o carroção: “*Cê* vai ter um *boucado* de cevada hoje, Knowles”, eu disse “se *olhá* ao redor”; e então fiz a volta *pro* celeiro, em direção à estrada de Treddleston, e assim que dei de cara com o grande freixo, vi o homem de bota de cano alto com o cavalo de cara branca – juro de pé junto que vi. E fiquei parado até que ele chegou, e disse: “Bom dia, senhor”, eu disse, pois queria *ouví* a maneira como falava, *pra sabê* se ele era um homem desta região, então disse: “Bom dia, senhor, tempo bom *pra* cevada, eu acho. Vamos *consequí* um *boucado* se a gente *tivé* sorte”. E ele disse: “É, pode *ter-r* razão, *num* tem como *saber-r*”, ele falou dessa forma e eu soube por causa disso — aqui Mr. Casson deu uma piscadela — que ele *num* veio de muito longe. Imagino que ele achou que falo estranho, já que *cês* tudo de Loamshire *acha* isso de quem fala do jeito certo.

— Do jeito certo!? — disse Bartle Massey, com desdém. — O jeito que fala é tão certo quanto um guincho de porco é parecido com a

melodia de uma corneta.

— Bem, *num* sei — respondeu Mr. Casson, com um sorriso zangado.

— Acho que um homem que viveu com a nobreza por perto talvez saiba qual é o jeito certo de *falá*, tão bem quanto um mestre-escola.

— Sim, sim, homem — disse Bartle, com um tom de consolo sarcástico —, fala do jeito certo *pra* você. Quando a cabra de Mike Holdsworth diz “ba-a-a”, *tá* certo – não seria normal se ela fizesse qualquer outro barulho.

O resto do grupo era de nativos de Loamshire, assim Mr. Casson foi motivo de muitíssimo riso e sabiamente recuou ao assunto anterior, que, longe de se esgotar em uma única noite, foi renovado no cemitério, antes do culto, no dia seguinte, com o novo interesse conferido a todas as notícias quando há uma pessoa nova para ouvi-las; e aquele novo ouvinte era Martin Poyser, que, como sua esposa dizia: “Nunca beba com aquele grupinho de Casson, todo mundo sentado e podre de bêbado, parecendo tão esperto quanto um bando de camarão”.

Provavelmente foi devido à conversa que ela tivera com o marido a caminho da igreja sobre esse forasteiro problemático que os pensamentos de Mrs. Poyser imediatamente reverteram para ele quando, uns dias depois, estava parada na porta de casa com seu tricô, naquele lazer ansioso que chegava quando a limpeza da tarde terminava, viu o velho fidalgo entrar no pátio no cavalo preto, seguido por John, o cavalariaço. Ela sempre citava isso depois como um caso de previsão, que realmente tinha algo mais do que a própria sagacidade notável, quando no momento em que pôs os olhos no fidalgo disse a si mesma: “Me pergunto se ele *num* veio por causa daquele homem que *tá* prestes a *ficá* com a fazenda Chase, querendo que Poyser faça algo *pra* ele de graça. Mas Poyser vai ser um tonto se *fizé*.”

Algo inusitado deveria estar claramente à vista, pois as visitas do velho fidalgo aos inquilinos eram raras; e, embora Mrs. Poyser tivesse durante o último ano recitado muitos discursos imaginários, significando ainda mais do que pareciam, os quais ela estava bem decidida a lhe fazer da próxima vez que aparecesse dentro dos portões da fazenda Hall, os discursos sempre permaneceram imaginários.

— Bom dia, Mrs. Poyser — disse o velho fidalgo, olhando com olhos míopes — um modo de olhar para ela que, como Mrs. Poyser observou, “sempre me irritava: era como se a gente fosse um inseto, e ele fosse nos dar um peteleco.”

No entanto, ela respondeu:

— Sua criada, senhor — e fez uma reverência com um ar de perfeita deferência enquanto avançava em direção a ele: não era mulher de se comportar mal com os superiores e desafiar o catecismo, sem severa provocação.

— Seu marido está em casa, Mrs. Poyser?

— Sim, senhor; ele *tá* no celeiro. Vou *mandá* *chamá* *ele* num minuto, se *quisé* *apeá* e *entrá*.

— Obrigado; farei isso. Quero consultá-lo sobre um pequeno assunto; mas é bastante de seu interesse, se não mais. Também preciso da sua opinião.

— Hetty, corra e diga *pro* seu tio *entrá* — disse Mrs. Poyser, à medida que entravam na casa, e o velho cavalheiro fazia uma mesura em resposta à reverência de Hetty; enquanto Totty, consciente de um avental manchado com geleia de groselha, escondia o rosto atrás do relógio e espiava furtivamente.

— Que bela cozinha antiga! — disse Mr. Donnithorne, olhando em volta com admiração. Sempre falava da mesma maneira deliberada, bem rebuscada e educada, quer suas palavras fossem açucaradas ou venenosas. — E a senhora a mantém limpa com primor, Mrs. Poyser. Gosto dessas instalações, sabe, acima de qualquer outra da propriedade.

— Bem, senhor, já que gosta, eu ia *ficá* feliz se pudesse *fazê* uns *reparo* nela, pois o teto *tá* num estado que a gente *tá* prestes a ser comido por rato e camundongo; e a adega, a agua *tá* batendo no joelho, se *quisé* *descê*; mas talvez prefira *acreditá* na minha palavra. Gostaria de *sentá*, senhor?

— Ainda não; preciso ver sua leiteria. Não a vejo há anos, e ouço em todos os lugares sobre seu excelente queijo e manteiga — disse o fidalgo, parecendo educadamente alheio de que poderia haver qualquer questão sobre a qual ele e Mrs. Poyser pudessem discordar.

— Acho que vejo a porta aberta, ali. Não deve se surpreender se eu lançar um olhar ávido em seu creme de leite e manteiga. Não espero que o creme de leite e a manteiga de Mrs. Satchell sejam comparáveis aos seus.

— *Num* posso *dizê*, senhor, certamente. Quase nunca vejo a manteiga dos *outro*, embora tenha umas que nem precisa ver — só *cheirá*.

— Ah, agora isso eu gosto — disse Mr. Donnithorne, olhando em volta para aquele templo úmido de limpeza, mas mantendo-se perto da porta. — Tenho certeza de que gostaria mais do meu café da manhã se soubesse que a manteiga e o creme de leite vieram desta leiteria. Obrigado, esta é realmente uma visão agradável. Infelizmente, minha leve tendência ao reumatismo me deixa com medo de umidade: vou me sentar em sua confortável cozinha. Ah, Poyser, como vai? No meio dos negócios, vejo, como de costume. Estive olhando para a bela leiteria de sua esposa — a melhor administradora da paróquia, não é?

Mr. Poyser acabara de entrar de mangas arregaçadas e colete aberto, com um rosto um pouco mais vermelho do que o normal, devido ao esforço de empilhar o feno. Enquanto estava parado, vermelho, rotundo e radiante, diante do pequeno, magro e fraco velho cavalheiro, parecia uma maçã de primeira ao lado de uma silvestre murcha.

— Poderia, por favor, *sentá* nesta cadeira, senhor? — disse ele, puxando um pouco a poltrona do pai. — Vai *achá* mais confortável.

— Não, obrigado, eu nunca me sento em cadeiras confortáveis — disse o velho cavalheiro, sentando-se em uma pequena cadeira perto da porta. — Sabe, Mrs. Poyser — sente-se, por favor, os dois — estou longe de me contentar, há algum tempo, com a gestão da leiteria de Mrs. Satchell. Acho que ela não tem um bom método, como a senhora tem.

— Na verdade, senhor, *num* tenho o que *dizê* sobre isso — disse Mrs. Poyser com voz dura, enrolando e desenrolando seu tricô e olhando friamente pela janela, enquanto continuava de pé em frente ao fidalgo. Poyser poderia se sentar se quisesse, pensou; *ela* não se sentaria, como se cedesse a qualquer palavreado de língua suave. Mr.

Poyser, que parecia e sentia o reverso da frieza, sentou-se em sua cadeira de canto.

— E agora, Poyser, como Satchell está de cama, pretendo deixar a fazenda Chase para um inquilino respeitável. Estou cansado de ter uma fazenda em minhas mãos — nada é feito da melhor maneira nesses casos, como sabe. Um bailio satisfatório é difícil de encontrar; e acho que você e eu, Poyser, e sua excelente esposa aqui, podemos entrar em um pequeno acordo, portanto, que será para nossa vantagem mútua.

— Oh! — exclamou Mr. Poyser, com uma humilde falta de imaginação quanto à natureza do acordo.

— Se eu *pudé falá*, senhor — disse Mrs. Poyser, depois de olhar para o marido com pena de sua fraqueza —, sabe melhor do que eu; mas *num* vejo o que a gente tem a ver com a fazenda Chase — a nossa já dá trabalho o bastante. Mesmo assim fico feliz de *sabê* que alguém respeitável *tá* vindo *pra* paróquia; pois *tem* uns que *chega* aqui que *num* tem essa qualidade.

— Provavelmente achará Mr. Thurle um excelente vizinho, eu lhe asseguro — um vizinho que se sentirá feliz por ter se adaptado pelo pequeno plano que vou mencionar, especialmente porque espero que o ache tão vantajoso para si quanto para ele.

— Na verdade, senhor, se for alguma coisa *pra* nossa vantagem, vai ser a primeira oferta do tipo que ouvi *falá*. Os que *tira* vantagem é os que *tão* em vantagem no mundo, *eu* acho: o povo tem que *esperá* bastante *pra* ter alguma.

— O fato é que, Poyser — disse o fidalgo, ignorando a teoria da prosperidade mundial de Mrs. Poyser —, há muita pastagem e pouca terra para lavrar na fazenda Chase para atender ao propósito de Thurle. Na verdade, ele só ficará com a fazenda na condição de que seja feita alguma mudança nela: a esposa dele, ao que parece, não é uma leiteira inteligente como a sua. Agora, o plano que estou pensando é fazer uma pequena troca. Se tivesse pastagens mais baixas, poderia aumentar sua produção leiteira, que seria muito lucrativa sob a gestão de sua esposa; e lhe pediria, Mrs. Poyser, que abastecesse minha casa com leite, creme e manteiga a preços de mercado. Por outro lado, Poyser, poderia deixar Thurle ficar com os cumes

inferiores e superiores, o que realmente, com nossas estações chuvosas, seria um bom livramento para você. Há muito menos risco nas pastagens do que nas lavouras.

Mr. Poyser estava inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos, a cabeça de lado e a boca franzida – aparentemente absorto em fazer as pontas dos dedos se encontrarem para representar com perfeita precisão as balizas de um navio. Era um homem muito perspicaz para não entender todo o negócio e prever perfeitamente qual seria a visão da esposa sobre o assunto; mas não gostava de dar respostas desagradáveis. A menos que fosse uma questão de prática agrícola, preferiria desistir do que ter uma briga, sempre; e, afinal, isso importava mais para a esposa do que para ele. Então, depois de alguns momentos de silêncio, olhou para ela e disse suavemente:

— O que acha?

Mrs. Poyser tinha os olhos fixos no marido com fria severidade durante o silêncio dele, mas agora virou a cabeça com um lance, olhou com frieza para o telhado oposto do estábulo e espetou o tricô com o alfinete solto, segurando-o firmemente entre as mãos entrelaçadas.

— Acho? Ora, eu digo que *cê* pode *fazê* o que *quisé*, se *quisé desistí* da lavoura antes que o contrato acabe, que só vai ser na próxima Festa de São Miguel, mas *num* vou *aceitá* mais trabalho na leiteria, nem por amor nem por dinheiro; e nem tem amor ou dinheiro, como posso ver, só o amor dos *outro* por eles *mesmo*, e dinheiro que vai *pro* bolso dos *outro*. Sei que tem gente que nasceu *pra* ter terra, e quem nasceu *pra trabalhá* nela — aqui Mrs. Poyser pausou para respirar um pouco — e sei que é dever de todo cristão ser submisso a seu superior enquanto suas *força aguentá*; mas *num* vou me *martirizá*, *trabalhá* até *ficá* pele e osso, me *acabá* que nem a manteiga batida por nenhum senhorio na Inglaterra, nem que fosse o próprio rei George.

— Não, não, minha cara Mrs. Poyser, certamente não — disse o fidalgo, ainda confiante nos poderes de persuasão —, não deve se esforçar demais; mas não acha que seu trabalho reduzirá do que aumentará dessa maneira? Há tanto leite necessário na abadia que terá pouco aumento de produção de queijo e manteiga com a adição à

sua leiteria; e acredito que vender o leite é a maneira mais lucrativa de liquidar os produtos lácteos, não?

— Sim, é verdade — disse Mr. Poyser, incapaz de reprimir uma opinião sobre uma questão de lucros agrícolas, e esquecendo-se que não era neste caso uma questão puramente abstrata.

— Imagino — disse Mrs. Poyser amargamente, virando a cabeça um pouco em direção ao marido e olhando para a poltrona vazia —, imagino que seja verdade *pros homem* que *senta* perto da lareira e acha que tudo é medido *pra cabê* em qualquer lugar. Se a gente pudesse *fazê* uma torta só pensando na massa, ia ser mais fácil de *fazê* o almoço. Como posso ter certeza de que o consumo de leite vai ser sempre constante? Quem me garante que a casa *num* vai *ficá* vazia por vários *mês*, e eu vou *passá* as *noite* pensando nos cem *litro* de leite a mais — Dingall *num* vai *aceitá* mais manteiga, muito menos *pagá* por ela; a gente vai ter que *engordá* os *porco* até ser obrigado a *implorá* de joelho *pro* açougueiro *comprá* eles e *perdê* a metade *pra* gafeira. E ainda tem o trabalho do transporte, que ia *levá* metade do dia de trabalho *prum* homem e a cavalo, e isso ia ser descontado dos *lucro*, acho? Mas tem gente que pensa que dá *pra carregá* água numa peneira.

— Essa dificuldade — acerca do transporte — a senhora não terá, Mrs. Poyser — disse o fidalgo, que pensou que essa entrada em detalhes indicava uma disposição distante em se comprometer da parte de Mrs. Poyser. — Bethell fará isso regularmente com a carroça e o cavalo.

— Oh, senhor, *me desculpa*, mas nunca vou me *acostumá* a ter criado da nobreza chegando aqui, cortejando as *moça*, que vão *ficá* com a mão na cintura *pra ouví* todo tipo de fofoca quando tinha que *tá* de joelho esfregando o chão. Se a gente for à falência, vai ser sem *fazê* da copa uma espelunca.

— Bem, Poyser — disse o fidalgo, mudando de tática e fingindo que Mrs. Poyser de repente havia se retirado do processo e saído da sala —, pode usar as pastagens mais baixas para o gado. Posso facilmente fazer outro acordo sobre o abastecimento de minha casa. E não esquecerei a sua disponibilidade de se adaptar ao seu senhorio

assim como a um vizinho. Sei que ficará feliz em ter o arrendamento renovado por três anos, quando o atual expirar; caso contrário, suponho que Thurle, que é um homem de algum capital, ficaria feliz em ficar com as duas fazendas, pois elas poderiam funcionar muito bem juntas. Mas não quero me separar de um antigo inquilino como você.

Ser expulsa da discussão dessa maneira teria sido suficiente para completar a exasperação de Mrs. Poyser, mesmo sem a ameaça final. Seu marido, realmente alarmado com a possibilidade de deixarem o velho lugar onde ele havia nascido e crescido –, pois acreditava que o velho fidalgo tinha rancor o suficiente para qualquer coisa – estava começando uma leve objeção para explicar a inconveniência que encontraria em ter que comprar e vender mais mercadorias:

— Bem, senhor, acho que é muito difícil... — quando Mrs. Poyser irrompeu com a determinação desesperada de dar sua opinião desta vez, mesmo que recebesse aviso de despejo e o único abrigo fosse o asilo.^[142]

— Então, senhor, se eu *pudé falá* – já que sou mulher, e tem gente que acha que mulher é tonta o bastante *pra ficá* parada olhando enquanto o homem vende a alma, tenho o direito de *falá*, já que faço um quarto do arrendamento e economizo outro quarto – eu digo, se Mr. Thurle *tá* tão disposto a *tomá* conta das *fazenda*, é uma pena que *num* fique com esta, *pra* ver se gosta de *vivê* numa casa com todas as *praga* do Egito – com a adega cheia d’água, dúzia de sapo e rã pulando nos *degrau* – e os *piso* podre, os *rato* e os *camundongo* roendo todo o queijo, correndo em cima das nossas *cabeça* enquanto a gente *tá* deitado na cama esperando que coma a gente vivo – é um milagre que *num* tenham comido as *criança* faz tempo. Queria ver se tem outro inquilino além de Poyser que ia *tolerá num* ter nenhum reparo feito até que o lugar desabe – sem ter que *implorá* e *rezá* e ainda *pagá* a metade – e sendo preso ao aluguel, pois ia ser demais se ele conseguisse o suficiente da terra *pra pagá*, apesar de ter gastado o próprio dinheiro nisso de antemão. Veja se vai *consequí* um estranho *pra levá* uma vida como essa aqui. Acho que um verme tem que *nascê* dentro do queijo podre *pra podê gostá* dele. Pode *fugí* das minhas *palavra*, senhor —

continuou Mrs. Poyser, seguindo o velho fidalgo além da porta, pois depois dos primeiros momentos de atordoada surpresa, ele se levantou e, acenando-lhe com um sorriso, saiu em direção ao cavalo. Mas lhe foi impossível fugir imediatamente, pois John estava andando com o cavalo para cima e para baixo no pátio e a alguma distância da calçada quando seu mestre o chamou.

— Pode *fugí* das minhas *palavra*, senhor, e pode *inventá* algum jeito traiçoeiro de *prejudicá* a gente, pois tem o tihoso como seu amigo, embora ninguém mais seja, mas eu digo que a gente *num* é burro *pra* ser abusado e explorado como se tivesse um chicote na mão e a gente *num* pudesse *fugí*. E se sou a única que fala o que pensa, tem muita gente que pensa igual na paróquia e nas *redondeza*, pois o seu nome é que nem um fósforo de enxofre no nariz de todo mundo – a *num* ser dois ou três *velho* que o senhor acha que vai *salvá* sua alma doando cobertor e um pingo de mingau. E pode *tá* certo em *achá* que precisa de pouco *pra salvá* sua alma, pois vai ser o menor investimento que vai *fazê*, com toda a sua sovinice.

Há ocasiões em que duas criadas e um carroceiro podem ser uma audiência formidável, e enquanto o fidalgo cavalgava em seu cavalo preto, mesmo o dom da miopia não o impediu de perceber que Molly, Nancy e Tim estavam rindo não muito longe dele. Talvez suspeitasse que o velho e azedo John estivesse rindo atrás dele – o que também era fato. Enquanto isso, o buldogue, o *terrier* preto e marrom, o cão pastor de Alick e o ganso silvando a uma distância segura dos calcanhares do cavalo, executavam a ideia do solo de Mrs. Poyser em um quarteto impressionante.

Mrs. Poyser, no entanto, logo que viu o cavalo se afastar, virou-se, lançou às duas alegres donzelas um olhar que as conduziu para a copa e, tirando a agulha do tricô, começou a tricotar novamente com a rapidez habitual ao reentrar na casa.

— Pronto, *tá* falado — disse Mr. Poyser, um pouco alarmado e desconfortável, mas não sem um triunfante divertimento com o surto da esposa.

— Sim, eu sei — disse Mrs. Poyser —, mas dei minha opinião, e vou me *sentí* leve o resto da vida. *Num* existe prazer em *vivê* se *ficá*

calado *pra* sempre, e apenas *gotejá* sua mente escondido, como um barril vazando. *Num* vou me *arrepêndê* de *dizê* o que penso, se eu *vivê* e *ficá* tão velha quanto o velho fidalgo; e tem pouca chance, pois parece que gente assim, que *num* é querida por aqui, também *num* é querida no outro mundo.

— Mas *cê num* ia *gostá* de se *mudá* do velho lugar, daqui um ano — disse Mr. Poyser — e ir *pruma* paróquia estranha, onde *num* conhece ninguém. Ia ser difícil *pra* gente, e *pro* meu pai também.

— Hum, *num* adianta se *preocupá*; muita coisa pode *acontecê* até a Festa de São Miguel. O capitão pode *herdá* a propriedade antes, pelo que a gente sabe — disse Mrs. Poyser, disposta a ter uma visão excepcionalmente esperançosa de um constrangimento que fora causado pelo próprio mérito e não por culpa de outras pessoas.

— *Num* sou de me *preocupá* — disse Mr. Poyser, levantando-se da cadeira de canto e caminhando lentamente em direção à porta —, mas eu ia *relutá* em *deixá* o velho lugar, a paróquia onde nasci e cresci, e meu pai antes de mim. Receio que a gente ia *deixá* nossas *raiz pra* trás, e nunca mais *prosperá* de novo.

Capítulo XXXIII

Mais Elos

A cevada foi toda carregada finalmente, e os banquetes de colheita ocorreram sem esperar pela sombria colheita de feijão. As maçãs e nozes foram colhidas e armazenadas; o aroma de soro partiu das casas de fazenda, e o aroma de cerveja tomou o seu lugar. A floresta atrás da reserva de caça, e todas as árvores da sebe assumiram um esplendor solene sob o céu escuro e baixo. A Festa de São Miguel chegou, com cestas perfumadas de ameixas roxas, margaridas roxas mais pálidas, e rapazes e moças saindo ou procurando serviço e serpenteando entre as sebes amarelas, com seus pacotes debaixo dos braços. Mas, embora a Festa de São Miguel tivesse chegado, Mr. Thurle, aquele desejável inquilino, não viera à fazenda Chase, e o velho fidalgo, afinal, foi obrigado a contratar um novo bailio. Sabia-se nas duas paróquias que o plano do fidalgo fora frustrado porque os Poyzers se recusaram a se “submeter” e o surto de Mrs. Poyser foi discutido em todas as casas de fazenda com um entusiasmo que só foi intensificado pela frequente repetição. A notícia de que Bonaparte voltara do Egito era comparativamente insípida, e a repulsa pelos franceses na Itália não era nada perto da repulsa de Mrs. Poyser pelo velho fidalgo. Mr. Irwine ouvira uma versão disso na casa de todos os paroquianos, com exceção da reserva de caça. Mas como ele sempre, com maravilhosa habilidade, evitava qualquer briga com Mr. Donnithorne, não podia se permitir o prazer de rir do desconforto do velho cavalheiro com ninguém além da mãe, que declarava que, se fosse rica, gostaria de conceder a Mrs. Poyser uma pensão vitalícia, e queria convidá-la ao presbitério para que pudesse ouvir um relato da cena dos próprios lábios da ousada matrona.

— Não, não, mãe — disse Mr. Irwine —, foi um pouco de justiça irregular da parte de Mrs. Poyser, mas um magistrado como eu não deve aceitar justiça irregular. Não deve haver nenhum relato de que tomei conhecimento da briga, senão perderei a pouca boa influência

que tenho sobre o velho.

— Bem, eu gosto mais ainda daquela mulher do que de seus queijos cremosos — disse Mrs. Irwine. — Ela tem o espírito de três homens, com aquele rosto pálido dela. E diz coisas bastante afiadas.

— Afiadas?! Sim, a língua dela é como uma navalha nova. Ela é bastante original em sua conversa também; uma daquelas inteligências incultas que ajudam a abastecer um país de provérbios. Eu lhe contei aquela coisa excelente que a ouvi dizer sobre Craig — que ele era como um galo, que achava que o sol havia nascido para ouvi-lo cantar. Ora essa, isso é uma fábula de Esopo numa frase.

— Mas será um mau negócio se o velho cavalheiro os expulsar da fazenda na próxima Festa de São Miguel, não é? — disse Mrs. Irwine.

— Oh, isso não deve acontecer; e Poyser é um inquilino tão bom que Donnithorne provavelmente pensará duas vezes e digerirá seu baço em vez de expulsá-lo. Mas se ele os avisar no Dia da Anunciação, Arthur e eu devemos mover céus e a Terra para acalmá-lo. Tais paroquianos antigos não devem ir embora.

— Ah, não há como saber o que pode acontecer antes do Dia da Anunciação — disse Mrs. Irwine. — No aniversário de Arthur, ocorreu-me que o velho estava um pouco abalado: tem oitenta e três anos, sabe. É realmente uma idade inconcebível. Só as mulheres têm o direito de viver tanto tempo assim.

— Quando têm filhos solteiros que ficariam desamparados sem elas — disse Mr. Irwine, rindo e beijando a mão da mãe.

Mrs. Poyser, também, enfrentou os pressentimentos ocasionais do marido de um aviso de despejo com “*Num* tem como *sabê* o que poderá *acontecê* antes do Dia da Anunciação” — uma daquelas inegáveis proposições gerais que, normalmente, pretendem transmitir um significado particular muito longe de ser inegável. Mas é realmente muito duro para a natureza humana que seja considerado crime imaginar a morte até mesmo do rei quando ele fizer oitenta e três anos. Não se pode acreditar que qualquer um, exceto os britânicos mais estúpidos, possam ser bons súditos sob essa dura condição.

Além desse pressentimento, as coisas continuaram como de costume na casa dos Poyser. Mrs. Poyser pensou ter notado uma

melhora surpreendente em Hetty. Com certeza, a garota ficou “mais retraída e às vez parecia que *num* era possível *tirá* uma palavra dela nem na marra”, mas pensava muito menos em vestidos e trabalhava com bastante avidez, sem dizer nada. E era maravilhoso como agora nunca queria sair – na verdade, dificilmente poderia ser convencida a isso; e suportou calmamente que a tia interrompesse a lição semanal de bordado na reserva de caça sem o mínimo de resmungos ou beicinhos. “Talvez, finalmente, tivesse se afeiçoado a Adam”, pensou a tia, e o súbito surto de querer ser uma dama de companhia teria sido causado por algum pequeno ressentimento ou mal-entendido entre elas, mas que já passara. Agora, sempre que Adam vinha à fazenda Hall, Hetty parecia melhorar de humor e conversar mais do que em outras ocasiões, embora ficasse quase taciturna quando Mr. Craig ou qualquer outro admirador fazia uma visita lá.

O próprio Adam a observou a princípio com uma ansiedade trêmula, que deu lugar à surpresa e à deliciosa esperança. Cinco dias depois de entregar a carta de Arthur, ele se aventurou a ir à fazenda Hall novamente – não sem temer que a aparição dele lhe fosse dolorosa. Ela não estava na sala quando ele entrou, e ficou sentado conversando com Mr. e Mrs. Poyser por alguns minutos com um grande medo no coração de que pudessem dizer que Hetty estava doente. Mas aos poucos chegou um passo leve que ele conhecia, e quando Mrs. Poyser disse:

— Venha, Hetty, onde *cê tava*?

Adam foi obrigado a se virar, embora receasse ver a mudança de expressão que deveria estar no rosto dela. Quase se sobressaltou ao vê-la sorrindo como se estivesse feliz em vê-lo –, parecendo a mesma de sempre à primeira vista, só que estava com o gorro, que ele nunca vira antes quando chegava à noite. Ainda assim, quando olhava para ela várias vezes enquanto ela se movia ou se sentava para trabalhar, houve uma mudança: as bochechas estavam mais rosadas do que nunca, e sorria mais do que fizera ultimamente, mas havia algo diferente nos olhos, na expressão do rosto, em todos os seus movimentos, Adam pensou – algo mais severo, mais maduro, menos infantil. “Coitadinha!”, pensou ele, “é compreensível. Ela tivera sua

primeira angústia. Mas tem coragem para suportar. Graças a Deus.”

Com o passar das semanas, ele a via sempre parecendo satisfeita em vê-lo – virando-lhe seu lindo rosto como se quisesse que entendesse que estava feliz por ele vir – e fazendo seu trabalho da mesma maneira estável, sem dar nenhum sinal de pesar; ele começou a acreditar que os sentimentos dela em relação a Arthur deviam ser muito mais leves do que imaginara em sua primeira indignação e alarme, e que conseguira considerar a fantasia infantil de que Arthur estava apaixonado e se casaria com ela como uma loucura da qual fora curada em tempo. E talvez estivesse, como ele às vezes, em seus momentos mais alegres, esperava que sim –, seu coração estava realmente se voltando mais cálido ao homem que sabia que tinha um amor sério por ela.

Possivelmente, você acha que Adam não era nada sagaz em suas interpretações, e que era extremamente impróprio um homem sensato se comportar como ele – apaixonar-se por uma garota que, de fato, não tinha nada além da beleza a seu favor, atribuindo-lhe virtudes imaginárias, e até mesmo condescender em se apegar a ela depois que se apaixonara por outro homem, esperando por olhares bondosos como um cão trêmulo paciente espera que os olhos do mestre se voltem a ele. Mas em uma coisa tão complexa como a natureza humana, devemos considerar, é difícil encontrar regras sem exceções. Claro, sei que, como regra, homens sensatos se apaixonam pelas mulheres mais sensatas que conhecem, percebem todos os belos enganos da beleza coquete, nunca se imaginam amados quando não são amados, deixam de amar em todas as ocasiões apropriadas e se casam com a mulher mais adequada em todos os aspectos – de fato, para obter a aprovação de todas as damas da vizinhança. Mas mesmo a essa regra uma exceção ocorrerá de vez em quando no decorrer dos séculos, e meu amigo Adam foi uma delas. Quanto a mim, no entanto, não o respeito menos –, não, acho que o profundo amor que sentia por aquela Hetty doce, arredondada, vistosa e de olhos escuros, de quem o interior ele realmente desconhecia, vinha da própria força de sua natureza e não de qualquer fraqueza inconsistente. É alguma fraqueza, diga-me, ser afetado por música requintada? Sentir suas maravilhosas

harmonias buscando as mais sutis sinuosidades da alma, as delicadas fibras da vida em que nenhuma memória pode penetrar, e unindo todo o seu ser passado e presente em uma vibração indescritível, fundindo-o em um momento com toda a ternura, todo o amor que foi esparramado através dos anos laboriosos, concentrando-se em uma emoção de coragem heroica ou resignação todas as lições duramente aprendidas de empatia abnegada, misturando sua alegria presente com o pesar passado e o pesar presente com toda a alegria passada? Se não, então também não é uma fraqueza ser tão afetado pelas curvas requintadas da bochecha, pescoço e braços de uma mulher, pelas profundezas límpidas de seus olhos suplicantes, ou pelo doce beicinho pueril de seus lábios. Pois a beleza de uma mulher adorável é como a música: o que se pode dizer mais? A beleza tem uma expressão além e muito acima da alma da mulher que ela veste, pois, as palavras do gênio têm um significado mais amplo do que o pensamento que as motivou. É mais do que o amor de uma mulher que nos comove nos olhos de uma mulher –, parece ser um amor poderoso e distante que se aproximou de nós e se pronunciou ali; o pescoço arredondado, o braço com covinhas comovem-nos por algo mais do que a beleza – por seu parentesco próximo com tudo o que conhecemos de ternura e paz. A natureza mais nobre vê a maior parte dessa expressão impessoal na beleza (é desnecessário dizer que há cavalheiros com bigodes tingidos ou não que não veem nada disso) e, por essa razão, a natureza mais nobre é muitas vezes a mais cega para o caráter da alma de uma mulher que a beleza veste. Por isso, temo, a tragédia da vida humana provavelmente continuará por muito tempo, a despeito dos filósofos da mente que estão prontos com as melhores receitas para evitar todos os erros desse tipo.

Nosso bom Adam não tinha palavras bonitas nas quais pudesse colocar o sentimento por Hetty: não podia disfarçar o mistério dessa maneira com a aparência do conhecimento; chamou seu amor francamente de mistério, como você ouviu. Apenas sabia que a visão e a lembrança dela o comoviam profundamente, tocando a origem de todo amor e ternura, toda fé e coragem dentro dele. Como poderia imaginar nela mesquinhez, egoísmo e dureza? Ele criou a mente em

que acreditava a partir da própria, que era grande, altruísta e terna.
[143]

As esperanças que sentia em relação a Hetty suavizaram um pouco os sentimentos em relação a Arthur. Certamente as atenções dele para com Hetty deveriam ter sido de um tipo leve; sim, tinham sido completamente erradas, e nenhum homem na posição de Arthur deveria ter se permitido, no entanto, deveriam ter tido um ar de brincadeira, que provavelmente o cegara para o perigo, todavia impediu que se consolidassem no coração de Hetty. À medida que a nova promessa de felicidade surgia a Adam, a indignação e ciúme começaram a desaparecer. Hetty não se tornou infeliz; ela quase acreditava que gostava mais dele; e o pensamento às vezes passava pela mente de que a amizade que uma vez parecia morta para sempre poderia reviver nos dias por vir, e não teria que dizer “adeus” à grande antiga floresta, mas gostaria mais dela porque era de Arthur. Pois essa nova promessa de felicidade seguindo tão rapidamente o choque da dor teve um efeito inebriante no sóbrio Adam, que toda a vida se acostumara a muitas dificuldades e esperanças moderadas. Realmente teria uma sina fácil, afinal? Parecia que sim, pois no início de novembro, Jonathan Burge, achando impossível substituir Adam, havia finalmente decidido lhe oferecer uma participação no negócio, sem outra condição, senão que continuasse a dedicar suas energias a ele e renunciar a qualquer pensamento de ter um negócio próprio. Genro ou não, Adam se fez necessário demais para ser dispensado, seu trabalho intelectual era tão mais importante para Burge do que sua habilidade manual, e o fato de ter a gestão da floresta fez pouca diferença no valor de seus serviços; e quanto aos acordos a respeito da madeira do fidalgo, seria fácil chamar uma terceira pessoa. Adam viu aqui uma abertura para um caminho cada vez mais amplo de próspero trabalho, como pensara com desejo ambicioso desde rapaz: poderia vir a construir uma ponte, uma prefeitura ou uma fábrica, pois sempre dissera a si mesmo que o negócio de construção de Jonathan Burge era como uma bolota, que poderia ser a mãe de um grande carvalho. Então apertou a mão de Burge nesse acordo e foi para casa com a mente cheia de visões felizes, nas quais (meu leitor refinado talvez fique em choque quando eu disser) a imagem de Hetty pairava e sorria

entre os planos para secagem de madeira a um custo insignificante, cálculos sobre o barateamento de milhares de tijolos por transporte fluvial e um esquema predileto para o reforço de telhados e paredes com uma forma peculiar de viga de ferro. E então? O entusiasmo de Adam residia nessas coisas; e nosso amor é forjado em nosso entusiasmo como a eletricidade é forjada no ar, exaltando seu poder por uma presença sutil.

Adam poderia ter uma casa separada agora e sustentar a mãe na antiga; suas perspectivas justificariam o casamento muito em breve, e se Dinah aceitasse Seth, sua mãe talvez ficasse mais contente em viver longe de Adam. Mas disse a si mesmo que não seria apressado – não testaria o sentimento de Hetty por ele até que tivesse tempo de ficar forte e firme. No entanto, no outro dia depois da igreja iria à fazenda Hall e contaria as novidades. Mr. Poyser, ele sabia, gostaria delas mais do que de uma nota de cinco libras, e veria se os olhos de Hetty brilhariam com isso. Os meses seriam curtos com tudo o que ele tinha para encher a mente, e essa ânsia tola que o dominara recentemente não deveria apressá-lo em nenhuma palavra prematura. Contudo, quando chegou em casa e contou a boa notícia à mãe, e jantava enquanto ela estava sentada quase chorando de alegria e querendo que ele comesse o dobro do que de costume por causa dessa boa sorte, não pôde deixar de prepará-la gentilmente para a mudança que estava por vir, falando que a antiga casa era pequena demais para que todos continuassem morando nela para sempre.

Capítulo XXXIV

O Noivado

Era um domingo seco e realmente um dia agradável em dois de novembro. Não havia sol, mas as nuvens estavam altas e o vento estava tão calmo que as folhas amarelas que tremulavam dos olmos das sebes deviam ter caído de puro definhamento. Todavia, Mrs. Poyser não foi à igreja, pois pegara um resfriado muito sério para ser negligenciado; apenas dois invernos atrás ela estivera de cama por semanas com um resfriado; e como sua esposa não iria à igreja, Mr. Poyser considerou que, em geral, seria bom ficar em casa também e “fazer companhia a ela”. Talvez não pudesse ter dado uma forma precisa às razões que determinaram essa conclusão, mas é bem sabido por todas as mentes experientes que nossas convicções mais firmes são muitas vezes dependentes de impressões sutis para as quais as palavras são um meio muito rude. Seja como for, ninguém da família Poyser foi à igreja naquela tarde, exceto Hetty e os meninos; no entanto, Adam foi confiante o suficiente para se juntar a eles depois da igreja e dizer que os acompanharia para casa, embora durante todo o caminho pela aldeia parecesse estar principalmente ocupado com Marty e Tommy, contando-lhes sobre os esquilos do matagal Binton e prometendo levá-los lá algum dia. Mas quando chegaram ao campo, disse aos meninos:

— Pois bem, qual é o melhor corredor? Aquele que chegar primeiro no portão de casa vai ser o primeiro a ir comigo para o matagal Binton em cima do burro. Mas Tommy deve começar no próximo saltador, porque ele é o menor.

Adam nunca se comportara tanto como um apaixonado determinado antes. Assim que os meninos partiram, olhou para Hetty e disse:

— Não vai segurar meu braço, Hetty? — em tom suplicante, como se já tivesse pedido e ela tivesse recusado. Hetty olhou para ele sorrindo e colocou o braço redondo no dele em seguida. Não era nada

para ela, colocar o braço no de Adam, mas sabia que ele se importava muito em ter seu braço no dele, e desejava que ele se importasse. Seu coração não batia mais rápido, e olhava para as sebes desfolhadas e para o campo arado com a mesma sensação de melancolia opressiva de antes. Mas Adam mal sentia que estava andando. Pensou que Hetty deveria saber que ele estava pressionando seu braço um pouco – muito pouco. Palavras lhe correram aos lábios as quais não ousava proferir – pois decidira não proferir ainda – e assim ficou em silêncio por toda a extensão daquele campo. A paciência calma com que outrora esperara pelo amor de Hetty, contente apenas com sua presença e o pensamento do futuro, abandonara-o desde aquele terrível choque há quase três meses. As agitações do ciúme deram uma nova inquietação à sua paixão – tornaram o medo e a incerteza quase difíceis de suportar. Mas, embora não pudesse falar com Hetty sobre seu amor, contaria a ela sobre suas novas perspectivas e veria se ela ficaria satisfeita. Então, quando se sentiu seguro o suficiente para conversar, disse:

— Vou contar para seu tio umas novidades que o vão surpreender, Hetty; e acho que ele também vai ficar feliz em ouvi-las.

— O que é? — Hetty disse, indiferente.

— Ora, Mr. Burge me ofereceu uma participação nos negócios, e vou aceitar.

Houve uma mudança no rosto de Hetty, certamente não produzida por qualquer impressão agradável dessa notícia. Na verdade, sentiu um aborrecimento e um alarme momentâneos, pois tantas vezes ouvira o tio insinuar que Adam poderia ter Mary Burge e uma participação nos negócios qualquer dia, se quisesse, que ela associou as duas coisas agora, e lhe ocorreu de imediato que talvez Adam tivesse desistido dela por causa do que acontecera recentemente, e se voltado a Mary Burge. Com esse pensamento, e antes que tivesse tempo de se lembrar de quaisquer razões pelas quais não pudesse ser verdade, veio uma nova sensação de abandono e decepção. A única coisa – a única pessoa – em que a mente repousava em meio ao monótono cansaço, escapara dela, e a miséria impertinente lhe encheu os olhos de lágrimas. Estava olhando para o chão, mas Adam viu seu

rosto, viu as lágrimas e antes que terminasse de dizer:

— Hetty, querida Hetty, por que está chorando? — seu pensamento ávido e rápido percorria por todas as causas concebíveis e, por fim, chegou parcialmente na verdade. Hetty pensou que ele se casaria com Mary Burge – ela não gostaria que ele se casasse – talvez não gostaria que ele se casasse com ninguém além dela? Toda a cautela foi varrida – toda a razão para isso se foi, e Adam não podia sentir nada além de uma alegria trêmula. Inclinou-se para ela e pegou sua mão, enquanto dizia:

— Eu podia me dar ao luxo de me casar agora, Hetty; podia tornar a vida de uma esposa confortável; mas nunca vou querer me casar se não me aceitar.

Hetty ergueu os olhos para ele e sorriu em meio às lágrimas, como fizera com Arthur naquela primeira noite na floresta, quando pensou que ele não viria, mas veio. Era um alívio mais fraco, um triunfo mais fraco que sentia agora, mas os grandes olhos escuros e os doces lábios estavam tão bonitos como sempre, talvez mais bonitos, pois havia uma feminilidade mais luxuriante em Hetty ultimamente. Adam mal podia acreditar na felicidade daquele momento. Sua mão direita segurou a esquerda dela, e ele apertou o braço dela contra o coração enquanto se inclinava em sua direção.

— Realmente me ama, Hetty? Vai ser minha esposa, para eu amar e cuidar enquanto eu viver?

Hetty não falou, mas o rosto de Adam estava muito perto do dela, e colocou a bochecha redonda contra a dele, como um gatinho. Queria ser acariciada – queria sentir como se Arthur estivesse com ela novamente.

Adam não se importou com as palavras depois disso, e mal falaram durante o resto da caminhada. Ele só disse:

— Eu posso contar para seus tios, não posso, Hetty? — e ela disse: — Sim.

A luz vermelha da lareira da fazenda Hall brilhava em rostos alegres naquela noite, quando Hetty subiu as escadas e Adam aproveitou a oportunidade para dizer a Mr. e Mrs. Poyser e ao avô que tinha meios para manter uma esposa agora, e que Hetty o aceitara.

— Espero que não tenham objeções contra mim como marido — disse Adam —, sou um homem pobre ainda, mas ela não vai precisar de nada que eu não possa trabalhar para conseguir.

— Objeção? — disse Mr. Poyser, enquanto o avô se inclinava para frente e soltava seu longo “Não, não!” — Qual objeção a gente podia ter contra você, rapaz? *Num* importa que seja pobre ainda; tem tanto dinheiro na sua cabeça quanto *num* campo semeado, mas leva tempo. Se *num* tem o bastante *pra começá* a gente pode *ajudá* com a mobília que *cês quisé*. Tem pena e linho de sobra – bastante, né?

Essa pergunta foi dirigida, é claro, a Mrs. Poyser, que estava enrolada em um xale quente e rouca demais para falar com a facilidade habitual. A princípio, apenas assentiu enfaticamente, mas não conseguiu resistir à tentação de ser mais explícita.

— Ia ser triste se *num* tivesse pena e linho — disse ela, rouca —, quando nunca vendi uma ave que *num* foi depenada antes, e a roca que *num* para de *trabalhá*.

— Venha, minha menina — disse Mr. Poyser, quando Hetty desceu —, venha dar um beijo e deixa a gente te *desejá* boa sorte.

Hetty andou muito calmamente e deu um beijo no homem grande de boa índole.

— Isso — disse ele, dando-lhe um tapinha nas costas —, vá e beije sua tia e seu vô. Desejo que fique bem estabelecida como se fosse minha própria filha; e sua tia também, tenho certeza, pois cuidou de você por esses *sete ano*, Hetty, como se *cê* fosse dela. Vamos, vamos, agora — ele continuou, com um ar jocoso, assim que Hetty beijou a tia e o idoso —, Adam também quer um beijo, garanto, e tem direito a um agora.

Hetty se virou, sorrindo, em direção à sua cadeira vazia.

— Vamos, Adam, então, vá *buscá cê* mesmo — persistiu Mr. Poyser —, senão *cê* é homem pela metade.

Adam se levantou, corando como uma pequena donzela – um camarada forte como ele – e, colocando o braço em volta de Hetty, abaixou-se e a beijou suavemente nos lábios.

Era uma cena bonita na luz vermelha do fogo; pois não havia velas – por que deveria haver, quando o fogo era tão radiante e se refletia

em todo o estanho e no carvalho polido? Ninguém queria trabalhar no domingo à noite. Até Hetty sentia algo como contentamento em meio de todo esse amor. O apego de Adam a ela e a carícia de Adam não despertavam nela nenhuma paixão, não eram mais suficientes para satisfazer sua vaidade, mas eram o melhor que a vida lhe oferecia agora – prometiam-lhe alguma mudança.

Houve muita discussão antes de Adam partir, sobre a possibilidade de encontrar uma casa que servisse para o casal se instalar. Nenhuma casa estava vazia, exceto a próxima à de Will Maskery na aldeia, e agora era pequena demais para Adam. Mr. Poyser insistiu que o melhor plano seria que Seth e a mãe se mudassem e deixassem Adam na antiga casa, que poderia ser ampliada depois de um tempo, pois havia muito espaço no pátio e no jardim; mas Adam se opôs a expulsar a mãe.

— Bem, bem — disse finalmente Mr. Poyser —, a gente *num* precisa *arranjá* tudo essa noite. Temos que ter tempo *pra pensá*. *Cê num* pode *querê casá* antes da Páscoa. *Num* sou a favor de namoro longo, mas tem que ter um pouco de tempo *pra deixá* tudo certo.

— Sim, com certeza — disse Mrs. Poyser, em um sussurro rouco —, acho que os *cristão num* pode *casá* que nem os *cuco*.

— Tô um pouco assustado, ainda — disse Mr. Poyser —, quando penso que a gente pode *recebê* aviso de despejo e talvez ser forçado a *mudá pruma* fazenda a trinta *quilômetro* de distância.

— Hum — disse o idoso, olhando para o chão e levantando as mãos para cima e para baixo, enquanto os braços descansavam nos apoios da cadeira —, ia ser triste se eu tivesse que *deixá* a velha casa e ser enterrado numa paróquia estranha. E talvez *cê* tenha que *pagá* o dobro — acrescentou ele, olhando para o filho.

— Bem, *num* deve se *preocupá* de antemão, pai — disse Martin, o filho. — Pode ser que o capitão volte *pra* casa e traga a paz entre a gente e o velho fidalgo. Conto com isso, pois sei que o capitão tenta *fazê* justiça *pro* pessoal quando pode.

Capítulo XXXV

O Pavor Oculto

Era uma época movimentada para Adam – a época entre o início de novembro e o início de fevereiro, e ele podia ver Hetty muito pouco, exceto aos domingos. Mas uma época feliz, todavia, pois estava o aproximando cada vez mais de março, quando se casariam, e todos os pequenos preparativos para a nova casa marcavam o progresso em direção ao ansiado dia. Dois novos cômodos foram feitos no andar de cima na antiga casa, pois a mãe e Seth morariam com eles, afinal. Lisbeth chorara tanto ao pensar em deixar Adam que ele pedira a Hetty se, por amor a ele, toleraria os modos da mãe e consentiria em morar com ela. Para seu grande deleite, Hetty disse: “Sim, gostaria que ela morasse com a gente”. A mente de Hetty estava oprimida naquele momento com uma dificuldade pior do que os modos da pobre Lisbeth; não conseguia se importar com isso. Então, Adam foi consolado pela decepção que sentiu quando Seth voltou da visita a Snowfield e disse: “Não adianta – o coração de Dinah não *tá* voltado *pro* casamento”. Então, quando Adam disse à mãe que Hetty estava disposta a que todos vivessem juntos e não havia mais necessidade de pensarem em se separar, a mãe respondeu em um tom mais satisfeito do que a ouvira falar, desde que o casamento fora decidido:

— Hum, meu rapaz, vou *ficá* quieta que nem um gato velho, e *num* quero *fazê* nada além do trabalho pesado, que ela *num* vai *gostá* de *fazê*. Então a gente *num* vai *precisá separá* as travessa e as coisa, que já *tavam* na prateleira antes de *cê* *nascê*.

Havia apenas uma nuvem que de vez em quando cruzava com o sol de Adam: Hetty, às vezes, parecia infeliz. Mas para todas as suas perguntas ansiosas e ternas, ela respondia com uma garantia de que estava bastante satisfeita e não desejava nada diferente; e da próxima vez que a viu, estava mais animada do que o normal. Poderia ser que estivesse um pouco sobrecarregada de trabalho e ansiedade agora, pois logo depois do Natal, Mrs. Poyser pegara outro resfriado que

causara inflamação, e essa doença a confinara ao quarto durante todo o mês de janeiro. Hetty teve que cuidar de tudo no andar de baixo e meio que ocupar o lugar de Molly também, enquanto aquela boa donzela servia sua senhora, e parecia se entregar tão inteiramente às novas funções, trabalhando com uma firmeza séria que lhe era nova, que Mr. Poyser costumava dizer a Adam que ela queria mostrar que boa dona de casa ele teria; mas achava que “a moça *tá*va sobrecarregada – que devia *descansá* um pouco quando a tia pudesse *descê*”.

Esse desejável evento – que seria quando Mrs. Poyser descesse as escadas – aconteceu no início de fevereiro, durante um clima ameno que derreteu a última porção de neve nas colinas Binton. Em um desses dias, logo depois que a tia desceu, Hetty foi a Treddleston comprar algumas das coisas para o casamento que estavam faltando, e que Mrs. Poyser a repreendera por negligenciar, observando que supunha que “era porque elas *num* eram *enfeite*, senão já tinha comprado bem rápido”.

Eram cerca de dez horas quando Hetty partiu, e a leve geada que branqueara as sebes no início da manhã desaparecera quando o sol subiu no céu sem nuvens.

Radiantes dias de fevereiro possuem um encanto mais forte de esperança do que qualquer outro dia do ano. Gostamos de parar sob os raios suaves do sol, olhar por cima dos portões para os pacientes cavalos de arado que giram no final do sulco e pensar que o belo ano está por vir.^[144] Os pássaros parecem sentir o mesmo: suas notas são tão limpas quanto o ar puro. Não há folhas nas árvores e sebes, mas como são verdes todos os campos gramados! E o marrom arroxeadado escuro da terra arada e dos ramos nus também é bonito. Que mundo feliz parece esse quando se conduz ou cavalga pelos vales e colinas! Muitas vezes pensei assim quando, em países estrangeiros, onde os campos e bosques me pareciam com o nosso Loamshire inglês – a terra rica cultivada com o mesmo cuidado, a floresta descendo pelas encostas suaves até os prados verdes – encontrei algo na beira da estrada que me lembrava de que não estava em Loamshire: uma imagem de uma grande agonia – a agonia da Cruz.^[145] Talvez estivesse

ao lado das flores de macieira agrupadas, ou à luz do sol perto do campo de cereais, ou em uma curva da floresta onde um riacho claro gorgolejava abaixo; e, certamente, se viesse a esse mundo um viajante que nada soubesse da história da vida do homem ali, essa imagem de agonia lhe pareceria estranhamente deslocada em meio a essa natureza alegre. Ele não saberia que, escondido atrás das flores de macieira, ou entre o cereal dourado, ou sob os ramos encobertos da floresta, poderia haver um coração humano batendo pesado com angústia – talvez uma jovem menina viçosa, sem saber para onde se refugiar da vergonha que avançava rápido, entendendo não mais dessa nossa vida do que um tolo cordeiro perdido vagando cada vez mais longe no cair da noite na charneca solitária, ainda assim provando o mais amargo da amargura da vida.

Tais coisas estão às vezes escondidas entre os campos ensolarados e atrás dos pomares floridos; e o som do riacho gorgolejante, se você chegasse perto de um ponto atrás de um pequeno arbusto, misturar-se-ia ao seu ouvido com um desesperado soluço humano. Não é de admirar que a religião do homem possua muito pesar: não é de admirar que ele precise de um Deus sofredor.

Hetty, com sua capa vermelha e gorro quente, com a cesta na mão, estava se virando a um portão ao lado da estrada de Treddleston, mas não para que pudesse ter um prazer mais prolongado do sol, para pensar com esperança no longo ano que se desenrolaria. Ela mal sabia que o sol estava brilhando; mas por semanas esperava por algo que a estremecia e a arrepiava. Ela apenas queria estar fora da estrada, para poder andar devagar e não se importar com a aparência de seu rosto, enquanto se debruçava em pensamentos desoladores. Através desse portão entraria em um caminho de campo atrás das largas e espessas sebes. Seus grandes olhos escuros vagavam inexpressivos pelos campos como os olhos de alguém desamparado, desabrigado, não amado, não como a noiva prometida de um homem corajoso e terno. Mas não havia lágrimas neles: suas lágrimas foram todas derramadas na noite cansativa, antes de dormir. No saltador seguinte, o caminho se bifurcava: havia duas estradas à sua frente – uma ao longo da sebe, que a conduziria aos poucos à estrada novamente, a outra pelos

campos, que a afastaria muito mais do caminho para Scantlands, com pastagens altas e cobertas em que não veria ninguém, tampouco seria vista. Escolhera essa e começara a andar um pouco mais rápido, como se de repente tivesse pensado em algo para o qual valia a pena se apressar. Logo estava em Scantlands onde a terra gramada se inclinava gradualmente. Ela deixou o terreno plano e seguiu para uma encosta. Mais adiante havia um arvoredor no terreno baixo e ela seguiu naquela direção. Não, não era um arvoredor, mas uma lagoa escura encoberta, tão cheia com as chuvas inverniais que os ramos inferiores dos arbustos mais velhos estavam sob a água. Sentou-se na margem gramada, encostando-se ao tronco curvado do grande carvalho que pairava sobre a lagoa escura. Ela tinha pensado nessa lagoa muitas vezes nas noites do mês que acabara de passar, e agora, finalmente, tinha ido vê-la. Fechou as mãos em volta dos joelhos e se inclinou para a frente, olhando seriamente para a água, como se tentasse adivinhar que tipo de cama seria para seus membros jovens e redondos.

Não, ela não teria coragem de pular naquela cama fria e molhada, e mesmo se tivesse facilmente poderiam encontrá-la – poderiam descobrir por que ela se afogara. Havia apenas uma coisa que lhe restava: deveria ir embora, ir para onde não pudessem encontrá-la.

Após o primeiro sinal de seu grande pavor, algumas semanas depois do noivado com Adam, ela esperou e esperou, na vaga e cega confiança de que algo aconteceria para libertá-la de seu terror; mas não podia esperar mais. Toda a força de sua natureza se concentrara em um único esforço de ocultação, e se encolhera com um pavor irresistível de todo rumo que pudesse levar à traição do miserável segredo. Sempre que lhe ocorria o pensamento de escrever a Arthur ela o rejeitava. Ele não poderia fazer nada por ela que a protegesse da descoberta e do desprezo entre os parentes e vizinhos que mais uma vez constituíam todo o seu mundo, agora que seu sonho etéreo desaparecera. Sua imaginação não via mais felicidade com Arthur, pois ele não podia fazer nada que satisfizesse ou acalmasse o seu orgulho. Não, outra coisa aconteceria; alguma coisa deveria acontecer para libertá-la desse pavor.

Nas almas jovens, infantis e ignorantes, há constantemente essa crença cega em algum acaso disforme: é tão difícil para um menino ou uma menina acreditar que uma grande desgraça vai realmente acontecer com eles quanto acreditar que vão morrer.

Mas agora a necessidade a oprimia com força – agora a hora de seu casamento estava próxima – não podia mais confiar nessa crença cega. Deveria fugir; deveria se esconder onde olhos familiares não pudessem detectá-la; e então o terror de vagar pelo mundo, do qual nada sabia, fez da possibilidade de ir até Arthur um pensamento que trouxe algum conforto. Sentia-se tão desamparada agora, tão incapaz de moldar o futuro para si, que a perspectiva de se lançar a ele tinha um alívio que era mais forte do que o orgulho. Enquanto se sentava à beira da lagoa e estremecia ao olhar para a água fria e escura, a esperança de que ele a receberia com ternura – que cuidaria dela e pensaria por ela – era como uma sensação de calor calmante, que a deixou por um momento indiferente a todo o resto; e começou agora a pensar em nada além do plano com o qual escaparia.

Recebera uma carta de Dinah recentemente, cheia de palavras gentis sobre o casamento, que soubera por Seth; e quando Hetty lera essa carta em voz alta para o tio, ele disse:

— Queria que Dinah voltasse agora, pois ia ser um conforto *pra* sua tia quando *cê* for embora. O que acha, minha menina, de ir *ver ela* assim que *tivé* menos trabalho e *convencê* ela a *voltá*? Pode ser que *convença ela* dizendo que a tia precisa dela, pois tudo o que ela escreve é que *num* pode vir.

Hetty não havia gostado da ideia de ir a Snowfield e não sentia vontade de ver Dinah, então apenas dissera:

— É tão longe, tio.

Mas agora achava que essa visita proposta serviria de pretexto para ir embora. Diria à tia, quando voltasse para casa, que gostaria da mudança de ir a Snowfield por uma semana ou dez dias. E então, quando chegasse a Stoniton, onde ninguém a conhecia, pediria ao cocheiro que a levasse a Windsor. Arthur estava em Windsor, e iria até ele.

Assim que Hetty decidira esse plano, levantou-se da margem

gramada da lagoa, pegou a cesta e seguiu o caminho para Treddleston, pois precisava comprar as coisas de casamento pelas quais saíra, embora nunca as fosse querer. Mas deveria ter cuidado para não levantar qualquer suspeita de que fugiria.

Mrs. Poyser ficou agradavelmente bem surpresa que Hetty desejasse visitar Dinah e tentasse trazê-la de volta para ficar durante o casamento. Quanto mais cedo ela fosse, melhor, já que o tempo estava aprazível agora; e Adam, quando chegou à noite, disse que, se Hetty pudesse partir amanhã, arranjaria tempo para ir com ela até Treddleston e vê-la segura na diligência para Stoniton.

— Queria poder ir e cuidar de você, Hetty — disse ele na manhã seguinte, inclinando-se na janela da diligência —, mas não vai ficar muito mais do que uma semana – o tempo vai parecer devagar.

Olhava para ela com carinho, e a mão forte segurou a dela em um aperto. Hetty sentiu uma sensação de proteção em sua presença – estava acostumada a isso agora. Ah se pudesse ter desfeito o passado e conhecido nenhum outro amor além de sua tranquila afeição por Adam! As lágrimas surgiram quando o olhou pela última vez.

— Deus a abençoe por me amar — disse Adam, enquanto voltava para o trabalho com Gyp em seu encalço.

Mas as lágrimas de Hetty não eram por Adam – não pela angústia que recairia nele quando descobrisse que se fora para sempre. Eram pela miséria da própria sina, que a afastava desse homem valente e terno que lhe oferecera toda a sua vida, e a lançava, uma pobre suplicante indefesa, sobre o homem que consideraria um infortúnio vê-la obrigada a lhe recorrer.

Às três horas daquele dia, quando Hetty saltou da diligência perto de Leicester – parte do longo, longo caminho até Windsor –, sentia vagamente que poderia estar viajando por toda aquela cansativa jornada em direção ao início de uma nova miséria. ^[146]

No entanto, Arthur estava em Windsor; certamente não ficaria bravo com ela. Embora não se importasse com ela como costumava fazer, prometera que lhe seria útil.

LIVRO V



Capítulo XXXVI

A Jornada da Esperança

Uma longa e solitária jornada, com tristeza no coração; longe do familiar para o estranho: isso seria algo difícil e sombrio até mesmo para os ricos, fortes, instruídos; difícil, mesmo quando chamados pelo dever, não instigados pelo pavor.

Como era então para Hetty? Com seus pobres pensamentos limitados, não mais comovidos por vagas esperanças, mas oprimidos pelo calafrio de um medo definido, repetindo sem parar a mesma pequena série de lembranças – moldando repetidamente as mesmas imagens infantis e duvidosas do que estava por vir – enxergando nada neste vasto mundo, exceto a pequena história dos próprios prazeres e dores; com tão pouco dinheiro no bolso, e o caminho tão longo e árduo. A menos que ela pudesse se dar ao luxo de ir sempre em diligências – e tinha certeza de que não poderia, pois a viagem para Stoniton fora mais cara do que esperara – era claro que teria que viajar nas carroças de carga ou carroções lentos; e mal poderia esperar pelo fim de sua jornada! O velho e corpulento cocheiro de Oakbourne, vendo uma jovem tão bonita entre os passageiros de fora, convidou-a a sentar-se ao lado dele; e sentindo que lhe convinha, como homem e cocheiro, abrir o diálogo com uma piada; empenhou-se assim que saíram do caminho de pedras à elaboração de uma conversa adequada em todos os aspectos. Depois de muitos açoitos com o chicote e olhares de soslaio para Hetty, ele ergueu os lábios acima da borda do invólucro e disse:

— Tenho certeza de que ele tem quase 1,80 de altura, né?

— Quem? — disse Hetty, bastante assustada.

— Ora, o namorado que *cê* deixou *pra* trás, ou então *tá* indo até ele. Qual dos dois?

Hetty se sentiu ruborizar e depois empalidecer. Pensou que esse cocheiro deveria saber algo sobre ela. Deveria conhecer Adam, e poderia lhe dizer para onde ela estava indo, pois é difícil para as

peessoas do campo acreditarem que aqueles que figuram na própria paróquia não são conhecidos em qualquer outro lugar, e era igualmente difícil para Hetty entender que palavras casuais poderiam se aplicar intimamente às suas circunstâncias. Estava assustada demais para falar.

— Vamos, vamos! — disse o cocheiro, vendo que a piada não fora tão agradável quanto esperava. — *Num* deve *levá* isso muito a sério; se ele se comportou mal, arrume outro. Uma moça tão bonita que nem você pode *arrumá* um namorado a qualquer hora.

O medo de Hetty foi dissipado aos poucos quando descobriu que o cocheiro não fazia mais alusões às suas preocupações pessoais; mas ainda tinha o efeito de impedi-la de lhe perguntar quais eram as estradas que a levariam mais perto de Windsor. Ela lhe disse que estava apenas de passagem em Stoniton e, quando descera na estalagem onde a diligência parara, apressou-se com sua cesta para outra parte da cidade. Quando traçara o plano de ir a Windsor, não previra nenhuma dificuldade a não ser a de fugir, e depois de superá-la propondo visitar Dinah, seus pensamentos pularam para o encontro com Arthur e a questão de como ele se comportaria com ela – não se atendo em quaisquer incidentes prováveis da jornada. Era completamente ignorante a respeito de viagens para imaginar qualquer um de seus detalhes, e com todo o seu estoque de dinheiro – três guinéus – no bolso, achara-se amplamente provida. Foi só quando descobriu quanto lhe custou chegar a Stoniton que começou a ficar alarmada com a jornada, e então, pela primeira vez, percebeu a ignorância quanto aos lugares que deveria passar no caminho. Oprimida com esse novo temor, caminhou pelas ruas austeras de Stoniton e finalmente adentrou uma estalagem pobre, onde esperava conseguir um alojamento barato para passar a noite. Ali perguntou ao senhorio se poderia lhe dizer a que lugares deveria ir para chegar a Windsor.

— Bem, não posso te dizer com certeza. Windsor deve ser bem perto de Londres, pois é onde o rei mora — foi a resposta. — De qualquer forma, é melhor *cê* ir *pra* Ashby em seguida – fica no sul. Mas tem tanto lugar daqui até Londres quanto casa em Stoniton, pelo

que sei. Eu nunca fui um viajante. Mas como é que uma jovem sozinha assim *tá* pensando em fazer uma jornada dessa?

— Vou ver meu irmão — ele é soldado em Windsor — disse Hetty, assustada com o olhar interrogativo do senhorio. — Não posso me dar ao luxo de ir de diligência; acha que tem uma charrete indo em direção a Ashby pela manhã?

— Sim, pode ter charrete se alguém souber de onde partem; mas *cê* pode ter que percorrer a cidade antes de descobrir. É melhor já partir, caminhando, e torcer *pra* que alguma te alcance no caminho.

Cada palavra afundou como chumbo no espírito de Hetty; via a jornada se estender pouco a pouco diante dela. Até mesmo chegar a Ashby parecia algo difícil: poderia levar um dia, pelo que sabia, e não era nada comparado ao resto da jornada. Mas isso deveria ser feito — deveria chegar até Arthur. Oh, como ansiava por estar novamente com alguém que cuidasse dela! Ela que nunca se levantara de manhã sem a certeza de ver rostos conhecidos, pessoas a quem tinha crédito reconhecido; cuja viagem mais distante tinha sido a Rosseter na garupa com o tio; cujos pensamentos sempre tiravam recesso em sonhos de prazer, porque todos os aspectos de sua vida lhe eram administrados — essa Hetty manhosa, que até alguns meses atrás nunca sentira outra tristeza senão a de invejar uma nova fita de Mary Burge, ou ser escarnecida pela tia ao negligenciar Totty, deveria agora fazer seu penoso caminho na solidão, pois seu lar pacífico havia sido deixado para trás para sempre, e nada além de uma hesitante esperança de refúgio estava diante dela, ainda assim muito distante. Agora, pela primeira vez, ao se deitar nessa noite naquela estranha cama dura, sentia que o lar fora feliz, que o tio lhe fora muito bom, que a sina tranquila em Hayslope entre as coisas e pessoas as quais conhecia, orgulhosa com seu melhor vestido e gorro, e nada a esconder de ninguém, era a realidade que gostaria de acordar e descobrir que toda a vida febril que conhecera além fora um breve pesadelo. Pensou em tudo o que deixara para trás com um arrependimento ansioso pelo próprio bem. A própria miséria lhe preenchia o coração — não havia espaço para o pesar de outras pessoas. E ainda, antes da carta cruel, Arthur fora tão terno e

amoroso. A lembrança disso ainda tinha um encanto, embora não passasse de uma poção calmante que tornava a dor suportável. Pois Hetty não poderia conceber outra existência para si mesma no futuro além de uma escondida, e uma vida escondida não lhe haveria prazeres; ainda menos uma vida misturada com vergonha. Ela não conhecia romances e teve apenas uma insignificante parcela dos sentimentos que são a fonte de um romance, de modo que senhoras instruídas podem achar difícil entender seu estado de espírito. Era muito ignorante de tudo, além das simples noções e hábitos em que fora criada para ter uma ideia mais definida de seu provável futuro, senão de que Arthur cuidaria dela de alguma forma e a protegeria da raiva e do desprezo. Ela sabia que ele não se casaria com ela e a tornaria uma dama; e fora isso, não conseguia pensar em nada que ele pudesse oferecer que lhe despertasse qualquer desejo e ambição.

Na manhã seguinte, levantou-se cedo, e tendo apenas um pouco de leite e pão para o café da manhã, partiu a caminhar na estrada em direção a Ashby, sob um céu plúmbeo, com uma faixa amarela de estrada cada vez mais estreita no limite do horizonte, como uma esperança que se esvaía. Agora, com o desânimo pela extensão e dificuldade da jornada, tinha mais medo de gastar dinheiro e ficar tão desamparada que teria que depender da caridade das pessoas; pois Hetty tinha o orgulho não apenas de uma natureza orgulhosa, mas de uma classe orgulhosa – a classe que mais paga impostos em auxílio aos pobres, e a que mais estremece com a ideia de se beneficiar deles. Ainda não havia lhe ocorrido que poderia conseguir dinheiro pelo medalhão e brincos que carregava consigo, e recorreu a toda sua pequena aritmética e conhecimento dos preços para calcular quantas refeições e conduções estariam contidas em seus dois guinéus e os xelins restantes, que tinham uma aparência melancólica, como se fossem as cinzas pálidas da outra moeda resplandecente.

Nos primeiros quilômetros longe de Stoniton, caminhou bravamente, sempre se fixando em alguma árvore ou portão, ou projetando um arbusto no ponto visível mais distante da estrada como um objetivo, sentindo uma leve alegria quando o alcançava. Mas quando chegou ao quarto marco, o primeiro que notara entre a grama

alta à beira da estrada, e leu que ainda estava apenas a seis quilômetros e meio além de Stoniton, sua coragem desapareceu. Percorrera apenas esse pequeno caminho e, no entanto, sentia-se cansada e começava a ficar com fome de novo ao ar penetrante da manhã; pois embora Hetty estivesse habituada a muito movimento e esforço dentro de casa, não estava acostumada a longas caminhadas que produziam um tipo de fadiga bem diferente das atividades domésticas. Enquanto olhava para o marco, sentiu algumas gotas caindo no rosto – estava começando a chover. Ali estava um novo problema que não adentrara seus pensamentos tristes antes e, bastante oprimida por esse súbito acréscimo a seu fardo, sentou-se no degrau de um saltador e começou a soluçar histericamente.

O início de uma dificuldade é como a primeira prova de comida amarga – parece por um momento insuportável; ainda assim, se não há mais nada para satisfazer a fome, que outra alternativa senão dar outra mordida? Aí se descobre que é possível continuar. Quando Hetty se recuperou da explosão de choro, reuniu sua coragem enfraquecida: estava chovendo e deveria tentar chegar a uma aldeia onde pudesse encontrar descanso e abrigo. Em seguida, enquanto caminhava cansada, ouviu o barulho de rodas pesadas atrás dela; um carroção coberto estava chegando, arrastando-se lentamente adiante com um condutor relaxado estalando o chicote. Aguardou, pensando que, se o carroceiro não fosse um homem de aparência muito azeda, ela lhe pediria para levá-la. Quando o carroção se aproximou, o condutor não ficou visível, mas havia algo na frente do grande veículo que a encorajou. Em qualquer momento anterior de sua vida, não teria notado, mas agora, a nova suscetibilidade que o sofrimento despertara nela fez com que esse objeto a impressionasse fortemente. Era apenas um pequeno *spaniel* branco e cor de fígado que estava sentado na borda dianteira da carroça, com olhos grandes e tímidos e um tremor incessante no corpo, como o leitor já deve ter visto em algumas dessas pequenas criaturas. Hetty se importava pouco com os animais, como sabe, mas nesse momento se sentia como se a criatura tímida impotente tivesse alguma camaradagem por ela, e sem estar muito ciente da razão, teve menos dúvidas em falar com o condutor, que

agora se apresentava – um homem grande e corado, com um saco sobre os ombros, como se fosse um cachecol ou manto.

— Poderia me levar no seu carroção se *tiver* indo em direção a Ashby? — perguntou Hetty. — Eu posso te pagar.

— Ah — disse o grandalhão, com aquele sorriso lento próprio dos rostos cheios —, posso te *levá pronde quisé* sem *precisá* me *pagá*, se *num* se *importá* de *sentá* perto dos *fardo* de lã. Vem de onde? E o que vai *fazê* em Ashby?

— Eu venho de Stoniton, vou percorrer um longo caminho – até Windsor.

— O quê?! *Pra arrumá* algum serviço, ou o quê?

— Vou ver meu irmão; ele é soldado lá.

— Bem, *num* vou mais longe que Leicester – já é o suficiente – mas eu vou te *levá*, se *num* se *importá* em *demorá* um pouco na estrada. Os *cavalo* nem vai *sentí* seu peso igual *num* sente do cachorrinho aqui, que peguei da estrada faz quinze *dia*. Acho que *tava* perdido e *tá* todo se tremendo até agora. Vamos, me dá sua cesta e suba.

Deitar-se nos fardos de lã, com uma fenda deixada entre as cortinas do toldo para o ar entrar, era um luxo para Hetty agora, e ela meio que adormeceu por horas até que o condutor veio lhe perguntar se queria descer e fazer “um lanchinho”; ele mesmo comeria em uma “taverna”. Tarde da noite, chegaram a Leicester, e então esse segundo dia da jornada de Hetty passou. Ela não gastara nenhum dinheiro, exceto o que pagara pela comida, mas sentiu que essa jornada lenta lhe seria intolerável por mais um dia, e pela manhã, encontrou o caminho a uma cocheira para perguntar sobre a estrada até Windsor e ver se lhe custaria muito percorrer parte da distância de diligência novamente. Sim! A distância era muito grande – as diligências eram muito caras – deveria desistir delas; mas o velho funcionário do lugar, compadecido por seu belo rosto ansioso, anotou para ela os nomes dos principais lugares pelos quais ela deveria passar. Esse foi o único consolo que tivera em Leicester, pois os homens a encaravam enquanto caminhava pela rua e, pela primeira vez na vida, Hetty desejou que ninguém olhasse para ela. Voltou a caminhar; mas nesse dia teve sorte, pois logo foi alcançada por uma carruagem de carga

que a levou para Hinckley com um postilhão bêbado – que a assustou conduzindo como Jeú, filho de Ninsi^[147], gritando-lhe comentários hilários e se virando para trás na sela. Mas antes de anoitecer ela chegou no coração arborizado de Warwickshire. Contudo, ainda a quase 100 milhas de Windsor, disseram-lhe. Oh, que mundo grande, e que difícil lhe era encontrar seu caminho nele! Foi por engano para Stratford-on-Avon, encontrando Stratford em sua lista de lugares, e então foi informada de que tinha percorrido um longo caminho longe da estrada certa. Foi somente no quinto dia que chegou a Stony Stratford. Isso parece apenas uma pequena jornada quando se olha para o mapa ou se lembra das próprias viagens agradáveis de ida e volta das margens campestres de Avon. Mas como fora cansativo para Hetty! Parecia-lhe que essa terra de campos planos, sebes e casas pontilhadas, aldeias e cidades mercantis – tudo muito parecido aos seus olhos indiferentes – não tinha fim, e continuaria vagando entre eles para sempre, esperando cansada nos portões de pedágio por alguma charrete chegar, e então descobrir que a charrete percorreria apenas um curto caminho – um caminho muito curto – até o moleiro, a um quilometro e meio de distância, talvez; e odiava ir às tabernas, onde tinha que ir para conseguir comida e fazer perguntas, porque sempre havia homens vadiando por lá, que a encaravam e brincavam rudemente com ela. Seu corpo também estava muito cansado com esses dias de nova fadiga e ansiedade; fizeram-na parecer mais pálida e abatida do que todo o tempo de pavor oculto que passara em casa. Quando finalmente chegou a Stony Stratford, a impaciência e cansaço se tornaram muito fortes para a precaução econômica; decidiu pegar a diligência para o resto do caminho, embora isso lhe custaria todo o dinheiro restante. Não precisaria de nada em Windsor, a não ser encontrar Arthur. Quando pagou a passagem pela última diligência, tinha apenas um xelim; e quando desceu à porta de Green Man em Windsor às doze horas no meio do sétimo dia, faminta e fraca, o cocheiro apareceu e lhe pediu que “se lembrasse dele”. Ela colocou a mão no bolso e tirou o xelim, mas as lágrimas vieram com a sensação de exaustão e o pensamento de que estava dando seu último meio de conseguir comida, do qual realmente precisava antes que pudesse ir

em busca de Arthur. Ao estender o xelim, ergueu os olhos escuros cheios de lágrimas para o rosto do cocheiro e disse:

— Pode me devolver meio xelim?

— Não, não — disse ele, rispidamente —, deixa *pra* lá — guarde o xelim de novo.

O senhorio de Green Man estava próximo o suficiente para testemunhar essa cena, e era um homem cuja alimentação abundante servia para manter sua boa índole, assim como sua pessoa, em alta condição. E aquele lindo rosto choroso de Hetty teria descoberto a fibra sensível da maioria dos homens.

— Venha, jovem, entre — disse ele —, e tome um gole de alguma coisa; *tá* exausta, posso ver.

Ele a levou ao bar e disse à esposa: — Aqui, patroa, leve esta jovem *pro* salão; ela *tá* um pouco debilitada — disse ele, pois as lágrimas de Hetty caíam rapidamente. Eram apenas lágrimas históricas: pensou que não tinha motivos para chorar agora e ficou irritada por estar muito fraca e cansada para evitar. Estava em Windsor, afinal, não muito longe de Arthur.

Lançou um olhar ansioso e faminto para o pão, carne e cerveja que a senhoria lhe trouxe, e por alguns minutos esqueceu todo o resto nas deliciosas sensações de saciar a fome e de se recuperar da exaustão. A senhoria se sentou à sua frente enquanto ela comia e a olhou seriamente. Não é de se admirar: Hetty tirara o gorro e os cachos tinham caído. Seu rosto era ainda mais comovente em sua juventude e beleza por causa da aparência cansada, e os olhos da boa mulher logo se desviaram para sua figura prenhe, que ao se vestir apressadamente para a jornada, não se esforçou para esconder; além disso, o olho de um estranho pode detectar o que o olho familiar e desavisado deixa passar despercebido.

— Ora, não *tá* muito apta *pra* viajar — disse ela, olhando enquanto falava para a mão sem aliança de Hetty. — Veio de longe?

— Sim — disse Hetty, estimulada por essa pergunta a exercer mais autocontrole e se sentindo melhor com a comida que ingerira. — Percorri um longo caminho, e é muito cansativo. Mas *tô* melhor agora. Poderia me dizer que caminho devo seguir *pra* este lugar? — aqui

Hetty tirou do bolso um pedaço de papel: era o final da carta de Arthur na qual escrevera o seu endereço.

Enquanto falava, o senhorio entrou e começou a olhá-la tão seriamente quanto sua esposa. Pegou o pedaço de papel que Hetty colocara na mesa e leu o endereço.

— Ora, o que quer nessa casa? — perguntou ele. É da natureza dos estalajadeiros e de todos os homens que não têm nenhum assunto premente fazer o máximo possível de perguntas antes de dar qualquer informação.

— Eu quero ver um cavalheiro que *tá* lá — disse Hetty.

— Mas não tem nenhum cavalheiro lá — respondeu o senhorio. — *Tá* fechada... fechada faz quinze dias. Que cavalheiro quer ver? Talvez eu possa te dizer onde *encontrar ele*.

— É o capitão Donnithorne — disse Hetty, tremendo, o coração começando a bater dolorosamente com a decepção da esperança de que encontraria Arthur de imediato.

— Capitão Donnithorne? Espere um pouco — disse o senhorio lentamente. — Ele *tava* na milícia de Loamshire? Um jovem oficial alto, de pele clara e bigodes avermelhados – e que tinha um criado chamado Pym?

— Oh, sim — disse Hetty —, o senhor *conhece ele*, onde ele *tá*?

— A um tanto de quilômetros de distância daqui. A milícia de Loamshire foi *pra* Irlanda; já faz quinze dias.

— Veja! Ela *tá* desmaiando — disse a senhoria, apressando-se para ajudar Hetty, que perdera sua miserável consciência e parecia um belo cadáver. Eles a carregaram até o sofá e afrouxaram seu vestido.

— Suspeito *dum* mau negócio aqui — disse o senhorio, enquanto trazia um pouco de água.

— Ah, *tá* bastante claro que tipo de negócio é esse — disse a esposa. — Ela não é uma perdida vaidosa comum, posso ver. Parece uma respeitável camponesa e vem de bem longe, a julgar como fala. Ela fala como aquele cavaliário que tivemos que veio do norte. Ele era um camarada honesto como nunca tivemos aqui – o pessoal do norte é *tudo* honesto.

— Nunca vi uma jovem mais bonita na vida — disse o marido. —

Ela é como uma pintura numa vitrine de loja. Toca o coração olhar *pra* ela.

— Teria sido muito melhor *pra* ela se fosse mais feia e tivesse mais conduta — disse a senhoria, que em qualquer suposição caridosa, deve ter tido mais “conduta” do que beleza. — Mas ela *tá* voltando a si. Traga um gole d’água.

Capítulo XXXVII

A Jornada do Desespero

Hetty ficou muito mal durante o resto do dia para que lhe dirigissem qualquer pergunta – muito mal até para pensar com alguma nitidez nos males que estavam por vir. Apenas sentia que toda a sua esperança fora esmagada e que, em vez de ter encontrado um refúgio, apenas alcançara as fronteiras de um novo deserto, no qual não havia nenhum objetivo adiante. As sensações de mal-estar físico, em uma cama confortável e com os cuidados da benévola senhoria, proporcionaram-lhe uma espécie de trégua; como uma trégua de um leve cansaço, que obriga um homem a se jogar na areia em vez de trabalhar sob o sol escaldante.

Mas quando o sono e o repouso lhe trouxeram de volta a força necessária para a compreensão do sofrimento mental –, quando ela se deitou na manhã seguinte olhando para a luz crescente que era como um capataz cruel retornando para lhe incitar uma nova rodada de trabalho odioso e sem esperança – começou a pensar no rumo que deveria tomar, lembrar-se de que todo o dinheiro acabara, a olhar para a perspectiva de continuar vagando entre estranhos com a nova clareza lançada a respeito por meio da experiência da viagem a Windsor. Mas para onde poderia ir? Era impossível começar em qualquer serviço, mesmo que pudesse obtê-lo. Não havia nada além da iminente mendicância diante dela. Lembrou-se de uma jovem que fora encontrada encostada à parede da igreja em Hayslope em um domingo, quase morta de frio e fome – com uma criança pequenina nos braços. A mulher havia sido resgatada e levada à paróquia. “A paróquia!^[148]” Talvez dificilmente o leitor possa entender o efeito dessa palavra em uma mente como a de Hetty, criada entre pessoas que eram um tanto duras nos sentimentos até mesmo em relação à pobreza, que viviam entre os campos e tinham pouca piedade pela indigência e os trapos, como sendo um destino cruel e inevitável, que às vezes acontece nas cidades, mas os julgavam como um sinal de

ociosidade e vício – e era ociosidade e vício que traziam fardos à paróquia. Para Hetty, a “paróquia” era similar à prisão em desonra, e pedir qualquer coisa a estranhos – implorar – ficava na mesma região medonha e distante da vergonha intolerável que Hetty sempre pensou ser impossível que pudesse chegar perto. Mas agora a lembrança daquela mulher miserável que ela mesma vira, a caminho da igreja, sendo levada para a casa de Joshua Rann, retornou com a nova e terrível sensação de que havia muito pouco agora para distanciá-la da mesma sina. E o pavor das dificuldades físicas se misturou ao pavor da vergonha; pois Hetty tinha a natureza luxuosa de um animal de estimação redondo e macio.

Como almejava estar de volta em seu lar seguro, querida e cuidada como sempre fora! A repreensão da tia acerca de ninharias teria sido música aos ouvidos agora; ansiava por isso, pois costumava ter que ouvi-la em uma época em que tinha apenas ninharias a esconder. Poderia ela ser a mesma Hetty que costumava fazer manteiga na leiteria com as rosas-de-gueldres aparecendo pela janela – ela, uma fugitiva a quem os amigos não abririam as portas novamente, deitada nessa cama estranha, sabendo que não tinha dinheiro para pagar pelo que recebia e deveria oferecer a esses estranhos algumas das roupas da cesta? Foi então que pensou no medalhão e nos brincos e, vendo que o vestido estava próximo, alcançou-o e espalhou o conteúdo na cama à sua frente. Ali estavam o medalhão e os brincos nas caixinhas forradas de veludo e com eles um lindo dedal de prata que Adam lhe comprara, as palavras “Lembre-se de mim” fazendo o ornamento da borda; uma bolsinha de aço com um xelim; e um pequeno estojo de couro vermelho, fechado com um cordão. Aqueles lindos brinquinhos, com delicadas pérolas e granadas, que com tanto anseio experimentara sob o sol radiante do dia 30 de julho! Não ansiava colocá-los nas orelhas agora: sua cabeça, com os cachos de cabelos escuros, recostou-se languidamente no travesseiro, e a tristeza que revelava na testa e nos olhos era muito severa para se lembrar de arrependimentos. No entanto, levou as mãos às orelhas, pois tinha nelas finas argolas de ouro, que também valiam um pouco de dinheiro. Sim, certamente conseguiria algum dinheiro por seus ornamentos: aqueles que Arthur

lhe dera deviam custar muito dinheiro. O senhorio e a senhoria lhe tinham sido bons; talvez a ajudassem a conseguir o dinheiro por essas coisas.

Mas esse dinheiro não a manteria por muito tempo. O que deveria fazer quando acabasse? Para onde deveria ir? O horrível pensamento na indigência e mendicância a conduziu de uma vez a pensar em voltar para os tios e pedir para que a perdoassem e tivessem piedade dela. Mas se esquivou dessa ideia novamente, como teria se esquivado de metal em brasa. Nunca poderia suportar essa vergonha diante dos tios, diante de Mary Burge, dos criados da reserva de caça, das pessoas em Broxton e de todos que a conheciam. Nunca deveriam saber o que lhe acontecera. O que poderia fazer, então? Iria embora de Windsor – viajaria de novo como fizera na semana anterior e entraria em meio aos campos verdes planos com sebes altas ao redor, onde ninguém pudesse vê-la ou conhecê-la; e lá, talvez, quando não houvesse mais nada que pudesse fazer, deveria criar coragem para se afogar em alguma lagoa como aquela em Scantlands. Sim, fugiria de Windsor o mais rápido possível: não gostava da ideia de que as pessoas da estalagem sabiam dela, que viera à procura do capitão Donnithorne. Deveria pensar em alguma razão para lhes dizer por que havia perguntado por ele.

Com esse pensamento, começou a colocar as coisas de volta no bolso do vestido, pretendendo se levantar e se vestir antes que a senhoria chegasse. Estava com a mão no estojo de couro vermelho, quando lhe ocorreu que poderia haver algo nesse estojo que tivesse esquecido – algo que valesse a pena vender; pois sem saber o que deveria fazer com sua vida, almejava pelos meios de viver o máximo possível. Quando desejamos avidamente encontrar algo tendemos a procurá-lo em lugares sem esperança. Não, não havia nada além de agulhas e alfinetes comuns e pétalas de tulipas secas entre as folhas de papel onde anotara as pequenas finanças. Mas em uma dessas folhas havia um nome que, tendo visto muitas vezes antes, agora se iluminava na mente de Hetty como uma mensagem recém-descoberta. O nome era – *Dinah Morris, Snowfield*. Havia um texto acima dele, escrito, assim como o nome, a lápis pela mão de Dinah, em uma noite

em que estavam sentadas juntas e Hetty por acaso tinha o estojo vermelho aberto diante dela. Hetty não leu o texto agora: deteve-se apenas no nome. Agora, pela primeira vez, lembrava-se sem indiferença da afetuosa bondade que Dinah lhe mostrara, e daquelas palavras de Dinah no quarto – que Hetty deveria contar com ela em caso de problemas. “E se eu fosse até Dinah e pedisse ajuda?” Dinah não pensava como as outras pessoas. Ela era um mistério para Hetty, mas Hetty sabia que ela lhe seria gentil. Não conseguia imaginar o rosto de Dinah se afastando dela em perversa reprovação ou desprezo, a voz de Dinah falando mal dela de bom grado, ou se regozijando com sua miséria como se fosse um castigo. Dinah não parecia pertencer àquele mundo de Hetty, cujo relance temia igual fogo em brasa. Mas mesmo a Dinah, Hetty se esquivava de suplicar e confessar. Não conseguia se convencer a dizer: “Vou até Dinah”: apenas pensava nisso como uma alternativa possível, se não tivesse coragem para a morte.

A boa senhoria ficou surpresa ao ver Hetty descer as escadas logo depois dela, asseada e parecendo resolutamente confiante. Hetty disse que estava bem nessa manhã. Apenas estivera muito cansada e debilitada com a jornada, pois percorrera um longo caminho para perguntar sobre o irmão, que fugira, e pensavam que ele se tornara um soldado, e o capitão Donnithorne poderia saber, pois fora muito gentil com o irmão certa vez. Era uma história esfarrapada, e a senhoria olhou com dúvida para Hetty enquanto ela a contava; mas havia nela um ar resolutivo de autoconfiança nessa manhã, tão diferente da prostração desamparada de ontem, que a senhoria mal sabia como fazer uma observação que não parecesse uma intromissão em assuntos alheios. Apenas a convidou para tomar café da manhã com eles, e no decorrer disso, Hetty trouxe os brincos e o medalhão e perguntou ao senhorio se poderia ajudá-la a conseguir dinheiro por eles. Sua viagem, ela disse, havia custado muito mais do que esperava, e agora não tinha dinheiro para retornar aos amigos, o que queria fazer imediatamente.

Não era a primeira vez que a senhoria via os ornamentos, pois examinara o conteúdo do bolso de Hetty no dia anterior, e ela e seu marido discutiram o fato de uma garota do campo possuir essas belas

coisas, com uma convicção mais forte do que nunca de que Hetty fora miseravelmente iludida pelo belo jovem oficial.

— Bem — disse o senhorio, quando Hetty espalhou as ninharias preciosas diante dele —, a gente podia *levar elas* até a joalheria, pois tem uma não muito longe daqui; mas Deus tenha misericórdia, não te dariam um quarto do que essas coisas valem. E você ia querer se desapegar delas? — ele acrescentou, olhando-a interrogativamente.

— Oh, não me importo — disse Hetty, com pressa —, contanto que consiga dinheiro *pra* voltar.

— E podem pensar que as coisas foram roubadas, já que quer vender — continuou ele —, pois não é comum uma jovem como você ter joias finas como essas.

O sangue subiu ao rosto de Hetty com raiva:

— Eu vivo com gente de respeito — disse ela —, não sou uma ladra.

— Não, isso não é, tenho certeza — disse a senhoria —, e eles não têm como dizer isso — olhando indignada para o marido. — Deram essas coisas *pra* ela: isso é bem claro de ver.

— Não quis dizer que achava isso — disse o marido, desculpando-se —, mas disse que era o que o joalheiro poderia pensar, e então não ia oferecer muito dinheiro por elas.

— Bem — disse a esposa —, suponha que *cê* mesmo emprestasse algum dinheiro por elas, e então se ela quisesse resgatar quando chegasse em casa, *ia* poder. Mas se a gente não ouvisse mais nada dela depois de dois meses, *ia* poder fazer o que quiser com elas.

Não direi que, nessa proposta obsequiosa, a senhoria não tivesse nenhuma consideração pela possível recompensa de sua boa índole na posse final do medalhão e dos brincos: de fato, o efeito que eles teriam nesse caso na mente da esposa do merceeiro se apresentara com notável vivacidade em sua rápida imaginação. O senhorio pegou os ornamentos e cerrou os lábios de maneira meditativa. Desejava o bem daquela moça, sem dúvida; mas, diga-me, quantos de seus benfeitores se recusariam a obter um pequeno lucro às suas custas?

— Quanto dinheiro precisa *pra* ir *pra* casa, jovem? — perguntou o benfeitor, por fim.

— Três guinéus — respondeu Hetty, escolhendo a soma com a qual havia partido, por falta de qualquer outro critério e com medo de pedir demais.

— Bem, não tenho objeções em te emprestar três guinéus — disse o senhorio —, e se quiser me devolver e pegar as joias de novo, *cê* pode, sabe. O Green Man não vai *pra* lugar nenhum.

— Ah, sim, vou ficar muito feliz se me der isso — disse Hetty, aliviada com o pensamento de que não teria que ir ao joalheiro e ser encarada e questionada.

— Mas se quiser as coisas de novo, escreva logo — disse a senhoria —, porque depois de dois meses a gente vai supor que não quer mais.

— Sim — disse Hetty indiferente.

O marido e a esposa estavam igualmente contentes com esse acordo. O marido pensou que, se os ornamentos não fossem resgatados, poderia fazer um bom negócio os levando a Londres e os vendendo. A esposa pensou que convenceria o bom homem a deixá-la ficar com eles. E ajudavam aquela jovem, coitada – uma moça bonita e respeitável, aparentemente em uma triste circunstância. Recusaram-se a aceitar qualquer coisa pela comida e pelo leito: ela era muito bem-vinda. E às onze horas Hetty lhes disse “adeus” com o mesmo ar calmo e resolutivo que mostrara durante toda a manhã, subindo numa diligência que a levaria de volta trinta quilômetros pelo caminho que percorrera.

Há uma força de autocontrole que é o sinal de que a última esperança se fora. O desespero não depende mais dos outros do que o perfeito contentamento, e no desespero o orgulho deixa de ser contrabalançado pelo senso de dependência. Hetty sentia que ninguém poderia livrá-la dos males que lhe tornariam a vida odiosa; e ninguém, disse a si mesma, jamais deveria saber de sua miséria e humilhação. Não; não confessaria nem mesmo a Dinah. Vagaria para longe de vista e se afogaria onde seu corpo nunca seria encontrado, e ninguém saberia o que acontecera com ela.

Quando desceu da diligência começou a caminhar de novo, fazer trajetos baratos em charretes e arranjar refeições baratas, indo e vindo sem propósito distinto, mas estranhamente, por algum fascínio,

tomando o caminho pelo qual viera, embora estivesse determinada a não voltar para sua terra. Talvez fosse porque fixara a mente nos campos gramados de Warwickshire, com as sebes arborizadas que formavam um esconderijo mesmo nessa temporada sem folhas. Ela ia mais devagar do que viera, muitas vezes pelos saltadores e se sentando por horas sob as sebes, olhando à frente com olhos lindos e vazios; imaginando-se à beira de uma lagoa escondida, vil, como aquela em Scantlands; imaginando se seria muito doloroso se afogar e se haveria algo pior após a morte do que o que temia em vida. As doutrinas religiosas não se apoderaram da mente de Hetty. Era uma daquelas numerosas pessoas que tiveram padrinhos e madrinhas, aprenderam o catecismo, foram crismadas e foram à igreja todos os domingos e, no entanto, para qualquer resultado prático de força na vida ou confiança na morte, nunca se apropriaram de uma única ideia ou sentimento cristão. Você entenderia mal os pensamentos dela durante esses dias miseráveis, se imaginasse que foram influenciados por medos religiosos ou esperanças religiosas.

Escolheu ir para Stratford-on-Avon de novo, aonde fora antes por engano, pois se lembrou de alguns campos gramados no caminho anterior – campos entre os quais pensou que poderia encontrar exatamente o tipo de lagoa que tinha em mente. No entanto, ainda cuidava de seu dinheiro; carregava sua cesta; a morte ainda parecia muito longe, e a vida estava tão forte nela. Ansiava por comida e descanso – apressou-se em direção a eles no exato momento em que imaginava a margem da qual saltaria para a morte. Já fazia cinco dias desde que deixara Windsor, pois vagara a esmo, sempre evitando palavras ou olhares questionadores, e recuperando o ar de orgulhosa autoconfiança sempre que estava sob observação, escolhendo um alojamento decente à noite e se vestindo com asseio pela manhã, e seguindo seu caminho com firmeza, ou permanecendo sob o abrigo se chovesse, como se tivesse uma vida feliz para estimar.

E, no entanto, mesmo nos momentos mais autoconscientes, o rosto era tristemente distinto daquele que sorria para si mesmo no velho espelho manchado, ou sorria para os outros quando o olhavam com admiração. Um olhar duro e até feroz apareceu nos olhos, embora os

cílios estivessem mais longos do que nunca, e tivessem todo o seu brilho escuro. E as bochechas não tinham mais covinhas de sorrisos agora. Era a mesma beleza arredondada, amuada e infantil, mas com todo o amor e crença no amor ausentes – ainda mais triste por sua beleza, como aquele rosto maravilhoso de Medusa,^[149] com os lábios apaixonados, impassíveis.

Por fim, estava entre os campos com os quais sonhara, em um longo caminho estreito que levava a uma floresta. Se houvesse uma lagoa naquela floresta! Seria bem mais escondida do que uma nos campos. Não, não era uma floresta, apenas um cerco selvagem, onde outrora havia poços de cascalho, deixando montes e concavidades salpicadas de arbustos e pequenas árvores. Perambulava para cima e para baixo, pensando que talvez houvesse uma lagoa em cada concavidade antes de chegar a ela, até que as pernas ficaram exaustas e se sentou para descansar. A tarde estava muito avançada, e o céu plúmbeo escurecia, como se o sol estivesse se pondo atrás dele. Depois de um tempo, Hetty recomeçou, sentindo que a escuridão logo viria; e deveria adiar a busca da lagoa até amanhã e seguir para algum abrigo para passar a noite. Perdera-se nos campos e poderia muito bem ir em uma direção como outra, pelo que sabia. Caminhou campo após campo, e nenhuma aldeia, nenhuma casa à vista; mas *ali*, no canto desse pasto, havia uma quebra nas sebes; a terra parecia afundar um pouco e duas árvores se inclinavam uma à outra na abertura. O coração de Hetty palpitou ao pensar que deveria haver uma lagoa ali. Caminhou em direção a ela pesadamente sobre os tufo de grama, com lábios pálidos e uma sensação de tremor. Era como se a coisa viesse a despeito dela, em vez de ser o objeto de sua busca.

Ali estava, negra sob o céu que escurecia: nenhum movimento, nenhum som próximo. Ela pousou a cesta e depois se afundou na grama, tremendo. A lagoa tinha sua profundidade invernal agora: quando ficasse rasa, como se lembrava que as lagoas em Hayslope ficavam no verão, ninguém poderia descobrir que era seu corpo. Mas então tinha sua cesta – deveria escondê-la também. Deveria jogá-la na água – deixá-la pesada com pedras primeiro e depois jogá-la. Levantou-se para procurar pedras, logo trouxe cinco ou seis, que

colocou ao lado da cesta e depois se sentou de novo. Não havia necessidade de pressa – havia toda a noite para se afogar. Sentou-se apoiando o cotovelo na cesta. Estava cansada, com fome. Havia alguns pães na cesta – três, com os quais se abastecera no lugar onde havia almoçado. Tirou-os e comeu avidamente, e depois se sentou imóvel outra vez, olhando para a lagoa. A sensação de alívio que a invadiu ao satisfazer a fome e essa atitude fixa e sonhadora provocaram sonolência, e logo sua cabeça afundou sobre os joelhos. Estava dormindo profundamente.



Quando acordou, era noite profunda e sentiu um calafrio. Estava assustada com essa escuridão – assustada com a longa noite diante dela. Se apenas pudesse se jogar na água! Não, ainda não. Começou a andar para que talvez se aquecesse de novo, como se pudesse conseguir mais determinação assim. Oh, quanto tempo se passou naquela escuridão! A lareira radiante, o calor e as vozes de casa, a segurança em acordar e dormir, os campos familiares, as pessoas familiares, os domingos e feriados com as alegrias simples de se vestir e festejar – todas as doçuras de sua jovem vida passaram diante dela agora, e parecia estar estendendo os braços em direção a elas através de um grande abismo. Cerrou os dentes ao pensar em Arthur. Amaldiçoou-o, sem saber o que sua maldição faria. Desejou que ele também conhecesse a desolação, o frio e uma vida de vergonha que não ousaria terminar com a morte.

O horror desse frio, da escuridão e da solidão – fora de todo alcance humano – tornava-se maior a cada longo minuto. Era quase como se já estivesse morta, soubesse que estava morta e desejasse voltar à vida. Mas não: ainda estava viva; não dera o terrível salto. Sentia uma estranha e contraditória desolação e exultação: desolação por não ousar enfrentar a morte; exultação, por ainda estar em vida – e ainda poderia saber o que é luz e o calor novamente. Caminhava para frente e para trás para se aquecer, começando a discernir algo dos objetos ao redor, enquanto os olhos se habituavam com a noite – a linha mais escura da sebe, o movimento rápido de alguma criatura viva – talvez um rato do campo – correndo pela grama. Não sentia mais como se a escuridão a cercasse. Pensou que poderia caminhar de volta pelo campo e passar por cima do saltador; e então, bem no campo seguinte, pensou ter se lembrado de que havia um casebre de tojo perto de um redil. Se pudesse entrar naquele casebre, ficaria mais aquecida. Poderia passar a noite lá, pois era isso que Alick fazia em Hayslope na época que os cordeiros nasciam. O pensamento desse casebre trouxe a energia de uma nova esperança. Pegou a cesta e atravessou o campo, mas demorou algum tempo até chegar na direção certa do saltador. O exercício e a ocupação de encontrar o saltador eram um estímulo, de certo modo, e aliviaram o horror da escuridão e da solidão. Havia ovelhas no campo ao lado, e ela assustou um grupo ao pousar a cesta e pular o saltador; e o som do movimento delas a confortou, pois garantia que sua impressão estava certa – esse *era* o campo onde vira o casebre, pois era o campo onde estavam as ovelhas. Seguindo o caminho chegaria lá. Alcançou o portão oposto e bateu ao longo de suas grades e das grades do redil, até que sua mão encontrou a aspereza da parede coberta de tojo. Sensação deliciosa! Encontrara o abrigo. Bateu seu caminho tocando o tojo áspero até a porta e a abriu. Era um lugar fechado e malcheiroso, mas quente, e havia palha no chão. Hetty afundou na palha com uma sensação de fuga. Lágrimas vieram – ela não derramara mais lágrimas desde que deixara Windsor –, lágrimas e soluços de alegria histérica por ainda ter vida, por ainda estar em terra familiar, com as ovelhas perto dela. A simples consciência dos próprios membros lhe era um deleite: arregaçou as

mangas e beijou os braços com o amor apaixonado pela vida. Logo o calor e o cansaço a embalaram em meio aos soluços, e começou a cochilar, imaginando-se à beira da lagoa outra vez –, imaginando que pulara na água, e então acordou sobressaltada e se perguntando onde estava. Mas, por fim, um sono profundo e sem sonhos chegou; sua cabeça, protegida pelo gorro, fez de travesseiro a parede coberta de tojo, e a pobre alma, levada de um lado a outro entre dois terrores iguais, encontrou o único alívio que lhe era possível – o alívio da inconsciência.

Que infelicidade! Esse alívio terminou no momento em que começou. Parecia para Hetty que aquela dúzia de sonhos haviam se transformado em outro sonho –, que estava no casebre e a tia estava de pé ao lado com uma vela na mão. Estremeceu sob o olhar da tia e abriu os olhos. Não havia vela, mas havia luz no casebre – a luz do início da manhã através da porta aberta. E havia um rosto olhando para ela; mas era um rosto desconhecido, que pertencia a um homem idoso de avental.

— Ora, o que faz aqui, jovem? — o homem disse grosseiramente.

Hetty estremeceu ainda mais por causa desse medo e vergonha reais do que fizera no sonho momentâneo por causa do olhar da tia. Já se sentia como uma mendiga – encontrada dormindo naquele lugar. Mas, apesar do tremor, estava tão ansiosa para prestar contas ao homem de sua presença nesse momento, que encontrou as palavras de uma só vez:

— Me perdi — disse ela. —, eu tô viajando – *pro* Norte e me afastei da estrada *pros* campos, e fui surpreendida pela escuridão. Pode me dizer o caminho *pra* aldeia mais próxima?

Levantou-se enquanto falava, levou as mãos ao gorro para ajustá-lo e então pegou a cesta.

O homem olhou para ela com um lento olhar apático, por alguns segundos, sem dar nenhuma resposta. Então se virou e caminhou em direção à porta do casebre, mas apenas chegando lá parou e, virando o ombro para ela, disse:

— Ah, posso te mostrar o caminho *pra* Norton, se quiser. Mas o que fazia saindo da estrada? — ele acrescentou, com um tom de rude

repreensão. — Vai se meter em confusão se *num* se cuidar.

— Sim — disse Hetty —, não vou fazer isso de novo. Vou continuar na estrada, se puder fazer o favor de me mostrar como chegar lá.

— Por que *num* continua onde tem placa de sinalização e gente *pra* perguntar o caminho? — disse o homem, ainda mais rude. — Qualquer um ia pensar que é uma doida, olha *pra* você!

Hetty ficou assustada com esse velho rude e ainda mais com essa última sugestão de que ela parecia uma doida. Enquanto o seguia para fora do casebre, pensou em lhe dar uns trocados por lhe indicar o caminho, e então ele não pensaria que ela era doida. Quando ele parou para apontar a estrada, ela colocou a mão no bolso para preparar as moedas, e quando ele se virava, sem dizer bom dia, estendeu-os a ele e disse:

— Obrigada; poderia, por favor, aceitar algo pelo seu trabalho?

Ele olhou lentamente para os trocados e disse:

— *Num* quero nenhum dinheiro seu. É melhor *cê* tomar cuidado, senão vão te roubar, se ficar passarinhando pelos *campo* que nem uma maluca.

O homem a deixou ainda mais sem palavras e Hetty seguiu seu caminho. Outro dia nascera e ela deveria continuar vagando. Não adiantava pensar em se afogar — não podia fazer isso, pelo menos enquanto tivesse dinheiro para comprar comida e forças para continuar a jornada. Mas o incidente ao despertar nessa manhã aumentou o pavor do momento em que o dinheiro acabaria; ela teria que vender a cesta e as roupas então, e realmente pareceria uma mendiga ou uma doida, como o homem lhe dissera. A alegria apaixonada pela vida que sentira durante a noite, depois de escapar da beira da morte fria e escura na lagoa, desaparecera agora. A vida agora, à luz da manhã, com a impressão do olhar duro daquele homem, era tão pavorosa quanto a morte — pior; era um pavor ao qual se sentia acorrentada, do qual se esquivava e esquivava assim como da negra lagoa e, no entanto, não conseguia encontrar refúgio.

Tirou o dinheiro da bolsa e olhou para ele. Ainda tinha vinte e dois xelins; isso lhe serviria por muitos dias a mais, ou a ajudaria a chegar mais rápido a Stonyshire, ao alcance de Dinah. O pensamento em

Dinah se impôs com mais força agora, já que a experiência da noite afastara sua imaginação arrepiante da lagoa. Se ela se voltasse apenas a Dinah – se ninguém além de Dinah soubesse – Hetty poderia ter decidido ir até ela. A voz suave, os olhos compassivos a teriam atraído. Mas depois as outras pessoas saberiam, e ela não podia antecipar mais essa vergonha do que podia antecipar a morte.

Deveria vagar sem parar e esperar que uma intensidade menor de desespero lhe desse coragem. Talvez a morte chegasse até ela, pois estava ficando cada vez menos capaz de suportar o cansaço do dia. E, no entanto – tal é a estranha ação de nossas almas, atraindo-nos por um desejo à espreita para os exatos fins que tememos –, Hetty, quando partiu novamente de Norton, perguntou pela estrada mais direta para o norte em direção a Stonyshire e se manteve nela durante todo aquele dia.

Pobre Hetty errante, com o rosto infantil redondo e a alma endurecida sem amor, com o desespero que emanava dele –, com o coração restrito e pensamentos restritos, sem espaço para qualquer pesar além do próprio, experimentando esse pesar com a amargura mais intensa! Meu coração sangra por ela quando a vejo avançando penosamente com os pés cansados, ou sentada em uma charrete, com os olhos fixos vagos na estrada à sua frente, nunca pensando ou se importando para onde era levada, até que a fome chegasse e a fizesse desejar que uma aldeia estivesse perto.

Qual será o fim, o fim de sua peregrinação sem objetivo, desprovida de todo amor, importando-se com os seres humanos apenas por meio do orgulho, agarrando-se à vida apenas como um animal ferido e caçado se agarra?

Deus proteja você e eu de figurarmos em tal miséria!

Capítulo XXXVIII

À Procura de Hetty

Os primeiros dez dias após a partida de Hetty passaram tão tranquilamente quanto qualquer outro dia com a família na fazenda Hall e com Adam no trabalho diário. Esperavam que Hetty ficasse fora por, pelo menos, uma semana ou dez dias, talvez um pouco mais se Dinah voltasse com ela, porque então poderia ter algo que as detivessem em Snowfield. Mas quando se passaram quinze dias, começaram a ficar um pouco surpresos por Hetty não ter retornado; certamente deveria ter achado mais agradável estar com Dinah do que qualquer um poderia imaginar. Adam, por sua vez, estava ficando muito impaciente para vê-la e resolveu que, se ela não aparecesse no dia seguinte (sábado), partiria no domingo de manhã para buscá-la. Não havia diligência aos domingos, mas partindo antes do amanhecer, e talvez pegando uma carona no caminho, chegaria bem cedo a Snowfield e traria Hetty de volta no dia seguinte —, Dinah também, se ela estivesse vindo. Já era hora de Hetty voltar para casa, e se daria ao luxo de perder sua segunda-feira para trazê-la.

Seu plano foi bastante aprovado na fazenda quando foi lá no sábado à noite. Mrs. Poyser desejava enfaticamente que ele não voltasse sem Hetty, pois ela estivera muito tempo longe, considerando as coisas que tinha que preparar até meados de março, e uma semana certamente era suficiente para qualquer um sair para cuidar da saúde. Quanto a Dinah, Mrs. Poyser tinha poucas esperanças de que a trouxessem, a menos que pudessem fazê-la acreditar que o povo de Hayslope era duas vezes mais miserável do que o povo de Snowfield.

— Se bem que — disse Mrs. Poyser à guisa de conclusão —, *cê* pode *dizê pra* ela que ela só tem uma tia sobrando e que ela tá definhando; e talvez a gente vai *morá* trinta quilômetros mais longe na próxima Festa de São Miguel, e vai *morre* de coração partido entre gente estranha e *deixá* as *criança* órfã de pai e mãe.

— Não, não — disse Mr. Poyser, que decerto tinha o ar de um

homem perfeitamente franco —, *num tá* tão ruim assim. *Cê tá* melhorando e ganhando peso a cada dia. Mas eu ia *ficá* feliz se Dinah viesse, pois ela ia te *ajudá* com os *pequeno*: se dão muito bem com ela.

Então, na alvorada, no domingo, Adam partiu. Seth foi com ele por dois ou três quilômetros, pois pensar em Snowfield e na possibilidade de que Dinah pudesse voltar o deixava inquieto, e a caminhada com Adam no ar frio da manhã, ambos com suas melhores roupas, ajudou a lhe dar uma sensação de calma dominical. Era a última manhã de fevereiro, com um céu baixo e cinza e uma leve geada na borda verde da estrada e nas sebes negras. Eles ouviram o gorgolejo do riacho cheio descendo a colina e o leve chilro dos pássaros matutinos, pois caminhavam em silêncio, embora com uma agradável sensação de companheirismo.

— Até logo, rapaz — disse Adam, colocando a mão no ombro de Seth e o olhando carinhosamente enquanto estavam prestes a se despedir. — Gostaria que fosse por todo o caminho comigo, e estivesse tão feliz quanto eu.

— Eu *tô* contente, Addy, *tô* contente — disse Seth alegre. — Vou ser um velho solteirão, certamente, e fazer bagunça com seus filhos.

Afastaram-se um do outro e Seth caminhou devagar para casa, repetindo mentalmente um de seus hinos favoritos – ele gostava muito de hinos:

*“Sombrosa e triste é a alvorada
Caso distanciado de ti esteja;
A revinda do dia é desanimada
Até que os raios da Tua benção vejam;
Até que tua luz interior ofereça,
Graça aos olhos, e o coração aqueça.*

*Visita, então, esta minha essência,
Rompa as trevas do pecado e da dor;
Encha-me de Divina resplandecência,
Dispersa toda a dúvida e temor.
Mais e mais a Ti mesmo evidencia,*

Adam caminhava muito mais rápido, e qualquer um que viesse pela estrada de Oakbourne ao nascer do sol, naquela manhã, teria uma visão agradável daquele homem alto e de peito largo, avançando com um porte tão aprumado e firme quanto o de um soldado, lançando olhares aguçados e alegres às colinas azul-escuras enquanto começavam a surgir no caminho. Raramente na vida de Adam seu rosto estivera tão livre de qualquer nuvem de ansiedade como nessa manhã; e essa isenção de preocupação, como é comum em mentes práticas e construtivas como a dele, tornou-o ainda mais observador dos objetos ao redor e mais pronto para ter sugestões para seus próprios planos favoritos e artifícios engenhosos. Seu amor feliz – o conhecimento de que os passos o levavam cada vez mais perto de Hetty, que logo seria dele – era-lhe para os pensamentos o que o doce ar da manhã era para as sensações: isso lhe dava uma consciência de bem-estar que tornava a atividade deliciosa. De vez em quando havia uma onda de sentimento mais intenso em relação a ela, que afugentava outras imagens além de Hetty; e junto disso vinha uma gratidão admirável por toda essa felicidade lhe ter sido dada –, por essa nossa vida ter tanta doçura. Pois Adam tinha uma mente devota, embora talvez fosse bastante impaciente com palavras devotas, e sua ternura estava muito próxima de sua reverência, de modo que dificilmente uma poderia ser estimulada sem a outra. Mas depois que o sentimento brotara e se derramara dessa maneira, o pensamento ocupado voltaria com maior vigor; e, nessa manhã estava empenhado em esquemas para melhorar as estradas que eram tão imperfeitas em toda a região, e em conceber todos os benefícios que poderiam advir dos esforços de um único cavalheiro do campo, se ele se propusesse a melhorar as estradas no próprio distrito.

Parecia uma caminhada muito curta, os dezesseis quilômetros até Oakbourne, aquela linda cidade à vista das colinas azuis, onde ele desjejuou. Depois disso, a região ficou cada vez mais deserta: não havia mais bosques ondulantes, nem árvores de galhos largos perto de abundantes propriedades rurais, nem sebes espessas, mas muros de

pedras cinzentas cruzando os pastos escassos e sombrias casas de pedras cinzentas espalhadas em terras irregulares onde minas existiram e não existiam mais. “Uma terra árida”, disse Adam a si mesmo. “Prefiro ir para o Sul onde dizem que é plano como uma mesa do que vir morar aqui; mas se Dinah gosta de viver numa terra onde pode ser de maior ajuda para o povo, tem o direito de viver deste lado; pois ela parece que veio direto do céu, como os anjos no deserto, para ajudar aqueles que não têm nada *pra* comer.^[151]” E quando finalmente avistou Snowfield achou que parecia uma cidade que “combinava com o campo”, embora o córrego através do vale onde ficava o grande moinho proporcionasse um verde agradável aos campos mais baixos. A cidade estava sombria, pedregosa e desprotegida, ao lado de uma colina íngreme, e Adam não avançou no momento, pois Seth lhe dissera onde encontrar Dinah. Em uma casa de campo de palha fora da cidade, um pouco longe do moinho –, uma velha casa situada à beira da estrada, com uma pequena plantação de batata na frente. Ali Dinah se alojava com um casal de idosos; e se ela e Hetty tivessem saído, Adam poderia saber para onde foram, ou quando estariam em casa novamente. Dinah poderia ter saído em alguma missão de pregação e talvez tivesse deixado Hetty em casa. Adam não pôde evitar de esperar por isso e, ao reconhecer a casa na beira da estrada diante dele, brilhou em seu rosto aquele sorriso involuntário próprio da expectativa de uma alegria próxima.

Apressou o passo ao longo da calçada estreita e bateu na porta. Foi aberta por uma senhora muito limpa, com um lento e paralítico aceno de cabeça.

— Dinah Morris está? — perguntou Adam.

— Hã?... não — disse a idosa, olhando para esse estranho alto com uma admiração que a fez falar mais devagar do que o normal. — Gostaria de *entrá*? — ela acrescentou, afastando-se da porta, como se estivesse se recompondo. — Ora, *cê* é irmão do jovem que veio antes, né?

— Sim — disse Adam, entrando. — Aquele era Seth Bede. Sou o irmão dele, Adam. Ele enviou cumprimentos para a senhora e seu bom marido.

— Sim, o mesmo *pra* ele. Ele é um jovem amável. Parece com ele, só que é mais moreno. Sente-se na poltrona. Meu velho ainda *num* voltou do culto.

Adam se sentou pacientemente, não gostando de apressar a senhora trêmula com perguntas, mas olhando ansioso para as escadas estreitas e sinuosas em um canto, pois pensou que era possível que Hetty pudesse ter ouvido sua voz e descesse por elas.

— Então veio ver Dinah Morris? — perguntou a idosa, em pé em frente a ele. — Pois *num* sabia que ela *tava* ausente?

— Não — disse Adam —, mas achei provável que estivesse fora, já que é domingo. Mas a outra jovem — *tá* em casa ou foi junto com Dinah?

A senhora olhou para Adam com ar desnorteadado.

— Junto com ela? — disse. — Hã, Dinah foi *pra* Leeds, uma cidade grande que *cê* deve ter ouvido *falá*, onde tem muitos do povo do Senhor. Foi embora faz quinze *dia*: enviaram o dinheiro *pra* viagem dela. Pode ver o quarto dela aqui — ela continuou, abrindo uma porta e sem perceber o efeito de suas palavras em Adam. Ele se levantou e a seguiu, lançou um olhar ansioso para o pequeno quarto com uma cama estreita, o retrato de Wesley na parede e os poucos livros em cima da grande Bíblia. Tivera uma esperança irracional de que Hetty pudesse estar lá. Não conseguiu falar no primeiro momento depois de ver que o quarto estava vazio; um medo indefinido tomara conta dele: algo acontecera com Hetty durante a viagem. Ainda assim, a idosa era tão lenta na fala e compreensão, que Hetty poderia estar em Snowfield, afinal.

— Que pena que *num* sabia — disse ela. — *Cê* veio da sua terra *pra* ver ela?

— Mas Hetty — Hetty Sorrel — disse Adam, abruptamente —, onde ela está?

— Eu *num* conheço ninguém com esse nome — disse a senhora, espantada. — É alguém que ouviu *falá* em Snowfield?

— Não veio nenhuma jovem aqui — muito jovem e bonita — faz mais de quinze dias, para ver Dinah Morris?

— Não, *num* vi nenhuma jovem.

— Pense; tem certeza? Uma garota de dezoito anos de idade, com olhos escuros e cabelos escuros encaracolados, com uma capa vermelha e uma cesta no braço? Não ia poder esquecer se a visse.

— Não; fez quinze *dia*, na sexta-feira – o dia que Dinah foi embora – *num* chegou ninguém. Ninguém perguntou por ela antes de *cê* *chegá*, pois o pessoal sabe que ela foi embora. Hã, querido, hã, querido, tem algum problema?

A idosa vira o olhar sinistro de medo no rosto de Adam. Mas ele não ficou atordoado ou confuso: estava avidamente pensando onde poderia perguntar sobre Hetty.

— Sim. Faz quinze dias que uma jovem saiu da nossa região para ver Dinah. Eu vim buscar ela. Temo que algo tenha acontecido com ela. Não posso ficar. Até logo.

Saiu apressado da casa de campo e a senhora o seguiu até o portão, observando-o tristemente com a cabeça tremendo enquanto ele quase corria em direção à cidade. Ele perguntaria no local onde a diligência de Oakbourne parara.

Não! Nenhuma jovem como Hetty fora vista lá. Ele perguntou se algum acidente havia acontecido com alguma diligência nesse período de quinze dias, mas também não. E não havia diligência para levá-lo de volta a Oakbourne naquele dia. Bem, iria a pé: não poderia ficar nesse lugar, em miserável inércia. Mas o estalajadeiro, adentrando nesse novo incidente com a ânsia de quem passa muito tempo com as mãos nos bolsos olhando para uma rua decididamente monótona, vendo que Adam estava em grande inquietação, ofereceu-se para levá-lo de volta a Oakbourne em sua “charrete tributada”^[152] nessa mesma noite. Ainda não eram cinco horas; havia muito tempo para Adam fazer uma refeição e chegar a Oakbourne antes das dez horas. O estalajadeiro declarou que realmente queria ir a Oakbourne, e poderia muito bem ir essa noite; teria toda a segunda-feira pela frente. Adam, depois de fazer uma tentativa ineficaz de comer, colocou a comida no bolso e, bebendo um gole de cerveja, declarou-se pronto para partir. Ao se aproximarem da casa de campo ocorreu-lhe que faria bem em saber com a idosa onde Dinah poderia ser encontrada em Leeds, isto é, se houvesse problemas na fazenda Hall – ele apenas admitiu

parcialmente o pressentimento de que haveria – os Poysers poderiam querer chamar Dinah. Mas Dinah não havia deixado nenhum endereço, e a idosa, cuja memória para nomes era débil, não conseguia se lembrar do nome da “mulher abençoada” que era a principal amiga de Dinah na Sociedade em Leeds.

Durante essa longa, longa jornada na charrete tributada, houve tempo para todas as conjecturas de importuno medo e persistente esperança. No primeiro choque ao descobrir que Hetty não estivera em Snowfield, a lembrança de Arthur atravessara Adam como uma aflição aguda, mas tentou por algum tempo evitar seu retorno, ocupando-se com modos de explicar o fato alarmante, à parte dessa lembrança intolerável. Algum acidente acontecera. Hetty havia, por algum acaso estranho, entrado em um veículo errado em Oakbourne: adoecera e não queria assustá-los avisando-os. Mas essa frágil barreira de vagas improbabilidades foi logo derrubada por uma onda de temores agonizantes distintos. Hetty estava se enganando ao pensar que poderia amar e se casar com ele: ela ainda amava Arthur todo esse tempo; e agora, em desespero com a proximidade do casamento, fugira. E fora até Arthur. A velha indignação e o ciúme ressurgiram e levantaram a suspeita de que Arthur estava agindo falsamente – havia escrito para Hetty – induzindo-a a procurá-lo – não querendo, afinal, que ela pertencesse a outro homem além dele. Talvez a coisa toda tivesse sido elaborada por ele, e dera-lhe instruções de como segui-lo até a Irlanda –, pois Adam sabia que Arthur fora para lá há três semanas. Havia descoberto isso há pouco tempo na reserva de caça. Cada olhar triste de Hetty, desde que ficara noiva de Adam, retornava agora com todo o exagero de um doloroso retrospecto. Ele fora estupidamente otimista e confiante. A pobrezinha talvez não conhecesse a própria mente há muito tempo; pensou que poderia esquecer Arthur; fora, por um momento, atraída pelo homem que lhe ofereceu um amor protetor e fiel. Não suportava culpá-la: ela nunca lhe quis causar essa dor terrível. A culpa recaía sobre aquele homem que brincara de forma egoísta com o coração dela –, talvez até a tivesse atraído deliberadamente para longe.

Em Oakbourne, o cavaliário da Royal Oak se lembrou de uma

jovem como Adam descrevia saindo da diligência de Treddlestone há mais de quinze dias. Ele disse que não havia possibilidade de ser outra, que não se esqueceria de uma moça tão bonita e apressada como ela; que ele tinha certeza de que ela não passara pela diligência de Buxton que atravessou por Snowfield, mas a perdera de vista enquanto partia com os cavalos e nunca mais a viu. Adam então foi direto para o local de onde partira a diligência de Stoniton: Stoniton era o lugar mais óbvio para Hetty ir primeiro, qualquer que fosse seu destino, pois dificilmente se aventuraria em qualquer outra estrada além da principal. Ela fora notada ali também, e se lembraram de ela ter se sentado na boleia ao lado do cocheiro; mas o cocheiro não pôde ser encontrado, pois outro homem estava conduzindo naquela estrada no lugar dele nos últimos três ou quatro dias. Ele provavelmente poderia ser encontrado em Stoniton, por meio de investigação na estalagem onde a diligência parava. Portanto, o ansioso Adam, de coração partido, deveria necessariamente esperar e tentar descansar até de manhã – ou melhor, até as onze horas, quando a diligência partiria.

Em Stoniton, outro atraso ocorreu, pois o velho cocheiro que conduzira Hetty não estaria na cidade novamente até a noite. Quando chegou, lembrou-se bem de Hetty e se lembrou da própria piada dirigida a ela, citando-a muitas vezes a Adam e observando com igual frequência que achava que havia algo fora do comum, porque Hetty não dera risada quando brincara com ela, tampouco Adam. Mas declarou, como as pessoas da estalagem fizeram, que perdera Hetty de vista assim que desembarcou.

A parte da manhã seguinte foi consumida em investigações em todas as casas da cidade de onde partira a diligência – (tudo em vão, pois você sabe que Hetty não saiu de Stoniton de diligência, mas a pé na manhã cinza) – e depois caminhando até os primeiros portões de pedágio nos diferentes pontos da estrada, na aflita esperança de encontrar alguma informação dela por lá. Não, ela não poderia ser rastreada mais adiante; e a próxima tarefa difícil para Adam era voltar para casa e levar as desoladoras notícias para a fazenda Hall. Quanto ao que deveria fazer além disso, chegara a duas resoluções distintas

em meio ao tumulto de pensamento e sentimento que aconteciam dentro dele enquanto ia de um lado a outro. Não mencionaria o que sabia sobre o comportamento de Arthur Donnithorne com Hetty até que houvesse uma clara necessidade: ainda era possível que Hetty voltasse e a revelação poderia ser uma injustiça ou ofensa a ela. E assim que chegasse em casa e fizesse o que fosse necessário para se preparar para o novo afastamento, partiria para a Irlanda: se não encontrasse nenhum vestígio de Hetty na estrada, iria direto a Arthur Donnithorne e se certificaria até que ponto ele estava inteirado dos movimentos dela. Várias vezes lhe ocorreu a ideia de consultar Mr. Irwine, mas isso seria inútil, a menos que lhe contasse tudo, revelando assim o segredo sobre Arthur.

Parece estranho que Adam, na ocupação incessante de sua mente com Hetty, nunca tenha pensado na probabilidade de ela ter ido para Windsor, alheia de que Arthur não estava mais lá. Talvez a razão fosse que não conseguia imaginar Hetty correndo até Arthur sem ser chamada; não imaginava nenhuma causa que pudesse tê-la levado a tal passo, depois daquela carta escrita em agosto. Havia apenas duas alternativas em sua mente: ou Arthur lhe escrevera de novo e a seduzira, ou ela simplesmente fugira do futuro casamento porque descobrira, afinal, que não poderia amá-lo o suficiente, e, com medo da raiva dos amigos se faltasse à palavra havia tomado aquela drástica decisão.

Com essa última determinação em mente de ir direto a Arthur –, o pensamento de que passara dois dias em investigações que se mostraram quase inúteis – foi uma tortura para Adam; e, no entanto, já que não contaria aos Poysers sua convicção sobre o paradeiro de Hetty, ou a intenção de segui-la até lá, deveria poder lhes dizer que a rastrear o máximo possível.

Passava da meia-noite de terça-feira quando Adam chegou a Treddleston; e, relutante em perturbar a mãe e Seth, e também enfrentar suas perguntas naquela hora, atirou-se sem se despir em uma cama na Waggon Overthrown e dormiu profundamente de puro cansaço. Não por mais de quatro horas, no entanto, pois antes das cinco partiu a caminho de casa no tênue crepúsculo matutino. Sempre

guardava uma chave da porta da oficina no bolso para que pudesse entrar; e desejava entrar sem acordar a mãe, pois ansiava por evitar lhe contar o novo problema ele mesmo. Ele desejava encontrar Seth primeiro e lhe pediria que contasse a ela quando fosse necessário. Caminhou suavemente pelo pátio e girou a chave suavemente na porta; mas, como já esperava, Gyp, que estava deitado na oficina, deu um forte latido. Ele acalmou quando viu Adam erguendo o dedo para impor silêncio, e em sua alegria muda e sem cauda, deveria se contentar em esfregar o corpo contra as pernas do mestre.

Adam estava muito entristecido para notar o carinho de Gyp. Atirou-se no banco e olhou com apatia para a madeira e os indícios de trabalho ao redor, imaginando se algum dia voltaria a sentir prazer nisso de novo, enquanto Gyp, com vaga ciência de que havia algo de errado com seu mestre, deitou a áspera cabeça cinzenta no joelho de Adam e franziu a testa para olhá-lo. Até então, desde a tarde de domingo, Adam estivera constantemente entre pessoas estranhas e em lugares estranhos, não tendo nenhuma associação com os detalhes da vida cotidiana, e agora que à luz desta nova manhã estava de volta à sua casa, e cercado pelos objetos familiares que pareciam para sempre privados de encanto, a realidade – a dura e inevitável realidade de seus problemas o oprimia com um novo peso. Bem diante dele havia uma cômoda inacabada, que estava fazendo em momentos livres para Hetty usar, quando a casa dele fosse dela.

Seth não ouvira a entrada de Adam, mas fora despertado pelo latido de Gyp, e Adam o ouviu se movendo no cômodo acima, vestindo-se. Os primeiros pensamentos de Seth foram a respeito do irmão: ele voltaria para casa hoje, com certeza, pois os negócios infelizmente precisariam dele amanhã, mas era agradável pensar que ele tivera uma folga mais longa do que esperara. E Dinah viria também? Seth sentia que essa era a maior felicidade que poderia esperar, embora não tivesse mais esperança de que ela o amaria o suficiente para se casar com ele; mas costumava dizer a si mesmo que era melhor ser amigo e irmão de Dinah do que o marido de qualquer outra mulher. Se pudesse estar sempre perto dela, em vez de viver tão longe!

Ele desceu as escadas e abriu a porta interna que levava da cozinha à oficina, com a intenção de deixar Gyp sair; ficou parado na porta, tomado por um súbito choque ao ver Adam sentado indiferente no banco, pálido, sujo, com olhos fundos e vazios, quase como um bêbado pela manhã. Mas Seth percebeu em um instante o que os indícios significavam — não embriaguez, mas alguma grande calamidade. Adam olhou para ele sem falar, e Seth avançou em direção ao banco, ele próprio tremendo tanto que a fala não veio prontamente:

— Deus, tenha piedade de nós, Addy — disse ele, em voz baixa, sentando-se no banco ao lado de Adam —, o que foi?

Adam foi incapaz de falar. O homem forte, habituado a suprimir os sinais de tristeza, sentira o coração encher como de uma criança nessa primeira abordagem de empatia. Lançou-se no pescoço de Seth e chorou.

Seth estava preparado para o pior agora, pois, nem mesmo nas lembranças de infância, Adam jamais havia chorado.

— Alguém morreu, Adam? Ela morreu? — ele perguntou, em um tom baixo, quando Adam levantou a cabeça e se recuperava.

— Não, rapaz; mas ela se foi — para longe da gente. Nunca estive em Snowfield. Dinah foi para Leeds há quinze dias desde a última sexta-feira, no mesmo dia em que Hetty partiu. Não consigo descobrir para onde ela foi depois que chegou em Stoniton.

Seth ficou em silêncio de absoluto espanto: não sabia nada que pudesse sugerir uma razão para Hetty ir embora.

— Tem alguma noção de por que ela fez isso? — perguntou, finalmente.

— Que ela não me ama. Que não queria o nosso casamento que se aproximava; deve ser isso — disse Adam. Decidira não mencionar mais nenhuma outra razão.

— Tô ouvindo a mãe se mexendo — disse Seth. — Devemos contar pra ela?

— Não, ainda não — disse Adam, levantando-se do banco e afastando o cabelo do rosto, como se quisesse se recompor. — Ainda não posso contar para ela; e devo partir imediatamente para outra

viagem depois de passar na aldeia e na fazenda Hall. Não posso dizer para onde estou indo, e deve dizer a ela que saí a negócios, pois ninguém deve saber de nada. Vou me lavar agora — Adam se dirigiu à porta da oficina, mas depois de uns passos, virou-se e, encontrando os olhos de Seth com um olhar calmo e triste, disse:

— Preciso tirar todo o dinheiro da lata, rapaz; mas se alguma coisa acontecer comigo, todo o resto será seu, para cuidar da mãe.

Seth estava pálido e trêmulo: sentia que havia algum segredo terrível por trás disso tudo.

— Irmão — disse ele, fracamente — ele nunca chamava Adam de “irmão” —, exceto em momentos solenes — não acredito que vai fazer nada que não possa pedir a bênção de Deus.

— Não, rapaz — disse Adam —, não tenha medo. Não sou a favor de fazer nada além do que é dever de um homem.

O pensamento de que, se revelasse seu problema à mãe, ela apenas o afligiria com palavras, em parte por afeição desajeitada, em parte por um triunfo irreprimível de que Hetty provou ser tão inadequada para ser sua esposa como ela sempre previra, trouxe-lhe de volta parte da firmeza e autocontrole habituais. Sentiu-se mal na viagem para casa — disse-lhe quando ela desceu — ficou a noite toda em Treddleston por esse motivo; e uma dor de cabeça forte, que ainda perdurava nessa manhã, explicava sua palidez e olhos pesados.

Ele decidiu ir à aldeia, em primeiro lugar, para cuidar dos negócios por uma hora e avisar Burge de que seria obrigado a fazer uma viagem, implorando-lhe para que não mencionasse a ninguém; pois desejava evitar ir à fazenda Hall perto da hora do café da manhã, quando as crianças e os criados estariam na sala e haveria alarido se soubessem que retornara sem Hetty. Esperou que o relógio batesse nove horas antes de deixar o pátio de trabalho da aldeia e partir, pelos campos, em direção à fazenda. Foi um imenso alívio, ao se aproximar da horta, ver Mr. Poyser avançando em sua direção, pois isso o poupava do sofrimento de ir até a casa. Mr. Poyser caminhava rápido nessa manhã de março, com um senso de negócios primaveris^[153] em mente: carregando sua espátula como uma companheira útil inspecionaria a ferragem de um novo cavalo. A surpresa foi grande

quando avistou Adam, mas não era um homem dado a mal pressentimentos.

— Ora, Adam, rapaz, é você? Teve todo esse tempo fora e *num* trouxe as *moça* de volta, afinal? Onde elas *tão*?

— Não, não as trouxe — disse Adam, virando-se para indicar que desejava acompanhar Mr. Poyser.

— Ora — disse Martin Poyser, olhando com mais atenção para Adam —, *cê* parece mal. Aconteceu alguma coisa?

— Sim — disse Adam, pesarosamente. — Uma coisa triste aconteceu. Não encontrei Hetty em Snowfield.

O rosto bem-humorado de Mr. Poyser mostrou sinais de espanto perturbado.

— *Num encontrou ela?* O que aconteceu com ela? — disse ele, pensando de imediato em algum acidente.

— Isso eu não sei dizer, se alguma coisa aconteceu com ela. Ela nunca foi para Snowfield – pegou a diligência para Stoniton, mas não consegui saber nada dela depois que desceu em Stoniton.

— Ora, *num* quer *dizê* que ela fugiu? — disse Martin, parado, tão intrigado e perplexo que não assimilava ainda o fato como um problema.

— Deve ter fugido — disse Adam. — Ela não queria o nosso casamento quando chegou a hora – deve ser isso. Confundi os sentimentos.

Martin Poyser ficou em silêncio por uns minutos olhando para o chão e arrancando a grama com a espátula, sem saber o que estava fazendo. Sua lentidão habitual sempre triplicava quando o assunto era doloroso. Por fim, ergueu os olhos, diretamente para o rosto de Adam, e disse:

— Então ela *num* te merecia, meu rapaz. E me culpo, pois ela era minha sobrinha, e eu *tava* feliz por ela se *casá* com você. *Num* tem reparação que eu possa te *fazê*, rapaz – o que é uma pena: é uma ferida dolorida *pra* você, imagino.

Adam não conseguia dizer nada; e Mr. Poyser, depois de prosseguir com a caminhada por um tempo, continuou:

— Tenho certeza de que ela foi embora *pra* *tentá* *consegú* um posto

de dama de companhia, pois colocou isso na cabeça meio ano atrás, e queria que eu desse o meu consentimento. Esperava mais dela — acrescentou ele, balançando a cabeça devagar e com tristeza —, esperava mais dela, que *num* ia *pensá* mais nisso depois que te deu a palavra, e *tava* tudo preparado.

Adam tinha os motivos mais fortes para encorajar essa suposição em Mr. Poyser, e até tentou acreditar que poderia ser verdade. Não tinha como ter certeza de que ela fora até Arthur.

— Seria melhor que fosse isso — disse ele, o mais tranquilo que pôde —, se ela sentisse que não podia gostar de mim como marido. Melhor fugir antes do que se arrepender depois. Espero que não pense mal dela se ela voltar, como talvez ela faça se achar difícil se manter longe de casa.

— *Num* vou *podê pensá* nela do mesmo jeito que antes — disse Martin Poyser decisivo. — Ela agiu mal com você e com todo mundo. Mas *num* vou *virá* as costas *pra* ela: é apenas uma jovem, e é a primeira maldade que soube que ela fez. Vai ser bem difícil *contá pra* tia dela. Por que Dinah *num* voltou com você? Ela ia *ajudá* a *tranquilizá* um pouco a tia.

— Dinah não estava em Snowfield. Ela foi para Leeds faz quinze dias, e não consegui saber com a idosa nenhuma direção de onde ela está em Leeds, senão teria ido até lá.

— Ia ser melhor que ela ficasse com a gente dela — disse Mr. Poyser, indignado —, do que ir *pregá* no meio de gente estranha.

— Devo ir embora agora, Mr. Poyser — disse Adam —, pois tenho coisas para tratar.

— Sim, é melhor *cê* ir atrás dos seus *negócio*, e devo *contá pra* patroa quando for *pra* casa. Vai ser uma tarefa difícil.

— Mas — disse Adam —, eu imploro que mantenha o que aconteceu em segredo por uma ou duas semanas. Ainda não contei para minha mãe, e não tem como saber como as coisas podem acabar.

— Sim, sim; quanto menos se *falá*, melhor. A gente *num* precisa *dizê* a razão pela qual o compromisso acabou, e a gente pode *ouví falá* dela depois *dum* tempo. Aperte a minha mão, rapaz: queria *podê* te *compensá*.

Havia algo na garganta de Martin Poyser naquele momento que o levou a pronunciar aquelas palavras escassas de uma forma um tanto entrecortada. No entanto, Adam sabia muito bem o que elas queriam dizer, e os dois homens honestos apertaram as mãos firmes um do outro em compreensão mútua.

Não havia nada agora para impedir Adam de partir. Dissera a Seth para ir à reserva de caça e deixar uma mensagem para o fidalgo, dizendo que Adam Bede fora obrigado a partir repentinamente em uma jornada – e dizer isso, e nada mais, a qualquer um que fizesse perguntas sobre ele. Se os Poyzers descobrissem que havia partido de novo, Adam sabia que poderiam deduzir que fora em busca de Hetty.

Pretendia ir direto da fazenda Hall, mas agora o impulso que com frequência o visitava antes – de ir até Mr. Irwine e torná-lo um confidente – repetia-se com uma nova força própria de uma última oportunidade. Estava prestes a iniciar uma longa jornada – difícil – pelo mar – e ninguém saberia para onde havia ido. Se algo acontecesse com ele? Ou se precisasse realmente de ajuda em qualquer assunto relacionado a Hetty? Mr. Irwine era de confiança; e o sentimento que fez Adam hesitar em contar qualquer coisa que fosse segredo *dela* deveria ceder diante da necessidade de que ela tivesse alguém além dele que estaria preparado para defendê-la no pior dos extremos. Em relação a Arthur, mesmo que não tivesse incorrido em nenhuma nova culpa, Adam sentiu que não era obrigado a manter silêncio quando o interesse de Hetty o convidava a falar.

— Tenho que fazer isso — disse Adam, quando esses pensamentos, que se alastravam por horas em sua triste jornada, agora lhe ocorriam em um instante, como uma onda que se acumulava lentamente —; é a coisa certa. Não posso mais ficar sozinho desse jeito.

Capítulo XXXIX

As Notícias

Adam se virou em direção a Broxton e caminhou com seu passo mais rápido, olhando para o relógio com medo de que talvez Mr. Irwine pudesse ter saído para caçar. O medo e a pressa juntos produziram um estado de forte excitação antes que chegasse ao portão do presbitério e, do lado de fora, viu as marcas profundas de um casco recente no cascalho.

Mas os cascos estavam voltados em direção ao portão, não para longe dele, e, embora houvesse um cavalo perto da porta do estábulo, não era o de Mr. Irwine: evidentemente fizera uma viagem nessa manhã e devia pertencer a alguém que viera a negócios. Mr. Irwine estava em casa então; mas Adam mal conseguia encontrar fôlego e calma para dizer a Carroll que queria falar com o reitor. O duplo sofrimento do certo e incerto pesar começara a abalar o forte homem. O mordomo olhou para ele espantado, enquanto ele se jogava em um banco no corredor e olhava distraído para o relógio na parede oposta. O mestre recebia alguém, ele disse, mas ouviu a porta do escritório se abrir – o forasteiro parecia estar saindo e, como Adam estava com pressa, avisaria o mestre imediatamente.

Adam sentou-se olhando para o relógio: o ponteiro dos minutos corria ao longo dos últimos cinco minutos para dez minutos com um tique-taque alto, forte e indiferente, e Adam observou o movimento e ouviu o som como se tivesse algum motivo para fazê-lo. Em nossas horas de amargo sofrimento, quase sempre há essas pausas, quando nossa consciência está amortecida a tudo, exceto a alguma percepção ou sensação trivial. É como se a idiotice viesse nos dar descanso da memória e do pavor que se recusam a nos deixar no sono.

A volta de Carroll fez com que Adam recordasse o sentido de seu fardo. Deveria ir ao escritório imediatamente.

— Não consigo imaginar *pra* que veio esse estranho —, acrescentou o mordomo, por mera imoderação de comentário, enquanto precedia

Adam até a porta —, ele foi *pra* sala de jantar. E o mestre parece esquisito — como se *tivesse* assustado.

Adam não deu atenção às palavras: não conseguia se importar com os assuntos de outras pessoas. Mas quando entrou no escritório e olhou para o rosto de Mr. Irwine, sentiu em um instante que havia uma nova expressão nele, discordante ao da calorosa amizade que sempre mostrara antes. Uma carta estava aberta sobre a mesa, e a mão de Mr. Irwine estava sobre ela, mas o olhar diferente que lançou a Adam não poderia ser inteiramente devido à preocupação com algum assunto desagradável, pois olhava com impaciência para a porta, como se a entrada de Adam fosse uma questão de pungente ansiedade.

— Você quer falar comigo, Adam — disse ele, naquele tom baixo e contido que um homem usa quando está determinado a suprimir a agitação. — Sente-se aqui — apontou para uma cadeira bem em frente a ele, a não mais de um metro de distância da sua, e Adam se sentou com a sensação de que essa maneira fria de Mr. Irwine trouxe uma dificuldade adicional inesperada à sua revelação. Mas quando Adam tomava uma decisão, não era o tipo de homem que renunciaria a ela, a não ser por razões incontestáveis.

— Venho até o senhor — disse ele —, como o cavalheiro que mais admiro. Tenho algo muito doloroso para dizer — algo que vai doer tanto ouvir quanto contar. Mas se eu falarei do mal que outras pessoas fizeram, vai ver que não falei até que tivesse um bom motivo.

Mr. Irwine assentiu lentamente, e Adam continuou um tanto trêmulo:

— O senhor iria casar Hetty Sorrel comigo, sabe, senhor, no dia quinze deste mês. Eu pensei que ela me amava, e eu era o homem mais feliz da paróquia. Mas um golpe terrível me atingiu.

Mr. Irwine se levantou da cadeira, quase involuntariamente, mas então, determinado a se controlar, caminhou até a janela e olhou para fora.

— Ela foi embora, senhor, e a gente não sabe para onde. Disse que estava indo para Snowfield há quinze dias desde a última sexta-feira, e eu fui no domingo passado para buscá-la, mas ela nunca foi para lá e pegou a diligência para Stoniton; e, além disso, não consigo rastreá-la.

Mas agora vou fazer uma longa jornada para procurar por ela e não posso contar para ninguém além do senhor para onde vou.

Mr. Irwine voltou da janela e se sentou.

— Você não tem ideia do motivo pelo qual ela foi embora? — perguntou ele.

— É claro que ela não queria se casar comigo, senhor — disse Adam. — Ela não quis quando chegou tão perto. Mas isso não é tudo, imagino. Tem mais uma coisa que devo te dizer, senhor. Tem outra pessoa preocupada além de mim.

Um vislumbre de algo — era quase como alívio ou alegria — cruzou a ávida ansiedade do rosto de Mr. Irwine naquele momento. Adam olhava para o chão e fez uma pequena pausa: as próximas palavras eram difíceis de dizer. Mas quando continuou, levantou a cabeça e olhou diretamente para Mr. Irwine. Faria o que resolvera fazer, sem hesitar.

— O senhor sabe quem é o homem que eu considero meu maior amigo — disse ele — e costumava ter orgulho de pensar que ia passar minha vida trabalhando para ele e me sentia assim desde que a gente era jovem...

Mr. Irwine, como se todo o autocontrole o tivesse abandonado, agarrou o braço de Adam, que estava sobre a mesa, e, segurando-o com força como um homem em aflição, disse, com lábios pálidos e voz baixa e apressada:

— Não, Adam, não diga isso, pelo amor de Deus!

Adam, surpreso com a violência dos sentimentos de Mr. Irwine, arrependeu-se das palavras que passaram pelos lábios e se sentou em silêncio angustiado. O aperto em seu braço gradualmente relaxou, e Mr. Irwine se atirou de volta na cadeira, dizendo:

— Continue — eu devo saber.

— Aquele homem brincou com os sentimentos de Hetty e se comportou como não tinha o direito de fazer com uma garota na situação de vida dela; dava-lhe presentes e costumava encontrá-la para passear. Descobri isso apenas dois dias antes de ele ir embora — encontrei ele a beijando enquanto se despediam no bosque. Não tinha nada entre mim e Hetty ainda, embora eu a amasse fazia muito tempo,

e ela sabia disso. Mas eu o repreendi pelas ações erradas, e palavras e golpes foram trocados entre a gente; e ele disse solenemente para mim, depois disso, como se tivesse sido tudo bobagem e não mais do que um pouco de flerte. Mas eu o fiz escrever uma carta para dizer para Hetty que ele não queria nada, pois vi bem claro, senhor, por várias coisas que eu não tinha entendido na época, como ele tinha se apoderado do coração dela, e pensei que ela certamente ia continuar pensando nele e nunca amaria outro homem o bastante para casar. E eu entreguei a carta, e ela pareceu suportar tudo depois de um tempo melhor do que eu esperava... e se comportava cada vez mais gentil comigo... Suponho que não conhecia os próprios sentimentos então, coitada, e eles voltaram quando já era tarde demais... Não quero culpá-la... Não consigo pensar que ela queria me enganar. Mas fui encorajado a pensar que me amava, e – o senhor sabe o resto. Mas na minha cabeça ele foi falso comigo e a enganou, e ela foi até ele – e vou agora descobrir, pois não posso mais trabalhar até saber o que aconteceu com ela.

Durante a narrativa de Adam, Mr. Irwine tivera tempo de recuperar o autodomínio, apesar dos pensamentos dolorosos que o atormentavam. Era-lhe uma lembrança amarga agora – aquela manhã em que Arthur tomara café da manhã com ele e parecia que estava à beira de uma confissão. Estava bastante claro *agora* o que ele quisera confessar. E se suas palavras tivessem tomado outro rumo... se ele próprio tivesse sido menos meticoloso em se intrometer nos segredos de outro homem... era cruel pensar como um véu fino impedira o livramento de toda essa culpa e miséria. Via toda a história agora por aquela terrível luz que o presente lança sobre o passado. Mas todos os outros sentimentos que o invadiram foram suspensos pela piedade, profunda e respeitosa piedade pelo homem que estava sentado diante dele – já tão machucado, partindo com triste e cega resignação para um pesar irreal, enquanto um real estava próximo, muito além do âmbito da preocupação comum para que jamais o temesse. A própria agitação fora reprimida por um certo temor que nos apodera na presença de uma grande angústia, pois a angústia que infligiria a Adam já estava presente nele. Outra vez pôs a mão sobre o braço que

estava sobre a mesa, mas muito gentil desta vez, quando disse solene:

— Adam, meu querido amigo, você teve algumas provas difíceis na vida. Pode suportar a dor com coragem, assim como agir com coragem. Deus requer ambas as tarefas de nós. E há por vir uma dor maior do que qualquer outra que já conheceu. Mas você não é culpado —, não tem aquela que é a pior de todas as dores. Deus ajude aquele que tem!

Os dois rostos pálidos se entreolharam; no de Adam havia um suspense agitado, no de Mr. Irwine piedade hesitante e retraída. Mas ele continuou:

— Recebi notícias de Hetty esta manhã. Ela não foi até ele. Está em Stonyshire — em Stoniton.

Adam se levantou da cadeira, como se achasse que poderia saltar até Hetty naquele momento. Mas Mr. Irwine segurou seu braço de novo e disse, persuasivo:

— Espere, Adam, espere — então Adam se sentou.

— Ela está em uma situação muito infeliz — uma que tornará pior para você tê-la encontrado, meu pobre amigo, do que tê-la perdido para sempre.

Os lábios de Adam se moveram trêmulos, mas nenhum som saiu. Moveram-se novamente, e sussurrou:

— Diga.

— Ela foi detida... está na prisão.

Foi como se um golpe ultrajante tivesse trazido de volta o espírito de resistência a Adam. O sangue lhe subiu ao rosto e disse, alto e ríspido:

— Pelo quê?

— Por um grave crime — o assassinato do próprio bebê.

— Não pode ser! — Adam quase gritou, levantando-se da cadeira e dando um passo em direção à porta; mas se virou de novo, apoiando as costas na estante e olhando ferozmente para Mr. Irwine. — Não é possível. Ela nunca teve um bebê. Não pode ser culpada. Quem disse isso?

— Deus permita que ela seja inocente, Adam. Ainda podemos esperar que seja.

— Mas quem diz que ela é culpada? — disse Adam violentamente.
— Me conte tudo.

— Aqui está uma carta do magistrado diante de quem ela foi levada, e o policial que a prendeu está na sala de jantar. Ela não revela o nome ou de onde vem; mas temo, temo que não haja dúvida de que seja Hetty. A descrição da pessoa corresponde, exceto que parece muito pálida e doente. Tinha um pequeno livro de couro vermelho no bolso com dois nomes escritos nele – um no início: “Hetty Sorrel, Hayslope”, e o outro perto do final: “Dinah Morris, Snowfield”. Ela não diz qual é o seu nome – nega tudo e não responde a nenhuma pergunta, e um pedido foi feito a mim, como magistrado, para que eu tome medidas para identificá-la, pois foi considerado que provavelmente o nome que está em primeiro lugar é o nome dela.

— Mas que prova eles têm contra ela, se for Hetty? — perguntou Adam, ainda com violência, com um esforço que parecia abalar todo o corpo. — Me recuso a acreditar nisso. É impossível, e nenhum de nós tem como saber.

— Uma prova terrível de que ela estava sob a tentação de cometer o crime; mas podemos esperar que realmente não o tenha cometido. Tente ler esta carta, Adam.

Adam segurou a carta entre as mãos que tremiam e tentou fixar os olhos firmemente nela. Mr. Irwine, entretanto, saiu para dar algumas ordens. Quando voltou, os olhos de Adam ainda estavam na primeira página – ele não conseguia ler – não conseguia juntar as palavras e entender o que significavam. Finalmente a largou e cerrou o punho.

— É culpa dele — disse —; se houve algum crime é na conta dele, não na dela. Ele a ensinou a enganar – ele me enganou primeiro. Deixe que o levem a julgamento –, deixe-o ficar no tribunal ao lado dela, e vou contar como se apoderou do coração dela e a conduziu ao mal, e depois mentiu para mim. Será que ele vai ficar livre, enquanto a punem... tão fraca e jovem?

A imagem evocada por essas últimas palavras deu uma nova direção aos sentimentos enlouquecidos do pobre Adam. Ficou em silêncio, olhando para o canto da sala como se visse algo ali. Então irrompeu de novo, em um tom de angústia suplicante:

— Eu não posso suportar isso... Ó Deus, é muito difícil esse fardo – é muito difícil pensar que ela é má.

Mr. Irwine se sentara novamente em silêncio. Era sábio demais para proferir palavras reconfortantes no momento e, de fato, a visão de Adam diante dele, com aquele olhar de súbito envelhecimento que, às vezes, aparece em um rosto jovem em momentos de terrível emoção –, a aparência dura e sem sangue da pele, as linhas profundas sobre a boca trêmula, os sulcos na testa –, a visão desse homem forte e firme, despedaçado pelo golpe invisível de dor, comoveu-o tão profundamente que falar não era fácil. Adam ficou imóvel, com os olhos vagos fixos dessa maneira por um minuto ou dois; naquele curto período, estava vivendo todo o seu amor outra vez.

— Ela não pode ter feito isso — disse ele, ainda sem mover os olhos, como se estivesse apenas falando consigo mesmo —, foi o medo que a fez esconder... eu a perdoo por me enganar... eu te perdoo, Hetty... você também foi enganada... foi difícil para você, minha pobre Hetty... mas nunca vão me fazer acreditar nisso.

Ele ficou em silêncio de novo por alguns momentos, e então disse, com brutalidade feroz: — Eu vou até ele – vou trazê-lo de volta – vou fazê-lo olhar para ela em sua miséria – deve olhar para ela até que não consiga esquecer –, isso vai persegui-lo noite e dia – enquanto viver, vai persegui-lo – não vai escapar com mentiras desta vez – vou buscar e arrastá-lo eu mesmo.

No ato de ir em direção à porta, Adam parou automaticamente e procurou o chapéu, sem saber onde estava ou quem estava presente. Mr. Irwine o seguira e agora o pegava pelo braço, dizendo, em tom calmo, mas decidido:

— Não, Adam, não; tenho certeza de que vai querer ficar e ver o que pode ser feito de bom por ela, em vez de ir em uma missão inútil de vingança. A punição certamente virá sem sua ajuda. Além disso, ele não está mais na Irlanda. Deve estar a caminho de casa – ou estaria, muito antes de você chegar, pois o avô dele, eu sei, escreveu para que voltasse pelo menos há dez dias. Quero que vá agora comigo para Stoniton. Pedi um cavalo para você ir conosco, assim que você se acalmar.

Enquanto Mr. Irwine falava, Adam recuperou a consciência do cenário real. Afastou o cabelo da testa e ouviu.

— Lembre-se — continuou Mr. Irwine —, que existem outros por quem pensar e agir, além de você, Adam: existem os amigos de Hetty, os bondosos Poysers, a quem esse golpe atingirá mais forte do que posso suportar pensar. Espero de sua força de espírito, Adam – de seu senso de dever para com Deus e os homens –, que tente agir enquanto a ação puder ser de alguma utilidade.

Na realidade, Mr. Irwine propôs essa viagem para Stoniton pelo próprio bem de Adam. O movimento, com algum objetivo diante dele, era o melhor meio de neutralizar a violência do sofrimento nessas primeiras horas.

— Irá comigo para Stoniton, Adam? — disse ele, de novo, depois de um momento de pausa. — Temos que ver se é realmente Hetty quem está lá, você sabe.

— Sim, senhor — disse Adam —, vou fazer o que acha certo. Mas e o pessoal da fazenda Hall?

— Desejo que eles não saibam até que eu volte para contar pessoalmente. Terei averiguado coisas sobre as quais não tenho certeza agora, e voltarei o mais rápido possível. Vamos, os cavalos estão prontos.

Capítulo XL

A Propagação das Águas Amargas^[154]

Mr. Irwine voltou de Stoniton de carruagem naquela noite, e as primeiras palavras que Carroll lhe disse, ao entrar em casa, foram que o fidalgo Donnithorne estava morto – encontrado morto na cama às dez horas daquela manhã – e que Mrs. Irwine queria que lhe dissesse que ela estaria acordada quando Mr. Irwine chegasse em casa, e implorou para que ele não fosse dormir sem vê-la.

— Bem, delfim — disse Mrs. Irwine, quando o filho entrou no quarto —, você chegou finalmente. Então, a inquietação e o mau humor do velho cavalheiro, que o fizeram chamar Arthur dessa maneira repentina, realmente significavam algo. Suponho que Carroll lhe disse que Donnithorne foi encontrado morto na cama nessa manhã. Você acreditará em minhas conjecturas em outra ocasião, embora suponho que não viverei para conjecturar nada além da minha própria morte.

— O que eles fizeram a respeito de Arthur? — disse Mr. Irwine. — Enviaram um mensageiro para esperá-lo em Liverpool?

— Sim, Ralph partiu antes que a notícia chegasse a nós. Querido Arthur, viverei agora para vê-lo administrar a reserva de caça, e passar bons momentos na propriedade, como um camarada de coração generoso que ele é. Será tão feliz quanto um rei agora.

Mr. Irwine não pôde deixar de dar um leve gemido: estava abatido de ansiedade e cansaço, e as palavras leves da mãe eram quase intoleráveis.

— Por que está tão soturno, delfim? Alguma má notícia? Ou está pensando no perigo que Arthur corre ao atravessar aquele terrível canal da Irlanda nesta época do ano?

— Não, mãe, não estou pensando nisso; mas não estou disposto a me alegrar agora.

— Tem estado preocupado com esse negócio jurídico pelo qual estive em Stoniton. O que diabos é isso que não pode me dizer?

— Saberá eventualmente, mãe. Não seria certo lhe dizer neste momento. Boa noite. Vai poder dormir agora que não tem mais nada que deseje ouvir.

Mr. Irwine desistiu da intenção de enviar uma carta para se encontrar com Arthur, já que isso agora não apressaria seu retorno: a notícia da morte do avô o traria assim que pudesse vir. Poderia ir para a cama agora e descansar um pouco, antes que chegasse a hora do pesado dever da manhã de levar notícias chocantes para a fazenda Hall e para a casa de Adam.

O próprio Adam não voltara de Stoniton, pois, embora tivesse medo de ver Hetty, não suportaria se afastar de perto dela novamente.

— Não adianta, senhor — disse ele ao reitor —, não adianta eu voltar. Não posso voltar a trabalhar enquanto ela estiver aqui e não iria aguentar ver as coisas e as pessoas de casa. Vou alugar um quarto aqui, onde eu possa ver as paredes da prisão, e talvez possa, com o tempo, suportar *vê-la*.

Adam não fora abalado na crença de que Hetty era inocente do crime pelo qual fora acusada, pois Mr. Irwine, sentindo que a crença na culpa dela seria uma adição esmagadora ao transtorno de Adam, escondera dele os fatos que não deixaram nenhuma esperança na própria mente. Não havia nenhuma razão para empurrar todo o fardo sobre Adam de uma vez, e Mr. Irwine, ao se despedir, apenas disse:

— Se as provas não forem muito fortes contra ela, Adam, ainda podemos esperar um perdão. Sua juventude e outras circunstâncias lhe serão um apelo.

— Ah, e é certo que as pessoas saibam como ela foi tentada ao caminho errado — disse Adam, com amarga seriedade. — É certo que saibam que um cavalheiro refinado a cortejou e virou sua cabeça com ideias. Deve se lembrar, senhor, que prometeu contar à minha mãe, a Seth e ao pessoal da fazenda quem a enganou, caso contrário, vão pensar pior dela do que ela merece. Iria prejudicá-la o poupando, e o considero o mais culpado diante de Deus, deixando-a fazer o que talvez tenha feito. Se o poupar, eu mesmo vou expor seu pecado para toda a aldeia.

— Acho que sua exigência é justa, Adam — disse Mr. Irwine —,

mas quando estiver mais calmo, julgará Arthur com mais misericórdia. Não digo nada agora, apenas que o castigo dele está em outras mãos que não as nossas.

Mr. Irwine achou difícil ter que contar a triste participação de Arthur na história de pecado e pesar – ele que cuidara de Arthur com afeição paternal, que cuidara dele com orgulho paternal. Mas via com clareza que o segredo seria descoberto em breve, mesmo sem a determinação de Adam, já que dificilmente se poderia supor que Hetty persistiria até o fim em seu silêncio obstinado. Decidiu não esconder nada dos Poyzers, mas lhes contar o pior de uma vez, pois não havia tempo para privar as notícias de sua subitaneidade. O julgamento de Hetty deveria ocorrer nas sessões da Quaresma,^[155] e seriam realizadas em Stoniton na próxima semana. Dificilmente era de se esperar que Martin Poyser pudesse escapar da dor de ser chamado como testemunha, e era melhor que soubesse de tudo o mais cedo possível.

Antes das dez horas da manhã de quinta-feira, a casa na fazenda Hall era uma casa de luto por um infortúnio que parecia ser pior do que a morte. O senso de desonra familiar era muito pungente até mesmo para o bondoso Martin Poyser, o filho, permitir-se sentir qualquer compaixão por Hetty. Ele e o pai eram agricultores simples, orgulhosos do caráter imaculado, orgulhosos de pertencerem a uma família que mantinha a cabeça erguida e pagava suas contas desde que seu nome constava do registro paroquial; e Hetty trouxe desgraça a todos eles – desgraça que nunca poderia ser apagada. Esse era o sentimento que dominava a mente de pai e filho – o sentimento mordaz de desgraça, que neutralizava todas as outras sensibilidades – e Mr. Irwine ficou surpreso ao observar que Mrs. Poyser era menos severa do que o marido. Muitas vezes nos assustamos com a severidade de pessoas compassivas em ocasiões excepcionais; a razão é que as pessoas compassivas estão mais propensas a estar sob o jugo das impressões tradicionais.

— Tô disposto a *pagá* o que for necessário *pra tentá trazê* ela — disse Martin, o filho, quando Mr. Irwine se foi, enquanto o velho avô chorava na cadeira oposta —, mas *num* vou *chegá* perto dela, nem nunca mais *ver ela*, essa é a minha vontade. Ela tornou nosso pão

amargo por toda a vida e nunca mais a gente vai *andá* de cabeça erguida nesta paróquia ou em qualquer outra. O reitor fala que o povo tem pena da gente: que triste compensação *pra* gente!

— Pena? — disse o avô bruscamente. — Nunca quis a pena do povo na minha vida antes... e vão *começá* a me *desprezá* agora, fiz setenta e dois *ano* no último dia de São Tomás, e o pessoal que escolhi *pra carregá* meu caixão *tá* nesta paróquia e na do lado... *Num* adianta de nada agora... vou ser levado *pra* cova por gente estranha.

— Não se preocupe, pai — disse Mrs. Poyser, que falara muito pouco, sendo quase intimidada pela dureza e decisão incomuns do marido. — Vai ter seus *filho* com o senhor; e os *menino* e as *menina* vai *crescê* na nova paróquia tão bem quanto na antiga.

— Ah, *num* tem como a gente *ficá* nesta região agora — disse Mr. Poyser, e as lágrimas penosas escorriam lentamente pelas bochechas redondas. — A gente achava que ia ser má sorte se o velho fidalgo desse a notificação de despejo no dia da Anunciação, mas vou ter que *saí* daqui por conta própria agora, e ver alguém que possa *cuidá* da colheita que semeei; pois *num* vou *ficá* na terra desse homem mais nem um dia do que sou obrigado. E eu que achava ele um jovem tão bom e íntegro, ia *ficá* tão feliz quando virasse o senhorio. Nunca mais vou *levantá* meu chapéu *pra* ele de novo, nem me *sentá* na mesma igreja que ele... um homem que envergonhou gente respeitável... e fingiu ser tão amigo de todo mundo... Pobre Adam... que bom amigo que ele foi *pra* Adam, fazendo discurso e falando tão bem, e o tempo todo envenenando a vida do rapaz, que vai *querê deixá* essa terra o tanto quanto a gente.

— E *cê* vai ter que ir *pro* tribunal e *jurá* que é parente dela — disse o idoso. — Ora, e vão *jogá* isso na cara da pequenininha um dia, que nem tem quatro *ano* ainda – vão *jogá* na cara dela que ela tem uma prima que foi julgada por assassinato.

— Vai ser maldade deles então — disse Mrs. Poyser, com um soluço na voz. — Mas tem Aquele lá em cima que vai *cuidá* das *criança* inocente, senão *num* tem muita verdade no que se fala na igreja. E o pior ia ser *morrê* e *deixá* os *pequeno* sem ninguém *pra* ser mãe deles.

— A gente devia ter chamado Dinah, se soubesse onde ela *tá* —

disse Mr. Poyser —, mas Adam disse que ela *num* deixou nenhuma informação de onde ia *ficá* em Leeds.

— Ora, ela ia *ficá* com aquela mulher que era amiga da tia Judith — disse Mrs. Poyser, um pouco confortada por essa sugestão do marido. — Muitas vez ouvi Dinah *falá* dela, mas *num* consigo *lembrá* o nome que ela falava. Mas tem Seth Bede; é capaz de ele *sabê*, pois ela é uma pregadora que os *metodista* a *considera* muito.

— Vou *mandá* *chamá* Seth — disse Mr. Poyser. — Vou *enviá* Alick *pra* *dizê* *pra* ele vir, ou então *pra* *enviá* o nome da mulher, e *cê* pode *escrevê* uma carta *pra* *enviá* *pra* Treddleston assim que a gente *descobrí* o endereço.

— É ruim *escrevê* carta quando *cê* quer que o pessoal venha te *ajudá* — disse Mrs. Poyser. — Acontece que vai *demorá* tanto na estrada que nunca vai *chegá* até ela afinal.

Antes de Alick chegar com a mensagem, os pensamentos de Lisbeth também já saltaram para Dinah, e ela disse a Seth:

— Hum, *num* se tem mais conforto *pra* gente neste mundo, se *num* *consegui* que Dinah Morris venha, como ela fez quando meu velho morreu. Queria que ela viesse, me desse a mão de novo e conversasse comigo. Ia me *dizê* as *coisa* certa, talvez – pode ser que veja algo bom nesse problema e sofrimento do pobre rapaz, que nunca fez mal *pra* ninguém na vida, o melhor filho que podia existir nesta região. Hum, meu rapaz... Adam, meu pobre rapaz!

— Gostaria que eu te deixasse e que fosse buscar Dinah? — perguntou Seth, enquanto a mãe chorava e balançava de um lado para o outro.

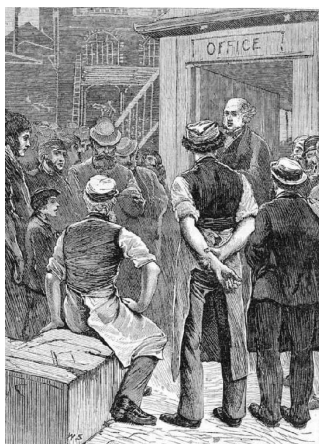
— *Buscá* ela? — disse Lisbeth, erguendo os olhos e dando uma pausa em sua aflição, como uma criança chorando que ouve alguma promessa de consolo. — Ora, e disseram onde ela *tá*?

— É bem longe, mãe – Leeds, uma cidade grande. Mas eu podia voltar em três dias, se me deixar ir.

— Não, não, *num* posso *deixá* *cê* ir. Deve ver seu irmão e me *contá* o que ele *tá* fazendo. O mestre Irwine disse que ia vir e me *contá*, mas *num* consigo *entendê* muito bem o que ele quer *dizê* quando fala. *Cê* deve ir, Adam *num* vai me *deixá* ir até ele. *Num* pode *escrevê* uma carta

pra Dinah? Gosta de escrevê quando ninguém precisa.

— Não tenho certeza de onde ela pode *tá* naquela cidade grande — disse Seth. — Se eu mesmo fosse, podia descobrir perguntando *pros* membros da Sociedade. Mas talvez se eu colocasse “Sarah Williamson, pregadora metodista, Leeds”, do lado de fora da carta, chegue até ela; pois é provável que *teja* com Sarah Williamson.



Alick chegou agora com a mensagem, e Seth, descobrindo que Mrs. Poyser estava escrevendo a Dinah, desistiu da intenção de escrever ele mesmo; mas foi até a fazenda Hall para lhes contar tudo o que podia sugerir sobre o endereço da carta e avisá-los de que poderia haver algum atraso na entrega, por não saber a direção exata.

Ao deixar Lisbeth, Mr. Irwine procurou Jonathan Burge, que também afirmava estar familiarizado com o que provavelmente afastaria Adam dos negócios por algum tempo; e antes das seis horas daquela noite havia poucas pessoas em Broxton e Hayslope que não tivessem ouvido a triste notícia. Mr. Irwine não mencionara o nome de Arthur para Burge, e ainda assim a história de sua conduta em relação a Hetty, com todas as sombras negras lançadas nela por suas terríveis consequências, era tão conhecida quanto o fato de que seu avô estava morto e que ele assumira a propriedade. Pois Martin Poyser não sentia nenhum motivo para manter silêncio em relação a um ou dois vizinhos que se aventuraram a vir a apertar tristemente sua mão no primeiro dia de infortúnio; e Carroll, que manteve os ouvidos atentos

a tudo o que se passava no presbitério, elaborara uma versão inferencial da história e logo encontrou oportunidades de comunicá-la.

Um desses vizinhos que se aproximou de Martin Poyser e lhe apertou a mão sem falar nada por alguns minutos foi Bartle Massey. Fechara a escola e estava a caminho do presbitério, aonde chegou por volta das sete e meia da noite e, mandando seus cumprimentos a Mr. Irwine, pediu perdão por incomodá-lo àquela hora, mas tinha algo particular em mente. Foi conduzido ao escritório, onde Mr. Irwine logo se juntou a ele.

— Bem, Bartle? — disse Mr. Irwine, estendendo-lhe a mão. Essa não era sua maneira usual de saudar o mestre-escola, mas os problemas nos fazem tratar todos aqueles que os sentem conosco da mesma forma. — Sente-se.

— Suponho que saiba muito bem por que estou aqui, senhor — disse Bartle.

— Deseja saber a verdade sobre a notícia triste que lhe chegou... sobre Hetty Sorrel?

— Não, senhor, gostaria de saber sobre Adam Bede. Entendo que o deixou em Stoniton, peço o favor de me dizer qual é o estado de espírito do pobre rapaz, e o que ele pretende fazer. Pois, quanto aquele pedaço de carne branca e rosada que se deram ao trabalho de colocar na cadeia, eu me importo tanto quanto com uma noz podre — uma noz podre — a não ser pelo mal ou bem que ela pode causar a um homem honesto — um rapaz a quem dei tanto valor — em quem confio, que faria um pouco do meu conhecimento se espalhar pelo mundo... Ora, senhor, é o único estudioso que tive nesta região estúpida que já teve interesse ou cabeça para matemática. Se ele não tivesse tanto trabalho duro para fazer, coitado, poderia ter alçado voos mais altos, e então isso poderia nunca ter acontecido — nunca ter acontecido.

Bartle estava irritado com o esforço de andar rápido com um estado de espírito agitado e não foi capaz de se conter nessa primeira ocasião em desabafar seus sentimentos. Mas fez uma pausa agora para esfregar a testa úmida e, provavelmente, os olhos úmidos também.

— Vai me desculpar, senhor — disse ele, quando essa pausa lhe deu tempo para refletir —, por falar dessa maneira sobre meus

sentimentos, igual àquela minha cadela tonta uivando para tempestade, quando ninguém precisa me ouvir. Vim para ouvi-lo falar, e não o contrário – se puder fazer o favor de me contar o que o pobre rapaz anda fazendo.

— Não se restrinja, Bartle — disse Mr. Irwine. — O fato é que estou na mesma condição que você agora; tenho muitas coisas dolorosas em mente e acho difícil ficar em silêncio sobre meus sentimentos e apenas escutar os outros. Compartilho de sua preocupação por Adam, embora ele não seja o único cujos sofrimentos me importam neste caso. Ele pretende permanecer em Stoniton até depois do julgamento: que provavelmente ocorrerá daqui a uma semana. Alugou um quarto lá, e o encorajei a fazê-lo, porque acho melhor que esteja longe de casa no momento; e, coitado, ainda acredita que Hetty é inocente – quer reunir coragem para vê-la, se puder; não está disposto a deixar o local onde ela está.

— Acha que a criatura é culpada, então? — disse Bartle. — Acha que vão enforcá-la?

— Temo que será difícil para ela. A prova é muito forte. E um sinal ruim é que ela nega tudo – nega que tenha tido um bebê diante das provas mais inegáveis. Eu mesmo a vi, e estava obstinadamente silenciosa comigo; encolheu-se como um animal assustado quando me viu. Nunca fiquei tão chocado em minha vida quanto com a mudança nela. Mas confio que, no pior dos casos, podemos obter um perdão para o bem dos inocentes que estão envolvidos.

— Sandices! — exclamou Bartle, esquecendo-se em sua irritação com quem estava falando. — Perdão, senhor, quero dizer que é sandice que um inocente se importe com o fato de ela ser enforcada. Quanto a mim, acho que quanto mais cedo tais mulheres forem eliminadas do mundo, melhor; e os homens que as ajudam a fazer o mal devem acompanhá-las, aliás. Que bem se fará mantendo essa gentinha viva, comendo o alimento que nutre os seres racionais? Mas se Adam é tonto o suficiente para se importar com isso, não quero que ele sofra mais do que é necessário... Ele está muito magoado, coitado? — Bartle acrescentou, tirando os óculos e colocando-os, como se ajudassem sua imaginação.

— Sim, receio que a mágoa seja muito profunda — disse Mr. Irwine. — Parece terrivelmente destruído, e uma certa violência tomou conta dele por vezes ontem, o que me fez desejar ter permanecido perto dele. Mas irei a Stoniton de novo amanhã e tenho confiança suficiente na força dos princípios de Adam para crer que ele será capaz de suportar o pior sem ser levado a algo precipitado.

Mr. Irwine, que estava involuntariamente proferindo seus pensamentos em vez de se dirigir a Bartle Massey na última frase, tinha em mente a possibilidade de que o espírito de vingança em relação a Arthur, que era a forma que a angústia de Adam estava assumindo, poderia levá-lo a buscar um encontro que talvez terminasse de forma mais fatal do que aquele no bosque. Essa possibilidade aumentava a ansiedade com a qual desejava a chegada de Arthur. Mas Bartle pensou que Mr. Irwine se referia a suicídio, e seu rosto demonstrou um novo alarme:

— Vou lhe dizer o que passa na minha cabeça, senhor — disse ele —, e espero que aprove. — Vou fechar minha escola – se os alunos vierem –, deverão voltar para casa, é isso – e vou a Stoniton e vou cuidar de Adam até que esse assunto acabe. Vou fingir que fui ver os julgamentos; ele não pode se opor a isso. O que acha, senhor?

— Bem — disse Mr. Irwine, um tanto hesitante —, teria algumas vantagens reais nisso... e eu o honro por sua amizade para com ele, Bartle. Mas... deve ter cuidado com o que lhe diz, sabe. Receio que tenha muito pouca empatia no que considera a fraqueza dele em relação a Hetty.

— Confie em mim, senhor – confie em mim. Sei o que quer dizer. Eu mesmo fui um tolo no meu tempo, mas isso fica entre nós. Não vou me impor, apenas ficar de olho nele, garantir que se alimente bem e dizer uma palavra aqui e ali.

— Então acho que fará uma boa ação; e será bom avisar à mãe e ao irmão de Adam que está indo — disse Mr. Irwine, um pouco tranquilizado quanto à descrição de Bartle.

— Sim, senhor, sim — disse Bartle, levantando-se e tirando os óculos —, farei isso, farei isso; embora a mãe seja uma coisa lamurienta – não gosto de ficar ao alcance da voz dela; no entanto, é

uma mulher limpa e determinada, não é desleixada. Até logo, senhor, e obrigado pelo tempo dispensado. É amigo de todos nessa questão – amigo de todos. É um grande peso que tem nos ombros.

— Até logo, Bartle, até que nos encontremos em Stoniton, como suponho que faremos.

Bartle saiu apressado do presbitério, evitando as investidas de conversa de Carroll e dizendo em tom exasperado a Vixen, cujas patas curtas trotavam ao seu lado no cascalho:

— Agora, vou ser obrigado a levá-la comigo, sua mulher imprestável. Você morreria de preocupação se eu a deixasse – sabe que sim, e talvez fosse apanhada por algum vagabundo. E vai se deparar com más companhias, imagino, enfiando o focinho em todos os buracos e cantos que não são da sua conta! Mas se fizer qualquer coisa vergonhosa, vou deserdá-la – lembre-se disso, senhora, lembre-se disso!

Capítulo XLI

A Véspera do Julgamento

Um cenáculo mobilado^[156] em uma rua monótona de Stoniton, com duas camas – uma delas no chão. Eram dez horas da noite de quinta-feira, e a parede escura oposta à janela bloqueava o luar que talvez lutasse com a luz da vela com a qual Bartle Massey fingia ler, enquanto, na verdade, estava olhando, por cima dos óculos, para Adam Bede, sentado perto da janela escura.

Dificilmente saberia que era Adam se não dissessem. Seu rosto ficara mais magro nessa última semana: tinha os olhos fundos, a barba negligenciada de um homem recém-saído de um leito de doente. O cabelo preto pesado caía sobre a testa, e não havia nele nenhum impulso ativo que o induzisse a afastá-lo, para que pudesse estar mais atento ao que estava ao redor. Estava com um braço sobre as costas da cadeira e parecia olhar para as mãos entrelaçadas. Havia sido despertado por uma batida na porta.

— Aqui está ele — disse Bartle Massey, levantando-se apressado e abrindo a porta. Era Mr. Irwine.

Adam se levantou da cadeira com respeito instintivo, enquanto Mr. Irwine se aproximava e apertava sua mão.

— Estou atrasado, Adam — disse ele, sentando-se na cadeira que Bartle colocou —, mas parti mais tarde de Broxton do que pretendia, e tenho estado incessantemente ocupado desde que cheguei. Já fiz tudo agora, no entanto – tudo o que pode ser feito nesta noite, pelo menos. Vamos todos nos sentar.

Adam voltou a se sentar mecanicamente na cadeira, e Bartle, para quem não restava nenhuma cadeira, sentou-se na cama ao fundo.

— O senhor a viu? — disse Adam, tremendo.

— Sim, Adam; eu e o capelão estivemos com ela nesta noite.

— Perguntou para ela, senhor... disse alguma coisa sobre mim?

— Sim — disse Mr. Irwine, com alguma hesitação —, falei de você. Disse que gostaria de vê-la antes do julgamento, se ela consentisse.

Enquanto Mr. Irwine fazia uma pausa, Adam olhou para ele com olhos ansiosos e questionadores.

— Sabe que ela evita ver qualquer um, Adam. Não é só você — alguma influência fatal parece ter fechado o coração dela contra seus semelhantes. Quase não disse nada além de “não” para mim ou para o capelão. Três ou quatro dias atrás, antes de você ser mencionado a ela, quando perguntei se havia alguém da família que gostaria de ver — a quem pudesse se abrir —, ela respondeu com um estremecimento violento: “Diga para não se aproximarem de mim — não quero ver nenhum deles”.

A cabeça de Adam estava abaixada de novo, e ele não falou. Houve silêncio por alguns minutos, e então Mr. Irwine disse:

— Não gosto de aconselhá-lo contra seus próprios sentimentos, Adam, se agora o incitam fortemente a ir vê-la amanhã de manhã, mesmo sem o consentimento dela. É possível, apesar de parecer o contrário, que a conversa possa afetá-la de modo favorável. Mas lamento dizer que mal tenho esperança disso. Não pareceu agitada quando mencionei o seu nome; apenas disse “não”, da mesma maneira fria e obstinada de sempre. E se o encontro não tiver nenhum efeito positivo nela, seria um sofrimento puro e inútil a você — um sofrimento severo, temo. Ela está muito mudada...

Adam se levantou da cadeira e apanhou o chapéu, que estava sobre a mesa. Mas ficou parado e olhou para Mr. Irwine, como se tivesse uma pergunta a fazer que ainda era difícil de proferir. Bartle Massey se levantou calmamente, girou a chave na porta e a guardou no bolso.

— Ele voltou? — perguntou Adam, afinal.

— Não, não voltou — disse Mr. Irwine, calmo. — Largue o chapéu, Adam, a menos que queira sair comigo para tomar um pouco de ar fresco. Receio que você não tenha saído hoje.

— Não precisa me enganar, senhor — disse Adam, olhando severo para Mr. Irwine e falando em um tom de zangada desconfiança. — Não precisa ter medo de mim. Só quero justiça. Quero que ele sinta o que ela sente. Foi obra dele... ela era uma criança, teria tocado o coração de qualquer um que olhasse para ela... não me importa o que fez, foi ele que a levou a isso. E ele deve saber... deve sentir isso... se

existe um Deus justo, ele deve sentir o que é levar uma criança como ela ao pecado e à miséria.

— Não o estou enganando, Adam — disse Mr. Irwine. — Arthur Donnithorne não voltou – não havia voltado quando parti. Deixei uma carta para ele: saberá de tudo assim que chegar.

— Mas o senhor não liga para isso — disse Adam, indignado. — Acha que isso não importa enquanto ela está lá, na vergonha e na miséria, e ele não sabe de nada – não sofre nada.

— Adam, ele saberá – ele sofrerá, longa e amargamente. Ele tem coração e consciência: não posso estar inteiramente enganado sobre seu caráter. Estou convencido – tenho certeza de que não caiu em tentação sem lutar. Pode ser fraco, mas não é insensível, nem friamente egoísta. Estou convicto de que esse será um choque do qual sentirá os efeitos por toda a vida. Por que anseia por vingança dessa maneira? Nenhuma dose de tortura que pudesse infligir a ele poderia trazer benefício a ela.

— Não – Ó Deus, não — Adam gemeu, afundando-se na cadeira de novo —, mas então, essa é a maldição mais profunda de todas... é isso que torna tudo trevas... nunca vai poder ser desfeito. Minha pobre Hetty... nunca vai poder ser minha doce Hetty de novo... a coisa mais linda que Deus fez – sorrindo para mim... pensei que me amava... e que era boa...

A voz de Adam foi gradualmente reduzindo em um tom rouco, como se estivesse falando apenas a si mesmo; mas de repente disse abrupto, olhando para Mr. Irwine:

— Mas ela não é tão culpada quanto dizem? Acha que é, senhor? Ela não pode ter feito aquilo.

— Isso talvez nunca saibamos com certeza, Adam — respondeu gentilmente Mr. Irwine. — Nesses casos, às vezes formamos o nosso julgamento sobre o que nos parece forte prova, e ainda assim, por falta de conhecimento de algum pequeno fato, nosso julgamento pode estar errado. Mas suponha o pior: você não tem o direito de dizer que a culpa do crime é dela ou dele, e que ele deve arcar com o castigo. Não cabe a nós, homens, distribuir parcelas de culpa moral e retribuição. Achamos impossível evitar erros, mesmo ao determinar

quem cometeu um único ato criminoso, e o problema de até que ponto um homem deve ser responsabilizado pelas consequências imprevistas de sua ação é algo que pode muito bem nos fazer tremer ao examiná-lo. As consequências malignas que podem estar envolvidas em um único ato de indulgência egoísta é um pensamento tão terrível, que certamente deve despertar algum sentimento menos presunçoso do que um desejo precipitado de punir. Você possui uma mente que pode entender isso por completo, Adam, quando está calmo. Não suponha que eu não possa adentrar na angústia que o leva a esse estado de ódio vingativo. Mas pense nisso: se obedecesse à sua paixão – pois é paixão, e se engana ao chamá-la de justiça – poderia acontecer com você exatamente como aconteceu com Arthur; não, pior; sua paixão poderia levá-lo a um crime horrível.

— Não – não é pior — disse Adam amargamente —, não acredito que seja pior – prefiro fazer – prefiro antes fazer uma maldade que eu poderia sofrer por mim mesmo do que a ter levado a fazer maldade e depois ficar parado vendo a punirem enquanto me deixam em paz; e tudo por um pouco de prazer, pois, se ele tivesse o coração de um homem, teria preferido ter cortado a mão em vez disso. E dizer que ele não previu o que poderia acontecer? Obviamente que sabia o suficiente; não tinha o direito de esperar nada além de dano e vergonha para ela. E então quis suavizar com mentiras. Não – tem muitas coisas pelas quais as pessoas são enforcadas, que não são tão odiosas assim. Deixe um homem fazer o que quiser, se ele sabe que deve suportar a punição sozinho, ele não é tão ruim quanto um covarde egoísta mesquinho que facilita as coisas para si mesmo e sabe o tempo todo que a punição vai cair em outra pessoa.

— Aí, outra vez, engana-se em parte, Adam. Não há nenhum tipo de ação errada da qual um homem possa suportar a punição sozinho; não se pode se isolar e dizer que o mal que está em você não se espalhará. As vidas dos homens estão tão completamente misturadas umas com as outras quanto o ar que respiram: o mal se espalha tão necessariamente quanto a doença. Eu sei, sinto a terrível extensão do sofrimento que esse pecado de Arthur causou a outros; mas todo pecado causa sofrimento a outros além daqueles que o cometem. Um

ato de vingança de sua parte contra Arthur seria apenas outro mal adicionado aos quais já sofremos: você não suportaria o castigo sozinho; acarretaria os piores pesares a todos que o amam. Da forma como pensa, Adam, você pode cometer um ato de fúria cega que, além de manter todos os males presentes como estão, adicionaria males piores ainda. Pode me dizer que não medita nenhum ato fatal de vingança, mas o sentimento em sua mente é o que dá origem a tais ações, e enquanto ceder a isso, enquanto não enxergar que fixar sua mente na punição de Arthur é vingança, e não justiça, corre o risco de ser levado a cometer algum grande erro. Lembre-se do que me disse a respeito dos seus sentimentos depois de ter dado aquele golpe em Arthur no bosque.

Adam ficou em silêncio: as últimas palavras evocaram uma imagem vívida do passado, e Mr. Irwine o deixou com seus pensamentos, enquanto falava com Bartle Massey sobre o funeral do velho Mr. Donnithorne e de outros assuntos. Mas, finalmente, Adam se virou e disse, em um tom mais moderado:

— Ainda não perguntei sobre o pessoal da fazenda Hall, senhor. Mr. Poyser está vindo?

— Ele veio; está em Stoniton nesta noite. Mas não posso aconselhá-lo a vê-lo, Adam. A mente dele está em um estado muito perturbado, e é melhor que não o veja até que você esteja mais calmo.

— Dinah Morris os visitou, senhor? Seth disse que a chamaram.

— Não. Mr. Poyser me disse que ela não tinha voltado quando ele saiu. Temem que a carta não tenha chegado até ela. Parece que não tinham um endereço exato.

Adam se sentou ruminando um pouco e disse: — Pergunto-me se Dinah viria vê-la. Mas talvez os Poyser fossem totalmente contra, já que eles mesmos não iriam se aproximar dela. Mas acho que sim, pois os metodistas são ótimas pessoas para visitar prisões; e Seth disse que achava que ela iria. Ela era muito carinhosa, a Dinah; me pergunto se ela poderia ajudar. O senhor nunca a viu, não é?

— Sim, já a vi. Tive uma conversa com ela – agradou-me bastante. E agora que mencionou, gostaria que viesse, pois é possível que uma mulher gentil e suave como ela consiga comover Hetty a abrir o

coração. O capelão da prisão é um tanto duro em suas maneiras.

— Mas não adianta se ela não vier — disse Adam com tristeza.

— Se tivesse pensado nisso antes, teria tomado algumas medidas para encontrá-la — disse Mr. Irwine —, mas temo que seja tarde demais agora... Bem, Adam, tenho que ir agora. Tente descansar um pouco nesta noite. Deus o abençoe. Vejo você amanhã de manhã cedo.

Capítulo XLII

A Manhã do Julgamento

Às treze horas do dia seguinte, Adam estava sozinho no enfadonho quarto; seu relógio estava diante dele na mesa, como se estivesse contando os longos minutos. Não tinha conhecimento do que provavelmente seria dito pelas testemunhas no julgamento, pois se esquivara de todos os detalhes relacionados à prisão e acusação de Hetty. Esse homem ativo e corajoso, que teria se precipitado em qualquer perigo ou labuta para resgatar Hetty de um erro ou infortúnio constatado, sentia-se enfraquecido para contemplar o mal e o sofrimento irremediáveis. A suscetibilidade que teria sido uma força motriz onde houvesse qualquer possibilidade de ação tornou-se uma angústia impotente quando foi obrigado a ser passivo, ou então buscar uma saída ativa no pensamento de infligir justiça a Arthur. As naturezas energéticas, fortes para todas as ações extenuantes, muitas vezes se afastarão de um sofredor desesperado, como se tivessem um coração de pedra. É a sensação dominante de dor que as impulsiona. Recuam de um instinto ingovernável, como recuariam da dilaceração. Adam cogitara ver Hetty, se ela consentisse em vê-lo, porque achava que o encontro poderia ser bom para ela – poderia ajudar a derreter essa terrível frieza de que lhe falaram. Se visse que ele não nutria nenhum ressentimento pelo que lhe fizera, ela poderia abrir o coração. Mas essa resolução fora um esforço imenso – estremecia ao pensar em ver seu rosto mudado, como uma mulher receosa estremece ao pensar na faca do cirurgião –; Adam, portanto, suportava as longas horas de suspense em vez de enfrentar o que lhe parecia a agonia mais intolerável de testemunhar o seu julgamento.

O profundo sofrimento indescritível pode muito bem ser chamado de batismo, regeneração, iniciação em um novo estado. As lembranças ansiosas, o arrependimento amargo, a compaixão agonizante, os apelos pertinentes à Justiça Invisível – todas as emoções intensas, que preencheram os dias e as noites da semana passada e se comprimiam

de novo como uma multidão ansiosa nas horas desta única manhã, fizeram Adam rememorar todos os anos anteriores como se tivessem sido uma obscura existência sonolenta, e só agora tivesse despertado a plena consciência. Parecia-lhe que antes sempre achara leve o sofrimento dos homens, como se tudo o que ele próprio antes havia suportado e chamado de pesar fosse apenas um golpe momentâneo que nunca havia deixado um hematoma. Sem dúvida, uma grande angústia pode fazer o trabalho de anos, e podemos sair desse batismo de fogo com uma alma cheia de novo temor e nova piedade.

— Ó Deus — Adam gemeu, enquanto se inclinava na mesa e olhava inexpressivo para o mostrador do relógio —, e homens já sofreram assim antes... e pobres jovens indefesas sofreram como ela... Há tão pouco tempo atrás parecia tão feliz e tão linda... dando beijo em todos eles, seu avô e os outros, e eles lhe desejando boa sorte... Ó minha pobre, pobre Hetty... não pensa nisso agora?

Adam se levantou e olhou em direção à porta. Vixen começara a choramingar, e havia um som de uma bengala e um andar manco nas escadas. Era Bartle Massey que retornava. Poderia estar tudo acabado?

Bartle entrou em silêncio e, indo até Adam, agarrou sua mão e disse:

— Vim apenas dar uma olhada em você, meu garoto, pois o pessoal saiu do tribunal por um tempo.

O coração de Adam batia tão violentamente que não conseguia falar — podia apenas retribuir a pressão da mão de seu amigo — e Bartle, puxando a outra cadeira, sentou-se na frente dele, tirando o chapéu e os óculos.

— Isso é uma coisa que nunca me aconteceu antes — observou ele —, sair usando meus óculos. Esqueci completamente de tirá-los.

O professor fez essa observação trivial, pensando que era melhor não responder de forma alguma à agitação de Adam: ele deduziria, de forma indireta, que não havia nada decisivo para comunicar no momento.

— E agora — disse ele, levantando-se —, devo cuidar para que coma um pouco do pão, e beba um pouco daquele vinho que Mr. Irwine enviou nesta manhã. Ele vai ficar bravo comigo se não tomar.

Vamos, ora essa — ele continuou, trazendo a garrafa e o pão e despejando um pouco de vinho em um copo —, vou comer um pedaço e tomar um gole. Beba uma dose comigo, meu rapaz — beba comigo.

Adam empurrou o copo suavemente e disse, suplicante:

— Me conte, Mr. Massey — me conte tudo. Ela estava lá? Eles já começaram?

— Sim, meu garoto, sim — está acontecendo desde que cheguei; mas são lentos, são lentos; e tem o advogado que conseguiram para ela que coloca tudo em xeque sempre que pode e se dedica a interrogar as testemunhas e brigar com os outros advogados. Isso é tudo o que pode fazer pelo dinheiro que lhe pagam; e é uma boa quantia — uma boa quantia. Mas é um camarada perspicaz, com olhos que vão encontrar a agulha no palheiro num instante. Se um homem não tivesse sentimentos, seria tão bom quanto ver uma passeata, ouvir o que se passa no tribunal; mas um coração mole torna a pessoa estúpida. Desistiria dos números para sempre só para ter uma boa notícia para lhe trazer, meu pobre rapaz.

— Mas parece que está indo contra ela? — perguntou Adam. — Conte-me o que disseram. Devo saber agora — devo saber o que eles têm contra ela.

— Ora, os principais testemunhos contra ainda são dos médicos; exceto Martin Poyser — pobre Martin. Todos no tribunal sentiram pena dele — foi igual a um soluço, o som que fizeram quando ele se sentou de novo. O pior foi quando lhe disseram para olhar para a prisioneira na cancela. Foi bem difícil, coitado — foi bem difícil. Adam, meu garoto, o golpe o atingiu tão forte quanto atingiu você; deve ajudar o pobre Martin; deve mostrar coragem. Beba um pouco de vinho agora e me mostre que pretende suportar como um homem.

Bartle fizera o tipo certo de apelo. Adam, com ar de silenciosa obediência, pegou o copo e bebeu um pouco.

— Me conte como ela estava — disse ele em seguida.

— Assustada, muito assustada, quando a trouxeram pela primeira vez; foi a primeira aparição para a multidão e o juiz, pobre criatura. E tinha muitas mulheres ridículas com roupas finas, com bugigangas nos braços e penas na cabeça, sentadas perto do juiz: elas se vestem assim,

pode-se imaginar, para serem espantalhos e advertência contra qualquer homem que se intrometa com uma mulher de novo. Colocavam os binóculos, olhavam e sussurravam. Mas depois disso ela ficou como uma imagem branca, olhando para as mãos e parecendo não ouvir nem ver nada. E estava branca como um lençol. Não falou quando perguntaram se ela se declarava “culpada” ou “inocente”, e alegraram “inocente” por ela. Mas quando ouviu o nome do tio, pareceu sentir um arrepio atravessá-la; e quando lhe disseram para ele olhar para ela, ela abaixou a cabeça, encolheu-se e escondeu o rosto nas mãos. Ele teve muita dificuldade para falar, pobre homem, sua voz falhava tanto! E os membros da acusação – que pareciam mais duros que pregos – eu vi, pouparam-no o máximo que puderam. Mr. Irwine se aproximou dele e o acompanhou fora do tribunal. Ah, é uma coisa boa na vida de um homem ser capaz de ficar ao lado do vizinho e apoiá-lo num problema desse.

— Deus o abençoe, e o senhor também, Mr. Massey — disse Adam, em voz baixa, colocando a mão no braço de Bartle.

— Sim, sim, ele é gente de bom estofo; nosso reitor. Um homem sensato – não diz mais do que o necessário. Não é um daqueles que pensam que podem confortá-lo com tagarelice, como se o pessoal que fica parado e assistindo soubesse melhor qual é o problema do que aquele que tem de suportá-lo. Tive que lidar com esse tipo de pessoal no meu tempo – no sul, quando tive problemas. Mr. Irwine será testemunha, eventualmente, a favor dela, sabe, para falar sobre o seu caráter e trazê-lo à tona.

— Mas o outro testemunho... é muito forte contra ela? — perguntou Adam. — O que acha, Mr. Massey? Diga-me a verdade.

— Sim, meu rapaz, sim. A verdade é a melhor coisa a dizer. Sempre aparece, afinal. O testemunho dos médicos é grave – é grave. Mas ela continua negando que teve um bebê do começo ao fim. Essas pobres mulheres estúpidas – não entendem que não adianta negar o que foi provado. Isso vai fazer com que o júri fique contra ela, imagino, sendo tão obstinada: podem ficar menos dispostos a recomendar a misericórdia, se o veredicto for contra ela. Mas Mr. Irwine vai mover céus e terras com o juiz – pode contar com isso, Adam.

— Não tem ninguém para ficar do lado dela e cuidar dela no tribunal? — perguntou Adam.

— Tem o capelão da prisão que se senta perto dela, mas é um homem astuto com cara de fuinha – um tipo bastante diferente de Mr. Irwine. Dizem que os capelães da prisão são na sua maior parte as sobras do clero.

— Tem um homem que devia estar lá — disse Adam, amargamente. Em seguida, endireitou-se e olhou fixo para fora da janela, parecia revirar alguma nova ideia na mente.

— Mr. Massey — disse por fim, afastando o cabelo da testa —, vou voltar com o senhor. Vou para o tribunal. É covardia minha ficar longe. Vou ficar ao lado dela – cuidar dela – apesar de ela ter sido enganosa. Não deveriam rejeitá-la – seu próprio sangue. A gente entrega o pessoal à misericórdia de Deus, e não a demonstra a ninguém. Eu costumava ser severo às vezes: nunca mais vou ser severo de novo. Eu vou, Mr. Massey – vou com o senhor.

Havia uma decisão na atitude de Adam que teria impedido Bartle de se opor a ele, mesmo que tivesse desejado fazê-lo. Mas ele apenas disse:

— Coma um pouco, então, e tome outro gole, Adam, por mim. Veja, também tive que comer um pedaço. Agora, pegue um pouco.

Encorajado por essa resolução, Adam pegou um pedaço de pão e bebeu um pouco de vinho. Estava fatigado e com a barba por fazer, como no dia anterior, mas ficou de pé, endireitando-se, e parecia mais o Adam Bede de antigamente.

Capítulo XLIII

O Veredicto

O lugar usado naquele dia como tribunal de justiça era um grande salão antigo, agora destruído pelo fogo. A luz do meio-dia que caía sobre o pavimento fechado de cabeças humanas era lançada através de uma linha de janelas altas e pontiagudas, matizadas com os tons suaves de velhos vidros pintados. Armaduras sombrias e empoeiradas pendiam em alto-relevo na frente da galeria de carvalho escuro na extremidade mais distante, e sob o amplo arco da grande janela gradeada oposta estendia-se uma cortina de tapeçaria antiga, coberta com vagas figuras melancólicas, como um sonho indistinto e adormecido do passado. Era um lugar que durante o resto do ano era assombrado pelas lembranças fantasmagóricas de velhos reis e rainhas, infelizes, destronados, aprisionados; mas agora todas essas sombras haviam fugido, e nenhuma alma no vasto salão sentiu a presença de alguém, exceto de uma tristeza viva, que tremia em corações calorosos.

Mas essa tristeza parecia ter se feito sentir debilmente até então, agora que a figura alta de Adam Bede foi de repente vista sendo conduzida para o lado do banco dos réus. Na ampla luz do sol do grande salão, entre os rostos barbeados e lisos de outros homens, as marcas de sofrimento em seu rosto eram surpreendentes até mesmo para Mr. Irwine, que o vira pela última vez na penumbra do pequeno quarto; e os vizinhos de Hayslope que estavam presentes, e que contaram a história de Hetty Sorrel ao lado de fogueiras na velhice, nunca se esqueceram de dizer como isso os comoveu quando Adam Bede, pobre coitado, mais alto do que a maioria das pessoas ao redor, entrou no tribunal e tomou seu lugar ao lado dela.

Mas Hetty não o viu. Estava na mesma posição que Bartle Massey descrevera, com as mãos cruzadas e os olhos fixos nelas. Adam não ousara olhar para ela nos primeiros momentos, mas por fim, quando a atenção do tribunal foi desviada pelo processo, virou o rosto em

direção a ela com a resolução de não se esquivar.

Por que lhe disseram que ela estava tão mudada? No cadáver que amamos vemos a semelhança de outrora – é a semelhança que se faz mais intensa, pois algo que existia não existe mais. Lá estavam eles – o rosto e o pescoço meigos, com cachos escuros de cabelos, os cílios longos e escuros, as bochechas arredondadas e os lábios amuados – pálida e magra, sim, mas igual a Hetty, e apenas a Hetty. Outros pensaram que ela parecia como se algum demônio lhe tivesse lançado um olhar pernicioso, definhando sua alma de mulher e deixando apenas uma dura obstinação desesperada. Mas o amor de Adam era como o anseio de uma mãe, aquele tipo mais completo de vida em outra vida, que é a essência do verdadeiro amor humano, que sente a presença do filho querido mesmo no homem humilhado e degradado; e para Adam, essa culpada pálida e de aparência séria era a Hetty que sorria para ele no jardim sob os ramos das macieiras – ela era o cadáver daquela Hetty, que ele estremecera ao olhar pela primeira vez, e depois relutou em desviar os olhos.

Mas em seguida, ouviu algo que o compeliu a escutar e tornou o sentido da visão menos acentuado. Uma mulher estava no banco das testemunhas, uma mulher de meia-idade, que falou com voz firme e distinta. Ela disse:

— Meu nome é Sarah Stone. Sou viúva e mantenho uma pequena loja autorizada a vender tabaco, rapé e chá em Church Lane, Stoniton. A prisioneira na cancela é a mesma jovem que chegou, parecendo doente e cansada, com uma cesta no braço, e pediu hospedagem na minha casa no sábado à noite, dia 27 de fevereiro. Ela tinha achado que a casa fosse uma pousada, por causa da placa na porta. Quando disse que eu não recebia hóspedes, a prisioneira começou a chorar, e disse que *tava* muito cansada *pra* ir a qualquer outro lugar, e só queria um leito por uma noite. E sua beleza, condição, roupas e aparência respeitáveis –, e o problema que ela parecia ter –, fez com que meu coração não conseguisse *mandar ela* embora imediatamente. Pedi que se sentasse, dei um pouco de chá e perguntei *pra* onde *tava* indo e onde *tavam* seus amigos. Ela disse que *tava* voltando *pra* casa e *pros* amigos: eram fazendeiros de bem longe, e ela tinha feito uma longa

viagem que havia custado mais dinheiro do que esperava, então como quase não tinha dinheiro no bolso, tinha medo de ir aonde custaria muito. Foi obrigada a vender a maioria das coisas de sua cesta, mas de bom grado daria um xelim por um leito. Não vi razão *pra* não aceitar que a jovem passasse a noite. Eu tinha apenas um quarto, mas tinha duas camas nele, e disse a ela que poderia ficar comigo. Pensei que ela tivesse sido enganada e se metido em problemas, mas se *tivesse* indo *pra* casa de amigos, seria bom mantê-la longe de mais perigos.

A testemunha então afirmou que durante a noite uma criança nasceu, e identificou as roupas de bebê que lhe foram mostradas como aquelas com as quais ela mesma vestira a criança.

— Essas são as roupas. Eu mesma as fiz e mantive comigo desde que meu último filho nasceu. Tive muito trabalho tanto com a criança quanto com a mãe. Não pude deixar de me apegar à criaturinha e ficar ansiosa. Não mandei chamar um médico, pois não parecia ser necessário. Disse à mãe durante o dia que deveria me dizer o nome dos amigos, onde moravam e me deixar escrever *pra* eles. Ela disse que eventualmente escreveria, mas não naquele dia. E me contrariando levantou e se vestiu, apesar de tudo o que eu pudesse dizer. Disse que se sentia bastante forte; e foi incrível a disposição que mostrou. Mas não sabia muito bem o que fazer com ela e, à noite, decidi que iria, após o término do culto, falar com nosso clérigo sobre isso. Saí de casa por volta das oito e meia. Não saí pela porta da loja, mas pela porta dos fundos, que se abre em um beco estreito. Moro no andar térreo da casa, e a cozinha e o quarto dão *pro* beco. Deixei a prisioneira sentada perto do fogo na cozinha com o bebê no colo. Ela não chorava ou parecia abatida, como na noite anterior. Achei que tinha um olhar estranho, e ficou um pouco ruborizada ao anoitecer. Fiquei com receio de febre e pensei em pedir a uma conhecida minha, uma mulher experiente, que voltasse comigo quando eu saísse. Era uma noite muito escura. Não tranquei a porta; não tinha fechadura; era um trinco com ferrolho por dentro, e quando não tinha ninguém em casa eu sempre saía pela porta da loja. Mas não pensei que tinha perigo em deixá-la destrancada por pouco tempo. Demorei mais do que pretendia, pois tive que esperar pela mulher que voltou comigo.

Passou uma hora e meia antes da gente voltar, e quando entramos, a vela *tava* acesa assim como a deixei, mas a prisioneira e o bebê tinham sumido. Ela pegou a capa e o gorro, mas deixou a cesta e as coisas nela... fiquei extremamente assustada e zangada por ela ter ido embora. Não fui prestar queixa porque não pensei que quisesse fazer algum mal, e sabia que ela tinha dinheiro no bolso *pra* pagar por comida e hospedagem. Não queria colocar nenhum guarda atrás dela, pois ela tinha o direito de ir embora se quisesse.

O efeito desse testemunho em Adam foi elétrico; deu-lhe nova força. Hetty não poderia ser culpada do crime – seu coração devia ter se apegado ao bebê – senão, por que o levaria com ela? Poderia tê-lo deixado para trás. A criaturinha morreria naturalmente, e então ela a escondera. Os bebês eram tão suscetíveis a morrer – e poderia haver as mais fortes suspeitas sem qualquer prova de culpa. Sua mente estava tão ocupada com argumentos imaginários contra tais suspeitas, que não conseguia ouvir o interrogatório do advogado de Hetty, que tentou, sem resultado, obter provas de que a prisioneira demonstrara algumas manifestações de afeto maternal pela criança. Durante todo o tempo em que essa testemunha estava sendo interrogada, Hetty permaneceu tão imóvel quanto antes: nenhuma palavra parecia capturar seus ouvidos. Mas o som da voz da próxima testemunha tocou um acorde que ainda era sensível, deu um sobressalto e um olhar assustado para ele, mas imediatamente virou a cabeça e olhou para as mãos como antes. Essa testemunha era um homem, um camponês rude. Ele disse:

— Meu nome é John Olding. Sou trabalhador do campo e moro em Tedd's Hole, a três quilômetros de Stoniton. Uma semana antes da segunda-feira passada, por volta de uma hora da tarde, *tava* indo *pro* matagal Hetton e, a cerca de quatrocentos metros do matagal, vi a prisioneira, numa capa vermelha, sentada sob um palheiro não muito longe do saltador. Ela se levantou quando me viu e parecia que *tava* caminhando *pro* outro lado. Era uma estrada regular pelos campos, e nada muito incomum ver uma jovem ali, mas eu a notei porque parecia pálida e assustada. Pensaria que era uma mendiga, senão fosse suas boas roupas. Achei que parecia um pouco desequilibrada, mas

não era da minha conta. Eu me levantei e olhei *pra* trás, mas ela continuou andando enquanto *tava* à vista. Eu tive que ir *pro* outro lado do matagal *pra* cuidar de umas estacas. Tem uma estrada através dele, e umas aberturas aqui e ali, onde as árvores foram cortadas, e algumas delas não foram levadas. Não fui direto ao longo da estrada, mas virei no meio e tomei um caminho mais curto em direção ao local aonde queria chegar. Não tinha saído muito da estrada *pra* dentro das áreas abertas quando ouvi um choro estranho. Achei que não vinha de nenhum animal que eu conhecesse, mas não parei *pra* olhar naquele momento. Mas continuou, e me pareceu tão estranho naquele lugar que não pude deixar de parar *pra* olhar. Comecei a pensar que poderia ganhar algum dinheiro com isso, se fosse uma criatura nova. Mas tive muito trabalho *pra* saber de onde vinha e por um bom tempo continuei olhando *pros* ramos. E então pensei que vinha do chão; e tinha um monte de pedaços de madeira espalhados, pedaços soltos de relva e uns troncos. E procurei entre eles, mas não consegui encontrar nada, e finalmente o choro parou. Então já *tava pra* desistir e continuei com minhas tarefas. Mas quando voltei pelo mesmo caminho quase uma hora depois, não pude evitar de deixar as estacas no chão *pra* dar uma outra olhada. E quando parei e colocava as estacas no chão, vi algo estranho, redondo e esbranquiçado no chão sob uma nogueira ao meu lado. E me abaixei para pegá-lo. E vi que era a mão *dum* bebezinho.

Com essas palavras, uma comoção percorreu o tribunal. Hetty estava visivelmente agitada; agora, pela primeira vez, parecia ouvir o que uma testemunha dizia.

— Tinha um monte de pedaços de madeira colocados bem onde o chão afundava, meio que debaixo do arbusto, e a mão saía do meio deles. Mas tinha um buraco deixado num lugar e eu conseguia ver dentro dele e ver a cabeça da criança; e me apressei, afastei a relva e as aparas e tirei a criança. Vestia roupas confortáveis, mas o corpo *tava* frio achei que devia *tá* morta. Voltei correndo com ela da floresta e levei *pra* minha esposa. Ela disse que *tava* morta e que era melhor eu levá-la até a paróquia e contar *pra* polícia. E eu disse: “Aposto minha vida que é o bebê daquela jovem que encontrei indo *pro* matagal”.

Mas ela parecia ter sumido de vista. Levei a criança *pra* paróquia de Hetton e contei ao policial, e fomos ao juiz Hardy. Então a gente foi procurar a jovem até anoitecer, e demos informações em Stoniton, pois poderiam detê-la. E na manhã seguinte outro policial veio *pra* eu acompanhá-lo ao local onde eu havia encontrado a criança. E quando a gente chegou, lá *tava* a prisioneira sentada encostada no arbusto onde encontrei a criança; e ela gritou quando viu a gente, mas não tentou se mover. Tinha um grande pedaço de pão no colo.

Adam dera um leve gemido de desespero enquanto essa testemunha falava. Escondera o rosto no braço, que estava apoiado na divisória de madeira à sua frente. Foi o momento supremo de seu sofrimento: Hetty era culpada; e ele silenciosamente clamava a Deus por ajuda. Não ouvia mais nada do testemunho e estava inconsciente quando o caso da acusação foi encerrado – inconsciente de que Mr. Irwine estivera no banco das testemunhas, contando sobre o caráter imaculado de Hetty na paróquia e os hábitos virtuosos nos quais fora criada. Esse testemunho não poderia ter influência no veredicto, mas foi dado como parte do pedido de misericórdia que seu advogado teria feito se tivesse permissão para falar por ela – um favor que não era concedido a criminosos naqueles tempos rigorosos.

Por fim, Adam ergueu a cabeça, pois havia uma movimentação geral ao redor. O juiz se dirigiu ao júri, e eles estavam se retirando. O momento decisivo não estava longe. Adam sentiu um estremecimento de horror que não o deixava olhar para Hetty, mas ela há muito recaíra em sua indiferença dura e vazia. Em todos os olhares havia hostilidade, mas ela permanecia como uma estátua em inerte desespero.

Houve uma mistura de farfalhar, sussurros e zumbidos baixos em todo o tribunal durante esse intervalo. O desejo de ouvir foi suspenso, e todos tinham algum sentimento ou opinião para expressar em voz baixa. Adam se sentou olhando sem expressão adiante, mas não via o que acontecia bem em frente dos olhos – o advogado e os membros da acusação conversavam com um ar de indiferença, Mr. Irwine em um diálogo baixo e sério com o juiz – não viu Mr. Irwine se sentar de novo agitado e balançar a cabeça triste quando alguém sussurrou para

ele. A ação interior era muito intensa para Adam absorver os acontecimentos externos, até que alguma forte sensação o despertou.

Não demorou muito, pouco mais de quinze minutos, antes que a batida que informava que o júri chegara a uma decisão soasse como um sinal de silêncio em todos os ouvidos. É sublime – aquela pausa repentina de uma grande multidão que mostra que uma alma se move em todos eles. Cada vez mais profundo o silêncio parecia se tornar, como a noite que se aprofundava, enquanto os nomes dos jurados eram chamados, a prisioneira foi obrigada a levantar a mão, e o júri foi questionado sobre o veredicto.

— Culpada.

Era o veredicto que todos esperavam, mas houve um suspiro de decepção de alguns corações que foi seguido por nenhuma recomendação de misericórdia. Ainda assim, a compaixão do tribunal não estava com a prisioneira. A falta de naturalidade de seu crime se destacava ainda mais severamente ao lado de sua dura imobilidade e obstinado silêncio. Mesmo o veredicto, para olhos distantes, não parecia comovê-la, mas aqueles que estavam perto a viam tremendo.

A quietude foi menos intensa até o juiz colocar o gorro preto, e o capelão em sobrepeliz ser avistado atrás dele. Então ela se acentuou novamente, antes que o oficial tivesse tido tempo de ordenar silêncio. Se algum som foi ouvido, deve ter sido o som dos corações batendo. O juiz falou:

— Hetty Sorrel...

O sangue subiu ao rosto de Hetty e sumiu de novo quando ela olhou para o juiz e manteve os olhos arregalados fixos nele, como se estivesse fascinada pelo medo. Adam ainda não se virara em direção a ela, havia um profundo horror, como um grande abismo entre eles. Mas com as palavras: “a ré será enforcada até que esteja morta” um grito lancinante soou pelo salão. Era o grito de Hetty. Adam se levantou e estendeu os braços em direção a ela. Mas os braços não conseguiram alcançá-la: ela caíra desmaiada e foi carregada para fora do tribunal.

Capítulo XLIV

O Retorno de Arthur

Quando Arthur Donnithorne desembarcou em Liverpool e leu a carta de tia Lydia, anunciando brevemente a morte do avô, seu primeiro sentimento foi: “Pobre avô! Gostaria de ter chegado para estar com ele quando morreu. Pode ter sentido ou desejado algo que nunca saberei. Foi uma morte solitária”.

É impossível dizer que seu luto era mais profundo do que isso. Piedade e suave lembrança tomaram o lugar do antigo antagonismo, e nos pensamentos ocupados sobre o futuro, enquanto o cabriolé o levava rapidamente para a casa da qual agora seria o dono, havia um esforço contínuo para se lembrar de qualquer coisa pela qual pudesse mostrar consideração pelos desejos do avô, sem contrariar os próprios estimados objetivos para o bem dos inquilinos e da propriedade. Mas não é da natureza humana – apenas da pretensão humana – que um jovem como Arthur, de bom temperamento e boa disposição, pensando bem de si mesmo, acreditando que os outros pensam bem dele e tendo uma intenção muito ardente de lhes dar mais e mais razões para essa boa opinião – não é possível para um homem tão jovem, assumindo uma propriedade esplêndida devido à morte de um homem muito velho de quem não gostava, sentir algo muito diferente de uma alegria exultante. *Agora* sua vida real estava começando; agora teria espaço e oportunidade de ação, e os usaria. Mostraria ao povo de Loamshire o que era um belo cavalheiro do campo; não trocaria essa carreira por nenhuma outra no mundo. Sentiu-se cavalgando sobre as colinas nos dias arejados de outono, cuidando dos planos favoritos de drenagem e cerco; depois admirado nas manhãs sombrias como o melhor cavaleiro no melhor cavalo da caça; considerado nos dias de mercado como um senhorio de primeira classe; eventualmente fazendo discursos nos banquetes de eleição e mostrando um conhecimento maravilhoso de agricultura; o patrono de novos arados e brocas, o severo repreendedor de negligentes proprietários de terras

e, sobretudo, um camarada alegre de quem todos gostavam – rostos felizes o cumprimentando em toda parte na propriedade e as famílias vizinhas nos melhores termos com ele. Os Irwines jantariam com ele todas as semanas, e teriam sua própria carruagem para vir, pois de alguma maneira muito delicada que Arthur planejaria, o funcionário dos dízimos de Hayslope insistiria em pagar mais algumas centenas ao vigário; sua tia estaria o mais confortável possível e continuaria vivendo na reserva de caça, se quisesse, apesar dos velhos costumes melindrosos – pelo menos até que se casasse, e esse evento estava em indistinto segundo plano, pois Arthur não encontrara ainda a mulher que faria o papel de esposa para o cavalheiro do campo de primeira classe.

Esses eram os principais pensamentos de Arthur, na medida em que as reflexões de um homem durante horas de viagem podem ser resumidas em algumas frases, que são apenas como a lista de nomes que dizem quais serão as cenas em um longo panorama cheio de cores, detalhes e vida. Os rostos felizes que Arthur via o cumprimentando não eram pálidas abstrações, mas verdadeiros rostos corados, há muito tempo familiares: Martin Poyser estava lá – toda a família Poyser.

E – Hetty?

Sim; pois Arthur estava à vontade com Hetty – não muito à vontade com o passado, pois uma certa ardência nas orelhas vinha sempre que pensava nas cenas com Adam em agosto passado, mas à vontade com a situação atual dela. Mr. Irwine, que era um correspondente regular, contando-lhe todas as novidades sobre os velhos lugares e pessoas, enviara-lhe uma mensagem há quase três meses de que Adam Bede não se casaria com Mary Burge, como pensava, mas com a bela Hetty Sorrel. Martin Poyser e o próprio Adam contaram tudo a respeito para Mr. Irwine – que Adam estivera profundamente apaixonado por Hetty nesses dois anos, e que agora estava acordado que se casariam em março. Aquele Adam independente e robusto era mais suscetível do que o reitor havia pensado; era realmente um caso de amor bastante idílico; e se não tivesse demorado muito para contar em uma carta, teria gostado de descrever a Arthur os olhares ruborizados e as

simples palavras fortes com as quais o honesto bom camarada contara seu segredo. Ele sabia que Arthur gostaria de ouvir que Adam tinha esse tipo de felicidade em perspectiva.

Sim, de fato! Arthur sentiu que não havia ar suficiente no cômodo para satisfazer sua vida renovada, quando lera essa passagem na carta. Abriu as janelas, saiu correndo para o ar de dezembro e cumprimentou todos que falaram com ele com uma alegria ansiosa, como se houvesse notícias de uma nova vitória de Nelson.^[157] Pela primeira vez naquele dia desde que chegara a Windsor, estava com um verdadeiro espírito juvenil. A carga que o esmagava desaparecera, o medo assombroso sumira. Pensou que poderia superar a amargura em relação a Adam agora – poderia lhe oferecer a mão e pedir para ser seu amigo novamente, apesar daquela lembrança dolorosa que ainda fazia suas orelhas arderem. Fora abatido e forçado a contar uma mentira: essas coisas deixam uma cicatriz, faça o que fizer. Mas se Adam era o mesmo de antigamente, Arthur desejava ser o mesmo também, e ter Adam envolvido em seus negócios e futuro, como sempre desejara antes do maldito encontro em agosto. Não, faria muito mais por Adam do que deveria fazer quando tomasse posse da propriedade; o marido de Hetty tinha uma reivindicação especial – a própria Hetty deveria sentir que qualquer dor que tivesse sofrido por causa de Arthur no passado seria recompensada cem vezes. Pois realmente ela não poderia ter sentido muito, já que tão cedo decidira se casar com Adam.

Percebe-se com clareza que tipo de imagem Adam e Hetty fizeram no panorama dos pensamentos de Arthur em sua jornada de volta para casa. Era março agora; eles estavam prestes a se casar: talvez já estivessem casados. E *agora* estava realmente em seu poder fazer muito por eles. Doce – doce pequena Hetty! A mocinha não se importava com ele metade do que ele se importava com ela; pois era um grande tolo apaixonado ainda – estava quase com medo de vê-la – de fato, não se importava muito em olhar para qualquer outra mulher desde que se separara dela. Aquela pequena figura vindo em sua direção no bosque, aqueles olhos juvenis de franjas escuras, os adoráveis lábios erguidos para beijá-lo – aquela imagem não

desvanecera com o decorrer dos meses. E ela ficaria da mesma forma. Era impossível pensar em como poderia encontrá-la: decerto estremeceria. Estranho quanto tempo esse tipo de influência dura, pois certamente ele não amava Hetty, apenas a desejava. Mas desejava sinceramente, há meses, que ela se casasse com Adam, e não havia nada que contribuísse mais para sua felicidade nesses momentos do que o pensamento de seu casamento. Era o efeito exagerado da imaginação que fazia o coração bater um pouco mais rápido ao pensar nela. Quando visse a criaturinha de novo como realmente era, como a esposa de Adam, trabalhando de forma bastante prosaica em seu novo lar, talvez devesse se perguntar sobre a possibilidade de seus sentimentos passados. Graças a Deus que acabou tão bem! Teria muitos negócios e interesses para preencher a vida agora, e não correria o risco de bancar o tolo de novo.

Era agradável o estalo do chicote do postilhão! Agradável a sensação de ser levado com rapidez e facilidade pelas cenas inglesas, tão parecidas com as de seu lar, só que não tão charmosas. Aqui estava uma cidade mercantil – muito parecida com Treddleston – onde os brasões dos senhores de terras eram ostentados na placa da estalagem principal; em seguida, meros campos e sebes, suas proximidades de uma cidade mercantil carregando uma sugestão agradável de alta renda, até que a terra começou a assumir uma aparência mais aparada, as florestas eram mais frequentes e, por fim, uma mansão branca ou vermelha vista de uma moderada proeminência, ou permitia o vislumbre dos parapeitos e chaminés entre as densas multidões de carvalhos e olmos – multidões avermelhadas agora com botões prematuros. E ali perto estava a aldeia: a pequena igreja, com telhado de telhas vermelhas, parecendo humilde mesmo entre as casas de enxaimel desbotadas; as velhas lápides verdes com urtigas em volta; nada fresco e radiante, exceto as crianças, arregalando os olhos para a rápida carruagem; nada barulhento e movimentado, exceto os latidos dos vira-latas de misterioso pedigree. Que aldeia muito mais bonita era Hayslope! E não seria negligenciada como esse lugar: reparos eficazes seriam feitos em todos os lugares dos edifícios agrícolas e casas de campo, e

viajantes em carruagens, vindos pela estrada de Rosseter, não fariam nada além de admirar o caminho. E Adam Bede supervisionaria todos os reparos, pois tinha uma participação nos negócios de Burge agora e, se quisesse, Arthur investiria algum dinheiro na companhia e a tornaria sua em um ou dois anos. Aquilo foi uma falha infame na vida de Arthur, aquele caso no verão passado, mas o futuro faria reparações. Muitos homens teriam mantido um sentimento de vingança em relação a Adam, mas *ele* não o faria – superaria com firmeza toda pequenez desse tipo, pois certamente errara muito; e, embora Adam tivesse sido severo e violento, e lhe impusesse um dilema doloroso, o pobre camarada estava apaixonado e tivera uma real provocação. Não, Arthur não tinha um sentimento maligno em mente em relação a nenhum ser humano: estava feliz e faria feliz qualquer um que estivesse ao seu alcance.

E aqui estava finalmente a querida e velha Hayslope, adormecida, na colina, como um velho lugar quieto como era, sob a luz do sol do final da tarde, e do lado oposto a ela as grandes colinas Binton; abaixo a escuridão arroxeadada dos bosques, e por fim, a frente pálida da Abadia, aparecendo por entre os carvalhos da reserva de caça, como se ansiosa pelo retorno do herdeiro. “Pobre avô! E jaz morto ali. *Ele* já foi um jovem camarada, tomando posse da propriedade e fazendo planos. Então o mundo gira! Tia Lydia deve estar muito desolada, coitada; mas será mimada tanto quanto mima seu gordo Fido”.

As rodas do cabriolé de Arthur foram ouvidas ansiosamente na reserva de caça, pois era sexta-feira, e o funeral já fora adiado por dois dias. Antes que se aproximasse do cascalho do pátio, todos os criados da casa se reuniram para recebê-lo com uma recepção grave e decorosa, condizente com uma casa de um morto. Um mês atrás, talvez, teria sido difícil manter uma tristeza adequada em seus rostos, quando Mr. Arthur viesse tomar posse; mas os corações dos criados-chefes estavam pesados naquele dia por outra causa que não a morte do velho fidalgo, e mais de um deles desejava estar a trinta quilômetros de distância, como estava Mr. Craig, sabendo o que aconteceria com Hetty Sorrel – a bela Hetty Sorrel – a quem costumavam ver todas as semanas. Mas eles tinham a parcialidade dos

criados domésticos que apreciam suas posições e, portanto, não estavam dispostos a partilhar da severa indignação sentida contra Arthur pelos inquilinos agrícolas, mas, sim, a arranjar-lhe desculpas; todavia, a criadagem superior, que mantinha relações de vizinhança com os Poysers há muitos anos, não podia deixar de sentir que o evento tão esperado da chegada do jovem fidalgo na propriedade fora despojado de toda a agradabilidade.

Para Arthur não era nada surpreendente que os criados parecessem sérios e tristes: ele mesmo estava muito emocionado ao vê-los todos outra vez e sentindo que tinha uma nova relação com eles. Era aquele tipo de emoção patética que traz mais prazer do que dor – que talvez seja um dos mais deliciosos de todos os estados para um homem de boa índole, consciente do poder de satisfazer sua boa índole. Seu coração se encheu agradavelmente quando disse:

— Bem, Mills, como está minha tia?

Mas agora Mr. Bygate, o advogado, que estava na casa desde o anúncio da morte, apresentou-se para cumprimentá-lo com deferência e responder a todas as perguntas, e Arthur caminhou com ele em direção à biblioteca, onde sua tia Lydia o esperava. Tia Lydia era a única pessoa na casa que não sabia nada sobre Hetty. Seu pesar como filha solteira não estava misturado com quaisquer outros pensamentos além da ansiedade acerca dos preparativos para o funeral e sua futura sina; e, à maneira das mulheres, lamentou pelo pai que tornara sua vida importante, ainda mais porque tinha a íntima sensação de que existia pouco luto por ele em outros corações.

Mas Arthur beijou o rosto choroso com mais ternura do que jamais fizera na vida.

— Querida tia — disse ele, com afeto, enquanto segurava a mão dela —, *sua* perda é a maior de todas, mas deve me dizer como tentar compensá-la pelo resto de sua vida.

— Foi tão repentino e tão terrível, Arthur — começou a pobre Miss Lydia, derramando suas pequenas queixas, e Arthur se sentou para ouvir com impaciente paciência. Quando houve uma pausa, ele disse:

— Agora, tia, vou deixá-la por quinze minutos apenas para ir ao meu quarto, e então voltarei e darei total atenção a tudo.

— Suponho que meu quarto esteja pronto, Mills? — disse ao mordomo, que parecia demorar-se inquieto no vestíbulo.

— Sim, senhor, e chegaram cartas *pro* senhor, estão todas em cima da escrivaninha no seu toucador.

Ao entrar na pequena antessala que era chamada de toucador, mas que na verdade Arthur usava somente para descansar e escrever, apenas lançou os olhos para a escrivaninha e viu que havia várias cartas e pacotes ali; mas estava na desconfortável condição aborrecida de um homem que tivera uma longa viagem apressada, e realmente precisava se refrescar cuidando um pouco de sua toalete antes de ler as cartas. Pym estava lá, preparando tudo para ele, e logo, sentindo um delicioso frescor, como se estivesse pronto para começar um novo dia, voltou para o toucador para abrir as cartas. Os raios suaves do sol da tarde entravam diretamente pela janela e, enquanto Arthur se sentava na cadeira de veludo sentindo um calor agradável, tinha consciência daquele bem-estar tranquilo que talvez nós tenhamos sentido em uma tarde ensolarada quando, em nossa mais radiante juventude e saúde, a vida nos abria uma nova perspectiva, e longos porvires de atividade se estendiam diante de nós como uma adorável planície que não havia necessidade de pressa para olhar, porque era toda nossa.

A primeira carta fora colocada com o endereço para cima: tinha a caligrafia de Mr. Irwine, Arthur percebeu de imediato; e abaixo do endereço estava escrito: “A ser entregue assim que ele chegar”. Nada poderia ter sido menos surpreendente do que uma carta de Mr. Irwine naquele momento: claro, havia algo que ele desejava que Arthur soubesse o mais cedo possível para se encontrarem. Em um momento como aquele era bastante natural que Irwine tivesse algo urgente a dizer. Arthur quebrou o selo com uma agradável expectativa de logo encontrar o escritor.

“Envio esta carta para que a receba em sua chegada, Arthur, porque posso então estar em Stoniton, onde fui chamado pelo dever mais doloroso que já me foi dado cumprir, e é certo que saiba o que tenho para lhe dizer sem demora. Não tentarei acrescentar uma palavra de reprovação à

retribuição que agora recai sobre você: quaisquer outras palavras que pudesse escrever neste momento seriam fracas e sem sentido ao lado daquelas em que devo lhe contar o simples fato: Hetty Sorrel está na prisão e será julgada na sexta-feira pelo crime de infanticídio”...

Arthur não leu mais. Levantou-se da cadeira e ficou parado por um único minuto com uma sensação de violenta convulsão em todo o corpo, como se a vida estivesse saindo dele com horríveis pulsações; mas no minuto seguinte, saiu correndo do quarto, ainda agarrando a carta – corria pelo corredor e descia as escadas para o vestíbulo. Mills ainda estava lá, mas Arthur não o viu, pois passou pelo vestíbulo como um homem perseguido e saiu pelo cascalho. O mordomo correu atrás dele o mais rápido que as pernas idosas lhe permitiam correr: adivinhava, sabia, para onde o jovem fidalgo estava indo.

Quando Mills chegou aos estábulos, um cavalo estava sendo selado e Arthur se forçava a ler as palavras restantes da carta. Enfiou-a no bolso enquanto o cavalo era levado até ele e, naquele momento, avistou o rosto ansioso de Mills à sua frente.

— Diga a eles que parti – parti para Stoniton — disse ele, em um tom abafado de agitação – pulou na sela e partiu a galope.

Capítulo XLV

Na Prisão

Perto do pôr do sol naquela tarde, um idoso estava parado encostado na porta de entrada menor da prisão de Stoniton, dizendo algumas últimas palavras ao capelão que partia. O capelão se afastou, mas o idoso ficou parado, olhando para a calçada e acariciando o queixo com um ar ruminante, quando foi despertado por uma clara voz doce feminina dizendo:

— Posso entrar na prisão, por favor?

Virou a cabeça e olhou fixamente para a interlocutora por alguns momentos sem responder.

— Já a vi antes — disse ele afinal. — Lembra de ter pregado na praça da aldeia em Hayslope, em Loamshire?

— Sim, senhor, certamente. É o cavalheiro que ficou para ouvir montado a cavalo?

— Sim. Por que quer entrar na prisão?

— Quero ver Hetty Sorrel, a jovem que foi condenada à morte – e ficar com ela, se me permitirem. Tem autoridade na prisão, senhor?

— Sim; sou magistrado e posso conseguir permissão para você. Mas conhece essa criminosa, Hetty Sorrel?

— Sim, somos parentes. Minha tia é casada com o tio dela, Martin Poyser. Mas eu estava em Leeds e não soube desse grande problema a tempo de chegar aqui antes. Rogo-lhe, senhor, pelo amor de nosso Pai celestial, que me deixe vê-la e ficar com ela.

— Como sabia que ela foi condenada à morte, se acabou de chegar de Leeds?

— Vi meu tio depois do julgamento, senhor. Ele voltou para casa agora, e a pobre pecadora foi abandonada por todos. Imploro que consiga uma licença para eu ficar com ela.

— O quê?! Tem coragem de ficar por toda a noite na prisão? Ela é muito taciturna, e dificilmente responde quando alguém fala com ela.

— Oh, senhor, pode ser do agrado de Deus que o coração dela

ainda se abra. Não vamos nos atrasar.

— Vamos, então — disse o idoso, sinalizando e recebendo admissão —, sei que você tem uma chave para destrancar corações.

Dinah tirou automaticamente o gorro e o xale assim que chegaram ao pátio da prisão, pelo hábito que tinha de se desfazer deles quando pregava ou orava, ou visitava os enfermos; e quando entraram na sala do carcereiro, colocou-os em uma cadeira sem pensar. Não havia agitação visível nela, mas uma profunda calma concentrada, como se, mesmo enquanto falava, sua alma estivesse em oração repousando em um apoio invisível.

Depois de falar com o carcereiro, o magistrado se virou para ela e disse:

— O guarda vai levá-la para a cela da prisioneira e deixá-la lá por uma noite, se desejar, mas não pode ter luz durante a noite — é contrário às regras. Meu nome é coronel Townley: se puder ajudá-la em alguma coisa, peça ao carcereiro o meu endereço e venha até a mim. Eu me interesso por essa tal de Hetty Sorrel, pelo bem daquele bom camarada, Adam Bede. Por acaso, eu o vi em Hayslope na tarde em que a ouvi pregar e o reconheci no tribunal hoje, por mais abatido que estivesse.

— Ah, senhor, pode me dizer alguma coisa sobre ele? Pode me dizer onde ele está hospedado? Pois meu pobre tio estava muito sobrecarregado de problemas para se lembrar.

— Perto daqui. Perguntei tudo sobre ele a Mr. Irwine. Hospeda-se em cima de uma funilaria, na rua à direita da entrada da prisão. Um velho mestre-escola está com ele. Agora, até logo: desejo-lhe sucesso.

— Adeus, senhor. Sou-lhe grata.

Enquanto Dinah atravessava o pátio da prisão com o guarda, a solene luz do entardecer parecia tornar as paredes mais altas do que eram durante o dia, e o doce rosto pálido de gorro parecia mais do que nunca uma flor branca nesse fundo de escuridão. O guarda a olhava de soslaio o tempo todo, mas não falou nada. De alguma forma sentiu que o som de sua voz rude seria dissonante naquele momento. Acendeu uma luz quando entraram no corredor escuro que levava à cela da condenada, e então disse em seu tom mais civilizado:

— Vai tá bem escuro na cela, mas posso ficar um pouco com a lamparina, se quiser.

— Não, amigo, obrigada — disse Dinah. — Desejo entrar sozinha.

— Como quiser — disse o carcereiro, girando a chave na fechadura ruidosa e abrindo a porta o suficiente para admitir Dinah. Um jato de luz da lamparina dele recaiu no canto oposto da cela, onde Hetty estava sentada no catre de palha com o rosto enterrado nos joelhos. Parecia que estava dormindo, mas o ranger da fechadura provavelmente a acordara.

A porta se fechou outra vez, e a única luz na cela era a do céu noturno, através da pequena grade alta – o suficiente para discernir os rostos humanos. Dinah ficou parada por um minuto, hesitando em falar porque Hetty poderia estar dormindo e olhando para o monte imóvel com um coração ansioso. Então disse suavemente:

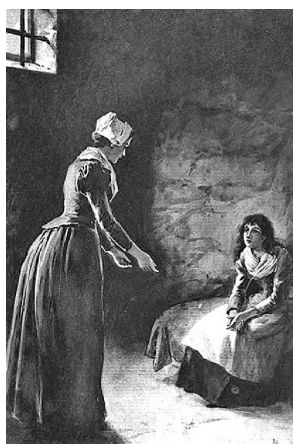
— Hetty!

Houve um ligeiro movimento perceptível no corpo de Hetty – um sobressalto que poderia ter sido produzido por um leve choque elétrico –, mas ela não ergueu os olhos. Dinah falou de novo, em um tom fortalecido pela irreprimível emoção:

— Hetty... é Dinah.

Outra vez houve um ligeiro movimento de sobressalto no corpo de Hetty e, sem descobrir o rosto, ergueu um pouco a cabeça, como se estivesse ouvindo.

— Hetty... Dinah veio até você.



Depois de uma pequena pausa, Hetty levantou a cabeça lenta e timidamente dos joelhos e ergueu os olhos. Os dois rostos pálidos olhavam um para o outro: um com um desespero duro e selvagem, o outro cheio de um amor triste e ansioso. Dinah, de modo inconsciente, abriu os braços e os estendeu.

— Não me reconhece, Hetty? Não se lembra de Dinah? Achou que eu não viria até você se estivesse com problemas?

Hetty manteve os olhos fixos no rosto de Dinah – a princípio como um animal que observa, observa e se mantém distante.

— Vim para ficar com você, Hetty – não para abandoná-la – para ficar com você, para ser sua irmã até o fim.

Devagar, enquanto Dinah falava, Hetty se levantou, deu um passo à frente e foi apertada entre os braços de Dinah.

Ficaram imóveis por um tempo, pois nenhuma delas sentiu o impulso de se separar outra vez. Hetty, sem nenhum pensamento distinto, pendurou-se nesse ser que veio para agarrá-la agora, enquanto afundava indefesa em um abismo escuro; e Dinah sentiu uma profunda alegria ao primeiro sinal de que seu amor foi acolhido pela perda desventurada. A luz foi ficando mais fraca enquanto estavam de pé, e quando finalmente se sentaram no catre de palha juntas, seus rostos se tornaram indistintos.

Nenhuma palavra foi dita. Dinah aguardou, esperando por uma palavra espontânea de Hetty, mas ela se sentava no mesmo desespero inerte, apenas agarrando a mão que segurava a dela e encostando a bochecha contra a de Dinah. Era o contato humano ao qual ela se apegava, mas não deixava de se afundar no abismo escuro.

Dinah começou a duvidar se Hetty tinha ciência de quem estava sentada ao lado dela. Pensou que o sofrimento e o medo poderiam ter levado a pobre pecadora à loucura. Mas lhe ocorreu, como disse mais tarde, que não deveria apressar a obra de Deus: somos apressados em falar – como se Deus não se manifestasse por nosso sentimento silencioso e fizesse seu amor ser sentido através do nosso. Não sabia quanto tempo ficaram sentadas daquele jeito, mas foi ficando cada vez mais escuro, até que havia apenas uma mancha pálida de luz na

parede oposta: todo o resto era escuridão. Mas sentia a presença Divina cada vez mais – não apenas isso, mas como se ela mesma fizesse parte dela, e era a piedade Divina que batia em seu coração e desejava o resgate dessa indefesa. Por fim, foi impelida a falar e descobrir até que ponto Hetty tinha consciência do presente.



— Hetty — disse ela, gentil —, sabe quem está sentada ao seu lado?

— Sim — respondeu Hetty devagar —, é Dinah.

— E se lembra da vez em que estávamos juntas na fazenda Hall, e naquela noite quando lhe disse para ter certeza de que podia contar comigo quando estivesse com problemas?

— Sim — disse Hetty. — Então, depois de uma pausa, acrescentou: — Mas não pode fazer nada por mim. Não pode *obrigar eles* a *fazer* nada. Vão me enforcar na segunda-feira – hoje é sexta-feira.

Quando Hetty disse as últimas palavras, agarrou-se mais a Dinah, estremecendo.

— Não, Hetty, não posso salvá-la dessa morte. Mas o sofrimento não é menos duro quando se tem alguém com você, que sente por você – com quem pode conversar e dizer o que está em seu coração?... Sim, Hetty: você se apoia em mim: está feliz por eu estar aqui.

— Não vai me deixar, Dinah? Vai ficar perto de mim?

— Não, Hetty, não vou deixá-la. Ficarei com você até o fim... Mas, Hetty, há mais alguém nesta cela além de mim, alguém próximo a

você.

Hetty perguntou em um sussurro assustado: — Quem?

— Alguém que esteve com você durante todas as suas horas de pecado e problemas – que conheceu todos os pensamentos que teve – viu aonde ia, onde se deitava e se levantava, e todas as ações que tentou esconder nas trevas. E na segunda-feira, quando não puder segui-la – quando meus braços não puderem alcançá-la – quando a morte nos separar – Aquele que está conosco agora e tudo sabe, então estará com você. Não faz diferença – se vivemos ou morremos, estamos na presença de Deus.

— Oh, Dinah, ninguém vai fazer nada por mim? Vão me enforcar de verdade?... Não ia achar ruim se me deixassem viver.

— Minha pobre Hetty, a morte é muito terrível para você. Eu sei que é terrível. Mas se tivesse um amigo para cuidar de você depois da morte – naquele outro mundo – alguém cujo amor é maior que o meu – alguém que pode fazer tudo?... Se Deus, nosso Pai, fosse seu amigo e estivesse disposto a salvá-la do pecado e do sofrimento, de modo que não conhecesse os sentimentos perversos nem a dor novamente? Se pudesse acreditar que ele a ama e a ajudaria, como você acredita que eu a amo e vou ajudá-la, não seria tão difícil morrer na segunda-feira, seria?

— Mas não posso saber nada disso — disse Hetty, com uma tristeza taciturna.

— Porque, Hetty, está impedindo sua alma da presença dele, tentando esconder a verdade. O amor e a misericórdia de Deus podem superar todas as coisas – nossa ignorância, fraqueza e todo o fardo de nossa maldade passada – todas as coisas, exceto nosso pecado voluntário, pecado ao qual nos apegamos e não desistimos. Acredita no meu amor e piedade por você, Hetty, mas se não tivesse me deixado chegar perto, se não tivesse olhado para mim ou falado comigo, teria me impedido de ajudá-la. Não poderia tê-la feito sentir o meu amor; não poderia ter dito o que sentia por você. Não impeça o amor de Deus dessa maneira, apegando-se ao pecado... Ele não pode abençoá-la enquanto tiver uma falsidade em sua alma; a misericórdia indulgente dele não pode alcançá-la até que abra o seu coração, e

diga: “Eu cometi essa grande maldade; Ó Deus, salva-me, purifica-me do pecado!” Enquanto se apegar a um pecado e não se separar dele, ele vai arrastá-la para a miséria após a morte, assim como a arrastou para a miséria aqui neste mundo, minha pobre, pobre Hetty. É o pecado que traz pavor, trevas e desespero; há luz e bem-aventurança para nós assim que o rejeitamos. Então Deus entra em nossas almas, ensina-nos e traz força e paz. Rejeite-o agora, Hetty – agora: confesse a maldade que fez – o pecado que cometeu contra seu Pai Celestial. Vamos nos ajoelhar juntas, pois estamos na presença de Deus.

Hetty obedeceu ao movimento de Dinah e caiu de joelhos. Ainda seguravam as mãos uma da outra, e houve um longo silêncio. Então Dinah disse:

— Hetty, estamos diante de Deus. Ele está esperando que você diga a verdade.

Ainda havia silêncio. Por fim, Hetty falou, em um tom suplicante...

— Dinah... me ajude... Não consigo sentir o que *cê* sente... meu coração endureceu.

Dinah segurou a mão agarrada, e toda a sua alma saiu em sua voz:

— Jesus, nosso Salvador! O senhor conheceu as profundezas de todo o pesar, pois estivera naquelas negras trevas onde Deus não está, e proferiste o clamor dos desamparados.^[158] Vinde, Senhor, e colhei os frutos do vosso trabalho e da vossa súplica. Estende a Sua mão, o senhor que é poderoso para salvar o pecador, e resgate essa alma perdida. Ela está coberta em densa treva, senhor. Os grilhões do pecado estão nela e ela não pode se mover para chegar até a ti. Ela só pode sentir o coração endurecido, e está indefesa. Ela clama por mim, fraca criatura como está... Salvador, tenha misericórdia! É um clamor cego por ti. Ouça! Trespasse as trevas! Olhe para ela com seu rosto de amor e pesar pelo Senhor ter se voltado contra aquele que te negou,^[159] e derreta o seu duro coração. Veja, Senhor, eu a trouxe, como os antigos traziam os enfermos e indefesos,^[160] e o senhor os curou. Eu a carrego em meus braços e a conduzo diante de ti. O medo e o tremor tomaram conta dela, mas ela treme apenas com a dor e a morte do corpo. Sobre sobre ela seu Espírito vivificante e coloque um novo medo dentro dela – o medo do pecado. Faça com que tema manter a

coisa amaldiçoada dentro da alma. Faça com que sinta a presença do Deus vivo, que contempla todo o passado, para quem as trevas são como o meio-dia^[161]; que está esperando agora, na undécima hora^[162], que ela se volte para o senhor, confesse seu pecado e clame por misericórdia – agora, antes que a noite da morte chegue, e o momento do perdão tenha para sempre escapado, como o ontem que não retorna. Salvador! Ainda é tempo – de arrebatrar esta pobre alma da treva eterna. Eu acredito – acredito em seu amor infinito. Essa é a minha súplica. Posso apenas segurá-la em meus braços fracos e incitá-la com minha fraca piedade. O Senhor – o Senhor respirará sobre a alma morta, e ela se levantará do sono irreplicável da morte. Sim, Senhor, eu te vejo, vindo através das trevas, vindo, como a manhã, com cura em tuas asas.^[163] As marcas de Sua agonia estão em ti – vejo que está disposto a salvar e que é capaz – não a deixará perecer para sempre. Venha, poderoso Salvador! Deixe os mortos ouvirem sua voz. Que os olhos dos cegos sejam abertos.^[164] Deixe-a ver que Deus a envolve. Deixe-a tremer por nada, exceto pelo pecado que a separa dele. Derreta o seu duro coração. Abra os lábios cerrados: faça-a clamar com toda a sua alma: “Pai, pequei”...^[165]

— Dinah — Hetty soluçou, jogando os braços em volta do pescoço de Dinah —, eu vou falar... eu vou contar... não vou mais esconder nada.

Mas as lágrimas e soluços eram muito violentos. Dinah a ergueu gentilmente e a levou até o catre de novo, sentando-se ao seu lado. Demorou muito tempo até que a garganta convulsionada se acalmasse, e mesmo assim ficaram algum tempo sentadas em silêncio e na escuridão, segurando as mãos uma da outra. Por fim, Hetty sussurrou:

— Eu fiz mesmo, Dinah... escondi na floresta... o bebezinho... e ele chorava... ouvi chorar... bem de longe... a noite toda... e voltei porque chorava.

Fez uma pausa e depois falou com pressa em um tom mais alto e suplicante:

— Mas achei que talvez ele não morresse – alguém poderia encontrá-lo. Não *matei ele* – eu não o matei. Coloquei no chão e cobri, e quando voltei já tinha sumido... Foi porque eu *tava* muito infeliz,

Dinah... não sabia *pra* onde ir... e já tinha tentado me matar antes, e não consegui. Oh, tentei me afogar na lagoa e não consegui. Fui *pra* Windsor – fugi – sabia? Fui procurar ele, pois podia cuidar de mim; ele tinha ido embora; e então não sabia o que fazer. Não ousei voltar *pra* casa de novo – não podia suportar. Não ia suportar olhar *pra* ninguém, pois eles iam me desprezar. Pensei em você às vezes, e pensei em ir até você, pois não achei que ia ficar zangada comigo e ia chorar de vergonha de mim. Achei que podia te contar. Mas então o pessoal ficou sabendo afinal, e não pude suportar isso. Foi em parte pensando em você que me fez vir *pra* Stoniton; e, além disso, *tava* com tanto medo de sair vagando por aí até virar uma mendiga e não ter nada; e às vezes parecia que eu devia voltar *pra* fazenda antes disso. Oh, foi tão terrível, Dinah... eu *tava* tão infeliz... Desejei nunca ter nascido neste mundo. Nunca mais ia querer ir *pros* campos verdes de novo – eu *odiava eles* tanto na minha miséria.

Hetty fez uma pausa outra vez, como se a sensação do passado fosse forte demais para expressar.

— E então cheguei a Stoniton, e comecei a ficar assustada naquela noite, porque *tava* tão perto de casa. Então o bebezinho nasceu, quando não esperava; e me veio à mente o pensamento de que podia me livrar dele e voltar *pra* casa de novo. O pensamento veio de repente, quando *tava* deitada na cama, e ficou cada vez mais forte... desejava tanto voltar de novo... não ia suportar ficar tão sozinha e vir a mendigar por indigência. E isso me deu força e determinação *pra* me levantar e me vestir. Senti que devia fazer isso... não sabia como... achei que ia encontrar uma lagoa, se pudesse, como aquela outra, no canto do campo, no escuro. E quando a mulher saiu, eu senti como se fosse forte o suficiente *pra* fazer qualquer coisa... achei que ia me livrar de toda a minha miséria, voltar *pra* casa e nunca deixar ninguém saber por que fugi. Coloquei meu gorro e xale e saí *pra* rua escura, com o bebê debaixo da capa; andei rápido até chegar a uma rua bem longe, ali tinha uma pousada, peguei algo quente *pra* beber e um pouco de pão. Andei sem parar, mal sentia o chão que pisava; e ficou mais claro, pois havia lua – oh, Dinah, me assustou quando ela me olhou pela primeira vez do meio das nuvens – nunca me apareceu

assim antes; saí da estrada *pros* campos, pois *tava* com medo de encontrar alguém com a lua brilhando sobre mim. Cheguei a um palheiro, onde pensei que podia me deitar e me aquecer por toda a noite. Tinha um lugar aberto nele, onde podia fazer uma cama *pra* mim e me deitei confortável, o bebê *tava* quente junto a mim; devo ter dormido por um bom tempo, pois quando acordei era de manhã, mas não muito claro, e o bebê *tava* chorando. Vi uma floresta um pouco longe... achei que talvez tivesse uma vala ou um lago ali... e era tão cedo que pensei que podia esconder a criança lá e me afastar bastante antes que o pessoal acordasse. Então pensei em ir *pra* casa – ia pegar carona em charretes e ia voltar *pra* casa e dizer *pra* eles que tentei encontrar um lugar e não consegui. Eu desejava tanto isso, Dinah, desejava tanto *tá* segura em casa. Não sei como me sentia em relação ao bebê. Parecia que eu *odiava ele* – era como uma carga pesada pendurada no meu pescoço;^[166] e ainda assim seu choro me atravessava, e não ousava a olhar *pra* suas mãozinhas e rosto. Mas fui até a floresta e andei por lá, mas não tinha água...

Hetty estremeceu. Ficou em silêncio por alguns momentos e quando recomeçou foi em um sussurro:

— Cheguei em um lugar onde tinha muitas lascas e relva e me sentei perto de um tronco duma árvore *pra* pensar no que devia fazer. De repente vi um buraco debaixo da nogueira, como uma pequena sepultura. E isso me acertou como um raio – pensei em colocar o bebê lá e cobrir com a grama e as lascas. De qualquer jeito, não podia *matar ele*. Fiz isso num minuto; e, oh, ele chorou tanto, Dinah – eu não conseguia cobrir completamente – pensei que talvez alguém viesse cuidar dele, e então não morreria. Corri *pra* fora da floresta, mas pude ouvir ele chorando o tempo todo; e quando saí *pros* campos, era como se *tivesse* presa – não podia ir embora, por mais que desejasse. E me sentei encostada no palheiro *pra* ver se alguém viria. *Tava* com muita fome e tinha apenas um pouco de pão, mas não podia ir embora. E depois de tanto tempo – horas e horas – o homem chegou – aquele de avental, e olhou *pra* mim de tal maneira que fiquei com medo, me apressei e parti. Achei que ele *tivesse* indo *pra* floresta e talvez encontrasse o bebê. Segui em frente, até que cheguei a uma aldeia,

muito longe da floresta, *tava* muito mal, abatida e com fome. Comprei um pão. Mas *tava* com medo de ficar. Ouvi o bebê chorando e pensei que os outros também tinham ouvido – e continuei. Mas *tava* tão cansada, e *tava* quase escurecendo. E, finalmente, à beira da estrada, tinha um celeiro – bem longe de qualquer casa – como o celeiro da horta de Abbot; pensei que podia entrar lá e me esconder entre o feno e a palha, e provavelmente ninguém ia vir. Entrei e *tava* meio cheio de feixes de palha, também tinha um pouco de feno. Fiz uma cama *pra* mim, bem no fundo, onde ninguém pudesse me encontrar; e *tava* tão cansada e fraca que dormi... Mas, oh, o choro do bebê não parava de me acordar, e pensei que aquele homem que olhou *pra* mim *tava* vindo me pegar. Mas devo ter dormido bastante, embora não soubesse, pois quando me levantei e saí do celeiro, não sabia se era noite ou manhã. Mas era de manhã, pois *tava* ficando cada vez mais claro, e voltei por onde tinha vindo. Não pude evitar, Dinah; foi o choro do bebê que me fez ir – e ainda assim *tava* morrendo de medo. Pensei que aquele homem de avental tivesse me visto e descoberto que coloquei o bebê lá. Mas continuei, apesar de tudo. Parei de pensar em ir *pra* casa – isso tinha sumido da minha mente. Não via nada além daquele lugar na floresta onde tinha escondido o bebê... eu vejo agora. Oh Dinah! Vou ver ele *pra* sempre?

Hetty se agarrou a Dinah e estremeceu de novo. O silêncio pareceu longo antes de Hetty continuar:

— Não encontrei ninguém, pois era muito cedo, e entrei na floresta... sabia o caminho *pro* lugar... o lugar perto da nogueira; e podia ouvir ele chorando a cada passo... achei que *tivesse* vivo... não sei se fiquei com medo ou feliz... não sei o que senti. Só sei que *tava* na floresta e ouvia o choro. Não sei o que senti até ver que o bebê tinha sumido. E quando o coloquei lá, pensei que queria que alguém o encontrasse e o salvasse da morte; mas quando vi que tinha sumido, fiquei parada como uma pedra, com medo. Não pensei em me mover, me senti tão fraca. Sabia que não podia fugir, e todo mundo que me visse ia saber sobre o bebê. Meu coração virou uma pedra. Não podia desejar ou tentar nada; parecia que devia ficar lá *pra* sempre, e nada nunca ia mudar. Mas eles vieram e me levaram embora.

Hetty ficou em silêncio, mas estremeceu de novo, como se ainda houvesse algo oculto; e Dinah esperou, pois seu coração estava tão cheio que as lágrimas viriam antes das palavras. Por fim, Hetty irrompeu entre soluços:

— Dinah, acha que Deus vai fazer sumir esse choro e o lugar na floresta, agora que contei tudo?

— Oremos, pobre pecadora. Vamos nos ajoelhar novamente e orar ao Deus de toda misericórdia.

Capítulo XLVI

As Horas de Suspense

Na manhã de domingo, quando os sinos da igreja em Stoniton tocavam para o culto matinal, Bartle Massey entrou outra vez no quarto de Adam, após uma breve ausência, e disse:

— Adam, aqui tem um visitante que quer vê-lo.

Adam estava sentado de costas para a porta, mas se levantou e se virou instantaneamente, com o rosto ruborizado e um olhar ansioso. Seu rosto estava ainda mais magro e abatido do que já vimos antes, mas ele se lavara e se barbeara nessa manhã de domingo.

— Alguma novidade? — perguntou Adam.

— Fique tranquilo, meu rapaz — disse Bartle —, fique tranquilo. Não é o que está pensando. É a jovem metodista que veio da prisão. Ela está no final da escada e quer saber se você concorda em vê-la, pois tem algo a dizer sobre aquela pobre pária; mas não entraria sem a sua permissão, disse ela. Pensou que talvez gostaria de sair e falar com ela. Essas pregadoras geralmente não são tão tímidas — murmurou Bartle para si mesmo.

— Peça a ela para entrar — disse Adam.

Ele estava de pé com o rosto voltado para a porta e, quando Dinah entrou, erguendo os olhos suaves e cinzentos, percebeu de imediato a grande mudança que ocorrera desde o dia em que olhara para o homem alto na casa de campo. Houve um tremor em sua voz clara quando colocou a mão na dele e disse:

— Console-se, Adam Bede, o Senhor não a abandonou.

— Deus te abençoe por ter ido até ela — disse Adam. — Mr. Massey me avisou quando você havia chegado.

Não conseguiram dizer mais nada ainda, mas ficaram um diante do outro em silêncio; e Bartle Massey também, que colocara os óculos, parecia paralisado, examinando o rosto de Dinah. Mas ele se recompôs primeiro e disse:

— Sente-se, jovem, sente-se — colocando a cadeira para ela e

retirando-se para seu antigo assento na cama.

— Obrigada, amigo; não vou me sentar — disse Dinah —, pois devo voltar logo. Ela me implorou para não ficar muito tempo longe. O que eu vim fazer, Adam Bede, é rogar para que veja a pobre pecadora e se despeça dela. Ela deseja pedir o seu perdão, e é conveniente que a veja hoje, e não de manhã cedo, quando o tempo será curto.

Adam tremia e, finalmente, afundou na cadeira outra vez.

— Não vai ser curto — disse ele —, vai ser adiado – talvez venha um perdão. Mr. Irwine disse que havia esperança. Disse que não preciso desistir completamente.

— Esse é um pensamento abençoado — disse Dinah, com os olhos cheios de lágrimas. — É horrível apressar a passagem da alma dela tão rápido.

— Mas que seja como for — acrescentou ela em seguida. — Você certamente virá e a deixará falar as palavras que estão em seu coração. Embora sua pobre alma seja muito obscura e ela pouco discirna além das coisas da carne, ela não está mais inflexível. Está arrependida, confessou-me tudo. O orgulho de seu coração cedeu, e se apoia em mim para obter ajuda e deseja ser ensinada. Isso me enche de confiança, pois não posso deixar de pensar que os irmãos, às vezes, erram ao medir o amor Divino pelo conhecimento do pecador. Ela vai escrever uma carta para os amigos da fazenda Hall para que eu a entregue quando ela partir, e quando eu lhe disse que você estava aqui, ela me disse: “Gostaria de me despedir de Adam e lhe pedir para me perdoar”. Você virá, Adam? Talvez possa voltar agora mesmo comigo.

— Não posso — disse Adam. — Não posso me despedir dela enquanto houver alguma esperança. Escute-me, não consigo pensar em nada além disso. Não pode ser possível que ela vá morrer dessa morte vergonhosa – não consigo acreditar nisso.

Levantou-se da cadeira outra vez e olhou para fora da janela, enquanto Dinah permanecia em compassiva paciência. Em alguns minutos, ele se virou e disse:

— Eu vou, Dinah... amanhã de manhã... se for preciso. Posso ter

mais força para suportar, se sei que tem que ser. Diga a ela que a perdoe; diga a ela que eu irei – no último momento.

— Não vou insistir contra a voz do seu coração — disse Dinah. — Devo voltar rapidamente, pois é admirável como ela se apegou agora e não está disposta a me perder de vista. Não costumava retribuir minha afeição antes, mas agora a tribulação abriu o seu coração. Adeus, Adam. Que o nosso Pai celestial o console e o fortaleça para suportar todas as coisas — Dinah estendeu a mão e Adam a apertou em silêncio.

Bartle Massey estava se levantando para erguer o trinco rígido da porta para ela, mas antes que pudesse alcançá-lo, ela disse gentilmente:

— Adeus, amigo — e se foi, com seus passos leves escada abaixo.

— Bem — disse Bartle, tirando os óculos e colocando-os no bolso —, se existem mulheres para causar problemas no mundo é justo que existam mulheres para consolar esse mesmo mundo; e ela é uma delas — é uma delas. É uma pena que seja metodista; mas não existe uma mulher sem alguma tolice ou outra.

Adam não foi para a cama naquela noite. A emoção do suspense, aumentando a cada hora que o aproximava do momento fatal, era grande demais e, apesar dos pedidos, apesar das promessas de que ficaria perfeitamente tranquilo, o mestre-escola também ficou acordado.

— O que isso importa para mim, rapaz? — disse Bartle. — Uma noite de sono a mais ou a menos? Vou dormir bastante tempo, eventualmente, debaixo da terra. Deixe-me acompanhá-lo nos problemas enquanto posso.

Foi uma noite longa e melancólica naquele pequeno quarto. Adam, às vezes, se levantava e caminhava para frente e para trás ao longo do curto espaço de parede a parede; então se sentava e escondia o rosto, e não se ouvia nenhum som, exceto o tique-taque do relógio sobre a mesa ou a queda de uma brasa do fogo que o mestre-escola cuidava com atenção. Às vezes, irrompia em um discurso veemente:

— Se eu pudesse ter feito qualquer coisa para salvá-la, declarado algo a seu favor... mas ficar sentado quieto e não poder fazer nada... é

difícil para um homem suportar... e pensar no que podia ter sido agora, se não fosse por ele... Ó Deus, hoje é o dia em que a gente devia ter se casado.

— Sim, meu rapaz — disse Bartle com ternura —, é difícil — é difícil. Mas deve se lembrar: quando pensou em se casar com ela tinha noção de que já existia outro tipo de natureza dentro dela. Não acha que poderia ter ficado insensível nesse pouco tempo para fazer o que fez.

— Eu sei — eu sei disso — disse Adam. — Achei que fosse amorosa e de bom coração, e não iria mentir ou agir de forma enganosa. Como eu podia pensar de outra forma? E se ele nunca tivesse chegado perto dela, e eu tivesse casado com ela, sido amoroso, e cuidado dela, ela, talvez, nunca fizesse nada de ruim. O que importaria — ter alguns problemas com ela? Não seria nada comparado a isso.

— Não há como saber, meu rapaz — não há como saber o que poderia ter acontecido. A dor é ruim para você agora: precisa de tempo — precisa de tempo. Mas tenho essa opinião sobre você, que vai superar tudo e ser um homem forte de novo, e pode haver algo bom nisso que ainda não vemos.

— Algo bom nisso?! — disse Adam com veemência. — Isso não altera o mal: a ruína dela não pode ser desfeita. Odeio essa conversa das pessoas, como se existisse uma maneira de consertar tudo. Precisam ver como o mal que fazem nunca pode ser alterado. Quando um homem estraga a vida do seu semelhante, não tem o direito de se confortar pensando que algo bom pode resultar disso. O bem de outra pessoa não altera a vergonha e miséria dela.

— Bem, rapaz, bem — disse Bartle em um tom suave, em estranho contraste com sua habitual intransigência e impaciência em ser contrariado —, é provável que eu diga tolices. Sou um camarada velho, e já faz muitos anos que eu mesmo não me envolvia em problemas. É fácil encontrar razões pelas quais outras pessoas devem ter paciência.

— Mr. Massey — disse Adam penitente —, estou furioso e angustiado. Deveria te tratar melhor; mas não deve me levar a mal.

— Eu não, rapaz — eu não.

Assim a noite avançou agitada até que a madrugada fria e a luz crescente trouxeram a quietude trêmula que chega à beira do desespero. Logo não haveria mais suspense.

— Vamos para a prisão agora, Mr. Massey — disse Adam, quando viu o ponteiro do relógio marcando seis. — Se tiver alguma novidade, a gente vai saber.

As pessoas já estavam agitadas, movendo-se rapidamente em uma única direção pelas ruas. Adam tentou não pensar para onde estavam indo, enquanto passavam apressadas por ele naquele curto espaço entre o seu alojamento e os portões da prisão. Ficou grato quando os portões o impediram de ver aquelas pessoas ansiosas.

Não, não havia novidades, tampouco perdão, e nem adiamento.

Adam demorou-se no portão da prisão por meia hora antes que pudesse tomar coragem de avisar Dinah que havia chegado. Mas uma voz chamou a sua atenção: não pôde deixar de ouvir as palavras.

— A ré deverá sair às sete e meia.

Deveria ser dito – o último adeus.

Dez minutos depois, Adam estava na porta da cela. Dinah mandara dizer que não poderia ir até ele; não podia deixar Hetty nem por um momento; mas Hetty estava preparada para o encontro.

Ele não conseguia vê-la quando entrou, pois a agitação amorteceu seus sentidos, e a penumbra da cela era escura demais. Ficou parado um momento depois que a porta se fechou atrás dele, tremendo e estupefato. Mas começou a ver através da penumbra – a ver os olhos escuros levantados para ele mais uma vez, mas sem nenhum sorriso neles. Ó Deus, como pareciam tristes! A última vez que se encontraram com os dele foi quando se despediu dela com o coração cheio de um amor alegre e esperançoso, e olhavam com um sorriso choroso em um rosto juvenil rosado, com covinhas. O rosto era de mármore agora; os doces lábios estavam pálidos, entreabertos e trêmulos; todas as covinhas tinham desaparecido – todas menos uma, que nunca sumia; e os olhos – ó, o pior de tudo era a semelhança que tinham com os de Hetty. Eram os olhos de Hetty olhando para ele com aquele olhar desolado, como se tivesse voltado dos mortos para lhe contar sobre sua miséria.

Ela estava agarrada a Dinah; a bochecha contra a de Dinah. Parecia que sua última força e esperança residiam naquele contato, e o amor compassivo que brilhava no rosto de Dinah parecia uma promessa visível da Misericórdia Invisível.

Quando os olhos tristes se encontraram – quando Hetty e Adam se entreolharam – ela sentiu a mudança nele também, e pareceu atingi-la com um novo medo. Era a primeira vez que via um ser cujo rosto parecia refletir a mudança em si mesma: Adam era uma nova imagem do terrível passado e do terrível presente. Tremia mais enquanto olhava para ele.

— Fale com ele, Hetty — disse Dinah —, diga a ele o que está em seu coração.

Hetty a obedeceu, como uma criança:

— Adam... eu sinto muito... eu me comportei muito mal com você... vai me perdoar... antes de eu morrer?

Adam respondeu entre soluços:

— Sim, eu te perdoo, Hetty. Te perdoei faz muito tempo.

Parecia a Adam que seu cérebro explodiria com a angústia de encontrar os olhos de Hetty nos primeiros momentos, mas o som de sua voz proferindo essas palavras penitentes tocou um acorde que estava menos tenso. Houve uma sensação de alívio do que estava se tornando insuportável, e as raras lágrimas vieram – não vieram antes, desde que se pendurara no pescoço de Seth no início de seu pesar.

Hetty fez um movimento involuntário em direção a ele, um pouco do amor que vivera estava perto dela outra vez. Ela segurou a mão de Dinah, mas foi até Adam e disse timidamente:

— Me beijaria de novo, Adam, por mais que eu tenha sido tão perversa?

Adam pegou a mão alva e enfraquecida que ela lhe estendeu, e beijou-lhe o beijo solene e indescritível de uma despedida para toda a vida.

— E diga *pra* ele — Hetty disse, em uma voz um tanto mais forte —, diga *pra* ele... pois não tem mais ninguém *pra* dizer... que fui atrás dele e não consegui encontrar... e que odiei e *amaldiçoei ele*... mas Dinah disse que eu deveria perdoar... e eu tento... senão Deus não vai

me perdoar.

Houve um barulho na porta da cela agora – a chave estava girando na fechadura e, quando a porta se abriu, Adam viu indistintamente que havia vários rostos ali. Estava muito agitado para ver mais – até mesmo para ver que o rosto de Mr. Irwine era um deles. Sentiu que os últimos preparativos estavam começando e não poderia ficar mais. Abriram espaço em silêncio para ele partir, e foi para seu quarto sozinho, deixando Bartle Massey para ver e testemunhar o fim.

Capítulo XLVII

O Último Momento

Foi uma visão da qual algumas pessoas se lembravam melhor até mesmo do que dos próprios pesares – a visão naquela clara manhã cinza, quando a charrete fatal com as duas jovens foi avistada pela turba que aguardava, abrindo caminho em direção ao hediondo símbolo de uma morte repentina deliberadamente infligida.

Todos em Stoniton ouviram falar de Dinah Morris, a jovem metodista que levava a obstinada criminoso a confessar, e havia tanta ansiedade em vê-la quanto para ver a miserável Hetty.

Mas Dinah mal tinha consciência da turba. Quando Hetty avistou a vasta multidão ao longe, agarrou Dinah convulsivamente.

— Feche os olhos, Hetty — disse Dinah —, e vamos orar a Deus sem cessar.^[167]

E em voz baixa, enquanto a charrete avançava devagar no meio da multidão que a observava, derramou sua alma com a intensidade de uma última súplica, pela criatura trêmula que se apegava a ela e a agarrava como o único sinal visível de amor e piedade.

Dinah não sabia que a multidão estava em silêncio, olhando para ela com uma espécie de admiração – nem sabia o quão perto estavam do local fatal, quando a charrete parou, e ela encolheu horrorizada de um grande grito hediondo ao seu ouvido, como um vasto urro de demônios. O guincho de Hetty se misturou ao som, e se uniram em horror mútuo.

Mas não era um grito de execração – não era um urro de exultante crueldade.

Foi um grito de excitação repentina com a aparição de um cavaleiro abrindo caminho entre a multidão a todo galope. O cavalo estava impaciente e aflito, mas respondia às esporas desesperadas; o cavaleiro parecia estar com olhos vidrados pela loucura e não via nada, exceto o que não era visto pelos outros. Veja, ele tinha algo na mão – e mostrava como se fosse um sinal.

O xerife o reconheceu: era Arthur Donnithorne, carregando na mão uma duramente conquistada absolvição da morte.

Capítulo XLVIII

Outro Encontro na Floresta

No dia seguinte, à noite, dois homens caminhavam de pontos opostos em direção à mesma cena, atraídos por uma lembrança comum. A cena era o bosque da propriedade de Donnithorne: você sabe quem eram os homens.

O funeral do velho fidalgo ocorrera naquela manhã e o testamento fora lido. No primeiro momento para respirar, Arthur Donnithorne saíra para uma caminhada solitária, para que pudesse olhar fixamente para o novo futuro diante dele e confirmar para si mesmo uma triste resolução. Achava que podia fazer isso melhor no bosque.

Adam também viera de Stoniton na noite de segunda-feira e não saíra de casa, exceto para visitar a família da fazenda Hall e lhes contar tudo o que Mr. Irwine deixara por contar. Ele combinara com os Poysers que os seguiria até sua nova vizinhança, aonde quer que fossem, pois pretendia desistir da gestão da floresta e, assim que fosse possível, encerraria seu negócio com Jonathan Burge e se estabeleceria com a mãe e Seth em uma casa ao alcance dos amigos a quem se sentia vinculado por um pesar mútuo.

— Seth e eu temos certeza de que vamos encontrar trabalho — disse ele. — Um homem que tem seu ofício nas pontas dos dedos se sente em casa em qualquer lugar; e vamos começar de novo. Minha mãe não vai se opor, pois me disse que desde que voltei para casa decidi ser enterrada em outra paróquia, se eu quisesse e me sentisse mais confortável em outro lugar. É incrível como tem estado quieta desde que voltei. Parece que a grandeza do problema a silenciou e a acalmou. Vamos ficar melhor numa nova região, embora tenha alguns que vou relutar em deixar *pra* trás. Mas não vou me separar do senhor e dos seus, se puder evitar, Mr. Poyser. Os problemas vão tornar a gente parentes.

— Sim, rapaz — disse Martin. — A gente vai *deixá* de *ouví* o nome daquele homem. Mas duvido que a gente consiga ir longe o bastante

pra que o pessoal *num* descubra que uma parente nossa foi mandada *pro* outro lado do mar^[168] depois de quase ser enforcada. Vão *esfregá* isso na nossa cara e depois na cara dos nossos *filho*.

Aquela foi uma longa visita à fazenda Hall, e consumiu demais as energias de Adam para que ele pensasse em ver os outros ou retomar as antigas ocupações até o dia seguinte. “Mas amanhã”, disse para si mesmo “vou voltar a trabalhar. Vou aprender a gostar de novo algum dia, talvez; e é o certo a fazer, quer eu goste ou não”.

Esta noite foi a última que se permitiu ser absorvido pelo sofrimento: o suspense acabara e ele deveria suportar o inalterável. Estava decidido a não ver Arthur Donnithorne novamente, se fosse possível evitá-lo. Não tinha nenhuma mensagem a entregar de Hetty agora, pois Hetty vira Arthur. E Adam não confiava em si mesmo – aprendera a temer a violência de seus sentimentos. Aquelas palavras de Mr. Irwine – que deveria se lembrar do que sentiu depois de dar o último golpe em Arthur no bosque – permaneciam com ele.

Esses pensamentos a respeito de Arthur, como todos os pensamentos que são carregados de sentimentos fortes, eram-lhe recorrentes e sempre evocavam a imagem do bosque – daquele local sob os ramos abrangentes onde avistara as duas figuras inclinadas e fora possuído por uma ira repentina.

— Vou vê-lo de novo esta noite pela última vez — disse ele —, vai me fazer bem; vai me fazer sentir de novo o que senti quando o derrubei. Percebi a inutilidade daquilo assim que o fiz, antes de começar a pensar que ele podia estar morto.

Desta forma, aconteceu que Arthur e Adam estavam caminhando em direção ao mesmo local ao mesmo tempo.

Adam estava de novo com a roupa de trabalho, pois tirara a outra com uma sensação de alívio assim que voltou para casa; e se tivesse a cesta de ferramentas sobre o ombro, poderia ter sido confundido, com seu rosto pálido e exaurido, pelo espectro daquele Adam Bede que havia entrado no bosque naquela tarde de agosto há oito meses. Mas não tinha uma cesta de ferramentas e não caminhava com a antiga postura ereta, olhando com atenção ao redor; as mãos estavam enfiadas nos bolsos laterais e os olhos pousavam principalmente no

chão. Não entrava no bosque há muito tempo e agora parou diante de uma faia. Conhecia bem aquela árvore; era o marco limite de sua juventude – o sinal da época em que alguns de seus primeiros e mais fortes sentimentos o abandonaram. Tinha certeza de que nunca retornariam. E, no entanto, naquele momento, havia uma onda de afeição com a lembrança daquele Arthur Donnithorne em quem acreditara antes de chegar a essa faia, há oito meses. Era afeição pelos mortos: aquele Arthur não existia mais.

Foi perturbado pelo som de passos se aproximando, mas a faia estava em uma curva na estrada, e não podia ver quem estava vindo até que a figura alta e esguia em profundo desalento de repente apareceu diante dele a apenas dois metros de distância. Ambos se sobressaltaram e se olharam em silêncio. Muitas vezes, nos últimos quinze dias, Adam imaginara-se tão próximo de Arthur como agora, atacando-o com palavras que deveriam ser tão lancinantes quanto a voz do remorso, forçando-o a uma participação justa na miséria que causara; e muitas vezes, também, dissera a si mesmo que tal encontro não deveria acontecer. Mas, ao imaginar o encontro, sempre via Arthur, como o encontrara naquela tarde no bosque, vistoso, indiferente, de fala leve; e a figura diante dele o tocou com sinais de sofrimento. Adam sabia o que era sofrimento – não poderia enfiar um dedo cruel na ferida de um homem. Não sentia nenhum impulso que precisasse resistir. O silêncio era mais justo do que a reprovação. Arthur foi o primeiro a falar:

— Adam — disse ele, calmamente —, talvez seja bom que tenhamos nos encontrado aqui, pois queria vê-lo. Pediria para vê-lo amanhã.

Ele fez uma pausa, mas Adam não disse nada.

— Sei que é doloroso me encontrar — Arthur continuou —, mas é provável que isso não aconteça de novo nos próximos anos.

— Não, senhor — disse Adam, com frieza —, era sobre isso que eu pretendia te escrever amanhã, pois seria melhor que todos os negócios fossem encerrados entre a gente e outra pessoa fosse colocada no meu lugar.

Arthur sentiu a resposta intensamente, e não foi sem esforço que

falou outra vez:

— Era em parte sobre esse assunto que eu gostaria de falar com você. Não quero diminuir sua indignação contra mim, ou pedir que faça algo por mim. Desejo apenas lhe pedir que me ajude a diminuir as consequências ruins do passado, que são imutáveis. Não digo consequências para mim, mas para outros. É pouco o que posso fazer, eu sei. Sei que as piores consequências permanecerão, mas algo pode ser feito, e você pode me ajudar. Poderia me ouvir pacientemente?

— Sim, senhor — disse Adam, depois de alguma hesitação —, vou ouvi-lo. Se puder ajudar a consertar alguma coisa, eu ajudo. A raiva não vai consertar nada, eu sei. A gente já teve bastante dela.

— Eu estava indo para o eremitério — continuou Arthur. — Poderia ir comigo para nos sentarmos? Podemos conversar melhor lá.

O eremitério não fora mais habitado desde que eles o deixaram juntos, pois Arthur trancara a chave em sua mesa. E agora, quando abriu a porta, ali estava a vela queimada no castiçal, ali estava a cadeira no mesmo lugar onde Adam se lembrava de ter se sentado; ali estava o cesto de lixo cheio de papéis e no fundo dele, Arthur percebeu em um instante, estava o lençinho de seda cor-de-rosa. Teria sido doloroso entrar nesse lugar se seus pensamentos anteriores tivessem sido menos dolorosos.

Sentaram-se um em frente ao outro nos antigos lugares, e Arthur disse:

— Estou indo embora, Adam; vou para o exército.

O pobre Arthur sentiu que Adam seria afetado por esse anúncio — teria um sinal de empatia em relação a ele. Mas os lábios de Adam permaneceram firmemente fechados, e a expressão do rosto inalterada.

— O que eu quero lhe dizer — Arthur continuou —, é o seguinte: uma das minhas razões para ir embora é que ninguém mais deixe Hayslope —, que não deixem suas casas por minha causa. Eu faria qualquer coisa, não há sacrifício que eu não faria para evitar mais danos aos outros por causa do meu... por causa do que aconteceu.

As palavras de Arthur tiveram justamente o efeito oposto ao que previra. Adam pensou ter percebido nelas aquela noção de

compensação por um erro irreparável, aquela tentativa de autopacificação de fazer com que o mal desse os mesmos frutos que o bem, o que, acima de tudo, despertou sua indignação. Era tão fortemente impelido a encarar os fatos dolorosos quanto Arthur era para desviar os olhos deles. Além disso, tinha o orgulho vigilante e desconfiado de um homem pobre na presença de um homem rico. Sentiu sua antiga severidade retornando quando disse:

— Já passou a hora para isso, senhor. Um homem deve fazer sacrifícios para evitar cometer um erro; mas sacrifícios não vão desfazer quando já foi feito. Quando os sentimentos das pessoas têm uma ferida mortal, não podem ser curados com favores.

— Favores?! — disse Arthur veemente. — Não; como pode supor que eu quisesse dizer isso? Mas os Poysers — Mr. Irwine me disse que os Poysers pretendem deixar o lugar onde viveram por tantos anos — por gerações. Não vê, como Mr. Irwine vê, que se pudessem ser persuadidos a superar o sentimento que os afasta, seria muito melhor para eles no final permanecerem no antigo local, entre os amigos e vizinhos que os conhecem?

— Isso é verdade — disse Adam com frieza. — Mas então, senhor, os sentimentos das pessoas não são tão facilmente superados. Vai ser difícil para Martin Poyser ir para um lugar estranho, entre rostos estranhos, depois de ter sido criado na fazenda Hall, e o pai antes dele; mas então seria ainda mais difícil ficar sentindo o que sente agora. Não vejo uma saída fácil. Existe um tipo de estrago, senhor, que não pode ser compensado.

Arthur ficou em silêncio por alguns momentos. Apesar de outros sentimentos dominantes nessa noite, seu orgulho estremeceu pelo modo como Adam o tratou. Ele mesmo não estava sofrendo? Também não fora obrigado a renunciar às suas esperanças mais estimadas? Agora era como fora há oito meses — Adam estava forçando Arthur a sentir mais intensamente a irrevogabilidade de seu erro. Apresentava o tipo de resistência que era mais irritante para a ardente natureza ansiosa de Arthur. Mas sua raiva foi subjugada pela mesma influência que subjugara a de Adam quando se enfrentaram pela primeira vez — pelas marcas de sofrimento de um rosto há tempos familiar. A luta

momentânea terminou com a sensação de que poderia suportar muita coisa vinda de Adam, para quem ele havia sido a razão de tanto sofrimento; mas havia um toque de suplicante irritação juvenil em seu tom quando disse:

— Mas as pessoas podem piorar os danos por conduta irracional — cedendo à raiva e satisfazendo-a no momento, em vez de pensar qual será o efeito no futuro.

— Se eu ficasse aqui e agisse como senhorio — acrescentou em seguida, com ainda mais impetuosidade —, se eu fosse descuidado com o que eu fiz — com o que fui a causa, você teria alguma desculpa, Adam, para ir embora e encorajar outros a irem. Teria alguma desculpa para tentar piorar o mal. Mas quando digo que ficarei ausente por anos — quando sabe o que isso significa para mim, como isso destrói todos os planos de felicidade que já formulei — é impossível para um homem sensato como você acreditar que existe qualquer motivo real para os Poysers se recusarem a permanecer. Sei o que sentem sobre a desgraça — Mr. Irwine me contou tudo; mas ele é da opinião de que poderiam ser persuadidos a abandonar essa ideia de que estão desonrados aos olhos dos vizinhos e que não podem permanecer em minha propriedade, se você se juntar a ele em seus esforços — se ficar e continuar administrando a velha floresta.

Arthur fez uma pausa e depois acrescentou, suplicante:

— Sabe que é uma boa ação a fazer pelo bem de outras pessoas, além do proprietário. E não sabe, mas a floresta pode ter um dono melhor em breve, para quem vai gostar de trabalhar. Se eu morrer, meu primo Tradgett ficará com a propriedade e meu título. Ele é um bom camarada.

Adam não pôde deixar de se comover: era impossível não sentir que essa era a voz do honesto e caloroso Arthur a quem amara e se orgulhara nos velhos tempos; mas memórias mais próximas não seriam afastadas. Ficou em silêncio; no entanto, Arthur viu uma resposta em seu rosto que o induziu a continuar, com crescente seriedade:

— E então, se você falasse com os Poysers — se conversasse sobre o assunto com Mr. Irwine — ele pretende vê-lo amanhã — e então se

unisse seus argumentos aos dele para convencê-los a não partirem... sei, é claro, que não aceitariam nenhum favor meu – não pretendo nada desse tipo –, mas tenho certeza de que sofreriam menos no final. Mr. Irwine também pensa assim. E Mr. Irwine terá a autoridade principal na propriedade – ele consentiu em assumi-la. Realmente não estarão sob a ordem de ninguém, exceto alguém a quem respeitam e gostam. Seria o mesmo com você, Adam, e não poderia ser nada além de um desejo de me causar uma dor pior que poderia predispor-lo a partir.

Arthur ficou em silêncio de novo por um tempo e então disse, com certa agitação na voz:

— Eu não agiria assim com você, eu sei. Se estivesse no meu lugar e eu no seu, tentaria ajudá-lo a fazer o melhor.

Adam fez um movimento impaciente na cadeira e olhou para o chão. Arthur continuou:

— Talvez nunca tenha feito nada de que tenha se arrependido amargamente em sua vida, Adam; se tivesse, seria mais generoso. Saberíamos então que é pior para mim do que para você.

Arthur se levantou do assento com as últimas palavras e foi até uma das janelas, olhando para fora e virando as costas a Adam, enquanto continuava, veemente:

— Eu não a amei também? Não sabe como foi dolorido me despedir dela ontem e para sempre? Não carregarei o pensamento dela comigo tanto quanto você? E não acha que sofreria mais se tivesse sido o culpado?

Houve silêncio por vários minutos, pois a luta na mente de Adam não foi decidida de maneira fácil. Naturezas fáceis, cujas emoções têm pouca estabilidade, mal conseguem entender quanta resistência interior ele superou antes de se levantar e se virar para Arthur. Arthur ouviu o movimento e, virando-se, encontrou o olhar triste, mas suavizado, com o qual Adam disse:

— É verdade o que o senhor diz. Eu sou severo – é da minha natureza. Fui muito severo com meu pai, por fazer o que era errado. Tenho sido um pouco severo com todo mundo, menos com ela. Sentia como se ninguém tivesse pena dela o suficiente – o sofrimento dela me

atingiu; e quando pensei que o pessoal da fazenda era muito severo com ela, disse que nunca mais seria severo com ninguém. Mas sentir muito por ela talvez tenha me tornado injusto com o senhor. Sei o que é na vida se arrepender e sentir que é tarde demais. Percebi que tinha sido muito duro com meu pai quando ele se foi – percebo isso agora, quando penso nele. Não tenho o direito de ser severo com as pessoas quando fazem o que é errado e se arrependem.

Adam falou essas palavras com a firme distinção de um homem que está convicto a não deixar nada a dizer do que é obrigado a dizer; mas continuou com mais hesitação:

— Não apertei sua mão antes, senhor, quando me pediu – mas se estiver disposto a fazer isso agora, mesmo eu tendo recusado antes...

A mão branca de Arthur apertou a grande mão de Adam em um instante, e com essa ação houve uma forte lembrança, de ambos os lados, da antiga afeição juvenil.

— Adam — disse Arthur, impelido à confissão completa agora —, nunca teria acontecido se eu soubesse que você a amava. Teria me ajudado a evitar isso. E eu realmente lutei: nunca quis machucá-la. Eu o enganei depois – e isso levou ao pior; mas me senti forçado, senti que era a melhor coisa que poderia fazer. E naquela carta disse a ela para me avisar se estivesse com algum problema: não pense que eu não teria feito tudo o que pudesse. Mas estava totalmente errado desde o início, e um erro terrível resultou disso. Deus sabe, eu daria minha vida se pudesse desfazê-lo.

Sentaram-se outra vez um em frente ao outro, e Adam disse tremendo:

— Como ela estava quando a deixou, senhor?

— Não me pergunte, Adam, — Arthur disse —, às vezes sinto que enlouqueceria pensando em sua aparência e no que ela me disse; que eu não pude obter um perdão total – que não pude salvá-la daquele destino miserável de ser deportada – que não posso fazer nada por ela por todos esses anos; e ela pode morrer e nunca mais encontrar o conforto.

— Ah, senhor — disse Adam, pela primeira vez sentindo sua própria dor se fundir em empatia por Arthur —, vamos muitas vezes

estar pensando a mesma coisa, quando tivermos longe um do outro. Vou orar para que Deus te ajude, assim como oro para que me ajude e a ajude.

— Mas há aquela doce mulher — Dinah Morris — Arthur disse, perseguindo seus próprios pensamentos e sem saber qual era o sentido das palavras de Adam —, disse que ficará com ela até o último momento — até que ela se vá; e a pobrezinha se apegava a ela como se encontrasse algum conforto. Eu poderia idolatrar aquela mulher; não sei o que faria se ela não estivesse lá. Adam, você a verá quando ela voltar. Não pude lhe dizer nada ontem — nada do que sentia por ela. Diga-lhe — continuou Arthur apressadamente, como se quisesse esconder a emoção com que falava, enquanto tirava a corrente e o relógio —, diga que lhe pedi para dar isso a ela em minha memória... — do homem para quem ela é a única fonte de conforto, quando ele pensa em... sei que ela não se importa com essas coisas — ou qualquer outra coisa que eu possa lhe dar por si só. Mas usará o relógio — gostaria de imaginar ela o usando.

— Vou entregar para ela, senhor — disse Adam — e dizer suas palavras. Ela me disse que voltaria para a fazenda Hall.

— E convencerá os Poysers a ficar, Adam? — perguntou Arthur, lembrando-se do assunto que ambos haviam se esquecido na primeira troca de amizade revivida. — Você ficará e ajudará Mr. Irwine a realizar os reparos e melhorias na propriedade?

— Tem uma coisa, senhor, que talvez não leve em conta — disse Adam, com hesitante gentileza —, e foi isso que me fez ficar mais tempo. Veja, é o mesmo comigo e com os Poysers: se a gente ficar, é pelo nosso próprio interesse mundano, e vai parecer que a gente vai aguentar qualquer coisa por causa disso. Sei que é isso que vão pensar, e não posso deixar de pensar um pouco assim. Quando as pessoas têm um espírito independente e honrado não gostam de fazer nada que possam parecer mesquinhas.

— Mas ninguém que o conhece vai pensar isso, Adam. Essa não é uma razão forte o suficiente contra um rumo que é realmente mais generoso, mais altruísta do que o outro. E saberão — será divulgado que tanto você quanto os Poysers permaneceram por meu apelo.

Adam, não tente piorar as coisas para mim; já estou sendo punido o suficiente sem isso.

— Não, senhor, não — disse Adam olhando para Arthur com afeição triste. — Deus me livre de piorar as coisas para o senhor. Costumava desejar poder fazer isso, na minha aflição –, mas foi quando pensei que não sofria o suficiente. Vou ficar, senhor, vou fazer o melhor que puder. É tudo em que tenho que pensar agora – fazer bem o meu trabalho e tornar o mundo um lugar um pouco melhor para aqueles que ainda podem apreciar.

— Então vamos nos despedir agora, Adam. Verá Mr. Irwine amanhã e o consultará sobre tudo.

— Vai partir em breve, senhor? — perguntou Adam.

— Assim que possível – depois que tomar as providências necessárias. Adeus, Adam. Vou me lembrar de você andando pelo velho lugar.

— Adeus, senhor. Deus te abençoe.

As mãos se apertaram mais uma vez e Adam deixou o eremitério, sentindo que a tristeza era mais suportável agora que o ódio desaparecera.

Assim que a porta fechou atrás de si, Arthur foi até o cesto de lixo e retirou o lencinho de seda cor-de-rosa.

FIM DO QUINTO LIVRO.

LIVRO VI



Capítulo XLIX

Na Fazenda Hall

O primeiro sol da tarde de outono de 1801 – mais de dezoito meses após a despedida de Adam e Arthur no eremitério – brilhava no pátio da fazenda Hall; e o buldogue estava em um de seus momentos mais agitados, pois era aquela hora do dia em que as vacas eram levadas ao pátio para a ordenha da tarde. Não é de se admirar que as pacientes bestas corressem confusas para os lugares errados, pois o barulho alarmante do buldogue se misturava com sons mais distantes que as tímidas criaturas, com perdoável superstição, imaginavam também ter alguma relação com os próprios movimentos – com o tremendo estalo do chicote do carroceiro, o rugido de sua voz e o trovão estrondoso da carroça, ao deixar o celeiro vazio de sua carga dourada.

A ordenha das vacas era uma visão que Mrs. Poyser adorava, e a essa hora, em dias amenos, geralmente ficava parada na porta de casa, com o tricô nas mãos, em contemplação, que só aumentava para um interesse mais atento quando a indócil vaca amarela, que uma vez chutara um balde de precioso leite, estava prestes a sofrer a punição preventiva de ter as patas traseiras amarradas.

Hoje, no entanto, Mrs. Poyser dera apenas uma atenção dividida à chegada das vacas, pois estava em uma discussão agitada com Dinah, que costurava o colarinho da camisa de Mr. Poyser, e suportara com paciência ter a linha quebrada três vezes por Totty puxando seu braço com uma insistência repentina de que ela deveria olhar para a “bebê”, ou seja, para uma grande boneca de madeira sem pernas e de saia longa, cuja cabeça careca, Totty, sentada em sua cadeirinha ao lado de Dinah, acariciava e pressionava a bochecha gorda com muito fervor. Totty estava maior devido a dois anos de crescimento desde quando você a viu pela primeira vez, e ela usava um vestido preto sob o avental. Mrs. Poyser também estava usando um vestido preto, o que parecia aumentar a semelhança familiar entre ela e Dinah. Em outros aspectos, havia pouca mudança externa agora perceptível em nossos

velhos amigos ou na agradável sala radiante com carvalho polido e estanho.

— Nunca vi alguém como você, Dinah — Mrs. Poyser dizia —, quando coloca uma coisa na cabeça cria raiz que nem uma árvore. Pode *dizê* o que *quisê*, mas *num* acredito que isso seja religião; pois sobre o que é o Sermão da Montanha,^[169] já que gosta tanto de ler *pros menino*, senão *pra fazê pros outro* o que queria que te fizessem? Mas se fosse algo irracional como dar sua capa *pros outro*, ou *deixá* que te dê um tapa na cara, suponho que ia *aceitá*. É só quando tem que *fazê* o que é de bom senso e bom *pra* você mesma que fica obstinada em *fazê* outra coisa.

— Não, querida tia — disse Dinah, com um leve sorriso enquanto continuava com a costura —, tenho certeza de que seu desejo seria uma razão para eu fazer qualquer coisa que não sentisse que seria errado.

— Errado?! Me faz *perdê* a paciência. O que tem de errado, posso *sabê*, em *ficá* com seus *amigo*, pois ficam mais *feliz* por te ter aqui, dispostos a te *sustentá*, mesmo que seu trabalho *num* valesse pelo bocado de comida de pardal que *cê* come e pelo pedaço de pano que veste? E quem, posso *sabê*, *cê* tem mais obrigação de *ajudá* e *confortá* neste mundo do que seu próprio sangue — e eu, a única tia que *cê* tem viva, todo inverno fico prestes a *morre*, e aí *tá* a criança sentada do seu lado que vai *ficá* com o coraçãozinho partido quando *cê* for embora, e o vô talvez *num* dure um ano, seu tio vai *sentí* a sua falta mais do que nunca — *pra acendê* o cachimbo e *cuidá* dele, e agora que posso te *confiá* a manteiga e tive todo o trabalho de te *ensiná*, toda a costura *pra* ser feita, vou ter que *chamá* uma garota estranha de Treddleston *pra fazê* isso — e tudo porque *cê* quer *voltá praquela* pilha de pedra que nem os *corvo* que voa lá, fica.

— Querida tia Rachel — disse Dinah, olhando para o rosto de Mrs. Poyser —, é a sua bondade que a faz dizer que lhe sou útil. Realmente não precisa de mim agora, pois Nancy e Molly são espertas para o trabalho, está em boa saúde agora, pela bênção de Deus; meu tio tem um semblante alegre de novo, e tem vizinhos e amigos que não são poucos — alguns deles vêm visitar meu tio quase todo dia. Na verdade,

não sentirá minha falta; e em Snowfield há irmãos e irmãs em grande necessidade, que não têm nenhum desses confortos que tem ao seu redor. Sinto que fui chamada de volta àqueles entre os quais minha sorte foi lançada pela primeira vez. Sinto-me atraída de novo para as colinas onde costumava ser abençoada por levar a palavra da vida aos pecadores e desolados.

— *Cê sente! Sim* — disse Mrs. Poyser, voltando de um olhar intercalado para as vacas —, essa é sempre a razão que devo me *contentá* quando *cê* pretende *fazê* qualquer coisa do contra. O que mais quer *pregá* do que *tá* pregando agora? *Num* sai, sabe Deus *pra* onde, todo o domingo *pra* *pregá* e *orá*? E *num* tem metodista o bastante agora em Treddleston *pra* *cê* ver, caso a cara do povo da igreja seja bonita demais *pro* teu gosto? E *num* cativou bastante tipo aqui que vai *fazê* amizade com o tihoso de novo assim que *cê* *virá* as costas? E tem aquela Bessy Cranage — ela vai *aparecê* com uma roupa nova três *semana* depois que *cê* for embora, tenho certeza. Ela vai *continuá* com a nova vida sem você tanto quanto um cachorro fica sentado quando ninguém *tá* olhando. Mas imagino que *num* importa tanto as *alma* do pessoal desta região, senão *cê* ia *ficá* aqui com sua tia, pois ela *num* é tão boa, a *num* ser que ajude ela a *melhorá*.

Havia algo na voz de Mrs. Poyser naquele momento que ela não queria que fosse notado, então se virou apressadamente para olhar para o relógio e disse:

— Veja! É hora do chá, e se Martin *tiver* no celeiro, ele vai *gostá duma* xícara. Aqui, Totty, minha pixotinha, deixe a mãe *colocá* seu gorro, então vai *pro* celeiro e vê se o pai *tá* lá e diga *pra* ele que *num* deve *saí* de novo sem vir *tomá* uma xícara de chá; e diga *pros* seus *irmão* *entrá* também.

Totty trotou com seu gorro esvoaçando, enquanto Mrs. Poyser arrumava a mesa de carvalho brilhante e colocava as xícaras de chá.

— *Cê* fala que Nancy e Molly são *esperta pro* trabalho — ela recomeçou —, *falá* é fácil. São tudo igual, esperta ou estúpida. *Num* se pode *confiá* nelas nem um minuto. Precisam de alguém de olho o tempo todo *pra* *fazê* o trabalho. E se eu *ficá* doente de novo neste inverno, como fiquei no retrasado? Quem vai *cuidá* delas se *cê* for

embora? E tem aquela abençoada criança – com certeza vai *acontecê* alguma coisa com ela – vão *deixá* ela *caí* no fogo, ou *chegá* perto da caldeira de banha fervendo, ou alguma desgraça que vai *deixá* ela estropiada por toda a vida; e vai ser tudo culpa sua, Dinah.

— Tia — disse Dinah —, prometo voltar no inverno se ficar doente. Não pense que jamais ficaria longe de você se realmente precisasse de mim. Mas, de fato, é necessário para minha própria alma que me afaste dessa vida de facilidade e luxo na qual tenho fartamente todas as coisas para desfrutar – pelo menos que eu me vá por um curto período. Ninguém sabe, além de mim, quais são minhas necessidades interiores, as fraquezas pelas quais corro perigo. Seu desejo de que eu fique não é um chamado ao dever que me recuso a atender porque vai contra meus próprios desejos; é uma tentação que devo resistir, para que o amor pela criatura não se torne como uma névoa em minha alma que exclui a luz celestial.

— *Num* faço ideia do que quer *dizê* com facilidade e luxo — disse Mrs. Poyser, enquanto cortava o pão e a manteiga. — É verdade que tem comida o bastante *pra* você, e nunca ninguém vai *podê dizê* que *num* forneço mais que o bastante, mas se por acaso sobra alguma coisa que ninguém quer *comê*, é isso que *cê* escolhe... mas olha! Lá vem Adam Bede carregando a pequeninha *pra* dentro. Me pergunto por que veio tão cedo.

Mrs. Poyser se apressou até a porta pelo prazer de olhar para sua queridinha naquela posição nova, com amor nos olhos, mas reprovação na língua.

— Oh, que vergonha, Totty! Uma menininha de cinco *ano* devia ter vergonha de ser carregada no colo. Ora, Adam, ela vai *quebrá* seu braço, uma menina tão grande assim; bota ela no chão – que vergonha!

— Não, não — disse Adam —, consigo levántá-la com a mão – não preciso segurar com o braço.

Totty, parecendo tão serenamente alheia aos comentários como um cãozinho branco e gordo, foi colocada na soleira da porta, e a mãe reforçou sua repreensão com uma chuva de beijos.

— Parece surpresa em me ver a esta hora do dia — disse Adam.

— Sim, mas entre — disse Mrs. Poyser, abrindo caminho para ele —; sem má notícia, espero?

— Não, nada de ruim — Adam respondeu, enquanto se direcionava a Dinah e lhe estendia a mão. Ela havia deixado a costura e se levantado, instintivamente, quando ele se aproximou dela. Um leve rubor desaparecia de suas bochechas pálidas quando colocou a mão na dele e o olhou com timidez.

— É um recado para você que me trouxe aqui, Dinah — disse Adam, parecendo inconsciente de que estava segurando a mão dela o tempo todo —; minha mãe está um pouco doente e deseja que venha passar a noite com ela, por favor. Eu disse para ela que te visitaria e perguntaria quando viesse da aldeia. Ela trabalha demais, e não consigo convencê-la de arrumar uma moça para ajudar. Não sei o que posso fazer.

Adam soltou a mão de Dinah quando parou de falar e esperava uma resposta, mas antes que ela abrisse os lábios, Mrs. Poyser disse:

— Olha aí! Eu disse que tinha bastante gente *pra* *cê* *ajudá* nesta paróquia sem ter que ir mais longe. Tem Mrs. Bede que *tá* ficando tão velha e fraca quanto pode e *num* vai *deixá* ninguém, a *num* ser você, *chegá* perto dela. O povo de Snowfield já aprendeu a se *virá* sem você, ela não.

— Vou colocar meu gorro e partir direto, se não quiser que eu faça alguma coisa antes, tia — disse Dinah, dobrando a costura.

— Sim, eu quero que faça uma coisa. Quero que tome seu chá, criança; *tá* tudo pronto – e tem uma xicara *pra* você, Adam, se *num* *tiver* com muita pressa.

— Sim, vou querer uma xícara, por favor; e então vou caminhar com Dinah. Vou direto para casa, pois tenho muitos cálculos de madeira para anotar.

— Por que, Adam, rapaz, *tá* aqui? — disse Mr. Poyser, entrando suado e sem casaco, com os dois meninos de olhos pretos atrás dele, ainda se pareciam tanto com ele quanto dois elefantinhos se parecem com um grande. — Como é que a gente conseguiu te ver antes da época da forragem?

— Vim trazer um recado da minha mãe — disse Adam. — Ela está

com um pouco da antiga queixa, e quer que Dinah venha e fique um pouco com ela.

— Bem, vamos *dispensá* ela *pra* sua mãe por um tempinho — disse Mrs. Poyser. Mas *num* vamos *dispensá* mais *pra* qualquer outra pessoa, só *pro* marido.

— Marido! — exclamou Marty que vivia o período mais prosaico e literal da mente juvenil. — Ora, Dinah *num* tem marido.

— *Dispensá*? — disse Mrs. Poyser colocando um bolo de sementes na mesa e depois se sentando para servir o chá. — Mas a gente tem que *dispensá* ela, ao que parece, nem é *prum* marido, mas *pros* seus *próprio* capricho. Tommy, o que *tá* fazendo com a boneca da sua irmã? Faz a menina *ficá* malcriada, ela ia *ficá* boazinha se deixasse. *Num* vai *ganhá* um pedaço de bolo se comportando assim.

Tommy, com verdadeira compaixão fraternal, divertia-se virando a saia da boneca sobre a cabeça careca e exibindo o corpo truncado dela para o escárnio geral – uma indignidade que partiu o coração de Totty.

— O que acha que Dinah *tava* me contando? — continuou Mrs. Poyser, olhando para o marido.

— Hum! Sou ruim *pra* *adivinhá* — disse Mr. Poyser.

— Ora, ela pretende *voltá* *pra* Snowfield de novo, *trabalhá* no moinho e *morrê* de fome, como costumava *fazê*, que nem uma criatura sem amigo.

Mr. Poyser não encontrou rapidamente palavras para expressar seu desagradável espanto; apenas olhou da esposa para Dinah, que agora estava sentada ao lado de Totty, como um baluarte contra brincadeiras fraternas, e ocupada com o chá das crianças. Se ele fosse dado a fazer reflexões gerais, teria lhe ocorrido que certamente houve uma mudança em Dinah, pois ela nunca costumava mudar de cor; mas, assim sendo, apenas observou que seu rosto estava ruborizado naquele momento. Mr. Poyser achou que estava mais bonita: era um rubor não mais profundo do que a pétala de uma rosa pálida. Talvez fosse porque o tio a olhava tão fixamente; mas não há como saber, pois naquele momento Adam estava dizendo, com uma calma surpresa:

— Ora, esperava que Dinah ficasse com a gente pelo resto da vida. Achei que tivesse desistido de voltar para sua antiga região.

— Achou?! Sim — disse Mrs. Poyser —, e qualquer um em seu devido juízo ia *achá*. Mas acho que tem que ser um metodista *pra sabê* o que um metodista vai *fazê*. É difícil *adivinhá* o que os *morcego* procura.

— Ora, o que a gente fez *pra* você? Dinah, como pode se *afastá* da gente? — disse Mr. Poyser, ainda segurando a xícara de chá. — É como se *num* cumprisse sua palavra, pois sua tia nunca pensou que *num* ia *fazê* desta a sua casa.

— Não, tio — disse Dinah, tentando ficar bastante calma. — Quando eu vim pela primeira vez, disse que era apenas por um tempo, contanto que pudesse ser de algum conforto para minha tia.

— Bem, e quem disse que deixou de ser um conforto *pra* mim? — disse Mrs. Poyser. — Se *num* pretendia *ficá* comigo, era melhor nunca ter vindo. Aquele que nunca teve um travesseiro *num* sente falta.

— Não — disse Mr. Poyser, que se opunha a opiniões exageradas. — *Num* deve *dizê* isso; a gente ia ter ficado mal sem ela no último Dia da Anunciação. Temos que *agradecê* por isso, quer ela fique ou não. Mas *num* consigo *entendê* por que ela ia *deixá* um bom lar, *pra voltá pruma* terra que, na maior parte, *num* vale dez *xelim* o acre, com aluguel e lucro.

— Ora, é exatamente por esse motivo que ela quer ir, tanto quanto pode *arrumá* um motivo — disse Mrs. Poyser. — Ela diz que esta terra é muito confortável, que tem muita coisa *pra comê* e o povo *num* é miserável o bastante. E vai embora na próxima semana. *Num* posso *convencê* ela, seja lá o que eu diga. É sempre assim com gente de cara mansa; a gente fica falando com as *parede*. Mas eu digo que *num* é religioso ser tão obstinado — né, Adam?

Adam viu que Dinah estava mais perturbada do que nunca por causa de um assunto relacionado a ela e, ansioso para aliviá-la, se possível, disse, olhando para ela com carinho:

— Não, não consigo encontrar defeito em nada que Dinah faz. Acredito que os pensamentos dela são melhores do que nossos palpites, sejam eles quais forem. Eu ficaria agradecido se ela ficasse

com a gente, mas se ela acha melhor partir, não vou contrariar ou dificultar as coisas com objeções. A gente deve a ela mais do que isso.

Como muitas vezes acontece, as palavras destinadas a aliviá-la foram demais para os sentimentos susceptíveis de Dinah nesse momento. As lágrimas brotaram dos olhos cinzentos rápido demais para serem escondidas, e ela se levantou apressada, dando a entender que colocaria o gorro.

— Mãe, *puque* Dinah tá chorando? — perguntou Totty. — Ela *num* é travessa.

— *Cê* foi um pouco longe demais — disse Mr. Poyser. —, a gente *num* tem o direito de *interferí* no que ela quer *fazê*. E *cê* ia ficar muito zangada comigo, se eu dissesse uma palavra contra qualquer coisa que ela faz.

— Porque *cê* gosta de *achá* defeito sem motivo — disse Mrs. Poyser. — Mas tem uma razão *pro* que eu digo, senão eu *num* ia *dizê*. É fácil *falá* quando *num* se ama ela tanto quanto a própria tia. E me acostumei tanto com ela! Vou *ficá* tão agitada quanto uma ovelha recém-tosquiada quando ela for embora. *Pensá* em *deixá* uma paróquia onde é tão bem-vista. E Mr. Irwine que a trata como se fosse uma dama por ser metodista, com essa minhoca de pregação na cabeça — Deus me perdoe se *tô* errada de *falá* assim.

— Sim — disse Mr. Poyser, com ar jocoso —, mas *cê num* contou *pra* Adam o que ele disse sobre isso um dia. A patroa *tava* dizendo, Adam, como a pregação era o único defeito de Dinah, e Mr. Irwine disse: “Mas não deve achar isso um defeito, Mrs. Poyser; esquece que ela não tem um marido para quem pregar. Garanto que daria a ele vários sermões”. O reitor te pegou nessa — acrescentou Mr. Poyser, rindo com entusiasmo. — Contei isso *pra* Bartle Massey, e ele deu risada também.

— Sim, uma piadinha que faz os *homem* dar risada quando fica *sentado* olhando um *pra* cara do outro com o cachimbo na boca — disse Mrs. Poyser. — Dê corda *pra* Bartle Massey, e ele vai *ficá* com todo o sarcasmo do mundo *pra* ele. Acho que se a gente fosse *dependê* do debulhador, todo mundo ia ser palha. Totty, minha pixotinha, vá lá em cima *procurá* a prima Dinah, veja o que ela *tá* fazendo e dê um

beijinho nela.

Essa incumbência foi destinada a Totty como um meio de reprimir certas caretas ameaçadoras de choro; pois Tommy, não esperando mais bolo, levantava as pálpebras com os dedos indicadores e virava os olhos para Totty de uma maneira que ela sentia como uma desagradável afronta.

— *Cê tá bem e ocupado agora, né, Adam?* — perguntou Mr. Poyser.
— *Burge tá ficando tão mal da asma, ia ser muito se conseguisse cavalgá de novo.*

— Sim, a gente tem um bocado de trabalho agora — disse Adam —, com os reparos na propriedade e as novas casas em Treddleston.

— Aposto que a nova casa que Burge *tá* construindo no pedaço de terra é *pra* ele e Mary — disse Mr. Poyser. — Em breve ele vai *deixá* os *negócio*, garanto, e *querê* que aceite tudo e pague uma porcentagem anual. Vamos ver *cê* morando na colina antes que mais um ano acabe.

— Bem — disse Adam —, eu gostaria de cuidar dos negócios. Não me importo muito em conseguir mais dinheiro. A gente tem mais que o suficiente agora, apenas os dois e a mãe; mas eu gostaria de fazer as coisas do meu jeito, poderia começar projetos novos, o que não posso fazer agora.

— *Cê se dá muito bem com o novo administrador, imagino?* — disse Mr. Poyser.

— Sim, sim. Ele é um homem bastante sensato, entende de agricultura, está cuidando bem da drenagem e tudo mais. Você devia ir algum dia para o lado de Stonyshire e ver que mudanças que estão fazendo. Mas ele não tem noção de construção. Raramente se pode fazer um homem aprender mais do que uma coisa; é como se tivesse antolhos que nem os de cavalo e não pudesse ver nada além de uma direção. Agora, Mr. Irwine tem noções de construção mais do que a maioria dos arquitetos; pois quanto aos arquitetos, eles pretendem ser bons camaradas, mas a maioria não sabe onde colocar uma chaminé para que ela não brigue com a porta. Minha opinião é que um construtor prático com um pouco de bom gosto é o melhor arquiteto para coisas comuns; e tenho dez vezes mais prazer de ver depois o trabalho quando eu mesmo planejei.

Mr. Poyser ouvia com um interesse admirado o discurso de Adam sobre construção, mas talvez isso lhe sugerisse que a construção de seu estrado de secagem estava ocorrendo há muito tempo sem o controle do olhar do mestre, pois quando Adam terminou de falar, ele se levantou e disse:

— Bem, rapaz, vou me *despedí* agora, pois tô indo *pro* celeiro de novo.

Adam se levantou também, pois viu Dinah entrar, vestindo seu gorro e com uma cestinha na mão, precedida por Totty.

— Está pronta, pelo que vejo, Dinah — Adam disse —; então vamos partir, pois quanto mais cedo eu estiver em casa, melhor.

— Mãe — disse Totty, com seu pio agudo —, Dinah *tava* orando e chorando muito.

— Xiu, xiuu! — disse a mãe —, menininha *num* deve *tagarelá*.

Ao que o pai, sacudindo de risada silenciosa, colocou Totty na mesa de pinho branco e lhe pediu um beijo. Mr. e Mrs. Poyser, como percebe, não tinham princípios corretos de educação.

— Volte amanhã se Mrs. Bede *num* te *quisé*, Dinah — disse Mrs. Poyser —, mas veja, pode *ficá*, sabe, se ela *tivé* doente.

Então, quando todos se despediram, Dinah e Adam deixaram a fazenda Hall juntos.

Capítulo L

Na Casa de Campo

Adam não pediu a Dinah para segurar seu braço quando saíram para a alameda. Ele nunca havia feito isso, muitas vezes enquanto caminhavam juntos, pois observara que ela nunca andava de braços dados com Seth, e pensou que, talvez, esse tipo de apoio não lhe fosse agradável. Então caminharam separados, embora lado a lado, e o pequeno gorro preto dela escondia seu rosto.

— Não ficaria feliz, então, de fazer da fazenda Hall sua casa, Dinah? — Adam disse, com o interesse tranquilo de um irmão, que não tem ele mesmo ansiedade no assunto. — É uma pena, já que gostam tanto de você.

— Sabe, Adam, meu coração é como o coração deles, no que diz respeito ao amor e ao cuidado de seu bem-estar, mas não estão em necessidade no momento. Seus pesares foram curados e sinto que fui chamada de volta ao meu antigo trabalho, no qual encontrei uma bênção que perdi ultimamente em meio a abundantes bens mundanos. Sei que é um pensamento vaidoso fugir da obra que Deus nos designa, a fim de encontrar uma bênção maior para nossas almas, como se pudéssemos escolher por nós mesmos onde encontraremos a plenitude da Presença Divina, em vez de procurá-la onde sozinha ela pode ser encontrada, em obediência amorosa. Mas agora, acredito, tenho uma clara demonstração de que meu trabalho está em outro lugar – pelo menos por um tempo. Nos próximos anos, se a saúde de minha tia piorar, ou se ela precisar de mim, voltarei.

— Você sabe o que é melhor, Dinah — disse Adam. Não acredito que iria contra os desejos daqueles que te amam e são seus parentes, sem uma razão boa e suficiente na própria consciência. Não tenho o direito de dizer que lamento: sabe muito bem por que te coloco acima de todos os amigos que tenho; e se tivesse sido ordenado para que você pudesse ser minha irmã e viver com a gente por toda a nossa vida, eu teria considerado isso a maior bênção que podia acontecer

agora. Mas Seth me disse que não há esperança disso: seus sentimentos são diferentes, e talvez eu esteja indo longe demais falando nisso.

Dinah não respondeu, e eles caminharam em silêncio por alguns metros, até chegarem a um saltador feito de pedras, por onde Adam havia passado primeiro e se virado para lhe dar a mão enquanto ela subia o degrau excepcionalmente alto, o que não conseguiu impedir de ver o rosto de Dinah. Atingiu-o de surpresa, pois os olhos cinzentos, geralmente tão suaves e sérios, tinham um radiante olhar inquieto que acompanhava a agitação suprimida, e o leve rubor nas bochechas, com o qual ela descera os degraus, foi intensificado em um profundo tom rosado. Ela parecia ser uma irmã de Dinah. Adam ficou em silêncio surpreso e conjecturando por alguns momentos, e então disse:

— Espero não ter te magoado ou desagradado com o que eu disse, Dinah. Talvez eu tenha sido muito descuidado. Não desejo nada diferente do que você acha que é o melhor, e me contento se morar a cinquenta quilômetros de distância, se achar que é o certo. Vou pensar em você tanto quanto penso agora, pois você está vinculada ao que não posso evitar de lembrar, assim como não posso evitar meu coração de bater.

Pobre Adam! Assim os homens erram. Dinah não respondeu, mas, em seguida, disse:

— Teve alguma notícia daquele pobre jovem desde a última vez que falamos dele?

Dinah sempre chamava Arthur assim; nunca esquecera a imagem dele como o vira na prisão.

— Sim — disse Adam. — Mr. Irwine leu para mim uma parte de uma carta dele ontem. É quase certo, dizem que logo a gente vai ter paz,^[170] embora ninguém acredite que dure muito; mas ele diz que não pretende voltar para casa. Ainda não tem cabeça para isso, e é melhor que ele se mantenha afastado. Mr. Irwine acha que ele tem razão em não voltar. É uma carta triste. Ele pergunta sobre você e os Poysers, como sempre faz. Tem uma coisa na carta que me tocou um bocado: “Não pode imaginar como me sinto velho”, ele disse. “Não faço nenhum plano agora. Fico melhor quando tenho um bom dia de

marcha ou de luta pela frente”.

— Ele é de natureza precipitada e calorosa, como Esaú, por quem sempre senti muita pena — disse Dinah. — Aquele encontro entre os irmãos, onde Esaú é tão amoroso e generoso, e Jacó tão tímido e desconfiado,^[171] apesar de seu senso de proteção Divina, sempre me tocou muito. Na verdade, às vezes fui tentada a dizer que Jacó tinha um espírito mesquinho. Mas essa é a nossa provação: devemos aprender a ver o que há de bom em meio a muita coisa que é desagradável.

— Ah — disse Adam —, eu gosto mais de ler sobre Moisés, no Antigo Testamento. Ele conduziu uma tarefa difícil até o fim e morreu quando o povo estava prestes a colher os frutos.^[172] Um homem deve ter coragem de olhar para sua vida assim e pensar no que vai acontecer depois que ele estiver morto. Um trabalho sólido dura, mesmo que seja o alicerce de uma casa, alguém vai se beneficiar por ser bem-feito, além do homem que construiu.

Ambos ficaram felizes em conversar sobre assuntos que não eram pessoais, e desta forma continuaram até passarem pela ponte sobre o riacho Willow, quando Adam se virou e disse:

— Ah, ali vem Seth. Pensei que ele estaria em casa logo. Ele sabe que está indo embora, Dinah?

— Sim, eu lhe disse no último sábado.

Adam se lembrou agora de que Seth voltara para casa muito deprimido na tarde de domingo, uma circunstância muito incomum ultimamente, pois a felicidade que sentia em ver Dinah todas as semanas parecia ter superado a dor de saber que ela nunca se casaria com ele. Nessa tarde, tinha o usual ar de ingênuo contentamento sonhador, até que chegou bem perto de Dinah e viu os vestígios de lágrimas em suas delicadas pálpebras e cílios. Ele deu uma rápida olhada para o irmão, mas era evidente que Adam estava alheio ao fluxo de emoção que abalara Dinah: tinha a aparência cotidiana de despreocupada calma. Seth tentou não deixar que Dinah percebesse que ele notara o rosto dela e apenas disse:

— Agradeço por ter vindo, Dinah, pois a mãe ficou te esperando o dia todo. Ela começou a falar de você logo pela manhã.

Quando entraram na casa, Lisbeth estava sentada na poltrona, cansada demais para preparar a refeição noturna, tarefa que sempre realizava com bastante antecedência, para recebê-los na porta como de costume, quando ouviu os passos que se aproximavam.

— Venha, criança, até que enfim chegou — disse ela, quando Dinah foi em sua direção. — Como assim *ficá* uma semana toda sem me ver?

— Querida amiga — disse Dinah, pegando sua mão —, não está se sentindo bem. Se soubesse antes teria vindo.

— E como é que ia *sabê* se *num* vem? Os *rapaz* só sabe o que eu conto. Contanto que a gente *teja* se mexendo, os *homem* pensa que a gente *tá* com saúde. Mas *num* tô tão mal, só um pouco de resfriado que me deixa dolorida. E os *rapaz* me *enche* tanto *pra* que eu arrume alguém *pra* me *ajudá* no trabalho — faz minha dor *piorá* com essa conversa. Se viesse e ficasse comigo, iam me *deixá* em paz. Os Poysers *num* pode *precisá* tanto de você quanto eu. Mas tire esse gorro, e me deixa te dar uma olhada.

Dinah estava se afastando, mas Lisbeth a segurou firme, enquanto tirava o gorro, e olhou para seu rosto como alguém que olha para um floco de neve recém-colhido, para renovar as antigas impressões de pureza e gentileza.

— Qual é o problema? — disse Lisbeth, espantada. — *Cê tava* chorando.

— É apenas uma tristeza passageira — disse Dinah, que não queria provocar os protestos de Lisbeth revelando sua intenção de deixar Hayslope. — Saberá em breve — falaremos sobre isso à noite. Ficarei contigo esta noite.

Lisbeth foi tranquilizada por essa perspectiva. E teve toda a noite para falar com Dinah a sós; pois havia um novo quarto na casa, lembre-se, construído há quase dois anos, na expectativa de uma nova ocupante; e aqui Adam sempre se sentava quando tinha que escrever ou fazer projetos. Seth se sentou ali também nessa noite, pois sabia que a mãe gostaria de ter Dinah só para ela.

Havia duas figuras bonitas nos dois lados da parede da casa. De um lado estava a senhora de ombros largos, traços largos e resistente, de casaco azul e lenço amarelo, com olhares ansiosos e turvos voltados

constantemente para o rosto de lírio e a forma esguia de vestido preto, que se movia com leveza em uma atividade prestativa, ou sentada perto da poltrona da idosa, segurando sua mão mirrada com os olhos erguidos para lhe falar em uma língua que Lisbeth entendia muito melhor do que a Bíblia ou o hinário. Ela dificilmente ouviria a leitura nessa noite.

— Não, não, feche o livro — disse ela. — Vamos *conversá*. Quero *sabê* por que *tava* chorando. Tá com problema, como todo mundo?

Do outro lado da parede estavam os dois irmãos tão parecidos em meio às suas diferenças: Adam de sobrelhas franzidas, cabelos desgrehados e cor escura e vigorosa, absorto em seus “cálculos”; Seth, com feições grandes e irregulares, a cópia aproximada de seu irmão, mas com cabelos castanhos finos e ondulados e olhos azuis sonhadores,^[173] muitas vezes olhando vagamente para fora da janela em vez de para seu livro, embora fosse um livro recém-comprado – resumo de Wesley sobre a vida de Madame Guyon,^[174] que lhe despertou muita admiração e interesse. Seth disse a Adam:

— Posso te ajudar com alguma coisa aqui esta noite? Não quero fazer barulho na oficina.

— Não, rapaz — respondeu Adam —, não tem nada além do que devo fazer eu mesmo. Tem seu novo livro para ler.

E muitas vezes, quando Seth estava bastante distraído, Adam, enquanto fazia uma pausa depois de traçar uma linha com a régua, olhava para o irmão com um sorriso gentil nos olhos. Sabia que “o rapaz gostava de ficar sentado cheio de pensamentos que não podia dar conta; nunca davam em nada, mas o faziam feliz”, e no último ano, mais ou menos, Adam estava ficando cada vez mais indulgente com Seth. Era parte daquela crescente ternura que vinha da tristeza que operava dentro dele.

Pois Adam, embora dono de si mesmo, trabalhando duro e se deleitando no trabalho de acordo com sua inata natureza inalienável, não superara seu pesar – não o sentira se soltar dele como um fardo temporário e deixá-lo o mesmo homem outra vez. E algum de nós já? Deus me livre! Seria um triste resultado para toda a nossa angústia e luta se, no final, não ganhássemos nada além de nossas antigas versões

– se voltássemos aos mesmos amores cegos, à mesma culpa autoconfiante, aos mesmos pensamentos levianos de sofrimento humano, às mesmas fofocas frívolas sobre vidas humanas arruinadas, ao mesmo senso débil daquele Desconhecido para o qual lançamos gritos irreprimíveis em nossa solidão. Sejam então gratos por nosso pesar viver dentro de nós como uma força indestrutível, apenas mudando de forma, como as forças fazem, e passando da dor para a compaixão – a única palavra pobre que inclui todo o nosso melhor discernimento e nosso melhor amor. Não que essa transformação de dor em compaixão tivesse ocorrido completamente em Adam. Ainda havia um grande vestígio de dor, e sentiu que subsistiria enquanto a dor *dela* não fosse uma memória, mas uma coisa existente, que deveria imaginar renovada com a luz de cada nova manhã. Mas acostumamo-nos tanto à dor mental como à física, sem, apesar disso, perdermos a nossa sensibilidade a elas. Torna-se um hábito de nossas vidas, e deixamos de imaginar uma condição de perfeita comodidade possível para nós. O desejo é depurado até a submissão, e ficamos contentes com o dia em que nos tornamos capazes de suportar nossa tristeza em silêncio e agir como se não estivéssemos sofrendo. Pois são em tais períodos que o sentido de nossas vidas, tendo relações visíveis e invisíveis, além de qualquer um dos quais nosso eu presente ou potencial é o centro, cresce como um músculo no qual somos obrigados a nos apoiar e exercitar.

Esse era o estado de espírito de Adam nesse segundo outono de seu pesar. Seu trabalho, como sabe, sempre fizera parte de sua religião, e desde muito cedo via com clareza que a boa carpintaria era a vontade de Deus – era essa forma da vontade de Deus que o preocupava mais imediatamente. Mas agora não lhe havia margem para sonhos além dessa realidade diurna, nenhuma folga em dia de trabalho, nenhum momento distante em que o dever tiraria sua luva de ferro e sua couraça e o abraçaria gentilmente em repouso. Não concebia nenhuma imagem do futuro, exceto uma feita de dias de trabalho duro como vivia, com crescente contentamento e intensidade de interesse a cada nova semana. O amor, pensou ele, nunca poderia ser nada além de uma memória viva – um membro amputado, mas não retirado da

consciência. Não sabia que o poder do amor estava o tempo todo ganhando nova força dentro dele; que as novas sensibilidades adquiridas por uma experiência profunda eram tantas fibras novas pelas quais era possível, ou melhor, necessário, que sua natureza se entrelaçasse com outra. No entanto, estava ciente de que o afeto e a amizade comuns lhe eram mais preciosos do que costumavam ser – que se apegava mais à mãe e a Seth, e sentia uma satisfação indescritível ao ver ou imaginar qualquer pequeno acréscimo à felicidade deles. Aos Poysers também – mal se passaram três ou quatro dias, mas sentia a necessidade de vê-los e trocar palavras e olhares afáveis. Teria sentido isso, provavelmente, mesmo que Dinah não estivesse com eles, mas só dissera a mais simples verdade ao dizer a Dinah que a colocava acima de todos os outros amigos do mundo. Poderia algo ser mais natural? Pois nos momentos mais sombrios da memória, pensar nela sempre era como o primeiro raio de retorno do conforto.

Os primeiros dias de trevas na fazenda Hall foram gradualmente se transformando em suave luar com a presença dela; e em casa também, pois vinha a cada momento livre para acalmar e animar a pobre Lisbeth, que fora tomada por um medo que subjugou até mesmo a lamúria, ao ver o rosto abatido de seu querido Adam. Ele se acostumara a observar seus movimentos leves e silenciosos, o jeito amoroso com as crianças, quando ia à fazenda Hall; ouvir sua voz como se fosse uma música recorrente; e pensar que tudo o que ela dizia e fazia era certo e não poderia ser melhor. Apesar da própria sabedoria, não podia criticá-la por seu excesso de indulgência com as crianças, que conseguiram converter Dinah, a pregadora, diante de quem homens rudes frequentemente tremiam um pouco, em uma conveniente escrava doméstica – embora a própria Dinah estivesse bastante envergonhada dessa fraqueza e tivesse algum conflito interno quanto a se afastar dos preceitos de Salomão.^[175] Sim, havia uma coisa que poderia ter sido melhor; ela poderia ter amado Seth e aceitado se casar com ele. Sentiu-se um pouco irritado, pelo bem do irmão, e não pôde deixar de pensar com tristeza em como Dinah, sendo esposa de Seth, teria tornado o lar o mais feliz possível para todos eles – como

ela seria o único ser que teria reconfortado os últimos dias da mãe com paz e descanso.

“É espantoso que ela não ame o rapaz”, Adam dizia algumas vezes para si mesmo, “pois qualquer um iria pensar que ele foi feito para ela. Mas o coração dela está tão ocupado com outras coisas. É uma daquelas mulheres que não sentem vontade de ter marido e filhos. Acha que deve se ocupar com a própria vida então, e está acostumada a viver cuidando dos outros, não pode suportar a ideia de que seu coração se feche para eles. Eu entendo como é, muito bem. É diferente da maioria das mulheres: entendi isso faz muito tempo. Ela não fica tranquila se não estiver ajudando alguém, e o casamento interferiria nos seus modos – isso é verdade. Não tenho o direito de planejar e pensar que seria melhor se ela aceitasse Seth, como se eu fosse mais sábio do que ela – ou do que Deus também, pois Ele a fez o que ela é, e isso é uma das maiores bênçãos que já recebi de Suas mãos, e outros além de mim”.

Essa autocensura voltou com força à mente de Adam quando deduziu do rosto de Dinah que a ferira referindo-se ao seu desejo de que tivesse aceitado Seth, e então se esforçara para colocar em palavras mais fortes a confiança de que sua decisão era a certa – até mesmo a resignação a ela se afastar e deixar de fazer parte de suas vidas de outra forma que não fosse em pensamentos, se essa separação fosse de sua própria escolha. Tinha certeza de que ela sabia muito bem o quanto ele se importava em vê-la com frequência – conversar com ela silenciosamente cientes de uma grande lembrança mútua. Não era possível que entendesse nada além de abnegado afeto e respeito na garantia de que estava contente por ela partir; no entanto, permanecia um sentimento inquieto em sua mente de que não dissera a coisa certa – que, de alguma forma, Dinah não o entendera.

Dinah deve ter se levantado um pouco antes do sol nascer na manhã seguinte, pois estava no andar de baixo por volta das cinco horas. Assim como Seth, pois, devido à recusa obstinada de Lisbeth em ter qualquer ajudante feminina em casa, tornara-se, como dizia Adam, “muito útil no trabalho doméstico”, para que pudesse poupar a mãe de um cansaço maior; com base nisso, espero que não o considere pouco

viril, assim como não poderia ter considerado o galante coronel Bath pouco viril quando preparou a sopa para a irmã inválida.^[176] Adam, que ficara até tarde escrevendo, ainda estava dormindo e era provável, disse Seth, que não acordasse até a hora do café da manhã. Nas muitas vezes que Dinah visitara Lisbeth durante os últimos dezoito meses, não dormira mais na casa desde aquela noite após a morte de Thias, quando, lembre-se, Lisbeth elogiara seus movimentos hábeis e até dera uma aprovação moderada ao seu mingau. Mas nesse longo intervalo, Dinah fizera grandes avanços nas habilidades domésticas, e nessa manhã, já que Seth estava lá para ajudar, estava empenhada em levar tudo para um nível de limpeza e ordem que teria satisfeito sua tia Poyser. A casa estava longe desse padrão no momento, pois o reumatismo de Lisbeth a forçara a abandonar os velhos diletantes hábitos de limpeza e polimento. Quando a cozinha estava ao seu gosto, Dinah foi para o novo cômodo, onde Adam estava escrevendo na noite anterior, para ver o que precisava varrer e espanar. Abriu a janela e deixou entrar o ar fresco da manhã, o aroma da roseira brava e os raios baixos e brilhantes do sol da manhã, que exaltaram seu pálido rosto e o pálido cabelo ruivo enquanto segurava a vassoura e varria, cantando para si em um tom muito baixo – como um doce murmúrio de verão que você deve ouvir com atenção – um dos hinos de Charles Wesley:

*Raio Eterno de Divina Luz,
Fonte de inesgotável amor,
Em quem a glória do Pai reluz,
Por terra abaixo e céu superior;*

*Jesus: do andarilho, a serenidade,
Dá-me teu jugo fácil suportado;
Com imbatível impassibilidade,
E temor santo, amor imaculado.*

*Diga à minha violência: “Paz!”
Ao coração trêmulo: “Quieto!”*

*Em Teu poder minha força jaz,
Pois nada resiste ao Teu veto.*^[177]

Deixou a vassoura e pegou o espanador; e se você já tivesse vivido na casa de Mrs. Poyser saberia como o espanador se comportava na mão de Dinah – como ele entrava em cada cantinho e em cada saliência dentro e fora de vista – como dava voltas e mais voltas em cada ripa das cadeiras, cada perna, por baixo e por cima de tudo o que estava sobre a mesa, até chegar aos papéis e régua de Adam e à escrivaninha perto deles. Dinah espanou até a borda destes e depois hesitou, com um olhar ansioso, porém tímido. Era doloroso ver quanta poeira havia ali. Enquanto olhava dessa maneira, ouviu os passos de Seth do lado de fora da porta aberta, para a qual estava de costas, e disse, elevando seu claro agudo:

— Seth, seu irmão fica irado se mexem nos papéis dele?

— Sim, muito, se não são colocados de volta nos lugares certos — disse uma voz forte e profunda, que não era a de Seth.

Era como se Dinah tivesse colocado as mãos sem querer em um acorde vibrante. Foi abalada por uma emoção intensa e, por um instante, não sentiu mais nada; então percebeu que suas bochechas incandesciam e não ousou olhar em volta, mas ficou parada, angustiada porque não podia dizer bom dia de maneira amigável. Adam, percebendo que ela não olhava de volta para que visse o sorriso em seu rosto, temeu que pensasse que falava sério sobre sua ira, e foi até ela, de modo que foi obrigada a olhar para ele.

— O quê?! Acha que sou um camarada rabugento em casa, Dinah? — disse ele, sorrindo.

— Não — disse Dinah, olhando para cima com olhos tímidos —, não acho. Mas você poderia ficar incomodado por interferirem nas suas coisas; e até mesmo Moisés, o mais manso dos homens, às vezes ficava irado.^[178]

— Venha, então — disse Adam, olhando-a com afeto —, te ajudo a mover as coisas e colocar de volta, assim não tem erro. Vejo que é mesmo sobrinha da sua tia, por essas particularidades.

Começaram a pequena tarefa juntos, mas Dinah não se recuperara

o suficiente para pensar em qualquer comentário, e Adam olhava para ela inquieto. Dinah, ele pensou, parecia desaprová-lo de alguma forma ultimamente; não tinha sido tão gentil e aberta com ele como costumava ser. Queria que ela o olhasse e ficasse tão satisfeita quanto ele por fazer esse trabalho divertido. Mas Dinah não olhou para ele – era fácil evitar olhar para o homem alto – e afinal quando não havia mais pó para ser espanado e nenhuma desculpa para ele ficar perto dela, não aguentou mais e disse, em tom bem suplicante:

— Dinah, não está chateada comigo por alguma coisa, não é? Eu disse ou fiz alguma coisa para fazer você pensar mal de mim?

A pergunta a surpreendeu e a aliviou ao dar um novo rumo ao seu sentimento. Ela ergueu os olhos para ele agora, com bastante seriedade, quase já com lágrimas, e disse:

— Oh, não, Adam! Como pode pensar isso?

— Não suportaria que não sentisse tanta amizade por mim quanto eu sinto por você — disse Adam. — E não sabe o valor que dou ao pensar em você, Dinah. Foi isso que quis dizer ontem, quando disse que ficaria contente se fosse embora, se achasse que era o certo. Quis dizer, que pensar em você valia tanto para mim que eu deveria me sentir grato, e não resmungar, se você achar certo ir embora. Sabe que me importo, sim, de me separar de você, Dinah?

— Sim, querido amigo — disse Dinah, tremendo, mas tentando falar com calma —, sei que tem uma afeição de irmão por mim, e sempre estaremos um com o outro em espírito; mas agora estou um pouco contristada com várias tentações.^[179] Não se incomode comigo. Sinto-me chamada a deixar meus parentes por um tempo; mas é uma provação – a carne é fraca.^[180]

Adam viu que lhe doía ser obrigada a responder.

— Eu te machuquei falando disso, Dinah — disse ele. — Não vou dizer mais nada. Vamos ver se Seth está pronto para o café da manhã agora.

Essa é uma cena simples, leitor. Mas é quase certo que você também tenha se apaixonado – talvez, até mesmo, mais de uma vez, embora não queira dizer isso a todas as suas amigas.^[181] Se assim for, não pensará mais nas pequenas palavras, nos olhares tímidos, nos

toques trêmulos, pelos quais duas almas humanas se aproximam gradualmente, como duas pequenas correntezas agitadas, antes de se fundirem em uma – não mais pensará nessas coisas triviais do que pensará nos primeiros sinais detectados da chegada da primavera; triviais, embora sejam apenas algo indescritível no ar e no canto dos pássaros, e o mais ínfimo broto perceptível nos galhos das sebes. Essas pequenas palavras, olhares e toques fazem parte da linguagem da alma; e a melhor linguagem, acredito, é composta sobretudo por palavras pouco imponentes, como “luz”, “som”, “estrelas”, “música” – palavras que na verdade não valem a pena olhar ou ouvir em si mesmas, mais do que “lascas” ou “serragem”. Acontece que elas são os sinais de algo indescritivelmente grande e belo. Sou de opinião que o amor é uma coisa grande e bela também, e se concordar comigo, os menores sinais dele não serão lascas e serragem para você: eles serão como aquelas palavrinhas: “luz” e “música”, agitando as longas fibras de sua memória e enriquecendo o seu presente com o passado mais precioso.

Capítulo LI

Domingo de Manhã

O traço de reumatismo de Lisbeth não parecia sério o suficiente para deter Dinah mais uma noite longe da fazenda Hall, justamente agora que decidira deixar sua tia tão cedo. Então, à tarde, contou a Lisbeth que decidira partir.

— Por um bom tempo — disse Dinah.

— Então vai ser por toda a minha vida, e nunca mais vou te ver — disse Lisbeth. — Bom tempo! *Num* tenho um bom tempo pela frente. E vou *ficá* mal e *morre*, *num* vai me *visitá*, e eu vou *morre* com saudade de você.

Essa tinha sido a tônica de seu lamento o dia todo; pois Adam não estava em casa e, portanto, não se conteve em suas queixas. Atormentara a pobre Dinah, voltando várias vezes à questão de por qual motivo ela tinha que ir embora; e recusando-se a aceitar justificativas, que lhe pareciam apenas caprichos e “contrariedades”; e ainda mais, lamentando que ela “*num* pudesse *aceitá* um dos *rapaz*” e ser sua filha.

— *Cê num ia aguentá* Seth — disse ela. — Ele *num* é esperto o bastante *pra* você, talvez, mas ele ia ser muito bom *pra* você – é útil como pode *pra* mim quando tô mal, e ele gosta muito da Bíblia e do capelão que nem *cê* gosta. Mas pode ser que *cê* queira um marido que *num* seja só parecido com você: o riacho que corre *num* tem sede de chuva. Adam ia dar conta – eu sei que sim – e ele podia *gostá* muito de você, se ficasse. Mas é tão teimoso quanto uma barra de ferro – *num* tem como *dobrá* *ele* de jeito nenhum, a *num* ser por vontade própria. Mas ia ser um ótimo marido *pra* qualquer uma, seja quem for, tão bem-visto e esperto que ele é. E ia ser bom e amoroso: me faz bem só de *olhá pro* rapaz quando quer ser gentil comigo.

Dinah tentou escapar dos olhares e perguntas mais íntimas de Lisbeth procurando pequenas tarefas domésticas que a mantinham em movimento, e assim que Seth chegou em casa à tarde, ela colocou o

gorro para partir. Comoveu Dinah intensamente dar o último adeus, e ainda mais ao virar para olhar de seu caminho através dos campos e ver a senhora ainda parada na porta, olhando para ela até se tornar uma mancha fraca aos olhos turvos.

— O Deus de amor e paz esteja com eles — orou Dinah, enquanto olhava para trás do saltador. — Alegra-os conforme os dias em que os afligiste e pelos anos em que viram o mal. É tua vontade que eu me separe deles; não se faça a minha vontade, mas a tua. ^[182]

Lisbeth entrou em casa finalmente e se sentou na oficina perto de Seth, que estava ocupado montando, com alguns pedaços de madeira seca que trouxera da aldeia, uma caixinha de costura que pretendia dar a Dinah antes que ela fosse embora.

— Vai ver ela de novo no domingo antes de ela ir embora — foram as primeiras palavras dela. — Se *cê* fosse bom *pralguma* coisa ia *fazê* ela *voltá* no domingo de noite com você *pra* me ver mais uma vez.

— Não, mãe — disse Seth. — Dinah com certeza ia voltar se achasse certo vir. Eu não ia *precisar* convencer. Ela acha que ia te incomodar por nada, vir aqui só *pra* se despedir de novo.

— Ela nunca que ia embora, eu sei, se Adam gostasse dela e se casasse com ela, mas tudo é tão do contra — disse Lisbeth, em uma explosão de irritação.

Seth fez uma pausa e ergueu os olhos, com um leve rubor, para o rosto da mãe.

— O quê?! Ela te disse alguma coisa desse tipo, mãe? — disse ele, em um tom mais baixo.

— Disse? Não, ela *num* ia *dizê* nada. É só os *homem* que precisa *esperá* até que as *pessoa* diga as *coisa* antes de *descobrí*.

— Bem, mas o que te faz pensar assim, mãe? O que colocou isso na sua cabeça?

— Isso *num* importa. Minha cabeça *num* é tão oca que precise *colocá* alguma coisa dentro. Sei que ela gosta dele, assim como sei que o vento *tá* batendo na porta, e isso basta. E ele pode *tá* disposto a *casá* com ela se *soubé* que ela gosta dele, mas nunca vai *pensá* nisso se ninguém *colocá* isso na cabeça dele.

A sugestão da mãe sobre os sentimentos de Dinah em relação a

Adam não era um pensamento totalmente novo para Seth, mas suas últimas palavras o alarmaram, com receio de que ela própria se compromettesse a abrir os olhos de Adam. Ele não tinha certeza sobre os sentimentos de Dinah, e achava que tinha certeza sobre os de Adam.

— Não, mãe, não — disse ele, sério —, não deve pensar em falar dessas coisas *pra* Adam. Não tem o direito de dizer quais são os sentimentos de Dinah se ela não te disse, e não ia fazer nada além de maldade dizer essas coisas *pra* Adam. Ele sente muita gratidão e afeto por Dinah, mas não tem pensamentos sobre ela que o convençam *tornar ela* esposa dele, e não acredito que Dinah se case com ele também. Não acho que ela vai se casar de jeito nenhum.

— Hum — disse Lisbeth, impaciente. — *Cê* pensa assim por que ela *num* ia te *aceitá*. Ela nunca vai *casá* com você; podia muito bem *querê* que ela aceitasse seu irmão.

Seth estava magoado.

— Mãe — disse ele, em um tom de protesto —, não pense isso de mim. Eu *ia* ficar tão grato por ter ela como irmã quanto *cê* ia ficar por ter ela como filha. Não me imagino mais nessa situação, e vou levar isso a sério se você disser isso de novo.

— Bem, então *num* devia se *zangá* comigo por *dizê* as coisa como é.

— Mas, mãe — disse Seth —, ia fazer um mal a Dinah se contasse a Adam o que pensa sobre ela. Não ia fazer nada além de maldade, pois *ia* deixar Adam desconfortável se ele não sentisse o mesmo por ela. E tenho certeza de que ele não sente nada disso.

— Hum, *num* me diga sobre o que *num* tem certeza; *cê num* sabe nada disso. Por que ele vai toda hora na casa dos Poysers se *num* quer ela? Vai o dobro de *vez* que costumava ir. Talvez ele *num* sabe que quer ver ela; ele *num* sabe se coloquei sal no caldo, mas *ia sentí* falta rapidinho se eu avisasse. Nunca vai *pensá* em *casá* se isso *num* for colocado na cabeça dele, e se tivesse algum amor pela sua mãe, *cê* ia dar um jeito *pra* isso e *num* ia *deixá* ela ir embora, quando eu podia ter ela aqui *pra* me *consolá* um pouco antes de ir *deitá* com meu velho debaixo do espinheiro.

— Não, mãe — disse Seth —, não deve me achar insensível, mas eu

ia tá indo contra a minha consciência se presumisse quais são os sentimentos de Dinah. E, além disso, acho que *ia* ofender Adam, falando qualquer coisa sobre casamento; e eu te aconselho a não fazer isso. Pode *tá* bastante enganada sobre Dinah. Não, tenho quase certeza, pelas palavras que me disse no sábado passado, de que ela não *tá* disposta a casar.

— Hum, *cê* é tão do contra quanto todo mundo. Se fosse alguma coisa que eu *num* quisesse, *ia fazê* bem rapidinho.

Lisbeth se levantou do banco depois disso e saiu da oficina, deixando Seth muito ansioso, com receio de que ela perturbaria a mente de Adam a respeito de Dinah. Consolou-se depois de algum tempo refletindo que, desde o problema de Adam, Lisbeth tinha sido muito tímida em falar com ele sobre questões de sentimento, e que dificilmente ousaria abordar o mais delicado de todos os assuntos. Mesmo que o fizesse, esperava que Adam não prestasse muita atenção ao que ela dissesse.

Seth estava certo em acreditar que Lisbeth seria contida pela timidez, e, durante os três dias seguintes, os intervalos em que ela tivera a oportunidade de falar com Adam foram muito raros e curtos para lhe causar qualquer forte tentação. Mas em suas longas horas solitárias, ela alimentava pensamentos pesarosos sobre Dinah, até que tinham crescido muito perto daquele ponto de força incontrolável quando os pensamentos são capazes de voar para fora de seu ninho secreto de modo surpreendente. E domingo de manhã, quando Seth foi para a capela em Treddleston, a perigosa oportunidade surgiu.

Domingo de manhã era a hora mais feliz de toda a semana para Lisbeth, pois como não havia culto religioso na igreja de Hayslope até a tarde, Adam estava sempre em casa, fazendo nada além de ler, uma ocupação na qual ela se aventurava a interrompê-lo. Além disso, sempre tinha um almoço melhor do que o habitual para preparar para os filhos – com frequência, somente para Adam e ela, Seth estando muitas vezes longe o dia inteiro – e o cheiro da carne assada diante do fogo luminoso na cozinha limpa, o relógio correndo de maneira dominical pacífica, seu querido Adam sentado perto dela com suas melhores roupas, sem fazer nada muito importante, então ela poderia

afagar seu cabelo se quisesse, e vê-lo olhar para ela e sorrir, enquanto Gyp, um tanto ciumento, enfiava o focinho entre eles – todas essas coisas formavam o paraíso terrestre da pobre Lisbeth.

O livro que Adam lia com mais frequência no domingo de manhã era sua grande Bíblia ilustrada, e, nessa manhã, ela estava aberta diante dele na mesa redonda de pinho branco da cozinha; pois se sentava ali apesar do fogo, porque sabia que a mãe gostava de tê-lo com ela, e era o único dia da semana em que podia satisfazê-la desse modo. Você teria gostado de ver Adam lendo a Bíblia. Ele nunca a abria em dia de semana e, portanto, apresentava-se a ele como um livro de dia de folga, oferecendo-lhe história, biografia e poesia. Ele mantinha uma mão enfiada entre os botões do colete e a outra pronta para virar as páginas e, ao longo da manhã, você teria visto muitas mudanças no rosto dele. Às vezes, seus lábios se moviam em semiarticulação – era quando chegava a um discurso que podia se imaginar proferindo, como o último discurso de Samuel ao povo;^[183] então suas sobrancelhas se levantavam e os cantos da boca tremiam um pouco com triste empatia – algo, talvez, como o encontro do velho Isaque com o filho,^[184] que o comovia muito; em outras ocasiões, ao longo do Novo Testamento, um olhar muito solene surgia em seu rosto, e de vez em quando balançava a cabeça em sério assentimento, ou apenas levantava a mão e a deixava cair de novo. E em algumas manhãs, quando lia os Apócrifos, dos quais gostava muito, as palavras afiadas do filho de Sirach^[185] lhe traziam um sorriso de deleite, embora também apreciasse a liberdade de ocasionalmente divergir de um escritor apócrifo. Pois Adam conhecia os Artigos^[186] muito bem, como convém a um bom membro da igreja.

Lisbeth, nas pausas do preparo do almoço, sempre se sentava à sua frente e o observava, até que não pudesse mais descansar sem ir até ele e acariciá-lo para chamar sua atenção. Nessa manhã, ele lia o Evangelho segundo São Mateus, e Lisbeth ficou por perto por alguns minutos, afagando seu cabelo, que estava mais macio do que de costume nessa manhã, e olhando para a grande página com silenciosa admiração pelo mistério das letras. Foi encorajada a continuar esse carinho, porque quando se aproximou, ele se jogou para trás na

cadeira para olhar para ela com afeto e dizer:

— Ora, mãe, parece bem e saudável esta manhã. Hum, Gyp quer que eu olhe para ele. Ele não suporta pensar que eu te amo mais.

Lisbeth não disse nada, porque queria dizer muitas coisas. E agora ali estava uma nova página a ser virada, era a de uma imagem – a do anjo sentado na grande pedra que fora rolada para longe do sepulcro. Essa imagem teve uma forte associação na memória de Lisbeth, pois se lembrara dela quando viu Dinah pela primeira vez, e Adam mal virou a página e levantou o livro de lado para que pudessem olhar para o anjo, quando ela disse:

— Essa é ela – essa é Dinah.

Adam sorriu e, olhando mais atentamente para o rosto do anjo, disse:

— É mesmo um pouco parecido com ela; mas Dinah é mais bonita, eu acho.

— Bem, então, se acha ela tão bonita, por que *num* gosta dela?

Adam ergueu os olhos, surpreso.

— Ora, mãe, acha que não me importo com Dinah?

— Não — disse Lisbeth, assustada com a própria coragem, mas sentindo que havia quebrado o gelo e as águas deveriam fluir, qualquer que fosse o mal que pudessem causar. — Do que adianta se *importá* com coisa que *tá* a cinquenta *quilômetro* de distância? Se gostasse dela o bastante, *num* ia *deixá* ela ir embora.

— Mas não tenho o direito de impedir, se ela acha que é o melhor — disse Adam, olhando para o livro como se quisesse continuar lendo. Previu uma série de queixas que não levariam a nada. Lisbeth se sentou de novo na cadeira em frente a ele, enquanto dizia:

— Mas ela *num* ia *pensá* que isso é o melhor se *cê* num fosse tão do contra — Lisbeth não ousou se aventurar ainda além de uma frase vaga.

— Do contra, mãe? — Adam disse, erguendo os olhos outra vez, meio ansioso. — O que eu fiz? O que quer dizer?

— Ora, *cê* nunca enxerga nada, nem pensa em nada, além de trabalho — disse Lisbeth, meio chorosa. — E acha que pode *continuá* assim a vida toda, como se fosse feito de madeira? E o que vai *fazê*

quando sua mãe se for, e *num* tivé ninguém *pra cuidá* de você e te *arrumá* um bocado de comida boa de manhã?

— O que tem em mente, mãe? — disse Adam, irritado com essa lamúria. — Não consigo ver aonde quer chegar. Tem alguma coisa que eu possa fazer que não faço?

— Sim, tem. Cê podia *arrumá* alguém *pra ficá* comigo e me *confortá* um pouco, *cuidá* de mim quando *tô* doente e ser boa *pra* mim.

— Bem, mãe, de quem é a culpa de não ter uma ajudante em casa? Não é por minha vontade que a senhora tem um monte de trabalho para fazer. A gente pode pagar – já te disse muitas vezes. Seria muito melhor para todos.

— Hum, de que adianta *falá* de ajudante, quando cê quer *dizê* uma das *moça* da aldeia, ou alguém de Treddleston, em quem nunca botei o olho na vida. Prefiro me *virá* e *entrá* no meu caixão antes de *morre* do que ter esse povo *pra* me *colocá* nele mais rápido.

Adam ficou em silêncio e tentou continuar lendo. Essa era a maior severidade que conseguia mostrar para com a mãe em um domingo de manhã. Mas Lisbeth fora longe demais agora para se conter e, depois de um minuto de silêncio, recomeçou:

— Devia *sabê* muito bem quem eu ia *gostá* de ter comigo. Acho que *num* tem muita gente que mando *chamá* *pra* me ver. E cê já buscou ela muitas *vez*.

— A senhora quer dizer Dinah, mãe, eu sei — disse Adam. — Mas não adianta pensar no que não é possível. Se Dinah estiver disposta a ficar em Hayslope, não é provável que consiga sair da casa da tia, onde a consideram como uma filha e onde tem uma ligação maior do que com a gente. Se ela tivesse se casado com Seth, isso teria sido uma grande bênção para nós, mas não dá para ter tudo que se quer na vida. Deve se contentar em ficar sem ela.

— Não, mas *num* posso me *contentá*, quando ela foi feita *pra* você; e nada vai me *fazê* *acreditá* que Deus *num* fez e te enviou ela com esse propósito. E o que importa se ela é metodista?! Talvez se canse disso quando *casá*.

Adam se jogou de volta na cadeira e olhou para a mãe. Entendeu agora o que ela pretendia desde o início da conversa. Era o desejo

mais irracional e impraticável que já insistira, mas não pôde deixar de se emocionar com uma ideia tão inteiramente nova. O ponto principal, no entanto, era afastar a ideia da mente da mãe o mais rápido possível.

— Mãe — disse ele, gravemente —, está falando absurdos. Não quero te ouvir dizendo essas coisas de novo. Não adianta falar sobre o que não é possível. Dinah não é para casar; ela já decidiu no coração dela um tipo diferente de vida.

— Pode ser — disse Lisbeth, impaciente —, pode ser que ela *num* quer *casá* porque quem ela ia *aceitá num* quer *pedí*. Eu nunca ia ter casado com seu pai se ele *num* tivesse me pedido; e ela gosta tanto de você quanto eu gostava de Thias, pobre coitado.

O sangue subiu ao rosto de Adam e, por alguns momentos, não teve consciência de onde estava. Sua mãe e a cozinha desapareceram, e não via nada além do rosto de Dinah voltado para o seu. Parecia que havia uma ressurreição de sua alegria morta. Mas acordou muito depressa daquele sonho (o despertar foi frio e triste), pois seria uma grande tolice acreditar nas palavras da mãe – ela não poderia ter base para elas. Foi incitado a expressar sua descrença muito fortemente – talvez para que pudesse invocar as provas, se houvesse alguma a ser oferecida.

— Por que diz essas coisas, mãe, quando não tem fundamento para elas? Não sabe nada que te dê o direito de dizer isso.

— Então eu *num* sei nada que me dê o direito de *dizê* como o ano virou, por mais que eu sinta isso só de *levantá* de manhã. Ela *num* gosta de Seth, né? Ela *num* quer *casá* com ele? Mas posso ver como ela se comporta com você e como se comporta com Seth. Ela *num* liga se Seth se aproxima dela, que nem se fosse Gyp, mas fica tremendo quando cê senta do lado dela *pro* café da manhã e olha *pra* ela. Acha que a sua mãe *num* sabe nada, mas ela já *tava* viva bem antes de cê *nascê*.

— Mas como pode ter certeza de que o tremor significa amor? — disse Adam, ansioso.

— Hum, o que mais *ia significá*? Acho que *num* é ódio. E o que ela podia *fazê* além de te *amá*? Cê foi feito *pra* ser amado – pois onde tem

um homem mais correto e esperto? E o que importa se ela é metodista? *Num* existe rosa sem espinho.

Adam enfiara as mãos nos bolsos e olhava para o livro sobre a mesa sem enxergar nenhuma das letras. Tremia como um garimpeiro que vê a forte promessa de ouro, mas vê no mesmo momento uma visão repugnante de decepção. Não podia confiar na percepção da mãe; ela tinha visto o que queria ver. E ainda – e ainda assim, agora que a sugestão fora feita, ele se lembrava de tantas coisas, coisas muito pequenas, como a agitação da água por uma brisa imperceptível, que lhe pareciam alguma confirmação das palavras da mãe.

Lisbeth notou que ele estava comovido. Continuou:

— E vai *descobrí* que vai *ficá* mal quando ela se for. Gosta dela mais do que percebe. *Seu olho segue ela*, que nem o de Gyp te segue.

Adam não conseguia mais ficar parado. Levantou-se, pegou o chapéu e saiu para o campo.

A luz do sol o cobria: aquela luz do sol do início do outono que deveríamos saber que não era de verão, mesmo que não houvesse toques de amarelo na tília e na castanheira; o sol de domingo também, que tem mais do que calma outonal para o trabalhador; o sol da manhã, que ainda deixa os cristais de orvalho nas finas teias de aranha à sombra das sebes espessas.

Adam precisava de uma influência calma; ficou maravilhado com a maneira como esse novo pensamento do amor de Dinah se apoderou dele, com um poder avassalador que fez todos os outros sentimentos cederem diante do desejo impetuoso de saber que o pensamento era verdadeiro. Estranho que até aquele momento a possibilidade de serem um casal nunca tivesse passado por sua cabeça, e agora, todo o seu desejo de repente se dirigiu a essa possibilidade. Não tinha mais dúvidas ou hesitações sobre os próprios desejos do que o pássaro que voa em direção à abertura por onde brilha a luz do dia e o sopro do céu entra.

O sol outonal de domingo o acalmou, mas não o preparando com resignação para a decepção se a mãe – se ele mesmo – provasse estar enganado sobre Dinah. Isso o acalmou com um gentil encorajamento de suas esperanças. O amor dela era tão calmo quanto aquele raio de

sol que pareciam se tornar uma só presença, e acreditava nos dois da mesma forma. E Dinah estava tão ligada às tristes lembranças de sua primeira paixão que não as estava abandonando, mas dando-lhes uma nova sacralidade ao amá-la. Não, seu amor por ela emergira daquele passado: era o entardecer daquela manhã.

Mas e Seth? O rapaz ficaria magoado? Dificilmente; pois parecia bastante contente nos últimos dias, e nele não havia ciúme egoísta; nunca tivera ciúmes do carinho da mãe por Adam. Mas havia ele notado algo do que a mãe falara? Adam ansiava por saber isso, pois achava que podia confiar mais na observação de Seth do que na da mãe. Deveria falar com Seth antes de ver Dinah e, com essa intenção em mente, voltou para a casa e disse à mãe:

— Seth disse alguma coisa sobre quando voltaria para casa? Ele vai voltar para o almoço?

— Sim, rapaz, ele vai *voltá* se Deus *quisé*. Ele *num* foi *pra* Treddleston, foi *proutro* lugar *pregá* e *orá*.

— Tem ideia para onde ele foi? — perguntou Adam.

— Não, mas ele costuma ir *pra área comunitária*. *Cê* sabe mais do que eu.

Adam queria encontrar Seth, mas deveria se contentar em caminhar pelos campos próximos e avistá-lo o mais rápido possível. Isso não levaria mais de uma hora, pois Seth dificilmente estaria em casa muito antes da hora do almoço, que era ao meio-dia. Mas Adam não conseguia se sentar para ler de novo, e passeou ao longo do riacho e ficou encostado no saltador, com olhos intensos e ansiosos que pareciam ver algo muito vividamente; mas não era o riacho ou os salgueiros, nem os campos ou o céu. Repetidas vezes, sua visão era interrompida por uma admiração pela força do próprio sentimento, pela força e doçura desse novo amor – quase como a admiração que um homem sente pela capacidade extra que encontra em si para uma arte que tinha deixado de lado há um tempo. Como é possível que os poetas tenham dito tantas coisas belas sobre nosso primeiro amor, tão poucas sobre nosso amor posterior? Os primeiros poemas são os melhores? Ou não são os melhores aqueles que vêm do pensamento mais completo, da experiência maior, das afeições mais profundas? A

voz aflautada do menino tem seu próprio encanto primaveril; mas o homem deve produzir uma música mais rica e profunda.

Por fim, lá estava Seth, visível no saltador mais distante, e Adam se apressou para encontrá-lo. Seth ficou surpreso e pensou que algo incomum tivesse acontecido, mas quando Adam apareceu, seu rosto dizia claramente que não era nada alarmante.

— Onde estava? — disse Adam, quando ficaram lado a lado.

— *Tava* na área comunitária — disse Seth. — Dinah tem falado a Palavra *pra* um pequeno grupo de ouvintes em Brimstone, como eles chamam. Um pessoal que quase nunca vai na igreja – esse da área comunitária – mas *vão* ouvir Dinah um pouco. Ela falou com autoridade esta manhã, pregando as palavras: “Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento”.^[187] E aconteceu uma coisinha bonita de se ver. As mulheres geralmente trazem os filhos junto, mas hoje tinha um camaradinho robusto de cabelo encaracolado de cerca de três ou quatro anos, que nunca tinha visto lá antes. Ele foi muito travesso no começo enquanto eu *tava* orando, e enquanto a gente cantava, mas quando todo mundo se sentou, e Dinah começou a falar, o jovenzinho ficou parado e começou a olhar *pra* ela de boca aberta, logo fugiu da mãe, foi até Dinah e puxou ela como um cachorrinho, *pra* que *notasse ele*. Então Dinah o levantou e segurou ele no colo, enquanto falava; e ficou muito comportado até que dormiu – e a mãe pediu *pra* ver ele.

— É uma pena que ela não seja mãe — disse Adam —, o tanto que as crianças gostam dela. Acha que ela é totalmente contra o casamento, Seth? Acha que nada faria ela mudar?

Havia algo peculiar no tom do irmão, que fez Seth dar uma olhada em seu rosto antes de responder.

— Ia ser errado da minha parte dizer que nada *ia fazer ela* mudar — respondeu ele. — Mas se *tá* falando isso por minha causa, eu desisti da ideia de que ela possa ser minha esposa. Ela me chama de irmão, e isso é o bastante.

— Mas acha que ela pode gostar de alguém o suficiente para estar disposta a se casar com ele? — disse Adam com bastante timidez.

— Bem — disse Seth, depois de alguma hesitação —, isso tem

passado pela minha cabeça às vezes, recentemente; mas Dinah não *ia* deixar que nenhum carinho pela criatura a desviasse do caminho que acredita que Deus traçou *pra* ela. Se achar que a orientação não vem Dele, não vai se deixar dominar por ela.^[188] E sempre pareceu ser clara sobre isso, pois seu trabalho era ministrar aos outros, e não construir um lar *pra* si neste mundo.

— Mas, suponha — disse Adam, sério —, suponha que tivesse um homem que a deixasse fazer exatamente o mesmo e não interferisse — ela poderia fazer muito do que faz agora tão bem quando for casada como quando era solteira. Outras mulheres do tipo dela se casaram — ou seja, não apenas como ela, mas mulheres que pregavam e cuidavam dos doentes e necessitados. Como Mrs. Fletcher de quem ela fala.

Uma nova luz irrompeu em Seth. Virou-se e, colocando a mão no ombro de Adam, disse:

— Ora, gostaria que ela se casasse com você, irmão?

Adam olhou com dúvida para os olhos inquiridores de Seth e disse:

— Ficaria magoado se ela gostasse mais de mim do que de você?

— Não — disse Seth calorosamente —, como pode pensar isso? Compartilhei tão pouco do seu problema que não *devia* compartilhar da sua alegria?

Houve silêncio por alguns momentos enquanto caminhavam, e então Seth disse:

— Não tinha a menor ideia de que você *ia* pensar nela como esposa.

— Mas adianta pensar nela? — disse Adam. — O que acha? A mãe me fez mal com o que me disse esta manhã. Disse que tem certeza de que Dinah sente por mim mais do que o normal e que estaria disposta a me aceitar. Mas receio que ela fale sem saber. Quero saber se percebeu alguma coisa.

— É um bom ponto *pra* se falar — disse Seth —, e tenho medo de tá errado; além disso, a gente não tem o direito de se intrometer nos sentimentos das pessoas quando elas mesmas não dizem.

Seth fez uma pausa.

— Mas pode perguntar *pra* ela — disse ele em seguida. — Ela não

se ofendeu por eu ter perguntado, e cê tem mais direito do que eu, só que não faz parte da Sociedade. Mas Dinah não concorda com eles por manter a Sociedade tão rigorosa *pra* si mesmos. Ela não se importa em fazer com que as pessoas entrem na Sociedade, *pra* que possam adentrar o reino de Deus. Alguns dos irmãos em Treddleston tão descontentes com ela por causa disso.

— Aonde ela vai estar o resto do dia? — perguntou Adam.

— Ela disse que não ia deixar a fazenda de novo hoje — disse Seth —, porque é seu último sábado lá e vai ler a Bíblia grande com as crianças.

Adam pensou – mas não disse – “Então eu vou lá esta tarde; pois se for para a igreja, meus pensamentos vão estar com ela o tempo todo. Vão ter que cantar o hino sem mim hoje”.

Capítulo LII

Adam e Dinah

Eram cerca de três horas quando Adam entrou no pátio e despertou Alick e os cães do cochilo de domingo. Alick disse que todos haviam ido à igreja “menos a jovem senhora” – assim ele chamava Dinah –, mas isso não desapontou Adam, embora o “todos” fosse tão liberal a ponto de incluir Nancy, a leiteira, cujos trabalhos inevitavelmente eram, com frequência, incompatíveis com a ida à igreja.

Havia uma perfeita quietude na casa. As portas estavam todas fechadas, e as próprias pedras e tinas pareciam mais silenciosas do que o normal. Adam ouviu a água pingando devagar da bomba – esse era o único som – e bateu à porta da casa bem suavemente, como era adequado naquela quietude.

A porta se abriu e Dinah estava diante dele, corando profundamente com a grande surpresa de ver Adam àquela hora, quando sabia que era sua prática comum estar na igreja. Ontem ele teria lhe dito sem dificuldade: “Vim te ver, Dinah: sabia que os outros não estariam em casa”. Mas hoje algo o impediu de dizer isso, e estendeu a mão para ela em silêncio. Nenhum deles falou, e ainda assim ambos desejaram poder falar enquanto Adam entrava e eles se sentavam. Dinah ocupou a cadeira que acabara de deixar; estava no canto da mesa perto da janela, e havia um livro sobre a mesa, mas não estava aberto. Sentava-se perfeitamente imóvel, olhando para a pequena chama clara na lareira brilhante. Adam se sentou em frente a ela, na cadeira de canto de Mr. Poyser.

— Sua mãe não está doente de novo, espero, Adam? — Dinah disse, recuperando-se. — Seth disse que ela estava bem nesta manhã.

— Não, ela está muito bem hoje — disse Adam, feliz com os sinais do sentimento de Dinah ao vê-lo, mas tímido.

— Não tem ninguém em casa, como vê — disse Dinah —, mas pode esperar. Não consegui ir à igreja hoje, sem dúvida.

— Sim — disse Adam, e então fez uma pausa antes de acrescentar

—, eu estava pensando em você: essa foi a razão.

Essa confissão foi muito estranha e repentina, Adam sentiu, pois achava que Dinah deveria entender tudo o que ele queria dizer. Mas a franqueza das palavras fez com que ela imediatamente as interpretasse como uma renovação da tristeza fraterna por ela estar indo embora, e respondeu com calma:

— Não se preocupe e se incomode comigo, Adam. Tenho tudo em abundância em Snowfield. E minha mente está tranquila, pois não estou buscando minha própria vontade ao partir.

— Mas se as coisas fossem diferentes, Dinah — disse Adam, hesitante. — Se soubesse coisas que talvez não saiba agora...

Dinah olhou para ele de modo inquiridor, mas em vez de continuar, ele alcançou uma cadeira e a trouxe para perto do canto da mesa onde ela estava sentada. Ela ficou confusa e assustada – e, no momento seguinte, seus pensamentos viajaram ao passado: havia algo sobre aqueles seres infelizes distantes que não sabia?

Adam olhou para ela. Era tão doce olhar para os olhos dela, que agora tinham um questionamento abnegado – por um momento esqueceu que queria dizer alguma coisa, ou que era necessário lhe explicar o que disse.

— Dinah — disse ele, de repente, colocando as duas mãos dela entre as suas —, eu te amo com todo o meu coração e alma. Eu te amo tanto quanto a Deus que me criou.

Os lábios de Dinah ficaram pálidos, como as bochechas, e ela tremeu violentamente sob o choque de dolorosa alegria. Suas mãos estavam gélidas como a morte entre as de Adam. Não conseguia puxá-las, porque ele as segurava com força.



— Não me diga que não pode me amar, Dinah. Não me diga que a gente deve se separar e passar nossas vidas longe um do outro.

As lágrimas tremularam nos olhos de Dinah, e caíram antes que ela pudesse responder. Mas falou em voz baixa e tranquila:

— Sim, querido Adam, devemos nos submeter a outra Vontade. Devemos nos separar.

— Não se me amar, Dinah – não se me amar — Adam disse apaixonadamente. — Me diga, me diga se pode me amar mais do que a um irmão?

Dinah confiava demais na orientação do Supremo para tentar alcançar qualquer objetivo por meio de uma ocultação enganosa. Estava se recuperando agora do primeiro choque de emoção e olhou para Adam com uma expressão simples e sincera ao dizer:

— Sim, Adam, meu coração está fortemente atraído por você; e por minha própria vontade, se não tivesse uma demonstração clara do contrário, poderia encontrar minha felicidade em estar perto e servi-lo constantemente. Temo que me esqueça de me alegrar e chorar com os outros; mais ainda, temo esquecer-me da presença divina e não buscar outro amor além do seu.

Adam não falou de imediato. Sentaram-se olhando um para o outro em delicioso silêncio, pois a primeira sensação de amor mútuo exclui outros sentimentos; tem a alma só para si.

— Então, Dinah — Adam disse, afinal —, como pode existir algo contrário ao que é certo em a gente pertencer um ao outro e passar

nossas vidas juntos? Quem colocou esse grande amor em nossos corações? Pode algo ser mais sagrado do que isso? Pois a gente pode ajudar um ao outro em tudo o que é bom. Eu nunca pensaria em me colocar entre você e Deus, e dizer que não deve fazer isso ou aquilo. Você seguiria sua consciência tanto quanto agora.

— Sim, Adam — Dinah disse —, eu sei que o casamento é um estado sagrado para aqueles que são verdadeiramente chamados a isso, e não têm outro desígnio; mas desde minha infância fui conduzida para outro caminho; toda minha paz e minha alegria vêm de não ter vida própria, nem necessidades, nem desejos para mim, e viver apenas para Deus e suas criaturas, cujas tristezas e alegrias ele me permitiu conhecer. Esses foram anos muito abençoados para mim, e sinto que se fosse ouvir qualquer voz que me desviasse desse caminho estaria dando as costas para a luz que brilhou sobre mim, e a escuridão e a dúvida me dominariam. Não poderíamos abençoar um ao outro, Adam, se houvesse dúvidas em minha alma, e se eu ansiasse, quando já fosse tarde demais, pela melhor parte^[189] que uma vez me fora dada e da qual me afastei.

— Mas se um novo sentimento surgiu em sua mente, Dinah, e se me ama a ponto de querer estar mais perto de mim do que de outras pessoas, isso não é um sinal de que é certo mudar de vida? O amor não faz com que seja certo quando nada mais poderia fazer?

— Adam, minha mente está cheia de questionamentos sobre isso; pois agora, desde que me falou de seu forte amor por mim, o que me era claro se tornou escuro de novo. Senti antes que meu coração estava muito fortemente atraído por você, e que seu coração não estava como o meu; e o pensamento em você havia tomado conta de mim, de modo que minha alma havia perdido a liberdade e estava se tornando escravizada por uma afeição terrena, estava me deixando ansiosa e preocupada com o que aconteceria comigo. Pois em todas as outras afeições, havia me contentado com qualquer pequeno retorno, ou nenhum; mas meu coração estava começando a ansiar por um amor semelhante vindo de você. E não tinha dúvidas de que deveria lutar contra isso como uma grande tentação, e a ordem era clara de que eu deveria ir embora.

— Mas agora, querida, querida Dinah, agora sabe que eu te amo mais do que me ama... tudo é diferente agora. Não vai pensar em partir. Vai ficar e ser minha querida esposa, e vou agradecer a Deus por me dar a vida como nunca agradeci antes.

— Adam, é difícil fazer ouvidos moucos... sabe que me é difícil; mas um grande medo me tomou. Parece-me como se você estivesse estendendo os braços e me chamando para ir e descansar e viver para meu próprio deleite, e é como se Jesus, o Homem das Dores, estivesse de pé me olhando, apontando para o pecador, sofredor e aflito. Tenho visto isso repetidas vezes quando estou sentada na quietude e na escuridão, e um grande terror se apodera de mim, a fim de que eu não me torne inflexível e amante de mim mesma e não mais carregue de bom grado a cruz do Redentor.

Dinah fechou os olhos, e um leve arrepio a percorreu.

— Adam — continuou ela —, você não desejaria que buscássemos um bem por meio de qualquer infidelidade à luz que está em nós; não acreditaria que isso poderia ser bom. Somos unânimes nisso.

— Sim, Dinah — disse Adam com tristeza —, eu nunca vou ser o homem que vai te incitar contra sua consciência. Mas não posso desistir da esperança de que você possa enxergar diferente. Não acredito que o fato de me amar possa fechar seu coração — está apenas acrescentando algo ao que você já era antes, não tirando. Pois me parece que acontece o mesmo com o amor e a felicidade como é com a tristeza — quanto mais a gente conhece, melhor a gente pode sentir o que a vida dos outros é ou pode ser, e assim vamos ser apenas mais ternos com eles e desejar ajudar. Quanto mais conhecimento um homem tiver, melhor vai fazer seu trabalho; e o sentimento é uma espécie de conhecimento.

Dinah ficou em silêncio; seus olhos estavam fixos na contemplação de algo visível apenas para ela. Adam continuou, em seguida, com sua súplica:

— E você poderá fazer quase tanto quanto faz agora. Não vou pedir para ir à igreja comigo no domingo. Deve ir aonde quiser entre o pessoal e ensinar; pois, embora eu goste mais da minha denominação, não coloco minha alma acima da sua, como se minhas palavras fossem

melhores para seguir do que sua própria consciência. Pode ajudar os doentes da mesma forma, e vai ter mais meios de deixá-los um pouco mais confortáveis; vai estar entre todos os seus amigos que te amam e poderá ajudar e ser uma bênção para eles até o dia que morrerem. Com certeza, Dinah, estaria tão perto de Deus como se vivesse sozinha e longe de mim.

Dinah não respondeu por algum tempo. Adam ainda estava segurando suas mãos e a olhando com ansiedade quase trêmula, quando ela voltou seus olhos amorosos para os dele e disse, com uma voz um tanto triste:

— Adam, há verdade no que diz, há muitos dos irmãos e irmãs que têm mais força do que eu, e encontram seus corações ampliados pelos cuidados dos maridos e parentes. Mas não tenho fé que seria assim comigo, pois desde que meus afetos foram colocados além da medida em você, eu tive menos paz e alegria em Deus. Senti como se fosse uma divisão em meu coração. E pense como é para mim, Adam. Essa vida que tenho levado é como uma terra em que pisei em bem-aventurança desde a minha infância; e se almejo por um momento seguir a voz que me chama para outra terra que não conheço, não posso deixar de temer que minha alma possa no futuro ansiar por aquela bem-aventurança que havia abandonado;^[190] e onde entra a dúvida não há amor perfeito.^[191] Devo esperar por uma orientação mais clara. Devo partir, e devemos nos submeter inteiramente à vontade divina. Às vezes, somos obrigados a colocar nossas legítimas afeições naturais no altar.

Adam não ousou implorar novamente, pois Dinah não era caprichosa ou insincera. Mas lhe foi muito difícil; seus olhos ficaram turvos enquanto olhava para ela.

— Mas talvez possa se sentir satisfeita... sentir que pode me encontrar de novo, e talvez a gente nunca se separe, Dinah?

— Devemos nos submeter, Adam. Com o tempo, nosso dever ficará claro. Pode ser que, quando tiver adentrado a minha vida anterior, descubra que todos esses novos pensamentos e desejos desapareceram e se tornaram algo que não eram. Então saberei que meu chamado não é para o casamento. Mas devemos esperar.

— Dinah — disse Adam triste —, não pode me amar tanto quanto eu te amo, senão não teria dúvidas. Mas é natural que não, pois não sou tão bom quanto você. Não podia imaginar que é certo eu amar a melhor coisa que Deus já me permitiu conhecer.

— Não, Adam. Parece-me que meu amor por você não é fraco, pois meu coração espera por suas palavras e olhares, quase como uma criancinha espera pela ajuda e ternura dos fortes de quem depende. Se pensar em você não tomasse conta de mim, eu não temeria que fosse um ídolo no templo.

— Vamos sair ao sol, Dinah, e caminhar juntos. Não vou falar nada para não te perturbar.

Saíram e caminharam em direção aos campos, onde encontrariam a família vindo da igreja. Adam disse:

— Pegue meu braço, Dinah — e ela o fez. Essa foi a única mudança em seus modos desde a última vez que caminharam juntos. Mas nenhuma tristeza na perspectiva de partida dela – na incerteza da questão – poderia roubar de Adam a doçura da sensação de que Dinah o amava. Ele pensou que ficaria na fazenda Hall toda aquela noite. Ficaria perto dela o máximo que pudesse.

— Olha só! Lá vem Adam junto de Dinah — disse Mr. Poyser, enquanto abria o portão mais distante da horta. — *Num* conseguia *entendê* por que ele *num* tinha ido na igreja. Ora — acrescentou o bom Martin, após uma pausa —, o que acha que acabou de *passá* pela minha cabeça?

— Uma coisa que a gente *num* devia ter deixado de *percebê*, pois *tá* bem debaixo do nariz. *Cê* quer dizer que Adam gosta de Dinah.

— Sim! Já tinha notado isso antes?

— Claro que tinha! — disse Mrs. Poyser, que sempre se recusava, se possível, ser pega de surpresa. — *Num* sou do tipo que vê a gata na leiteira e se pergunta o que ela veio *buscá*.

— *Cê* nunca me disse uma palavra sobre isso.

— Bem, *num* sou que nem um chocalho, obrigada a *fazê* barulho quando o vento sopra. Posso *guardá* minha opinião quando *num* tenho razão *pra dizê*.

— Mas Dinah *num* quer nada com ele. Acha que ela quer?

— Não — disse Mrs. Poyser, não atenta o suficiente contra uma possível surpresa —, ela nunca vai *casá* com ninguém que *num* seja metodista e aleijado.

— Mas ia ser uma coisa boa se eles se casassem — disse Martin, virando a cabeça de lado, como se estivesse contemplando com prazer a nova ideia. — *Cê* ia *gostá* também, né?

— Ah! Acho que sim. Ia ter a garantia de ter ela aqui então, já que *num* ia *ficá* longe de mim indo *pra* Snowfield, a uns cinquenta *quilômetro* de distância, eu sem uma criatura *pra cuidá* de mim, só vizinho, que *num* é parente, e a maioria é mulher que eu ia ter vergonha de *mostrá* a cara se a minha leiteria fosse como as delas. Pode muito bem ter manteiga mal batida no mercado por aí. E eu ia *ficá* feliz em ver a pobrezinha bem estabelecida como uma mulher cristã, com um próprio teto sobre a cabeça; e a gente ia *providenciá* enxoval, pois eu *amo ela* como se fosse minha filha. Ela faz com que a gente se sinta mais seguro quando *tá* em casa, pois é pura como a neve: qualquer um pode *pecá* em dobro com ela do lado.

— Dinah — disse Tommy, correndo para encontrá-la, — a mãe disse que *cê* nunca vai *casá* com ninguém a *num* ser um aleijado metodista. Que tonta *cê* deve ser! — em seguida, Tommy agarrou Dinah e dançou ao lado dela com incômoda ternura.

— Ora, Adam, a gente sentiu sua falta na cantoria de hoje — disse Mr. Poyser. — Por que *num* foi?

— Eu queria ver Dinah — ela vai embora logo — disse Adam.

— Ah, rapaz! *Num* podia *convencê* ela a *ficá* de algum jeito? Encontre um bom marido *pra* ela em algum lugar da paróquia. Se *fizé* isso, a gente te perdoa por *faltá* na igreja. Mas, de qualquer forma, ela *num* vai antes do banquete da colheita na quarta-feira, e *cê* deve vir então. Bartle Massey e Craig vão vir. Vem agora, às sete? A patroa quer *comê* um pouco mais tarde.

— Sim — disse Adam —, vou se puder. Mas muitas vezes não posso dizer o que vou fazer com antecedência, pois o trabalho muitas vezes me prende mais do que esperava. Vai ficar até o final da semana, Dinah?

— Sim, sim! — disse Mr. Poyser. — A gente *num* vai *aceitá* um

“não”.

— Ela *num* precisa ter pressa — observou Mrs. Poyser. — A escassez de comida vai *continuá*: *num* tem necessidade de ter pressa *pra cozinha*. E escassez é o que mais tem naquela região.

Dinah sorriu, mas não prometeu ficar, e eles conversaram sobre outras coisas durante o resto da caminhada, demorando-se sob o sol para olhar o grande bando de gansos, os novos estrados de secagem e a surpreendente abundância de frutos na velha pereira. Nancy e Molly já haviam corrido para casa, lado a lado, cada uma segurando, cuidadosamente embrulhado em um lenço de bolso, um livro de orações, no qual elas mal conseguiam ler além das letras grandes e dos améns.

Certamente todos os outros lazeres são apressados em comparação a uma caminhada ensolarada pelos campos da “tarde depois da igreja” – como costumavam ser essas caminhadas nos velhos tempos de lazer, quando o barco, deslizando sonolento ao longo do canal, era a mais nova maravilha locomotiva; quando os livros de domingo tinham, na maioria, velhas capas de couro marrom, e abriam com notável precisão, sempre no mesmo lugar. O lazer se foi – para onde as rocas de fiar se foram, os cavalos de carga, as carroças lentas e os mascates, que traziam pechinchas à porta nas tardes ensolaradas. Filósofos engenhosos dizem, talvez, que o grande trabalho da máquina a vapor é criar lazer para o homem. Não acredite neles: isso apenas cria um vácuo para o pensamento ansioso se precipitar. Mesmo a ociosidade está ansiosa agora – ansiosa por diversão; propensa a passeios de trem, museus de arte, literatura periódica e romances emocionantes; propensa até mesmo a teorizações científicas e espreitadelas superficiais através de microscópios. O velho lazer era um personagem bem diferente. Ele lia apenas um jornal, livre de líderes, e liberto daquela periodicidade de sensações que chamamos de pós-tempo. Ele era um cavalheiro contemplativo, um tanto robusto, de excelente assimilação; de percepções silenciosas, não contaminadas por hipóteses; feliz em sua incapacidade de conhecer as causas das coisas, preferindo as coisas em si. Ele vivia principalmente no campo, entre lugares e residências agradáveis, e gostava de passear ao lado das

árvores frutíferas e sentir o perfume dos damascos quando eram aquecidos pelo sol da manhã, ou de se abrigar sob os ramos do pomar ao meio-dia, quando as peras de verão caíam. Não sabia nada sobre os cultos durante a semana, não pensava mal do sermão de domingo se isso lhe permitisse dormir da leitura à bênção; gostando mais do culto da tarde, porque as orações eram as mais curtas, e não tinha vergonha de dizer isso; pois tinha uma consciência tranquila e alegre, larga como ele, e capaz de carregar uma grande quantidade de cerveja ou vinho do porto, não se tornando melindroso por dúvidas, escrúpulos e aspirações elevadas. A vida não lhe era uma tarefa, mas uma sinecura. Manuseava os guinéus no bolso, jantava e dormia o sono dos irresponsáveis, pois não havia mantido seu caráter indo à igreja nas tardes de domingo?

O bom e velho lazer! Não o julgue com severidade pelo nosso padrão moderno. Ele nunca foi a Exeter Hall^[192], ou ouviu um pregador popular, ou leu *Tracts for the Times* ou *Sartor Resartus*.^[193]

O Banquete da Colheita

Quando Adam voltava para casa, na quarta-feira à tarde, sob o sol das seis horas, viu à distância o último carregamento de cevada serpenteando em direção ao portão do pátio da fazenda Hall e ouviu o canto do “Fim das Colheitas” subindo e descendo como uma onda. Cada vez mais fraco, e mais musical com a distância crescente, o som que se extinguia ainda o alcançava, enquanto ele se aproximava do riacho Willow. O baixo sol poente brilhava bem nos contornos das velhas colinas Binton, transformando as ovelhas distraídas em pontos radiantes de luz; brilhava nas janelas da casa de campo também, e as tornavam uma chama com uma glória além daquela do âmbar ou da ametista. Foi o suficiente para fazer Adam sentir que estava em um grande templo, e que o canto distante era uma canção sagrada.

“É admirável”, pensou ele, “como esse som chega ao coração quase como um sino fúnebre, por tudo o que revela sobre a época mais alegre do ano e a época em que os homens são mais gratos. Suponho que seja um pouco difícil pensar que algo acabou e se foi de nossas vidas; e existe um talho na raiz de todas as nossas alegrias. É igual ao que sinto por Dinah. Eu nunca ia saber que o amor dela seria a maior das bênçãos, se o que eu considerava uma bênção não me tivesse sido arrancado e despedido e me deixado com uma necessidade maior, e assim eu podia desejar e ansiar por um conforto maior e melhor”.

Ele esperava ver Dinah novamente nessa noite e obter licença para acompanhá-la até Oakbourne; e então lhe pediria que estabelecesse algum momento em que ele pudesse ir a Snowfield e descobrir se a última esperança que lhe surgira deveria ser renunciada como o resto. O trabalho que tinha de fazer em casa, além de vestir suas melhores roupas, ocupou-o até as sete horas antes que voltasse à fazenda Hall, e era questionável se, com seus passos mais largos e mais rápidos, chegaria a tempo até mesmo para o rosbife, que vinha depois da torta, pois o jantar de Mrs. Poyser seria pontual.

Notável era o barulho de facas, pratos e canecos de estanho quando Adam entrou na casa, mas não havia zumbido de vozes nesse acompanhamento: comer um excelente rosbife, fornecido gratuitamente, era um negócio muito sério àqueles bons fazendeiros para que fosse cumprido com atenção dividida, mesmo que tivessem algo a dizer um ao outro – o que não tinham. E Mr. Poyser, à cabeceira da mesa, estava muito ocupado cortando a carne para ouvir a conversa de Bartle Massey ou de Mr. Craig.

— Aqui, Adam — disse Mrs. Poyser, que estava de pé e olhando para garantir que Molly e Nancy cumprissem o dever como serventes —, aqui tem um lugar reservado *pra* você entre Mr. Massey e os *menino*. Triste que *num* pôde ver a torta quando *tava* inteira.

Adam olhou ansioso em volta procurando a figura de uma quarta mulher, mas Dinah não estava lá. Ele estava quase com medo de perguntar sobre ela; além disso, sua atenção foi atraída por saudações, e restava a esperança de que Dinah estivesse em casa, embora talvez não disposta a festividades na véspera de sua partida.

Era uma bela visão – aquela mesa, com o rosto redondo e bem-humorado de Martin Poyser à cabeceira, servindo seus criados com o perfumado rosbife e feliz quando os pratos vazios retornavam. Martin, embora geralmente abençoado com um bom apetite, realmente se esqueceu de terminar o próprio pedaço de carne nessa noite – era tão agradável observar nos intervalos em que servia e ver como os outros apreciavam o jantar; pois eram homens que, em todos os dias do ano, exceto no Natal e aos domingos, comiam o almoço frio, de maneira improvisada, sob as sebes e bebiam cerveja em garrafas de madeira – com satisfação certamente, mas com as bocas voltadas ao zênite, de uma forma mais tolerável aos patos do que aos bípedes humanos. Martin Poyser tinha uma vaga ideia do sabor que tais homens deviam encontrar no rosbife quente e na cerveja fresca. Inclinou a cabeça para o lado e franziu a boca, enquanto cutucava Bartle Massey e observava o parvo Tom Tholer, também conhecido como “Tom Saft”^[194], receber seu segundo prato cheio de carne. Um sorriso de deleite surgiu no rosto de Tom quando o prato foi colocado diante dele, entre a faca e o garfo, que ele segurava erguidos, como se fossem velas sagradas. Mas

o deleite era forte demais para continuar latente em um sorriso – irrompeu no instante seguinte em um longo “ha, ha” seguido por um súbito colapso de gravidade absoluta, quando a faca e o garfo se lançaram sobre a presa. A grande figura de Martin Poyser sacudia com sua risada silenciosa e untuosa. Ele se virou para Mrs. Poyser para ver se ela também observara Tom, e os olhos do marido e da mulher se encontraram em um olhar de benigna diversão.

“Tom Saft” era um grande favorito na fazenda onde desempenhava o papel do velho bobo da corte e compensava suas deficiências práticas com seu sucesso nas réplicas. Seus lances, imagino, eram como os do mangual, que acertavam ao acaso, todavia, esmagavam um inseto de vez em quando. Eram muito citados nas épocas de tosquia de ovelhas e ceifa, mas me abstenho de registrá-los aqui, para que a sagacidade de Tom não se mostrasse como a de muitos outros bobos da corte eminentes em seus dias – de uma natureza mais temporária, não lidando com as relações mais profundas e duradouras das coisas.

Com exceção de Tom, Martin Poyser tinha certo orgulho dos criados e trabalhadores, considerando com satisfação que eram os que mais valiam o salário de qualquer outro na propriedade. Havia Kester Bale, por exemplo (Beale, provavelmente, se a verdade fosse conhecida, mas ele era chamado de Bale, e não estava ciente de qualquer reivindicação de uma quinta letra), o idoso com o boné de couro e a rede de rugas em seu rosto bronzeado. Havia algum homem em Loamshire que conhecesse melhor “os *fundamento*” de todo trabalho agrícola? Ele era um daqueles trabalhadores inestimáveis que podem não apenas colocar a mão em tudo, mas também se destacar em tudo o que fazem. É verdade que os joelhos de Kester já estavam muito inclinados para fora a essa altura, e caminhava com uma reverência perpétua, como se estivesse entre os homens mais respeitosos. E assim estava; mas tenho obrigação de admitir que o objeto de sua reverência era sua própria habilidade, para a qual realizava alguns atos de adoração bastante comovedores. Ele sempre colmava os montes de palha – pois se alguma coisa era o seu forte mais do que qualquer outra era a colmagem – e quando o último

toque era dado no último monte em forma de colmeia, Kester, cuja casa ficava a alguma distância da fazenda, caminhava para o celeiro com as melhores roupas em um domingo de manhã e ficava na calçada, a uma certa distância, para contemplar sua colmeagem, andando para ver cada palha do ponto de vista adequado. Enquanto reverenciava, com os olhos voltados aos botões de palha que imitavam globos de ouro no topo das colmeias, que de fato eram ouro da melhor espécie, você poderia imaginar que ele estivesse envolvido em algum ato pagão de adoração. Kester era um velho solteirão e tinha fama de ter meias cheias de moedas, acerca das quais seu mestre contava uma piada todas as noites de pagamento: não uma nova piada fora de moda, mas uma boa e antiga, que fora experimentada muitas vezes antes e tinha envelhecido bem. “O mestre mais moço é um tipo feliz”, Kester comentava com frequência; por ter começado sua carreira assustando os corvos sob as ordens do penúltimo Martin Poyser, nunca poderia deixar de considerar o Martin reinante um jovem mestre. Não tenho vergonha de homenagear o velho Kester. Você e eu estamos em dívida com as mãos ásperas de tais homens – mãos que há muito tempo se misturaram com o solo que cultivaram tão fielmente, prosperando o melhor que puderam com os frutos da terra e recebendo a menor parte como salário.

Então, no final da mesa, em frente a seu mestre, estava Alick, o pastor e capataz, com o rosto corado e ombros largos, não nos melhores termos com o velho Kester; de fato, sua relação era limitada a um rosnado ocasional, pois embora provavelmente diferissem pouco acerca de sebes, drenos e ao tratamento das ovelhas, havia uma profunda diferença de opinião entre eles quanto aos respectivos méritos. Quando Títiro e Melibeus^[195] estão na mesma fazenda, eles não são sentimentalmente educados um com o outro. Alick, de fato, não era de forma alguma um homem doce. Sua fala geralmente tinha uma espécie de rosnado, e seu aspecto de ombros largos lembrava a expressão de um buldogue – “*Num* se meta comigo, e *num* vou me metê com você”. Mas era honesto até mesmo com a divisão de um grão de aveia, em vez de tomar além de sua legítima parte, e tão “pão-duro” com a propriedade de seu mestre como se fosse sua – jogando

punhados muito pequenos de restos de cevada para as galinhas, porque um punhado grande afetava dolorosamente sua imaginação com uma sensação de desperdício. O bem-humorado Tim, o carroceiro, que amava seus cavalos, guardava rancor de Alick na questão dos cereais. Raras vezes se falavam e nunca se olhavam, nem mesmo quando comiam suas batatas; mas então, como esse era o comportamento habitual deles em relação a toda a humanidade, seria uma conclusão incerta de que tinham mais do que ataques transitórios de hostilidade. O caráter bucólico em Hayslope, como percebe, não era do tipo inteiramente genial, alegre e sorridente, observado na maioria dos distritos visitados por artistas. O brilho suave de um sorriso era uma visão rara no rosto de um trabalhador do campo, e dificilmente havia qualquer gradação entre a seriedade apática e uma risada. Nem todo trabalhador era tão honesto quanto nosso amigo Alick. Nessa mesma mesa, entre os homens de Mr. Poyser, havia o grande Ben Tholoway, um debulhador muito habilidoso, mas descoberto mais de uma vez levando os cereais do mestre nos bolsos – uma ação que, como Ben não era um filósofo, dificilmente poderia ser atribuída à distração. No entanto, seu mestre o perdoava e continuava a empregá-lo, pois os Tholoways viveram na área comunitária desde tempos remotos e sempre trabalharam para os Poyzers. E no geral, suponho, a sociedade não estava muito pior porque Ben não passara seis meses na esteira,^[196] pois suas visões de depredação eram limitadas, e a Casa de Correção poderia tê-las ampliado. Assim sendo, Ben comeu seu rosbife nessa noite com uma sensação serena de ter roubado nada mais do que algumas ervilhas e feijões como sementes para seu jardim desde o último banquete da colheita, e sentiu-se justificado em pensar que o olhar desconfiado de Alick, sempre nele, era uma ofensa à sua inocência.

Mas agora o rosbife havia acabado e a toalha retirada, deixando uma mesa bem grande para os canecos de bebida brilhantes, os jarros marrons espumantes e os castiçais de latão brilhante, agradáveis de se ver. A grande cerimônia da noite estava para começar – a canção da colheita, na qual todo homem deveria participar. Poderia ser afinado, se quisesse ser excepcional, mas não deveria se sentar com os lábios

fechados. O movimento deveria ser em compasso ternário;^[197] o resto era em *ad libitum*.^[198]

Quanto à origem dessa canção – se ela veio na sua versão atual do cérebro de um único rapsodista, ou foi gradualmente aperfeiçoada por uma escola ou sucessão de rapsodistas, desconheço. Há uma marca de unidade, de gênio individual nela, que me inclina à primeira hipótese, embora não ignore a consideração de que essa unidade pode ter surgido daquele consenso de muitas mentes que era uma condição do pensamento primitivo, estranho à nossa consciência moderna. Alguns talvez pensem detectarem na primeira quadra uma indicação de uma linha perdida, que os rapsodistas posteriores, falhando no vigor imaginativo, forneceram pelo débil dispositivo da iteração. Outros, no entanto, podem sustentar que essa mesma iteração é uma felicidade original, com a qual ninguém, exceto as mentes mais prosaicas, podem ficar insensíveis.

A cerimônia relacionada com a canção era uma cerimônia de bebida. (Isso talvez seja um fato doloroso, porém, como sabe, não podemos reformar nossos antepassados). Durante a primeira e segunda quadras, cantadas decididamente em *forte*, nenhuma caneca foi enchida.

*“Vamos brindar a nosso mestre,
Quem oferece a festa agora;
Vamos brindar a nosso mestre
E à saúde de sua senhora!*

*Que sempre seus feitos prosperem,
Onde quer que ele ponha a mão,
Porque nós somos seus criados,
Sempre seguimos sua instrução.”*

Mas agora, logo antes da terceira quadra ou refrão, cantada em *fortíssimo*,^[199] com batidas enfáticas na mesa, que davam o efeito de címbalos e tambores juntos, o caneco de Alick estava cheio, e era obrigado a esvaziá-lo antes que o refrão cessasse.

*“E então bebam, homens, bebam!
Não derramem um gole sequer,
Senão depois, beberão dois,
Pois assim que nosso mestre quer.”* [200]

Quando Alick passou com sucesso por esse teste de mãos firmes e másculas, foi a vez do velho Kester, à sua direita – e assim por diante, até que todos os homens tivessem bebido sua cerveja inaugural sob o estímulo do coro. Tom Saft – o tratante – teve o cuidado de derramar um pouco por acidente; mas Mrs. Poyser (oficiosa demais, pensou Tom) interferiu para evitar a imposição da penalidade.

Para qualquer ouvinte do lado de fora, teria sido o inverso do óbvio por que o “Bebam, homens, bebam” tinha um bis tão imediato e muito repetido; mas uma vez entrado na casa, teria visto que todos os rostos estavam sóbrios no momento, e a maioria deles, séria – era a coisa certa e respeitável a fazer para aqueles excelentes trabalhadores agrícolas, tanto quanto para senhoras e cavalheiros elegantes sorrirem e fazerem medidas com suas taças de vinho. Bartle Massey, cujos ouvidos eram bastante sensíveis, saiu para ver que tipo de noite estava fazendo no início da cerimônia e não terminou sua contemplação até que um silêncio de cinco minutos declarou que aquele “Bebam, homens, bebam” não era provável que recomeçasse nos próximos doze meses. Para o grande pesar dos meninos e de Totty: a quietude os frustrou bastante, depois daquele glorioso bater de mesa, para o qual Totty, sentada no colo do pai, contribuiu com sua pequena força e pequeno punho.

Quando Bartle voltou, no entanto, parecia haver um desejo geral de música solo após o coral. Nancy declarou que Tim, o carroceiro, conhecia uma música e estava “sempre cantando que nem uma cotovia no estábulo”, ao que Mr. Poyser disse encorajador:

— Venha, Tim, rapaz, vamos *ouví* — Tim parecia envergonhado, abaixou a cabeça e disse que não sabia cantar, mas esse encorajador convite do mestre ecoou por toda a mesa. Era uma oportunidade de conversa: todos podiam dizer “Venha, Tim”, exceto Alick, que nunca

relaxava na frivolidade da conversa desnecessária. Por fim, o vizinho mais próximo de Tim, Ben Tholoway, começou a dar ênfase à sua fala por cutucadas, nas quais Tim, ficando um tanto selvagem, disse:

— Me deixa em paz, sim? Senão vou *cantá* uma música que *cê num* vai *gostá* — a paciência de um carroceiro bem-humorado tem limites, e Tim não deveria ser mais instigado.

— Bem, então, David, *cê* é o rapaz que vai *cantá* — disse Ben, disposto a mostrar que não estava desconcertado com essa repressão.

— Canta “Meu amor é uma rosa sem espinho”.^[201]

O amoroso David era um jovem de expressão alheia e abstraída, que provavelmente se devia a um olhar de intensidade superior em vez de qualquer característica intelectual; pois não ficou indiferente ao convite de Ben, mas ruborizou, riu e esfregou a manga na boca de uma maneira que consideraram ser um sinal de que cederia. E por algum tempo o grupo parecia estar muito determinado no desejo de ouvir a música de David. Mas em vão. O lirismo da noite estava na adega no momento, e não deveria ser afastado daquele retiro ainda.

Enquanto isso, a conversa na cabeceira da mesa tomara um rumo político. Mr. Craig não deixava de falar de política de vez em quando, embora se vangloriasse mais de uma visão sábia do que de informações específicas. Ele via tão além dos meros fatos de um caso que realmente era supérfluo conhecê-los.

— Eu mesmo *num* leio o jornal — observou ele nessa noite, enquanto enchia o cachimbo —, apesar que posso ler bem rápido se *quisé*, pois Miss Lyddy termina com eles logo. Mas Mills, ora, *senta* no canto da chaminé e lê o jornal quase de manhã até a noite, e quando chega no fim, *tá* mais confuso do que *tava* no começo. Ele *tá* cheio dessa conversa de paz agora, que falam por aí; tem lido e lido e acha que *tá* entendendo disso. “Ora, Deus o abençoe, Mills”, digo eu, “tu *num* enxerga nada nessa coisa mais do que pode *enxergá* no meio duma batata”. Vou te *dizê* como é: tu *acha* que vai ser uma coisa boa *pro* país. E eu *num* sou contra isso – ouça o que digo – *num* sou contra. Mas minha opinião é que aqueles que *tão* na liderança deste país são *inimigo* pior do que Bonaparte e todos os *monsieurs* que ele tem nas costas; pois, quanto aos *monsieurs*, tu *pode espetá* meia dúzia *duma* vez

só, que nem se fosse sapo”. [202]

— Sim, sim — disse Martin Poyser, ouvindo com um ar de muita inteligência e edificação —, nunca comeram um bocado de bife na vida. Só salada, eu acho.

— E digo eu a Mills — continuou Mr. Craig — “Tu *vai tentá* me *fazê* *acreditá* que estrangeiro que nem eles pode *fazê* metade do mal que os *ministro* *faz* com esse governo ruim? Se o rei George se livrasse de todo mundo e governasse sozinho ia ver tudo se *endireitá*. Ele ia *podê* *enfrentá* Billy Pitt^[203] de novo se quisesse; mas *num* entendo o que a gente quer com ninguém além do rei e o parlamento. É aquele ninho de ministro que faz o estrago, eu te digo.

— Ah, conversa boa — observou Mrs. Poyser, que agora estava sentada perto do marido, com Totty no colo —, conversa boa. É difícil *dizê* quem é o tihoso quando todo mundo *tá* de bota. [204]

— Quanto a essa paz — disse Mr. Poyser, virando a cabeça de lado de maneira dubitativa e dando um sopro por precaução no cachimbo entre cada frase —, eu *num* sei. A guerra é uma coisa boa *pro* país, e como *cê* vai *mantê* os *preço* sem ela? E francês é um povo do tipo ruim, pelo que entendo. O que *cê* pode *fazê* de melhor do que *lutá* contra eles?

— *Tá* certo em parte, Poyser — disse Mr. Craig — mas *num* sou contra a paz – uma folga *pra* *variá*. A gente pode *quebrá* ela quando *quisé*, eu *num* tenho medo de Bonaparte, por mais que falem tanto de sua esperteza. Isso é o que eu disse a Mills de manhã. Deus o abençoe, ele *num* enxerga mais nada além de Bonaparte!... ora, coloquei ele mais a par das *notícia* em três *minuto* do que ele consegue com o jornal o ano todo. Digo eu: “Sou um jardineiro que conhece o ofício, ou *num* sou, Mills? Me responda isso.” “Com certeza *cê* é, Craig”, diz ele – ele *num* é um cara ruim, Mills *num* é, *prum* mordomo, mas é fraco da cabeça. “Bem”, digo eu, “tu *fala* sobre a esperteza de Bonaparte; ia *adiantá* ser um jardineiro de primeira se *num* tivesse nada além *dum* pântano *pra* *trabalhá*?” “Não”, diz ele. “Bem”, eu digo, “isso é exatamente o que acontece com Bonaparte. *Num* vou *negá* que ele pode ser um pouco esperto – ele *num* nasceu na França, pelo que entendi – mas o que ele tem em volta dele a *num* ser *monsieurs*?”

Mr. Craig parou por um momento com um olhar enfático após esse espécime triunfante de argumento socrático, e depois acrescentou, batendo na mesa com bastante força:

— Ora, é certo – e tem testemunha disso – que *num* regimento onde tinha um homem desaparecido, colocaram a farda num grande macaco, e serviu que nem a casca encaixa na noz, e *num* se podia *diferenciá* o macaco dos *monsieurs*!

— Ah! Imagina isso agora! — disse Mr. Poyser, impressionado ao mesmo tempo com o significado político do fato e o notável interesse na anedota de história natural.

— Vamos, Craig — disse Adam —, isso é um pouco forte demais. Você não acredita nisso. É um absurdo que os franceses sejam pobres coitados. Mr. Irwine viu eles no seu próprio país, e disse que têm muitos bons camaradas entre eles. E quanto ao conhecimento, inventividade, e manufatura, tem muita coisa que a gente *tá* atrás. É besteira menosprezar os inimigos. Ora, Nelson e o resto não teriam o mérito de vencer eles, se fossem tão pouca coisa quanto o pessoal finge.

Mr. Poyser olhou com dúvida para Mr. Craig, intrigado com essa oposição de autoridades. O testemunho de Mr. Irwine não deveria ser contestado; mas, por outro lado, Craig era um camarada bem informado e sua visão era menos surpreendente. Martin nunca tinha “ouvido dizer” que os franceses eram bons para muita coisa. Mr. Craig não encontrou resposta, exceto a que estava implícita em tomar um longo gole de cerveja e depois olhar fixamente para as proporções da própria perna, virando-a um pouco para fora nesse propósito, quando Bartle Massey voltou da lareira, onde estivera quieto fumando o cachimbo, e quebrou o silêncio dizendo, enfiando o dedo indicador no forninho:

— Ora, Adam, como é que não *tava* na igreja no domingo? Responda isso, seu malandro. O hino ficou capenga sem você. Vai desonrar seu mestre-escola na velhice dele?

— Não, Mr. Massey — disse Adam. — Mr. e Mrs. Poyser podem dizer onde eu estava. Não estava em má companhia.

— Ela foi embora, Adam – foi *pra* Snowfield — disse Mr. Poyser,

lembrando-se de Dinah pela primeira vez nessa noite. — Achei que *cê* tivesse feito ela *pensá* melhor. Nada deteve ela, teve que ir ontem ao meio-dia. A patroa mal superou isso. Achei que *num* ia ter ânimo *pro* banquete da colheita.

Mrs. Poyser pensara em Dinah várias vezes desde que Adam chegara, mas “não teve coragem” de mencionar as más notícias.

— O quê?! — disse Bartle, com um ar de desgosto. — Tinha uma mulher em questão? Então desisto de você, Adam.

— Mas é uma mulher que *cê* falou bem, Bartle — disse Mr. Poyser. — Ora essa, *num* pode *voltá* atrás; disse uma vez que mulher *num* ia ser uma invenção ruim se todas *fosse* que nem Dinah.

— Eu quis dizer a voz dela, homem — quis dizer a voz dela, só isso — disse Bartle. — Aguento ouvi-la falar sem querer colocar algodão nos ouvidos. Quanto a outras coisas, suponho que seja como o resto das mulheres — pensa que dois mais dois serão cinco, se ela chorar e incomodar o suficiente.

— Sim, sim! — disse Mrs. Poyser. — O sujeito pode *pensá*, ouvindo certa gente *falá*, que os *homem* é esperto o bastante *pra contá* o cereal dum saco de trigo só pelo cheiro. Consegue ver através *duma* da porta do celeiro, eles *consegue*. Talvez seja por isso que consiga ver tão pouco do lado de cá.

Martin Poyser sacudiu com uma gargalhada satisfeita e piscou para Adam, quase como para dizer que o mestre-escola estava em uma enrascada.

— Ah! — disse Bartle, zombeteiro —, as mulheres são bem ligeiras — bem ligeiras. Conhecem os lados de uma história antes de ouvi-la e podem dizer a um homem quais são seus pensamentos antes que ele mesmo os conheça.

— Pode ser — disse Mrs. Poyser —, pois a maioria dos *homem* é tão lerdo que os *pensamento* ultrapassa eles e só consegue *agarrá* pelo rabo. Posso *contá* os *ponto* *duma* meia enquanto um homem *tá* preparando a língua, e quando ele fala finalmente, tem pouco que se aproveite. É os *pintinho* morto que demora mais *pra chocá*. Porém *num* tô negando que as *mulher* *num* seja boba: Deus Todo-Poderoso fez assim *pra combiná* com os *homem*.

— Combinar! — disse Bartle. — Sim, como o vinagre combina com os dentes. Se um homem disser uma palavra, sua esposa vai combinar com uma contradição; se gosta de carne quente, sua esposa vai combinar com bacon frio; se rir, ela vai combinar com choramingo. Ela combina tanto quanto a mutuca combina com o cavalo: tem o veneno certo para picá-lo – o veneno certo para picá-lo.

— Sim — disse Mrs. Poyser —, eu sei do que os *homem* gosta – *duma* pobre molenga que sorri *pra* eles como o sol, eles fazendo coisa certa ou não, que agradece quando leva um pontapé e finge que *num* sabe que canto *ficá* até que o marido diga. Isso é o que um homem mais quer numa esposa; quer ter certeza de que é uma tonta que vai *dizê* que ele é sábio. Mas tem uns *homem* que pode *vivê* sem isso – já que eles *pensa* muito bem deles *mesmo*. E é assim que acontece com os *velho* solteirão.

— Vamos, Craig — disse Mr. Poyser, jocoso —, *cê* tem que *casá* rapidinho, senão vai *virá* um velho solteirão; e viu o que as *mulher* vai *pensá* de você.

— Bem — disse Mr. Craig, disposto a pacificar Mrs. Poyser e definir um alto valor a seus próprios elogios —, *eu* gosto *duma* mulher esperta – uma mulher espirituosa – uma mulher que comanda.

— Não sabe o que fala, Craig — disse Bartle secamente —, não sabe o que fala. Você julga suas coisas de jardim melhor do que isso. Escolhe as coisas pelo que elas podem se destacar – pelo que elas podem se destacar. Não valoriza as ervilhas pelas raízes, ou as cenouras pelas flores. Agora, essa é a maneira que você deve escolher as mulheres. A esperteza delas nunca vai chegar a muito – nunca vai chegar a muito –, mas elas dão em excelentes simplórias, maduras e de sabor forte.

— O que tem a *dizê* disso? — disse Mr. Poyser, esticando-se para trás e olhando alegremente para a esposa.

— Dizê?! — respondeu Mrs. Poyser, com uma chama perigosa no olhar. — Ora, eu digo que tem gente que tem a língua que nem um relógio que toca sem *pará*, *num* é *pra dizê* a hora do dia, mas porque tem alguma coisa errada nele...

Mrs. Poyser provavelmente teria levado sua tréplica a um novo

clímax, se a atenção de todos não tivesse nesse momento sido chamada para o outro lado da mesa, onde o lirismo, que a princípio só se manifestara pela apresentação em *sotto voce* [205] de David de “Meu amor é uma rosa sem espinho”, gradualmente assumira um caráter bastante ensurdecedor e complexo. Tim, pensando um pouco na vocalização de David, foi impelido a substituir aquele zumbido fraco por um início animado de “Três Ceifadores Alegres”, [206] mas David não se deixou abater tão fácil e se mostrou capaz de um *crescendo* [207] amplo, que duvidava se a rosa não predominaria sobre os ceifadores, quando o velho Kester, com um aspecto totalmente indiferente e imóvel, de repente deu um agudo estridente – como se fosse um alarme e chegasse a hora de soar.

O grupo na extremidade de Alick adotou essa forma de entretenimento vocal como algo natural, sendo livres de preconceitos musicais; mas Bartle Massey largou o cachimbo e pôs os dedos nos ouvidos; e Adam, que estava ansioso para ir embora desde que soube que Dinah não estava em casa, levantou-se e disse que precisava se despedir.

— Eu vou com você, rapaz — disse Bartle —; vou com você antes que meus ouvidos explodam.

— Vou passar pela área comunitária e te vejo em casa, se quiser, Mr. Massey — disse Adam.

— Sim, sim — disse Bartle —, então podemos conversar um pouco. Não consigo te ver mais ultimamente.

— Hum! É uma pena que *num* vai *ficá* mais — disse Martin Poyser. — Todo mundo vai embora logo, pois a patroa nunca *deixa eles ficá* depois das dez.

Mas Adam estava decidido, então as despedidas foram feitas, e os dois amigos saíram em sua caminhada à luz das estrelas juntos.

— E tem aquela pobre tonta, Vixen, choramingando por mim em casa — disse Bartle. — Eu nunca poderei trazê-la aqui comigo por medo de que seja acertada pelo olho de Mrs. Poyser, e a pobre cadela fique manca para sempre.

— Nunca precisei levar Gyp de volta — disse Adam, rindo. — Ele sempre dá as costas quando descobre que estou vindo para cá.

— Sim, sim — disse Bartle. — Uma mulher terrível! Feita de agulhas, feita de agulhas. Mas eu apoio o Martin. Sempre apoiarei o Martin. E ele gosta de agulhas, Deus o ajude! Ele é uma almofada feita para essa finalidade.

— Mas é uma mulher absolutamente de boa índole, apesar de tudo — disse Adam —, e tão verdadeira quanto a luz do dia. Fica um pouco zangada com os cachorros quando eles tentam entrar na casa, mas se eles dependessem dela, ela cuidaria e os alimentaria bem. Se a língua dela é afiada, o coração é terno: eu já vi isso em tempos de dificuldade. É uma dessas mulheres que são melhores do que parecem.

— Bem, bem — disse Bartle —, eu não digo que a maçã não está boa por dentro; mas me faz ranger os dentes – me faz ranger os dentes.

Capítulo LIV

O Encontro na Colina

Adam entendeu a pressa de Dinah em partir e inferiu esperança em vez de desânimo. Ela temia que a força de seus sentimentos por ele a impedisse de esperar e ouvir fielmente a orientadora voz suprema interior.

“Gostaria de ter pedido a ela que me escrevesse”, pensou ele. “E mesmo assim, isso podia perturbá-la um pouco, talvez. Quer ficar bem quieta à sua antiga maneira por um tempo. E não tenho o direito de ser impaciente e a atrapalhar com meus desejos. Ela me disse o que pensa, e não é uma mulher que diz uma coisa e quer dizer outra. Vou esperar pacientemente”.

Essa foi a resolução sábia de Adam, e foi muito bem-sucedida nas primeiras duas ou três semanas em que se nutriu da lembrança da confissão de Dinah naquela tarde de domingo. Há uma quantidade admirável de sustento nas primeiras palavras de amor. Mas, em meados de outubro, a resolução começou a definhar de modo visível e mostrou sintomas perigosos de exaustão. As semanas foram excepcionalmente longas: Dinah com certeza tivera tempo mais do que suficiente para se decidir.

Deixe uma mulher dizer o que quiser depois de ter dito a um homem que o ama, ele está um pouco ruborizado e exaltado demais com o primeiro gole que ela lhe oferece para se importar muito com o gosto do segundo. Ele pisa na terra com um passo muito elástico enquanto se afasta dela e faz pouco caso de todas as dificuldades. Mas esse tipo de incandescência se extingue: a memória tristemente se dilui com o tempo e não é forte o bastante para reviver. Adam não estava mais tão confiante quanto antes. Começou a temer que, talvez, a antiga vida de Dinah tivesse um domínio muito forte sobre ela para que qualquer novo sentimento triunfasse. Se ela não estivesse sentindo isso, certamente teria escrito para ele para lhe dar algum conforto; mas parecia que ela tinha razão em desencorajá-lo.

À medida que a confiança de Adam minguava, sua paciência também minguava, e pensou que deveria ele mesmo escrever. Pediria a Dinah para que não o deixasse em dolorosa dúvida por mais tempo do que o necessário. Ficou acordado até tarde, uma noite, para escrever uma carta, mas na manhã seguinte, queimou-a, com medo de seu efeito. Seria pior ter uma resposta desencorajadora por carta do que por seus lábios, pois a presença dela o conformava com sua vontade.

Observe: Adam estava ansioso para ver Dinah, e quando esse tipo de anseio atinge um certo estágio é provável que um apaixonado o alivie, embora possa colocar seu futuro em risco.

Mas que mal poderia fazer indo a Snowfield? Dinah não poderia ficar descontente com ele por isso. Ela não o proibira de ir. Com certeza deveria esperar que ele fosse em breve. No segundo domingo de outubro, essa visão do caso se tornou tão clara para Adam que ele já estava a caminho de Snowfield, desta vez a cavalo, pois suas horas eram preciosas agora, e tomara emprestado o bom e velho cavalo de Jonathan Burge para a viagem.

Que memórias vivas o acompanharam ao longo da estrada! Fora várias vezes a Oakbourne desde aquela primeira viagem a Snowfield, mas além de Oakbourne, as paredes de pedras cinzentas, a região irregular, as árvores escassas pareciam lhe contar outra vez a história daquele passado doloroso que conhecia tão bem de cor. Mas nenhuma história é a mesma para nós depois de um lapso de tempo – ou melhor, nós que a lemos não somos mais os mesmos intérpretes – e Adam, nessa manhã, levou consigo novos pensamentos por aquela região cinza, pensamentos que deram um significado alterado à sua história do passado.

Esse é um espírito vil e egoísta, até mesmo blasfemo, que se regozija e é grato pelo infortúnio passado que arruinara ou esmagara outrem, porque se tornara uma fonte de bem imprevisto para nós mesmos. Adam nunca poderia deixar de lamentar aquele mistério do pesar humano que fora trazido tão perto dele; nunca poderia agradecer a Deus pela miséria de outra pessoa. E se eu fosse capaz dessa alegria limitada em nome de Adam, ainda saberia que ele não

era o homem para sentir isso por si mesmo. Teria balançado a cabeça diante de tal sentimento e dito: “O mal é o mal, e o pesar é o pesar, e não pode alterar sua natureza os envolvendo em outras palavras. Outras pessoas não foram criadas para o meu bem, para que eu pense que é justo quando as coisas correm bem para mim”.

Mas não é ignóbil sentir que a vida mais plena que uma triste experiência nos traz, vale a nossa própria parcela de dor. Certamente não é possível sentir de outra forma, assim como não seria possível para um homem com catarata lamentar o processo doloroso pelo qual sua visão turva e embaçada, que o fazia ver homens como se fossem árvores que andam,^[208] fora substituída por contornos nítidos e claridade fulgurante. O crescimento de sentimento elevado dentro de nós é como o crescimento da aptidão, trazendo consigo uma sensação de força adicional. Não podemos desejar retornar a uma empatia mais limitada, assim como um pintor ou um músico não pode desejar retornar à sua maneira mais bruta, ou um filósofo, a seu preceito menos completo.

Algo como essa sensação de ampliação estava na mente de Adam nesse domingo de manhã, enquanto cavalgava em vívida lembrança do passado. Seu sentimento por Dinah, a esperança de passar a vida com ela, fora o ponto distante e invisível para o qual aquela dura jornada de volta de Snowfield dezoito meses atrás o levaria. Terno e profundo como seu amor por Hetty fora – tão profundo que suas raízes nunca seriam arrancadas – seu amor por Dinah era melhor e mais precioso para ele, pois era o resultado daquela vida mais plena que lhe surgira do conhecimento do profundo pesar. “É como se fosse uma nova força para mim”, disse a si mesmo, “amar e saber que ela me ama. Vou procurá-la para que ela me ajude a ver as coisas direito. Pois é melhor do que eu – tem menos ego e orgulho. E é um sentimento que te dá uma espécie de liberdade, como se você pudesse andar mais destemido, quando tem mais confiança em outro do que tem em si mesmo. Sempre achei que sabia mais do que aqueles com quem convivo, e esse é um tipo triste de vida, quando você não pode olhar para os mais próximos para te ajudar com ideias melhores do que as que você já tem”.

Passava das duas horas da tarde quando Adam avistou a cidade cinza na encosta da colina e olhou para o vale verde abaixo, buscando o primeiro vislumbre do velho telhado de palha perto do feio moinho vermelho. A cena parecia menos rústica sob o suave sol de outubro do que na ávida época de início da primavera, e o único grande encanto que possuía em comum com todas as vastas extensões sem floresta – que o enchia com uma nova consciência do céu abrangente – teve uma influência mais suave e reconfortante do que o normal nesse dia quase sem nuvens. As dúvidas e medos de Adam se dissolveram sob essa influência, à medida que as delicadas nuvens em forma de teia gradualmente se dissolveram no azul-claro acima dele. Parecia ver o rosto gentil de Dinah assegurando-lhe, apenas com sua expressão, tudo o que ele desejava saber.

Não esperava que Dinah estivesse em casa àquela hora, mas desceu do cavalo e amarrou-o no pequeno portão, para que pudesse perguntar aonde ela havia ido. Ele decidira segui-la e trazê-la para casa. Ela fora para Sloman's End, um vilarejo a cerca de cinco quilômetros de distância, sobre a colina, a senhora lhe dissera – partira logo após o serviço matinal, para pregar em uma casa de campo lá, como era seu hábito. Qualquer um na cidade lhe diria o caminho para Sloman's End. Então Adam montou outra vez em seu cavalo e cavalgou para a cidade, hospedando-se na velha estalagem e ali comendo com presa na companhia do senhorio demasiado tagarela, de cujas perguntas amigáveis e reminiscências ele ficou feliz de escapar o mais rápido possível, partindo em direção a Sloman's End. Apesar de sua pressa eram quase quatro horas antes que pudesse partir, e pensou que, como Dinah saíra tão cedo, talvez já estivesse perto de voltar. O pequeno vilarejo cinza e de aparência desolada, desabrigado de árvores protetoras, ficou à vista muito antes de alcançá-lo e, ao se aproximar, ouviu o som de vozes cantando um hino. “Talvez esse seja o último hino antes de partirem”, pensou Adam. “Vou voltar um pouco e virar outra vez para encontrar ela, mais longe da aldeia”. Voltou até quase chegar ao topo da colina de novo e se sentou em uma pedra solta, contra o muro baixo, para observar até ver a pequena figura de preto saindo do vilarejo e subindo a colina. Escolheu esse local, quase no

topo da colina, porque estava longe de todos os olhares – nenhuma casa, nenhum gado, nem mesmo uma ovelha mordiscando por perto – nenhuma presença além das luzes e sombras imóveis e do grande céu abrangente.

Ela estava demorando muito mais para chegar do que ele presumira. Esperou uma hora pelo menos aguardando e pensando nela, enquanto as sombras da tarde se alongavam e a luz ficava mais suave. Por fim, viu a pequena figura de preto saindo entre as casas cinzentas e aproximando-se gradualmente do sopé da colina. Ela andava devagar, Adam pensou, mas Dinah estava realmente andando no ritmo habitual, com passos leves e silenciosos. Agora estava começando a serpentear pelo caminho colina acima, mas Adam não se moveria ainda; não a encontraria cedo demais; decidira encontrá-la nessa solidão segura. E agora começou a temer que a assustasse. “No entanto”, pensou, “ela não é de se assustar; ela está sempre tão calma e quieta, como se estivesse preparada para qualquer coisa”.

O que ela estava pensando enquanto subia a colina? Talvez tivesse encontrado sossego completo sem ele e deixado de sentir qualquer necessidade de seu amor. À beira de uma decisão todos nós estremecemos: a esperança hesita com asas esvoaçantes.

Mas, finalmente, ela estava muito perto, e Adam se levantou da pedra. Aconteceu que, assim que ele caminhou adiante, Dinah fez uma pausa e se virou para olhar para a aldeia – quem não para e olha para trás ao subir uma colina? Adam ficou feliz, pois, com o ótimo instinto de um apaixonado, sentiu que seria melhor se ela ouvisse sua voz antes de vê-lo. Chegou a três passos dela e então disse:

— Dinah! — ela se sobressaltou sem olhar em volta, como se não conectasse o som com nenhum lugar.

— Dinah! — Adam disse outra vez. Ele sabia muito bem o que ela estava pensando. Estava tão habituada a pensar nas impressões como advertências puramente espirituais, que não procurava nenhum acompanhamento material visível da voz.

Mas desta segunda vez ela olhou em volta. Que olhar de ávido amor foi aquele que os suaves olhos cinzentos se voltaram para o forte homem de olhos escuros! Não se sobressaltou ao vê-lo; não disse nada,

mas se moveu em direção a ele para que seus braços pudessem envolvê-la.

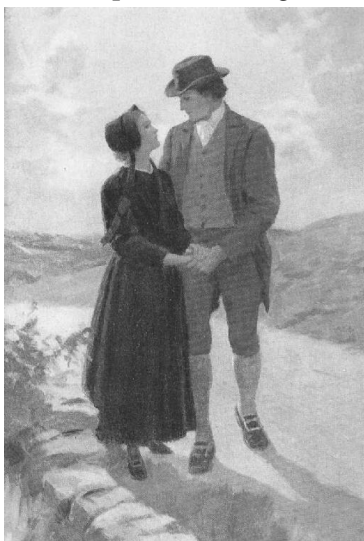
E caminharam assim em silêncio, enquanto as lágrimas quentes caíam. Adam estava contente e não disse nada. Foi Dinah quem falou primeiro:

— Adam — disse ela —, é a Vontade Divina. Minha alma está tão ligada à sua que é apenas uma vida dividida que vivo sem você. E neste momento, agora que está comigo, sinto que nossos corações estão cheios do mesmo amor. Tenho uma plenitude de força para suportar e fazer a Vontade de nosso Pai celestial que havia perdido antes.

Adam fez uma pausa e olhou em seus olhos sinceros.

— Então nunca mais a gente vai se separar, Dinah, até que a morte nos separe. ^[209]

E eles se beijaram com uma profunda alegria.



O que há de mais grandioso para duas almas humanas do que sentir que estão unidas por toda a vida – para fortalecer uma à outra com todo o trabalho, apaziguar uma à outra de todo pesar, servir uma à outra em toda dor, estar uma com a outra em lembranças silenciosas e indescritíveis no momento da última despedida?

Capítulo LV

Sinos de Casamento

Pouco mais de um mês depois daquele encontro na colina – em uma manhã de geada no final de novembro – Adam e Dinah se casaram.

Foi um evento que recebeu muita atenção na aldeia. Todos os homens de Mr. Burge tiveram uma folga, assim como os de Mr. Poyser, e a maioria que estava de folga apareceu com suas melhores roupas no casamento. Acho que dificilmente havia um habitante de Hayslope, especialmente mencionado nesta história, e ainda residente na paróquia, nessa manhã de novembro, que não estava na igreja para ver Adam e Dinah casados, ou perto da porta da igreja para cumprimentá-los quando eles saíram. Mrs. Irwine e as filhas estavam esperando nos portões do adro da igreja em sua carruagem (pois elas tinham uma carruagem agora) para apertar a mão da noiva e do noivo e desejar-lhes o melhor; e na ausência de Miss Lydia Donnithorne, que estava em Bath, Mrs. Best, Mr. Mills e Mr. Craig sentiram que cabia a eles representarem “a família” na reserva de caça na ocasião. O caminho do adro da igreja estava repleto de rostos familiares, muitos deles que haviam olhado pela primeira vez para Dinah quando ela pregava na praça. E não é de se admirar que eles mostrassem ávido interesse na manhã de seu casamento, pois Dinah e a história que a unira a Adam Bede eram amplamente conhecidas em Hayslope.

Bessy Cranage, com seu melhor gorro e vestido, estava chorando, embora não soubesse exatamente por quê; pois, como seu primo Wiry Ben, que estava perto dela, sugeriu com sensatez, Dinah não estava indo embora, e se Bessy estava desanimada, a melhor coisa a fazer era seguir o exemplo de Dinah e se casar com um camarada honesto que estivesse pronto para aceitá-la. Ao lado de Bessy, bem na porta da igreja, estavam as crianças Poyzers, espiando pelo canto dos bancos para ver a misteriosa cerimônia; o rosto de Totty exibia um ar incomum de ansiedade com a ideia de ver a prima Dinah retornar

parecendo um tanto velha, pois na experiência de Totty, nenhuma pessoa casada era jovem.

Eu os invejo pela visão que tiveram quando o casamento acabou e Adam conduziu Dinah para fora da igreja. Ela não estava de preto nessa manhã, pois sua tia Poyser não permitiria de forma alguma tal risco de incorrer em azar, e ela mesma a presenteou com o vestido de noiva, feito todo de cinza, embora no formato quacre habitual, pois nesse ponto Dinah não pôde ceder. Então o rosto de lírio olhou com doce seriedade sob um gorro quacre cinza, nem sorrindo nem ruborizando, mas com os lábios trêmulos um pouco sob o peso de sentimentos solenes. Adam, enquanto pressionava o braço dela ao lado do corpo, caminhava com a antiga postura ereta e a cabeça jogada um pouco para trás, como se para enfrentar melhor o mundo. Mas não foi porque estava particularmente orgulhoso nessa manhã, como é o costume dos noivos, pois sua felicidade era de um tipo que tinha pouca referência à opinião dos homens. Havia um toque de tristeza em sua profunda alegria; Dinah sabia disso e não se sentiu ofendida.

Havia três outros casais, seguindo a noiva e o noivo: primeiro, Martin Poyser, parecendo tão animado quanto uma chama brilhante nessa manhã de geada, conduzia a quieta Mary Burge, a dama de honra; então vinha Seth sereno e feliz, com Mrs. Poyser ao braço; e por último, Bartle Massey, com Lisbeth – Lisbeth com um vestido e gorro novos, ocupada demais com o orgulho do filho e o deleite de possuir a única filha que desejara, para conseguir inventar um único pretexto para reclamar.

Bartle Massey consentira em comparecer ao casamento a pedido sincero de Adam, sob protesto contra casamentos em geral, e o casamento de um homem sensato em particular. Todavia, Mr. Poyser tinha uma piada contra ele depois do banquete de casamento, no sentido de que na sacristia ele dera à noiva um beijo mais do que o necessário.

Atrás deste último casal vinha Mr. Irwine, feliz de coração com o bom trabalho matinal de unir Adam e Dinah. Pois vira Adam nos piores momentos de seu pesar; e que melhor colheita daquele doloroso tempo de plantio poderia haver do que essa? O amor que trouxera

esperança e conforto na hora do desespero, o amor que encontrara o caminho para a cela sombria da prisão e para a alma mais sombria da pobre Hetty – esse forte amor gentil deveria ser o companheiro e ajudante de Adam até a morte.

No portão do adro da igreja houve muitos apertos de mãos misturados com “Deus os abençoe” e outros votos de felicidades para os quatro casais, ocasião em que Mr. Poyser, com uma vivacidade não costumeira na língua, respondeu pelo resto, pois tinha todas as piadas apropriadas para o dia do casamento à sua disposição. E as mulheres, ele observou, nunca poderiam fazer nada além de chorar em um casamento. Mesmo Mrs. Poyser não podia confiar em si mesma para falar quando os vizinhos apertavam a mão dela, e Lisbeth começou a chorar na frente da primeira pessoa que lhe disse que estava ficando jovem outra vez.

Mr. Joshua Rann, tendo um ligeiro traço de reumatismo, não se juntou ao badalar dos sinos nessa manhã e, olhando com algum desprezo para essas saudações informais que não exigiam cooperação oficial do escrivão, começou a cantarolar em seu baixo musical: “Oh que coisa alegre”, como um prelúdio para o efeito que pretendia produzir no salmo do casamento do próximo domingo.

— Essa é uma boa notícia para animar Arthur — disse Mr. Irwine para a mãe enquanto partiam. — Vou escrever para ele assim que chegarmos em casa.

Epílogo

É perto do final de junho, de 1807. As oficinas estão fechadas há meia hora ou mais no depósito de madeira de Adam Bede, que costumava ser de Jonathan Burge, e a suave luz do entardecer está caindo sobre a agradável casa de paredes amareladas e lisa palha cinza, muito parecida com quando vimos Adam trazendo as chaves naquela noite de junho, nove anos atrás.

Há uma figura que conhecemos bem, acabou de sair de casa protegendo os olhos com as mãos enquanto procura algo ao longe, pois os raios que incidem sobre sua touca branca sem borda e seus pálidos cabelos ruivos são muito ofuscantes. Mas agora ela se afasta da luz do sol e olha para a porta.

Podemos ver o doce rosto pálido muito bem agora: quase não mudou – apenas um pouco mais cheio, para corresponder à sua figura mais matronal, que ainda parece leve e bem ativa no vestido preto simples.

— Eu o vejo, Seth — disse Dinah, enquanto olhava para dentro da casa. — Vamos encontrá-lo. Venha, Lisbeth, venha com a mãe.

O último chamado foi atendido de imediato por uma clara criaturinha de pálidos cabelos ruivos e olhos cinzentos, de pouco mais de quatro anos, que saiu correndo em silêncio e segurou a mão da mãe.

— Venha, tio Seth — disse Dinah.

— Sim, sim, a gente *tá* indo — Seth respondeu de dentro, e logo apareceu curvado sob a porta, estando mais alto do que o normal pela cabeça de cabelos pretos de um vigoroso sobrinho de dois anos, que causara algum atraso ao exigir ser carregado no ombro do tio.

— É melhor levá-lo no braço, Seth — disse Dinah, olhando com carinho para o camaradinha robusto de olhos pretos. — Ele lhe dá tanto trabalho.

— Não, não: Addy gosta *duma* carona no meu ombro. Posso *carregar ele* um pouquinho — uma gentileza que o jovem Addy reconheceu batendo os calcanhares com promissora força contra o

peito do tio Seth. Mas andar ao lado de Dinah e ser tiranizado pelos filhos de Dinah e Adam eram a felicidade terrena do tio Seth.

— Onde *cê* viu ele? — perguntou Seth, enquanto caminhavam para o campo adjacente. — Não consigo ver em lugar nenhum.

— Entre as sebes à beira da estrada — disse Dinah. — Eu vi o chapéu e os ombros dele. Lá está ele de novo.

— Confio em você *pra* ver se ele *tiver* em qualquer lugar que dê *pra* ver — disse Seth, sorrindo. — *Cê* é como a pobre mãe costumava ser. Ela *tava* sempre procurando Adam e podia *ver ele* antes que todo mundo, mesmo com olhos turvos.

— Ele está demorando mais do que esperava — disse Dinah, tirando o relógio de Arthur de um pequeno bolso lateral e olhando para ele —, já são quase sete horas agora.

— Sim, eles têm muito *pra* dizer um *pro* outro — disse Seth —, e o encontro deve ter sido muito tocante *pros* dois. Ora, vai fazer oito anos desde que se viram.

— Sim — disse Dinah —, Adam ficou muito comovido nesta manhã em pensar na mudança que veria no pobre jovem, da doença que sofreu, bem como dos anos que mudaram a todos nós. E a morte da pobre errante, quando ela estava voltando para nós, foi um pesar após outro.

— Veja, Addy — disse Seth, colocando o juvenzinho no braço agora e apontando —, lá vem o pai – no saltador mais distante.

Dinah acelerou os passos e a pequena Lisbeth correu a toda velocidade até agarrar a perna do pai. Adam fez um carinho na cabeça dela e a levantou para beijá-la, mas Dinah podia ver os sinais de agitação em seu rosto quando se aproximou, e ele colocou o braço dela no seu em silêncio.

— Bem, juvenzinho, devo te carregar? — disse ele, tentando sorrir, quando Addy estendeu os braços – pronto, com a infâmia usual da infância, para desistir do tio Seth imediatamente, agora havia um auxílio melhor à mão.

— Isso me custou muito, Dinah — Adam disse afinal, quando estavam andando.

— Você o achou muito mudado? — perguntou Dinah.

— Ora, ele está mudado e, ainda assim, não está. Todos o reconheceriam em qualquer lugar. Mas a cor dele mudou, e parece triste. No entanto, os médicos dizem que ele logo vai ficar melhor com o ar da própria terra. Ele está bem por dentro; foi só a febre que o abalou assim. Mas fala do mesmo jeito e sorri para mim como fazia quando era rapaz. É incrível como sempre tem o mesmo tipo de olhar quando sorri.

— Eu nunca o vi sorrir, pobre jovem — disse Dinah.

— Mas vai vê-lo sorrir amanhã — disse Adam. — Ele perguntou por você de primeira quando se aproximou e a gente pôde conversar um com o outro. “Espero que ela não tenha mudado”, ele disse, “Lembro-me tão bem do rosto dela”. Eu disse para ele que “não” — Adam continuou, olhando afetuosamente para os olhos que estavam voltados aos seus —, só um pouco mais arredondada, como se tem o direito de ser depois de sete anos. “Posso ver ela amanhã, não posso?”, ele perguntou: “anseio por dizer como pensei nela todos esses anos.”

— Disse a ele que sempre usei o relógio? — disse Dinah.

— Sim; e conversamos muito sobre você, pois ele diz que nunca viu uma mulher como você. “Vou me tornar metodista algum dia”, ele disse, “quando ela pregar ao ar livre, vou ouvir.” E eu disse: “Não, senhor, não vai poder fazer isso, pois a Conferência^[210] proibiu as mulheres de pregar, e ela desistiu, menos de conversar um pouco com as pessoas em suas casas.”

— Ah — disse Seth, que não pôde reprimir um comentário sobre esse ponto —, que lamentável da Conferência; e se Dinah tivesse visto como eu vi, a gente ia ter deixado os wesleyanos e se juntado a um grupo que não coloca grilhões na liberdade cristã.

— Não, rapaz, não — disse Adam —, ela estava certa e você estava errado. Não existem regras tão sábias que não sejam lamentáveis para alguém. A maioria das mulheres faz mais mal do que bem pregando – elas não têm o dom e espírito de Dinah – e ela viu isso e achou certo dar o exemplo de submissão, pois não está afastada de outros tipos de ensino. E concordo com ela e aprovo o que fez.

Seth ficou em silêncio. Esse era um assunto de divergência raramente aludido, e Dinah, desejando encerrá-lo logo, disse:

— Lembrou-se, Adam, de falar com o coronel Donnithorne as palavras que meu tio e tia lhe confiaram?

— Sim, e ele vai à fazenda Hall com Mr. Irwine depois de amanhã. Mr. Irwine entrou enquanto a gente conversava sobre isso, e ele gostaria que o coronel não visse ninguém além de você amanhã. Ele disse – e está certo – que vai ser ruim para ele ter os sentimentos agitados ao ver muitas pessoas uma após a outra. “Temos que te deixar forte e saudável”, ele disse, “essa é a primeira coisa a se fazer, Arthur, e então poderá fazer o que quiser. Mas vai ficar sob o controle do seu antigo tutor até lá.” Mr. Irwine está bem e feliz de ter ele em casa de novo.

Adam ficou em silêncio por um tempo e então disse:

— Foi muito doloroso quando a gente se viu pela primeira vez. Ele não sabia da pobre Hetty até que Mr. Irwine o encontrou em Londres, pois as cartas se desencontraram com a viagem dele. A primeira coisa que me disse, quando a gente deu as mãos, foi: “Eu nunca pude fazer nada por ela, Adam – ela viveu o suficiente apenas para sofrer – e pensei assim na época quando eu podia fazer algo por ela. Mas disse a verdade quando me disse uma vez: “Existe um tipo de erro que nunca pode ser reparado.”

— Ora, lá vem Mr. e Mrs. Poyser entrando pelo portão do pátio — disse Seth.

— É mesmo! — exclamou Dinah. — Corre, Lisbeth, corre para encontrar a tia Poyser. Entre, Adam, descanse; foi um dia difícil para você.

FIM!

Apoiadores de *ADAM BEDE* - GEORGE ELIOT

Abraão Pedro da Silva
Adalgiane Aguiar
Adriana Aparecida dos Santos
Adriana Bombonato de Carvalhos
Adriana Campos
Adriana de Godoy
Adriana dos Anjos Silva
Adriana Ferreira de Figueredo
Adriana Portela Pereira
Adriana Teodoro da Cruz Silva
Ágabo Alves Lira Araújo
Aisha Mendonça
Aldineide Felipe
Alessandra Moro Filipini
Alessandra Paula de Almeida Nunes
Alessandro Alegrette
Alexandra Stedile
Alexandre Targino
Alexsander Dorta Beje
Alice Antunes Fonseca
Aline Guimarães Diógenes
Aline Maia Borges
Aline Mansur Taveira
Aline Maria da Silva dos Santos
Aliny Fábila da Silva Miguel Oliveira
Amabyle Heck
Amanda de Andrade Wandekoken
Amanda Pampaloni Pizzi
Amanda Pereira Costa
Amanda Regina Fernandes
Amanda Rinaldi
Ana Beatriz de Seixas Neves

Ana Cândida Duarte de Souza
Ana Carolina Celick
Ana Carolina Macedo Tinós
Ana Carolina Silva Chuery
Ana Carolina Wagner Gouveia de Barros
Ana Caroline de Araújo Oliveira
Ana Claudia de Campos Godi
Ana Claudia Sato
Ana Cristina Moraes Dutra
Ana Karina Rodrigues
Ana Lúcia de Mesquita Sampaio
Ana Maria Teodoro da Cruz
Ana Paula Alves Coutinho
André Luis Águia Tavares
André Maia Soares
André Soares dos Santos
Andreia Lucia Nunes
Andressa Costa Farias
Andrielli Cristina Novais
Ângela Neto
Angelica Patrícia Lohn
Ângelo Leva Wandekoken
Angély de Paula Miller
Anna Luisa Barbosa Dias de Carvalho
Anna Luiza Pontual
Anna Samyra Oliveira Paiva
Anny Caroline Lopes de Paulo
Antonia Isadora de Araújo Rodrigues
Antônia Joycilane de Sousa Moreira Cardoso
Antonia Natália Costa de Sales
Antonia Regina P. de A. Lima
Arlete Rossetto dos Santos Garcia
Augusto Pinto
Barbara Casaletti
Bartira Braga

Beatriz Leonor de Mello
Bento Wandekoken Fiorot
Bianca de Paula Correia Arantes
Bianca Rehder Pereira
Brenda Dias
Bruna Raquel Dias Mendes Pontara
Bruno de Souza Sampaio
Camila Aparecida Arthuso
Camila Nakano de Toledo
Camila Rodrigues
Camila Valverde
Camila Vieira da Silva
Carla Elizabeth Novais Pero
Carla Felzemburgh
Carlos Alberto Nunes da Costa
Carmen Muniz
Caroline Bezerra Cavalcante
Caroline Pinto Duarte
Cassiane Moreira Machado de Oliveira
Cátia Petiz de Matos
Celia Cristina Rehnolt
Chirlei Wandekoken
Cícera Amorim Hass
Cinthia Torres Aranha
Claire Scorzi
Clara Daniela Silva de Freitas
Clara Ramires de Brito Paulichi
Clarissa Maia Batista
Claudia de Araujo Lima
Cláudia Maria Begiato
Claudio Simoes
Cleisa Pires
Crislaine Campana
Cristina Marques
Daiane dos Passos

Daiani Cris Pedrobon
Damaris Melo
Dandara Palmeira Machado
Daniel Kiss
Daniela Aparecida da Silva
Daniela Mourani
Daniela Nascimento da Silva
Daniela Oliveira Carvalho
Daniela Ribeiro Laoz
Daniela Uchima
Daniele Cristina da Silva Napoli
Daniele Franco dos Santos Teixeira
Daniele Werner
Danielle Dayse Marques de Lima
Danielle Gomes dos Santos
Darcilene Mendes
Darlene Ramos Barboza
David Roberto Medeiros
Dayane Neves
Débora Moreira Soares
Denise Corrêa
Deyzianne Costa Oliveira
Dorama de Miranda Carvalho
Dulcimeire Maia
Echellen Dantas de Souza Campos
Edilane Nascimento
Édina Macelai
Edise da Costa Araujo
Eduardo de Oliveira Prestes
Eduardo Silva Ruano
Elaine Cristina dos Santos Fonseca
Elba Regina Zarattini Perides
Elen Biguelini
Elenize Facanha
Eliana Maria de Oliveira

Eliana Pitta
Eliane Claudino
Eliane da Silva Moraes
Eliecir Soares
Ellen Júlia Viana
Emília de Cerqueira Lima
Emília Ferreira dos Reis
Emily Jhoyce Coimbra da Silva
Érica A. S. Woidella
Erica do Espirito Santo Hermel
Erica Rodrigues de Assis
Érico Reale Galindo
Ermelinda Eugenia Souza dos Santos
Esther Simonato dos Santos
Eva Totoli
Evandro Massaroti Munhoz
Evans Hutcherson
Eveline Valadares Borges
Evely Gabriele Mendes Souza
Evelyn Gisele Silva Nascimento
Everton Fernandes Tavares
Fabiana Aparecida Francischinelli
Fabiana Nunes Caetano
Fabiana Pereira
Fábio da Silva Orlandini
Felipe Augusto Cruz Lima
Fernanda Bononomi
Fernanda Cristiane Fagundes
Fernanda da Conceição Felizardo
Fernanda de Oliveira da Silva
Fernanda Formoso Ghiggi
Fernanda Malta Oliveira
Fernanda Oliveira Pereira
Fernanda Tavares da Silva
Fernando Cezário dos Santos

Fernando Couto
Flavia Chaves Pereira Cavalieri
Flávia Maciel Breves
Flavia Vieira Pozzatti
Franciele Santos da Silva
Francine Luz da Luz
Francisco Kinoshita
Frank Gonzalez
Fred Vidal Santos
Gabriel Carioly de Albuquerque Siqueira
Gabriela Brito Meireles
Gabriela Giacomuzzi
Géssica Brito Santos
Giancarlo Rezende Bessa
Gilberto Beserra da Silva
Giovani Furlanetto
Gisela Menicucci Bortoloso
Giselda da Silva Mendonça
Gislaine Labêta
Gislaine Scursoni
Gloria Maria Pereira de Souza
Gustavo Cassiano
Gustavo Zaniboni
Haydee Victorette do Vale Queiroz
Heidi Gisele Borges
Helga de Avila Silva
Hellen Tania Carvalho da Silva.
Henriette S. Ruy Merçon
Henrique de Villa Alves
Hugo da Silva
Iolanda Maria Bins Perin
Isabela Lopes
Isabella Albuquerque
Isabella Dinnies Coelho
Isabella Ribeiro Soares da Silva

Isabelle Bianca da Luz Moreira Diniz
Isadora Maria Milanez Sousa
Isadora Oliveira Machado
Isadora Serafim Araújo
Isis Santiago
Jamile Silva
Jamilly Caldeira Meireles
Janaina Guimarães
Janaina Marcia de Oliveira Lima
Janete Yamazato
Jaqueline de Castro Lourenço
Jaqueline Pantoja do Nascimento
Jaqueline Rezende Silva
Jaqueline Vinhosa de Mattos Couto de Souza
Jéssica da Vitória Silva
Jessica Dias de Souza
Jessica Fernandes
Jessica Ferreira Fernandes
Jéssica Larissa Barbosa dos Reis
Jéssica Santos da Silva
Jessica Torres Dias
João Carlos de Carvalho
João Mendes Neto Gomes
Joao Paulo Pacheco
João Ricardo Pessoa Xavier de Siqueira
Joelma Dias de Souza
José Antônio Assis
José Maria Moreira Lourenço
José Pedro da Silva Júnior
José Ronaldo Viegas Alves
Josué Campbell de Medeiros
Judith de Fátima Ferreira
Julia Casella
Julia Feliciano de Souza
Juliana Cecília Caniato Mayer

Juliana de Jesus Silva
Juliana Gurgel
Juliana Salmont Fossa
Juliana Soares
Juliana Vendramini Soares
Julianna Silveira
Juliano Limonti da Silva
Júlio César Wandekoken
Júlio César Wandekoken Filho
Júnior Carlos Ayres
Jussara Freitas Nascimento
Karine Lopes
Karla Cristina de Camargo
Karoline Rodrigues Gomes
Katia Martins
Katia Scott do Val
Keila Nogueira Gomes
Keila Rodrigues
Keite Ap. Duarte
Kelvin Alexandre Ferreira de Sousa
Kely Cristina Magalhães Cordeiro
Kilmara Ribeiro
Krishna de Nazaré Santos de Oliveira
Laianne Marques Lopes Fonseca
Laís Felix Cirino dos Santos
Laís Fiúza Tesch Altoé
Lana Raquel Moraes Regolima
Lara da Conceição de Souza
Lara de Sousa Cardoso Campelo
Lara Marinho
Larissa da Cunha Julio
Laudercy A. S. Almeida
Lauriete Aparecida Pereira
Leandro Rodrigues Brasil
Ledda Maria de Mesquita Braga

Leia Scrivani Godinho
Leonardo Romano Martins Bastos
Leonor Benfica Wink
Leticia Souza Silva
Letícia Telles
Lia Nojosa Sena
Lidiamaria Satto Nunes de Moraes
Ligia Maria de Andrade Rocha
Liliane Cristina Coelho
Lillian Lucena da Silva Santos
Lívia C. V. Vitonis
Lolanda Perin
Lomara Ferreira Vasconcelos
Lorena Barbosa
Louise Maria Sousa Annuniação
Luana Andrade
Luana de Souza Passos
Luana Silveira Muzy
Lucas Soares
Lucêlia Souza Barbosa
Lúcia Cavalcanti de Albuquerque
Lucia Helena Cardoso
Lúcia Nádia Sena Piconi
Luciana Angelone
Luciana Brizola
Luciana Maira de Sales Pereira
Luciana Mouta
Luciana Sandes Damasceno
Luciana Vieira da Silva
Luciane Cristina Peixe Gonçalves
Lucimara D. G. de Almeida
Lucio Venturim
Luís Henrique Zanatta
Luísa Claudia Faria dos Santos
Luiz Nazario

Luiza Henrique Ferreira Brainer
Luiza Herrera Braga
Luiza Martins
Luiza Pimentel de Freitas
Luiza Rosiete Gondin Cavalcante
Luiza Scopel Hoffmann
Luiza Thereza Silva
Luzia Pires Machado
Lya Mara Naufal Severino Baptista Vieira
Mara Roseleia Souza Figueredo Leal
Marcelle Ribeiro Moreira
Marcelo Gabriel da Silva
Márcia Adriane Corrocher Santos
Marcia Oliveira
Márcia Rizatto de Sousa
Márcia Rodrigues de Souza Moura
Marciana Teixeira do Nascimento
Marco Toledo
Marcos Antônio Herrera Martines
Marcos Augusto Nunes
Marcos Henrique Caetano Melhado
Maria Alice Molina Santos
Maria Bonfim do Nascimento
Maria da Graça Aquere Aikin
Maria Jacimara de Moura Silva
Maria José Dantas Soares
Maria Lucia Ferreira de Melo Parcesepe
Maria Luiza Imbimbo Valeiras
Maria Paula da Silva Sousa
Mariana do Canto Pereira
Marielly Inácio do Nascimento
Marília Teixeira
Marina Mendes Almeida
Matheus Santos
Matheus Silva Andrade

Maura Aparecida Cordeiro Ribeiro

Mayara Andrade

Merelayne Regina Fabiani

Méri Cristiane Sartori

Michele Lima de Souza Thiago

Michelle de Andrade Passos

Michelle de Lima Kintopp

Michelli Antunes da Silva

Milka Mantoku

Miriam Almeida

Miriane Ferreira de Lima Oliveira

Natália Costa

Natália Mendes Pesch

Natália Zanatta Stein

Nathalia Alves Guimarães Eler

Nayanne de Luna Martins

Nayara Maciel Arêas

Neusa Filiberto

Niara Pereira dos Santos de Araújo

Nicolas Ribeiro Capa

Nirley Meireles

Odileia Sena

Ohara Silva Nascimento

Pâmela das Graças de Freitas Golarte

Patrícia Alexandre da Silva

Patricia Ana Tremarin

Patrícia de Oliveira

Patrícia Jacon Cavinatto

Patrícia Kelling Karloh

Paulo Cazelatto

Paulo Cezar Mendes Nicolau

Paulo Duarte Garcez

Pedro Silva de Oliveira

Priscila Cavalcante

Priscila do Prado Soares

Querem Salomão
Rafael Miritz Soares
Rafael Ronzani
Rafaela da Silva Franco
Rafaela Lenhardt de Almeida
Rafaelle Schutz Kronbauer Vieira
Ramiles Santos
Ramiro Michelin
Ranielle Cordeiro Gomes Carvalho
Raphaela Tasmô Rodrigues
Raquel Andrade Dantas
Raquel Galvão Sartório
Raquel Ribeiro da Silva
Raquel Rosario
Raquel Vieira Drury Nunes
Rayssa Albuquerque Cruz Abreu
Regiane de Souza Alves
Regiane Mota
Regina Coelli Araújo da Silva
Regina Kfuri Barbosa
Regina Souza
Reginaldo Claudeonor Calegari
Renata Alves de Paula
Renata Bertagnoni Miura
Renata Guimarães de Araújo
Renata Oliveira
Renato Drummond Tapioca Neto
Renato Santiago
Rita de Cássia Dias Moreira de Almeida
Rivany Pereira Tenório
Roberto de Souza Oliveira
Rodrigo Richardson Nascimento da Silva
Ronan Soares dos Santos
Rosa Fernandes
Rosângela Cypriano

Rosângela dos Santos Oliveira
Rubens Pires Júnior
Sabrina Inserra
Sabrina Lira Lima
Sandra Knudsen
Sandra Regina dos Santos
Selma Valery Ruiz
Sérgio Luiz de Oliveira Castro
Sheila Cristina Danucalov Barrancos
Shirley Maria Lira Peixe de Souza
Silvandır Silva
Silvia Oliveira
Silvia Silva
Simone Carvalho dos Santos
Simone Casagrande
Simone de Simoni
Simone Pedrinho Neves
Sirlene Michelin
Socorro Coelho
Sônia de Jesus Santos
Soriane Stefanés
Suely Cruz da Matta
Taís de Andrade Gregório
Taísa R. Goi Fydryszeski
Talissa Melo Azevedo
Tania Carla da Rocha Lozano de Melo
Tania Florencio
Tassia Moreira de Medeiros
Tatiana de Fatima Beck Broenstrup
Tatiana do Nascimento Barbosa
Tatiana Fabiana de Mendonça
Tatiane Araújo
Thaiane de Araujo O. Rocha de Azevedo
Thaís Amancio Navarro
Thaís Costantini

Thaís Ramos de Almeida
Thais Tenório
Thalisson Machado
Thatiana Alexandre
Tífany Katiúscia Baesso Garcia Delgado
Tuísa Machado Sampaio
Ulisses da Silveira Jon
Valdineia Conceição Mendes
Valdir dos Santos
Valeria Fonseca
Valéria Lima de Barros
Valéria Pereira Balthor
Valquiria Gonçalves
Valter Salvador de Azeredo Pessanha
Vanderni Freitas da Silva (apoiou 2 vezes)
Vanessa Carvalho
Vanessa Falarz
Vanessa Martins de Moraes Abrantes Alves
Vanessa Rodrigues Possel
Vanessa Tavares da Silva
Vanessa Vargas de Lima Costa
Vania Barbosa Santos
Vânia Beatriz Rezende
Vanusa Maria da Silva
Vera Dulce da Fonseca Carvalho
Vera Lucia Massaro Lima
Vera Lúcia Neto de Castro
Veronica dos Santos Rocha
Vesta de Antares Faria Corradini
Victor Vinicius Silveira Esteve
Victoria Karolina dos Santos Sobreira
Vinicius Xavier
Virgínia Maggi
Viviane Alves
Viviane Tavares

Viviane Ventura e Silva Juwer

Vivianne Franca

Walkiria Nascente Valle

Wanda Caixeta

Wesley Rodrigues

Wilma Suely Ribeiro Reque

Yara Guimarães Duarte Marques

Ficha Catalográfica

Copyright © 2024 by Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora. Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Diva Corrêa Gomes

Colaboração: Érico Reale Galindo

Revisão: Júlio Cesar Wandekoken

Pinturas das capas: Winslow Homer e William Henry Gore

Ilustrações: Edward Henry Corbould; Flora Macdonald Reid; Frederick Dielman;

J. Henry Hill; Frank T. Merrill; Joaquim Sorolla Bastida; R. Swaine Gifford;

William Small; Will H. Low. Digitalização de imagem Simon Cooke.

Colaborou na comissão de capa: Amanda Vieira; Frank González Del Rio; Fernanda de Oliveira;

Janaina Battisti; Leonardo Romano; Rafaelle Schütz Kronbauer Vieira;

Rebeca Iervolino Fernandes Ferreroni e Walderlania Silva Santos.

E42a Eliot, George, 1819-1880.

Adam Bede / George Eliot. – Vitória, ES : Pedrazul Editora, 2024.

Título original: Adam Bede

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Realismo. I. Título. II. Eliot, George. III. Gomes, Diva Corrê.

CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

www.pedrazuleditora.com.br

www.clubedeleitorespedrazul.com.br

contato@pedrazuleditora.com.br

[1]. *O Coração de Midlothian*. (N.E.)

[2]. Forma de adivinhação conhecida como “perscrutar”, consiste em observar fixamente objetos e materiais, em geral, translúcidos ou refletores. (N.T.)

[3]. As flores dos sabugueiros são pequenas e brancas. (N.T.)

[4]. “Awake My Soul and with the Sun” é uma canção sacra do século XVII escrita pelo clérigo inglês anglicano Thomas Ken, nascido em 1637. (N.T.)

[5]. “Bede” no inglês antigo ou anglo-saxão (“bid” no inglês atual) significa ordenar ou comandar. Também possível referência ao Venerável Beda (The Venerable Bede), monge inglês, autor, professor e padroeiro dos escritores ingleses, nascido em 673 d.C. Seu nome tem o mesmo significado e origem anglo-saxã. (N.T.)

[6]. Carpinteiros utilizavam um chapéu feito de papel para proteger os cabelos dos resquícios de madeira. (N.T.)

[7]. Adam (Adão) e Seth (Sete) têm nomes bíblicos e a profissão de Jesus Cristo. (N.T.)

[8]. No texto original, os irmãos Bede apresentam um falar regional e informal, porém alguns personagens têm a fala repleta de omissões e desvios gramaticais. A tradução tentou manter evidente essa diferenciação de oralidade. (N.T.)

[9]. Mateus 11:9 e Lucas 7:26. Todas as citações bíblicas diretas procedem da tradução Almeida Corrigida Fiel (ACF). Há algumas citações indiretas que foram adaptadas de acordo com o modo que o personagem as citou, mas utilizando também a ACF como base. (N.T.)

[10]. “Keep mum” é uma expressão em inglês que significa “manter em segredo” ou “ficar calado”. Os nomes dos outros trabalhadores também apresentam trocadilhos: Sandy Jim, “Sandy” pode se referir à personalidade instável ou valente (ou até mesmo à tarefa de lixar a madeira). Wiry Ben, magro e resistente (assim como um arame “wiry”). (N.T.)

[11]. Referência a “Paraíso Perdido”, poema épico de John Milton, poeta e intelectual inglês nascido em 1608. (N.T.)

[12]. Salmos 136:19,20. (N.T.)

[13]. Quando a autora menciona “Igreja” como aqui, ela está se referindo à Igreja Anglicana, religião oficial da Inglaterra desde Henrique VIII e a cisão com a Igreja Católica. O metodismo, chamado de dissidentes, era extremamente criticado, e até ridicularizado. A própria autora se convertera ao metodismo (levada por uma tia) quando adolescente, embora tenha se afastado quando adulta. (N.E.)

[14]. Grupos religiosos provenientes de um movimento protestante britânico do século XVII. (N.T.)

[15]. João 5:40. (N.T.)

[16]. Lucas 23:34. (N.T.)

[17]. Lucas 4:18. (N.T.)

[18]. Colossenses 1:15. (N.T.)

[19]. Lucas 19:10. (N.T.)

[20]. Lucas 5:32. (N.T.)

[21]. Apelido que se dava aos primeiros metodistas. (N.T.)

[22]. Mateus 23:37. (N.T.)

[23]. Lucas 23:34. (N.T.)

[24]. Salmos 22:1. (N.T.)

[25]. Mateus 25:41. (N.T.)

[26]. “He Waiteth to Be Gracious” hino de Charles Wesley, líder metodista inglês nascido em 1707. (N.T.)

[27]. Atos 16:10. (N.T.)

[28]. Gênesis 29:20. (N.T.)

[29]. I Coríntios 7:34. (N.T.)

[30]. Timóteo 5:14. (N.T.)

[31]. Eclesiastes 4:9. (N.T.)

[32]. “Stile” no original, sem tradução dicionarizada em português. É um tipo de escada usada para atravessar cercas e muros, chamada comumente de “saltador” no Brasil. (N.T.)

[33]. I Coríntios 7:17. (N.T.)

[34]. Hebreus 11:27. (N.T.)

[35]. “My God, the Spring of All My Joys” hino de autoria de Isaac Watts, poeta, pregador, teólogo, lógico e pedagogo inglês nascido em 1674. (N.T.)

[36]. Terra de fartura localizada no Egito e citada diversas vezes em Gênesis. (N.T.)

[37]. Em português “carroça derrubada” ou “tombada”. (N.T.)

[38]. Provérbios 27:15. (N.T.)

[39]. Mateus 6:34. (N.T.)

[40]. Provérbio do “Almanaque do Pobre Ricardo” (Poor Richard’s Almanacs) de Benjamin Franklin, polímata norte-americano nascido em 1706. (N.T.)

[41]. Romanos 15:1. (N.T.)

[42]. Peça de madeira encaixada sobre a cabeça dos bois para que possam ser atrelados a uma carroça ou a um arado. (N.T.)

[43]. Em várias partes da Inglaterra, existem superstições de azar relacionadas ao salgueiro. (N.T.)

[44]. Na mitologia romana, a deusa da agricultura, colheitas de grãos, fertilidade e relações maternas. (N.T.)

[45]. Possivelmente uma forma carinhosa que George Eliot decidiu dar ao personagem. Historicamente era o título usado antigamente pelo herdeiro do trono da França. Mas pode ser usado de forma figurada para um sucessor, indicado ou provável, de uma personalidade importante, sobretudo no campo político. Na Zoologia é uma designação comum para mamíferos cetáceos, da família dos Delfnídeos, que se caracterizam por apresentarem cabeça relativamente pequena e focinho alongado em forma de bico: golfinho. Do latim *delphinu* = golfinho; do francês *dauphin* = delfim. (N.E.)

[46]. Aparentemente George Elliot transformou o cão da raça *pug*, que aparece no segundo parágrafo deste capítulo, em nome próprio: Pug. (N.T.)

[47]. Isaías 56:10. (N.T.)

[48]. Zacarias 11:17. (N.T.)

[49]. Eclesiastes 7:6. (N.T.)

[50]. “Lyrical Ballads”. Coleção de poemas de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, poetas ingleses do século XVIII. (N.T.)

- [51]. “The Ancient Mariner”. Poema de Samuel Taylor Coleridge. (N.T.)
- [52]. Na música, é uma forma de articulação musical, significa uma nota de duração reduzida. (N.T.)
- [53]. Lucas 10:38–42. (N.T.)
- [54]. A raça de gado *Shorthorn* originou-se no nordeste da Inglaterra no final do século XVIII. (N.T.)
- [55]. Pó azul usado como agente clareador para branquear roupas. (N.T.)
- [56]. Do inglês “tot” (criança pequena), palavra provavelmente de origem escocesa. (N.T.)
- [57]. Mateus 13:3–23. (N.T.)
- [58]. Deuteronômio 8:7, 9. (N.T.)
- [59]. A teologia wesleyana, também conhecida como teologia metodista, é uma tradição teológica no cristianismo protestante baseada no ministério dos irmãos reformadores evangélicos do século XVIII John Wesley e Charles Wesley. (N.T.)
- [60]. Nome dado ao grupo metodista. (N.T.)
- [61]. Mateus 24:24 e Tiago 1:22. (N.T.)
- [62]. Isaías 53:6. (N.T.)
- [63]. Gênesis 4:9. (N.T.)
- [64]. Isaías 40:22. (N.T.)
- [65]. Efésios 3:20. (N.T.)
- [66]. Êxodo 3:2. (N.T.)
- [67]. Salmos 23:2. (N.T.)
- [68]. Dança militar em que os executantes se apresentavam armados. (N.T.)
- [69]. Atos 23:8. (N.T.)
- [70]. *Rumex obtusifolius*. Espécie de planta com flor pertencente à família Polygonaceae, suas folhas eram usadas para embrulhar manteiga, pois a mantinham fresca. (N.T.)
- [71]. São duas enormes estátuas de pedra do faraó Amenófis III. Antes erroneamente atribuídas ao rei mitológico grego Memnon. Em 27 a.C., um terremoto supostamente destruiu uma das estátuas que, a partir de então, começou a “cantar” em certas ocasiões. (N.T.)
- [72]. Na mitologia grega, a deusa da juventude ou o auge da vida. (N.T.)
- [73]. O filósofo grego antigo era conhecido por ser argumentativo e envolver oponentes em debates. (N.T.)
- [74]. 2 Samuel 12:16. (N.T.)
- [75]. 2 Samuel 12:22,23. (N.T.)
- [76]. Mateus 20:12. No original “the burthen and heat of the day”, “heat” significa “calor”,

porém na tradução da Bíblia Almeida Corrigida Fiel (ACF) está “a fadiga e a calma do dia.” (N.T.)

[77]. Êxodo 2:1–10. (N.T.)

[78]. “The Beggar’s Opera” é uma ópera-balada em três atos escrita em 1728 por John Gay, com arranjo de Johann Christoph Pepusch. Respectivamente, poeta inglês e compositor alemão do século XVIII. (N.T.)

[79]. Misanthropia é o ódio, a antipatia, a desconfiança ou o desprezo geral pela espécie humana, pelo comportamento humano ou pela natureza humana. Seu antônimo é a filantropia. (N.E.)

[80]. Romance de 1789 do autor escocês John Moore. Concentra-se nos atos cruéis do anti-herói de mesmo nome, o malvado nobre italiano Zeluco. (N.T.)

[81]. “Bosque dos Abetos”. (N.T.)

[82]. Referência a “Fausto” do autor alemão Johann Wolfgang von Goethe, em que a personagem Gretchen encontra um baú de joias à sua porta. (N.T.)

[83]. Arcádia refere-se a uma visão pastoral e harmônica com a natureza. O termo é derivado da província grega de mesmo nome que data da antiguidade. Eros e Psique eram um casal da mitologia grega; deus do amor e do erotismo e deusa da personificação da alma, respectivamente. (N.T.)

[84]. “The Pilgrim’s Progress” ou “O Peregrino – A Viagem do Cristão à Cidade Celestial” é um livro alegórico cristão escrito pelo inglês John Bunyan em 1678. (N.T.)

[85]. Isaías 11:2. (N.T.)

[86]. O hebraico escrito tinha sinais que indicavam as vogais. No século XIX, o estudo do hebraico era considerado um diferencial para quem buscava a educação intelectual. (N.T.)

[87]. Semelhante à cor ou às flores de jacinto, antiga forma poética para descrever cabelos cacheados e escuros. Na mitologia grega, Jacinto foi um jovem morto acidentalmente por Apolo. Em seu túmulo, nasceu uma flor similar ao jacinto atual. (N.T.)

[88]. *Polemonium caeruleum*, planta conhecida em inglês por “Jacob’s Ladder” (escada de Jacó), referência a Genesis 28:10–22. (N.T.)

[89]. Atos 20:37. (N.T.)

[90]. Jó 5:7 e 14:1. (N.T.)

[91]. Efésios 6:13. (N.T.)

[92]. Referência à prática da confissão católica. (N.T.)

[93]. Aparentemente George Elliot transformou Pug, que era macho, em uma fêmea. No original, quando o animal foi apresentado, lia-se: “or the pug, who is dosing, with his black muzzle aloft, like a sleepy president.” “His” é um pronome masculino. Agora se lê: “On a cushion a little removed sat Pug, with the air of a maiden lady, who looked on these familiarities as animal weaknesses, which she made as little show as possible of observing.” “She” é um pronome feminino. (N.T.)

[94]. Foi um dramaturgo da Grécia Antiga. É reconhecido frequentemente como o pai da tragédia. (N.E.)

[95]. Referência a obra de Horácio, Odes, I.VII.32: “Amanhã partiremos novamente no vasto mar.” (N.T.)

[96]. Foi um agricultor inglês nascido em 1741. (N.T.)

[97]. “Prometeu Acorrentado”, II, 887-93, de Ésquilo, em que há uma advertência contra casamentos entre classes sociais diferentes. (N.T.)

[98]. Na mitologia grega, a deusa da vingança e da justiça distributiva. (N.T.)

[99]. Gaze fina usada como tela sobre a qual uma imagem era pintada e depois iluminada por velas dando a sensação de que a imagem estava viva. (N.T.)

[100]. Referência ao lema militar “Hail generous Youth” (Salve a generosa Juventude). (N.T.)

[101]. Na mitologia grega e romana Apolo era o deus do Sol, da luz, da verdade, da música, da beleza masculina, da perfeição e da razão, entre outros. Diana era a deusa do campo, dos caçadores, das encruzilhadas e da Lua. Diana era irmã de Apolo. (N.T.)

[102]. Jean Oberlin foi um clérigo nascido em 1740 na Alsácia, nordeste da França. John Tillotson foi arcebispo de Canterbury nascido em 1630, na Inglaterra. Ambos os religiosos foram notáveis em suas épocas. (N.T.)

[103]. Atos 2:2. (N.T.)

[104]. Tipo de cor marrom-escuro em cães e cavalos. (N.T.)

[105]. Marcos 12:33 e Mateus 22:39. (N.T.)

[106]. Na mitologia grega antiga, era o deus da selva, pastores e rebanhos e da música rústica. Conhecido por sua flauta característica. (N.T.)

[107]. Sais aromáticos feitos de uma mistura forte, geralmente incluíam carbonato de amônia, usados nos séculos XVIII e XIX. (N.T.)

[108]. Na música, termo em dinâmica musical que significa “alto ou forte”. (N.T.)

[109]. Em “Ofício Funeral” do Livro de Oração Comum. Tradução proveniente da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. (N.T.)

[110]. Filipenses 4:7. (N.T.)

[111]. Horatio Nelson, nascido em 1758, foi o almirante-chefe da marinha britânica e derrotou os franceses na Batalha de Trafalgar em 1805. (N.T.)

[112]. *Almanaque do Pobre Ricardo* (Poor Richard’s Almanacs), de Benjamin Franklin. *Holy Living and Holy Dying* (*Vida e Morte Santas*, em tradução livre), de Jeremy Taylor. *O Peregrino* (The Pilgrim’s Progress), *A Holy Life* (*Uma Vida Santa*, em tradução livre) e *The Holy War* (*A Guerra Santa*, em tradução livre), de John Bunyan. An Universal Etymological English Dictionary (*Dicionário Etimológico Universal de Inglês*, em tradução livre) compilado por Nathan (ou Nathaniel) Bailey. *Valentine e Orson*, romance francês do século XIV ou XV sem autoria definida. Não é possível determinar qual livro sobre a história da Babilônia é mencionado. (N.T.)

[113]. Referência à *Guerra das Rosas*, uma série de guerras civis travadas pelo controle do trono inglês que ocorreram de 1455 a 1487. Seu nome se refere aos emblemas heráldicos associados aos dois ramos rivais: a rosa branca de York e a rosa vermelha de Lancaster. (N.T.)

[114]. Como era chamada a doença de Huntington, uma doença neurodegenerativa incurável

que causa falta geral de coordenação motora. (N.T.)

[115]. Enxofre. (N.T.)

[116]. Unidade inglesa ou medida imperial foi um sistema bem impreciso até 1824, quando o “Weights and Measures Act” o padronizou. Provavelmente a dificuldade dos dois jovens seria menor se os cálculos fossem feitos com o sistema métrico. (N.T.)

[117]. “Ampersand” na grafia correta, “E comercial” em português. Antigamente era tido como a última letra do alfabeto inglês. (N.T.)

[118]. É uma raça extinta de cão de pernas curtas e corpo comprido, cujo trabalho era correr em uma roda para girar (turn) o espeto (spit) no qual a carne estivesse assando. (N.T.)

[119]. Em português: megera, mulher de mau gênio. (N.T.)

[120]. Gênesis 29:10,11. (N.T.)

[121]. Uma libra valia vinte xelins. Um guinéu tinha originalmente o valor de uma libra, mas aumentos no preço do ouro em relação à prata fizeram com que o valor do guinéu aumentasse. (N.T.)

[122]. Espíritos aquáticos do folclore alemão e escandinavo. (N.T.)

[123]. Hebreus 13:1. (N.T.)

[124]. Referência a “apérotos eros” (amor sem amor) em “Coéforas”, segunda parte da obra “Oresteia” de Ésquilo. (N.T.)

[125]. *Over the hills and far away* no original. É uma canção popular do século XVII e que também apareceu, em uma versão retrabalhada, na *Ópera do Mendigo* (The Beggar's Opera). (N.T.)

[126]. Variedade de danças e músicas típicas do Reino Unido. (N.T.)

[127]. Na época, o termo se referia às teorias de escritores como Charles Fourier, francês nascido em 1772. (N.T.)

[128]. Tipo de dança na Grã-Bretanha e na Irlanda desde o século XVI. (N.E.)

[129]. “White Cockade”, no original, é uma canção popular jacobita. Os soldados jacobitas procuravam restaurar a dinastia Tudor e usavam um laço branco (insígnia feita de fitas, também chamada de cocarda ou roseta) em seus barretes. (N.T.)

[130]. “Bird Waltz” no original. Na época, a obra mais conhecida com esse título era de autoria de Francis Panormo (1765-1844). (N.T.)

[131]. Antiga máquina de guerra utilizada na Antiguidade e Idade Média para arrombar muralhas, portões de castelos e fortalezas. (N.T.)

[132]. Na mitologia grega, era a deusa do destino, equilíbrio e vingança divina. (N.T.)

[133]. Possível alusão ao golpe de estado de Luís Napoleão Bonaparte em dezembro de 1851. (N.T.)

[134]. Na mitologia grega, era um príncipe de Troia. Zeus (Júpiter na mitologia romana) se transformou em uma águia para raptá-lo e levá-lo ao Olimpo para torná-lo um copeiro dos deuses. (N.T.)

[135]. Aristides de Atenas foi um estadista e estrategista ateniense. (N.T.)

[136]. Êxodo 16:14-21. (N.T.)

[137]. Isaías 53:3. (N.T.)

[138]. Mateus 16:24. (N.T.)

[139]. Mateus 20:22. (N.T.)

[140]. Filipenses 4:18. (N.T.)

[141]. Não há registro desta possível citação. (N.T.)

[142]. “Workhouse”, no original, era uma instituição na Grã-Bretanha onde aqueles incapazes de se sustentar financeiramente recebiam acomodação em troca de trabalho. (N.T.)

[143]. Quando Adam Bede foi publicado pela primeira vez, em 1859, o conceito de projeção não havia ainda sido mencionado por Sigmund Freud, o que ocorreu em 1884, mas Eliot já o utilizava em seus escritos, não com o nome “projeção”, mas a prática da projeção em si. Segundo Freud, a projeção é um mecanismo de defesa psicológico em que determinada pessoa “projeta” seus próprios pensamentos, motivações, desejos e sentimentos indesejáveis (ou não) em outra pessoa. No caso de Adam Bede, sua boa índole foi projetada em Hetty. (N.E.)

[144]. Este trecho mostra a ambiguidade do narrador, que em certos momentos parece onisciente, mas em outros se introduz na história e até mesmo dá seu parecer, discorrendo sobre o clima e a paisagem inglesa, certamente uma nostalgia dos dias de sua infância no campo. (N.E.)

[145]. Em alguns países da Europa, estátuas de crucifixos são encontradas em várias estradas. (N.T.)

[146]. A distância entre Leicester (East Midlands, localizada no Condado de Leicestershire, leste da Inglaterra) e Windsor (Berkshire, condado no Sudeste da Inglaterra) é de 107,6 milhas, 173,17 km. Atualmente, essa distância se faz em, aproximadamente, duas horas de carro, mas no século XVIII, levando-se em conta que um cavalo saudável médio poderia percorrer entre 25 e 35 milhas por dia, então levaria de três a quatro dias, pois teria a troca dos cavalos nos postos de trocas, repouso, alimentação etc. Mas Hetty estava em uma diligência pública, um tipo de ônibus da época, geralmente dos Correios da Inglaterra, que também transportava pessoas, que parava para deixar e coletar passageiros, portanto, estimamos uma viagem de cinco dias, isto é, se Hetty tiver dinheiro para todas as diligências que terá que pegar. O que não será o caso, como veremos a seguir. (N.E.)

[147]. 2 Reis 9:20. (N.T.)

[148]. Significava ser levada para a “workhouse”, o asilo para indigentes. (N.T.)

[149]. Na mitologia grega, era uma das três Górgonas. Aqueles que olhassem em seus olhos se transformariam em pedra. George Eliot provavelmente se refere à escultura “Medusa Rondanini”. (N.T.)

[150]. “Christ, whose glory fills the skies” hino de Charles Wesley. (N.T.)

[151]. Êxodo 16:14-21 e a Mateus 4:11. (N.T.)

[152]. Em 1794 e 1795 foram criados impostos sobre alguns tipos de carruagens, devido às guerras do final do século XVIII. (N.T.)

[153]. No hemisfério Norte, a primavera se inicia entre os dias 20 e 21 de março. (N.T.)

[154]. Êxodo 15:23. (N.T.)

[155]. Eram sessões periódicas de um tribunal superior em cada condado da Inglaterra. (N.T.)

[156]. Marcos 14:15 e Lucas 22:12. (N.T.)

[157]. Horatio Nelson, 1.º Visconde Nelson KB (1758 – 1805), foi um oficial da Marinha Real Britânica, famoso pelas suas intervenções nas Guerras Napoleônicas. Ganhou várias batalhas das quais se destaca a Batalha de Trafalgar, em 1805, durante a qual foi morto. (N.E.)

[158]. Mateus 27:46 e Marcos 15:34. (N.T.)

[159]. Lucas 22:61. (N.T.)

[160]. Mateus 4:24. (N.T.)

[161]. Isaías 58:10. (N.T.)

[162]. Mateus 20:6-9. (N.T.)

[163]. Malaquias 4:2. (N.T.)

[164]. Isaías 35:5. (N.T.)

[165]. Lucas 15:18. (N.T.)

[166]. Mateus 18:6, Marcos 9:42 e Lucas 17:2. (N.T.)

[167]. 1 Tessalonicenses 5:17. (N.T.)

[168]. De 1787 a 1868, criminosos britânicos eram transportados de navio para a Austrália. (N.T.)

[169]. Mateus 5:3 e 5:40. (N.T.)

[170]. Apesar da Grã-Bretanha e a França assinarem o Tratado de Amiens em 1802, as hostilidades recomeçaram em 1803. (N.T.)

[171]. Gênesis 32-3 e 33. (N.T.)

[172]. Deuteronômio 34: 1-5. (N.T.)

[173]. Aparentemente George Elliot se esqueceu das descrições anteriores a respeito da cor dos olhos e cabelos de Seth. No sétimo parágrafo do capítulo I, seus cabelos são pretos como os de Adam e os olhos são descritos como “cinzentos”, no quinto parágrafo do capítulo III também são “cinzentos”. (N.T.)

[174]. “*Extract of the Life of Madame Guion*” obra de John Wesley, clérigo anglicano e teólogo cristão inglês, líder precursor do movimento metodista. (N.T.)

[175]. Provérbios 13:24 e 22:6. (N.T.)

[176]. Personagens do romance “Amelia”, do autor inglês Henry Fielding, publicado em 1751. (N.T.)

[177]. “*Eternal Beam of Light Divine*” hino de Charles Wesley. (N.T.)

[178]. Números 12:3 e Êxodo 32:19. (N.T.)

- [179]. 1 Pedro 1:6. (N.T.)
- [180]. Mateus 26:41. (N.T.)
- [181]. “Feminine friends” no original. (N.T.)
- [182]. Lucas 22:42. (N.T.)
- [183]. 1 Samuel 12. (N.T.)
- [184]. Gênesis 27:1–40. (N.T.)
- [185]. Jesus filho de Sirach, a quem é atribuída composição de “Eclesiástico” ou “Sirácida”, um dos livros deuterocanônicos da Bíblia. (N.T.)
- [186]. Os “Trinta e Nove Artigos de Religião”, estabelecidos em 1563, definem a doutrina anglicana e fazem parte do Livro de Oração Comum. (N.T.)
- [187]. Marcos 2:17 e Lucas 5:32. (N.T.)
- [188]. 1 Coríntios 6:12. (N.T.)
- [189]. Lucas 10:42. (N.T.)
- [190]. Referência ao poema “*Walking with God*” de William Cowper, poeta inglês e autor de hinos anglicanos, nascido em 1731. (N.T.)
- [191]. 1 João 4:18. (N.T.)
- [192]. Exeter Hall era um grande ponto de encontro público no centro de Londres, usado frequentemente para debates políticos e religiosos. (N.T.)
- [193]. “*Tracts for the Times*” foi uma série de noventa publicações teológicas, de 1833 a 1841, feita pelo Oxford Movement, um grupo anglo-católico. “*Sartor Resartus*” é um romance de 1831 do ensaísta, historiador e filósofo escocês Thomas Carlyle. (N.T.)
- [194]. Pronúncia alternativa de “soft”, (“mole” em português). Alusão à expressão “soft in the head”, usada para descrever alguém louco ou estúpido (N.T.)
- [195]. Personagens do poema “Éclogas” (ou “Bucólicas”), de Virgílio, escrito em 42 a.C. (N.T.)
- [196]. Condenados a delitos mais leves eram obrigados a trabalhos forçados, como caminhar em uma esteira para moer cereais. (N.T.)
- [197]. Na música, métrica caracterizada por uma divisão primária de três tempos para o compasso. (N.T.)
- [198]. Formas de improviso em relação à música e outras artes cênicas. (N.T.)
- [199]. Na música, termo em dinâmica musical que significa “tocar muito forte”. (N.T.)
- [200]. Canção báquica tradicional conhecida pelos nomes: “Harvest Song”, “Harvest Home” “Sheepshearing” e “Drink, Boys, Drink”. (N.T.)
- [201]. “*The Lass of Richmond Hill*”. Canção escrita por Leonard McNally e composta por James Hook. (N.T.)
- [202]. Em francês “monsieurs” (cavalheiros). Os ingleses tinham o costume de chamar os

franceses de sapos. (N.T.)

[203]. William Pitt, o Novo, foi o Primeiro-Ministro britânico em dois períodos diferentes, primeiro de 1783 até 1801 e depois de 1804. (N.T.)

[204]. Devido à tradicional imagem do Diabo com os cascos fendidos. (N.T.)

[205]. Na música, redução dramática do volume vocal ou instrumental. (N.T.)

[206]. “*Three Merry Mowers*” canção popular britânica. (N.T.)

[207]. Na música, intensidade sonora que aumenta gradativamente. (N.T.)

[208]. Marcos 8:24. (N.T.)

[209]. Em “Liturgias e Ofícios Pastorais: Santo Matrimônio” do Livro de Oração Comum. (N.T.)

[210]. Em 1803, a Conferência Anual Metodista proibiu mulheres de pregar. (N.T.)